

As melhores
histórias de

Arsène
Lupin

Maurice
Leblanc



Artes de las Escuelas

Maurice
Leblanc

*Arsène
Lupin*

Lupin



EDITORA
• NOVA
FRONTEIRA

Títulos originais: *Arsène Lupin: gentleman cambrioleur, Arsène Lupin contre Herlock Sholmes, Les Huit coups de l'horloge*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7.º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L445m

Leblanc, Maurice

As melhores histórias de Arsène Lupin / Maurice Leblanc; traduzido por Paulo Hecker Filho. –
2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
640 p.

Formato: e-book com 1.575kb

ISBN: 9786556404103

1. Literatura francesa. I. Hecker Filho, Paulo. II. Título.

CDD: 843
CDU: 821.133.1

André Queiroz – CRB-4/2242

SUMÁRIO

ARSÈNE LUPIN - LADRÃO DE CASACA

Um herói da Lei e do Crime

I - A prisão de Arsène Lupin

II - Arsène Lupin na prisão

III - A fuga de Arsène Lupin

IV - O viajante misterioso

V - O colar da rainha

VI - O sete de copas

VII - O cofre da sra. Imbert

VIII - A pérola negra

IX - Herlock Sholmes chega tarde demais

ARSÈNE LUPIN CONTRA HERLOCK SHOLMES

Primeiro episódio - A Dama Loura

I - O número 514 - série 23

II - O diamante azul

III - Herlock Sholmes abre as hostilidades

IV - Alguns clarões no escuro

V - Um rapto

VI - A segunda prisão de Arsène Lupin

Segundo episódio - A lâmpada judaica

ARSÈNE LUPIN E AS OITO PANCADAS DO RELÓGIO

- I - No alto da torre
- II - A garrafa d'água
- III - Thérèse e Germaine
- IV - O filme revelador
- V - O caso de Jean-Louis
- VI - A mulher do machado
- VII - Passos na neve
- VIII - "Ao deus Mercúrio"

Artes
y
Ciencias

Maurice
Leblanc

*Arsène
Lupin*

Ladrão
de casaca

PREFÁCIO

Mário Pontes

TRADUÇÃO

Paulo Hecker Filho

4ª edição


EDITORA
• NOVA
FRONTEIRA

Lupin

UM HERÓI DA LEI E DO CRIME

MÁRIO PONTES

O aparecimento da primeira edição pela Nova Fronteira das aventuras de Arsène-Raoul Lupin coincide com a transcorrência de dois significativos aniversários. Em primeiro lugar, os 70 anos de criação do personagem, que se apresentou aos leitores com o episódio intitulado *L'arrestation d'Arsène Lupin*, escrito em 1904 e publicado no ano seguinte em folhetins de *Je sais tout*. Segundo: o centenário do fictício nascimento do herói, que, conforme o seu “confidente” Maurice Leblanc, veio ao mundo em meados de 1874.

A título de curiosidade, poderíamos acrescentar mais uma data redonda: agora os 110 anos do nascimento — real — do próprio romancista, ocorrido em 1864. Inútil desejar que tantas coincidências favoreçam o êxito deste empreendimento editorial; Lupin certamente dispensa tais votos, pois sorte foi o que nunca lhe faltou em sua longa, acidentada e fascinante carreira. Mas, tratando-se de um cavalheiro, sem dúvida condescenderá em que o apresentemos discretamente ao público brasileiro, ou melhor, à sua parcela mais jovem, que o não conhece ou dele só muito vagamente ouviu falar.

Ao fazer tal apresentação, convém lembrar, antes de mais nada, que, embora integre a galeria dos heróis da ficção policial, Arsène Lupin se encontra lá um pouco a contragosto de seus pares. Pois enquanto praticamente todos os outros são homens direitos, honestos, de ficha limpa, ele não passa de um ladrão, ainda que seja ladrão de casaca. Um ladrão como Raffles, de E. W. Hornung, cujas histórias hoje poucos têm oportunidade de ler; e como Simon Templar, o Santo, de Leslie Charteris que se encontra nas bancas de jornais. Mas tal parentesco não significa identidade, é apenas um ponto de referência.

A narrativa dos feitos de Lupin, como observa Foreydoun Hoveyda (in *Histoire du Roman Policier*), “situa-se na bem definida encruzilhada entre as

histórias de cavalaria, a novela popular do romantismo e a ficção policial moderna”. Na primeira, o moço, depois de sagrar-se cavaleiro, saía pelo mundo a enfrentar dragões, combater incréus, desafiar príncipes malvados; a recompensa esperada era a salvação da alma, e, enquanto a morte não vinha, o amor platônico da donzela escolhida para musa. Na segunda, o herói punha de lado as preocupações com a vida eterna, tornava-se mais objetivo em suas pretensões relativamente à amada e concentrava todas as energias em vingar, por meio de ação pessoal e isolada, as injustiças cometidas pelos privilegiados. Na terceira, finalmente, todo o esforço orienta-se para a identificação do criminoso, embora o interesse às vezes desapareça antes da sua entrega à justiça que o deveria castigar pelas ofensas às normas sociais.

Em Lupin convivem os três, ou pelo menos um pouco de cada um deles. Algumas das situações em que se mete são de tal maneira inusitadas face ao cotidiano, que nos dão a impressão de um súbito retorno ao maravilhoso do romance de cavalaria. Não menos maravilhosos os meios a que recorre para delas sair-se. Ele é mutável e ubíquo como uma criatura encantada. E o é pelo perigo que vai em busca do perigo, quando não apenas para ser agradável aos olhos de uma mulher. Sob tal aspecto, Lupin está muito próximo do herói medieval.

Mas ele é também um criminoso justiceiro. Lupin acha que a riqueza do mundo está mal dividida e procura redistribuí-la a seu modo, fazendo dos ricos, dos poderosos e dos políticos corrompidos os alvos constantes de sua ação. E nesta dimensão ele é um legítimo herdeiro dos heróis rocambolescos da novela popular da época romântica.

Contudo, na sua infinidade de encarnações, Lupin também é, por vezes, um perfeito detetive moderno. Não é apenas por conveniência, mas também por ser contraditório e ambíguo, como toda rica personalidade, que em algumas ocasiões Lupin se descarta de seus papéis de Amadis e Rocambole, para assumir a do policial típico da sociedade industrial e urbana. Sob a máscara de Lenormand, chefe da Sûreté, ele não apenas burla o comissário Ganimard (seu Javet particular), mas na verdade defende eficazmente — ainda que só por um curto período — a sociedade contra a qual sempre esteve em guerra.

Porém, nessa multiplicidade de aspectos, o que sempre se sobressai em Lupin é o do aventureiro inimigo da sociedade organizada. Mesmo quando

põe de parte por algum tempo as suas nítidas tendências anarquistas e se constitui guardião do *establishment*, ele continua a se diferenciar consideravelmente dos detetives da clássica novela de enigma e mais ainda desses incansáveis e imbatíveis adversários do crime que hoje povoam as páginas das histórias em quadrinhos.

Lupin começa por ser a antítese dos *cérebros* à la Sherlock Holmes (que enfrentou em vários episódios, embora com o nome de Herlock Sholmes), produtos do racionalismo anglo-saxão do século XIX. Conquanto seja capaz, se necessário for, de raciocinar fria e metodicamente, o latino prefere não fazê-lo. “Na investigação dos crimes” — confia certa vez a Leblanc — “há algo de bem superior à explicação dos fatos, à observação, à dedução e outras coisas do gênero.” E nomeava esse algo: a intuição. Intuição que em seu caso sempre se apresentava através de verdadeiros relâmpagos de inteligência.

Antimáquina de pensar, Lupin é também antimáquina de bater. Claro, estando sempre no campo de batalha, ele é capaz de ferir; e de matar. Só o faz em último caso, porém. Nunca como um meio de conseguir ao que aspira. Mas unicamente se ferir ou tirar a vida representar um ato de alguma forma reparador. Ainda assim não pode fugir à amargura e à depressão. Porque Lupin é homem de profundos sentimentos. Ele ama e odeia, sofre e se alegra, e pelo menos uma vez o seu desgosto foi tão grande que chegou a tentar o suicídio.

Embora em determinados momentos a sua ação pareça fantástica, na verdade Lupin não é dotado — como o Super-homem ou o Capitão Marvel — de poderes sobre-humanos. Suas inesgotáveis habilidades são resultado de uma contínua aplicação aos estudos mais diversos. É bom lutador porque, criança ainda, aprendeu a lutar com o pai, que era professor de ginástica, esgrima, boxe e jiu-jitsu. O curso de Medicina deu-lhe amplos conhecimentos de dermatologia, que aplicou de forma prática, “a fim de subtrair-se às leis ordinárias da aparência e da identidade”, isto é, para disfarçar-se. As suas repentinas desapareições que tanto confundem a polícia, são truques de prestidigitação. E a resistência a situações que derrotariam um homem comum ele deve à prática sistemática da ioga.

É essa figura de encanto realmente irresistível que se vai encontrar agora com o público. Um reencontro que, ao contrário de outros muito em voga, não tem por fim matar saudades e não guarda nenhuma conotação nostálgica.

Pois uma das conclusões que se pode tirar ao fim da releitura de Lupin — e entre nós não são muitos os que o leram — é a da sua grande atualidade. Lupin é atual na sua visão crítica da sociedade, no seu estilo esportivo de agir, na sua maneira bem moderna de viver em disputa com os ponteiros do relógio.

E para os que se interessam especificamente pela evolução desse gênero que vem lutando há quase um século para ser reconhecido como literatura, lembraremos que praticamente tudo o que a ficção policial criou em sua época de ouro, que se situa entre as décadas de 1920 e 1930, já se encontra em sementeira nos livros de Leblanc. Boileau-Narcejac observam com muita propriedade que Leblanc imaginou e utilizou, “com surpreendente fecundidade, todas as situações básicas do romance policial mais moderno”. Nunca ninguém resolveu com mais elegância o clássico problema do quarto fechado, e ele antecipou-se de muitos anos a Agatha Christie na apresentação do narrador como o culpado. “Em verdade” — dizem os autores de *Le Roman Policier* — “Leblanc adivinhou tudo, indicou tudo, inventou tudo.”

Portanto, o encontro do leitor não será apenas com um dos heróis mais destacados da literatura popular da *belle époque*, mas também com um escritor de grandes méritos, que por ocasião de sua estreia (ele escreveu muitos outros livros além dos trinta e tantos da série Lupin) foi apontado pela crítica como um legítimo discípulo de Flaubert, de Maupassant e dos Irmãos Goncourt, cujas obras tanto admirava. Um escritor que permaneceu atual porque foi atual em seu tempo, cuja preocupação com os problemas do momento em que vivia encontra a melhor expressão na sua intensa participação no caso Dreyfus. Ao lado de Dreyfus, naturalmente.

A PRISÃO DE ARSÈNE LUPIN

Que viagem! No entanto tinha começado bem. Nunca fiz outra que se anunciasse melhor. O *Provence* é um transatlântico veloz, confortável, comandado pelo mais afável dos homens. A sociedade mais seleta estava ali reunida. Faziam-se amizades, organizavam-se diversões. Tinha-se a deliciosa impressão de estarmos afastados do mundo, reduzidos a nós mesmos como numa ilha ignota, e portanto obrigados a nos acercarmos uns dos outros. E nos acercávamos...

Já pensaram no que há de original e imprevisto nesse agrupamento de seres que, ainda na véspera, nem se conheciam e vão viver durante alguns dias, entre o céu infinito e o imenso mar, a vida mais íntima, desafiando juntos as cóleras do oceano, com o assalto terrível das ondas, ou a calma fingida da água dormindo?

No fundo, é a própria vida, vivida numa espécie de abreviatura trágica, com suas tempestades e grandezas, sua monotonia e sua diversidade. Talvez por isso se saboreie com pressa febril e tanta volúpia a breve viagem, cujo fim se vislumbra no instante mesmo em que é iniciada.

Há vários anos ocorre ainda algo que aumenta singularmente as emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender do mundo de que se julga liberada. Subsiste um laço, que se desata aos poucos em pleno oceano, e aos poucos, em pleno oceano, se reata. O telégrafo sem fio, com chamados de um outro universo, do qual chegam notícias de modo misterioso. A imaginação não tem mais o recurso de evocar fios de ferro por que deslizem as invisíveis mensagens. O mistério é mais insondável e mais poético, pois seria preciso recorrer às asas do vento para explicar o novo milagre.

Assim, nas primeiras horas, nos sentimos seguidos, escoltados, até precedidos por essa voz distante que, de tempos em tempos, cochicha a um de nós algumas palavras de lá longe. Dois amigos me falaram. Dez, vinte outros enviaram a todos nós, através do espaço, suas despedidas aflitas ou sorridentes.

Ora, no segundo dia, a quinhentas milhas da costa francesa, numa tarde tormentosa, o telégrafo sem fio nos transmitiu um despacho deste teor:

Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelo louro, ferimento no antebraço direito, viaja sozinho, com o nome de R..

Nesse instante, uma trovoadá violenta rolou pelo céu sombrio. As ondas elétricas foram interrompidas e o resto do despacho não nos alcançou. Do nome sob que se escondia Arsène Lupin só se ficou sabendo a inicial.

Se se tratasse de qualquer outra notícia, não duvido de que o segredo tivesse sido escrupulosamente guardado pelos que manejavam o telégrafo, assim como pelo comissário de bordo e o comandante. Mas há acontecimentos que parecem forçar a discrição mais rigorosa. No mesmo dia, sem que se pudesse dizer como a coisa foi divulgada, sabíamos todos que o famoso Arsène Lupin se ocultava entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O impecável ladrão de que se contavam as proezas em todos os jornais há meses! O enigmático personagem com que o velho Ganimard, o nosso melhor policial, tinha iniciado um duelo de morte cujas peripécias se desenrolavam de um modo tão pitoresco! Arsène Lupin, o cavalheiro imaginoso que só operava nos castelos e salões, e que uma noite, em que penetrara na casa do barão Schormann, saíra de mãos vazias deixando seu cartão com esta tirada: “*Arsène Lupin, ladrão de casaca, voltará quando os objetos forem autênticos.*” Lupin, o homem de mil disfarces, chofer, tenor, bicheiro, rapaz de família, adolescente, ancião, caixeiro-viajante marselhês, médico russo, toureiro espanhol!

E pensar que estava indo e vindo no ambiente relativamente restrito de um transatlântico, e mais: no pequeno espaço da primeira classe, onde a gente se encontrava a toda hora, nesta sala de refeições, neste salão, na área para fumar! Arsène Lupin era talvez este senhor... ou aquele... meu vizinho de mesa... meu companheiro de cabine...

— E isso vai durar ainda cinco vezes 24 horas! — exclamava no dia seguinte miss Nelly Underdown. — Mas é intolerável! Tomara que o prendam logo! — E se dirigindo a mim: — O senhor, que tem boas relações com o comandante, sr. d'Andrézy, não sabe nada?

Bem que gostaria de saber qualquer coisa para agradar à miss Nelly! Era uma dessas magníficas criaturas que, onde quer que estejam, ocupam de saída o lugar mais em vista. Tanto a beleza como a fortuna delas deslumbram. Têm uma corte de apaixonados, entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ia se reunir ao pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma de suas amigas, lady Jerland, a acompanhava.

Desde a primeira hora, apresentei minha candidatura para namoro. Mas, na intimidade rápida da viagem, seu encanto em seguida me perturbou e me sentia comovido demais para um simples flerte quando seus grandes olhos negros encontraram os meus. Ela, porém, recebeu minha homenagem com certa afabilidade. Dignava-se a rir das minhas tiradas e se interessar em minhas anedotas. Uma vaga simpatia parecia responder à solicitude que lhe testemunhava.

Só um rival me teria preocupado, um rapaz bastante bonito, elegante, discreto, de quem ela parecia às vezes preferir o humor taciturno às minhas atitudes mais exteriorizadas de parisiense.

Ele fazia parte do grupo de admiradores que cercavam miss Nelly, quando ela veio me interrogar. Estávamos na ponte, agradavelmente instalados em cadeiras de balanço. A tormenta da véspera tinha aclarado o céu. A hora era deliciosa.

— Nada sei de preciso, senhorita — respondi-lhe. — Mas seria impossível fazermos nós mesmos o nosso inquérito tão bem quanto o faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal de Arsène Lupin?

— Oh! Oh! O senhor se precipita!

— Em quê? Será um problema tão complicado?

— Muito.

— É que esquece os elementos que temos para resolvê-lo.

— Que elementos?

— Primeiro, Lupin se faz chamar de sr. R...

— Indicação bem vaga.

— Segundo, viaja sozinho.

— Se essa particularidade nos bastasse!

— Terceiro, é louco.

— E então?

— Então só temos que consultar a lista dos passageiros e proceder por eliminação.

Tinha essa lista no bolso. Puxei-a e percorri.

— Noto, inicialmente, que há apenas treze pessoas cuja inicial indica à nossa atenção.

— Treze apenas?

— Na primeira classe, sim. Entre esses treze srs. R..., como podem conferir, nove estão acompanhados de mulheres, filhos ou criados. Sobram quatro sozinhos: o marquês de Raverdan...

— Secretário de embaixada — interrompeu miss Nelly. — Eu conheço.

— O major Rawson...

— É meu tio — disse alguém.

— Sr. Rivolta...

— Presente — gritou um do grupo, um italiano cujo rosto desaparecia sob uma barba do mais bonito negro.

Miss Nelly rompeu a rir.

— Ele não é precisamente louro.

— Então — prossegui — somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.

— Ou seja?

— Ou seja, o sr. Rozaine. Alguém conhece o sr. Rozaine?

Calaram-se. Mas miss Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja frequência a seu lado me inquietava, disse-lhe:

— Então, sr. Rozaine, não responde?

Os olhos se voltaram para ela. Era louro.

Confesso, senti um pequeno choque no íntimo. E o silêncio contrafeito que pesou sobre o grupo me indicou que os outros também experimentavam aquela espécie de sufocação. Era aliás absurdo, pois nada enfim nas maneiras desse senhor permitia que se suspeitasse dele.

— Por que não respondo? — disse ele. — Porque, em vista do meu nome, de viajar sozinho e da cor do meu cabelo, já tinha feito uma pesquisa semelhante e chegado ao mesmo resultado. Sou, pois, da opinião que devem me prender.

Tinha um ar esquisito ao pronunciar essas palavras. Seus lábios finos como dois traços inflexíveis afinaram ainda mais e empalideceram. Filetes de sangue estriaram seus olhos.

Sem dúvida, brincava. No entanto sua fisionomia e atitude nos impressionaram. Ingenuamente, miss Nelly perguntou:

— Mas tem o senhor o ferimento?

— É verdade — disse. — Falta o ferimento.

Com um gesto nervoso, ergueu a manga e mostrou o braço. Uma ideia me atingiu em cheio na mesma hora, e meus olhos se cruzaram com os de miss Nelly: tinha mostrado o braço esquerdo.

Juro que ia lhe observar isso quando um incidente desviou nossa atenção. Lady Jerland, a amiga de miss Nelly, chegou correndo.

Estava transtornada. Todos a cercaram, mas só depois de um esforço é que pôde balbuciar:

— Minhas joias, minhas pérolas!... Levaram tudo!...

Não, não tinham levado tudo, como ficamos sabendo depois. Coisa curiosa: tinham escolhido!

Da estrela de diamantes, do pingente de rubis não talhados, dos colares e braceletes quebrados, tinham tirado não as pedras maiores, mas as mais finas e preciosas, as que, se diria, possuíam mais valor ocupando menos lugar. Os engastes lá jaziam, sobre a mesa. Eu os vi, todos vimos, despojados de suas gemas como flores de que se arrancassem as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar esse trabalho, durante a hora em que lady Jerland tomava o chá, tinha sido preciso, em pleno dia e num corredor movimentado, quebrar a porta da cabine, achar um saquinho escondido de propósito numa caixa de chapéu, abri-lo e escolher!

Houve um só clamor entre nós, uma só opinião em todos os passageiros, assim que o roubo se fez conhecido: era Arsène Lupin. De fato, aquela era a sua maneira complicada, misteriosa, inconcebível e, no entanto, lógica, pois, diante da dificuldade de ocultar o volume embaraçante que faria o conjunto

das joias, o estorvo se tornaria mínimo com coisinhas independentes uma das outras, pérolas, esmeraldas e safiras!

No jantar, aconteceu que, à direita e à esquerda de Rozaine, os dois lugares ficaram vazios. E à noite se soube que tinha sido chamado pelo comandante.

Sua prisão, que ninguém pôs em dúvida, causou um verdadeiro alívio. Fizeram-se jogos de salão nesta noite e se dançou. Miss Nelly, especialmente, mostrou uma alegria ruidosa que me fez ver que, se os apreços de Rozaine tinham podido comprazê-la no início, mal se lembrava deles. Sua graça terminou de me conquistar. Pela meia-noite, à claridade serena da lua, afirmei-me meu devotamento com uma emoção que não pareceu desagradá-la.

No dia seguinte, para o estupor geral, soube-se que, sendo insuficientes os indícios contra ele, Rozaine estava livre.

Filho de um comerciante importante em Bordéus, tinha exibido papéis perfeitamente em regra. Além disso, seus braços não mostravam qualquer resquício de ferimento.

— Papéis! Certidões de nascimento! — exclamavam os inimigos de Rozaine. — Isso Arsène Lupin fornece tantos quantos se desejar! Quanto ao ferimento, ou não houve, ou então ele apagou os vestígios!

Objetavam que, na hora do roubo, ficara demonstrado que Rozaine passeava na ponte. Ao que contestavam:

— Mas será que um homem da têmpera de Arsène Lupin tem necessidade de assistir ao roubo que pratica?

Afinal, fora de qualquer possível consideração, havia um ponto sobre o qual os mais cétricos não podiam discutir. Quem, fora Rozaine, viajava sozinho, era louro e usava um nome começando por R? Quem o telegrama designaria senão Rozaine?

Quando este, minutos antes do almoço, dirigiu-se audaciosamente para o nosso grupo, miss Nelly e lady Jerland se ergueram e afastaram. Claramente, era medo.

Uma hora depois, uma circular manuscrita passava de mão em mão entre os empregados de bordo, marujos, viajantes de todas as classes: o sr. Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin ou achasse o portador das pedras furtadas.

— Se ninguém vier me ajudar contra este bandido — declarou Rozaine ao comandante —, eu mesmo hei de ajustar contas com ele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou antes, de acordo com a frase que circulou, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin — uma luta a que não faltava interesse!

Ela se prolongou durante dois dias.

Via-se Rozaine por todos os lados, misturando-se ao pessoal do navio, interrogando, investigando. De noite, percebia-se sua sombra a andar.

Por seu lado, o comandante ostentava a mais ativa energia. O *Provence* foi vasculhado de alto a baixo. Com o pretexto bem justo de que os objetos estariam escondidos em qualquer lugar fora da cabine do culpado, todas as cabines foram, sem exceção, devassadas.

— Há de se acabar por descobrir alguma coisa, não é? — inquiria-me miss Nelly. — Por mais feiticeiro que ele seja, não pode fazer que diamantes e pérolas se tornem invisíveis.

— É claro — respondi. — Ou então seria preciso explorar o forro de nossos chapéus, as bainhas de nossas roupas e tudo o que levamos conosco.

E lhe mostrando a minha Kodak de nove por doze centímetros, com a qual não me cansava de fotografá-la nas mais diversas atitudes:

— Num aparelho não maior que este, não crê que haveria lugar para todas as pedras preciosas de lady Jerland? Finge-se tirar retratos e o negócio está feito.

— No entanto ouvi dizer que não há ladrão que não deixe atrás de si um indício qualquer.

— Há um. Arsène Lupin.

— Por quê?

— Por quê? Por não pensar apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que poderiam denunciá-lo.

— No início, o senhor estava mais confiante.

— Mas depois o vi em ação.

— De modo que, segundo o senhor?

— Acho que perdem tempo.

De fato, as investigações não deram qualquer resultado, ou pelo menos o que deram não correspondeu ao esforço geral: o relógio do comandante lhe foi roubado.

Furioso, ele duplicou de ardor e vigiava ainda de perto Rozaine, com quem tinha tido várias entrevistas. No dia seguinte — encantadora ironia —, achou-se o relógio entre os colarinhos do subcomandante.

Tudo isso tinha um ar de mágica, e denunciava a maneira humorística de Arsène Lupin, ladrão, vá lá, mas também diletante. Trabalhava por gosto e vocação, mas também para divertir-se. Dava a impressão do autor que se distrai com a própria peça e, nos bastidores, ri francamente de suas saídas espirituosas e da situação que imaginou.

Era sem dúvida um artista em seu gênero e, quando eu observava Rozaine, sombrio e opiniático, e pensava no papel duplo que representava esse curioso personagem, não podia me referir a ele sem certa admiração.

Ora, na noite da antevéspera, o oficial de turno ouviu gemidos no lugar mais escuro da ponte. Aproximou-se. Um homem estava estendido, com a cabeça envolta num grande e espesso lenço cinza e com os punhos atados com uma cordinha fina.

Desembaraçaram o homem, levantaram-no, cuidaram dele. Era Rozaine.

Rozaine, que fora assaltado durante uma de suas expedições, derrubado e despojado. Um cartão de visita, preso por um alfinete na sua roupa, dizia:

Arsène Lupin aceita com reconhecimento os dez mil francos do sr. Rozaine.

Na realidade, a carteira furtada continha vinte notas de mil. Naturalmente, acusaram o infeliz de ter simulado esse ataque contra si mesmo. Mas, além de que seria impossível que se atasse daquela maneira, estabeleceu-se que a letra do cartão diferia radicalmente da de Rozaine, assemelhando-se, ao contrário, a ponto de parecer a mesma, à de Arsène Lupin, tal como a reproduzia um velho jornal achado a bordo.

De modo que Rozaine não era mais Arsène Lupin. Rozaine era Rozaine, filho de um comerciante de Bordéus! E a presença de Arsène Lupin se confirmou de novo, e por que ato temível!

Foi o terror. Não se ousava mais ficar sozinho na cabine, nem se aventurar a lugares afastados. Prudentemente, todos se uniam a grupos de pessoas certas umas das outras. E ainda assim uma desconfiança instintiva apartava os mais

íntimos. É que a ameaça já não provinha de um indivíduo isolado e por isso mesmo menos perigoso. Arsène Lupin agora era... era todo o mundo. Nossa imaginação entusiasmada lhe atribuía um poder miraculoso e ilimitado. Supunha-se que fosse capaz de empregar os disfarces mais inesperados, de ser ora o respeitável major Rawson, ora o nobre marquês de Raverdan, e mesmo, pois não se parava mais na inicial acusadora, esta ou aquela pessoa de todos conhecida e tendo mulher, filhos e criados.

As primeiras mensagens sem fio não trouxeram nenhuma notícia. Pelo menos o comandante nada comunicou, e um tal silêncio não estava feito para nos tranquilizar.

Assim, o último dia pareceu interminável. Vivia-se na expectativa ansiosa de um desastre. Desta vez não seria o furto nem uma simples agressão, seria assassinato. Não se admitia que Arsène Lupin se contentasse com aqueles dois roubos insignificantes. Senhor absoluto do navio, com as autoridades reduzidas à impotência, faria o que desejasse, tudo lhe era permitido, disporia dos bens e das vidas.

Horas deliciosas para mim, confesso, pois me valeram a confiança de miss Nelly. Impressionada por tantos acontecimentos e já inquieta por natureza, procurou espontaneamente uma proteção junto a mim, uma segurança que eu estava feliz em lhe oferecer.

No fundo, abençoava Arsène Lupin. Não fora ele quem nos aproximara? Não era graças a ele que podia me abandonar aos mais belos sonhos? Sonhos de amor e sonhos menos quiméricos, por que não confessar? Os Andrézy são de boa cepa do Poitou, mas seu brasão anda um pouco descolorido e não me parecia indigno de um gentil-homem almejar devolver ao seu nome o lustre perdido.

Esses sonhos, sentia, não contrariavam Nelly. Seus olhos sorridentes me autorizavam a tê-los. A doçura de sua voz me dizia que esperasse.

E até o último momento, debruçados na amurada, permanecemos juntos, enquanto a linha da costa americana balançava à nossa frente.

As buscas tinham cessado. Aguardava-se. Da primeira classe à entreponte onde pululavam os emigrantes, aguardava-se o minuto supremo em que se explicaria, enfim, o insolúvel enigma. Quem era Arsène Lupin? Sob que nome, sob que máscara se ocultava o famoso Arsène Lupin?

E o minuto supremo chegou. Eu poderia viver cem anos e não esqueceria o menor detalhe.

— Como está pálida, miss Nelly — disse à minha companheira que se apoiava em meu braço, desfalecente.

— E você! — respondeu-me. — Ah, está tão mudado!

— Pense! Este minuto é apaixonante e estou contente em vivê-lo a seu lado, miss Nelly. Parece-me que sua memória se demorará sobre ele algumas vezes ainda...

Não escutava, ofegante e nervosa. A escada foi descida mas, antes que tivéssemos a liberdade de a transpor, pessoas subiram a bordo, homens de uniforme, da alfândega e do correio.

Miss Nelly balbuciou:

— Se Arsène Lupin tiver escapado durante a travessia, não me surpreenderia.

— Preferiu talvez a morte à desonra, e mergulhar no Atlântico antes que ser preso.

— Não ria — disse contrariada.

De repente estremeci e, como ela perguntasse o que era, disse-lhe:

— Está vendo este homenzinho maduro, de pé, perto da escada?

— De guarda-chuva e sobrecasaca verde-oliva?

— É Ganimard.

— Ganimard?

— Sim, o célebre policial, que jurou prender Arsène Lupin com as próprias mãos. Ah! Entendo por que não houve informações deste lado do oceano. Ganimard estava aqui e gosta que ninguém se meta em seus pequenos casos.

— Então é certo que pegarão Arsène Lupin?

— Quem pode dizer? Ganimard nunca o viu, parece, senão caracterizado e disfarçado. A menos que saiba o nome que está usando...

— Ah! — exclamou, com esta curiosidade um pouco cruel da mulher. — Se eu pudesse assistir à sua prisão!

— Vamos com calma. Certamente Arsène Lupin já notou a presença do seu inimigo e vai sair entre os últimos, quando os olhos do velho estiverem cansados.

Começou o desembarque. Apoiado em seu guarda-chuva, com um ar de indiferença, Ganimard não parecia prestar atenção ao povo que se comprimia entre as duas balaustradas. Observei que um oficial de bordo, postado atrás dele, o informava de tempos em tempos.

O marquês de Raverdan, o major Rawson, o italiano Rivolta passaram e outros, muitos outros... Percebi que Rozaine se acercava.

Pobre Rozaine! Não parecia recuperado de seus infortúnios.

— Talvez seja ele, apesar de tudo — disse miss Nelly para mim. — Que acha?

— Acho que seria muito interessante reunir numa mesma foto Ganimard e Rozaine. Pegue a minha máquina, está carregada.

Dei-a, mas tarde demais para que pudesse usá-la. Rozaine passava. O oficial se inclinou no ouvido de Ganimard, que deu de ombros suavemente e Rozaine passou.

Mas então, meu Deus, quem era Arsène Lupin?

— Sim — disse ela em voz alta. — Quem é?

Não havia senão uma vintena de pessoas, que ela sucessivamente observava com o receio confuso de que ele não estivesse entre esses vinte.

Disse-lhe:

— Não podemos aguardar mais tempo.

Ela se adiantou e a segui. Não tínhamos dado dez passos e Ganimard nos barrou a passagem.

— Bem, que é isso? — protestei.

— Um momento, senhor, por que tanta pressa?

— Estou acompanhando a senhorita.

— Um momento — repetiu com voz mais imperiosa.

Encarou-me profundamente e em seguida me disse, com os olhos nos meus:

— Arsène Lupin, não é?

Pus-me a rir.

— Não, Bernard d'Andrezy, apenas.

— Bernard d'Andrezy morreu há três anos na Macedônia.

— Se Bernard d'Andrezy tivesse morrido, eu não seria mais deste mundo.

E não é o caso. Eis os meus documentos.

— São os dele. Como estão com você é o que terei prazer de lhe explicar.

— Mas está louco! Arsène Lupin embarcou sob o nome de R!

— Sim, ainda uma artimanha sua, uma pista falsa em que nos lançou na França! Ah! Você é de uma bela audácia, meu humorista. Mas desta vez a sorte mudou. Vamos, Lupin, mostre-se bom jogador.

Hesitei um segundo. Com um golpe seco, me bateu no antebraço direito, e dei um grito de dor. Havia batido no ferimento ainda não cicatrizado que o telegrama indicava.

Era preciso me resignar. Virei-me para miss Nelly. Ela escutava tudo lívida, insegura.

Seu olhar deu com o meu e logo baixou sobre a Kodak que lhe tinha entregue. Fez um gesto brusco e tive a impressão, a certeza, de que de repente havia entendido. Sim, estavam lá, entre as estreitas paredes de couro preto, dentro do pequeno objeto que eu tivera a precaução de deixar em suas mãos antes que Ganimard me prendesse, os vinte mil francos de Rozaine, as pérolas e os diamantes de lady Jerland.

Ah, juro, neste instante solene, enquanto Ganimard e dois de seus ajudantes me cercavam, tudo me foi indiferente, a prisão, a hostilidade das pessoas, tudo fora isto: a decisão que ia tomar miss Nelly a propósito do que eu lhe havia entregue.

Não pensei sequer em recuar que tivessem contra mim aquela prova material e decisiva, mas se miss Nelly se decidiria a fornecê-la. Seria traído, perdido por ela? Agiria como uma inimiga que não perdoa ou como uma mulher que se lembra e cujo desprezo se suaviza com um pouco de indulgência, um pouco de simpatia involuntária?

Ela passou diante de mim. Cumprimentei-a com discrição, sem uma palavra. Em meio a outros viajantes, se dirigiu para a escada, com minha Kodak na mão.

Sem dúvida, pensei, não ousa em público. Mas dentro de uma hora, de um instante, ela a entregará.

Chegando, porém, na metade da escada, num movimento de inépcia simulada, a deixou cair na água entre o cais e o costado do navio.

Depois se afastou.

Sua bela silhueta se perdeu na multidão, apareceu de novo e sumiu. Nossa história estava terminada, para sempre.

Por um instante permaneci imóvel, triste e ao mesmo tempo invadido por um doce enternecimento. Depois suspirei, para grande surpresa de Ganimard:

— Que pena, afinal, não ser um cidadão honesto...

Foi assim que, numa tarde de inverno, Arsène Lupin me contou a história de sua prisão. Incidentes casuais, que um dia hei de narrar, criaram laços entre nós... de amizade, eu poderia dizer? Sim, ousou acreditar que Arsène Lupin me honra com alguma amizade, e que por ela chega às vezes em minha casa sem aviso, trazendo, ao silêncio de meu gabinete de trabalho, sua alegria juvenil, a irradiação de sua vida ardente, seu bom humor de homem para quem o destino só reserva favores e sorrisos.

Seu retrato? Como poderia fazê-lo? Vinte vezes vi Arsène Lupin e vinte vezes era um ser diferente que me apareceu; ou antes o mesmo ser de que vinte espelhos me teriam dado outras tantas imagens deformadas, cada uma com uns olhos diferentes, uma forma de rosto, um gesto, um vulto, um caráter próprio.

— Eu mesmo — disse-me ele — não sei mais quem sou. Num espelho não me reconheceria.

Piada, por certo, e paradoxo, mas realidade do ponto de vista daqueles que o encontram e ignoram seus recursos infinitos, sua paciência, sua arte da maquilagem, sua prodigiosa faculdade de transformar as proporções da sua face, alterando inclusive a relação de seus traços entre si.

— Por que — diz ele ainda — hei de ter uma aparência definida? Por que não evitar o perigo de uma personalidade sempre igual? Meus atos já me revelam bastante.

E pormenoriza com uma ponta de orgulho:

— Tanto melhor que não possam nunca dizer com certeza: eis aqui Arsène Lupin. O essencial é que digam sem medo de errar: Arsène Lupin fez isso.

São alguns desses atos, algumas dessas aventuras que procuro reconstituir, segundo as confidências que teve a gentileza de me fazer, em noites de inverno, no silêncio do meu gabinete de trabalho...

ARSÈNE LUPIN NA PRISÃO

Não há turista digno do nome que não conheça as margens do Sena e não tenha notado, indo das ruínas de Jumièges às de Saint-Wandrille, o estranho castelinho feudal do Malaquis, tão altivamente erguido sobre a rocha, em pleno rio. A arcada de uma ponte o liga à estrada. A base de suas torrezinhas sombrias se confunde com o granito que o suporta, enorme bloco destacado de não se sabe que montanha e ali lançado por alguma terrível convulsão. Em volta, a água calma do grande rio brinca entre os juncos, e pássaros lavadeiras tremem sobre a superfície úmida dos seixos.

A história do Malaquis é rude como seu nome e áspera como seu aspecto. Combates, sítios, assaltos, rapinas e massacres. Nos serões da região de Caux, lembram-se com arrepios os crimes que ali se cometeram. Contam misteriosas lendas. Falam de um célebre subterrâneo que outrora conduzia à abadia de Jumièges e ao selar de Agnès Sorel, a bela amiga de Charles VII.

Neste antigo covil de heróis e salteadores, mora o barão Nathan Cahorn, o barão Satá, como antes o chamavam na Bolsa, na qual enriqueceu de um modo demasiado súbito. Os senhores do Malaquis, arruinados, tiveram de lhe vender, por uma ninharia, a mansão de seus antepassados. Instalou aí suas coleções admiráveis de móveis e quadros, de faianças e madeiras esculpidas, e aí mora isolado, com seus três empregados. Ninguém entra no castelo nem nunca contempla, no cenário dessas salas antigas, os três Rubens que ele possui, seus dois Watteau, sua cadeira de Jean Goujon, e tantas outras maravilhas arrancadas a golpes de cédulas dos mais ricos frequentadores das vendas públicas.

O barão Satã tem medo. Não por si, mas pelos tesouros acumulados com uma paixão tão tenaz e a perspicácia de um amador que os mais astutos vendedores não podem se vangloriar de ter induzido em erro. Ele ama esses tesouros com a avidez de um avaro e o ciúme de um enamorado.

Cada dia, ao cair do sol, as quatro portas reforçadas com ferros, que dão para as duas extremidades da ponte e a entrada do pátio principal, são fechadas e aferrolhadas. Ao menor choque, campainhas elétricas soariam no silêncio. Do lado do Sena, nada a temer: o rochedo se ergue a pique.

Ora, em uma sexta-feira de setembro, o carteiro se apresentou como de costume à cabeça da ponte e, segundo a regra quotidiana, foi o barão que entreabriu o pesado batente.

Examinou o homem muito minuciosamente, como se não conhecesse há anos aquela boa cara alegre com olhos finórios de camponês. O homem lhe disse rindo:

— Sou sempre eu, senhor barão, não um outro que estivesse usando a minha blusa e o meu boné.

— Nunca se sabe — murmurou Cahorn.

O carteiro lhe entregou uma pilha de jornais e acrescentou:

— Agora, senhor barão, há algo de novo.

— Novo?

— Uma carta... e ainda registrada.

Só, sem amigos ou alguém que nele se interessasse, o barão não recebia cartas, e imediatamente aquilo lhe pareceu um fato de mau agouro, dando lugar à preocupação. Quem seria o misterioso correspondente que vinha alcançá-lo em seu retiro?

— É preciso assinar, senhor barão.

Assinou praguejando. Pegou a carta, esperou que o carteiro desaparecesse na volta da estrada e, tendo dado alguns passos, apoiou-se contra o parapeito da ponte e rasgou o envelope. Dentro estava uma folha de papel quadriculado com um cabeçalho manuscrito: *Prison de la Santé, Paris*. Olhou a assinatura: *Arsène Lupin*. Estupefato, leu:

Senhor barão,

Há, na galeria que une seus dois salões, um quadro de Philippe de Champaigne de execução excelente e que me agrada muitíssimo. Seus Rubens são também do meu gosto, tanto quanto o Watteau menor. No salão da direita, destaco a credência Luís XIII, as tapeçarias de Beauvais, o velador Império assinado por Jacob e o baú Renascença. No da esquerda, todo o mostruário de vidro das joias e miniaturas.

Por esta vez, me contentarei com esses objetos que serão, creio, de fácil saída. Peço-lhe, pois, que os faça embalar decentemente e expedir em meu nome, com porte pago, para a estação de Batignolles, antes de oito dias. Sem isso, eu próprio os deslocarei na noite de quarta-feira, 27, ou quinta, 28 de setembro, e, como é justo, não me contentarei com os objetos acima indicados.

Queira desculpar o pequeno estorvo que lhe causo e aceitar a expressão de meus sentimentos de respeitosa consideração.

Arsène Lupin

P.S.: Sobretudo não me envie o Watteau maior. Embora tenha pago por ele trinta mil francos no Hotel de Vendas, não passa de uma cópia, tendo sido o original queimado, sob o Diretório, por Barras, numa noite de orgia. Consulte as memórias inéditas de Garrat.

Não faço questão também da corrente com pedras Luís XV, cuja autenticidade me parece duvidosa.

Essa carta transtornou o barão Cahorn. Assinada por qualquer outro, já o teria alarmado, mas por Arsène Lupin!

Leitor assíduo dos jornais, a par de tudo o que ocorria no mundo a propósito de roubo e crime, nada ignorava das façanhas do infernal ladrão. Por certo sabia que Lupin, preso na América por seu inimigo Ganimard, estava definitivamente encarcerado e tratavam de instruir o seu processo — com que trabalho! Mas sabia também que se podia esperar tudo dele. Aquele conhecimento exato do castelo, da disposição dos quadros e dos móveis, era um indício dos mais temíveis. Quem o informara sobre coisas que ninguém havia visto?

O barão ergueu os olhos e observou a linha inóspita do Malaquis, seu abrupto pedestal, a água profunda que o cercava, e deu de ombros. Não, decididamente não havia perigo. Ninguém no mundo poderia chegar ao santuário inviolável de suas coleções.

Ninguém no mundo, certo, mas e Arsène Lupin? Para ele, existiriam portas, pontes levadiças, muralhas? De que serviam os obstáculos mais elaborados, as precauções mais hábeis, se Arsène Lupin resolvera atingir o objetivo?

Na mesma noite, escreveu ao procurador da República em Ruão. Remetia a carta de ameaças e reclamava ajuda e proteção.

A resposta não demorou: estando o citado Arsène Lupin atualmente detido na Santé, sob estrita vigilância e impossibilitado de escrever, a carta só podia ser obra de um mistificador. Tudo o demonstrava, a lógica e o bom senso, como a realidade dos fatos. Contudo, por excesso de prudência, tinha-se mandado um perito examinar a letra e ele declarou que, apesar de certas analogias, a letra não era a do detido.

“Apesar de certas analogias”, o barão não reteve senão essas quatro palavras assustadoras, onde via a confissão de uma dúvida que, por si, deveria bastar para que a justiça interviesse. Seus receios se exasperaram. Não cessava de reler a carta: “eu próprio os deslocarei”, e aquela data precisa: na noite de quarta-feira, 27, ou quinta, 28 de setembro!...

Desconfiado e taciturno, não ousara se abrir com os empregados, cujo devotamento não lhe parecia a toda prova. No entanto, pela primeira vez em anos sentia a necessidade de falar, ser aconselhado. Abandonado pela justiça do seu país, desesperava de se defender com seus próprios recursos e esteve a ponto de ir a Paris, implorar a assistência de algum policial experiente.

Passaram-se dois dias. No terceiro, lendo os jornais, estremeceu de contentamento. *Le Réveil de Caudebec* publicava esta nota:

Temos o prazer da presença em nossa cidade, há quase três semanas, do inspetor principal Ganimard, um dos veteranos do serviço da Sûreté. O sr. Ganimard, a quem a prisão de Arsène Lupin, sua última proeza, deu uma reputação europeia, descansa de suas pesadas tarefas perseguindo peixes e pássaros.

Ganimard, eis o auxiliar que o barão procurava! Quem melhor que o manhoso e paciente Ganimard saberia desfazer os projetos de Lupin?

O barão não hesitou. Seis quilômetros separam o castelo da cidadezinha de Caudebec. Como alguém animado pela esperança da salvação, ele os transpôs num passo alegre.

Depois de várias tentativas infrutíferas para saber o endereço do inspetor principal, dirigiu-se ao escritório do *Réveil*, na parte do cais. Encontrou o redator da nota, que, chegando à janela, gritou:

— Ganimard? Pode estar certo de achá-lo aí pelo cais com um anzol na mão. Foi assim que falei com ele e li por acaso seu nome gravado num caniço de pescar. Olhe, é o velhote que se vê lá embaixo, sob as árvores do passeio.

— De sobrecasaca e chapéu de palha?

— Isso! Ah, um sujeito engraçado, de pouca conversa e bem turrão.

Cinco minutos depois, o barão abordava o célebre Ganimard, apresentando-se e buscando puxar conversa. Não conseguindo, entrou francamente na questão e expôs seu caso.

O outro escutou, imóvel, sem perder de vista o peixe que estava espreitando. Enfim, virou a cabeça para ele, mediu-o de alto a baixo com ar de profunda piedade, e pronunciou:

— Senhor, não é costume prevenir as pessoas que se querem despojar. Arsène Lupin, especialmente, não cometeria um engano como esse.

— No entanto...

— Senhor, se eu tivesse a mínima dúvida, acredite que o prazer de prender outra vez esse caro Lupin superaria qualquer outra consideração. Infelizmente, esse jovem está aferrolhado.

— Se fugir?...

— Não se foga da Santé.

— Mas ele...

— Ele não mais que outro qualquer.

— No entanto...

— Pois bem, se fugir, tanto melhor, o agarrarei de novo. Enquanto isso, durma tranquilo e não me espante mais este peixe.

A conversa tinha terminado. O barão voltou para casa, até certo ponto acalmado pela despreocupação de Ganimard. Verificou as fechaduras, espionou

os criados, e 48 horas se passaram em que chegou quase a se persuadir de que, em suma, seus receios eram quiméricos. Não, sem dúvida, como tinha dito Ganimard, não se previne a quem se deseja roubar.

A data se aproximava. Na manhã de terça-feira, véspera do dia 27, nada de particular. Mas às três da tarde, um menino bateu na campainha. Trazia um telegrama:

Nenhuma encomenda na estação de Batignolles. Prepare tudo para amanhã à noite.

Arsène.

Foi o enlouquecimento outra vez, a ponto de se perguntar se não faria melhor cedendo às exigências de Arsène Lupin.

Correu a Caudebec. Ganimard pescava no mesmo lugar, sentado num banquinho desmontável. Sem uma palavra, mostrou-lhe o telegrama.

— E daí? — disse o inspetor.

— Daí? Mas é para amanhã!

— O quê?

— O furto! A pilhagem de minhas coleções!

Ganimard largou sua linha, virou-se para ele e, com os dois braços cruzados sobre o peito, exclamou com impaciência:

— Ah, isso! Imagina que vou me ocupar com uma história tão estúpida!

— Quanto quer para ficar no castelo durante a noite de 27 a 28 de setembro?

— Nem um centavo, me deixe em paz.

— Dê o seu preço, sou rico, muito rico.

A brutalidade da oferta desconcertou Ganimard, que prosseguiu mais calmo:

— Estou aqui de férias e não tenho o direito de me meter...

— Ninguém saberá. Eu me comprometo, aconteça o que acontecer, a guardar silêncio.

— Oh! Não acontecerá nada.

— Bem, vejamos, três mil francos bastam?

O inspetor aspirou uma pitada de tabaco, refletiu, e acedeu:

— Assim seja. Apenas devo lhe declarar lealmente que é dinheiro jogado pela janela.

— Não me importa.

— Nesse caso... E, afinal, o que se sabe com este demônio do Lupin! Deve ter às suas ordens todo um bando... Tem confiança em seus criados?

— Até certo ponto.

— Então não contemos com eles. Vou chamar pelo telégrafo dois dispostos amigos meus, que nos darão mais segurança... E agora ande, para que não nos vejam juntos. Até amanhã, pelas nove horas.

No dia seguinte, data marcada por Arsène Lupin, o barão Cahorn despregou sua panóplia, poliu suas armas, e passeou em volta do Malaquis, sem vislumbrar nada de equívoco.

À noite, às oito e meia, dispensou os criados. Ocupavam uma ala de frente para a estrada, mas um pouco para trás e bem no fim do castelo. Uma única vez, abriu docemente as quatro portas. Decorrido um tempo, escutou passos que se aproximavam.

Ganimard apresentou seus dois auxiliares, rapazes grandes e robustos, com pescoço taurino e mãos fortes, e a seguir pediu certas explicações. Tendo se dado conta da disposição dos lugares, fechou cuidadosamente e barricou todas as saídas por que se pudesse entrar nas salas ameaçadas. Inspeccionou as paredes, ergueu os tapetes, e colocou enfim seus agentes na galeria central.

— Nada de brincadeiras, hein? Não estamos aqui para dormir. Ao menor alerta, abram as janelas do pátio e me chamem. Prestem também atenção do lado da água. Demônios do calibre dele não se assustam com dez metros de falésia reta.

Fechou-os, levou as chaves e disse ao barão:

— Agora ao nosso posto.

Escolhera, para passar ali a noite, quartinho feito na espessura das muralhas exteriores, entre as duas principais, e que era outrora o reduto do vigia. Uma abertura dava para a ponte, outra para o pátio. Num canto se notava um orifício como de um poço.

— Não disse, senhor barão, que este poço era a única entrada dos subterrâneos e que há muitíssimo tempo foi tapado?

— Sim.

— De modo que, a menos que exista uma outra saída desconhecida de todos, salvo Arsène Lupin, o que parece bem problemático, estamos tranquilos.

Alinhou três cadeiras, se estendeu confortavelmente, acendeu seu cachimbo e suspirou:

— Com efeito, senhor barão, foi preciso que eu estivesse louco para aumentar um andar na casinha em que devo terminar meus dias, para aceitar uma tarefa tão simples. Contarei a história ao amigo Lupin; vai agarrar as costelas de tanto rir.

O barão não ria. Com os ouvidos despertos, interrogava o silêncio com crescente inquietação. De vez em quando, se inclinava sobre o poço e mergulhava no buraco.

Onze horas, meia-noite, uma hora bateram.

De súbito, pegou o braço de Ganimard, que despertou num sobressalto.

— Está ouvindo?

— Sim.

— Que é isso?

— Sou eu que ronco!

— Não, ouça...

— Ah, realmente, é o ruído de um automóvel.

— E então?

— Então é pouco provável que Lupin se sirva de um automóvel como de um aríete para demolir o seu castelo. Assim, senhor barão, no seu lugar, eu dormiria... como vou ter a honra de voltar a fazer. Boa noite.

Foi o único alerta. Ganimard pôde retomar seu sono interrompido, e o barão não ouviu mais que o seu ronco sonoro e regular.

De manhãzinha, saíram de sua cela. Uma grande paz serena, a paz da manhã à beira da água fresca, envolvia o castelo. Cahorn, radiante de alegria, Ganimard sempre tranquilo, subiram a escada. Nenhum ruído.

Nada de suspeito.

— Que lhe tinha dito, senhor barão? No fundo, não devia ter aceitado, estou envergonhado...

Pegou as chaves e entrou na galeria.

Em duas cadeiras, curvados e com os braços caídos, os dois agentes dormiam.

— Diabos os levem! — rosnou o inspetor.

Ao mesmo tempo o barão dava um grito:

— Os quadros!... A credência!...

Balbuciava, sufocava, com a mão estendida para os espaços vazios, as paredes despojadas, onde apontavam pregos de que pendiam cordas inúteis. O Wateau, desaparecido! Os Rubens, levados! As tapeçarias, despregadas! Os mostuários, esvaziados de suas joias!

— E meus candelabros Luís XVI!... E o castiçal do Regente!... E a minha Virgem do século VII!...

Corria de um lugar a outro, assustado, desesperado. Lembrava os preços que pagara, somava as perdas sofridas, acumulava cifras, tudo isso misturado, em palavras indistintas e frases inacabadas. Pateava e entrava em convulsões, louco de raiva e de dor. Parecia um homem arruinado, a que só restava se dar um tiro na cabeça.

Se alguma coisa pudesse consolá-lo, seria ver o estupor de Ganimard. Ao contrário do barão, o inspetor não se movia. Parecia petrificado, e com um olhar vago examinava as coisas. As janelas? Fechadas. As fechaduras das portas? Intactas. Nenhuma brecha no forro ou buraco no soalho. A ordem era perfeita. Tudo isso deveria ter sido executado metodicamente, segundo um plano inexorável e lógico.

— Arsène Lupin... Arsène Lupin — murmurou, desfeito.

De repente, saltou sobre os dois agentes, como se a cólera enfim o sacudisse, os empurrou furiosamente e injuriou. Não tinham nem acordado!

— Diabo — disse —, será que por acaso?...

Inclinou-se sobre eles e observou um e outro com atenção: dormiam, mas de um sono que não era natural.

Disse ao barão:

— Fizeram que dormissem.

— Mas quem?

— Ah, ele, por Deus!... Ou o seu bando, mas sob a direção dele. É um golpe no seu estilo. Sente-se a sua garra.

— Nesse caso, estou perdido, não há nada a fazer.

— Nada a fazer.

— Mas é detestável, monstruoso.

— Apresente uma queixa.

— Para quê?

— Ora, tente! A justiça tem recursos.

— A justiça! Mas está vendo por si mesmo... Repare, neste instante, em que poderia procurar um indício, descobrir alguma coisa, nem mesmo se move.

— Descobrir alguma coisa, com Arsène Lupin! Mas, meu caro senhor, Arsène Lupin não deixa nada atrás de si. O acaso não existe para ele. Estou a me perguntar se não foi deliberadamente que se fez prender por mim na América!

— Então, devo desistir de meus quadros, de tudo! Mas são as pérolas da minha coleção que ele levou! Daria uma fortuna para reavê-las. Se não se pode nada contra ele, que diga o seu preço!

Ganimard o olhou fixamente.

— Essa é uma atitude sensata. Vai mantê-la?

— Não, não, não. Mas por quê?

— Por uma ideia que tive.

— Qual?

— Voltaremos a falar nisso, se o inquérito não chegar a nada. Apenas nenhuma palavra sobre mim, se quiser que eu tenha êxito.

Acrescentou entre dentes:

— Depois, na verdade, não tenho do que me gabar.

Os dois agentes retomaram a razão pouco a pouco, com este ar embotado dos que saem de um sono hipnótico. Abriam os olhos pasmados e procuravam entender. Quando Ganimard os interrogou, não se lembravam de nada.

— Tinham de ter visto alguém, no entanto.

— Não.

— Lembram-se?

— Não, não.

— E não beberam?

Refletiram, e um deles respondeu:

— Sim, bebi um pouco d'água.

— Desta jarra?

— Sim.

— Eu também — declarou o segundo.

Ganimard a cheirou, provou. Não tinha nenhum gosto especial, nenhum odor.

— Vamos — afirmou —, estamos perdendo tempo. Não é em cinco minutos que se resolvem os problemas colocados por Arsène Lupin. Mas, com os diabos, juro que o prenderei de novo. Ganha a segunda partida. Eu, a bela!

No mesmo dia, uma queixa de roubo qualificado era apresentada pelo barão Cahron contra Arsène Lupin, detido na Santé!

Essa queixa, o barão muitas vezes a lamentou ao ver o Malaquis entregue aos guardas, ao procurador, ao juiz de instrução, aos jornalistas, a todos os curiosos que se insinuam em toda parte em que não deveriam estar.

O caso apaixonava a opinião pública. Produzira-se em circunstâncias tão incomuns, o nome de Arsène Lupin excitava tanto as imaginações, que as histórias mais fantasiosas enchiam as colunas dos jornais e encontravam crédito junto ao público.

Mas a carta inicial de Arsène Lupin, que o *Écho de France* publicou sem que ninguém nunca ficasse sabendo quem comunicara o texto, a carta em que o barão Cahorn era descaradamente prevenido do que o ameaçava, causou considerável emoção. De imediato, fabulosas explicações foram propostas. Recordou-se a existência dos famosos subterrâneos, e a Justiça, influenciada, dirigiu suas buscas nesse sentido.

Vasculharam o castelo de alto a baixo. Desconfiavam de cada pedra. Estudavam os lambris e as chaminés, as esquadrias dos vidros e as traves dos forros. À luz de tochas, examinaram-se as vastas caves, onde os senhores do Malaquis antigamente amontoavam suas munições e provisões. Sondaram as entranhas do rochedo. Tudo embalde. Não se achou o menor vestígio de subterrâneo, nem existia passagem secreta.

Que seja, respondem de todos os lados, mas móveis e quadros não se evolum como fantasmas. Passam por portas ou janelas, e as pessoas que deles se apossam entram e saem igualmente por portas e janelas. Quem eram essas pessoas? Como se introduziram no castelo, como foram embora?

A Justiça de Ruão se convenceu de que não podia sozinha com o caso e solicitou o auxílio de agentes parisienses. O sr. Dudois, o chefe da Sûreté, enviou seus melhores pesquisadores da brigada de ferro e ele próprio passou 48 horas no Malaquis. Não avançaram nada.

Chamou à sua presença o inspetor Ganimard, de que tivera tantas vezes a oportunidade de admirar o trabalho.

Ganimard escutou em silêncio as instruções do superior e a seguir, oscilando a cabeça, afirmou:

— Acho que teimar em vasculhar o castelo é insistir no caminho errado. A solução está em outra parte.

— Onde?

— Junto a Arsène Lupin.

— Junto a Lupin! Supor isso é admitir sua intervenção.

— Eu admito. Mais, considero certa.

— Vamos, Ganimard, isso é absurdo. Arsène Lupin está preso.

— Está preso, é verdade. Vigiado, de acordo. Mas mesmo se tivesse ferros nos pés, cordas nos pulsos e uma mordaça na boca, eu não mudaria de parecer.

— E a razão para se obstinar assim?

— Porque apenas Arsène Lupin é capaz de planejar um golpe dessa envergadura, e planejar de tal maneira que tivesse êxito... como teve.

— Palavras, Ganimard!

— Que são realidades. Em suma, que não se busquem subterrâneos, pedras girando sobre gonzos e outras futilidades desse porte. Nosso indivíduo não emprega processos tão vetustos. É de hoje, ou antes, de amanhã.

— Que conclusão tira daí?

— Pois solicito-lhe a autorização expressa para passar uma hora com ele.

— Em sua cela?

— Sim. Na volta da América criamos, durante a travessia, excelentes relações, e ousou afirmar que ele tem alguma simpatia por aquele que conseguiu prendê-lo. Se ele puder me informar sem se comprometer, não hesitará em me evitar uma viagem inútil.

Passava do meio-dia quando Ganimard foi introduzido na cela de Arsène Lupin. Este, deitado, ergueu a cabeça e soltou um grito de contentamento.

— Ah, que surpresa... o nosso querido Ganimard aqui!

— Ele mesmo.

— Desejava muitas coisas no retiro que escolhi, mas nenhuma mais ardentemente do que nele te receber.

— É gentil demais.

— Mas não, não, tenho por ti uma viva estima.

— Eu me orgulho por isso.

— Sempre achei que Ganimard era o nosso melhor detetive, quase se equiparando — vês que sou franco —, a Sherlock Holmes. Fico chateado de não poder te oferecer senão este banquinho. E nem mesmo um refresco, um copo de cerveja. Desculpe, mas estou aqui de passagem.

Ganimard se sentou sorrindo, e o prisioneiro prosseguiu, feliz por falar:

— Meu Deus, como me alegra descansar os olhos no rosto de um homem honesto! Não aguento mais essas caras de espões e delatores que passam revista dez vezes por dia em meus bolsos e em minha modesta cela, para ter certeza de que não estou preparando uma evasão. Puxa, como o governo se preocupa comigo!...

— E tem razão...

— Mas não. Seria tão feliz se me deixassem viver no meu cantinho!

— Com o dinheiro dos outros.

— Não é? Isso seria tão simples! Mas fico dizendo bobagens quando estás talvez com pressa. Ao ponto, Ganimard! Que é que me valeu a honra de uma visita?

— O caso Cahorn — declarou Ganimard, sem rodeios.

— Alto lá! Um momento... Tenho tantos casos. Deixa primeiro eu procurar na minha cabeça os autos do caso Cahorn... Ah, já está. Caso Cahorn, castelo do Malaquis, Sena-Inferior. Dois Rubens, um Watteau e alguns objetos miúdos.

— Miúdos!

— Oh, palavra, tudo isso é de menor importância. Há coisas muito melhores! Mas basta que o caso te interesse... Fala, Ganimard.

— Devo te explicar onde estamos na instrução do caso?

— É dispensável, li os jornais desta manhã. E até me permitiria dizer que não estão avançando depressa.

— É justamente a razão pela qual venho contar com a tua bondade.

— Às tuas ordens.

— Em primeiro lugar isto: o assunto foi realmente orientado por ti?

— De A a Z.

— A carta de aviso, o telegrama?

— São deste teu servidor. Devo ter mesmo em alguma parte os recibos postais.

Arsène abriu a gaveta de uma mesinha de madeira branca, que compunha, com a cama e o banco, todo o mobiliário da cela, pegou dois pedacinhos de papel e os estendeu a Ganimard.

— Ah, isso! — exclamou esse. — Mas eu te julgava em vigilância estrita e revistado por um sim ou um não. No entanto lês jornais, colecionas recibos do correio...

— Ah, esses caras são tão bobos! Descosem a bainha da minha roupa, exploram a sola de minhas botinas, auscultam as paredes desta cela, mas nenhum tem a ideia de que Arsène Lupin seja simplório ao ponto de escolher um esconderijo tão fácil. Conteí com isso.

Ganimard, divertido, bradou:

— Mas és uma peça, rapaz! Me desconcertas. Vamos, conta a aventura.

— Oh, oh, isso já é demais! Iniciar-te nos meus segredos, te revelar meus expedientes... é grave.

— Eu me enganei confiando em tua complacência?

— Não, Ganimard, e já que insistes...

Arsène Lupin percorreu duas ou três vezes o quarto e, detendo-se:

— Que achas da minha carta ao barão?

— Creio que quiseste te divertir, impressionar um pouco o público.

— Ah, eis aí, impressionar o público! Pois bem, te asseguro, Ganimard, que te julgava mais vivo. Sou de perder tempo com tais puerilidades, eu, Arsène Lupin? Teria escrito aquela carta, se pudesse furtar o barão sem ela? Têm de entender, tu e os outros, que a carta é o ponto de partida indispensável, a mola que pôs a máquina em movimento. Vamos pela ordem e preparemos juntos, se quiseres, o assalto do Malaquis.

— Estou te ouvindo.

— Suponhamos um castelo rigorosamente fechado e defendido como era o do barão Cahorn. Devo abandonar a partida e renunciar a tesouros que cobiço, sob o pretexto de que o castelo que os contém é inacessível?

— Evidente que não.

— Devo tentar o assalto como antigamente, à frente de uma tropa de aventureiros?

— Infantil!

— Devo me introduzir sorrateiramente?

— Impossível.

— Sobra um meio, o único na minha opinião, fazer-me ser convidado pelo proprietário do castelo.

— O meio é original.

— E que fácil! Imaginemos que um dia o mencionado proprietário receba uma carta, advertindo do que trama contra ele um sujeito chamado Arsène Lupin, reputado ladrão. Que fará?

— Mandará a carta ao procurador.

— Que zombará dele, *já que o citado Lupin está atualmente aferrolhado*. Portanto, o bom homem fica fora de si, capaz de pedir socorro ao primeiro chegante, não é certo?

— Fora de dúvida.

— E se lhe acontece de ler num jornalzinho qualquer que um policial célebre passa as férias na localidade vizinha...

— Correrá a esse policial.

— Disseste. Do outro lado, admitamos que, prevendo essa inevitável iniciativa, Arsène Lupin tenha pedido a um de seus mais hábeis amigos para se instalar em Caudebec, relacionar-se com um redator do *Réveil*, jornal que o barão assina, deixando o jornalista concluir que é aquele conhecido policial, o que ocorreria?

— Que o homem anunciaria no *Réveil* a presença em Caudebec do aludido policial.

— Perfeito, e das duas, uma: ou o peixe... quero dizer Cahorn... não morde a isca e nada se passa ou então, e é a hipótese mais verossímil, acorre inquieto. E eis o meu Cahorn suplicando contra mim a assistência de um dos meus amigos.

— Cada vez mais original.

— É claro que o pseudopolicial recusa de início cooperar. Vem o telegrama de Arsène Lupin. Susto do barão, que implora de novo ao meu amigo e lhe oferece um tanto para velar por sua imunidade. Meu amigo aceita, leva dois malandros do nosso bando, que, de noite, enquanto Cahorn é guardado à vista de seu protetor, transportam pela janela um certo número de objetos e os fazem descer, com a ajuda de cordas, a uma boa lanchinha fretada para isso. É simples como Lupin.

— E é tudo completamente maravilhoso — bradou Ganimard. — Não acabaria de elogiar a ousadia da concepção e a engenhosidade dos detalhes. Mas não vejo que policial seria tão conhecido para que seu nome pudesse atrair e suggestionar o barão a tal ponto.

— Existe um, e não mais que um.

— Qual?

— O mais notável, o inimigo pessoal de Arsène Lupin, em suma, o inspetor Ganimard.

— Eu!

— Tu mesmo, Ganimard. E eis o delicioso: se fores até lá e o barão se decidir a falar, acabarás descobrindo que teu dever é prender a ti mesmo, como me prendeste na América! Que tal? A revanche é cômica: faço prender Ganimard por Ganimard!

Arsène Lupin ria abertamente. O inspetor, molestado, mordia os lábios. A brincadeira não lhe parecia merecer tal acesso de júbilo.

A chegada de um guarda lhe deu o tempo de se repor. O homem trazia a refeição que Arsène Lupin, por favor especial, fazia vir do restaurante mais perto. Deixando a bandeja na mesa, retirou-se. Arsène tomou lugar, partiu o pão, comeu duas ou três dentadas, e prosseguiu:

— Mas fica tranquilo, caro Ganimard, não hás de ir lá. Vou te revelar uma coisa que te assombrará: o caso Cahorn está à beira de ser arquivado.

— Hein?

— Arquivado, te digo.

— Vamos, deixei há pouco o chefe da Sûreté...

— E daí? Será que o sr. Dudouis saberá mais que eu sobre o que me diz respeito? Vais saber que Ganimard... desculpa... o falso Ganimard continua nos

melhores termos com o barão. Este, e é o principal motivo por que nada confessou, encarregou-o da delicadíssima tarefa de negociar comigo uma transação e, neste momento, mediante uma certa soma, é provável que o barão tenha entrado na posse de suas queridas miudezas. Compensando isso, retirará sua queixa. De modo que não há mais roubo, e será preciso que a justiça abandone o caso.

Ganimard encarou estupefato o detido.

— E como sabes tudo isso?

— Acabo de receber a mensagem que esperava.

— Recebeste uma mensagem?

— Neste instante, caro amigo. Por polidez, não a quis ler na tua presença.

Mas se me autorizas...

— Estás me gozando, Lupin.

— Queira, caro amigo, decapitar suavemente este ovo cozido. Verás por ti mesmo que não estou te gozando.

Maquinalmente, Ganimard obedeceu e quebrou o ovo com a lâmina de uma faca. Um grito de surpresa lhe escapou. A casca vazia continha uma folha de papel azul. A pedido de Arsène, desdobrou-a. Era um telegrama, ou antes, a parte de um telegrama de que se tinham cortado as indicações postais. Leu:

Acordo concluído. Cem mil bolas entregues. Tudo vai bem.

— Cem mil bolas?

— Sim, cem mil francos! É pouco, mas, enfim, os tempos estão difíceis... E tenho despesas gerais tão pesadas! Se conhecesses meu orçamento... Um orçamento de cidade grande!

Ganimard se levantou. Seu mau humor desaparecera. Refletiu uns segundos, olhando em conjunto o caso para descobrir seu ponto fraco. Em seguida, pronunciou num tom em que deixava francamente transparecer a sua admiração de especialista no assunto:

— Felizmente não existem muitos como tu, senão teríamos de fechar a loja.

Arsène Lupin tomou um ar modesto e respondeu:

— Bem que era preciso me divertir um pouco, ocupar os lazeres... Ainda mais que se tratava de um golpe que não podia ter êxito se eu não estivesse preso.

— Como! — saltou Ganimard. — Teu processo, tua defesa, a instrução, tudo isso não basta para te distrair?

— Não, porque resolvi não assistir ao meu processo.

— Oh! Oh!

Arsène Lupin repetiu positivo:

— Não assistirei ao meu processo.

— Essa agora!

— Essa, meu caro. Imaginas que vou apodrecer sobre a palha úmida! Me ofendes. Arsène Lupin não fica na cadeia além do tempo que lhe agrada, e nem um minuto a mais.

— Teria sido mais prudente começar por não entrar nela — objetou o inspetor irônico.

— Ah, graças? Lembras que tiveste a honra de levar a efeito a minha prisão? Saibas, respeitável amigo, que ninguém, e tu quanto qualquer outro, não teria podido colocar as mãos em mim, se um interesse bem mais considerável não me tivesse solicitado naquele momento crítico.

— Me surpreendes.

— Uma mulher me olhava, Ganimard, e eu a amava. Entendes tudo o que há no fato de ser olhado por uma mulher que se ama? O resto importava pouco, te juro. E por isso estou aqui.

— Há bastante tempo, permitas que eu observe.

— Primeiro, queria esquecer. Não rias: a aventura tinha sido cativante e eu conservava ainda a terna lembrança... Depois, sou um pouco neurastênico. A vida é tão febril em nossos dias! Cumpro saber, em certos momentos, fazer o que se chama uma cura de solidão. Este lugar é o máximo para regimes dessa espécie. Faz-se aqui a cura da Santé¹ rigorosamente.

— Arsène Lupin — observou Ganimard —, estás me julgando tolo.

— Ganimard — contestou ele —, estamos hoje na sexta-feira. Quarta que vem, irei fumar o meu charuto em tua casa, na rua Pergolèse, às quatro da tarde.

— Estarei te esperando, Arsène Lupin.

Apertaram as mãos como bons amigos que se estimam em seu justo valor, e o velho policial se dirigiu para a porta.

— Ganimard!

Este se voltou.

— Que foi?

— Esqueceste o teu relógio.

— Meu relógio?

— Sim, ele se perdeu no meu bolso.

Entregou-o, desculpando-se:

— Perdoa... um mau hábito... Porque tiraram o meu, não é razão para que eu te prive do teu. Ainda mais que tenho aí um cronômetro de que não posso me queixar e satisfaz plenamente minhas necessidades.

Tirou da gaveta um grande relógio de ouro, grosso e confortável, ornado com uma pesada corrente.

— E este, de que bolso veio? — perguntou Ganimard.

Arsène Lupin examinou descuidadamente as iniciais.

— J. B... Quem diabo poderia ser?... Ah, sim, lembro, Jules Bouvier, o meu juiz de instrução, um homem cativante...

NOTA

1 Há aqui um trocadilho: *santé* significa *saúde* e é nome da famosa prisão. (N. do T.)

A FUGA DE ARSÈNE LUPIN

No momento em que Arsène Lupin, tendo terminado de comer, tirou do bolso um belo charuto de anilha dourada, examinando-o com satisfação, a porta da cela se abriu. Teve só o tempo de jogá-lo na gaveta e se afastar da mesa. O guarda entrou, era a hora do passeio.

— Te esperava, caro amigo — bradou Lupin, sempre de bom humor.

Saíram. Mal desapareceram no ângulo do corredor, dois homens por sua vez penetraram na cela e iniciaram um exame minucioso. Um era o inspetor Dieuzy, outro, o inspetor Folenfant.²

Queriam acabar com aquilo. Não havia dúvida: Arsène Lupin mantinha entendimentos com o exterior e se comunicava com seus adeptos. Ainda na véspera, o *Grand Journal* publicara estas linhas dirigidas ao responsável pela seção de tribunais:

Senhor,

Num artigo aparecido por esses dias, exprimiu-se a meu respeito em termos que nada poderia justificar. Dias antes da abertura de meu processo, irei lhe pedir contas.

Distintas saudações,

Arsène Lupin.

A escrita era bem de Arsène Lupin. Então, enviava cartas e as recebia. Então, era certo que preparava a fuga que anunciara de modo tão arrogante.

A situação se fazia intolerável. De acordo com o juiz de instrução, o chefe da Sûreté, o sr. Dudouis, foi pessoalmente à Santé para expor ao diretor da

prisão as medidas que convinha tomar. E, já ao chegar, enviou dois homens à cela do detido.

Levantaram cada uma das lajes, desmontaram a cama, fizeram tudo o que é costume fazer num caso semelhante, e por fim não descobriram nada. Iam renunciar às suas investigações, quando o guarda correu a toda pressa e lhes disse:

— A gaveta... Olhem a gaveta da mesa. Quando entrei, me pareceu que a fechava.

Olharam e Dieuzy exclamou:

— Por Deus, desta vez pegamos o homem.

Folenfant o deteve.

— Alto aí, meu filho, o chefe fará o inventário.

— Mas este charuto de luxo...

— Deixe o havana e vamos avisar o chefe.

Dois minutos depois, o sr. Dudouis examinava a gaveta. Achou primeiro um maço de artigos de jornais seleccionados pelo *Argus de la Presse* e que se referiam a Arsène Lupin, uma bolsa de fumo, um cachimbo, um papel chamado casca de ovo e, enfim, dois livros.

Olhou os títulos. Eram *O Culto dos heróis*, de Carlyle, em edição inglesa, e um elzevir encantador, com encadernação da época, do *Manual de Epiteto*, numa tradução alemã publicada em Leyde em 1634. Folheando-os, constatou que todas as páginas estavam marcadas, sublinhadas, anotadas. Seriam sinais em código ou dessas marcas que mostram o entusiasmo que se tem por um livro?

— Vamos ver isso em pormenor — disse o sr. Dudouis.

Examinou a bolsa de fumo e o cachimbo. A seguir, pegando o imponente charuto de anilha dourada:

— Puxa, trata-se bem o nosso amigo, um Henri Clay!

Com um gesto maquinal de fumante, levou-o ao ouvido e fez estalar. Uma exclamação lhe escapou. O charuto cedera à pressão de seus dedos. Examinou-o com atenção e não tardou em descobrir algo branco entre as folhas de fumo. Delicadamente, com ajuda de um alfinete, extraiu um rolo de papel muito fino, da grossura de um palito. Era um bilhete. Desenrolou-o e leu estas palavras numa escrita miúda de mulher:

O cesto tomou o lugar do outro. Oito sobre dez estão preparados. Apoiando no pé exterior, a placa se levanta de alto a baixo. De doze a dezesseis todos os dias, H-P esperará. Mas onde? Resposta imediata. Esteja tranquilo, sua amiga vela pelo senhor.

Dudouis pensou um momento e disse:

— Está bastante claro... o cesto... as oito cabanas... De doze a dezesseis, é do meio-dia às quatro...

— Mas este H-P, quem esperará?

— H-P, no caso, deve significar automóvel, H-P, *horse power*, não é assim que em linguagem desportiva se designa a força de um motor? Um 24 H-P é um automóvel com 24 cavalos.

Levantou-se e perguntou:

— O detido acabou de almoçar?

— Sim.

— Como não tinha ainda lido essa mensagem, como prova o estado do charuto, é provável que acabasse de recebê-la.

— Como?

— Nos alimentos, no miolo do pão ou numa batata, que sei?

— Impossível, só lhe autorizamos que mandasse vir suas refeições para que caísse num laço, mas não encontramos nada.

— Procuraremos à noite a resposta de Lupin. De momento, retenham-no fora da cela. Vou levar isso ao senhor juiz de instrução. Se concordar comigo, faremos imediatamente fotografar a letra e dentro de uma hora podem repor na gaveta, com os outros objetos, um charuto idêntico, contendo a própria mensagem original. Convém que o detido não desconfie de nada.

Não sem certa curiosidade o sr. Dudouis voltou à noite ao escritório da Santé em companhia do inspetor Dieuzy. Num canto, em cima da estufa, estavam três pratos.

— Ele comeu?

— Sim — respondeu o diretor.

— Dieuzy, queira cortar em pedaços bem finos estas tiras de macarrão e abrir este pãozinho... Nada?

— Não, chefe.

Dudouis examinou os pratos, o garfo, a colher, a faca — uma faca comum de lâmina redonda. Virou o cabo à esquerda, depois à direita. À direita ele cedeu e desparafusou. Era oco e servia de estojo a uma folha de papel.

— Ora — fez ele. — Não é assim tão sagaz para um homem como Arsène. Mas não percamos tempo. Você, Dieuzy, vá investigar esse restaurante.

A seguir leu:

*Ponho-me em suas mãos, H-P seguirá de longe cada dia. Irei na frente.
Até logo, cara e admirável amiga.*

— Enfim — exclamou o sr. Dudouis, esfregando as mãos —, acho que o caso está bem encaminhado. Um empurrãozinho de nossa parte e a evasão tem êxito... bastante ao menos para nos permitir prender os cúmplices.

— E se Arsène Lupin nos escorrega entre os dedos? — objetou o diretor.

— Empregaremos o número de homens necessário. Se no entanto ele demonstrar habilidade demais... palavra, pior para ele! Quanto ao bando, já que o chefe se recusa a falar, os outros falarão.

De fato, não falava muito Arsène Lupin. Há meses, o sr. Jules Bouvier, o juiz de instrução, nesse sentido se esforçava em vão. Os interrogatórios se reduziram a colóquios desprovidos de interesse entre o juiz e o advogado Danval, um dos príncipes do foro, o qual aliás sabia sobre o inculpado mais ou menos tanto quanto qualquer um.

Uma vez que outra, por gentileza, Arsène Lupin deixava escapar:

— Mas, sim, senhor juiz, estamos de acordo: o roubo do Crédit Lyonnais, o da rua Babilônia, a emissão de notas falsas, o caso das apólices de seguro, o furto dos castelos de Armesnil, Gouret, Imblevain, Grosselliers e Malaquis, tudo isso, tudo isso é obra de vosso servidor.

— Então pode me explicar...

— Inútil, confesso tudo em conjunto, tudo, e mesmo dez vezes mais do que pode supor.

Cansado de insistir, o juiz suspendera seus interrogatórios enfadonhos. Tendo conhecimento dos dois bilhetes interceptados, retomou-os. E, regularmente, ao meio-dia Arsène Lupin era levado da Santé à casa de

detenção, na viatura penitenciária, com um certo número de detidos. Voltavam pelas três ou quatro horas.

Uma tarde essa volta se realizou em condições particulares. Não tendo os outros presos sido ainda interrogados, decidiu-se levar primeiro Arsène Lupin. Subiu, pois, sozinho na viatura.

Esses veículos penitenciários, vulgarmente chamados “pratos de salada”, são divididos ao comprido por um corredor central, no qual se abrem dez compartimentos, cinco à direita e cinco à esquerda. Cada um deles está disposto de tal modo que se tem de ficar aí sentado, e os cinco prisioneiros, além de só dispor cada um de um lugar estreitíssimo, estão separados uns dos outros por tabiques paralelos. Um guarda, colocado na extremidade, vigia o corredor.

Arsène foi metido na terceira cela da direita, e o pesado carro arrancou. Deu-se conta de que deixavam o Quai de l’Horloge e passavam diante do Palácio da Justiça. Então, em meio à ponte Saint-Michel, premiu o pé direito, tal como fazia cada vez, sobre a placa de ferro que fechava sua celinha. Em seguida, alguma coisa funcionou, a placa se afastou insensivelmente. Pôde constatar que se achava exatamente entre as duas rodas.

Aguardou, com o olhar à espreita. O carro subiu a passo a avenida Saint-Michel. No cruzamento Saint-Germain, parou. O cavalo de um caminhão fora abatido e, com a circulação interrompida, houve depressa uma aglomeração de fiacres e de ônibus.

Arsène Lupin pôs a cabeça para fora. Outra viatura penitenciária estacionava ao lado da que ocupava. Levantou mais a cabeça, pôs o pé sobre um dos raios da grande roda e saltou em terra.

Um cocheiro o viu, caiu na gargalhada, quis em seguida chamar a atenção, mas sua voz se perdeu no barulho dos veículos, que se escoavam novamente. E Arsène Lupin já estava longe.

Deu uns passos correndo, mas, na calçada esquerda, se voltou, lançou um olhar circular, parecendo auscultar a direção do vento, como alguém que ainda não sabe bem que direção seguir. Logo, decidido, pôs as mãos nos bolsos e, com o ar negligente de quem anda passeando, continuou a subir a avenida.

O clima era doce, um clima leve e feliz de outono. Os cafés estavam cheios. Sentou na esplanada de um deles.

Pediu um chope e uma carteira de cigarros. Esvaziou seu copo aos bocadinhos, fumou tranquilamente um cigarro, acendeu outro. Enfim, levantando-se, pediu ao garçom que fizesse vir o gerente.

Este veio e Arsène Lupin lhe disse, bastante alto para ser ouvido por todos:

— Estou aborrecido, senhor, esqueci a carteira. Mas quem sabe meu nome lhe é bastante conhecido para que consinta em me abrir um crédito por uns dias: Arsène Lupin.

O gerente o olhou, julgando se tratar de um gracejo. Mas Arsène repetiu:

— Lupin, detido na Santé, atualmente em estado de evasão. Ouso crer que esse nome lhe inspire toda confiança.

E se afastou em meio aos risos, sem que o outro pensasse em reclamar.

Atravessou a rua Soufflot e tomou a Saint-Jacques. Seguia tranquilamente, parando nas vitrines e fumando cigarros. Na avenida Port-Royal, orientou-se, informou-se e foi direto à rua da Santé. As altas paredes monótonas da prisão logo apareceram. Contornou-as e chegou junto ao guarda na porta e, tirando o chapéu:

— É aqui a prisão da Santé?

— Sim.

— Desejaria voltar à minha cela. O carro me abandonou no caminho e não desejo abusar...

O rapaz resmungou:

— Ande, homem, vá indo, e depressinha, hein!

— Perdão, perdão! Acontece que meu caminho passa por esta porta. E se impedir Arsène Lupin de atravessá-la, isso pode lhe custar caro, meu amigo!

— Arsène Lupin! Mas que história é essa?

— Lamento não ter meu cartão — disse Arsène, fingindo procurar nos bolsos.

O guarda o mediu dos pés à cabeça, aturdido. Logo, sem uma palavra, como contra a vontade, puxou o cordão da campainha. A porta de ferro se entreabriu.

Minutos depois, o diretor correu ao escritório, gesticulando e simulando uma violenta cólera. Arsène sorriu:

— Vamos, senhor diretor, não banque o sutil comigo. Mas como! Têm a cautela de me levarem sozinho no carro, preparam um pequeno

engarrafamento e imaginam que vou sair correndo para me reunir a meus amigos! E os vinte agentes da Sûreté que me escoltavam a pé, em fiacre e de bicicleta? Não. O que me teriam arrumado! Não teria saído vivo. Diga-me, senhor diretor, era talvez com isso que contavam?

Deu de ombros e acrescentou:

— Peço-lhe, senhor diretor, que deixem de se ocupar comigo. No dia em que quiser escapar, não terei necessidade de ninguém.

Dois dias depois, o *Écho de France*, que, sem dúvida, tornava-se o boletim oficial das proezas de Arsène Lupin — dizia-se que ele era um dos principais sócios comanditários do jornal — publicava os detalhes mais completos dessa tentativa de evasão. Até o texto dos bilhetes trocados entre o detido e sua misteriosa amiga, os meios empregados nessa correspondência, a cumplicidade da polícia, o passeio pela avenida Saint-Michel, o incidente do café Soufflot, tudo era revelado. Sabia-se que as pesquisas do inspetor Dieuzy junto aos garçons do restaurante não tinham dado nenhum resultado. E se ficava sabendo, ademais, desta coisa pasmosa, que mostrava a infinita variedade de recursos de que este homem dispunha: o carro penitenciário, em que tinha sido transportado, era uma viatura inteiramente preparada, que seu bando tinha substituído por uma das seis costumeiras que faziam o serviço das prisões.

Ninguém mais duvidou da fuga próxima de Arsène Lupin. Ele mesmo, aliás, a anunciava em termos categóricos, como o provava a sua resposta ao sr. Bouvier no dia seguinte ao incidente. Tendo o juiz zombado do seu fracasso, ele o fitou e disse friamente:

— Escute bem isto, senhor, e me acredite sob palavra: esta tentativa de evasão fazia parte do meu plano de fuga.

— Não entendo — sorriu o juiz.

— Seria inútil se entendesse.

E como o juiz, no curso desse interrogatório, que apareceu por extenso nas colunas do *Écho de France*, retornasse à sua instrução, ele protestou, com ar de cansaço:

— Meu Deus, meu Deus, para que isso? Todas essas perguntas não têm a menor importância.

— Como não têm importância?

— Já que não assistirei ao meu processo.

— Não assistirá...

— Não, é uma ideia fixa, uma decisão irrevogável. Nada me fará transigir.

Uma tal segurança, as indiscrições inexplicáveis que ocorriam cada dia, irritavam e desconcertavam a justiça. Havia aí segredos que Arsène Lupin era o único a conhecer, e cuja divulgação, por conseguinte, não podia provir senão dele. Mas com que fim os revelava? E como?

Mudaram Arsène Lupin de cela. Uma noite, desceu ao andar inferior. Por seu lado, o juiz encerrou a instrução e enviou o processo ao tribunal para início da acusação.

Foi o silêncio, e durou dois meses. Arsène passou-os na cama, com o rosto quase sempre virado para a parede. A mudança de cela se diria que o tinha abatido. Recusou-se a receber seu advogado e apenas trocava algumas palavras com os guardas.

Na quinzena precedente a seu processo, pareceu reanimar-se. Queixou-se da falta de ar e o fizeram sair para o pátio, de manhã bem cedo, ladeado por dois homens.

A curiosidade pública, porém, não havia diminuído. Cada dia era esperada a notícia da sua evasão. Quase a desejavam, de tal modo o personagem caíra no gosto do público por sua verve, sua alegria, sua diversidade, seu gênio inventivo e o mistério de sua vida. Arsène Lupin tinha de fugir. Era inevitável, fatal. Uns até se surpreendiam que isso demorasse tanto. Todas as manhãs, o chefe de polícia perguntava a seu secretário:

— Bem, e ele não foi embora ainda?

— Não, chefe.

— Então deve ser para amanhã.

Na véspera do processo, um cidadão se apresentou nos escritórios do *Grand Journal*, perguntou pelo colunista forense, lhe atirou seu cartão no rosto e se afastou rapidamente. No cartão, estavam gravadas estas palavras: “Arsène Lupin cumpre sempre as suas promessas.”

Nessas circunstâncias, os debates foram abertos.

A afluência era enorme. Não havia quem não quisesse ver o famoso Arsène Lupin e se saboreava de antemão a maneira com que se divertiria com o presidente. Advogados e magistrados, cronistas e pessoas da sociedade, artistas e

mulheres conhecidas. Toda a Paris em suma se comprimia nos bancos da audiência.

Chovia; lá fora o dia estava sombrio e mal se viu Arsène Lupin quando os guardas o trouxeram. No entanto sua atitude pesada, a maneira com que se deixou cair na cadeira que lhe estava reservada, sua imobilidade indiferente e passiva não dispuseram a seu favor. Várias vezes seu advogado, um dos secretários do dr. Danval, já que este tinha julgado indigno de si o papel a que fora reduzido, lhe dirigiu a palavra. Ele oscilava a cabeça e calava.

O escrivão leu o ato acusatório e a seguir o presidente falou:

— Acusado, levante-se. Seu sobrenome, nome, idade e profissão?

Não recebendo resposta, repetiu:

— Sobrenome? Estou perguntando o seu sobrenome.

Uma voz grossa e fatigada articulou:

— Baudru, Désiré.

Houve murmúrios. Mas o presidente insistiu:

— Baudru Désiré? Ah, bem, uma nova encarnação! Como é talvez o oitavo nome que pretende ser o seu, sendo sem dúvida tão imaginário quanto os outros, fiquemos com ele, se desejar, em vez do de Arsène Lupin, sob o qual é mais amplamente conhecido.

O presidente consultou suas notas e prosseguiu:

— Pois, apesar de todas as pesquisas, foi impossível reconstituir a sua identidade. O senhor apresenta este caso, bem original em nossa sociedade moderna, de não ter um passado. Não sabemos quem é, de onde vem, onde passou a infância, em suma, nada. Irrompe de repente, há três anos, não se sabe ao certo vindo de que ambiente, para se revelar de um só golpe Arsène Lupin, isto é, uma estranha mistura de inteligência e perversão, de imoralismo e generosidade. Os dados que temos sobre o senhor antes dessa época são antes suposições. É provável que o chamado Rostat, que há oito anos trabalhava junto com o prestidigitador Dickson, não seja outro que Arsène Lupin. É provável que o estudante russo que frequentava, há seis anos, o laboratório do dr. Altier, no hospital São Luís, e que não raro surpreendeu o mestre pela engenhosidade de suas hipóteses sobre bacteriologia e a audácia de suas experiências em doenças da pele, não seja outro que Arsène Lupin. Arsène Lupin, igualmente, o professor de luta japonesa que se estabeleceu em Paris

bem antes de que aqui se falasse em jiu-jitsu. Arsène Lupin, ainda, o corredor de bicicleta que ganhou o Grande Prêmio da Exposição, pegou os seus dez mil francos e não voltou a ser visto. Arsène Lupin, talvez, também aquele que salvou tantas pessoas pela claraboia do Bazar da Caridade... e furtou o que levavam de valor.

Uma pausa e concluiu:

— Tal seria esse seu período, que parece não constituir senão uma minuciosa preparação para a luta que empreenderia contra a sociedade, uma metódica aprendizagem que levou ao mais alto ponto a sua força, sua energia e sua destreza. Reconhece a exatidão desses fatos?

Durante esse discurso, o acusado se balançara de uma perna para outra, com as costas curvadas, os braços inertes. Sob a luz mais viva, notou-se sua magreza extrema, suas faces cavadas com as maçãs estranhamente salientes, seu rosto cor de terra, manchado de plaquinhas vermelhas e enquadrado por uma barba inigual e escassa. A cadeia o tinha consideravelmente envelhecido e murchado. Não se reconhecia mais a silhueta elegante e o rosto jovem de que os jornais tantas vezes publicaram o retrato simpático.

Dir-se-ia que não ouvira a pergunta que lhe fizeram. Duas vezes lhe foi repetida. Então ergueu os olhos, pareceu refletir e, fazendo um grande esforço, murmurou:

— Baudru, Désiré.

O presidente se pôs a rir.

— Não estou percebendo bem o sistema de defesa que adotou, Arsène Lupin. Se for o de interpretar imbecis e irresponsáveis, pode prosseguir. Quanto a mim, irei direto ao objetivo sem me preocupar com as suas fantasias.

E começou a pormenorizar roubos, malandragens e falsificações atribuídas a Lupin. Às vezes interrogava o acusado. Este soltava um grunhido ou não respondia.

O desfile das testemunhas começou. Houve vários depoimentos insignificantes, outros mais sérios, todos com o cunho bem comum de se contradizerem uns aos outros. Uma perturbadora obscuridade envolvia os debates, mas introduziram o inspetor principal Ganimard e o interesse se acendeu.

De saída, porém, o velho policial causou certa decepção. Tinha uma atitude não intimidada — já havia enfrentado situações bem mais difíceis —, mas preocupada, contrafeita. Muitas vezes voltou o olhar para o acusado com visível mal-estar. No entanto, com as duas mãos apoiadas na barra, narrava os incidentes em que estivera metido, sua busca pela Europa toda, indo até a América. Ouviam-no com avidez como à narração das mais apaixonantes aventuras. Mas, perto de terminar, tendo aludido às suas conversas com Arsène Lupin, por duas vezes se deteve, distraído, indeciso.

Estava claro que outro pensamento o obcecava.

O presidente lhe disse:

— Se está se sentindo mal, é melhor interromper o seu depoimento.

— Não, não, apenas...

Calou, fitou longa e profundamente o acusado, dizendo a seguir:

— Peço licença para examinar o acusado mais de perto. Há aqui um mistério que é preciso que eu esclareça.

Aproximando-se, observou-o mais demoradamente ainda, com atenção concentrada, e voltou à barra. Aí, num tom um tanto solene, pronunciou:

— Senhor presidente, afirmo que o homem que está aqui, à minha frente, não é Arsène Lupin.

Um grande silêncio acolheu essas palavras. O presidente, confundido na hora, bradou:

— Ah, que está dizendo! Está louco!

O inspetor declarou com firmeza:

— À primeira vista, a gente pode se deixar levar por uma semelhança, que existe com efeito, confesso, mas basta um segundo de atenção. O nariz, a boca, os cabelos, a cor da pele... enfim tudo: não é Arsène Lupin. E os olhos, então, nunca ele teve esses olhos de alcoólatra!

— Vamos, explique-se. Que pretende dizer, testemunha?

— Vou eu saber! Ele terá posto em seu lugar um pobre-diabo que ia ser condenado. A não ser que se trate de um cúmplice.

Gritos, risos, exclamações partiam de todos os lados, na sala agitada por esse inesperado golpe teatral. O presidente convocou o juiz de instrução, o diretor da Santé, os guardas, e suspendeu a audiência.

Reiniciando-a, mais tarde, o sr. Bouvier e o diretor, postos na presença do acusado, declararam não haver entre Arsène Lupin e aquele homem mais que uma parecença de traços muito vaga.

— Mas então — exclamou o presidente — quem é este homem? De onde veio? Como se acha nas mãos da justiça?

Chamaram os dois guardas da Santé. Contradição de pasmar: reconheceram o detido de que tinham a vigilância permanente!

O presidente respirou.

Mas um dos guardas prosseguiu:

— Sim, sim, creio que é ele.

— Como “crê”?

— Ora, eu mal cheguei a vê-lo. Entregaram-no de noite e há dois meses permanece sempre deitado contra a parede.

— Mas e antes desses dois meses?

— Ah, antes ele não ocupava a cela 24.

O diretor da prisão precisou esse ponto:

— Mudamos o detido de cela depois de sua tentativa de fuga.

— Mas o senhor, diretor, o viu nesses dois meses?

— Não tive a oportunidade... Ele se mantinha tranquilo.

— E este homem aí não é o preso que lhe foi entregue?

— Não.

— Então quem é?

— Não saberia dizer.

— Estamos, pois, diante de uma substituição que se teria realizado há dois meses. Como a explica?

— É impossível.

— E então?

Em desespero de causa, o presidente se virou para o acusado, e, com voz insinuante:

— Você, vejamos, poderia me explicar como e desde quando está nas mãos da justiça?

Dir-se-ia que o tom benévolo desarmava a desconfiança ou estimulava o entendimento do homem. Tentou responder. Enfim, interrogado com doçura e habilidade, conseguiu reunir algumas frases de onde se tirava isto: dois meses

atrás, tinha sido levado à detenção, onde passara uma noite e uma manhã. Tendo consigo apenas 75 centavos, tinha sido liberado. Mas, ao atravessar o pátio, dois guardas o pegaram pelo braço e o levaram a uma viatura penitenciária. Desde aí vivia na cela 24, não descontente... Come-se bem, não se dorme mal... Assim, não tinha protestado.

Tudo isso parecia verossímil. Em meio a risadas e grande efervescência, o presidente remeteu o caso a outra seção para suprimento do inquérito.

O inquérito estabeleceu de saída este fato, consignado no registro carcerário: oito semanas antes, um indivíduo chamado Baudru Désiré tinha dormido na detenção. Liberado no outro dia, fora embora às duas da tarde. Ora, nesse dia, às duas horas, interrogado pela última vez, Arsène Lupin saía da instrução e voltava no carro penitenciário.

Teriam os guardas cometido um erro? Enganados pela semelhança, teriam, num momento de desatenção, trocado aquele homem pelo prisioneiro? Para tanto seria preciso que agissem com um descuido que seu tipo de tarefa não permitia supor.

A substituição fora previamente combinada? Além de que a disposição dos lugares tornava a coisa quase irrealizável, seria nesse caso necessário que Baudru fosse um cúmplice e se fizesse prender com o objetivo preciso de tomar o lugar de Arsène Lupin. Mas então, por que milagre tal plano, fundado numa série de oportunidades inverossímeis, encontros fortuitos e erros fabulosos, pudera ter êxito?

Fizeram passar Baudru Désiré pelo serviço antropométrico; não havia ficha correspondente à descrição de sua pessoa. No mais, se achou facilmente seu rastro. Em Coubevohe, Asnières, Levallois, era conhecido. Vivia de esmolas e dormia num casebre de trapeiros, que se reuniam perto da porta de Ternes. Há um ano, porém, tinha desaparecido.

Teria sido recrutado por Arsène Lupin? Nada autorizava a crer. E, se fosse assim, não se teria sabido mais sobre a fuga do prisioneiro. O prodígio continuava o mesmo. Das vinte hipóteses que tentavam explicá-la, nenhuma era satisfatória. Só a evasão não provocava dúvidas, e era incompreensível, impressionante, sentindo nela o público, tanto quanto a justiça, o esforço de uma longa preparação, um conjunto de atos maravilhosamente ligados uns aos

outros e cujo desfecho justificava a orgulhosa predição de Arsène Lupin: “Não assistirei ao meu processo.”

Ao fim de um mês de buscas minuciosas, o enigma se apresentava com o mesmo cunho indecifrável. Não se podia, porém, conservar indefinidamente aquele pobre-diabo do Baudru. Processá-lo seria ridículo: que acusações lhe fazer? Sua liberação foi assinada pelo juiz de instrução. Mas o chefe da Sûreté decidiu manter em torno dele uma vigilância ativa.

A ideia veio de Ganimard, em cujo ponto de vista não havia nem cumplicidade nem acaso. Baudru era um instrumento que Arsène Lupin tinha usado com sua extraordinária habilidade. Deixando-o livre, se chegaria através dele a Arsène Lupin, ou pelo menos até alguém do seu bando.

Os dois inspetores, Dieuzy e Folenfant, foram postos às ordens de Ganimard e, numa brumosa manhã de janeiro, as portas da cadeia se abriram para Baudru Désiré.

Pareceu de início embaraçado e caminhou como um homem sem ideias precisas sobre o uso do seu tempo. Seguiu pela rua da Santé e pela Saint-Jacques. Numa lojinha de roupas usadas, tirou o casaco e o colete, e vendeu este por poucas moedas, pondo o casaco e indo embora.

Atravessou o Sena. No Châtelet, um ônibus passou por ele. Quis subir, mas não havia lugar. O fiscal lhe aconselhou que comprasse uma passagem e ele entrou na sala de espera.

Nesse momento, Ganimard chamou seus dois homens e, sem perder de vista a entrada da sala, lhes disse às pressas:

— Consigam um carro... não, dois, é mais seguro. Irei com um de vocês e o seguiremos.

Os homens obedeceram. Baudru, porém, não aparecia.

Ganimard avançou; não havia ninguém na sala.

— Fui um idiota — murmurou —, esqueci a outra saída.

A estação, com efeito, se comunicava, por um corredor interno, com a da rua Saint-Martin. Ganimard correu, chegando no instante exato de notar Baudru no segundo andar do ônibus Batignolles-Jardin des Plantes que dobrava a esquina da rua de Rivoli. Correu e pegou o ônibus. Mas tinha perdido seus dois agentes. Estava sozinho para continuar a perseguição.

Em seu furor, esteve à beira de pegar Baudru pelo pescoço sem maiores formalidades. Não fora com premeditação e por uma engenhosa astúcia que este suposto imbecil o tinha separado de seus auxiliares?

Fitou Baudru. Cochilava no banco e sua cabeça balançava para um e outro lado. Com a boca semiaberta, seu rosto tinha uma incrível expressão de estupidez. Não, não estava ali um adversário capaz de enganar o velho Ganimard. O acaso lhe fora favorável, era isso.

No cruzamento das Galerias Lafayette, o homem passou do ônibus para o bonde da Muette. Seguiram pela avenida Haussmann e pela Victor Hugo. Baudru só desceu diante da estação da Muette. E, num passo descuidado, se afundou no bosque de Boulogne.

Passava de uma alameda a outra, voltava sobre seus passos, afastava-se. Que procurava? Teria uma meta?

Depois de uma hora desse exercício, parecia exausto. De fato, vendo um banco, se sentou. O lugar, não longe de Auteuil, à beira de um laguinho escondido entre as árvores, estava absolutamente deserto. Escoou-se uma meia hora. Impaciente, Ganimard resolveu ir conversar com o homem.

Acercou-se e tomou lugar ao lado de Baudru. Acendeu um cigarro, traçou círculos na areia com a ponta da bengala, e disse:

— Não está quente, hein?

Nada. E súbito neste silêncio vibrou uma risada, jubilosa, feliz, de uma criança num acesso de riso que não consegue parar. Ganimard sentiu com clareza seus cabelos realmente se eriçando na cabeça. O riso, o riso infernal que conhecia tão bem!...

Num gesto brusco, pegou o homem pelas golas do casaco e o encarou, profunda, violentamente, melhor ainda do que havia olhado no tribunal, e na verdade não foi mais o mesmo homem que viu; era ele, mas era ao mesmo tempo o outro, o verdadeiro.

Ajudado por uma vontade cúmplice, reencontrou a vida ardente dos olhos, completou a máscara emagrecida, percebeu a carne real sob a epiderme estragada, a boca real atrás do ricto que a deformava. E eram os olhos do outro, a boca do outro, era especialmente a sua expressão aguda, viva, irônica, espiritual, tão clara e tão jovem!

— Arsène Lupin, Arsène Lupin — balbuciou.

E de súbito, tomado de raiva, apertando-lhe a garganta, tentou derrubá-lo. Apesar dos seus cinquenta anos, era ainda de um vigor pouco comum, enquanto seu adversário parecia em bem más condições. E que golpe magistral se conseguisse levá-lo de volta!

A luta foi curta. Arsène Lupin se defendeu apenas e, tão prontamente quanto tinha atacado, Ganimard largou a presa. Seu braço direito pendia inerte, dormente.

— Se ensinassem jiu-jitsu no Quai des Orfèvres — declarou Lupin —, saberias que este golpe se chama udi-shi-ghi em japonês.

E acrescentou friamente:

— Mais um segundo, te quebrava o braço e não terias tido senão o que mereces. Como pode um velho amigo, que estimo e diante do qual revelei espontaneamente o meu incógnito, abusar da minha confiança! Mal, mal... E agora, o que é que te deu?

Aquela fuga, de que se julgava responsável — não fora ele que, por seu depoimento sensacional, induzira a justiça em erro? —, lhe parecia a vergonha da sua carreira. Uma lágrima rolou pelo seu bigode grisalho.

— Ah, meu Deus, Ganimard, não te preocupes; se não tivesses falado, eu teria dado um jeito para que outro falasse. Podia eu admitir que se condenasse Baudru Désiré?

— De modo que eras tu — murmurou Ganimard — que estavas lá? Tu que estás aqui!

— Eu, sempre eu, unicamente eu.

— Será possível!

— Ora, não é preciso bruxaria. Basta, como notou aquele bravo presidente, preparar-se durante uma dezena de anos para enfrentar qualquer eventualidade.

— Mas teu rosto? Teus olhos?

— Deves compreender que, se trabalhei dezoito meses em Saint-Louis com o dr. Altier, não foi por amor à ciência. Pensei que aquele que teria um dia a honra de se chamar Arsène Lupin devia saber subtrair-se às leis comuns da aparência e da identidade. A aparência se modifica como se deseja. Uma injeção hipodérmica de parafina te incha a pele, bem no lugar escolhido. O ácido pirogálico te transforma num moicano. O suco da grande quelidônia te

enfeita de impigens e tumores do mais feliz efeito. Tal processo químico age sobre o crescimento da barba e dos cabelos, outro sobre o som da voz. Junte a tudo isso dois meses de dieta na cela 24, exercícios repetidos mil vezes para abrir a boca segundo este ricto, para manter a cabeça nesta inclinação e minhas costas nesta curva. Enfim, cinco gotas de atropina nos olhos para torná-los rudes e fugidios, e a coisa está feita.

— Não concebo como os guardas...

— A metamorfose foi progressiva. Não puderam dia a dia notar a evolução.

— Mas Baudru Désiré.

— Baudru existe. É um pobre inocente que encontrei no ano passado e que de fato tem comigo certa analogia de traços. Prevendo uma prisão sempre possível, o pus em segurança e me apliquei em discernir desde o princípio os pontos de dessemelhança que nos separavam, para atenuá-los em mim tanto quanto podia. Meus amigos o fizeram passar uma noite na detenção, de maneira que saísse aproximadamente à mesma hora que eu e que a coincidência fosse fácil de constatar. Pois, nota, era preciso que se achasse a marca da sua passagem, sem o que a justiça insistiria em saber quem eu era. Ao passo que lhe oferecendo esse excelente Baudru, era inevitável, ouves, inevitável que se atirassem em cima dele e que, apesar das dificuldades insuperáveis de uma substituição, preferissem acreditar nela em vez de confessar sua ignorância.

— Sim, sim, realmente — murmurou Ganimard.

— Depois — bradou Lupin —, tinha nas mãos um trunfo formidável, maquinado por mim desde o início: a espera em que todo o mundo estava de minha evasão. E esse foi o erro grosseiro em que caíram, tu e os outros, nessa partida apaixonante que a justiça e eu jogamos e da qual o prêmio era a minha liberdade. Supuseram ainda uma vez que eu procedesse como um fanfarrão, inebriado por meus sucessos como um adolescente. Eu, Arsène Lupin, ter tal fraqueza! E não mais que no caso Cahorn, vocês não se disseram: “Se Arsène Lupin diz a todos os ventos que fugirá, é que tem razões que o obrigam a dizer isso.” Mas, ora, tens de entender que para fugir... sem fugir, era preciso que se acreditasse de antemão nessa fuga, que isso fosse um artigo de fé, uma convicção absoluta, uma verdade clara como o sol. E foi assim, segundo minha

vontade. Arsène Lupin se evadiria, Arsène Lupin não assistiria ao seu processo. E quando te erguesses para afirmar: “Este homem não é Arsène Lupin”, teria sido sobrenatural se todo mundo não acreditasse imediatamente que eu não era Arsène Lupin. Se uma pessoa duvidasse e fizesse esta restrição: “Mas, e se for Arsène Lupin?”, eu estaria perdido na hora. Bastava se inclinar para mim, não com a ideia de que eu não fosse Arsène Lupin, como tu fizeste, tu e os demais, mas com a ideia de que eu podia ser Arsène Lupin e, apesar de todas as minhas precauções, me reconheceriam. Mas eu estava tranquilo. Logicamente, psicologicamente, ninguém podia ter essa simples ideiazinha.

Pegou de repente a mão de Ganimard.

— Vamos, Ganimard, confessa que oito dias depois de nossa entrevista na prisão da Santé, me esperaste às quatro horas em tua casa, como tinha te solicitado.

— E tua viatura penitenciária? — disse Ganimard, evitando responder.

— Um blefe! Foram meus amigos que consertaram e substituíram esse velho carro fora de uso e desejavam tentar esse expediente. Mas eu o sabia impraticável sem um concurso de circunstâncias excepcionais. Apenas achei útil rematar essa tentativa de fuga e dar-lhe a maior publicidade. Uma primeira fuga audaciosamente armada dava à segunda o valor de uma fuga de antemão bem-sucedida.

— De modo que o charuto...

— Preparado por mim, tanto quanto a faca.

— E a misteriosa correspondente?

— Ela e eu não somos senão um... Tenho as caligrafias que desejar.

Ganimard refletiu um instante e objetou:

— Como é possível que no serviço de antropometria, quando fizeram a ficha de Baudru, não perceberam que coincidia com a de Arsène Lupin?

— A ficha de Arsène Lupin não existe.

— Essa não!

— Pelo menos é falsa. É um ponto que estudei muito. O sistema Bertillon abrange primeiro a descrição por medidas, da cabeça, dos dedos, das orelhas etc. Aí nada a fazer.

— Então?

— Então cumpria pagar. Antes mesmo da minha volta da América, um dos empregados do serviço aceitou um tanto para registrar falsos algarismos na hora de me medirem. Foi suficiente para que todo o sistema se perdesse e minha ficha fosse parar numa casa oposta à que devia estar. A ficha Baudru não devia, pois, coincidir com a ficha Arsène Lupin.

Houve ainda um silêncio e logo Ganimard perguntou:

— E agora, que vais fazer?

— Agora vou descansar, seguir um regime de superalimentação e voltar pouco a pouco a mim mesmo. Está muito bem ser Baudru ou qualquer outro, mudar de personalidade como de camisa e escolher sua aparência, sua voz, seu olhar, sua letra. Mas acontece que a gente acaba não se reconhecendo mais em tudo isso e é triste. Sinto atualmente o que devia sentir o homem que perdeu a sua sombra. Vou me procurar... e me encontrar.

Andava de um lado a outro. O escuro já se misturava à luz do dia. Parou diante de Ganimard.

— Não temos mais nada a nos dizer, calculo.

— Sim — respondeu o inspetor —, gostaria de saber se revelarás a verdade sobre tua fuga, o erro que cometi.

— Oh! Ninguém há de saber que foi Arsène Lupin o liberado. Tenho interesse demais em acumular em torno de mim as trevas mais misteriosas para não deixar a essa fuga o seu cunho quase miraculoso. Assim, não receies nada, meu bom amigo, e adeus. Janto na cidade esta noite e só me sobra tempo para pôr uma roupa conveniente.

— Te julgava desejando mais repouso!

— Ai! Há obrigações sociais que não se podem deixar de cumprir. O repouso começará amanhã.

E onde vais jantar?

— Na embaixada da Inglaterra!

NOTA

2 Apelidos cômicos, corruptelas de: *Deus Está Aqui* e *Criança Louca*. (N. do T.)

IV

O VIAJANTE MISTERIOSO

Tinha mandado o meu automóvel na véspera a Ruão pela estrada. Devia ir de trem pegá-lo ali, seguindo para a casa de amigos que moram às margens do Sena.

Ora, em Paris, alguns minutos antes da partida, sete senhores invadiram meu compartimento; cinco deles fumavam. Por mais curto que seja o trajeto no expresso, a perspectiva de realizá-lo em tal companhia me foi desagradável, ainda mais que o vagão, de modelo antigo, não tinha corredor. Peguei meu sobretudo, meus jornais, meu guia, e me refugiei num dos compartimentos vizinhos.

Aí se achava uma senhora. Ao me ver, teve um gesto de contrariedade que não me escapou e se inclinou para um senhor de pé no estribo do trem, seu marido sem dúvida, que a acompanhara à estação. O cidadão me observou e o exame provavelmente terminou a meu favor, pois falou baixo à mulher, sorrindo, do modo com que se tranquiliza uma criança que tem medo. Ela sorriu, por sua vez, e me enviou um olhar amigo, como se compreendesse de repente que eu era um desses homens gentis com quem uma mulher pode permanecer fechada duas horas, numa caixinha de seis pés quadrados, sem ter nada a recear.

Seu marido lhe disse:

— Não me queiras mal, querida, mas tenho um encontro urgente e não posso esperar.

Beijou-a afetuosamente e foi embora. Sua mulher lhe enviava pela janela beijinhos discretos e sacudia o lenço.

Soou um apito e o trem se pôs em marcha.

Nesse mesmo instante, e apesar dos protestos dos empregados, a porta foi aberta e um homem surgiu em nosso compartimento. Minha companheira, que estava então de pé e arrumava as coisas na rede de bagagens, soltou um grito de terror e caiu sobre o banco.

Não sou poltrão, longe disso, mas confesso que essas irrupções de última hora são sempre penosas. Parecem equívocas, pouco naturais. Devem esconder algo, sem o que...

O aspecto do recém-chegado, porém, e a sua atitude teriam antes atenuado a má impressão produzida por seu ato. Correção, quase elegância, uma gravata de bom gosto, luvas limpas, um rosto enérgico... Mas, diabo, onde havia visto este rosto? Pois a dúvida não era possível, eu o tinha visto. Ao menos, para ser mais exato, achava em mim a espécie de lembrança que deixa a visão de um retrato muitas vezes observado e de que nunca se contemplou o original. Ao mesmo tempo, sentia a inutilidade de todo esforço de memória, de tal modo essa lembrança era inconsistente e vaga.

Contudo, tendo fixado a atenção na dama, me assombrou sua palidez e o transtorno de seus traços. Olhava seu vizinho — estavam sentados do mesmo lado — com uma expressão de espanto real, e constatei que uma de suas mãos, trêmula, deslizava a um pequeno saco de viagem sobre o banco a vinte centímetros de seus joelhos. Terminou por pegá-lo e nervosamente o puxou contra si.

Nossos olhos se encontraram, e li nos seus tanto mal-estar e ansiedade, que não pude me impedir de lhe dizer:

— Não está se sentindo mal, senhora?... Quer que abra esta janela?

Sem me responder, me indicou com um gesto temeroso o indivíduo. Sorri como teria feito seu marido, alcei os ombros e lhe expliquei por sinais que não tinha nada a temer, que eu estava ali, e que aliás aquele senhor parecia bem inofensivo.

Neste instante, ele se virou para nós e, um depois do outro, nos considerou dos pés à cabeça; a seguir reafundou no seu canto e não se mexeu mais.

Fez-se silêncio, mas a dama, como se tivesse juntado toda a sua energia para realizar um ato desesperado, me disse numa voz apenas audível:

— Sabe que ele está no nosso trem?

— Quem?

— Mas ele... ele... lhe garanto.

— Ele quem?

— Arsène Lupin!

Não tinha abandonado com os olhos o viajante e era a ele, mais que a mim, que lançava as sílabas desse nome inquietante.

Ele baixou seu chapéu sobre o nariz. Seria para esconder sua perturbação, ou simplesmente se preparava para dormir?

Fiz esta objeção:

— Arsène Lupin foi condenado ontem, por contumácia,³ a vinte anos de trabalhos forçados. É, pois, pouco provável que cometa hoje a imprudência de se mostrar em público. Além disso, os jornais não noticiaram a sua presença na Turquia neste inverno, depois de sua famosa evasão da Santé?

— Ele está neste trem — repetiu a dama, com a intenção cada vez mais marcada de ser ouvida por nosso companheiro —, meu marido é subdiretor dos serviços penitenciários e foi o próprio comissário da estação que nos disse que procuravam Arsène Lupin.

— Não é razão...

— Toparam com ele no saguão. Tinha comprado uma passagem de primeira classe para Ruão.

— Teria sido fácil agarrá-lo.

— Desapareceu. O fiscal, na entrada das salas de espera, não o viu, mas se imaginava que havia passado pelas plataformas dos subúrbios e tivesse pegado o expresso que parte dez minutos depois de nós.

— Nesse caso, o pegarão.

— E se no último momento ele tivesse saltado do expresso para vir aqui, no nosso trem... como é provável... como é certo?

— Nesse caso, será aqui que o prenderão. Pois os empregados e os agentes não deixarão de notar a passagem de um trem usada em outro e, logo que chegarmos a Ruão, o engatarão limpamente.

— A ele, nunca! Achará um meio de escapar ainda.

— Nesse caso, lhe desejo feliz viagem.

— Mas daqui até lá, tudo o que ele pode fazer!

— O quê?

— Não sei, pode-se esperar qualquer coisa!

Estava muito agitada, e realmente a situação justificava até certo ponto essa excitação nervosa.

Quase contra a vontade, lhe disse:

— Há de fato coincidências curiosas... mas se tranquilize. Admitindo que Arsène Lupin esteja num destes vagões, vai ficar quietinho e, em vez de buscar novos aborrecimentos, não terá outra ideia mais que a de evitar o perigo que o ameaça.

Minhas palavras não a acalmaram. Calou-se, porém, receando sem dúvida ser indiscreta.

Eu abri os jornais e li as coberturas do processo de Arsène Lupin. Como não continham nada que já não conhecesse, me interessariam pouco. Além disso, estava cansado, tinha dormido mal, senti minhas pálpebras pesarem e minha cabeça se inclinar.

— Mas, senhor, não me diga que vai dormir?

A mulher me arrancou os jornais e me fitava com indignação.

— Claro que não — respondi. — Não estou com sono.

— Seria a última das imprudências — afirmou.

— A última — repeti.

E lutava energicamente, me agarrando à paisagem e às nuvens que manchavam o céu. Logo tudo isso se esfumou no espaço, a imagem da mulher ansiosa e do homem dormindo se apagou em meu espírito, e me aconteceu o grande, profundo silêncio do sono.

Sonhos inconsistentes e leves lhe deram logo relevo, e um ser que interpretava o papel e levava o nome de Arsène Lupin tinha neles algum lugar. Vinha do horizonte, com objetos preciosos às costas, atravessava as paredes e esvaziava os castelos.

O aspecto desse ser, que já não era mais Arsène Lupin aliás, se tornou nítido. Vinha para mim, aumentado cada vez mais de tamanho, saltava para o vagão com uma incrível agilidade e ia cair em cheio no meu peito.

Uma dor viva... um grito cortante. Acordei. O homem, o viajante, com um joelho sobre meu peito, me apertava a garganta.

Vi isso vagamente, porque meus olhos estavam injetados de sangue. Vi também a mulher que tinha convulsões num canto, presa de um ataque de

nervos. Nem tentei resistir. Não teria tido mesmo força: minhas têmporas zumbiam, eu sufocava, estertorava...

Mais um minuto e seria a asfixia. O homem deve ter sentido isso pois afrouxou o apertão. Sem se afastar, com a mão direita pegou uma corda em que fizera um nó corredio e, com um gesto seco, me atou os dois pulsos. Num instante estava ligado, amordaçado, imobilizado.

Realizou essa tarefa do modo mais natural do mundo, com uma prática em que se mostrava o saber de um mestre, de um profissional do roubo e do crime.

Nem uma palavra, nem um movimento tenso. Sangue frio e audácia. E eu lá, no banco, encordado como uma múmia, *eu, Arsène Lupin!*

Na verdade, havia do que rir. E, apesar da gravidade das circunstâncias, não deixava de admirar o que a situação tinha de irônico e saboroso. Arsène Lupin levado por diante como um novato! Esbulhado como o primeiro passante — pois, naturalmente, o bandido me aliviou da minha bolsa e da minha carteira!

Arsène Lupin, vítima por sua vez, bobeado, vencido... Que aventura!

Sobrava a dama. Ele nem prestava atenção nela. Contentou-se em erguer a sacolinha que jazia sobre o tapete e tirar daí as joias, o porta-moedas, as miniaturas de ouro e prata que continha. A mulher abriu um olho, estremeceu de susto, tirou os anéis e os entregou ao homem, como se quisesse lhe poupar todo esforço inútil. Ele pegou os anéis e a fitou: ela desfaleceu.

Então, sempre silencioso e calmo, sem se ocupar mais de nós, retomou seu lugar, acendeu um cigarro e se entregou a um exame aprofundado dos tesouros que conquistara, exame que pareceu satisfazê-lo inteiramente.

Eu estava muito menos satisfeito. Não falo dos doze mil francos de que me tinha indevidamente despojado: era um prejuízo que só aceitava momentaneamente, contando que os doze mil francos voltariam à minha posse no mais curto espaço de tempo, tal como os importantes papéis que tinha na carteira: projetos, cálculos, endereços, listas de correspondentes, cartas comprometedoras. Mas, de momento, uma preocupação mais imediata e séria me inquietava: o que ia se passar?

Como bem se calcula, a agitação causada por minha passagem pela estação Saint-Lazare não me escapara. Convidado à casa de amigos que frequentava sob o nome de Guillaume Berlat, e para quem minha parecença com Arsène

Lupin era um motivo de afetuosas brincadeiras, não pude me caracterizar à vontade e minha presença foi notada. Além disso, viram um homem se precipitar do expresso para o rápido. Quem seria senão Arsène Lupin? Assim, inevitável, fatalmente, o comissário de polícia de Ruão, prevenido por telegrama, e assistido por um respeitável número de agentes, lá estaria na chegada do trem, interrogaria os viajantes suspeitos e faria uma revista minuciosa nos vagões.

Tudo isso eu previa mas não estava muito comovido, convicto de que a polícia de Ruão não seria mais perspicaz que a de Paris, e que eu conseguiria passar despercebido. Não me bastaria, ao sair, mostrar negligentemente um cartão de deputado, graças ao qual já inspirara toda confiança ao fiscal de Saint-Lazare? Mas como as coisas tinham mudado! Não estava mais livre. Impossível tentar um de meus golpes habituais. Num dos vagões, o comissário descobriria o sr. Arsène Lupin que a boa sorte lhe enviava de pés e mãos atados, dócil como um cordeiro, já preparado, num pacote. Só teria de me receber, como uma encomenda postal que lhe mandam à estação, canastra de caça ou cesto de frutas e legumes.

Para evitar esse desagradável desfecho, que podia eu, enredado em minhas fitas? E o rápido corria para Ruão, única e próxima parada, não se detendo em Vernon nem em Saint-Pierre.

Um outro problema me intrigava, de interesse menos direto, mas cuja solução despertava minha curiosidade de profissional. Quais eram as intenções de meu companheiro?

Se eu estivesse sozinho, ele teria tempo em Ruão de descer tranquilamente. Mas e a mulher? No que a portinhola fosse aberta, ela, tão prudente e humilde neste instante, gritaria, correria, pediria socorro.

Daí o meu espanto. Por que não a reduzia à mesma impotência que eu, o que lhe daria o tempo de desaparecer antes que seu duplo delito fosse descoberto?

Continuava fumando, com o olhar fixo no espaço que uma chuva hesitante começava a raiar de grandes linhas oblíquas. Uma vez, porém, se virou, pegou meu guia e o consultou.

A dama se esforçava por permanecer desmaiada, a fim de tranquilizar seu inimigo. Mas acessos de tosse provocados pela fumaça desmentiam esse

desmaio.

Quanto a mim, estava muito contrariado, e muito incômodo. Cismava... planejava...

Pont-de-l'Arche, Oissel... O rápido se apressava, jubiloso, ébrio de velocidade.

Saint-Etienne... Neste instante, o homem se levantou e deu dois passos para nós, ao que a dama se apressou em responder com um novo grito e um desmaio não simulado.

Qual era o objetivo dele? Baixou o vidro do nosso lado. A chuva agora caía com raiva e sua expressão marcou o aborrecimento que sentia por não ter guarda-chuva nem sobretudo. Olhou à rede: a sombrinha da mulher servia. Pegou-a. Igualmente pegou meu sobretudo e o vestiu.

Atravessávamos o Sena. Dobrou a bainha da calça e a seguir, pendurando, levantou a lingueta da porta por fora.

Ia se jogar do trem? Naquela velocidade, seria morte certa. Entramos no túnel aberto na encosta Sainte-Catherine. O homem abriu a portinhola e com o pé tateou o primeiro degrau. Que loucura! As trevas, a fumaça, o barulho, tudo isso dava uma aparência fantástica àquela tentativa. Mas, de repente, o trem diminuiu a marcha, os freios se opunham ao esforço das rodas. A marcha se tornou normal, depois decresceu. Sem dúvida trabalhos de consolidação estavam programados para essa parte do túnel, que obrigava à passagem em marcha lenta desde alguns dias talvez, e o homem sabia disso.

Só teve de colocar o outro pé no degrau, descer ao segundo estribo e sair andando, não sem antes baixar a lingueta e fechar a porta.

No que desapareceu, o dia clareou a fumaça. Dávamos a um vale. Ainda um túnel e estaríamos em Ruão.

A mulher recobrou os sentidos na hora e sua primeira preocupação foi lamentar a perda de suas joias. Supliquei-lhe com os olhos. Entendeu e me livrou da mordaca que me sufocava. Quis também desatar meus laços; não deixei.

— Não, não, convém que a polícia veja as coisas como estão. Quero que saiba a força desse safado.

— E se puxasse a corda do alarme?

— Tarde demais, devia pensar nisso quando ele me atacou.

— Mas teria me matado! Ah, senhor, eu lhe tinha dito que ele estava neste trem! Pelo retrato dele, o reconheci imediatamente. E foi se embora com as minhas joias!

— Hão de encontrá-lo, não tenha medo.

— Encontrar Arsène Lupin! Nunca.

— Isso depende da senhora. Escute. No que chegarmos, fique na portinhola e chame, faça barulho. Agentes e empregados acudirão. Conte-lhes o que viu em poucas palavras, a agressão de que fui vítima e a fuga de Arsène Lupin; descreva-o, chapéu de feltro, um guarda-chuva — o seu — e um sobretudo cinza acinturado.

— O seu — disse.

— Como o meu? Não, o dele. Não trouxe sobretudo.

— Me pareceu que ele também não, quando subiu.

— Sim, talvez. Podia ter sido esquecido na rede. De qualquer modo, estava com ele quando desceu e isso é o essencial. Um sobretudo cinza acinturado, lembre-se. Ah! Já esquecia: diga de saída o seu nome. A função do seu marido ajudará a que se mexam mais.

Chegamos. Ela já se dirigia à porta e prossegui com voz firme, quase imperiosa, para que minhas palavras se gravassem no seu cérebro:

— Diga-lhes também o meu nome, Guillaume Berlat. O melhor é falar que me conhece, que isso nos poupará tempo; encerram logo o inquérito preliminar e o importante é que saiam atrás de Arsène Lupin e de suas joias. Não há problema, não é? Guillaume Berlat, um amigo do seu marido.

— Entendido... Guillaume Berlat.

Ela já estava chamando e gesticulando. O trem não tinha parado, e um cidadão nele subia, seguido de vários outros. A hora crítica chegava.

Ofegante, a dama bradou:

— Arsène Lupin... nos atacou... roubou minhas joias... Sou a sra. Renaud... meu marido é subdiretor dos serviços penitenciários... Ah! Olhem, este é o meu irmão, Georges Ardelle, diretor do Crédit Rouennais... devem conhecer...

Beijou um jovem que vinha até nós e que o comissário cumprimentou, e prosseguiu, chorosa:

— Sim, Arsène Lupin... enquanto este senhor dormia, pulou-lhe à garganta... É o sr. Berlat, amigo do meu marido.

O comissário perguntou:

— Mas onde está Arsène Lupin?

— Saltou do trem no túnel depois do Sena.

— Está certa de que era ele?

— Certíssima! Eu o reconheci perfeitamente. Aliás o viram na estação Saint-Lazare. Usava um chapéu de feltro, mole.

— Não... duro, como este aqui — retificou o comissário indicando o meu chapéu.

— Mole... afirmo — repetiu a sra. Renaud —, e um sobretudo cinza acinturado.

— Com efeito — murmurou o comissário —, o telegrama registra esse sobretudo cinza com gola de veludo preto.

— Com gola de veludo preto justamente — exclamou a sra. Renaud triunfante.

Respirei. Ah! A corajosa, a excelente amiga que eu tinha ali!

Os agentes, enquanto isso, tinham me livrado das peias. Mordi violentamente os lábios, escorreu sangue.

Curvado em dois, com o lenço na boca, como convém a um indivíduo que ficou muito tempo numa posição incômoda, e que traz no rosto o sinal sanguinolento da mordida, disse ao comissário, numa voz enfraquecida.

— Senhor, era Arsène Lupin, não há dúvida... Se se esforçarem, podem pegá-lo. Julgo que posso lhe ser de alguma utilidade.

O vagão, que devia servir aos exames da justiça, foi destacado, e o trem seguiu para o Havre. Fomos levados para o escritório do chefe da estação, em meio a uma multidão de curiosos que enchiam a plataforma.

Nesse momento tive uma hesitação. Sob um pretexto qualquer, podia me afastar, ir tomar meu automóvel e sumir. Esperar era perigoso. Ocorresse um incidente, chegasse uma mensagem de Paris e estava perdido.

Sim, mas e o meu ladrão? Abandonado a meus próprios recursos, numa região que não me era familiar, não podia ter certeza de agarrá-lo.

Ah, tentemos o golpe, pensei, e fiquemos. A partida é difícil de vencer, mas tão divertida de disputar! E o prêmio vale a pena.

Como pedissem que repetíssemos provisoriamente nossos depoimentos, reclamei:

— Senhor comissário, Arsène Lupin está ganhando distância. Meu carro me espera aqui na estação. Se quiser me dar o prazer de ir junto, procuraríamos...

O comissário sorriu com ar fino:

— A ideia não é má... tanto que está em vias de execução.

— Ah!

— Sim, senhor, dois de meus agentes partiram de bicicleta... já faz um certo tempo.

— Mas para onde?

— Para a própria saída do túnel. Ali colherão indícios, testemunhos e seguirão a pista de Arsène Lupin.

Não pude me impedir de levantar os ombros.

— Seus dois agentes não colherão nem indício nem testemunho.

— Realmente!

— Arsène Lupin há de ter-se arrumado para que ninguém o visse sair do túnel. Terá ido para a primeira estrada e daí...

— E daí, Ruão, onde o prenderemos.

— Não virá a Ruão.

— Ficaré então nos arredores, onde somos ainda mais fortes...

— Não ficará nos arredores.

— Oh! Oh! E onde se esconderá?

Tirei meu relógio.

— A esta hora, Arsène Lupin anda por perto da estação de Darnétal. Às dez e cinquenta, ou seja, dentro de 22 minutos, tomará o trem que sai da estação Norte de Ruão para Amiens.

— Acha? E como sabe?

— Oh, é simples. No compartimento, Arsène Lupin consultou o meu guia. Por que motivo? Haveria, não longe do lugar em que desapareceu, uma outra linha, uma estação nessa linha, e um trem parando aí? De minha parte, acabo de consultar o guia e vi essa informação.

— Na verdade, senhor — disse o comissário —, deduziu maravilhosamente. Que competência!

Arrastado por minha convicção, eu cometera uma inépcia demonstrando tanta habilidade. Olhava-me com espanto e julguei sentir que uma suspeita o roçara. Mas só roçara, porque as fotografias enviadas a todos os lados pela polícia eram muito imperfeitas, representavam um Arsène Lupin muito diferente do que tinha diante dele, para que lhe fosse possível me reconhecer. Mas, assim mesmo, estava perturbado, numa confusa preocupação.

Houve um instante de silêncio. Algo de equívoco e incerto deteve nossas palavras. Um arrepio de mal-estar até por mim passou. Iria a sorte se virar contra mim? Dominando-me, ri.

— Meu Deus, nada nos abre tanto a compreensão quanto a perda de uma carteira e o desejo de reencontrá-la. E me parece que, se quiser me emprestar dois de seus agentes, eles e eu talvez poderemos...

— Oh, eu lhe peço, senhor comissário — exclamou a sra. Renaud —, ouça o sr. Berlat.

A intervenção de minha ótima amiga foi decisiva. Pronunciado por ela, mulher de um influente personagem, esse nome de Berlat se fazia realmente o meu e me conferia uma identidade que nenhuma suspeita poderia atingir. O comissário se ergueu:

— Estarei felicíssimo, sr. Berlat, acredite, em que tenha êxito. Tanto quanto ao senhor, me importa a prisão de Arsène Lupin.

Levou-me até o auto. Dois de seus agentes, que me apresentou, Honoré Massol e Gaston Delivet, tomaram assento. Me pus na direção. Meu mecânico virou a manivela. Uns segundos depois deixamos a estação. Estava salvo.

Ah, confesso que rodando pelas avenidas que cingem a velha cidade normanda, na marcha possante do meu 35 cavalos Moreau-Lepton, não deixei de conceber algum orgulho. O motor roncava harmoniosamente. À direita e à esquerda, as árvores fugiam atrás de nós. E livre, fora de perigo, não tinha agora mais do que acertar meus pequenos negócios pessoais, com o concurso de dois honestos representantes da força pública. Arsène Lupin ia em busca de Arsène Lupin!

Modestos sustentáculos da ordem social, Delivet Gaston e Massol Honoré, quanto sua assistência me foi preciosa! Que teria feito sem vocês? Sem vocês quantas vezes, nos cruzamentos, teria escolhido a estrada errada? Sem vocês Arsène Lupin se enganaria e o outro escapava!

Mas tudo não estava terminado. Longe disso. Restava-me primeiro pegar o indivíduo e em seguida me apoderar eu mesmo dos papéis que me tinha subtraído. A nenhum preço, meus dois acólitos podiam meter o nariz nesses documentos e ainda menos ficar com eles. Servir-me deles e agir por fora deles, eis o que queria e não era fácil.

Em Darnétal, chegamos três minutos depois do trem passar. Por certo tive o consolo de ser informado de que um indivíduo, com um sobretudo cinza com gola de veludo preto, tinha subido num compartimento da segunda classe, com um bilhete para Amiens. Sem dúvida, minha estreia como policial prometia.

Delivet me disse:

— O trem é expresso e não para senão em Montérolier-Buchy em dezenove minutos. Se não chegarmos antes de Arsène Lupin, ele pode continuar para Amiens como desviar para Clères, e daí ganhar Dieppe ou Paris.

— Que distância há daqui a Montérolier?

— Vinte e três quilômetros.

— Vinte e três quilômetros, dezenove minutos... Lá estaremos antes dele.

Foi uma corrida. Nunca o meu fiel Moreau-Lepton respondeu à minha impaciência com mais ardor e regularidade. Parecia que lhe comunicava minha vontade diretamente, sem a intermediação de pedais e alavancas. Ela partilhava os meus desejos. Aprovava minha obstinação. Entendia minha animosidade contra aquele tratante do Arsène Lupin. O embusteiro! O traidor! Conseguiria ensiná-lo, ou ia zombar mais uma vez da autoridade de que eu era a encarnação?

— À direita — gritava Delivet. — À esquerda!... Em frente!...

Deslizávamos acima do solo. Os marcos da estrada pareciam animaizinhos medrosos que se evaporavam à nossa aproximação.

E de repente, numa curva, um turbilhão de fumaça, o expresso do Norte.

Por um quilômetro foi a luta lado a lado, luta desigual cujo resultado era conhecido. Na chegada, o batemos por vinte corpos.

Em três segundos estávamos na plataforma diante das segundas classes. As portinholas se abriram. Algumas pessoas desceram. Meu ladrão não. Inspecionamos os compartimentos. Nada de Arsène Lupin.

— Ih! — exclamei. — Me reconheceu no automóvel enquanto andávamos lado a lado e deve ter saltado do trem.

O chefe do trem confirmou essa suposição. Tinha visto um homem rolando pela rampa a duzentos metros da estação.

— Olhe, lá vai... Aquele que está atravessando a passagem de nível.

Acometi, seguido de meus dois acólitos, ou antes, seguido de um deles, porque o outro, Massol, provou ser um corredor excepcional, tanto em resistência como em velocidade. Em instantes, o espaço que o separava do fugitivo diminuiu muito. Esse viu Massol, saltou uma sebe e correu rápido a uma encosta que escalou. Depois o vislumbramos mais longe, entrando num bosquezinho.

Quando chegamos ao bosque, Massol nos esperava; julgara inútil se aventurar mais, no receio de se perder de nós.

— Cumprimento-o, meu amigo — disse-lhe. — Depois de uma corrida dessas nosso indivíduo deve estar sem fôlego. Havemos de agarrá-lo.

Examinei os arredores, refletindo na maneira de realizar sozinho a prisão do fugitivo, a fim de fazer eu mesmo as recuperações que a justiça sem dúvida só permitiria depois de muitos inquéritos desagradáveis. Em seguida voltei a meus companheiros.

— É fácil. Você, Massol, fique à esquerda; você, Delivet, à direita. Daí vigiarão toda a linha posterior do bosque e, sem que o vejam, ele não poderá sair, a não ser por esta abertura, onde fico eu. Se ele não sair, eu entro e forçosamente o desviarei sobre um ou outro de vocês. Só têm, pois, que aguardar. Ah, já esquecia, em caso de alerta, deem um tiro.

Massol e Delivet se afastaram, cada um para seu lado. Logo que desapareceram, penetrei no bosque com a maior cautela, de modo a não ser visto nem ouvido. A vegetação era espessa, mas desbastada para a caça e cortada por sendas muito estreitas, em que não era possível caminhar senão se curvando, como dentro de subterrâneos de verdura.

Um deles levava a uma clareira, onde a erva molhada apresentava marcas de passos. Segui-as, tendo o cuidado de deslizar através dos desbastados, que me levaram até uma pequena elevação, coroada por um casebre feito de restos e meio demolido.

Deve estar lá, pensei, o observatório foi bem escolhido. Rastejei até perto da construção. Um breve ruído me confirmou a sua presença e, realmente, por uma abertura, o vi de costas.

Em dois pulos estava em cima dele. Tentou me apontar o revólver que tinha na mão, mas não lhe dei tempo e o derrubei por terra, de modo que seus braços ficaram debaixo dele, torcidos, e eu pesando com meu joelho no seu peito.

— Escuta, pequeno — disse-lhe ao ouvido —, sou Arsène Lupin. Vais me entregar em seguida, e de boa vontade, a minha carteira e a sacola da dama... mediante isto: te tiro das garras da polícia e te emprego entre meus amigos. Uma palavra apenas: sim ou não?

— Sim — murmurou.

— Tanto melhor. Esta manhã o teu golpe foi muito bem dado. Nós nos entenderemos.

Eu me levantei. Mexeu no bolso, tirou dele uma faca comprida e quis me ferir.

— Imbecil! — bradei.

Com uma mão desviei o ataque e, com a outra, lhe dei um golpe violento na artéria carótida externa, o que se chama o “*hook* na carótida”. Caiu, desancado.

Na minha carteira, reencontrei meus papéis e minhas cédulas. Por curiosidade, olhei a dele. Num envelope a ele endereçado, li seu nome: Pierre Onfrey.

Sobressaltei-me. Pierre Onfrey, o assassino da rua Lafontaine, em Auteuil! Pierre Onfrey, o que estrangulara a sra. Delbois e suas duas filhas. Eu me inclinei sobre ele. Sim, era este rosto que, no trem, tinha despertado em mim a lembrança de traços já contemplados.

Mas o tempo se passava. Coloquei num envelope duas notas de cem francos, um cartão e estas palavras:

Arsène Lupin a seus bons colegas Honoré Massol e Gaston Delivet, em sinal de reconhecimento.

Pus isso em evidência no meio do cômodo e, ao lado, a sacola da sra. Renaud. Poderia não devolvê-la à excelente amiga que me tinha socorrido?

Confesso, porém, que retirei tudo o que apresentava algum interesse, não deixando nela senão um pente de tartaruga e um porta-moedas vazio. Que diabo! Negócio é negócio. E depois, realmente, seu marido exercia uma função tão pouco honrosa!...

Sobrava o homem. Começava a se mexer. Que decidir? Não tinha qualidade nem para salvá-lo nem para condená-lo.

Tirei-lhe as armas e dei um tiro para o ar.

Os dois outros vão vir, pensei, que ele se destrince. As coisas se consumarão no sentido do seu destino.

E me afastei com rapidez pelo caminho da clareira.

Vinte minutos mais tarde, uma estrada transversal, que eu tinha notado na nossa perseguição, conduziu-me a meu automóvel.

Às quatro horas, telegrafava a meus amigos de Ruão que um incidente imprevisto me constrangia a adiar minha visita. Entre nós, receio muito, diante do que devem saber agora, ser obrigado a adiá-la indefinidamente. Amarga desilusão para eles!

Às seis horas, voltava a Paris pela Isle-Adam, Enghien e a porta Bineau.

Os jornais da tarde me informaram que se havia, enfim, conseguido prender Pierre Onfrey.

No dia seguinte — não menosprezemos as vantagens de uma propaganda inteligente — o *Écho de France* publicava este tópico sensacional:

Ontem, nos arredores de Buchy, depois de numerosos incidentes, Arsène Lupin realizou a prisão de Pierre Onfrey. O assassino da rua Lafontaine acabava de furtar, na linha de Paris ao Havre, a sra. Renaud, esposa do subdiretor dos serviços penitenciários. Arsène Lupin restituiu à sra. Renaud a sacola que continha as suas joias, e recompensou generosamente os dois agentes da Sûreté que o tinham ajudado no curso dessa dramática prisão.

NOTA

3 Ou seja, por recusa de comparecer à justiça por ato criminal. (N. do T.)

V

O COLAR DA RAINHA

Duas ou três vezes por ano, em solenidades importantes, como os bailes da embaixada da Áustria ou as noitadas de lady Billing-stone, a condessa de Dreux-Soubise punha sobre seus brancos ombros o “Colar da Rainha”.

Era de fato o famoso colar, o colar lendário que Bohmer e Bassenge, joalheiros da coroa, destinavam à Du Barry, que o cardeal de Rohan-Soubise julgou oferecer a Maria Antonieta, rainha da França, e que a aventureira Jeanne de Valois, condessa de la Motte, desmanchou numa noite de fevereiro de 1785, com a ajuda de seu marido e do cúmplice de ambos, Rétaux de Villette.

Para falar a verdade, só a armação era autêntica. Rétaux de la Villette a conservara, enquanto o senhor de la Motte e sua mulher dispersavam aos quatro ventos as pedras brutalmente desengastadas, as admiráveis pedras tão cuidadosamente escolhidas por Bohmer. Mais tarde, na Itália, vendeu a armação a Gaston de Dreux-Soubise, sobrinho e herdeiro do cardeal, salvo por ele da ruína quando da ressonante falência de Rohan-Guéménée. Gaston, em memória do tio, comprou os poucos diamantes que sobravam, na posse do joalheiro inglês Jefferys, completou-os com outros de valor bem menor, mas da mesma dimensão, e chegou a reconstituir o maravilhoso colar, tal como tinha saído das mãos de Bohmer e Bassenge.

Dessa joia histórica, durante mais de um século, os Dreux-Soubise se orgulharam. Embora circunstâncias diversas tivessem diminuído consideravelmente sua fortuna, preferiam baixar o nível de vida em casa do que vender a monárquica e preciosa relíquia. Em particular o conde atual atinha-se a ela como outros se atêm à casa paterna. Por cautela, tinha alugado

um cofre no Crédit Lyonnais para depositá-la. Ia ele mesmo buscá-la na tarde do dia em que sua mulher queria usá-la, e a levava ele mesmo no dia seguinte.

Naquela noite, na recepção do Palácio de Castela — a aventura remonta ao início do século —, a condessa fez um verdadeiro sucesso e o rei Christian, em honra de quem a festa era dada, comentou sua beleza esplêndida. As pedrarias radiavam em torno do gracioso pescoço. As mil facetas dos diamantes brilhavam e cintilavam como labaredas à claridade das luzes. Nenhuma mulher além dela, parecia, teria podido levar com tanta naturalidade e nobreza o peso de um tal adorno.

Foi um triunfo duplo, que o conde de Dreux saboreou profundamente, e de que se congratulava quando entraram no quarto de sua velha mansão do bairro Saint-Germain. Estava orgulhoso de sua mulher e, igualmente talvez, da joia que ilustrava sua casa há quatro gerações. A mulher extraía dela uma vaidade um tanto pueril, mas que era bem típica do seu caráter altivo.

Não sem pesar, tirou o colar e o entregou ao marido, que o examinou com admiração, como se não o conhecesse. Depois, colocando-o no estojo de couro vermelho com as armas do cardeal, passou a um gabinete contíguo, antes uma espécie de alcova, que tinham isolado completamente do quarto e cuja única entrada era ao pé do leito deles. Como das outras vezes, escondeu o estojo numa tábua bem alta, entre caixas de chapéu e pilhas de roupa branca. Fechou a porta e foi se despir.

De manhã, levantou-se pelas nove horas, com a intenção de ir, antes do almoço, ao Crédit Lyonnais. Vestiu-se, bebeu uma xícara de café e foi às cavaliarias. Deu suas ordens. Um dos cavalos o preocupava, e o fez andar e trotar diante de si no jardim. Em seguida veio reunir-se à mulher.

Ela não tinha ainda deixado o quarto e se penteava, com o auxílio da empregada. Disse-lhe:

— Vai sair?

— Sim... para levar o colar.

— Ah! De fato... é mais seguro...

Entrou no gabinete. Mas, ao fim de uns segundos perguntou, sem a menor surpresa aliás:

— Você o pegou, querida?

Ela replicou:

— Como? Mas não, não peguei nada.

— Tirou do lugar.

— De modo nenhum... Nem mesmo abri esta porta.

Ele surgiu, descomposto, e balbuciou numa voz que mal se ouvia:

— Não tirou?... Não foi você?... Então...

Ela correu e procuraram febrilmente, atirando ao solo as caixas de papelão e desfazendo os montes de roupa branca. O conde repetia:

— Inútil... tudo o que fazemos é inútil... Foi aí, nesta tábua, que o coloquei.

— Você pode ter-se enganado.

— Foi aí, nesta tábua, e não noutra parte.

Acenderam uma vela, pois a peça era bastante escura e tiraram toda a roupa e todos os objetos que a enchiam. Quando não havia mais nada no gabinete, tiveram de se confessar com desespero que o famoso colar, o “Colar da Rainha”, tinha sumido.

De natureza resoluta, a condessa, sem perder tempo em vãs lamentações, mandou avisar o comissário, sr. Valorbe, de que tinham tido já a ocasião de apreciar o espírito sagaz e a clarividência. Puseram-no a par da situação em detalhes e ele perguntou:

— Está seguro, senhor conde, de que ninguém pode atravessar o seu quarto de noite?

— Absolutamente seguro. Tenho o sono muito leve. Melhor ainda: a porta deste quarto está fechada com o ferrolho. Tive de tirá-lo esta manhã quando minha mulher chamou a empregada.

— E não existe outra passagem permita entrar no gabinete?

— Nenhuma.

— Nada de janela?

— Sim, mas inutilizada.

— Desejaria ver de que modo...

Acenderam velas e em seguida o sr. Valorbe fez notar que a janela não estava inutilizada senão até meia altura por um baú que, além disso, não estava bem encostado na janela.

— Está encostado suficientemente — replicou o sr. de Dreux — para que seja impossível deslocá-lo sem fazer muito barulho.

— E para o que dá esta janela?

— A um patiozinho interno.

— E tem ainda um andar acima deste?

— Dois, mas ao nível do andar dos domésticos, o patiozinho está protegido por uma grade de ferro de furos estreitos. É por isso que temos pouca luz.

Ademais, quando se afastou o baú, se constatou que a janela estava fechada, o que não ocorreria se alguém tivesse entrado de fora.

— A menos — disse o conde — que esse alguém não tenha saído pelo nosso quarto.

— Caso em que o senhor não teria encontrado o ferrolho do quarto corrido.

O comissário refletiu um instante e se virou para a condessa:

— Entre suas relações, senhora, sabia-se que usaria esse colar ontem à noite?

— Certamente, não o ocultei. Mas ninguém sabia que o fechávamos neste gabinete.

— Ninguém?

— Ninguém... A menos que...

— Peço-lhe, senhora, seja precisa. Esse é um ponto dos mais importantes.

Ela disse ao marido:

— Pensava em Henriette.

— Henriette? Ela ignora esse pormenor tanto quanto os demais.

— Tens certeza?

— Quem é essa dama? — inquiriu Valorbe.

— Uma amiga do colégio de freiras, que brigou com a família para casar com uma espécie de operário. Quando seu marido faleceu, a recolhi com o seu filho e lhes dispus um apartamento nesta mansão.

E acrescentou com embaraço:

— Ela me presta alguns serviços. É muito destra manualmente.

— Em que andar mora?

— No nosso, não longe por sinal... no fim deste corredor. E até, estou pensando... a janela da sua cozinha...

— Abre sobre este pátio, não é?

— Sim, bem em frente à nossa.

Um silêncio seguiu-se a essa declaração. Em seguida Valorbe pediu que o levassem a Henriette.

Ela estava costurando, enquanto o filho Raoul, um garoto de seis a sete anos, lia a seu lado. Bem surpreendido de ver o miserável apartamento que haviam mobiliado para ela, e que se compunha no todo de uma peça sem lareira e de um reduto servindo de cozinha, o comissário a interrogou. Pareceu transtornada ao saber do roubo cometido. Na véspera, à noite, ela própria tinha vestido a condessa e lhe prendido o colar em volta do pescoço.

— Meu Deus! — bradou. — Nunca acreditaria.

— E não tem nenhuma ideia, nenhuma desconfiança? É possível que o culpado tenha passado pelo seu quarto.

Riu à vontade, sem sequer imaginar que pudesse ser alvo de alguma suspeita.

— Mas nem saí do meu quarto! Não saio nunca. E depois, o senhor não viu?

Abriu a janela do reduto.

— Repare, há pelo menos três metros até a borda oposta.

— Quem lhe disse que encaramos a hipótese de um roubo realizado por aí?

— Mas... o colar não estava no gabinete?

— Como sabe?

— Oh, sempre soube que o punham ali de noite... falaram na minha frente...

Seu rosto, ainda jovem, mas que os dissabores tinham descolorido, mostrava uma grande doçura e resignação. No entanto teve de súbito, no silêncio, uma expressão de angústia, como se um perigo a tivesse ameaçado. Puxou seu filho contra si e a criança lhe pegou na mão e beijou ternamente.

— Não imagino — disse o sr. de Dreux ao comissário quando ficaram sozinhos — que suspeite dela. Respondo por ela. É a honestidade em pessoa.

— Oh, sou inteiramente de sua opinião — afirmou o sr. Valorbe. — O máximo que pensei foi numa cumplicidade inconsciente. Mas reconheço que essa explicação deve ser abandonada, ainda mais que não resolve em nada o problema que enfrentamos.

O comissário não levou adiante o inquérito, que o juiz de instrução retomou e completou nos dias seguintes. Interrogaram-se os criados, verificou-se o estado do ferrolho, fizeram-se experiências em fechar e abrir a janela do gabinete, explorou-se o patiozinho de alto a baixo... Tudo em vão. O ferrolho estava intacto. A janela não podia ser aberta nem fechada por fora.

As buscas visaram especialmente Henriette pois, apesar de tudo, retomava-se sempre a esse lado. Devassaram minuciosamente sua vida, verificando que, há três anos, só saíra quatro vezes da mansão, e as quatro vezes para diligências que se puderam determinar. Na realidade, servia de aia e de costureira para a sra. de Dreux, que se mostrava em relação a ela de uma exigência que todos os domésticos, confidencialmente, testemunharam.

— Ademais — dizia o juiz de instrução que, ao fim de uma semana, chegara às mesmas conclusões que o comissário —, admitindo que cheguemos a conhecer o culpado, e estamos longe disso, não saberíamos mais sobre o modo como o roubo foi cometido. Estamos barrados à direita e à esquerda por dois obstáculos: uma porta e uma janela fechadas. O mistério é duplo! Como puderam se introduzir e como, o que é bem mais difícil, puderam escapar deixando atrás de si uma porta aferrolhada e uma janela fechada?

No fim de quatro meses de investigações, a ideia secreta do juiz era esta: o sr. e a sra. de Dreux, premidos por questões de dinheiro, tinham vendido o Colar da Rainha. Arquivou o caso.

O furto da preciosa joia foi para os Dreux-Soubise um golpe de que guardaram muito tempo a marca. O crédito deles, deixando de ser apoiado pela espécie de reserva que constituía um tal tesouro, os pôs ante credores mais rigorosos e financiadores menos módicos. Tiveram de lançar mão do capital, alienar, hipotecar e, em suma, teria sido a ruína se duas consideráveis heranças de parentes afastados não os tivessem salvo.

Sofreram também no amor-próprio, como se houvessem perdido um título de nobreza. E, coisa fora do normal, foi contra sua velha amiga de pensionato que a condessa se voltou. Sentia em relação a ela verdadeiro rancor e a acusava abertamente. Primeiro a relegaram ao andar dos criados, logo a despediram de um dia para o outro.

E a vida passou, sem acontecimentos incomuns. Viajavam muito.

Apenas um fato deve ser destacado durante esse período. Meses depois da partida de Henriette, a condessa recebeu uma carta sua que a encheu de surpresa:

Senhora,

Não sei como lhe agradecer... Porque foi a senhora, não?, que me enviou isso. Não podia ser outra pessoa, pois ninguém conhece o meu retiro no fundo desta vilazinha. Se me engano, desculpe-me e receba ao menos a expressão do meu reconhecimento por suas bondades passadas...

Que queria dizer? As bondades presentes ou passadas da condessa para ela se reduziam a muitas injustiças. Que significavam esses agradecimentos?

Forçada a se explicar, respondeu que recebera pelo correio, num envelope não registrado nem com valor declarado, duas notas de mil francos. Anexava o envelope à resposta: estava carimbado de Paris e trazia apenas o seu endereço, escrito numa letra visivelmente disfarçada.

De onde provinham esses dois mil francos? Quem os tinha mandado? A justiça procurou se informar, mas que pista poderia seguir nessas trevas?

O mesmo fato se repetiu doze meses depois. E uma terceira vez; e uma quarta; e cada ano, durante seis anos, com a diferença de que no quinto e no sexto a cifra duplicou, o que permitiu a Henriette, que contraíra uma enfermidade, tratar-se adequadamente.

Ainda uma diferença: tendo a administração do correio interceptado uma das cartas sob o pretexto de não ter valor declarado, as duas últimas cartas foram enviadas segundo o regulamento, a primeira datada de Saint-Germain, a outra de Suresnes. O remetente assinou de início Anquety, depois Péchard. Os endereços que deu eram falsos.

No fim de seis anos, Henriette morreu e o enigma permaneceu intacto.

Todas essas ocorrências são conhecidas pelo público. O caso foi dos que apaixonaram a opinião pública. Era um destino estranho o daquele colar que, depois de ter sacudido a França no fim do século XVIII, desencadeava ainda tanta emoção cento e vinte anos depois, mas o que vou dizer todos ignoram,

fora os principais interessados e algumas pessoas a quem o conde pediu sigilo absoluto. Como é provável que um dia ou outro faltem à sua promessa não tenho, por mim, nenhum escrúpulo em rasgar o véu e se saberá assim, além da chave do enigma, o motivo da carta publicada pelos jornais anteontem de manhã, carta extraordinária que acrescia ainda, se possível, um pouco de sombra e mistério às obscuridades desse drama.

Ocorreu há cinco dias. Entre os convidados que almoçavam na casa do sr. de Dreux-Soubise, achavam-se suas duas sobrinhas e sua prima e, de homens, o presidente d'Essaville, o deputado Bochas, o cavaleiro Floriani, que o conde conhecera na Sicília, e o general marquês de Rouzières, um velho camarada de suas relações.

Depois da refeição, as damas serviram o café e os homens tiveram permissão para um cigarro, com a condição de ficarem no salão. Palestrava-se. Uma das moças se distraiu em tirar a sorte pelas cartas. A seguir se falou em crimes célebres. E a esse propósito o sr. de Rouzières, que não perdia ocasião de implicar com o conde, lembrou a aventura do colar, assunto a que o sr. de Dreux tinha horror.

Cada um emitiu seu parecer, reiniciando a instrução a seu modo. E, naturalmente, as hipóteses se contradiziam e eram igualmente inadmissíveis.

— E o senhor — perguntou a condessa ao cavaleiro Floriani. — Qual a sua opinião?

— Oh! Não tenho opinião, senhora.

Reclamaram. O cavaleiro justamente acabava de contar com brilho diversas aventuras em que tinha tomado parte com seu pai, magistrado em Palermo, onde se tinham fortalecidos seu juízo e gosto por essas questões.

— Confesso — disse — que me aconteceu ter êxito em casos a que os mais hábeis renunciaram. Mas daí a me considerar um Sherlock Holmes... Ademais sei pouco do que aqui se trata.

Voltaram-se para o dono da casa. A contragosto, teve de resumir os fatos. O cavaleiro escutou, refletiu, fez algumas perguntas e murmurou:

— Engraçado, à primeira vista não me parece que a coisa seja tão difícil de adivinhar.

O conde alçou os ombros, mas os outros se comprimiram em torno do cavaleiro e ele continuou num tom um tanto dogmático:

— Em geral, para chegar ao autor de um crime ou de um roubo, é preciso determinar como esse crime ou roubo foram cometidos. No caso atual nada mais simples, a meu ver, pois nos achamos diante não de diversas hipóteses, mas de uma certeza, única, rigorosa, a saber: o indivíduo só podia entrar pela porta do quarto ou pela janela do gabinete. Ora, não se abre por fora uma porta aferrolhada. Portanto entrou pela janela.

— Estava fechada e foi encontrada fechada declarou o sr. de Dreux.

— Para isso — continuou Floriani, sem se deter na interrupção —, não precisou mais que estabelecer uma ponte, prancha ou escada, entre o balcão da cozinha e a borda da janela e já que o estojo...

— Mas lhe repito que a janela estava fechada — bradou o conde impaciente.

Dessa vez Floriani teve de responder. E o fez com grande calma, como alguém que uma objeção insignificante não perturba.

— Acredito que estivesse, mas não possuía um postigo?

— Como sabe?

— Primeiro por ser quase uma regra nas mansões construídas na época desta, e em seguida porque deve ser assim, já que de outra maneira o roubo seria inexplicável.

— Com efeito, existe um, mas fechado, como a janela. Nem atentaram para ele.

— Foi um erro. Pois se tivessem atentado, teriam visto claramente que tinha sido aberto.

— E como?

— Suponho que, igual aos outros, esse postigo se abra por meio de um fio de ferro trançado, munido de um anel na ponta inferior?

— Sim.

— E esse anel pendia entre a janela e o baú?

— Sim, mas não compreendo...

— Veja. Por uma fenda feita na vidraça, pode-se, com a ajuda de um instrumento qualquer, digamos uma varinha de ferro provida de um gancho, agarrar o anel, puxar e abrir.

O conde riu:

— Perfeito! Perfeito! Constrói tudo tão naturalmente! Mas esquece uma coisa, meu caro, é que não existe fenda feita na vidraça.

— Deve haver uma fenda.

— Ora, teríamos visto.

— Para ver é preciso olhar, e não olharam. A fenda existe, é materialmente impossível que não exista, ao longo da vidraça contra o caixilho, no sentido vertical.

O conde se levantou. Parecia superexcitado. Andou de um lado a outro nervosamente e, se acercando a Floriani:

— Nada mudou lá em cima desde aquele dia... Ninguém pôs os pés no gabinete.

— Nesse caso, senhor, poderá confirmar que a minha explicação concorda com a realidade.

— Não concorda com nenhum dos fatos que a justiça constatou. Não viu nada, não sabe nada e vai de encontro a tudo o que vimos e sabemos.

Floriani não pareceu notar a irritação do conde e disse sorrindo:

— Meu Deus, estou buscando ver claro, apenas isso. Se me engano, demonstre o meu erro.

— Sem demora... Confesso que com o tempo sua segurança...

O sr. Dreux mastigou ainda umas palavras; de repente foi até a porta e saiu.

Nenhuma palavra foi dita. Esperava-se ansiosamente, como se, de fato, uma parcela da verdade fosse reaparecer. O silêncio adquiriu extrema gravidade.

Por fim o conde surgiu no umbral da porta. Estava pálido e agitado. Disse aos amigos, com voz trêmula:

— Peço-lhes perdão... as revelações do senhor foram tão imprevistas... nunca teria pensado...

Sua mulher lhe perguntou avidamente:

— Fala, te peço. Que há?

Balbuciou:

— A fenda existe. No próprio lugar indicado, ao longo do caixilho...

Pegou bruscamente no braço do cavaleiro e lhe disse em tom imperioso:

— Agora, continue. Reconheço que tinha razão até aqui, mas não acabou. Diga o que ocorreu, a seu ver.

Floriani se livrou delicadamente e, depois de um instante:

— Bem, segundo penso, eis o que se passou. O indivíduo, sabendo que a sra. de Dreux ia ao baile com o colar, colocou sua passarela durante a ausência dos dois. Pela janela espreitou e viu-o esconder a joia. Quando o senhor saiu, cortou o vidro e puxou o anel.

— Que seja, mas a distância é demasiado grande para que pudesse, pelo postigo, alcançar o fecho da janela.

— Se não pôde abri-la, foi porque entrou pelo próprio postigo.

— Impossível, não há homem tão delgado que possa penetrar por ali.

— Então não foi um homem.

— Como!

— Sem dúvida. Se a passagem é muito estreita para um homem, forçosamente foi uma criança.

— Uma criança!

— Não me disse que a sua amiga Henriette tinha um filho?

— De fato... um menino que se chamava Raoul.

— É infinitamente provável que tenha sido Raoul quem cometeu o roubo.

— Que prova apresenta?

— Que prova?... Provas não faltam. Por exemplo...

Calou-se e refletiu alguns segundos. Prosseguiu:

— Por exemplo, essa passarela; não é de crer que a criança a tenha trazido e levado sem ter sido notada. Deve ter empregado o que estava à sua disposição. No reduto em que Henriette cozinhava, havia, não é?, tábuas presas na parede para colocar as panelas.

— Duas, tanto quanto me lembro.

— Seria preciso verificar se essas pranchas estão de fato presas nos apoios de madeira que as sustentam. Caso contrário, estaríamos autorizados a pensar que o menino as despregou, juntando depois uma à outra. Talvez também, já que havia um fogão, se achasse também o gancho de fogão de que se serviu para abrir o postigo.

Sem dizer palavra o conde saiu e desta vez os assistentes não sentiram nem mesmo a pequena ansiedade do desconhecido que tinham sentido da primeira.

Sabiam, e com convicção, que as previsões de Floriani eram certas. Emanava dele um halo de exatidão tão rigorosa que não era ouvido como se deduzisse fatos uns dos outros, mas como se contasse ocorrências cuja autenticidade era fácil de verificar na hora em que se quisesse.

Ninguém se surpreendeu quando o conde veio declarar:

— Foi o menino, é certo, tudo o prova.

— Viu as panchas... o gancho?

— Vi... as pranchas foram despregadas... o gancho ainda está lá.

A sra. de Dreux-Soubise exclamou:

— Ele... Quer antes dizer que foi sua mãe. Henriette é a única culpada. Deve ter obrigado o filho.

— Não — afirmou o cavaleiro. — A mãe não se meteu em nada.

— Vamos! Moravam no mesmo quarto e o menino não poderia agir contra a vontade dela.

— Moravam no mesmo quarto, mas tudo ocorreu no gabinete contíguo, de noite, enquanto a mãe dormia.

— E o colar? — disse o conde. — Tinha de ser descoberto entre as coisas do menino.

— Perdão, mas ele saía de casa. Na própria manhã em que foi achá-lo em sua mesinha de estudo, voltava da escola; e talvez a justiça, em vez de esgotar seus recursos contra a mãe inocente, estaria mais inspirada investigando a classe do menino e seus livros escolares.

— Que seja, mas esses dois mil francos que Henriette recebia anualmente não é o melhor sinal de sua cumplicidade?

— Sendo cúmplice, teria ela lhes agradecido esse dinheiro? E ademais a vigiavam, enquanto o menino estava livre para correr com facilidade à cidade vizinha, entrar em contato com um revendedor qualquer e lhe passar a preço vil um diamante ou dois, conforme o caso, sob a única condição de que a remessa do dinheiro fosse feita de Paris, mediante o que se recomençaria no ano seguinte.

Um mal-estar indefinível oprimia os Dreux-Soubise e seus convidados. Havia realmente no tom e na postura de Floriani algo mais que aquela certeza que desde o início tinha irritado tanto o conde. Havia uma espécie de ironia, e que soava antes hostil que simpática e amistosa como convinha.

O conde fingiu rir.

— Tudo isso é de um engenho que me arreata! Cumprimentos! Que imaginação!

— Mas não, não — declarou Floriani mais grave. — Não estou imaginando, evoco circunstâncias que foram inevitavelmente as que mostrei.

— Que sabe a respeito?

— O que o senhor mesmo me disse. Imagino a vida da mãe e do menino lá longe, nos confins da província; a mãe que adoece, as astúcias e invenções para vender as pedras e salvar a mãe, ou pelo menos suavizar seus últimos momentos. O mal a leva. Morre. Passam-se anos. O garoto cresce, se torna um homem. E, desta vez admito estar dando liberdade à imaginação, suponhamos que este homem experimente a necessidade de voltar aos lugares em que viveu a infância, que os visite, que encontre os que suspeitaram e acusaram sua mãe... Calcule o interesse pungente de um encontro semelhante na velha casa em que se desenrolaram as peripécias do drama...

Suas palavras vibraram alguns segundos no silêncio inquietante, e no rosto dos donos da casa se lia um esforço louco para compreender, ao mesmo tempo que o medo e a angústia de compreender. O conde murmurou:

— Quem é o senhor?

— Eu? Sou o cavaleiro Floriani, que conheceu em Palermo e já teve a bondade de convidar várias vezes a visitá-lo.

— Então o que significa essa história?

— Oh! Mas nada! É um mero jogo de minha parte. Procuro me figurar a alegria que o filho de Henriette, se ainda existe, teria em lhe dizer que foi o único culpado, e o foi porque sua mãe era infeliz, na iminência de perder o lugar de... criada do qual vivia, e porque o menino sofria vendo sua mãe infeliz.

Exprimia-se com uma emoção contida, semilevantado e inclinado para a condessa. Não podia subsistir nenhuma dúvida. O cavaleiro Floriani era o filho de Henriette. Tudo em sua atitude e em suas palavras o proclamava. Aliás, não era evidente sua intenção, sua deliberação mesmo, de ser assim reconhecido?

O conde hesitou. Que conduta ia ter em relação ao audacioso personagem? Chamar os criados, provocar um escândalo, desmascarar quem o tinha outrora despojado? Mas fazia tanto tempo! E quem desejaria admitir essa história

absurda do menino culpado? Não, era melhor aceitar a situação, fingindo não ter pegado seu sentido real. E o conde, se acercando a Floriani, bradou com jovialidade:

— Bem divertido, bem curioso o seu romance. Juro-lhe que me comove. Mas, de acordo com você, que aconteceu com esse bom rapaz, esse modelo de filho? Espero que não tenha parado, se começou tão bem.

— Oh, por certo não.

— Não é? Depois de uma tal estreia! Pegar o Colar da Rainha aos seis anos, o célebre colar que Maria Antonieta cobiçava!

— E pegá-lo — observou Floriani, prestando-se ao jogo do conde —, sem que lhe custasse o menor contratempo, sem que ninguém tivesse a ideia de examinar o estado das vidraças, ou reparar que a borda da janela estava limpa demais, a borda que ele limpou para apagar os traços de sua passagem na poeira espessa... Convenha que isso era de virar a cabeça de um garoto da sua idade. Então é fácil assim, basta querer e estender a mão?... Palavra que ele quis...

— E estendeu a mão.

— As duas mãos — continuou o cavaleiro, rindo.

Houve um arrepio. Que segredos escondia a vida deste dito Floriani? Que extraordinária devia ser a existência deste aventureiro, ladrão genial aos seis anos, e que hoje, por um requinte de diletante em busca de emoção, ou ao menos para satisfazer um sentimento de rancor, vinha desafiar sua vítima na casa dela, audaciosa, loucamente, e, no entanto, com toda a correção de um homem elegante em visita!

Ergueu-se e aproximou-se da condessa para se despedir. Ela reprimiu um movimento de recuo. Ele sorriu.

— Oh, senhora, tem medo! Terei levado longe demais minha pequena comédia de mágico de salão?

Ela se dominou e respondeu com a mesma desenvoltura caçoísta:

— De modo algum, senhor. A lenda desse bom filho, ao contrário, me interessou muito, e me felicito por meu colar ter dado oportunidade a um destino tão brilhante. Mas não crê que o filho desta... mulher, desta Henriette, obedecesse antes de tudo a uma vocação?

Ele sentiu a estocada e replicou:

— Estou certo disso, e era preciso que essa vocação fosse séria para que o menino não desanimasse.

— Como assim?

— Mas sim, a senhora sabe, a maioria das pedras eram falsas. De verdadeiro só havia alguns diamantes comprados ao joalheiro inglês, os outros tinham sido vendidos um a um, conforme as duras necessidades da vida.

— Sempre era o Colar da Rainha, senhor, disse a condessa com altivez. — E isso me parece o que o filho de Henriette não podia compreender.

— Deve ter compreendido que, falso ou verdadeiro, o colar era antes de tudo um objeto de ostentação, uma insígnia.

O sr. de Dreux fez um gesto, que a mulher captou logo.

— Senhor — disse ela. — Se o homem a quem alude tem o menor pudor...

Interrompeu-se, intimidada pelo olhar calmo de Floriani.

Ele repetiu:

— Se esse homem tiver o menor pudor?...

Sentiu que nada ganharia lhe falando daquele modo e, apesar de si mesma, de sua cólera, de sua indignação vibrante de amor-próprio humilhado, disse-lhe quase polidamente:

— Senhor, pretende a lenda que Rétaux de Villette, quando teve em mãos o Colar da Rainha e desengastou todos os diamantes com Jeane de Valouis, não ousou tocar na armação. Entendeu que os diamantes eram apenas um adorno acessório, que a armação era o essencial, a própria criação do artista, e a respeitou. Julga que esse homem igualmente entendeu isso?

— Não duvido que a armação exista. O menino a respeitou.

— Pois bem, se por acaso encontrar com ele, diga-lhe que conserva injustamente uma dessas relíquias que são o patrimônio e a glória de certas famílias, e que pôde arrancar as pedras sem que o Colar da Rainha deixasse de pertencer à casa de Dreux-Soubise. Pertence-nos como nosso nome, como nossa dignidade.

O cavaleiro respondeu simplesmente:

— Eu lhe direi, senhora.

Inclinou-se diante dela, cumprimentou o conde e, um após outro, todos os assistentes, e saiu.

Quatro dias depois, a sra. de Dreux achava na mesa de seu quarto um estojo vermelho com as armas do Cardeal. Era o Colar da Rainha.

Mas como todas as coisas devem, na vida de um homem preocupado com a unidade e a lógica, concorrer ao mesmo fim, e que um pouco de propaganda não prejudica nunca, no dia seguinte o *Écho de France* publicava estas linhas que causaram sensação:

O Colar da Rainha, a célebre joia outrora subtraída à família de Dreux-Soubise, foi encontrada por Arsène Lupin, que se apressou em devolvê-la a seus legítimos proprietários. Não se pode senão aplaudir essa atenção delicada e cavalheiresca.

V1

O SETE DE COPAS

Uma pergunta se faz e me foi feita muitas vezes: como conheci Arsène Lupin?

Ninguém duvida de que o conheça. Os detalhes que acumulo sobre esse homem desconcertam, os fatos irrefutáveis que exponho, as provas novas que apresento, a interpretação que dou de certos atos de que não vi senão as manifestações exteriores sem penetrar nos motivos secretos nem no mecanismo invisível, tudo isso demonstra bem, não uma intimidade, que a própria existência de Lupin faria impossível, mas ao menos relações amistosas e continuadas confidências.

Mas como o conheci? De onde me veio o privilégio de ser o seu narrador? Por que eu e não outro?

A resposta é fácil: só o acaso presidiu uma escolha em que meu mérito não entra para nada. Foi o acaso que me pôs em seu rastro. Por acaso me meti numa de suas mais estranhas e misteriosas aventuras, por acaso enfim fui ator num drama de que ele foi o maravilhoso diretor, drama obscuro e complexo, erichado de tais peripécias que experimento algum embaraço no instante em que me decido a contá-la.

O primeiro ato se passa durante aquela famosa noite de 22 para 23 de junho, de que tanto se falou. De minha parte, digamos logo, atribuo a conduta bastante anormal que tive na ocasião ao estado de espírito muito particular em que me achava ao voltar para casa. Tínhamos jantado entre amigos no restaurante da Cascade e, toda a noite, enquanto fumávamos e a orquestra zíngara tocava valsas melancólicas, tínhamos falado apenas de crimes e roubos, intrigas assustadoras e tenebrosas. Eis aí sempre uma má introdução ao sono.

Os Saint-Martin se foram de automóvel. Jean Daspry — esse cativante e descuidado Daspry que, seis meses depois, se faria matar de modo tão trágico na fronteira do Marrocos — e eu voltamos a pé pela noite escura e quente. Ao chegarmos diante da casa em que eu morava havia um ano, em Neuilly, na avenida Maillot, ele me disse:

— Nunca tem medo?

— Que ideia!

— Puxa, esta tua casa é tão isolada! Sem vizinhos, com terrenos baldios... Te juro, não sou medroso, e no entanto...

— Você está brincando, não é?

— Oh, digo isso como diria outra coisa. Os Saint-Martin me impressionaram com suas histórias de bandidos.

Tendo me apertado a mão, se afastou. Peguei minha chave e abri.

— Ah, bom — murmurei. — Antoine esqueceu de acender uma vela.

E súbito me lembrei: Antoine estava ausente, tinha lhe dado folga.

Imediatamente, a sombra e o silêncio me foram desagradáveis. Subi a meu quarto, às apalpadelas, o mais rápido possível e logo, contrariando o costume, virei a chave e corri o ferrolho. A seguir, acendi a luz.

A chama da vela me devolveu meu sangue-frio. Tive, porém, o cuidado de tirar o meu revólver da bainha, um revólver grande de longo alcance, e o coloquei ao lado da cama. Deitei e, como era a regra para adormecer, peguei, na mesinha de cabeceira, o livro que cada noite me esperava.

Me surpreendi muito. Em vez do corta-papéis com que o tinha marcado na véspera, se achava um envelope, lacrado com cinco pingos de cera vermelha. Vivamente me fixei nele. Trazia como endereço meu nome por extenso, acompanhado da menção: “*Urgente.*”

Uma carta! Uma carta em meu nome! Quem a podia ter posto aqui? Um tanto nervoso, rasguei o envelope e li:

A partir do momento em que abrir esta carta, aconteça o que acontecer, ouça o que ouvir, não se mexa, não faça um gesto, não dê um grito. Senão, está perdido.

Eu também não sou um medroso e, tão bem quanto outro qualquer, sei me manter em face do perigo real, ou sorrir dos perigos quiméricos de que se assusta nossa imaginação. Mas, repito, estava numa situação de espírito anormal, facilmente impressionável, com os nervos à flor da pele. E aliás não haveria em tudo isso algo de perturbador e inexplicável que teria sacudido a alma mais intrépida?

Meus dedos apertavam febrilmente a folha de papel e meus olhos reliam sem cessar as frases ameaçadoras. “Não faça um gesto... não dê um grito... senão, está perdido...” Ah vamos, pensei, é alguma brincadeira, uma farsa imbecil.

Estive a ponto de rir, queria mesmo rir em voz alta. Quem me impedia? Que receio confuso me comprimia a garganta?

Pelo menos soprarei a vela. E não pude soprar. “Nem um gesto ou está perdido”, tinham escrito.

Mas para que lutar contra essas autossugestões, não raro mais imperiosas que fatos definidos? Tinha apenas de fechar os olhos. Fechei-os.

No mesmo instante, um leve ruído passou no silêncio, logo estalidos. Provinham, me pareceu, de uma espaçosa sala ao lado, em que instalara meu gabinete de trabalho e de que apenas o vestíbulo me separava.

A aproximação de um perigo real me agitou e tive a sensação de que ia me levantar, pegar o revólver, correr à sala. Não me levantei e à minha frente uma das cortinas da janela da esquerda se mexeu.

A dúvida não era possível: tinha se mexido. Mexia-se ainda! E vi — oh, vi isso distintamente — que havia entre a cortina e a janela, nesse espaço tão estreito, uma forma humana cuja espessura impedia a fazenda de cair direito.

E o ser também me via, era certo que me via pela malha larga da fazenda. Então compreendi tudo. Enquanto os outros levavam o que pilhavam, sua tarefa consistia em me manter quieto. Levantar-me? Pegar o revólver? Impossível... Ele estava ali! Ao menor gesto, ao menor grito, eu estaria perdido.

Uma batida violenta sacudiu a casa, seguida de pequenas batidas grupadas em duas ou três, como as de um martelo que bate em pontas e salta. Ao menos era o que imaginava, na confusão de meu cérebro. Outros ruídos se entrecruzaram, numa verdadeira barulheira que mostrava que eles não se preocupavam e agiam com toda segurança.

E tinham razão, não me mexia. Menos que covardia, era um aniquilamento, uma total impotência a mover um que fosse de meus membros. Prudência igualmente, pois, enfim, por que lutar? Atrás deste homem, havia dez outros que viriam a um chamado seu? Iria arriscar a vida para salvar alguns tapetes e quinquilharias?

E toda a noite o suplício durou. Suplício intolerável, angústia excessiva. O ruído se interrompera, mas eu *não deixava de esperar* que recomeçasse. E o homem! O homem que me vigiava, de arma à mão! Meu olhar assustado não o abandonava. E meu coração batia, e o suor escorria da minha testa e do meu corpo todo!

E de repente um bem-estar inexprimível me invadiu: um carro de leiteiro, de que conhecia bem a andadura, passou pela avenida, e tive ao mesmo tempo a impressão de que a aurora tentava atravessar as persianas fechadas e um pouco de dia lá fora se misturava à sombra.

E o dia entrou no quarto. E outros carros passaram. E todos os fantasmas da noite se desvaneceram.

Estendi um braço para a mesa, lenta, dissimuladamente. À frente nada se mexeu. Marcava com os olhos a ruga da cortina, o lugar preciso a que tinha de apontar, fiz a conta exata dos movimentos que devia executar e, rapidamente, empunhei o revólver e atirei.

Saltei fora da cama com um grito de libertação e corri para a cortina. A fazenda estava furada, a vidraça também. Quanto ao homem, não tinha conseguido atingi-lo... pela boa razão de que não havia ninguém.

Ninguém! Assim, toda a noite, tinha estado hipnotizado pela dobra de uma cortina! E enquanto isso, malfeitores... Raivosamente, num impulso que nada teria detido, virei a chave na fechadura, abri minha porta, atravessei o vestíbulo abri a outra porta e me arremessei na sala.

Mas um estupor me pregou ao chão, ofegante, atordoadado, mais surpreendido ainda do que com a ausência do homem: não havia desaparecido nada. Todas as coisas que supunha furtadas, móveis, quadros, velhos veludos e sedas, todas estavam no seu lugar!

Espetáculo incompreensível — não acreditava nos meus olhos. E a barulheira, os ruídos de mudança? Dei a volta na peça, inspecionei as paredes,

fiz o inventário de todos os objetos que conhecia tão bem. Não faltava nada. E o que mais me confundia é que também nada revelasse a passagem dos malfeitores, nenhum indício, uma cadeira fora do lugar, a marca de um passo.

Vejamos, eu pensava, agarrando a cabeça com as duas mãos, *não sou no entanto um louco, eu ouvi bem!*

Polegada a polegada, com os processos de investigação mais minuciosos, examinei a sala. Foi em vão. Ou antes... mas podia considerar isso como uma descoberta? Sobre um pequeno tapete persa no soalho, apanhei uma carta de baralho. Um sete de copas, semelhante a todos os sete de copas dos baralhos franceses, mas que me reteve a atenção por um detalhe bem curioso. A ponta de cada uma das sete marcas vermelhas em forma de coração estava furada, num buraquinho redondo e regular que parecia feito com um punção.

Era tudo. Uma carta de baralho e uma carta achada num livro. Fora isso, nada. Seria o suficiente para afirmar que eu não tinha sido o joguete de um sonho?

Durante o resto do dia continuei com minhas buscas no salão. Era um aposento grande, em desproporção com a exiguidade do imóvel, e cuja decoração atestava o estranho gosto de quem o tinha concebido. O soalho era feito de um mosaico de pecinhas coloridas formando grandes desenhos simétricos. O mesmo mosaico recobria as paredes, disposto em painéis: alegorias a Pompeia, composições bizantinas, afrescos da Idade Média. Um Baco cavalgava um tonel. Um imperador, com uma coroa dourada e flores na barba, segurava um gládio na mão direita.

Bem em cima, como num ateliê de pintor, estava a única e ampla janela. Sempre aberta à noite, era provável que os homens tivessem passado por ali, com ajuda de uma escada. Também nisso não havia certeza. Os braços da escada teriam deixado marcas na terra batida do pátio, e não havia marca alguma. A grama do terreno baldio que cercava a casa deveria conter marcas frescas de pisadas, e não continha.

Confesso que não tive a ideia de me dirigir à polícia, tanto os fatos que teria de expor eram inconscientes e absurdos. Iam rir de mim. Mas dois dias depois saía a minha crônica no *Gil Blas*, onde então escrevia. Obcecado por minha aventura, contei-a por extenso.

O artigo não passou despercebido, mas vi bem que raros o tomavam a sério, considerando-o antes uma fantasia que uma história real. Os Saint-Martin acharam graça. Daspry, porém, a que não faltava competência nessas matérias, veio me ver, pediu que lhe explicasse a coisa toda e a estudou, mas sem maior sucesso.

Numa das manhãs seguintes, o sininho do portão soou e Antoine veio me avisar que um senhor queria falar comigo. Não desejara dar o nome. Pedi que subisse.

Era um homem de uns quarenta anos, bem moreno, rosto enérgico, e cujas roupas limpas, mas gastas, mostravam uma preocupação de elegância em contraste com suas maneiras antes vulgares.

Sem preâmbulo, me disse, numa voz rouca com entoação que me confirmaram a situação social do indivíduo:

— Senhor, em viagem, num café, o *Gil Blas* me caiu sob os olhos e li o seu artigo. Me interessou muito.

— Agradeço-lhe.

— E voltei.

— Ah!

— Sim, para lhe falar. Todos os fatos que contou são verazes?

— Em toda linha.

— Não há um único que seja invenção sua?

— Nem um sequer

— Nesse caso, tenho talvez informações a lhe dar.

— Estou ouvindo.

— Não.

— Como, não?

— Antes de falar, preciso verificar se são exatos.

— E para verificar?

— É preciso que eu fique sozinho neste cômodo.

Olhei-o com surpresa.

— Não vejo bem...

— Foi uma ideia que tive ao ler o seu artigo. Alguns detalhes coincidem de modo extraordinário com outra aventura que conheci por acaso. Se me

enganei, é preferível que me cale. E o único modo de saber é eu ficando sozinho...

Que haveria sob tal proposta? Mais tarde me lembrei de que, ao fazê-la, o homem tinha um ar preocupado, uma expressão fisionômica ansiosa. Mas no momento, embora um tanto espantado, nada achei de particularmente anormal no seu pedido. E uma curiosidade daquelas era de estimular um autor.

Respondi:

— Certo. De quanto tempo precisa?

— Oh, três minutos, não mais. Em três minutos, vou falar com o senhor.

Saí do aposento. Embaixo, puxei o relógio. Passou um minuto. Dois... Por que me sentia inquieto? Por que esse instante me parecia mais solene que outros?

Dois minutos e meio... Dois minutos e três quartos... De repente soou um tiro.

Subi a escada rápido e entrei. Um grito de horror me escapou.

No meio da sala o homem jazia, imóvel, deitado sobre o lado esquerdo. Sangue lhe corria da cabeça, em mistura a detritos do cérebro. Perto de sua mão, um revólver ainda fumegava.

Agitou-o uma convulsão, e foi tudo.

Mas, mais ainda que esse horrível espetáculo, algo me chocou, algo que fez com que não chamasse logo por socorro nem me ajoelhasse para ver se o homem ainda respirava. A dois passos dele, no chão, havia um sete de copas!

Apanhei-o. As sete pontas das marcas vermelhas tinham furinhos...

Meia hora depois, o comissário de polícia de Neuilly chegava; e veio o médico legista, e o chefe da Sûreté, sr. Dudouis. Eu não havia tocado no cadáver. Nada deve falsear as primeiras constatações.

Foram breves. Tanto mais breves quanto de início nada se descobriu, ou pouca coisa. Nos bolsos do morto, nenhum documento; em seu terno, nenhum nome; em sua roupa interior, nenhuma inicial. Em suma, nenhum indício capaz de estabelecer sua identidade. E na sala a mesma ordem que antes. Os móveis não tinham sido deslocados, e os objetos conservavam a posição anterior. No entanto, esse homem não tinha vindo à minha casa com o único objetivo de se matar, julgando que meu domicílio convinha mais que

outro ao seu suicídio! Cumpria que um motivo o tivesse determinado a esse ato de desespero, e que esse motivo adviesse de um fato novo, averiguado por ele durante os três minutos que passara sozinho.

Que fato? O que tinha visto ou surpreendido? Que espantoso segredo penetrara? Não se podia sequer fazer uma suposição.

No último momento ocorreu um incidente que nos pareceu de considerável interesse. Quando dois agentes se abaixavam para erguer o cadáver e transportá-lo numa maca, perceberam que a mão esquerda, até o momento fechada numa crispção, se descontraiu e deixou cair um cartão de visitas amassado.

Nele se lia: *Georges Andermatt, Rua de Berri, 37*. Que significava isso? Georges Andermatt era um notável banqueiro parisiense, fundador e presidente do Empório dos Metais, que deu verdadeiro impulso às indústrias metalúrgicas da França. Levava uma grande vida, possuindo carruagem, automóvel, cavalos de corrida. Suas festas eram muito concorridas e a sra. Andermatt era conhecida por sua graça e beleza.

— Seria o nome do morto? — murmurei.

O chefe da Sûreté se inclinou:

— Não é ele. O sr. Andermatt é claro e um pouco grisalho.

— Mas por que esse cartão?

— O senhor tem telefone?

— Sim, no vestíbulo. Se quiser me seguir.

Procurou no catálogo e pediu o 415-21.

— O sr. Andermatt está em casa? Por favor, diga-lhe que o sr. Dudouis lhe pede para vir o mais rápido possível à avenida Maillot, 102. É urgente.

Vinte minutos depois, Andermatt descia do seu automóvel. Expuseram-lhe as razões que reclamavam uma intervenção sua e em seguida o levaram ante o cadáver.

Teve um instante de emoção, que lhe contraiu o rosto, e pronunciou em voz baixa, como contra a vontade:

— Étienne Varin.

— Conhece?

— Não... sim, mas apenas de vista. Seu irmão.

— Tem um irmão?

— Tem, Alfred Varin. Esse irmão há tempos veio me pedir... já não lembro o quê...

— Onde mora?

— Os dois irmãos moravam juntos... creio que na rua de Provence.

— E não tem uma ideia do motivo por que este aqui se matou?

— Nenhuma.

— E esse cartão que ele tinha entre os dedos?... É o seu, com o seu endereço.

— Não entendo isso. Trata-se evidentemente de um acaso que o inquérito há de explicar.

Um acaso de qualquer forma bem curioso, pensei, e senti que todos tínhamos a mesma impressão.

Essa impressão reencontrei nos jornais do dia seguinte e em todos os meus amigos com que conversei sobre o assunto. Entre os enigmas que o complicavam, depois da dupla e tão desconcertante descoberta daquele sete de copas sete vezes furado, depois dos dois acontecimentos igualmente surpreendentes de que minha morada fora palco, esse cartão de visita parecia enfim prometer um pouco de luz. Por ele se chegaria à verdade.

Mas, contrariando as previsões, o sr. Andermatt não forneceu qualquer indicação.

— Disse o que sabia — repisava. — Que querem mais? Sou o primeiro a me admirar que esse cartão tenha sido achado ali, e como todo mundo espero que esse ponto seja esclarecido.

Não foi. O inquérito estabeleceu que os irmãos Varin, provenientes da Suíça, tinham levado, sob diferentes nomes, uma vida bem movimentada, em más companhias, tendo relações com um bando de estrangeiros que a polícia investigava e que se dispersou depois de uma série de roubos, em que só mais tarde se estabeleceu sua participação. No número 24 da rua de Provence, onde os irmãos Varin tinham de fato residido seis anos antes, se ignorava o rumo que depois tinham tomado.

Confesso que, por mim, o assunto parecia tão embrulhado que mal acreditava na possibilidade de uma solução, me esforçando por não pensar nela. Mas Jean Daspry, que via muito nessa época, se apaixonava pelo caso cada dia mais.

Foi ele que me mostrou este tópico de um jornal estrangeiro que toda a imprensa reproduzia e comentava:

Na presença do Imperador e num lugar que será mantido em sigilo até o último minuto, serão feitas as primeiras provas de um submarino que deve revolucionar as condições futuras da guerra naval. Por uma indiscrição, ficamos a par de seu nome: O Sete de Copas.

O *Sete de Copas*? Uma coincidência, ou se devia ligar o nome desse submarino às ocorrências narradas?

De que natureza seria essa ligação? O que se passava aqui poderia se relacionar com o que estava acontecendo lá fora?

— Que é que você sabe? — dizia-me Daspry. — Os efeitos mais distantes provêm às vezes de uma causa única.

Dois dias depois, outra notícia nos chegava:

Afirma-se que os planos do Sete de Copas, o submarino que vai ser provado, foram feitos por engenheiros franceses. Esses engenheiros, havendo solicitado em vão o apoio de seus compatriotas, se teriam dirigido, sem maior sucesso, ao Almirantado inglês. Damos essas notícias com reservas.

Não ousou insistir sobre fatos de natureza delicada e que provocaram, como se recorda, uma emoção tão considerável. No entanto, já que todo perigo de complicação está afastado, cumpre que fale do artigo do *Écho de France*, que teve na hora tanta ressonância e lançou sobre o caso do Sete de Copas, como o chamavam, algumas luzes... confusas.

Ei-lo, tal como saiu, assinado por Salvator:

O CASO DO SETE DE COPAS ERGUIDA UMA PONTA DO VÉU

Seremos breves. Há dez anos, um jovem engenheiro de minas, Louis Lacombe, querendo consagrar seu tempo e dinheiro aos estudos que fazia, demitiu-se do emprego e alugou, na avenida Maillot, 102, uma pequena mansão que um conde italiano havia construído e decorado recentemente.

Por meio de dois indivíduos, os irmãos Varin, de Lausanne, assistindo-o em suas experiências, um como preparador e o outro lhe procurando sócios comanditários, entrou em relações com o sr. Georges Andermatt, que acabava de fundar o Empório dos Metais.

Depois de vários encontros, conseguiu interessá-lo num projeto de submarino em que trabalhava e ficou combinado que, dado o definitivo remate à invenção, o sr. Andermatt usaria sua influência para obter do Ministério da Marinha uma série de provas.

Por dois anos, Louis Lacombe frequentou assiduamente a mansão Andermatt e submeteu ao banqueiro os aperfeiçoamentos que acrescentava a seu projeto, até o dia em que, satisfeito com o seu trabalho, tendo encontrado a fórmula definitiva que procurava, solicitou ao sr. Andermatt que agisse.

Nesse dia, Louis Lacombe jantou em casa dos Andermatt. Saiu pelas onze e meia da noite e desde então não foi mais visto.

Relendo os jornais da época, se vê que a família do jovem apelou à justiça e investigações foram feitas. Mas não se chegou a nenhuma certeza e foi em geral admitido que Louis Lacombe, que passava por um jovem original e imaginoso, tivesse viajado sem avisar ninguém.

Aceitemos essa hipótese... inverossímil. Mas persiste uma pergunta, capital para o país: que aconteceu com os planos do submarino? Louis Lacombe levou-os junto, destruiu-os?

Da séria pesquisa que empreendemos, resulta que tais planos existem. Os irmãos Varin os tinham consigo. Como? Ainda não podemos precisar, assim como não sabemos por que não os venderam antes. Receavam que lhes perguntassem como estavam em sua posse? Em todo caso, esse receio não se manteve e podemos com certeza afirmar que os planos de Louis Lacombe são propriedade de uma potência estrangeira, pois estamos em condição de publicar a correspondência trocada a esse propósito entre os irmãos Varin e o representante dessa potência. Atualmente o Sete de Copas imaginado por Louis Lacombe foi construído por nossos vizinhos.

A realidade responderá às previsões otimistas dos implicados nessa traição? Para esperar que não, possuímos motivos que os fatos, queremos crer, vão confirmar.

E um pós-escrito acrescentava:

Última hora. — Esperávamos com razão. Nossas informações particulares permitem anunciar que as provas do Sete de Copas não foram satisfatórias. É bastante provável que aos planos entregues pelos irmãos Varin faltasse o último documento, levado por Louis Lacombe ao sr. Andermatt na noite do desaparecimento, documento indispensável à compreensão total do projeto, espécie de resumo em que se acham as conclusões definitivas sobre as avaliações e as medidas contidas nos outros países. Sem esse documento, os planos são imperfeitos, do mesmo modo que, sem os planos, o documento é inútil.

Portanto ainda é tempo de agir e retomar o que nos pertence. Para essa difícil tarefa, contamos com o auxílio do sr. Andermatt. Há de se empenhar por esclarecer a inexplicável conduta que adotou desde o início. Dirá não apenas por que não contou o que sabia no momento do suicídio de Étienne Varin, mas também por que nunca revelou o desaparecimento de papéis de que tinha conhecimento. Dirá por que, há seis anos, faz vigiar por agentes pagos os irmãos Varin.

Aguardemos dele não só palavras, mas atos. Senão...

A ameaça era brutal. Mas em que consistia? Que meio de intimidação Salvator, o autor... anônimo do artigo, possuía sobre Andermatt?

Uma nuvem de jornalistas abordou o banqueiro e dez deles exprimiram o desprezo com que respondeu àquele equacionamento dos fatos. O colaborador do *Écho de France*, diante disso, retrucou com estas duas linhas:

Queira ou não, o sr. Andermatt é, desde agora, nosso colaborador na obra que empreendemos.

No dia em que saiu essa réplica, Daspry e eu jantamos juntos. À noite, com os jornais abertos em cima da mesa, discutimos o caso e o examinamos sob todos os ângulos com a irritação que se sente de andar indefinidamente no escuro, topando contra os mesmos obstáculos.

De repente, sem que meu criado me avisasse ou se ouvisse a campainha, a porta se abriu e uma dama entrou, envolta num véu espesso.

Levantei imediatamente e avancei. Ela me disse:

— É o senhor que mora aqui?

— Sim, mas lhe confesso...

— O portão para a avenida não estava fechado — explicou.

— E a porta da entrada?

Não respondeu, e pensei que devia ter feito a volta pela escada de serviço. Conhecia então o caminho?

Houve um silêncio um pouco contrafeito. Olhou para Daspry. A contragosto, o apresentei, como teria feito num salão. Pedi que se sentasse e dissesse o motivo de sua visita.

Tirou o véu e vi que era morena, de rosto regular, e, se não muito bonita, ao menos de um extraordinário encanto, que provinha sobretudo dos olhos, graves e aflitos.

Falou com simplicidade:

— Sou a sra. Andermatt.

— A sra. Andermatt! — sublinhei, cada vez mais assombrado.

Novo silêncio, e ela prosseguiu com voz calma e um ar mais tranquilo:

— Vim a propósito desse caso... que sabem. Pensei que poderia talvez obter dos senhores algumas informações...

— Meu Deus, só sei o que os jornais contam. Por favor, diga em que lhe posso ser útil.

— Não sei... Não sei...

Apenas aí tive a intuição de que sua calma era fingida e que, sob a perfeita segurança, se escondia uma grande perturbação. Calamos, um e outro igualmente embaraçados.

Mas Daspry, que não tinha cessado de observá-la, se acercou e lhe disse:

— Permite, senhora, que lhe faça umas perguntas?

— Ah, sim — exclamou —, desse modo eu falarei.

— Falará... sejam quais forem as perguntas?

— Sejam quais forem.

Ele pensou e disse:

— Conhecia Louis Lacombe?

— Sim, pelo meu marido.

— Quando o viu pela última vez?

— Na noite em que jantou conosco.

— Nada então a fez pensar que não o veria mais?

— Nada. Aludiu a uma viagem à Rússia, mas tão vagamente!

— De modo que esperava revê-lo?

— Dois dias depois, para jantar.

— E como explica esse desaparecimento?

— Não posso explicar.

— E o sr. Andermatt?

— Não sei.

— No entanto...

— Não me pergunte sobre esse ponto.

— O artigo do *Écho de France* parece dizer...

— O que parece dizer é que os irmãos Varin não são alheios a esse desaparecimento.

— É a sua opinião?

— Sim.

— Em que se apoia sua convicção?

— Ao nos deixar, Louis Lacombe levava uma pasta com todos os papéis relativos ao seu projeto. Dois dias depois, houve entre meu marido e um dos irmãos Varin, o que está vivo, um encontro em que meu marido teve a prova de que esses papéis estavam com os dois irmãos.

— E não os denunciou?

— Não.

— Por quê?

— Porque, na pasta, havia outra coisa além dos papéis de Louis Lacombe.

— O quê?

Ela hesitou, à beira de responder; por fim, guardou silêncio. Daspry continuou:

— Essa é a causa por que o seu marido, sem avisar a polícia, fazia vigiar os dois irmãos. Esperava retomar ao mesmo tempo os papéis e essa coisa... comprometedora, graças à qual os dois irmãos exerciam sobre ele uma espécie de chantagem.

— Sobre ele... e sobre mim.

— Ah! Sobre a senhora também?

— Sobre mim principalmente.

Articulou essas três palavras em voz baixa. Daspry a observou, deu uns passos, voltou a ela:

— Escreveu a Louis Lacombe?

— Sem dúvida, dava-se com meu marido...

— Fora das cartas comuns, não escreveu a Lacombe outras? Desculpe a insistência, mas é indispensável que eu saiba toda a verdade. Escreveu outras cartas?

Corando, ela murmurou:

— Sim.

— E são essas cartas que os irmãos Varin tinham?

— Sim.

— O sr. Andermatt sabe?

— Não as viu, mas Alfred Varin lhe pôs a par de sua existência, ameaçando publicá-las se meu marido agisse contra eles. Meu marido teve medo, recuou diante do escândalo.

— Apenas fez o possível para lhes arrancar as cartas.

— O possível... Ao menos é o que suponho, pois, desde esse encontro com Alfred Varin e de algumas palavras violentas em que o comunicou a mim, não houve mais entre nós nenhuma intimidade, nenhuma confiança. Vivemos como dois estranhos.

— Nesse caso, se nada tem a perder, o que receia?

— Apesar da indiferença com que passou a me tratar, sou a que amou, a que poderia ainda amar... oh, estou certa disso! Me amaria de novo — murmurou com ardor — se não tivesse se apoderado dessas malditas cartas...

— Como! Teria conseguido, se os dois irmãos seguiam desafiando-o?

— E até se gabavam, parece, de ter um esconderijo seguro.

— Então?...

— Tenho razões para crer que meu marido descobriu esse esconderijo.

— Vamos, diga! Onde?

— Aqui.

Saltei.

— Aqui?

— Sim, e sempre desconfiei. Louis Lacombe, engenhoso, apaixonado por mecânica, se divertia nas horas vagas em confeccionar cofres e fechaduras. Os irmãos Varin devem ter descoberto, e em seguida utilizado, um desses esconderijos para guardar as cartas... e outras coisas também, sem dúvida.

— Mas não moravam aqui — bradei.

— Até sua chegada, há quatro meses, a casa permanecia desocupada. É, pois, provável que voltassem aqui; além disso devem ter pensado que a sua presença não os perturbaria no dia em que necessitassem retirar seus papéis. Não contavam com meu marido que, na noite de 22 para 23 de junho, forçou o cofre, pegou... o que procurava e deixou seu cartão para mostrar aos dois irmãos que não tinha mais o que temer deles, os papéis tinham se invertido. Dois dias após, advertido pelo artigo do *Gil Blas*, Étienne Varin veio até aqui às pressas, ficou só neste salão, achou o cofre vazio e se matou.

Após um instante, Daspry perguntou:

— É mera suposição, não é? O sr. Andermatt lhe disse alguma coisa?

— Não.

— Sua atitude a seu respeito não se modificou? Não lhe pareceu mais sombrio, preocupado?

— Não.

— E julga que seria assim, se tivesse achado as cartas! A meu ver, não achou. Penso que não foi ele que entrou aqui.

— Quem, então?

— O personagem secreto que conduz esse caso, que lhe manobra os cordões e dirige a um objetivo que mal entrevemos através de tantas complicações, o personagem de que se sente a ação visível e todo-poderosa desde a primeira hora. Foi ele e seus amigos que entraram nessa mansão a 22 de junho, foi ele que descobriu o esconderijo, ele que deixou o cartão do sr. Andermatt, ele que detém a correspondência e as provas da traição dos irmãos Varin.

— Ele, quem? — interrompi, não sem impaciência.

— O colaborador do *Écho de France*, diabo, este Salvator! Não é de gigante evidência? Não é ele quem conta detalhes em seu artigo que só poderia relatar quem estivesse a par dos segredos dos dois irmãos?

— Nesse caso — balbuciou a sra. Andermatt, com medo —, ele está também com as minhas cartas, e é ele que ameaça por sua vez meu marido! Que fazer, meu Deus!

— Escrever-lhe — declarou Daspry com firmeza. — Contar-lhe tudo o que sabe e tudo o que puder lhe informar.

— Que está dizendo?!

— Seu interesse é o mesmo dele. Está fora de dúvida de que age contra o irmão que ainda vive. Não contra o sr. Andermatt busca armas, mas contra Alfred Varin. Ajude-o.

— Como?

— Seu marido tem esse documento que completa e permite utilizar os planos de Louis Lacombe?

— Sim.

— Avise Salvator. Se preciso, trate de lhe achar esse documento. Em suma, corresponda-se com ele. Que é que tem a perder?

O conselho era ousado, perigoso mesmo à primeira vista; mas a sra. Andermatt não tinha praticamente escolha. Além disso, como notara Daspry, o que teria a perder? Se o desconhecido fosse um inimigo, esse passo não agravaria a situação. Se fosse um estranho que perseguisse uma meta privada, não emprestaria a essas cartas senão uma importância secundária.

Fosse quem fosse, havia aí uma ideia e a sra. Andermatt, em sua confusão, se sentiu feliz em agarrar-se a ela. Agradeceu-nos muito e prometeu nos manter informados.

Dois dias após, com efeito, nos mandou este bilhete que recebera em resposta:

As cartas não estavam lá. Mas as terei, esteja tranquila. Penso em tudo. S.

Peguei o papel. Era a letra do bilhete que tinham posto no meu livro de cabeceira na noite de 22 de junho.

Daspry, portanto, tinha razão. Salvator era o grande organizador desse caso.

Em verdade, começamos a discernir certos fulgores entre as trevas que nos cercavam e alguns pontos se aclaravam sob uma luz inesperada. Mas quantos outros permaneciam obscuros, como a descoberta dos dois sete de copas! De minha parte, voltava sempre a esse fato, mais intrigado talvez do que era justo por essas cartas, cujos sete sinais vazados tinham chocado meus olhos em circunstâncias tão perturbadoras. Que papel desempenhavam no drama? Que importância se devia lhes atribuir? Que conclusão tirar do fato de que o submarino construído sobre os planos de Louis Lacombe tinha o nome de *Sete de Copas*?

Daspry se ocupava menos com as duas cartas, entregue inteiramente a outro problema, cuja solução lhe parecia mais urgente; procurava sem cansar o famoso esconderijo.

— Quem sabe — dizia — se não vou encontrar as cartas que Salvator não achou, mesmo sem querer. É pouco crível que os irmãos Varin tenham tirado de um lugar que supunham inacessível a arma de que sabiam o inestimável valor.

E procurava. A grande sala já não tendo segredos para ele, estendeu a pesquisa a todos os outros cômodos da casa. Examinava por dentro e por fora, as pedras e os tijolos das paredes, as ardósias do teto.

Um dia, chegou com uma enxada e uma pá; me deu a pá, ficou com a enxada e, indicando o terreno baldio, disse:

— Vamos.

Segui-o sem entusiasmo. Dividiu o terreno em várias seções que inspecionou sucessivamente. Mas, num canto, no ângulo formado pelos muros de dois proprietários vizinhos, um ajuntamento de cascalhos e seixos, cobertos de espinhos e ervas daninhas, lhe chamou a atenção. Atacou-o.

Tive de ajudá-lo. Por uma hora, em pleno sol, penamos inutilmente. Mas, afastadas as pedras, quando chegamos à terra e a fomos abrindo, logo a enxada de Daspry pôs uns ossos à vista, um resto de esqueleto, em volta do qual se desfiavam ainda trapos de roupa.

Súbito me senti empalidecer. Percebi cravada na terra uma plaquinha de ferro, cortada em forma de retângulo e em que me pareceu distinguir manchas vermelhas. Me abaixei. Era bem isso: a placa tinha as dimensões de uma carta

de baralho, e as manchas vermelhas, de um zarcão semirroído, eram em número de sete e furadas em cada uma das sete extremidades.

— Olhe, Daspry, já não aguento todas essas histórias. Melhor para você, se lhe interessam. Mas eu desisto.

Era a emoção? A fadiga de um trabalho feito sob um sol forte demais? O certo é que saí cambaleando e tive de ir para a cama, onde fiquei 48 horas, ardendo em febre, obcecado por esqueletos que dançavam em volta de mim e se atiravam mutuamente à cabeça corações sanguinolentos.

Daspry me foi fiel. Concedeu-me por dia três ou quatro horas, que passou, é verdade, no salão, a remexer, bater, dar pancadinhas.

— As cartas estão aí, nessa sala — vinha às vezes me dizer —, estão aí. Ponho a mão no fogo.

— Me deixa em paz — respondia horrorizado.

No terceiro dia de manhã, me levantei, bem fraco ainda, mas curado. Um almoço farto me reconfortou. E uma pneumática,⁴ que recebi por volta de cinco horas, contribuiu mais que tudo para o meu completo restabelecimento, tanto minha curiosidade foi, de novo e a despeito de mim mesmo, estimulada.

A carta continha estas palavras:

Senhor,

O drama, cujo primeiro ato se passou na noite de 22 para 23 de junho, chega a seu desenlace. A própria força das coisas exigindo que ponha em presença um do outro os dois principais personagens desse drama, e que essa confrontação aconteça em sua casa, lhe serei infinitamente grato se me emprestar seu domicílio para a noite de hoje. Seria bom que, das nove às onze horas, o seu criado fosse afastado, e preferível que o senhor mesmo tivesse a bondade de deixar o campo livre aos dois adversários. Na noite de 22 para 23 de junho, pôde se dar conta do meu escrúpulo em respeitar tudo o que lhe pertence. De minha parte, julgaria injuriá-lo se duvidasse um instante de sua perfeita discrição em relação a quem se assina. Seu dedicado

Salvator.

Havia na carta um tom de ironia cortês e, no pedido que fazia, uma imaginação tão vivaz que me deleitou. Era de uma cativante desenvoltura e meu correspondente parecia tão certo da minha aquiescência! Por nada do mundo desejaria decepcioná-lo ou responder a sua confiança sem gratidão.

Às oito horas, meu criado, a quem dera uma entrada de teatro, saiu e Daspry chegou. Mostrei-lhe a carta.

— E agora? — perguntou.

— Agora deixo aberto o portão do jardim para que possam entrar.

— E vai sair?

— Nunca na vida!

— Mas se lhe pediram...

— Me pediram discrição. Serei discreto. Mas faço uma furiosa questão de ver o que vai se passar.

Daspry se pôs a rir.

— Palavra que tem razão, e fico também. Creio que não ficaremos entediados.

A campainha o interrompeu.

— Já eles? — murmurou. — Vinte minutos adiantados! Impossível.

Do vestíbulo, puxei a cordinha que abria o portão. Um vulto de mulher atravessou o jardim: a sra. Andermatt.

Parecia transtornada e foi a ofegar que balbuciou:

— Meu marido... vem aí... tem um encontro... devem lhe dar as cartas...

— Como sabe? — disse-lhe.

— Um acaso, por um recado que recebeu durante o jantar.

— Uma pneumática?

— Por telefone. O criado me entregou por engano. Meu marido pegou o recado imediatamente, mas era tarde, eu tinha lido.

— Leu...

— Isto mais ou menos: *“Às nove, esta noite, esteja na avenida Maillot com os documentos relativos ao caso. Em troca, as cartas.”* Depois do jantar, subi a meu quarto e saí.

— Sem que o sr. Andermatt soubesse?

— Sim.

Daspry me olhou.

— Que acha?

— O mesmo que você, que o sr. Andermatt é um dos adversários convocados.

— Por quem e com que fim?

— É precisamente o que iremos saber.

Levei-os ao salão.

Podíamos, justo, ficar os três sob o manto da lareira e nos esconder atrás da tapeçaria de veludo. Aí nos instalamos e a sra. Andermatt se sentou entre nós dois. Pelas fendas da cortina víamos a sala inteira.

Bateram as nove horas. Minutos mais tarde o portão do jardim rangeu nos gonzos.

Não deixava de sentir certa angústia e uma febre nova me excitava. Estava à beira de conhecer a palavra do enigma! A aventura desconcertante, cujas peripécias se sucediam diante de mim havia semanas, ia enfim tomar seu verdadeiro sentido, e sob meus olhos se daria a batalha.

Daspry pegou na mão da sra. Andermatt e murmurou:

— Acima de tudo, nenhum movimento! Seja o que for que ouvir ou ver, permaneça impassível.

Alguém entrou. E reconheci logo, pela grande semelhança com Étienne Varin, seu irmão Alfred. O mesmo andar pesado, o mesmo rosto ocre invadido pela barba.

Tinha o ar preocupado de um homem que costuma temer emboscadas à sua volta, que as fareja e evita. De um golpe de vista percorreu o aposento e tive a impressão de que esta lareira tapada por veludo o desagradara. Deu três passos em direção a nós, mas uma ideia, mais imperiosa sem dúvida, o desviou. Foi à parede, parou diante do veludo rei em mosaico, de barba com flores e gládio chamejante, e o examinou longamente, subindo numa cadeira, seguindo com o dedo o contorno dos ombros e do rosto, apalpando alguns lugares da imagem.

Bruscamente saltou da cadeira e se afastou da parede — ressoaram passos. No umbral surgiu o sr. Andermatt.

O banqueiro deu um grito de surpresa:

— Você! Você! Foi você que me chamou?

— Eu? Absolutamente — protestou Varin com uma voz rouca que lembrava a do irmão. — A sua carta é que me fez vir.

— Minha carta!

— Uma carta com sua assinatura, em que me oferecia...

— Não lhe escrevi.

— Não me escreveu!

Instintivamente Varin se pôs em guarda, não contra o banqueiro, mas contra o inimigo desconhecido que o atraía àquela armadilha. Uma segunda vez, seus olhos viraram para o nosso lado e, rápido, se dirigiu à porta.

Andermatt lhe barrou a passagem.

— Que vai fazer, Varin?

— Por trás disso há planos que não me agradam. Vou embora. Boa noite.

— Um instante!

— Vamos, sr. Andermatt, não insista, não temos nada a nos dizer.

— Temos muito a nos dizer e a ocasião é excelente...

— Me deixe passar.

— Não, não, não passará.

Varin recuou, intimidado pela atitude resoluta do banqueiro, e removeu:

— Então, rápido, falemos e que isto acabe!

Algo me surpreendia e não duvidava que meus companheiros não tivessem a mesma decepção. Como era possível que Salvator não estivesse presente? Em seus projetos pretenderia não intervir, considerando que a mera confrontação do banqueiro e Varin bastasse? Eu estava perturbado. Em sua ausência, este duelo, combinado por ele, desejado por ele, ganhava o aspecto trágico dos acontecimentos que a ordem rigorosa do destino suscita e comanda, e a força que impelia os dois homens um contra o outro causava ainda maior impressão por residir fora deles.

Num instante Andermatt se aproximou de Varin e, bem à sua frente, olhando-o nos olhos, falou:

— Agora que anos transcorreram e não tem mais nada a temer, me responda francamente, Varin. O que fez de Louis Lacombe?

— Que pergunta! Como se eu pudesse saber o que aconteceu a ele!

— Você sabe! Sabe! Seu irmão e você eram ligadíssimos a ele, praticamente viviam em sua casa, nesta mesma em que estamos. Acompanhavam todos os

seus trabalhos, todos os seus projetos. E na última noite, Varin, quando levei Louis Lacombe até a porta, vi dois vultos se ocultando na sombra. Isso estou pronto a jurar.

— Jure, e daí?

— Era o seu irmão e você, Varin.

— Prove.

— A melhor prova é que dois dias depois você mesmo me mostrou os papéis e os planos que tinham tirado da pasta de Lacombe e queriam que eu comprasse. Como esses papéis estariam com vocês?

— Mas eu lhe disse, sr. Andermatt; nós os encontramos na mesa de Lacombe na manhã do dia seguinte ao seu desaparecimento.

— Não é verdade.

— Prove.

— A justiça teria podido provar.

— Por que não se dirigiu a ela?

— Por quê? Ah, por quê!...

Calou-se, com ar sombrio. O outro continuou:

— O senhor vê, se tivesse a menor certeza, não seria a pequena ameaça que lhe fizemos que impediria...

— Que ameaça? As cartas? Será que pensou que acreditei nelas em algum instante?...

— Se não acreditou, por que me ofereceu milhares de francos para reavê-las? E por que, depois, nos perseguiu como animais, a meu irmão e a mim?

— Para retomar os planos que desejava.

— Ora! Era pelas cartas. Uma vez na posse delas, nos denunciaria. Assim que me desfizesse delas!

Deu uma risada que interrompeu secamente.

— Mas chega. Podemos repetir indefinidamente as mesmas palavras sem avançar nada. Portanto, fiquemos por aqui.

— Não ficaremos — disse o banqueiro. — E já que falou das cartas, não sairá daqui antes de entregá-las.

— Sairei.

— Não, não.

— Sr. Andermatt, ouça, lhe aconselho...

— Não sairá.

— É o que veremos — disse Varin num tal ímpeto de raiva que a sra. Andermatt abafou um débil grito.

Deve ter ouvido, pois quis passar à força. Andermatt o empurrou com violência. Então vi que metia a mão no bolso do casaco.

— Pela última vez!

— Primeiro as cartas.

Varin puxou o revólver e apontou ao outro:

— Sim ou não?

O banqueiro se abaixou depressa.

Um tiro detonou. A arma caiu.

Fiquei estupefato. Do meu lado saíra o tiro! Daspry, com a bala de uma pistola, tinha feito saltar a arma de Alfred Varin!

E de pé subitamente entre os dois adversários, virado para Varin, ria:

— Tem sorte, meu amigo, muita sorte. Era a mão que eu visava e foi o revólver que atingi.

Os dois o contemplavam, imóveis e confusos. Ele disse ao banqueiro:

— Desculpe por me meter no que não me diz respeito. Mas realmente faz o seu jogo com muita inabilidade. Me deixe pegar as cartas.

Virando para o outro:

— É entre nós dois, camarada. E sem subterfúgios, te peço. O trunfo é copas, e jogo o sete.

E, a dez centímetros do nariz, lhe exibiu a placa de ferro com os sete pontos vermelhos marcados.

Nunca tinha visto um transtorno semelhante. Lívido, com os olhos arregalados, os traços torcidos de angústia, o homem parecia hipnotizado pela imagem que a ele se oferecia.

— Quem é você? — balbuciou.

— Já disse, um senhor que se mete no que não lhe diz respeito... mas se mete a fundo.

— Que deseja?

— Tudo o que trouxeste.

— Não trouxe nada.

— Trouxeste, sem o que não terias vindo. Recebeste esta manhã um bilhete te chamando aqui às nove horas e te ordenando que trouxesses todos os papéis que tinhas. Ora, estás aqui. Onde estão os papéis?

Havia na voz e na atitude de Daspry uma autoridade que me surpreendia, uma maneira de agir inteiramente nova neste homem antes descuidado e doce no convívio, comum. Domado, Varin apontou um de seus bolsos.

— Os papéis estão aqui.

— Todos?

— Sim.

— Todos os que achaste na pasta de Louis Lacombe e vendeste ao major von Lieben?

— Sim.

— A cópia ou o original?

— O original.

— Quanto queres?

— Cem mil.

Daspry deu uma gargalhada.

— Estás louco. O major não te deu mais que vinte mil. Vinte mil jogados fora, já que as provas não tiveram êxito.

— Não souberam se servir dos planos.

— Estão incompletos.

— Então por que os pede?

— Preciso deles. Te ofereço cinco mil francos. Nem um níquel a mais.

— Dez mil. Nem um níquel a menos.

— De acordo.

Daspry voltou a Andermatt.

— Queira assinar um cheque, senhor.

— Mas... é que eu não tenho...

— Seu talão? Ei-lo.

Pasmado, Andermatt palpou o talão que lhe estendia Daspry.

— E o meu mesmo... Como é possível?

— Nada de palavras inúteis, lhe peço, caro senhor, tem apenas de assinar.

O banqueiro tirou a caneta e assinou. Varin estendeu a mão.

— Abaixa a patinha — disse Daspry —, que ainda não terminou.

E se dirigindo ao banqueiro:

— Falavam também de umas cartas que o senhor exigia?

— Sim, um maço de cartas.

— Onde estão, Varin?

— Não as tenho.

— Onde estão, Varin?

— Ignoro. Meu irmão é que se encarregou disso.

— Estão escondidas aqui, nesta sala.

— Nesse caso, sabe onde estão.

— Como saberia?

— Ora, não foi você que mexeu no esconderijo? Parece tão bem informado... quanto Salvator.

— As cartas não estão no esconderijo.

— Estão.

— Abra-o.

Varin teve um olhar de desconfiança. Daspry e Salvator eram a mesma pessoa, como tudo fazia crer?

Se era assim, nada arriscava mostrando um esconderijo já conhecido. Senão, era inútil...

— Abra — repetiu Daspry.

— Não tenho um sete de copas.

— Tem, este — disse Daspry lhe estendendo a placa de ferro.

Varin recuou aterrado:

— Não... não... não quero...

— Por isso não seja a dúvida.

Daspry foi ao velho monarca de barba florida, subiu numa cadeira e aplicou o sete de copas no início do gládio, contra a defesa, e de modo que as beiradas da placa recobrissem exatamente as duas bordas da espada. Depois, com ajuda de um punção, bateu em cada um dos sete buracos na extremidade dos sete corações e fez pressão sobre sete das pequenas pedras de mosaico. Calcada a sétima, se produziu um deslocamento e todo o busto do rei girou, desvelando uma ampla abertura em forma de cofre, com revestimentos de ferro e duas prateleiras de aço lúcido.

— Estás vendo, Varin, o cofre está vazio.

— De fato... Meu irmão com certeza retirou as cartas.

Daspry veio ao homem e lhe disse:

— Não queiras ser mais sabido que eu. Há outro esconderijo. Onde?

— Não há.

— É dinheiro o que queres? Quanto?

— Dez mil.

— Sr. Andermatt, essas cartas valem para o senhor dez mil francos?

— Sim — disse o banqueiro com voz firme.

Varin fechou o cofre, pegou o sete de copas, não sem uma visível repugnância, aplicou-o no gládio, contra a defesa, bem no mesmo lugar. Bateu o punção na ponta das sete copas e houve um segundo deslocamento, mas desta vez, coisa inesperada, foi apenas uma parte do cofre que girou, exibindo um cofrezinho feito na espessura da porta que fechava o maior.

O maço de cartas estava ali, atado num barbante e lacrado. Varin o deu a Daspry. Este perguntou:

— Está pronto o cheque, sr. Andermatt?

— Sim.

— E está também com o último documento que recebeu de Louis Lacombe e completa os planos do submarino?

— Sim.

Fez-se a troca. Daspry embolsou o documento e o cheque e ofereceu o maço a Andermatt.

— Eis o que o senhor desejava.

O banqueiro hesitou um momento, como se receasse tocar naquelas folhas malditas que buscara com tanta acrimônia. Logo, num gesto nervoso, pegou-as.

A meu lado, ouvi um gemido. Segurei a mão da sra. Andermatt: estava gelada.

Daspry disse ao banqueiro:

— Creio que nossa conversa terminou. Oh, nada de agradecimentos, eu lhe peço. Só a sorte permitiu que lhe pudesse ser útil.

Andermatt retirou-se. Levava as cartas de sua mulher a Louis Lacombe.

— Que maravilha — disse Daspry com um ar encantado —, tudo se resolve pelo melhor. Só nos falta encerrar nosso negócio, camarada. Tens os

papéis?

— Estão todos aqui.

Daspry folheou-os, examinando com atenção, e pôs no bolso.

— Perfeito, mantiveste a palavra.

— Mas...

— Mas o quê?

— Os dois cheques?... O dinheiro?...

— Bom, tens peito, criatura. Ousas reclamar!

— Reclamo o que me é devido.

— Então te devem alguma coisa por papéis que tu roubaste?

O homem parecia fora de si. Tremia de cólera, com os olhos injetados de sangue.

— O dinheiro... os vinte mil... — gaguejava.

— Impossível, tenho em que empregá-los.

— O dinheiro!

— Vamos, sê razoável, e deixa o teu punhal quietinho.

Agarrou-lhe o braço tão brutalmente que o outro uivou de dor; e acrescentou:

— Vai embora, camarada, o ar livre te fará bem. Queres que te acompanhe? Iremos pelo terreno baldio e te mostrarei um monte de cascalho sob o qual...

— Não é verdade! Não é verdade!

— Mas sim, é certo. Esta plaquinha de ferro com sete pontos vermelhos veio de lá. Louis Lacombe não a largava nunca, lembra? Teu irmão e tu a enterraram com o cadáver... e com outras coisas que interessariam demais à justiça. Varin tapou o rosto com as mãos raivosas. Em seguida pronunciou:

— Está bem. Fui passado pra trás. Não falemos mais nisso. Uma palavra ainda, uma apenas, queria saber...

— Estou ouvindo.

— Havia no cofre, no maior dos dois, uma caixinha?

— Sim.

— Quando veio na noite de 22 para 23 de junho, ela estava ali?

— Estava.

— E continha?...

— Tudo o que os irmãos Varin tinham posto nela, uma bonita coleção de joias, diamantes e pérolas, recolhidos em toda parte pelos mencionados irmãos.

— E ficou com ela?

— Claro! Te põe no meu lugar.

— Então... foi ao dar com o sumiço da caixinha que meu irmão se matou?

— Provavelmente. A desapareição da correspondência de vocês com o major von Lieben não teria sido suficiente. Mas a da caixinha... É tudo o que tinhas a me perguntar?

— Isto ainda: o seu nome?

— Dizes isso como se tivesses ideias de vingança.

— Ora! A sorte muda. Hoje é o mais forte. Amanhã...

— Serás tu...

— Conto com isso. Seu nome?

— Arsène Lupin.

— Arsène Lupin!

O homem cambaleou, desancado por uma desgraça imprevista. Dir-se-ia que essas duas palavras lhe tiraram toda esperança. Daspry riu.

— Ah, imaginavas que um sr. Durant ou Dupont teria podido montar toda esta bela situação? Ora, era preciso ao menos um Arsène Lupin. E agora que estás informado, menino, vai preparar tua vingança. Arsène Lupin te espera.

E o empurrou para fora, sem mais palavras.

— Daspry, Daspry! — gritei, dando-lhe ainda, involuntariamente, o nome com que o conhecera.

Afastei a cortina de veludo.

Acorreu.

— Quê? O que houve?

— A sra. Andermatt está mal.

Apressou-se, fê-la respirar saís e, cuidando-a, me perguntou:

— Bem, o que é que houve?

— As cartas — disse-lhe —, as cartas de Louis Lacombe que deste ao seu marido!

Bateu na testa.

— Ela pensou que eu tivesse feito isso... Sim, afinal, podia pensar. Imbecil que fui!

Reanimada, a sra. Andermatt o ouviu avidamente. Tirou de sua carteira um pequeno maço em tudo semelhante ao que levava o sr. Andermatt.

— Estão aqui as suas cartas, as verdadeiras.

— Mas... as outras?

— As outras são estas mesmas, mas recopiadas por mim esta noite e cuidadosamente revisadas. Seu marido ficará tanto mais contente em lê-las quanto não desconfiará da substituição, já que tudo pareceu se passar sob seus olhos.

— A letra...

— Não há letra que não se possa imitar.

Ela lhe agradeceu, com palavras de reconhecimento que teria dirigido a um homem de seu mundo, e vi bem que não ouvira as últimas frases trocadas entre Varin e Arsène Lupin.

Eu o olhava não sem embaraço, não sabendo o que dizer ao amigo que se revelara a uma luz tão inesperada. Lupin! Era Lupin! Meu companheiro de roda não era outro senão Lupin! Não voltava a mim. Mas ele, muito à vontade:

— Pode se despedir de Jean Daspry.

— Ah!

— Sim, Jean Daspry vai viajar. Vou mandá-lo ao Marrocos, onde é muito possível que ache um fim digno de si. Confesso mesmo que é a sua intenção.

— Mas Arsène Lupin ficará conosco?

— Oh! Mais do que nunca. Arsène Lupin está ainda no início de sua carreira e confia no futuro.

Um movimento de irresistível curiosidade me lançou a ele e o levei a alguma distância da sra. Andermatt:

— Acabou então descobrindo o segundo escaninho, em que se achava o maço de cartas?

— Como me deu trabalho! Só consegui ontem à tarde, quando você estava de cama. No entanto, sabe Deus como era fácil! Mas as coisas mais simples são as que pensamos por último.

E me mostrando o sete de copas:

— Tinha descoberto que para abrir o cofre grande, se devia apoiar esta carta contra o gládio do homenzinho de mosaico...

— Como descobriu?

— Fácil. Por minhas informações privadas, sabia, ao vir aqui na noite do dia 22.

— Depois de me ter deixado...

— Sim, e depois de o pôr, com conversas escolhidas, num estado de espírito tal, que um tipo nervoso ou impressionável como você, devia fatalmente me deixar agir à vontade, sem sair da cama.

— O raciocínio era justo.

— Sabia, ao vir aqui, que havia uma caixinha escondida num cofre com fechadura secreta, e que o sete de copas era a chave, a solução dessa fechadura. Não se tratava mais do que aplicar esse sete num lugar que lhe fosse visivelmente reservado. Uma hora de busca me bastou.

— Uma hora!

— Observe o homenzinho de mosaico.

— O velho imperador?

Esse velho imperador é a representação exata do rei de copas de todos os baralhos, Carlos Magno.

— De fato... Mas por que o sete de copas abria tanto o cofre grande como o pequeno? E por que abriu primeiro o cofre grande?

— Por quê? Mas por me obstinar sempre em colocar o meu sete de copas no mesmo sentido. Só ontem me apercebi de que o virando, isto é, pondo o sétimo ponto, o do meio, para cima em vez de para baixo, a disposição dos sete pontos se modificava.

— Ora!

— Ora, por certo, mas era preciso pensar nisso.

— Outra coisa: ignorava a história das cartas antes que a sra. Andermatt...

— Falasse nelas na minha frente?

— Sim. Não achara no cofre, além da caixinha, senão a correspondência dos dois irmãos, correspondência que me pôs no rastro da traição deles.

— Em suma, foi por acaso que conseguiu de início reconstituir a história dos dois irmãos, procurando depois os planos e documentos do submarino?

— Por acaso.

— Com que objetivo os procurou?

Daspry me interrompeu rindo:

— Meu Deus! Como este caso lhe interessa!

— Me apaixonou.

— Bem, logo que tiver levado de volta a sra. Andermatt e enviado ao *Écho de France* uma noticiazinha que vou escrever, regresso e entramos em pormenores.

Sentou-se e escreveu uma de suas lapidares notinhas, com que se divertia sua fantasia. Quem não recorda a ressonância que esta teve no mundo inteiro?

Arsène Lupin resolveu o problema que Salvator colocou recentemente. De posse de todos os documentos e planos originais do engenheiro Louis Lacombe, os fez chegar às mãos do ministro da Marinha. Neste momento abre uma subscrição com o fim de oferecer ao Estado o primeiro submarino construído segundo esses planos.

E ele próprio abre essa subscrição com a soma de vinte mil francos.

— Os vinte mil francos dos cheques do sr. Andermatt? — perguntei, quando me deu o papel a ler.

— Exatamente. É justo que Varin resgate em parte a sua traição.

Foi assim que conheci Arsène Lupin. Assim soube que Jean Daspry, companheiro de roda, relação social, era Arsène Lupin, ladrão cavalheiro. Assim criei laços de amizade muito agradáveis com o nosso grande homem e, pouco a pouco, graças à confiança com que tem querido me honrar, me tornei o seu muito humilde, fiel e reconhecido biógrafo.

NOTA

4 Ou carta pneumática, correspondência escrita em papel fino de dimensões determinadas que, em algumas grandes cidades, o correio expede por meio de ar comprimido. (N. do T.)

VII

O COFRE DA SRA. IMBERT

As três da manhã, havia ainda uma meia dúzia de veículos diante das moradas de pintor que compõem o único lado da avenida Berthier. A porta de uma delas se abriu. Um grupo de convidados, homens e mulheres, saía. Quatro veículos partiram para um lado e outro e só ficaram na avenida dois senhores que se despediram na esquina da rua de Courcelles, onde um deles morava. O outro decidiu voltar a pé até a porta Maillot.

Atravessou a avenida de Villiers e seguiu pela calçada oposta para as fortificações. Na bela noite de inverno, pura e fria, era um prazer andar. Respirava-se bem. O ruído dos passos soava alegre.

Mas ao fim de uns minutos, teve a desagradável impressão de que o seguiam. Virando-se, com efeito, notou a sombra de um homem que deslizava entre as árvores. Não era medroso, porém apressou o passo a fim de chegar mais rápido ao posto de Temes. Mas o homem começou a correr. Bem preocupado, julgou mais prudente enfrentá-lo e puxar o revólver.

Não teve tempo, o homem lançou-se a ele com violência e uma luta se iniciou na avenida deserta, luta corporal em que sentiu logo que levava a pior. Gritou por socorro, se debateu, foi derrubado em cima de umas pedras, com a garganta sendo apertada. Seu adversário lhe meteu um lenço na boca, amordaçando-o. Seus olhos se fecharam, seus ouvidos zuniam, ia perder a consciência, quando de repente o aperto afrouxou e o homem que o sufocava com seu peso se ergueu para se defender, por sua vez, de um ataque imprevisto.

Uma bengalada nos pulsos, um pontapé no tornozelo... O homem soltou dois grunhidos de dor e fugiu capengando e praguejando.

Sem se dignar a persegui-lo, o recém-chegado se inclinou e perguntou:

— Está ferido, senhor?

Não estava, mas sim atordoado e incapaz de se pôr de pé. Felizmente, um dos empregados do posto, atraído pelos gritos, correu. Pediram um carro. Subiu a ele, acompanhado de seu salvador, e foi levado em casa na avenida da Grande-Armée.

Diante da porta, restabelecido, redobrou-se em agradecimentos.

— Devo-lhe a vida, senhor, acredite que não esquecerei. Não desejo assustar minha mulher neste momento, mas faço questão que ela lhe expresse pessoalmente, ainda hoje, minha gratidão.

Pediu que viesse almoçar e informou seu nome, Ludovic Imbert, acrescentando:

— Posso saber a quem tenho a honra?...

— Mas certamente — respondeu o outro. E se apresentou: — Arsène Lupin.

Lupin não gozava ainda da celebridade que lhe valeu o caso Cahorn, sua evasão da Santé e tantas outras rumorosas aventuras. Nem mesmo se chamava Arsène Lupin. Esse nome, a que o futuro reservava tanto brilho, foi especialmente imaginado para designar o salvador do sr. Imbert, e pode-se dizer que foi nesse caso que recebeu seu batismo de fogo. Pronto para a luta, é certo, já com todas as peças funcionando, mas sem recursos, sem a autoridade que dá o sucesso, Arsène Lupin não passava de aprendiz numa profissão em que logo se tornaria um mestre.

Assim, que arrepio de alegria quando ao acordar se lembrou do convite da madrugada! Enfim chegava à meta. Enfim empreendia uma obra digna de suas forças e de seu talento. Os milhões dos Imbert, que presa magnífica para um apetite como o seu.

Preparou-se especialmente: sobrecasaca puída, calça gasta, chapéu de seda tísido, punhos e colarinho propositalmente desfiados, tudo muito limpo, mas cheirando a miséria. Como gravata, um listão negro alfinetado por um diamante de vidro. Trajado assim irrisoriamente, desceu a escada do alojamento que ocupava em Montmartre. No terceiro andar, sem se deter, bateu com o botão da bengala numa porta fechada. Fora, dirigiu-se às avenidas

exteriores. Passava um bonde. Tomou lugar e alguém que caminhava atrás dele, o inquilino do terceiro andar, se sentou a seu lado.

Ao fim de um instante, esse homem lhe disse:

— E então, patrão?

— Bem, está feito.

— Como?

— Almoço lá.

— Almoça lá!

— Não querias, espero, que gastasse gratuitamente dias tão preciosos como os meus? Arranquei o sr. Ludovic Imbert da morte certa que lhe reservavas. O sr. Ludovic Imbert tem uma natureza agradecida. Me convidou para almoçar.

Um silêncio e o outro arriscou:

— E não vai desistir?

— Meu caro — disse Arsène —, se arranjei aquela pequena agressão noturna, se me dei ao trabalho, às três da manhã, ao longo das fortificações, de te dar com a bengala nos braços e com o pé na canela, com o risco de prejudicar o meu único amigo, não é para renunciar agora à vantagem de um salvamento tão bem organizado.

— E as más notícias que correm sobre a fortuna...

— Deixa correrem. Há seis meses persigo esse negócio, seis meses em que me informo, estudo, estendo as minhas redes, interrogo criados, agiotas e testas de ferro, seis meses que vivo à sombra do marido e da mulher.

Portanto, sei ao que me ater. Que a fortuna provenha do velho Brawford, como pretendem, ou de outra fonte, afirmo que ela existe. E já que existe, está para mim.

— Puxa, cem milhões!

— Digamos dez, ou mesmo cinco, não importa! Há grossos maços de títulos no cofre. Será o diabo se, um dia ou outro, não ponho a mão na chave.

O bonde parou na praça da Étoile. O homem murmurou:

— Assim, de momento?

— Por enquanto, nada a fazer. Te avisarei. Temos tempo.

Cinco minutos depois, Arsène Lupin subia a suntuosa escada da mansão Imbert, e Ludovic o apresentou à esposa. Gervaise era uma mulher simpática, pequena, redondinha, conversadeira. Deu a Lupin a melhor acolhida.

— Quis que festejássemos sozinhos o nosso salvador — disse.

E desde o início trataram o “nosso salvador” como um velho amigo. À sobremesa, a intimidade era completa e se faziam confidências. Arsène narrou sua vida; a de seu pai, íntegro magistrado, as tristezas de sua infância, as dificuldades do presente. Gervaise, por sua vez, falou de sua juventude, do casamento, das bondades do velho Brawford, dos cem milhões que herdara, dos obstáculos que atrasavam a entrada no gozo dessa riqueza, dos empréstimos que teve de contrair com taxas exorbitantes, das intermináveis disputas com os sobrinhos de Brawford, e as contestações, os sequestros, tudo enfim!

— Imagine, sr. Lupin, que os títulos estão aí ao lado, no escritório de meu marido, e se destacamos um único cupom, perdemos tudo! Estão aí, no nosso cofre, e não podemos tocar neles.

Um leve frêmito sacudiu o sr. Lupin à ideia dessa proximidade. E teve a sensação bem clara de que o sr. Lupin não possuiria nunca tanta elegância de alma para sentir os mesmos escrúpulos da boa senhora.

— Ah, estão aí! — murmurou, de garganta seca.

— Estão.

Relações tão bem começadas só podiam criar laços estreitos. Delicadamente interrogado, Arsène Lupin confessou sua pobreza, sua angústia. Na hora, o infeliz rapaz foi nomeado secretário particular dos dois cônjuges, recebendo cento e cinquenta francos por mês. Continuaría a morar onde estava, mas viria receber diariamente ordens e tarefas e, para maior comodidade, ficava à sua disposição, como gabinete de trabalho, um dos quartos do segundo andar.

Escolheu um que, por sorte, ficava bem em cima do escritório de Ludovic...

Arsène não demorou a notar que seu cargo de secretário parecia intensamente uma sinecura. Em dois meses, teve apenas quatro cartas insignificantes para copiar e não foi chamado mais que uma vez ao escritório do patrão, o que lhe permitiu contemplar oficialmente o cofre ao menos uma vez. Além disso, observou que o titular dessa sinecura não deveria ser julgado digno de figurar

ao lado do deputado Anquety, ou do chefe de advogados Grouvel, pois se omitiram de convidá-lo às famosas recepções sociais.

Não se queixou, preferindo guardar seu modesto lugarzinho à sombra, e distante se manteve, feliz e livre. Aliás não perdia tempo. Fez algumas visitas clandestinas ao escritório de Ludovic, apresentando seus respeitos ao cofre, que nem por isso deixava de continuar hermeticamente fechado. Era um bloco enorme de ferro fundido e aço, de aspecto rebarbativo e contra o qual não prevaleceriam nem limas, nem verrumas, nem pés de cabra.

Arsène Lupin não era cabeça-dura.

Onde a força falha, a astúcia vence, pensava. O essencial é ter um olho e um ouvido no lugar do objetivo.

Tomou, pois, as medidas necessárias e, depois de minuciosas e cansativas sondagens no soalho do seu quarto, meteu o tubo de chumbo, que ia dar no forro do escritório, entre duas molduras da cornija. Pelo tubo, que servia de binóculo e concha acústica, esperava ver e ouvir.

Desde aí viveu deitado de barriga no soalho. E de fato, viu muitas vezes os Imbert em conferência diante do cofre, consultando registros e folheando dossiês. Quando giravam sucessivamente os quatro botões que comandavam a fechadura, procurava, para descobrir a cifra, contar o número de encaixes que passavam. Espreitava seus gestos, suas palavras. Que faziam da chave, a escondiam?

Um dia, desceu às pressas, tendo-os visto sair do cômodo sem fechar o cofre. Entrou resolutamente e eles estavam de volta.

— Oh, desculpem — disse —, me enganei de porta.

Mas Gervaise se precipitou, atraindo-o:

— Entre, sr. Lupin, entre, não está em sua casa? Vai nos dar um conselho. Que títulos devemos vender, do Exterior ou da Renda?

— Mas e a contestação? — objetou Lupin, surpreendido.

— Oh! Não abarca todos os títulos.

Ela abriu o batente. Nas prateleiras se amontoavam pastas presas por tiras. Agarrou uma. Seu marido protestou.

— Não, não, Gervaise, seria loucura vender Exterior. Vai subir... Enquanto a Renda está no máximo. Que julga o meu amigo?

O amigo não tinha nenhuma opinião, porém aconselhou o sacrifício da Renda. Ela pegou outro maço e nele, ocasionalmente, um papel. Era um título a 3% de 1.374 francos. Ludovic o pôs no bolso. De tarde, acompanhado pelo secretário, foi vender o título num agente de valores e recebeu 46.000 francos.

Dissesse o que dissesse Gervaise, Arsène Lupin não se sentia em casa. Ao contrário, sua situação nos Imbert não terminava de surpreendê-lo. Em várias ocasiões, reparou que os criados não sabiam o seu nome e o chamavam apenas de senhor. Ludovic o designava sempre assim: “Avisar o senhor... O senhor já chegou?” Por que esse enigmático modo de referência?

E depois do entusiasmo do princípio, os Imbert mal lhe falavam e, continuando a tratá-lo com a consideração devida a um benfeitor, nunca se ocupavam dele. Davam a impressão de julgá-lo um original que não gosta que o importunem, e se respeitava o seu isolamento como se fosse uma regra partida dele, um capricho seu. Uma vez, ao passar pelo vestíbulo, ouviu Gervaise que dizia a dois senhores:

— É tão arredo!

Está bem, pensou, sou arredo. E renunciando a se explicar às esquisitices daquelas pessoas, se empenhava na execução de seu plano. Adquirira a certeza de que não podia contar com a sorte, nem com uma leviandade de Gervaise que levava sempre consigo a chave e, ademais, nunca a tirava sem previamente embaralhar as letras da fechadura. Assim, pois, devia agir.

Um acontecimento precipitou as coisas, a violenta campanha de alguns jornais contra os Imbert, acusados de gatunice. Arsène Lupin assistiu às fases do drama, às agitações do casal, e entendeu que, se tardasse mais, ia perder tudo.

Cinco dias seguidos, em vez de sair pelas seis horas como costumava, fechou-se em seu quarto. Julgavam que tinha ido embora e se estendia no soalho para vigiar o escritório de Ludovic.

Não ocorrendo nas cinco noites a circunstância favorável que aguardava, foi embora durante a noite pela portinha que dava para o pátio e de que tinha a chave.

No sexto dia, soube que os Imbert, respondendo às insinuações malévolas de seus inimigos, tinham proposto que se abrisse o cofre e se fizesse um levantamento.

Tem de ser esta noite, pensou Lupin.

Depois do jantar, Ludovic se instalou no escritório e Gervaise foi encontrá-lo. Puseram-se a folhear os registros do cofre.

Decorreu uma hora, depois outra. Ouviu que os criados se deitavam. Não havia mais ninguém no primeiro andar. Meia-noite. Os Imbert prosseguiram em sua tarefa.

— Vamos — sussurrou Lupin.

Abriu sua janela. Dava para o pátio, que na noite sem lua e sem estrelas, estava escuro. Tirou do armário uma corda com nós, que prendeu na borda do parapeito, e foi descendo suavemente, se apoiando numa calha, até a janela abaixo da sua. Era a do escritório, e o tecido espesso das cortinas felpudas escondia o aposento. De pé no parapeito, ficou um momento imóvel, com ouvidos e olhos bem atentos.

Tranquilizado pelo silêncio, correu com leveza as vidraças. Se ninguém se dera ao cuidado de examiná-las, deviam ceder ao esforço, pois ele, durante a tarde, tinha entortado as linguetas de modo que não entrassem nas chapas.

As vidraças cederam. Com precaução infinita, as entreabriu mais. Quando pôde passar a cabeça, parou. Um pouco de luz passava entre as duas cortinas mal unidas. Viu Gervaise e Ludovic sentados ao lado do cofre.

Trocavam em voz baixa poucas palavras, absortos em sua tarefa. Arsène calculou a distância que o separava deles, estabeleceu os movimentos exatos que devia fazer para reduzi-los, um após o outro, à impotência, antes que tivessem tempo de chamar por socorro, e ia arremeter quando Gervaise disse:

— Que frio começou a fazer há um instante! Vou me deitar, e tu?

— Gostaria de acabar.

— Acabar! Tens serviço para toda a noite.

— Ah, não, uma hora no máximo.

Ela se retirou. Vinte minutos, trinta minutos se passaram. Arsène empurrou a janela um pouco mais. As cortinas fremiram. Empurrou ainda mais. Ludovic se virou e, vendo as cortinas infladas pelo vento, levantou-se para fechar a janela...

Não houve um grito, nem mesmo uma aparência de luta. Com poucos gestos precisos e sem lhe fazer mal, Arsène o atordoou, lhe tapou a cabeça com a cortina, atou-o, e de tal modo que Ludovic não distinguiu sequer o rosto de seu agressor.

Depois, rapidamente, foi ao cofre, pegou duas pastas que pôs embaixo do braço, saiu do escritório, desceu a escada, atravessou o pátio e abriu a porta de serviço.

Um carro estava parado na rua.

— Guarda isto primeiro — disse ao cocheiro — e vem comigo.

Voltaram ao escritório e em duas viagens esvaziaram o cofre. A seguir, Arsène subiu a seu quarto, tirou a corda, apagou todo sinal de sua passagem. Estava terminado.

Horas depois, Arsène Lupin, com a ajuda do companheiro, selecionou as pastas. Tendo previsto, não sentiu qualquer decepção ao constatar que a fortuna dos Imbert não tinha a importância que lhe atribuíam. Os milhões não se contavam por centenas, nem sequer por dezenas. Mas enfim o total formava ainda uma cifra bem respeitável, e eram valores excelentes, títulos do sistema ferroviário, da Cidade de Paris, de Suez, das minas do Norte, fundos do Estado etc.

Declarou-se satisfeito.

— Sem dúvida — disse — vai haver uma forte quebra quando chegar o tempo de negociar. A gente encontrará oposições e terá mais de uma vez de liquidar por preço vil. Não importa, com este primeiro capital me encarrego de viver como programo e realizar alguns sonhos que tomo a peito.

— E o resto?

— Podes queimar, garoto. Este monte de papéis fazia boa figura no cofre, mas para nós é inútil. Quanto aos títulos, vamos fechá-los calmamente no armário e esperar o momento propício.

No dia seguinte, pensou que nenhuma razão o impedia de voltar à casa Imbert. Mas a leitura dos jornais lhe trouxe esta notícia imprevista: Ludovic e Gervaise tinham desaparecido.

A abertura do cofre ocorreu com grande solenidade.

Os homens da justiça acharam que Arsène Lupin tinha ali deixado pouca coisa.

Tais são os fatos e tal a explicação que dá a alguns deles a intervenção de Arsène Lupin. Ouvi a história dele mesmo num dia de disposição para confidências.

Nesse dia, Arsène andava de um lado a outro em meu gabinete de trabalho e seus olhos tinham um fervor que não lhes conhecia.

— Em suma — lhe falei —, é o seu mais belo golpe?

Sem me responder diretamente, prosseguiu:

— Há nesse caso segredos impenetráveis. Mesmo depois da explicação que lhe dei, quantas obscuridades persistem! Por que aquela fuga? Por que não se aproveitaram da mão que, sem querer, lhes dei? Era tão simples dizer: “Os cem milhões se achavam no cofre, não estão mais aí porque foram roubados.”

— Perderam a cabeça.

— Sim, perderam... De outro lado, é verdade...

— É verdade?...

— Não, nada.

Que significam essas reticências? Não tinha contado tudo, claro, e o que não contara o repugnava exprimir. Fiquei intrigado. A coisa tinha de ser grave para provocar a hesitação de um homem daqueles.

Arrisquei umas perguntas.

— Não voltou a vê-los?

— Não.

— E não chegou a sentir alguma piedade em relação a esses dois infelizes?

— Eu! — proferiu num sobressalto.

Sua revolta me admirou. Teria eu dado no alvo? Insisti.

— É evidente. Sem você, eles podiam ter enfrentado o perigo, ou ao menos ir embora com os bolsos cheios.

— Remorsos, é o que me atribui, não é?

— Quem sabe!

Bateu com violência na mesa.

— Assim, segundo você, deveria eu ter remorsos?

— Chame isso de remorso ou pesar, em suma, um sentimento parecido...

Um sentimento por pessoas que...

— Por pessoas de quem você tirou uma fortuna.

— Como?!

— Ora, os dois ou três maços de títulos...

— Os dois ou três maços de títulos! Tirei-lhes pacotes de títulos, não é? Uma parte da herança deles? É a minha falta, o meu crime? Mas que diabo,

meu caro, não adivinhou que eram falsos os títulos?... Ouviu? ERAM FALSOS!

Olhei-o aturdido.

— Falsos, os quatro ou cinco milhões?

— Falsos — gritou com raiva —, superfalsos! As ações, os Cidade de Paris, os fundos do Estado, papel, nada mais que papel! Nem uma moeda, não tirei uma moeda de todo o conjunto! E me pede que tenha remorsos? Eles é que deviam ter! Me passaram para trás como um ingênuo! Me depenaram como o último de seus trouxas, e o mais trouxa!

Uma cólera real o agitava, feita de rancor e orgulho ferido.

— De ponta a ponta estive por baixo, desde a primeira hora! Sabe que papel representei nesse assunto, ou antes o que eles me fizeram representar? O de André Brawford! Sim, meu caro, e não vi nisso mais que amizade!

“Foi depois, pelos jornais e juntando alguns detalhes, que eu percebi. Enquanto eu bancava o benfeitor, o que arriscou a vida para arrancar o marido da garra dos apaches, eles me faziam passar por um dos Brawford!

“Não é admirável? Aquele original que tinha um quarto no segundo andar, o arredio que era mostrado de longe, era Brawford, e Brawford era eu! E graças a mim, à confiança que inspirava com o nome de Brawford, os banqueiros emprestavam e os corretores levavam seus clientes a emprestar! Que escola para um estreante, hein! Ah, eu lhe juro que aprendi a lição!”

Parou de repente, pegou-me no braço e me disse, num tom exasperado em que era fácil, porém, sentir matizes de ironia e admiração, esta frase inefável:

— Meu caro, atualmente, Gervaise Imbert me deve mil e quinhentos francos!

Não pude me impedir de rir. Era de um grotesco superior, e ele mesmo teve um acesso de franca alegria.

— Sim, meu caro, mil e quinhentos francos! Não apenas nunca vi um cêntimo dos meus salários, como ainda ela me pediu emprestado quinhentos francos! Todas as minhas economias de rapaz! E sabe para quê? Receberás em dobro... Para os seus pobres! Tal como lhe digo! Para pretensos infelizes que ela ajudava sem que Ludovic soubesse!

“E entrei nessa! Engraçado, hein! Arsène Lupin aliviado em mil e quinhentos francos, e pela boa senhora a quem roubava quatro milhões de

títulos falsos! E quantas combinações, esforços e astúcias geniais gastei para chegar a esse bonito resultado!

“Foi a única vez em que fui enrolado na vida. Mas, puxa!, desta vez fui mesmo, limpamente, e pagando caro!...”

VIII

A PÉROLA NEGRA

Um violento toque de campainha acordou a porteira do número 9 da avenida Hoche. Ela puxou o cordão resmungando:

— Pensei que todo mundo já tivesse entrado! São pelo menos três horas!

Seu marido disse por entre os dentes:

— Talvez seja para o doutor.

Com efeito, uma voz pediu:

— O dr. Harel... que andar?

— Terceiro à esquerda. Mas o doutor não atende à noite.

— Vai precisar atender.

O homem atravessou a entrada, subiu um andar, dois, e, sem mesmo se deter no do dr. Harel, continuou até o quinto. Ali experimentou duas chaves. Uma fez funcionar a fechadura, a outra, o ferrolho de segurança.

— Com perfeição — murmurou —, a tarefa fica muito simplificada. Mas antes de agir, convém assegurar a retirada. Vejamos... Tenho, logicamente, o tempo de bater no apartamento do doutor e ser mandado embora por ele? Não ainda... aguardemos...

Ao fim de uns dez minutos, desceu e chamou na janela do porteiro, praguejando contra o doutor. Abriram-lhe e bateu a porta atrás de si. Ora, a porta não fechou, pois, habilmente, o homem metera um ferrinho no batente da fechadura para que a lingueta não entrasse.

Sem ruído, e sem que os porteiros notassem, voltou. Havendo problemas, seu álibi estava garantido.

Tranquilamente, subiu os cinco andares. No hall, à luz de uma lanterna elétrica, largou o sobretudo e o chapéu numa das cadeiras, sentou-se em outra,

e envolveu as botinas com espessas pantufas de feltro.

— Ufa, pronto... Que fácil! Eu me pergunto por que todo mundo não escolhe o confortável ofício de ladrão. Com um pouco de jeito e raciocínio, não existe outro mais encantador. Um ofício descansado, de pai de família... Até cômodo demais... chega a ser enfadonho.

Desdobrou uma planta detalhada do apartamento.

— Começemos por nos orientar. Noto aqui o retângulo do hall em que estou. Do lado da rua, o salão, o gabinete da senhora, a sala de jantar. Inútil perder tempo por aí. Parece que a condessa tem péssimo gosto... Nem um objeto de valor! Portanto, direto ao objetivo... Ah! Está aqui o corredor, o corredor que leva aos quartos. A três metros, devo encontrar a porta do guarda-roupa junto ao quarto da condessa.

Dobrou a planta, apagou a lanterna e caminhou pelo corredor contando:

— Um metro... dois metros... três... Eis a porta... Como tudo dá certo, meu Deus! Um simples ferrolho, um ferrolhinho, me separa do quarto e, ainda melhor, sei que esse ferrolho se acha a um metro e quarenta e três do soalho... De modo que, com uma pequena incisão que farei em torno, nos livraremos dele...

Tirou do bolso os instrumentos necessários, mas uma ideia o deteve.

— E se porventura esse ferrolho não foi empurrado? Experimentemos... Pelo que custa tentar...

Virou o botão da fechadura. A porta se abriu.

— Meu bravo Lupin, a sorte está contigo. Que precisas agora? Conheces a topografia dos lugares em que vais operar; sabes onde a condessa esconde a pérola negra... Em consequência, para que a pérola negra te pertença, se trata de ser estupidamente mais silencioso que o silêncio, mais invisível que o ar.

Arsène Lupin levou uma boa meia hora para abrir a segunda porta, uma porta envidraçada que dava para o quarto. Mas fez isso com tanta precaução que, mesmo que a condessa não estivesse dormindo, nem um som equívoco teria podido preocupá-la.

Segundo sua planta indicava, tinha apenas de seguir o contorno de um divã, passar por uma poltrona e chegar até a mesinha posta perto da cama. Na mesa, havia uma caixa de papéis de carta, e, fechada simplesmente nesta caixa, a pérola negra.

Estendeu-se no tapete e seguiu a linha do divã. Ao fim dela, parou para reprimir as batidas do coração. Embora não tivesse qualquer receio, lhe era impossível vencer esta espécie de angústia que se sente no excessivo silêncio. Admirou-se com isso, porque enfim vencera sem emoção minutos mais solenes. Nenhum perigo o ameaçava. Então por que seu coração batia como um sino doido? Seria aquela mulher dormindo que o impressionava, aquela vida tão próxima da sua?

Escutou e julgou discernir o ritmo de uma respiração. Sentiu-se acalmado como por uma presença amiga.

Procurou a poltrona; depois, com pequenos gestos insensíveis rastejou até a mesa, Tateando a sombra com o braço estendido. Sua mão direita encontrou um dos pés da mesa.

Enfim! Não tinha mais que se erguer, pegar a pérola e ir embora. Felizmente! Pois seu coração recomeçava a saltar no peito como um animal aterrorizado, e com tal ruído que lhe parecia impossível que a condessa não se acordasse.

Pacificou-o num prodigioso esforço de vontade, mas, no momento em que tentava se levantar, sua mão esquerda tocou, no tapete, um objeto que reconheceu logo como um castiçal, um castiçal emborcado. Imediatamente, outro objeto se apresentou, um relógio, desses de viagem, recobertos por um estojo de couro.

Quê? O que ocorria? Não estava entendendo. Este castiçal, este relógio... por que não estavam em seu lugar habitual? Ah, o que teria se passado na sombra assustadora?

Súbito, um grito lhe escapou. Tocara... oh, em que coisa estranha, inominável! Mas não, não, o medo lhe perturbava o cérebro. Vinte segundos, trinta segundos, permaneceu imóvel, pasmado, o suor porejando na testa. E seus dedos conservavam a sensação daquele contato.

Num esforço implacável, estendeu de novo o braço. Sua mão de novo roçou a coisa, a coisa estranha, inominável. Palpou-a. Exigiu que sua mão palpasse e se desse conta. Era uma cabeleira, um rosto... e esse rosto estava frio, quase gelado.

Por aterradora que seja a realidade, um homem como Arsène Lupin a domina desde que dela tome conhecimento. Rápido, acendeu a lanterna. Uma

mulher jazia diante dele, coberta de sangue. Ferimentos horríveis devastavam seu pescoço e seus ombros. Inclinou-se e examinou-a. Estava morta.

— Morta, morta — repetia-se com estupor.

Observou seus olhos fixos, a contração da boca, a carne lívida e o sangue, todo o sangue que correria para o tapete e agora se coagulava, espesso e negro. Tendo se levantado, deu com o botão da luz elétrica e o aposento se iluminou. Pôde ver todos os sinais de uma luta encarniçada. A cama estava toda desfeita, os cobertores e lençóis, jogados. No chão, o castiçal, o relógio — em que os ponteiros marcavam onze e vinte —, mais longe, uma cadeira virada e, por toda parte, manchas de sangue.

— E a pérola negra? — murmurou.

A caixa de papéis de carta estava no lugar. Abriu-a vivamente. O estojo estava ali, mas vazio.

Puxa!, pensou. Te gabaste um pouco cedo da tua sorte, amigo Arsène Lupin... A condessa assassinada, a pérola negra sumida... a situação não é brilhante. Vamos embora, senão te arriskas a incorrer em sérias responsabilidades.

Não se mexeu, no entanto.

Ir embora? Sim, outro iria. Mas Arsène Lupin? Não tem algo melhor a fazer? Vamos proceder por ordem. Afinal, tua consciência está tranquila... Supõe que sejas comissário de polícia e tens de fazer um inquérito... Sim, mas para isso tinha de estar com a cabeça mais clara. E a minha está turvíssima.

Caiu na poltrona, com as mãos crispadas na testa ardente.

O caso da avenida Hoche é um dos que mais nos avivaram a curiosidade nos últimos tempos, e sem dúvida não o narraria se a participação de Arsène Lupin não o esclarecesse com uma luz toda especial. Poucos suspeitam dessa participação e ninguém sabe, em todo caso, a exata e interessante verdade.

Quem não conhecia, por ter encontrado no Bois, Léontine Zalti, a ex-cantora, esposa e viúva do conde de Andillot, a Zalti, cujo luxo deslumbrava Paris havia quase vinte anos, a condessa de Andillot, a quem os adornos de diamante e pérola davam uma notoriedade europeia? Dizia-se dela que levava nos ombros a caixa-forte de alguns bancos e as minas de ouro de várias companhias australianas. Os grandes joalheiros trabalhavam para Zalti como antigamente para reis e rainhas.

E quem não se lembra da catástrofe em que todas essas riquezas derrocaram? Bancos e minas de ouro, o abismo tudo devorou. Da coleção maravilhosa, dispersa pelo comissário da penhora, não ficou mais que a famosa pérola negra. A pérola negra! Isto é, uma fortuna, se ela quisesse dela se desfazer.

Não quis. Preferiu se restringir, viver num apartamento simples, com sua dama de companhia, sua cozinheira e um criado, a vender a joia inestimável. Havia um motivo que não temia confessar: a pérola negra era o presente de um imperador! E quase na pobreza, reduzida à existência mais medíocre, permaneceu fiel à sua companheira dos melhores dias.

— Enquanto eu viver — dizia —, ficará comigo.

Todo o dia a tinha no pescoço e, à noite, a guardava em um lugar só por ela conhecido.

Esses fatos, recordados pela imprensa, estimularam a curiosidade e, coisa esquisita, mas fácil de entender para os que possuíam a chave do segredo, foi que justamente a prisão do suposto assassino complicasse o enigma e prolongasse a emoção. Dois dias depois, com efeito, era publicada a seguinte notícia:

Anunciam a prisão de Victor Danègre, o criado da condessa de Andillot. Os agravos levantados contra ele são esmagadores. Na manga em tecido lustroso de sua libré, que o sr. Dudouis, o chefe da Sûreté, encontrou em sua mansarda, debaixo do colchão, havia manchas de sangue. Além disso, faltava a esse indumento um botão forrado de fazenda, que, desde o início da investigação, fora recolhido sob a própria cama da vítima.

É provável que depois do jantar, Danègre, em vez de ir para seu quarto, tenha ido ao cômodo dos vestidos e, pela porta envidraçada, tenha visto a condessa esconder a pérola negra.

Devemos dizer que até aqui nenhuma prova veio a confirmar essa hipótese. E outro ponto permanece obscuro. Às sete da manhã, Danègre foi à tabacaria da avenida de Gourcelles; a porteira, primeiro, e depois o empregado da loja o testemunharam. Por outro lado, a cozinheira da condessa e sua dama de companhia, que dormem ambas no fim do corredor, declaram que às oito horas, quando se levantaram, a porta do

vestíbulo e a da cozinha estavam fechadas com duas voltas. Há vinte anos no serviço da condessa, essas duas pessoas estão acima de qualquer suspeita. Pergunta-se, assim, como Danègre pôde sair do apartamento. Tinha mandado fazer uma outra chave? A instrução esclarecerá esses diferentes pontos.

A instrução não esclareceu absolutamente nada. Ao contrário. Soube-se que Victor Danègre era um reincidente perigoso, um alcoólatra e um libertino, que uma facada não assustaria. E o próprio caso parecia, à medida que era examinado, se envolver em trevas mais densas e contradições mais inexplicáveis.

De início, uma srta. de Sinclèves, prima e única herdeira da vítima, declarou que a condessa, um mês antes de sua morte, lhe confiara numa de suas cartas a maneira como escondia a pérola. No dia seguinte àquele em que recebeu essa carta, constatou seu desaparecimento. Quem a teria roubado?

Por sua vez, os porteiros contaram que tinham aberto a porta a um indivíduo, que subira até o dr. Harel. Chamaram o doutor. Ninguém tinha batido em sua casa. Então quem era esse indivíduo, um cúmplice?

A hipótese de um cúmplice foi adotada pela imprensa e o público. Ganimard, o velho inspetor principal, a defendia, não sem razão.

— Há algo de Lupin em tudo isso — dizia ao juiz.

— Ora! — ripostou esse. — Você vê o seu Lupin em toda parte.

— Vejo-o em toda parte, porque está em toda parte.

— Diga antes que o vê cada vez que uma coisa não lhe soa muito clara.

Aliás, no caso, note isto: o crime foi cometido às onze e vinte da noite, como comprova o relógio parado, e a visita noturna, denunciada pelos porteiros, só ocorreu às três da manhã.

A justiça não raro obedece a esses encadeamentos de opinião que fazem com que se obriguem os fatos a se dobrar à explicação inicial dada a eles. Os deploráveis antecedentes de Victor Danègre, reincidente, bêbado e farrista, influenciaram o juiz e, apesar de que nenhuma circunstância nova viesse corroborar os dois ou três indícios descobertos inicialmente, nada pôde abalá-lo. Encerrou sua instrução. Algumas semanas depois os debates começavam.

Foram embaraçados e apáticos. O presidente os dirigiu sem ardor. O ministério público atacou sem nenhum vigor. O advogado de Danègre, então, se aproveitou das circunstâncias. Mostrou as lacunas e as impossibilidades da acusação. Não existia nenhuma prova material. Quem tinha feito a chave, a indispensável chave sem a qual Danègre, depois de sair, não teria podido fechar com duas voltas a porta do apartamento? Quem tinha visto essa chave e o que ocorrera com ela? Quem tinha visto a faca do assassino e onde estava?

— Em todo caso — concluiu o advogado —, provem que foi o meu cliente que matou. Provem que o autor do roubo e do crime não foi esse misterioso personagem que penetrou no prédio às três da manhã. O relógio marcava onze horas, dirão? E daí? Não se podem pôr os ponteiros na hora que nos convém?

Victor Danègre foi absolvido.

Saiu da prisão numa sexta-feira ao fim do dia, deprimido por seis meses de cela. A instrução, o isolamento, os debates, as deliberações do júri, tudo isso o enchera de um susto doentio. À noite, horríveis pesadelos e visões de cadafalso o perseguiam. Tremia de febre e de terror.

Sob o nome de Anatole Dufour, alugou um quartinho nos arredores de Montmartre e viveu, segundo o que parecia, de um lado para outro.

Uma existência lamentável. Admitido por três patrões diferentes, foi reconhecido, e imediatamente o despediram.

Muitas vezes notou, ou julgou notar, que homens o seguiam, homens da polícia, não duvidava, que não renunciaram em fazê-lo cair em alguma armadilha. E sentia de antemão o rude aperto de mãos que o pegavam pelo colarinho.

Uma noite, jantava numa casa de pasto do bairro e alguém se instalou à sua frente. Era um indivíduo de uns quarenta anos, com uma sobrecasaca preta de suspeita limpeza. Pediu uma sopa, legumes e um litro de vinho.

Ao terminar a sopa, virou-se para Danègre e o fitou longamente.

Danègre empalideceu. Por certo este era um dos que o seguiam havia semanas. Que desejaria? Tentou se levantar e não pôde. Suas pernas fraquejavam.

O homem se serviu de um copo de vinho e encheu o de Danègre.

— Bebemos, companheiro?

Victor balbuciou:

— Sim... sim... à sua saúde, amigo.

— À sua, Victor Danègre.

O outro estremeceu:

— Eu!... Eu!... Mas não... lhe juro...

— Jura o quê? Que você não é você, o criado da condessa?

— Que criado? Me chamo Dufour. Pergunte ao dono da casa.

— Dufour, Anatole, sim, para o dono, mas Danègre para a justiça, Victor Danègre.

— Não é certo! Não é, lhe mentiram.

O outro tirou do bolso um cartão e lhe passou. Victor leu:

Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté. Informações confidenciais.

Sobressaltou-se:

— Você é da polícia?

— Não mais, mas o ofício me agradava e continuo de uma maneira mais... lucrativa. De tempos em tempos se toparam negócios de ouro... como o seu.

— O meu?

— Sim, o seu, é um negócio excepcional, se quiser gastar nele um pouco de boa vontade.

— E se não quiser?

— Tem de querer. Está numa situação em que não pode recusar nada.

Uma apreensão indistinta invadiu Victor Danègre. Perguntou:

— Que há?... Fale.

— Isso — respondeu o outro. — Ao ponto. Em poucas palavras: fui mandado pela srta. de Sinclèves.

— Sinclèves?

— A herdeira da condessa de Andillot.

— Sim?

— A srta. de Sinclèves me encarregou de lhe solicitar a pérola negra.

— A pérola negra?

— A que você roubou?

— Mas não a tenho!

— Tem.

— Se tivesse, seria eu o assassino.

— É o assassino.

Danègre tentou rir.

— Felizmente, meu caro senhor, o tribunal não foi da mesma opinião. Todos os jurados, ouviu?, me reconheceram inocente. E quando se tem a consciência do seu lado e a aprovação de doze pessoas honestas...

O ex-inspetor lhe pegou no braço:

— Nada de frases, menino. Me escute com atenção e pondere as minhas palavras, que elas merecem. Três semanas antes do crime, furtou na cozinha a chave que abre a porta de serviço e mandou fazer uma igual no serralheiro Outard, na rua Oberkampf, 244.

— Não é verdade — rosnou Victor. — Ninguém viu essa chave... ela não existe.

— Aqui está ela.

Uma pausa e Grimaudan prosseguiu:

— Matou a condessa com uma faca de argolinha comprada no bazar da República, no mesmo dia em que mandou fazer a sua chave. A lâmina era triangular evazada por uma estria.

— É piada tudo isso, fala por falar. Ninguém viu a faca.

— Está aqui.

Danègre fez um movimento de recuo. O ex-inspetor continuou:

— Tem manchas de ferrugem. Preciso lhe explicar de onde vieram?

— E daí?... O senhor mostra uma chave e uma faca, mas quem pode afirmar que me pertencem?

— O serralheiro primeiro, e logo o empregado de quem você comprou a faca. Refresquei a memória dos dois e, diante de você, não hesitarão em reconhecê-lo.

Falava seca e duramente, com uma precisão aterradora. Danègre tremia de medo. Nem o juiz, nem o presidente do júri, nem o promotor o tinham apertado assim, ou olhado com tanta clareza coisas que ele mesmo já não discernia muito nitidamente.

Tentou, porém, ainda fingir indiferença:

— Se estas são todas as suas provas...

— Me sobra uma. Depois do crime, se retirou pelo mesmo trajeto. Mas, no cômodo dos vestidos, amedrontado, teve de se apoiar na parede para manter o equilíbrio.

— Como sabe? — gaguejou Victor. — Ninguém pode saber isso...

— Quanto à justiça, que seja; não podia vir à cabeça de um desses senhores acender uma vela e examinar as paredes. Mas se isso for feito, se verá no gesso branco uma marca vermelha, leve mas bastante nítida para que se encontre nela a impressão do seu polegar, que, úmido de sangue, encostou na parede. E você não ignora que em antropometria é esse um dos principais meios de identificação.

Victor Danègre perdeu a cor. Gotas de suor lhe escorriam da testa. Observava com olhos de louco este homem estranho que recordava o seu crime como se o tivesse visto.

Baixou a cabeça, vencido, impotente. Há meses lutava contra todo mundo. Contra este homem, tinha a impressão de que não havia nada a fazer.

— Se lhe entrego a pérola — balbuciou —, quanto me dará?

— Nada.

— Como! Está brincando! Eu lhe darei uma coisa que vale milhares, centenas de milhares, e não receberei nada?

— Receberá: a vida.

O miserável se arrepiou. Grimaudan acrescentou, num tom quase doce:

— Vamos, Danègre, esta pérola não tem qualquer valor para você. Não pode vendê-la. Para que ficar com ela?

— Há receptadores... e um dia ou outro, por qualquer preço...

— Um dia ou outro será tarde demais.

— Por quê?

— Porque a justiça o terá de novo agarrado e, dessa vez, com as provas que fornecerei, a faca, a chave, a indicação do seu polegar, estará perdido, meu caro.

Victor apertou a cabeça com as duas mãos e pensou. Sentia-se perdido, com efeito, irremediavelmente, e ao mesmo tempo um grande cansaço o dominava, uma imensa necessidade de repouso e abandono.

— Quando precisa dela?

— Esta noite, antes da uma hora.

— Senão?

— Senão ponho no correio esta carta em que a srta. Sinclèves o denuncia ao procurador da República.

Danègre se serviu de dois copos de vinho, que bebeu em duas goladas. Em seguida, erguendo-se, disse:

— Pague a conta e vamos. Já não aguento este maldito assunto.

A noite chegara. Os dois homens desceram a rua Lepic e seguiram as avenidas exteriores em direção à Étoile. Caminhavam silenciosamente, Victor com as costas curvadas e exausto.

No parque Monceau, disse:

— É do lado do prédio...

— Claro! Antes de ser preso, só saiu para ir à tabacaria.

— Chegamos... — disse Danègre em voz baixa.

Costearam o porão do jardim e atravessaram uma rua que tinha na esquina a tabacaria. Passos adiante, Danègre parou. Suas pernas vacilavam. Jogou-se num banco.

— E então? — perguntou o outro.

— É aqui.

— Aqui! Que é que está me dizendo!

— Sim aí, na nossa frente.

— Na nossa frente! Ande, Denègre, não convém...

— Repito que ela está aí.

— Onde?

— Entre duas pedras da calçada.

— Quais?

— Procure.

— Quais?... — insistiu Grimaudan.

Victor não respondeu.

— Ah, perfeito, estás querendo me enganar, menino?

— Não... mas... vou morrer sem nada.

— Ah, hesitas? Está bem, serei o príncipe bom. De quanto precisas?

— O que dê para comprar uma passagem de terceira classe para a América.

— Combinado.

— E uma nota de cem francos para as primeiras despesas.

— Terás duas. Fala.

— Conte as pedras, à direita do bueiro. E entre a décima segunda e a décima terceira.

— No rego?

— Sim, embaixo da calçada.

Grimaudan olhou em torno. Bondes passavam, pessoas passavam. Mas quem podia desconfiar?...

Abriu seu canivete e o meteu entre a décima segunda e a décima terceira pedra.

— E se não estiver aqui?

— Se ninguém me viu abaixar e enterrá-la, há de estar.

Estaria mesmo ali? A pérola negra ao lado de um rego público, à disposição do primeiro que chegasse! A pérola negra, aquela fortuna!

— A que profundidade?

— Uns dez centímetros mais ou menos.

Cavou o barro úmido. A ponta do canivete tocou em algo. Com os dedos alargou o buraco.

Viu a pérola negra.

— Toma, eis os teus duzentos francos. Te mandarei tua passagem para a América.

No dia seguinte, o *Écho de France* publicava esta nota, que foi reproduzida pelos jornais do mundo inteiro:

Desde ontem, a famosa pérola negra está em mãos de Arsène Lupin, que a retomou do assassino da condessa de Andillot. Em breve, fac-símiles dessa preciosa joia seriam expostos em Londres, São Petersburgo, Calcutá, Buenos Aires e Nova York.

Arsène Lupin aguarda as propostas que desejarem lhe fazer por correspondência.

— E é assim que o crime é sempre punido e a virtude recompensada — concluiu Arsène Lupin, logo que me revelou a parte secreta do caso.

— E é assim que, com o nome de Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté, foste escolhido pelo destino para tirar do criminoso o benefício do seu crime.

— Justamente. E confesso que é das aventuras de que mais me orgulho. Os quarenta minutos que passei no apartamento da condessa, depois de ter verificado a sua morte, estão entre os mais assombrosos e profundos da minha vida. Em quarenta minutos, mergulhado na situação mais complicada, reconstituí o crime e adquiri a certeza, com a ajuda de alguns indícios, de que o culpado só podia ser um dos domésticos da condessa. Por fim, compreendi que, para ter a pérola, era preciso que este criado fosse preso — e deixei onde estava o botão da libré —, mas não devia haver contra ele provas irrecusáveis de sua culpa. Então apanhei a faca esquecida sobre o tapete, levei a chave deixada na fechadura, fechei a porta com duas voltas e apaguei a marca dos dedos no gesso do cômodo dos vestidos. A meu ver, foi uma dessas iluminações...

— De gênio — interrompi.

— De gênio, se deseja, e que não teria visitado o cérebro de qualquer um. Adivinhar num segundo as duas etapas do assunto — uma prisão e uma absolvição —, servir-me do aparelho formidável da justiça para desmanchar o meu homem, o embrutecer e, em suma, pô-lo num tal estado de espírito que, uma vez livre, devia, inevitável e fatalmente, cair no laço um tanto grosseiro que lhe armei!...

— Um tanto? Diga bastante, pois ele não corria risco algum.

— Oh, o menor risco, já que toda absolvição unânime é definitiva.

— Pobre-diabo...

— Victor Danègre, pobre-diabo! Esqueceu que era um assassino? Seria a última imoralidade, se a pérola negra ficasse com ele. Está vivo, pense nisso, Danègre, vive.

— E a pérola negra é sua.

Tirou-a de um dos escaninhos ocultos da sua pasta, a examinou, afagando com os dedos e os olhos, e deu um suspiro:

— Que nobre russo, que rajá imbecil e vaidoso possuirá este tesouro? A que milionário americano estará destinado o pedacinho de beleza e luxo que ornava as brancas espáduas de Léontine Zalti, condessa de Andillot?...

IX

HERLOCK SHOLMES CHEGA TARDE DEMAIS

— **E**stranho como você se parece com Arsène Lupin, Velmont!

— Conhece o homem?

— Oh, como todo mundo, pelas fotografias; nenhuma é igual à outra, mas cada uma deixa a impressão de uma mesma fisionomia... que é como a sua.

Horace Velmont pareceu antes contrafeito.

— Pois é, caro Devanne. E você não é o primeiro a me fazer essa observação, creia.

— A tal ponto — insistiu Devanne — que, se não tivesse sido recomendado por meu primo d'Estevan e não fosse o conhecido pintor cujas marinhas tanto aprecio, me pergunto se não teria avisado a polícia de sua presença em Dieppe.

A tirada foi recebida com uma risada geral. Estavam ali, além de Velmont, na grande sala de jantar do castelo de Thibermesnil, o abade Gélis, cura da aldeia, e uma dúzia de oficiais, cujos regimentos faziam manobras na região, e que tinham aceitado o convite do banqueiro Georges Devanne e de sua mãe. Um deles exclamou:

— Mas não é que justamente Arsène Lupin foi visto aqui pela costa, depois do seu famoso golpe do rápido de Paris ao Havre?

— Isto faz uns três meses. Na semana seguinte, conhecia no cassino o nosso querido Velmont, que depois quis me honrar com algumas visitas, agradável preâmbulo de uma temporada que passará aqui um desses dias... ou talvez uma dessas noites!

Riram outra vez e se passou à antiga sala dos guardas, aposento amplo, muito alto, que ocupa toda a parte inferior da torre Guillaume, e onde

Georges Devanne reuniu incomparáveis riquezas, acumuladas através de séculos pelos senhores de Thibermesnil. Baús e credências, esculturas de ferro para lareiras, com girândolas decorando. Magníficas tapeçarias pendem nas paredes de pedra. Os vãos das quatro janelas são profundos, com bancos à frente, e terminam por vidraças em ogiva com vitrais enquadrados de chumbo. Entre a porta e a janela da esquerda, se ergue uma monumental estante de estilo renascentista, em cujo frontão se lê em letras de ouro: “Thibermesnil” e embaixo a altiva divisa da família: “Faz o que quiseres”.

Acenderam-se charutos e Devanne prosseguiu:

— Apenas se apresse, Velmont, que é a última noite que lhe resta.

— Por quê? — disse o pintor, que, sem dúvida, levava aquilo na brincadeira.

Devanne ia responder quando sua mãe lhe fez um sinal. Mas a animação do jantar e o desejo de interessar os hóspedes prevaleceram.

— Oh! — murmurou. — Posso falar agora. Não é mais de recear uma indiscrição.

Sentaram em torno dele com uma viva curiosidade, e declarou, com o ar satisfeito de alguém que anuncia uma notícia importante:

— Amanhã, às quatro horas, Herlock Sholmes, o grande policial inglês para quem não existem casos insolúveis, Herlock Sholmes, o mais extraordinário decifrador de enigmas jamais visto, o prodigioso personagem que parece criado pela imaginação de um romancista, amanhã Herlock Sholmes será meu hóspede.

Houve exclamações. Herlock Sholmes em Thibermesnil? Era então sério? Arsène Lupin se achava na região?

— Arsène Lupin e seu bando não estão longe. Sem contar o caso Cahorn, a quem atribuir os roubos de Montigny, de Gruchet, de Crasville, senão ao nosso ladrão nacional? Agora é a minha vez.

— E está prevenido, como o barão Cahorn?

— O mesmo truque não funciona duas vezes.

— Então?

— Então vejam.

Ergueu-se e, apontando para uma das prateleiras da estante, a um espaço vazio entre dois enormes infólios, disse:

— Havia ali um livro, um livro do século XVI, intitulado a *Crônica de Thibermesnil*, e que era a história do castelo desde sua construção pelo duque Rollon no sítio de uma fortaleza feudal. Continha três gravuras. Uma representava uma vista de cima do conjunto do domínio; a segunda, a planta dos edifícios; a terceira, chamo a atenção para isto, o traçado de um subterrâneo, do qual uma das saídas se abria além da primeira linha das muralhas e a outra dava aqui, sim, nesta mesma sala em que estamos. Ora, esse livro está desaparecido desde o mês passado.

— Puxa — disse Vermont —, mau sinal. Porém isso não basta para motivar a intervenção de Herlock Sholmes.

— Por certo não bastaria, se não tivesse ocorrido um outro fato que dá ao que acabo de lhes contar toda sua significação. Existia na Biblioteca Nacional um segundo exemplar dessa *Crônica* e os dois exemplares diferiam em certos detalhes relativos ao subterrâneo, como o estabelecimento de uma profundidade e de uma escala, e diversas anotações, não impressas, mas escritas à tinta e mais ou menos apagadas. Eu estava a par dessas particularidades e sabia que o trajeto definitivo não poderia ser reconstituído senão pela confrontação minuciosa dos dois mapas. Ora, no dia seguinte ao em que meu exemplar desapareceu, o da Biblioteca Nacional era pedido por um leitor que o levou, sem que se pudessem determinar as condições em que o roubo foi feito.

Vozes de surpresa acolheram essas palavras.

— Desta vez então a coisa é séria.

— Sim — afirmou Devanne —, a polícia enfim reagiu e procedeu a um duplo inquérito, que aliás não deu nenhum resultado.

— Como todos aqueles de que Arsène Lupin é o objeto.

— Precisamente. Foi aí que me veio a ideia de pedir a ajuda de Herlock Sholmes, que me respondeu que tinha o maior desejo de entrar em contato com Arsène Lupin.

— Que glória para Arsène Lupin! — afirmou Vermont. — Mas se o nosso ladrão nacional, como o chamou, não alimenta qualquer projeto sobre Thibermesnil, Herlock Sholmes ficará fazendo o quê?

— Há outra coisa que sem dúvida o interessará, a descoberta do subterrâneo.

— Como assim, não nos disse que uma das entradas era no campo e a outra neste salão?

— Onde, em que lugar do salão? A linha que representa o subterrâneo nos mapas leva, de um lado, a um pequeno círculo com estas duas maiúsculas: “T. G.”, o que certamente quer dizer Torre Guillaume, não é? Mas a torre é redonda, e quem poderia determinar a que ponto dessa roda se refere o traçado do desenho?

Devanne acendeu seu segundo charuto e se serviu de um copo de *bénédictine*. Foi crivado de perguntas e sorria, feliz pelo interesse despertado. Por fim, declarou:

— O segredo está perdido. Ninguém no mundo o conhece. De pai a filho, diz a lenda, os poderosos senhores o transmitiam na hora da morte, até o dia em que Geoffroy, último do nome, teve a cabeça cortada no cadafalso, a 7 de Termidor do ano 11, aos dezenove anos.

— Mas há um século devem vir procurando?

— Procuram, mas em vão. Eu mesmo, quando comprei o castelo do sobrinho-bisneto do convencional Leribourg, mandei fazer escavações. Para quê? Pensem que esta torre, cercada de água, está ligada ao castelo por uma ponte, de modo que o subterrâneo tem de passar sob os antigos fossos. O plano da Biblioteca Nacional mostra aliás uma sequência de quatro escadas, somando 48 degraus, o que deixa supor uma profundidade de mais de dez metros. E a escala, anexa ao outro plano, fixa a distância em duzentos metros. Na realidade, todo o problema está aqui, entre este soalho, este forro e estas paredes. Palavra, confesso que hesito em demoli-los.

— E não se tem nenhum indício?

— Nenhum.

O abade Gélis objetou:

— Sr. Devanne, não devemos perder de vista as duas citações.

— Oh! — riu Devanne. — O senhor cura é um remexedor de arquivos, um grande leitor de memórias, e tudo o que diz respeito a Thibermesnil o apaixona. Mas a explicação a que se refere serve só para embrulhar as coisas.

— Ainda assim...

— Faz questão?

— Toda.

— Saibam, pois, que ele deduziu de suas leituras que dois reis da França conheciam o segredo do enigma.

— Dois reis!

— Henrique IV e Luís XVI.

— Não são sujeitos à toa... E como o senhor abade soube disso?...

— Oh, é simples! — continuou Devanne. — Na antevéspera da batalha de Arques, o rei Henrique IV veio jantar e dormir neste castelo. Às onze da noite, Louise de Tancarville, a mais bonita mulher da Normandia, foi levada até ele pelo subterrâneo com a cumplicidade do duque Edgard, que, nessa ocasião, expôs o segredo de família. Henrique IV contou-o mais tarde ao seu ministro Sully, que narra a passagem em suas *Royales Économies d'État*,⁵ sem lhe dar outro comentário que o desta frase incompreensível: *O machado gira no ar que freme, mas a asa se abre e a gente vai a Deus*.

Houve um silêncio e Velmont brincou:

— Não é lá tão claro.

— Não é? O senhor cura defende que Sully relatou desse modo a solução do enigma, sem trair o segredo aos escribas a que ditava suas memórias.

— A hipótese é engenhosa.

— Concedo, mas o que é o machado que gira e o pássaro que voa?

— E quem é que vai até Deus?

— Mistério.

Velmont retomou:

— E o bom do Luís XVI, teria sido igualmente para receber a visita de uma dama, que se fez abrir o subterrâneo?

— Ignoro. O que se pode dizer é que Luís XVI esteve aqui em 1784, e que o famoso armário de ferro, achado no Louvre por uma revelação de Gamain, continha um papel com estas palavras escritas por ele: *Thibermesnil: 2-6-12*.

Horace Velmont deu uma risada:

— Vitória! As trevas se dissipam cada vez mais. Duas vezes seis são doze.

— Ria à vontade, senhor — falou o abade. — Isso não impede que essas duas citações contenham a solução, e que um dia ou outro chegará alguém que saiba interpretá-las.

— Herlock Sholmes primeiro — disse Devanne. — A menos que Arsène Lupin se adiante a ele... Que pensa disso, Velmont?

Este se ergueu, pôs a mão no ombro de Devanne e declarou:

— Penso que aos dados fornecidos pelo seu livro e pelo da Biblioteca, faltava uma informação da mais alta importância, e que teve a gentileza de me oferecer. Eu lhe agradeço.

— De modo quê?...

— De modo que agora, tendo o machado girado, o pássaro ido embora e duas vezes seis feito doze, não tenho mais o que fazer além de me pôr em campo.

— Sem perder um minuto.

— Sem perder um segundo! Não é preciso que esta noite, isto é, antes da chegada de Herlock Sholmes, eu roube o seu castelo?

— É fato que lhe sobra o tempo justo. Quer que o conduza?

— Até Dieppe?

— Até Dieppe. Aproveito para trazer eu mesmo o sr. e a sra. Androl e uma mocinha, filha de amigos deles, que chegam pelo trem da meia-noite.

Dirigindo-se aos oficiais, Devanne acrescentou:

— Vamos nos reencontrar todos aqui amanhã para o almoço, não é, senhores? Estou contando com a presença de todos, pois o castelo deve ser arremetido por suas tropas e tomado de assalto ao baterem as onze.

O convite foi aceito, despediram-se e, instantes mais tarde, um automóvel 20-30 Estrela de Ouro levava Devanne e Velmont pela estrada de Dieppe. Devanne deixou o pintor diante do cassino e foi para a estação.

À meia-noite, seus amigos desciam do trem. À meia-noite e meia, o automóvel atravessava as portas de Thibermesnil. À uma, após uma leve ceia servida no salão, recolheram-se, e pouco a pouco todas as luzes se apagaram. O grande silêncio da noite envolvia o castelo.

Mas a lua afastou as nuvens que a velavam e, por duas das janelas, encheu o salão de branca claridade. Apenas por um momento. Em seguida ela se escondeu atrás da cortina das colinas, e o escuro voltou. O silêncio cresceu com a sombra mais densa. Somente, de tempos em tempos, estalidos de móveis o turbavam, ou o ruído dos juncos no lago que banha com as águas verdes as velhas paredes.

O relógio de pêndulo desfiava o rosário infinito dos segundos. Bateram duas horas. Logo, de novo, os segundos caíram, apressados e monótonos, na paz pesada da noite. Depois, três horas soaram.

E de repente algo estalou, como, na passagem de um trem, o disco de um sinal que se abre e abate. E um jato fino de luz atravessou o salão de ponta a ponta, como uma flecha que deixasse atrás de si um rastro cintilante. Jorrava da estria central de uma pilastra em que, à direita, se apoiava o frontão da estante. Imobilizou-se primeiro, sobre a parede oposta, num círculo brilhante, depois passou por todos os lados como um olhar preocupado que examina a sombra, depois sumiu para jorrar de novo, enquanto toda uma parte da estante girava sobre si mesma e desvelava uma larga abertura em forma de abóbada.

Entrou um homem, que tinha à mão uma lanterna elétrica. Um segundo e um terceiro surgiram trazendo um rolo de cordas e diferentes instrumentos. O primeiro inspecionou a peça, escutou e disse:

— Chame os companheiros.

Desses companheiros, vieram oito pelo subterrâneo, rapazes sólidos, de rosto enérgico. A mudança começou.

Foi rápida. Arsène Lupin passava de um móvel a outro, o considerava e, segundo suas dimensões ou seu valor artístico, perdoava-o ou ordenava:

— Levem!

E o objeto era transportado, engolido pela boca escancarada do túnel, enviado às entranhas da terra.

Foram assim escamoteados seis poltronas e seis cadeiras Luís XV, tapeçarias de Aubusson, girândolas assinadas por Gouthière, e dois Fragonard, e um Nattier, e um busto de Houdon, e duas estatuetas. Às vezes Lupin demorava ante um magnífico baú ou um quadro soberbo e suspirava:

— Pesado demais este... grande demais... que pena!

E continuava sua vistoria.

Em quarenta minutos o salão foi “desestorvado”, segundo a expressão de Arsène. E tudo isso era realizado numa ordem admirável, sem nenhum ruído, como se todos os objetos que estes homens manejavam tivessem sido guarnecidos de espesso acolchoamento.

Disse ao último deles, que ia levando um relógio de parede assinado por Boulle:

— Não precisa voltar. Combinado, não é? Logo que o caminhão estiver carregado, sigam até a granja de Roquefort.

— E o senhor, patrão?

— Que me deixem a motocicleta.

O homem se foi. Ele empurrou para o lugar o lado móvel da estante, fez desaparecer qualquer traço da mudança, apagou as marcas de passos, ergueu um reposteiro e penetrou numa galeria que servia de comunicação entre a torre e o castelo. Ao meio, havia um mostruário de vidro, e por causa dele Arsène Lupin prosseguia em sua exploração.

Continha maravilhas, uma coleção única de relógios de bolso, tabaqueiras, anéis, correntes, miniaturas ao mais belo lavor. Com uma alavanca, forçou a fechadura e foi para ele um prazer inexprimível pegar aquelas joias de ouro e prata, essas pequenas obras de uma arte tão preciosa e delicada.

Tinha passado, à bandoleira, em volta do pescoço, um amplo saco de tela, especialmente feito para esses momentos afortunados. Encheu-o. E encheu também os bolsos do casaco, da calça, do colete. E fechava o braço esquerdo com uma pilha dessas redezinhas de pérolas, tão apreciadas por nossos antepassados e que hoje estão tão em moda, quando um leve ruído lhe tocou o tímpano.

Escutou: não se enganara, o ruído se tornava preciso.

Recordou de repente: na ponta da galeria, uma escada interior levava a um aposento até então desocupado, mas que estava reservado para esta noite à jovem que Devanne tinha ido buscar em Dieppe com seus amigos, os Androl.

Num gesto rápido, premiu com o dedo a mola de sua lanterna, apagando-a. E mal tinha alcançado o vão de uma janela quando, no topo da escada, a porta foi aberta e uma débil claridade iluminou a galeria.

Teve a sensação — pois, meio escondido por uma cortina, não enxergava — que alguém descia os primeiros degraus com cautela. Aguardou que não fosse muito longe, porém a pessoa avançou vários passos no cômodo e deu um grito. Sem dúvida vira o mostruário quebrado e três quartos vazio.

Pelo perfume, reconheceu a presença de uma mulher. Suas vestes quase roçavam a cortina que o ocultava, e lhe pareceu ouvir o coração dela e também que ela adivinhava a presença de um outro ser, atrás de si, na sombra, ao alcance de sua mão...

Está com medo... vai embora... impossível que não vá, pensou.

Mas não foi. A vela que tremia em sua mão deixou de tremer. Voltou-se, hesitou um instante, pareceu escutar o temível silêncio, logo, num golpe, afastou a cortina.

Viram-se.

Arsène murmurou, transtornado:

— Você... você... senhorita!

Era miss Nelly.

Miss Nelly! A passageira do transatlântico, a que havia unido seus sonhos aos do jovem durante aquela inesquecível travessia, a que tinha assistido à sua prisão, e que, em vez de o trair, fizera aquele belo gesto de atirar ao mar a Kodak onde ele havia escondido as joias e as notas de mil... miss Nelly! A querida e sorridente criatura cuja imagem tinha tantas vezes entristecido ou alegrado suas longas horas de cadeia!

O acaso, que os punha na presença um do outro neste castelo e a esta hora da noite, era tão prodigioso que não se mexeram nem pronunciaram uma palavra, como hipnotizados pela fantástica aparição que um representava para o outro.

Trôpega, fatigada pela emoção, miss Nelly teve de se sentar.

Ele ficou de pé diante dela. E pouco a pouco, durante os intermináveis segundos que transcorriam, teve consciência da impressão que devia dar neste momento, com os braços cheios de quinquilharias, os bolsos salientes, a sacola estourando. Ficou confuso e enrubesceu de estar ali, na vulgar posição do ladrão apanhado em flagrante. Para ela, de ora em diante, acontecesse o que acontecesse, era o ladrão, o que mete a mão no bolso alheio, o que força as portas e se introduz furtivamente.

Um dos relógios de bolso rolou no tapete; outro foi atrás. Iam lhe cair dos braços ainda mais coisas que não sabia como reter. Decidiu-se então bruscamente e deixou cair numa poltrona uma parte dos objetos, esvaziou os bolsos e se desfez da sacola.

Sentiu-se mais à vontade diante de Nelly e deu um passo em sua direção com o intento de lhe falar.

Mas ela teve um gesto de recuo, levantou-se com vivacidade e correu para o salão. O reposteiro se fechou atrás dela, mas ele foi ao seu encontro. Lá

estava, encolhida, trêmula, e seus olhos contemplavam com terror a imensa sala devastada.

Ele lhe disse:

— Amanhã às três horas tudo será recolocado no lugar... Os móveis serão trazidos...

Ela não respondeu, e ele insistiu:

— Amanhã às três horas, me comprometo... Nada no mundo me impedirá de cumprir essa promessa... Amanhã. Às três...

Um demorado silêncio pesou sobre eles. Não ousava rompê-lo, e a emoção da moça lhe causava um verdadeiro sofrimento. Docemente, sem uma palavra, afastou-se.

E pensava:

Que vá embora!... Que se sinta livre para ir!... Que não tenha medo de mim!...

Mas, súbito, ela estremeceu e balbuciou:

— Escute... passos... ouço alguém caminhar...

Olhou-a com pasmo. Parecia transtornada, como pela aproximação de um perigo.

— Não ouço nada — disse ele. — E de qualquer forma...

— Como! Mas precisa fugir... rápido, fuja...

— Fugir... por quê?...

— Precisa... precisa... Ah! Não fique aí...

Num pulo correu até a entrada da galeria e ficou escutando. Não, não havia ninguém. Talvez o ruído viesse de fora?... Esperou um instante, logo, tranquilizada, se virou.

Arsène Lupin tinha desaparecido.

No mesmo instante em que Devanne constatou a pilhagem do seu castelo, pensou: *Foi Velmont que deu o golpe, e Velmont é Arsène Lupin.* Tudo se explicava assim, e nada, de outro modo. Essa ideia, porém, só passou por sua cabeça. A tal ponto era inverossímil que Velmont não fosse Velmont, o conhecido pintor, o camarada de roda de seu primo d'Estevan. E quando o cabo da guarda, avisado imediatamente, se apresentou, Devanne não pensou sequer em lhe comunicar essa absurda suposição.

Toda a manhã em Thibermesnil foi um vaivém indescritível. Os guardas, o comissário de polícia de Dieppe, a guarda campestre, os moradores da aldeia, todo mundo pelos corredores, pelo parque ou em volta do castelo. A aproximação das tropas em manobras, o crepitar dos fuzis aumentava o pitoresco da cena.

As primeiras buscas não forneceram qualquer indício. As janelas não tinham sido quebradas nem as portas arrombadas, de modo que a mudança tinha de ter sido feita pela saída secreta. No entanto não ficara no tapete a impressão de um passo, nem nas paredes qualquer marca insólita.

Só uma coisa, inesperada, e a denotar bem a fantasia de Arsène Lupin: a famosa *Crônica* do século XVI tinha voltado ao seu lugar, e ao lado estava um livro semelhante que não era senão o exemplar roubado da Biblioteca Nacional.

Às onze horas chegaram os oficiais. Devanne os acolheu alegremente, pois fosse qual fosse o aborrecimento que lhe causara a perda de tais riquezas artísticas, sua fortuna lhe permitia suportá-la sem mau humor. Seus amigos, os Androl e Nelly desceram.

Feitas as apresentações, notou-se que faltava um convidado, Horace Velmont. Não viria?

Sua ausência teria reativado a desconfiança de Georges Devanne. Mas, ao meio-dia em ponto, ele entrou. Devanne alegrou-se:

— Em boa hora! Chegou!

— Não estou no horário?

— Sim, mas podia não estar depois de uma noite tão agitada!... Sabe a nova?

— Qual?

— Você roubou o castelo.

— Puxa!

— É como estou lhe dizendo. Mas dê antes o braço à miss Underdown e passemos à mesa... Permite, senhorita?

Interrompeu-se, vendo a perturbação da moça. Logo, se recordando:

— Ah, viajou com Arsène Lupin há tempos, antes de ele ser preso... A semelhança a surpreende, não é?

Ela não respondeu. À sua frente, Velmont sorria.

Inclinou-se e ela lhe deu o braço. Levou-a ao seu lugar e se sentou diante dela.

Durante o almoço só se falou de Arsène Lupin, dos móveis roubados, de Herlock Sholmes. No fim da refeição apenas, como se abordassem outros assuntos, Velmont participou da conversa. Foi sucessivamente divertido e grave, eloquente e espirituoso. E tudo o que dizia, parecia dizer só para interessar à moça. Muito absorta, se diria, porém, que não o escutava.

Serviram o café na esplanada que domina o pátio principal e o jardim francês do lado da fachada mais importante. No gramado, a banda do regimento começou a tocar, e o grande número de camponeses e soldados se espalhou pelas aleias do parque.

Nelly lembrava-se da promessa de Arsène Lupin: “Às três horas tudo estará aí, me comprometo.”

Às três horas! E os ponteiros do grande relógio que ornava a ala direita marcavam duas e quarenta. Fitava-o sem querer a todo momento, e também a Velmont, que se embalava tranquilamente numa confortável cadeira de balanço.

Duas horas e cinquenta... duas horas e cinquenta e cinco... uma espécie de impaciência, tingida de angústia, oprimia a moça. Era admissível que o milagre se fizesse, e no minuto fixado, enquanto o castelo, o pátio, o campo estavam cheios de gente, e que neste momento mesmo o procurador da República e o juiz de instrução levavam a efeito seu inquérito?

E, no entanto... no entanto, Arsène Lupin tinha prometido com tal solenidade! *Seria como ele disse*, pensou, impressionada por tudo o que havia neste homem de energia, autoridade e certeza. E aquilo lhe soava não um milagre, mas um acontecimento natural que devia se produzir pela força das coisas.

Por um segundo seus olhares se cruzaram. Ela corou e virou o rosto.

Três horas... Bateu a primeira pancada, a segunda, a terceira... Horace Velmont tirou o relógio do bolso, ergueu os olhos para a pêndula, guardou o relógio. Passaram segundos e as pessoas se afastaram no gramado, dando passagem a dois veículos que acabavam de atravessar o portão do parque, ambos puxados por dois cavalos. Eram desses furgões que seguem os regimentos com víveres para os oficiais e os sacos dos soldados.

Pararam ante a escada de pedra. Um sargento furriel saltou de um deles e perguntou pelo sr. Devanne.

Este ocorreu, descendo os degraus. Sob os toldos, viu, cuidadosamente embalados, seus móveis, quadros, objetos de arte.

Às perguntas que lhe fizeram, o furriel respondia exibindo a ordem que recebera do ajudante de serviço, e tinham a esse sido dadas no relatório da manhã. Por essa ordem, a segunda companhia do quarto batalhão devia providenciar para que os objetos móveis colocados na encruzilhada dos Halleux, na floresta de Arques, fossem levados às três horas ao sr. Georges Devanne, proprietário do castelo de Thibermesnil. Assinado: coronel Beauvel.

— Na encruzilhada — informou o furriel —, tudo estava pronto, alinhado na grama e sob a guarda de gente do lugar paga só para isso. Achei esquisito, mas, ora! A ordem era categórica.

Um dos oficiais examinou a assinatura. Falsa, embora perfeitamente imitada.

A música parou, esvaziaram os furgões, reinstalaram os móveis.

Em meio a essa agitação, Nelly ficou sozinha na ponta da esplanada. Estava inquieta, com pensamentos confusos que não tentava formular. Notou que Vermont se acercava. Desejou evitá-lo, mas o ângulo da balaustrada a circundava pelos lados e uma longa linha de arbustos por trás, não lhe deixando outra saída que o caminho por onde avançava o rapaz. Não se moveu. Um raio de sol tremulava em seus cabelos dourados, sacudido pelas folhas leves de um bambu. Alguém pronunciou baixinho:

— Mantive minha promessa dessa noite.

Arsène Lupin estava junto a ela e, em volta deles, ninguém.

Repetiu, hesitante, com voz tímida:

— Mantive minha promessa dessa noite.

Esperava uma palavra de agradecimento, um gesto ao menos que demonstrasse o interesse que ela tinha nesse ato. Ela calou.

Esse desprezo irritou Arsène Lupin, e tinha ao mesmo tempo o sentimento profundo de tudo o que o separava de Nelly, agora que ela vira a realidade. Quis se desculpar, encontrar explicações, mostrar sua vida no que tinha de audacioso e de grande. Mas as palavras o contrariavam antes de sair, e sentia o

absurdo e a insolência de qualquer explicação. Murmurou tristemente, invadido por uma onda de lembranças:

— Como o passado está distante! Lembra-se das longas horas na ponte do *Provence*? Ah!, veja... tinha, como hoje, uma rosa na mão, e pálida como esta... Pedi que me desse e não pareceu ouvir. Mas depois que saiu, encontrei a rosa... esquecida sem dúvida... e guardei.

Ela não respondeu ainda, parecia longe dali. Ele continuou:

— Em memória dessas horas, não fique pensando no que sabe. Que o passado se ligue ao presente! Que eu não seja o que viu essa noite, mas o de antes, e que seus olhos me fitem, ainda que apenas um segundo, como me fitavam... Peço-lhe... Não sou mais o mesmo?

Ela ergueu os olhos, como ele pedira, e o fitou. A seguir, sem falar, pôs o dedo no anel que ele tinha no indicador. Só se via o aro, mas o engaste, virado para dentro, prendia um rubi maravilhoso.

Arsène Lupin enrubesceu. O anel pertencia a Georges Devanne.

Sorriu com amargura.

— Tem razão. Quem foi, sempre há de ser. Arsène Lupin não é e não pode ser outro senão Arsène Lupin, e entre você e ele não pode sequer haver uma lembrança... Perdoe. Deveria ter compreendido que já a minha presença ao seu lado é um insulto.

Recuou para a balaustrada, de chapéu na mão. Nelly passou diante dele. Esteve tentado a retê-la, implorar. Faltou-lhe a ousadia e a seguiu com os olhos, como no longínquo dia em que atravessava a escada no cais de Nova York. Ela subiu os degraus para a porta. Um instante ainda sua delicada silhueta se desenhava entre os mármore da entrada, e não a viu mais.

Uma nuvem obscureceu o sol. Arsène Lupin observava, imóvel, o rastro dos pequenos passos impressos na areia. Súbito agitou-se: no retângulo de arbustos em que Nelly se apoiara, jazia a rosa, a rosa pálida que não ousara lhe pedir... Esquecida, sem dúvida, essa também. Mas esquecida deliberadamente ou por distração?

Pegou-a com tal ardor que pétalas se destacaram. Recolheu-as uma a uma como relíquias...

Vamos, pensou, nada mais tenho a fazer aqui. E logo que Herlock Sholmes se meta, isso pode piorar.

O parque estava deserto, mas no pavilhão logo na entrada havia um grupo de guardas. Meteu-se pelo bosque, escalou o muro da periferia e, para chegar à estação mais próxima, tomou uma senda que serpeava pelos campos. Não tinha andado dez minutos, e o caminho se apertou, encaixado entre duas encostas; ao chegar a esse desfiladeiro, vinha por ele alguém em sentido contrário.

Era um homem talvez de cinquenta anos, bastante forte, de rosto raspado, e cuja roupa mostrava ser estrangeiro.

Trazia à mão uma pesada bengala, e uma sacola lhe pendia do ombro.

Cruzaram-se, e o estrangeiro disse, com um sotaque inglês apenas perceptível:

— Desculpe, senhor... É esta a estrada do castelo?

— Vá reto e pegue à esquerda ao chegar junto ao muro. Esperam pelo senhor com impaciência.

— Ah!

— Sim, meu amigo Devanne nos anunciou a sua visita desde ontem à noite.

— Pior para ele se falou demais.

— E tenho o prazer de ser o primeiro a saudá-lo. Herlock Sholmes não tem admirador mais entusiasta que eu.

Houve em sua voz um mínimo matiz de ironia que lamentou imediatamente, pois Herlock Sholmes o fitou dos pés à cabeça, num olhar ao mesmo tempo tão envolvente e tão agudo que Arsène Lupin teve a impressão de ser agarrado, preso, registrado por esse olhar mais exata e essencialmente do que nunca fora por qualquer aparelho fotográfico.

A chapa está tirada, pensou. Com este homenzinho não paga a pena eu me disfarçar. Mas... me reconheceu?

Despediram-se. Ecoou no entanto um ruído de cavalos que trotavam com estalidos metálicos. Eram os guardas. Os dois homens tiveram de se apertar contra a encosta, nos verdes altos, para evitar serem atropelados. Passaram os guardas e, como iam a certa distância uns dos outros, demoraram. Lupin pensava:

Tudo depende desta questão: me reconheceu? Se sim, há boa margem para que abuse da situação; é angustiante.

Quando o último cavaleiro passou por eles, Herlock Sholmes se endireitou e, sem falar, limpou a roupa empoeirada. À correia de sua sacola se pegara um galho de espinhos. Arsène Lupin livrou-a. Ainda um segundo se examinaram. E se alguém os surpreendesse neste instante, se comoveria com o espetáculo do primeiro encontro desses dois homens tão poderosamente armados, ambos superiores e fatalmente destinados por suas aptidões especiais a se chocar como duas forças iguais, que a ordem das coisas lançasse uma contra a outra através do espaço.

Disse o inglês:

— Obrigado, senhor.

— Às suas ordens — respondeu Lupin.

Afastaram-se. Lupin foi para a estação, Herlock Sholmes para o castelo.

O juiz de instrução e o procurador tinham partido depois de buscas vãs e se esperava Herlock Sholmes com a curiosidade justificada por sua grande reputação. Houve alguma decepção com seu aspecto burguês, a diferir tão profundamente da imagem que faziam dele. Nada tinha do herói de romance, do personagem enigmático e diabólico que desperta em nós a ideia de Herlock Sholmes. Devanne, porém, bradou, cheio de exuberância:

— Enfim, mestre, chega! Que felicidade! Há tanto o esperava... Estou quase contente com o que se passou por me valer o prazer de vê-lo. A propósito, de que modo veio?

— Pelo trem.

— Que trabalho. Mas eu tinha lhe mandado um automóvel ao desembarque.

— Uma chegada oficial, não é?, com tambor e música. Ótimo meio de me facilitar a tarefa — resmungou o inglês.

O tom pouco atraente desconcertou Devanne, que se esforçou, porém, por brincar:

— Felizmente a tarefa é mais fácil do que lhe tinha escrito.

— E por quê?

— Porque o roubo ocorreu essa noite.

— Se não tivesse anunciado a minha visita, senhor, é provável que o roubo não tivesse ocorrido essa noite.

— E então quando?

Amanhã, ou um outro dia.

— E nesse caso?

— Lupin cairia no laço.

— E meus móveis?

— Não teriam sido levados.

— Mas estão aqui.

— Aqui?

— Foram trazidos às três horas.

— Por Lupin?

— Por dois furgões militares.

Herlock Sholmes enfiou o chapéu na cabeça e agarrou a sacola, mas Devanne bradou:

— Que está fazendo?

— Vou embora.

— Por quê?

— Seus móveis estão aí. Arsène Lupin, distante. Meu trabalho terminou.

— Mas tenho necessidade absoluta do seu concurso, caro senhor. O que se passou ontem, pode voltar a ocorrer amanhã, já que ignoramos o mais importante: como entrou Arsène Lupin, como saiu, e por que, horas mais tarde, fez a restituição.

— Ah! Ignoram...

A ideia de um segredo a descobrir amenizou Herlock Sholmes.

— Que seja, procuremos. Mas depressa, não é? E tanto quanto possível, sozinhos.

A frase se referia claramente aos assistentes. Devanne compreendeu e introduziu o inglês no salão. Num tom seco, em frases que pareciam contadas de antemão — e com que parcimônia! — Sholmes lhe fez perguntas sobre a noite da véspera, os convivas que ali estavam, os frequentadores do castelo. Logo examinou os dois volumes da *Crônica*, comparou os mapas do subterrâneo, fez com que repetisse as citações achadas pelo abade Gélis, e perguntou:

— Foi ontem que, pela primeira vez, falou nessas duas citações?

— Ontem.

— Não as tinha dito antes ao sr. Horace Velmont?

— Não.

— Bem. Providencie o automóvel. Regresso dentro de uma hora.

— Arsène Lupin não demorou mais para resolver o problema que o senhor lhe colocou.

— Eu!... Eu lhe coloquei?...

— Claro, Arsène Lupin e Velmont é a mesma coisa.

— Eu desconfiava... Ah! O malandro!

— Ora, ontem à noite, às dez horas, forneceu os elementos que lhe faltavam e procurava há semanas. E ao correr da noite, Lupin teve tempo de entender, reunir seu bando e roubá-lo. Tenho a pretensão de ser tão expedito quanto ele.

Andou de um lado a outro do aposento refletindo, depois se sentou, cruzou as longas pernas e fechou os olhos.

Devanne esperava, embaraçado.

Dorme? Pensa?

Não sabendo, saiu para dar ordens. Quando voltou, notou-o ao pé da escada da galeria, de joelhos, examinando o tapete.

— Que há aí?

— Olhe... aqui... estes pingos de vela...

— Oh, de fato... e frescas...

— Observará o mesmo no alto da escada, e mais ainda em volta deste mostruário que Arsène Lupin quebrou, e de que tirou os objetos para colocar nesta poltrona.

— E conclui disso?

— Nada. Todos esses fatos explicariam sem qualquer dúvida a restituição que fez. Mas é um lado da questão que não tenho tempo de abordar. O essencial é o trajeto do subterrâneo.

— Espera ainda...

— Não espero, sei. Existe, não é?, uma capela a duzentos ou trezentos metros do castelo?

— Uma capela em ruínas, em que está a tumba do duque Rollon.

— Diga ao seu chofer que nos espere junto a essa capela.

— Ele ainda não voltou. Vão me avisar... Mas, pelo que vejo, acha que o subterrâneo vai dar na capela. Sobre que indício...

Herlock Sholmes o interrompeu:

— Peço que me consiga uma escada e uma lanterna.

— Ah! Precisa de uma lanterna e de uma escada?

— Provavelmente, já que estou lhe pedindo.

Devanne, um pouco sem jeito, puxou a campainha dos criados e os dois objetos foram trazidos.

As ordens passaram a se suceder com o rigor e a precisão de um bom comandante militar.

— Ponha esta escada contra a estante, à esquerda da palavra Thibermesnil...

Devanne arrumou a escada, e o inglês prosseguiu:

— Mais à esquerda... à direita... aí! Suba... Bem... Todas as letras deste nome estão em relevo, não é?

— Sim.

— Vamos tratar da letra H. Vira, num sentido ou noutro?

Devanne pegou o H e exclamou:

— Mas sim, se mexe! Para a direita, um quarto de círculo! Quem lhe tinha dito?...

Sem responder, Herlock Sholmes continuou:

— Pode, de onde está, alcançar a letra R?

— Sim...

— Mexa com ela várias vezes, como faria com um ferrolho que se põe e tira.

Devanne remexeu a letra R e, para sua estupefação, houve uma sacudida interna.

— Perfeito — disse Herlock Sholmes. — Resta-nos apenas passar a sua escada para a outra ponta, ao fim da palavra Thibermesnil... Bem... E agora, se não me engano, se as coisas correrem como devem, a letra L se abrirá tal como um postigo.

Com certa gravidade, Devanne pegou a letra L. Ela se abriu, mas ele rolou da escada, pois toda parte da estante situada entre a primeira e a última letra da palavra, girou sobre si mesma e descobriu o orifício do subterrâneo.

Herlock Sholmes pronunciou, fleumático:

— Não está ferido?

— Não, não — O outro falou. — Não ferido, mas assustado... estas letras que mexem... este subterrâneo aberto...

— E então? Não está tudo exatamente de acordo com a citação de Sully?

— Em que, senhor?

— Puxa! O H gira, o R freme e o L se abre⁶ e é o que permitiu a Henrique IV receber a senhorita de Tancarville a uma hora insólita.

— Mas Luís XVI? — perguntou Devanne, consternado.

— Luís XVI era um grande ferreiro e um serralheiro hábil. Li um *Tratado das fechaduras de combinação* que é tido como seu. Da parte de Thibermesnil, era conduzir-se como bom cortesão mostrar ao chefe esta obra-prima de mecânica. Para memorizar, o Rei escreveu: “2-6-12”, isto é, H-R-L, a segunda, a sexta e a décima segunda letra do nome.

— Ah! Perfeito, começo a compreender... Apenas... Se me explico como se sai desta sala, não me explico como Lupin pôde aqui entrar. Pois, note bem que ele veio de fora.

Herlock Sholmes acendeu a lanterna e avançou uns passos no subterrâneo.

— Olhe, todo o mecanismo se vê daqui como as molas de um relógio, e todas as letras estão aí ao avesso. Lupin não teve mais que fazê-las trabalhar deste lado.

— Qual a prova?

— A prova? Veja esta mancha de óleo. Ele até previu que as molas teriam necessidade de ser engraxadas — acrescentou Sholmes, não sem admiração.

— Mas então ele conhecia a outra saída?

— Como eu conheço. Me siga.

— Pelo subterrâneo?

— Tem medo?

— Não, mas está certo de saber o caminho?

— Com os olhos fechados.

Desceram primeiro doze degraus, logo doze outros, e ainda duas vezes doze outros. Percorreram um longo corredor, cujas paredes de tijolos traziam a marca de sucessivas restaurações e que resumavam em alguns lugares. O chão era úmido.

— Passamos sob o lago — observou Devanne, nada seguro.

O corredor levava a uma escada de doze degraus, seguida de três outras da mesma altura, que subiram penosamente para sair numa pequena cavidade talhada mesmo na rocha. O caminho não ia mais longe.

— Diabo — murmurou Herlock Sholmes —, muros nus, isso se torna embaraçoso.

— Quem sabe voltamos? — murmurou Devanne. — Quanto a mim não tenho nenhuma necessidade de saber mais do que isso. Estou satisfeito.

Mas, tendo levantado a cabeça, o inglês soltou um suspiro de alívio: acima deles se repetia o mesmo mecanismo da entrada. Bastou manobrar as três letras e um bloco de granito se moveu. Do outro lado, era a pedra tumular do duque Rollon, gravada com doze letras em relevo “Thibermesnil”. E se acharam na capelinha em ruínas que o inglês tinha indicado.

— E se vai até Deus, isto é, até a capela — disse, referindo-se ao fim da citação.

— Será possível! — exclamou Devanne, confundido pela clarividência e a vivacidade de Herlock Sholmes. — Será possível que essa simples indicação tenha lhe bastado?

— Oh... ela era até dispensável — retrucou. — No exemplar da Biblioteca Nacional, o traçado se termina à esquerda, você sabe, por um círculo, e à direita, não sabe, por uma cruzinha, mas tão apagada que só se pode ver com lente. Essa cruz significa evidentemente a capela em que estamos.

O pobre Devanne não podia acreditar nos próprios ouvidos.

— É inaudito, milagroso e, no entanto, de uma simplicidade infantil. Como ninguém nunca descobriu essa solução?

— Porque ninguém reuniu nunca os três ou quatro elementos necessários, isto é, os dois livros e as citações... Ninguém, fora Arsène Lupin e eu.

— Mas eu também — objetou Devanne —, e o abade Gélis... Sabíamos os dois tanto quanto vocês, contudo...

Sholmes sorriu.

— Sr. Devanne, nem todo mundo está apto a decifrar enigmas.

— Mas há dez anos que procuro e o senhor, em dez minutos...

— Ora, o hábito...

Saíram da capela e o inglês exclamou:

— Olhe, um automóvel esperando!

— Mas é o meu!

— O seu? Pensei que o chofer não tinha voltado.

— De fato... e me pergunto...

Foram até o carro e Devanne interpelou o chofer:

— Édouard, quem lhe deu a ordem de vir aqui?

— Mas — respondeu o homem — foi o sr. Velmont.

— O sr. Velmont? Encontrou com ele?

— Na estação; disse para eu vir à capela.

— À capela! Mas para quê?

— Para esperar aqui pelo senhor... e o seu amigo...

Devanne e Herlock Sholmes se olharam. Devanne disse:

— Ele compreendeu que o enigma seria brincadeira para você. A homenagem é delicada.

Um sorriso de contentamento enrugou os lábios finos do detetive. A homenagem o agradava. Pronunciou, sacudindo a cabeça:

— É um homem. Bastou vê-lo, aliás, e o tinha julgado.

— Então o viu?

— Há pouco nos cruzamos.

— E sabia que era Horace Velmont, quero dizer Arsène Lupin?

— Não, mas não tardei em adivinhar... por uma certa ironia de sua parte.

— E o deixou escapar?

— Palavra, deixei... E estava na melhor situação... cinco guardas passavam.

— Mas, meu Deus, era uma oportunidade única a aproveitar...

— Justamente, senhor — disse o inglês com nobreza. — Quando se trata de um adversário como Arsène Lupin, Herlock Sholmes não aproveita as oportunidades... as cria.

Mas a hora instava e, já que Arsène Lupin tinha tido a encantadora atenção de enviar o automóvel, cumpria não desperdiçá-la. Devanne e Herlock Sholmes subiram ao confortável carro, Édouard deu manivela e partiram. Campos e ramalhetes de árvores desfilaram. As doces ondulações da região de Caux corriam ante eles. De repente, os olhos de Devanne foram atraídos por um pacotinho posto a um canto.

— Olhe, que será isto? Um pacote. E para quem? Mas para o senhor.

— Para mim?

— Leia: “*Sr. Herlock Sholmes, da parte de Arsène Lupin.*”

O inglês pegou o pacote, desatou e tirou as duas folhas de papel que o envolviam. Era um relógio.

— Ah! — exclamou com um gesto de cólera.

— Um relógio — falou Devanne. — Será por acaso?...

O inglês não respondeu.

— Como! É o seu relógio! Arsène Lupin lhe devolve o seu relógio! Mas, se devolve, é que tinha pegado... Tinha pegado o seu relógio! Esta é boa, o relógio de Herlock Sholmes escamoteado por Arsène Lupin! Deus, como é divertido. Não, verdade... me desculpe... mas é mais forte que eu.

E quando riu o suficiente, afirmou em tom convicto:

— Oh, é um homem, com efeito.

O inglês não se mexeu. Até Dieppe não pronunciou uma palavra, os olhos fitos no horizonte fugidio. Seu silêncio era terrível, insondável, mais violento que a raiva. Já na plataforma para apanhar o trem, disse simplesmente, sem cólera desta vez, mas num tom em que se sentia à vontade e toda a energia da figura.

— Sim, é um homem, e um homem sobre cujo ombro me agradaria pôr esta mão que lhe estendo, sr. Devanne. E tenho ideia, veja, que Arsène Lupin e Herlock Sholmes se encontrarão de novo um dia ou outro... Sim, o mundo é pequeno demais para que não se encontrem... e nesse dia...

NOTAS

5 Versão aproximada: *Decisões Estatais da Realeza*. (N. do T.)

6 Trata-se de um trocadilho com o nome das letras. A passagem atribuída a Sully, que traduzimos tal como a entenderam os participantes do jantar anteriormente na narrativa, assim se escreve em francês: “*La hache tournoie dans l’air qui frémit, mais l’aile s’ouvre, et l’on va jusqu’à Dieu.*” O que, lido pelo som, pode dar: “O *ach* (agá) gira no *èr* (erre) que freme, mas o *èl* (ele) se abre e se vai até Deus (a capela).” (N. do T.)

Artes y Ciencias

Maurice
Leblanc

*Arsène
Lupin*

contra
Herlock
Sholmes

TRADUÇÃO
Paulo Hecker Filho

4ª edição



EDITORA
• NOVA
FRONTEIRA

Lupin

**A Marcel L'Heureux
em testemunho de afeição.
M. L**

PRIMEIRO EPISÓDIO
A Dama Loura

O NÚMERO 514 - SÉRIE 23

Em 8 de dezembro do ano passado, o sr. Gerbois, professor de matemática no liceu de Versalhes, descobriu, na confusão de um antiquário, uma pequena escrivaninha de acaju que lhe agradou pela multiplicidade das gavetas.

Era do que eu precisava para o aniversário de Suzanne, pensou.

E como se esforçava, na medida de seus modestos recursos, em dar prazer à filha, discutiu o preço e desembolsou 65 francos.

No momento em que dizia seu endereço, um jovem elegante, e que já estava a remexer há tempo de um lado e outro, notou o móvel e inquiriu:

— Quanto?

— Está vendido — replicou o comerciante.

— Ah!... Ao senhor, talvez?

O sr. Gerbois o cumprimentou e, muito feliz por ter adquirido o móvel que outro comprador cobiçava, retirou-se.

Não deu, porém, dez passos na rua e o jovem veio a ele, de chapéu na mão e lhe dizendo num tom de perfeita cortesia:

— Peço-lhe perdão, senhor... Quero lhe fazer uma pergunta indiscreta... Procurava essa escrivaninha, em especial, mais do que outra coisa qualquer?

— Não. Procurava uma balança barata para algumas experiências de física.

— De modo que não faz muita questão dela?

— Faço, claro.

— Por ser antiga, talvez?

— Por ser cômoda.

— Nesse caso, consentiria em trocá-la por uma escrivaninha igualmente cômoda, mas em melhor estado?

— Está em bom estado e a troca me parece inútil.

— No entanto...

O sr. Gerbois é homem facilmente irritável e de caráter sombrio.

Respondeu secamente:

— Peço que não insista.

O desconhecido se colocou diante dele.

— Ignoro o preço que pagou, senhor... Eu lhe ofereço o dobro.

— Não.

— O triplo?

— Oh! Fiquemos por aqui! — exclamou o professor, impaciente. — O que me pertence não está à venda.

O jovem o olhou fixamente, de um modo que o sr. Gerbois não deveria esquecer; depois, sem dizer nada, deu meia-volta e se afastou.

Uma hora depois, levaram o móvel à casinha que o professor ocupava na estrada de Viroflay. Ele chamou a filha.

— É para ti, Suzanne, se gostares.

Suzanne era uma bonita criatura, expansiva e feliz. Lançou-se ao pescoço do pai e o beijou com tanta alegria, que era como se ele lhe tivesse dado um presente régio.

Na mesma noite, tendo-a colocado em seu quarto com a ajuda de Hortense, a empregada, limpou as gavetas e arrumou com cuidado seus papéis, caixas de cartas, correspondências, as coleções de cartões-postais e algumas furtivas lembranças que conservava em homenagem a seu primo Philippe.

No dia seguinte, às sete e meia, o sr. Gerbois foi para o liceu. Às dez, Suzanne, como de costume, esperava-o na saída, e era um grande prazer para ele notar, na calçada oposta ao portão, seu vulto gracioso e seu sorriso de criança.

Voltaram juntos.

— E tua escrivanhinha?

— Pura maravilha! Hortense e eu lustramos os cobres. Parecem ouro.

— Então estás contente?

— Se estou! Nem sei como pude passar sem ela até aqui.

Atravessaram a praça antes da casa, e o sr. Gerbois propôs:

— Podíamos dar uma olhada nela antes do almoço?

— Oh, sim! É uma boa ideia.

Ela subiu primeiro, mas, chegando ao umbral da porta, deu um grito de susto.

— Que houve? — balbuciou o sr. Gerbois.

— E, então, entrou no quarto. *A escrivanhinha não estava mais ali.*

O que impressionou o juiz de instrução foi a admirável simplicidade dos meios empregados. Na ausência de Suzanne, e enquanto a empregada fazia as compras, um transportador com a sua licença em ordem — os vizinhos a notaram — tinha parado seu carro diante do jardim e tocado a campainha duas vezes. Os vizinhos, ignorando que a empregada estivesse fora, não suspeitaram de nada, de modo que o indivíduo desincumbiu-se de sua tarefa na mais perfeita quietude.

É de observar que nenhum armário foi forçado, nenhum objeto mexido. Mais que isso: o porta-moedas de Suzanne, que ela tinha deixado sobre o mármore da escrivanhinha, achava-se em cima da mesa próxima, com as peças de ouro que continha. A razão do roubo estava, pois, claramente determinada, o que o tornava ainda mais inexplicável, pois, enfim, por que correr tantos riscos por tão pouco?

O único indício que o professor pôde fornecer foi o incidente da véspera.

— Diante da minha recusa, o rapaz demonstrou imediatamente uma viva contrariedade, e tive a impressão nítida de que me deixava sob uma ameaça.

Era bem vago. Interrogaram o comerciante. Não conhecia nem um nem outro dos dois senhores. Quanto ao objeto, comprara-o por quarenta francos em Chevreuse, numa venda depois de um falecimento, e julgava que o revendera por seu justo valor. O inquérito prosseguiu, mas sem avançar mais nada.

O sr. Gerbois, porém, persuadiu-se de ter sofrido um prejuízo enorme. Uma fortuna devia estar escondida no fundo duplo de uma gaveta, e esse era o motivo por que o jovem, conhecendo o esconderijo, tinha agido com tanta determinação.

— Pobre pai, o que teríamos feito dessa fortuna? — repetia Suzanne.

— Como! Com um dote semelhante, poderias te candidatar aos melhores partidos.

Suzanne, que limitava suas pretensões ao primo Philippe, um partido miserável, suspirava amargamente. E na casinha de Versalhes, a vida continuou menos alegre, menos despreocupada, ensombrecida por lástimas e decepções.

Passaram-se dois meses. De repente, um depois do outro, os acontecimentos mais graves, uma série imprevista de felizes oportunidades e catástrofes!...

A 1.º de fevereiro, às cinco e meia, o sr. Gerbois, que voltara para casa com um jornal da tarde na mão, pôs os óculos e começou a ler. A política não o interessava, virou a página. Em seguida uma matéria lhe atraiu a atenção.

Intitulava-se: “Terceira extração da loteria das Associações da Imprensa.

O número 514 — série 23 ganha um milhão...”

O jornal lhe escorregou dos dedos. As paredes vacilaram diante de seus olhos, seu coração parou de bater. O 514 — série 23 era o seu número! Tinha-o comprado por acaso, para ser gentil com um de seus amigos, pois não acreditava nos favores do destino, e eis que ganhava!

Pegou rapidamente sua caderneta de apontamentos. O número 514 — série 23 estava ali, como lembrete, na página de fora. Mas e o bilhete?

Correu ao gabinete de trabalho para procurar a caixa dos envelopes entre os quais tinha metido o precioso bilhete, e já na entrada se deteve, titubeando de novo com o coração apertado: a caixa dos envelopes não estava ali e, fato aterrador, subitamente se dava conta de que havia semanas que não estava ali! Havia semanas não a divisava diante de si nas horas em que corrigia os deveres de seus alunos!

Um ruído de passos no cascalho do jardim... Chamou:

— Suzanne! Suzanne!

Ela veio correndo, subiu precipitadamente. Ele gaguejou com uma voz sufocada:

— Suzanne... a caixa... a caixa dos envelopes?...

— Qual?

— A do Louvre... que eu trouxe uma quinta-feira... e que estava na beira desta mesa.

— Mas recorda, pai... nós a arrumamos juntos...

— Quando?

— De noite... sabe... na véspera do dia...

— Onde?...

— Na escrivania.

— Na escrivania que foi roubada?

— Sim.

— Na escrivania que foi roubada!

Repetiu essas palavras baixinho com uma espécie de espanto. Depois, pegou-lhe a mão e, num tom ainda mais baixo:

— Ela continha um milhão, minha filha...

— Ah, pai, por que não me disseste nada? — murmurou ela ingenuamente.

— Um milhão! — continuou ele. — Tinha o número premiado dos bilhetes da Imprensa.

A enormidade do desastre os esmagava, e por muito tempo mantiveram um silêncio que não tinham a coragem de quebrar.

Por fim, Suzanne pronunciou:

— Mas, pai, te pagarão assim mesmo.

— Por quê? Baseados em que provas?

— É preciso então provar?

— Deus nos salve!

— E não tens provas?

— Sim, uma.

— Então?

— Estava na caixa.

— Na caixa que desapareceu?

— Sim. E há de ser o outro que receberá.

— Seria uma ignomínia! Vejamos, pai, não poderás te opor?

— Vou eu saber! Vou saber! Esse homem deve ser tão forte! Dispõe de tais recursos!... Lembra... o caso desse móvel...

Ergueu-se num ímpeto de energia e, batendo com o pé:

— Pois bem, não, não! Não há de pegar este milhão, não há! Por que o faria? Enfim, por hábil que seja, nem ele pode fazer nada. Se se apresentar para receber, o prendem! Ah! Vamos ver isso, meu rapaz!

— Tens então uma ideia, pai?

— A de defender nossos direitos, até o fim, aconteça o que acontecer! E triunfaremos!... O milhão é meu: hei de tê-lo!

Minutos depois, mandava este telegrama:

PRESIDENTE CRÉDITO IMOBILIÁRIO, RUA CAPUCINES,
PARIS. SOU POSSUIDOR DO NÚMERO 514 — SÉRIE 23. ME
OPONHO POR TODAS VIAS LEGAIS QUALQUER
RECLAMAÇÃO ALHEIA. GERBOIS.

Quase ao mesmo tempo, chegava ao Crédito Imobiliário este outro telegrama:

O NÚMERO 514 — SÉRIE 23 ESTÁ EM MINHA POSSE.
ARSÈNE LUPIN.

Cada vez que procuro contar alguma das inumeráveis aventuras de que é feita a vida de Arsène Lupin, me vejo embaraçado por me parecer que a mais banal de suas façanhas é conhecida por todos os que me vão ler. De fato, não há um gesto do nosso “ladão nacional”, como o chamaram tão gentilmente, que não tenha sido assinalado do modo mais ressonante, não há uma proeza sua que não tenha sido estudada sob todos os aspectos, um ato que não fosse comentado com esta abundância de detalhes que se costuma reservar à narrativa das ações heroicas.

Quem não conhece, por exemplo, esta estranha história da *Dama Loura*, com seus curiosos episódios que os repórteres intitulavam em tipos grandes: *O número 514 — série 23!... O crime da avenida Henri-Martin!... O diamante azul!...* Que barulho em torno da intervenção do famoso detetive inglês Herlock Sholmes! Que efervescência após cada uma das peripécias que marcaram a luta desses dois grandes artistas! E que alarido nas avenidas no dia em que os jornaleiros vociferaram: “A prisão de Arsène Lupin!”

Minha desculpa é o que eu trago de novo: a chave do enigma. Sempre alguma sombra fica em torno de suas aventuras: eu a dissipo. Reproduzo notícias lidas e relidas, recopio antigas entrevistas; mas coordeno tudo isso, classifico e submeto à exata verdade. Meu colaborador é Arsène Lupin, cuja

complacência comigo é inesgotável. E é também, conforme o caso, o inefável Wilson, o amigo e confidente de Sholmes.

Hão de recordar a grande risada que acolheu a publicação dos dois telegramas. Só o nome de Arsène Lupin representava uma garantia de imprevisto, uma promessa de diversão para o público. E o público era o mundo inteiro.

Das pesquisas realizadas em seguida pelo Crédito Imobiliário, soube-se que o número 514 — série 23 tinha sido vendido, por intermédio do Crédito Lionês, sucursal de Versalhes, ao comandante de artilharia Bessy. Ora, este morrerá numa queda de cavalo. Por camaradas de armas a quem ele contara, soube-se que, pouco antes de sua morte, cedera seu bilhete a um amigo.

— Este amigo sou eu — afirmou o sr. Gerbois.

— Prove — objetou o presidente do Crédito Imobiliário.

— Provas? É fácil. Vinte pessoas lhe dirão que eu tinha com o comandante frequentes relações e nos encontrávamos no café da praça de Armas. Foi lá que um dia, numa gentileza com ele, num momento de aperto, fiquei com o seu bilhete pela soma de vinte francos.

— Tem testemunhas dessa transação?

— Não.

— Nesse caso, em que baseia o seu pedido?

— Na carta que ele me escreveu a esse respeito.

— Que carta?

— Uma carta que alfinetei ao bilhete.

— Mostre.

— Mas estava na escrivaninha roubada!

— Ache-a.

Arsène Lupin a trouxe a público. Uma nota do *Écho de France*, que tinha a honra de ser o seu órgão oficial e de que era, parece, um dos principais acionistas, anunciou que ele deixaria em mãos de Detinan, seu advogado particular, a carta que o comandante Bessy lhe tinha escrito, a ele pessoalmente.

Foi uma explosão de alegria: Arsène Lupin tomava um advogado! Arsène Lupin, respeitando as regras estabelecidas, designava para representá-lo um membro da Ordem!

Toda a imprensa correu à casa de Detinan, influente deputado radical, homem de elevada probidade, ao mesmo tempo que de espírito fino, um pouco cético, facilmente paradoxal.

Detinan não tivera o prazer de encontrar Arsène Lupin — e o lamentava profundamente —, mas acabava de receber instruções suas e, tocado por uma escolha de que sentia toda a honra, contava defender vigorosamente o direito de seu cliente. Abriu, pois, o dossiê novo e, sem delongas, exibiu a carta do comandante. Provava claramente a cessão do bilhete, mas não mencionava o nome do adquirente. “Meu caro amigo...”, dizia apenas.

“‘Meu caro amigo’ não é outro senão eu, Arsène Lupin”, constava numa nota anexa à carta do comandante. “E a melhor prova é que possuo a carta.”

A nuvem de repórteres se abateu em seguida sobre a casa do sr. Gerbois, que não pôde mais que repetir:

— “Meu caro amigo” não é outro senão eu. Arsène Lupin roubou a carta do comandante com o bilhete de loteria.

— Prove! — rebateu Lupin aos jornalistas.

— Mas se foi ele que roubou a escrivania! — bradou o sr. Gerbois diante dos mesmos jornalistas.

E Lupin:

— Prove!

E foi um espetáculo de encantadora fantasia esse duelo público entre os dois possuidores do número 514 — série 23, as idas e vindas dos repórteres, o sangue-frio de Arsène Lupin diante do desatino do pobre sr. Gerbois.

A imprensa se encheu dos lamentos do infeliz. Narrava seu infortúnio com comovente ingenuidade.

— Compreendam, senhores, é o dote de Suzanne que este safado me tira! Para mim mesmo não importa tanto, mas para Suzanne! Pensem, um milhão! Dez vezes cem mil francos! Ah! Eu sabia que a escrivania continha um tesouro!

Não adiantava lhe opor que o seu adversário, ao levar o móvel, ignorava a presença de um bilhete de loteria e que ninguém, de qualquer forma, podia prever que esse bilhete ganharia o grande prêmio; gemia:

— Vamos, ele sabia!... Senão por que se daria ao trabalho de pegar esse miserável móvel?

— Por motivos ignorados, mas não certamente para se apossar de um pedaço de papel que valia então a modesta soma de vinte francos.

— Um milhão! Ele sabia... Sabe tudo! Ah, não conhecem este bandido!... De vocês não tirou um milhão, de vocês não!

O diálogo poderia durar muito tempo. Mas no décimo segundo dia, o sr. Gerbois recebeu de Arsène Lupin uma carta que trazia a indicação “confidencial”. Leu, com crescente inquietude:

Senhor, o povo se diverte à nossa custa. Não crê que chegou o momento de ser sério? De minha parte, estou firmemente resolvido a isso.

A situação é clara: possuo um bilhete que não tenho o direito de receber, e ao senhor acode o direito sobre um bilhete que não possui. De modo que nada podemos um sem o outro.

Ora, nem o senhor consentirá em me ceder o SEU direito, nem eu em lhe ceder o MEU bilhete.

Que fazer?

Só vejo um meio, dividir. Meio milhão para o senhor, meio milhão para mim. Não está equitativo? E essa sentença salomônica não satisfaz a necessidade de justiça que existe em cada um de nós?

Solução justa, mas solução imediata. Não se trata de uma oferta que tenha tempo de debater, mas de uma necessidade a que as circunstâncias o obrigam a se dobrar. Dou-lhe três dias para pensar. Sexta de manhã, quero crer que lerei, entre os pequenos anúncios do Écho de France, uma discreta nota dirigida ao sr. Ars. Lup contendo, em termos velados, sua adesão pura e simples ao pacto que lhe proponho. Mediante isso, entrará na imediata posse do bilhete e receberá o milhão — enviando-me quinhentos mil francos pelo meio que posteriormente lhe indicarei.

Se recusar, tomei providências para que o resultado seja o mesmo. Mas, além dos graves aborrecimentos que lhe causará uma tal obstinação, sofrerá uma retenção de 25 mil francos por gastos suplementares.

Queira receber, senhor, a expressão de meus sentimentos mais respeitosos.

Arsène Lupin.

Exasperado, o sr. Gerbois cometeu o grande erro de mostrar essa carta e deixar que tirassem cópia dela. Sua indignação o impelia a todas as tolices.

— Nada! Ele não receberá nada! — gritava ante a turma de repórteres. — Dividir o que me pertence? Nunca. Que rasgue o seu bilhete, se quiser!

— No entanto, quinhentos mil francos é melhor do que nada.

— Não se trata disso, mas do meu direito, e vou estabelecer esse direito ante os tribunais.

— Processar Arsène Lupin? Ia ser engraçado.

— Não, mas o Crédito Imobiliário. Deve me entregar o milhão.

— Contra a exibição do bilhete, ou pelo menos contra a prova de que o adquiriu.

— A prova existe, já que Arsène Lupin confessa que roubou a escrivania.

— A palavra de Arsène Lupin bastará aos tribunais?

— Não importa, faço o processo.

A cidade delirava. Apostas foram feitas, uns sustentando que Lupin anularia Gerbois, outros que pagaria suas ameaças. E havia uma espécie de apreensão, tamanha era a desigualdade entre os dois adversários, um tão duro na luta, outro em desatino como um animal encurralado.

Na sexta, os leitores arrancavam uns dos outros exemplares do *Écho de France* à procura febril do lugar dos pequenos anúncios na quinta página. Nenhuma linha estava dirigida ao sr. *Ars. Lup.* Às injunções de Arsène Lupin, o sr. Gerbois respondia com o silêncio. Era a declaração de guerra.

À noitinha, se soube pelos jornais do sequestro da srta. Gerbois.

O que nos diverte no que se poderia chamar os espetáculos de Arsène Lupin, é o papel eminentemente cômico da polícia. Tudo se passa alheio a ela. Ele fala, escreve, prevê, comanda, ameaça, executa, como se não existisse nem o chefe da Sûreté, nem agentes, nem comissários, ninguém enfim que pudesse embarçá-lo em seus desígnios. Toda essa gente é considerada nula e desinformada. Um obstáculo inexistente.

E, no entanto, ela se mexe, a polícia! Quando se trata de Arsène Lupin, de alto a baixo dos escalões, todo mundo se apaixona, ferve, espuma de raiva. É o inimigo, e o inimigo que a afronta, provoca, despreza ou, ainda pior, a ignora.

Que fazer contra um inimigo semelhante? Às vinte para as dez, segundo o testemunho da empregada, Suzanne saía de casa. Às 10h05, deixando o liceu, seu pai não a viu na calçada em que tinha o hábito de esperá-lo. Portanto, tudo se passou durante a caminhada de vinte minutos que teria conduzido Suzanne de casa ao liceu, ou ao menos até perto deste.

Dois vizinhos afirmaram ter passado por ela a trezentos metros da casa. Uma senhora vira andando pela avenida uma moça cuja descrição correspondia à dela. E depois? Depois nada se sabia.

Investigou-se de todos os lados, empregados das estações e da alfândega foram interrogados. Nada tinham notado naquele dia que pudesse se relacionar com o sequestro de uma moça. Em Ville-d'Avray, porém, um merceeiro declarou que fornecera óleo a um automóvel fechado que vinha de Paris. No banco da frente, um motorista, atrás uma dama loura — excessivamente loura, precisou a testemunha. Uma hora mais tarde o automóvel voltava de Versalhes. Um problema no carro o obrigou a ir devagar, permitindo ao merceeiro observar, ao lado da dama loura já entrevista, a presença de outra dama, envolta em chales e véus. Sem dúvida era Suzanne Gerbois.

Mas então era preciso supor que o rapto se dera em plena luz do dia, numa estrada com muito movimento, no centro mesmo da cidade!

Como? Em que lugar? Nem um grito foi ouvido, nem se notou qualquer movimento suspeito.

O comerciante deu a indicação do automóvel, uma limusine de 24 cavalos da Peugeot, com carroçaria azul-escuro. Na falta de melhor, se informaram com a diretora da Grande-Garagem, a sra. Bob-Walthour, especialista em raptos por automóvel. Com efeito, na sexta de manhã, alugara para o dia uma limusine Peugeot a uma senhora loura que, de resto, não voltara a ver.

— E o motorista?

— Chamava-se Ernest e tinha sido empregado na véspera, apresentando as melhores referências.

— Está aqui?

— Não, trouxe o carro de volta e não foi mais visto.

— Não poderíamos lhe seguir a pista?

— Sim, com as pessoas que o recomendaram. Eis os seus nomes.

Foram à casa dessas pessoas e nenhuma delas conhecia o tal Ernest.

Assim, todo o rastro que se seguia para sair das trevas levava a outras trevas, outros enigmas.

O sr. Gerbois não estava à altura de sustentar uma batalha que começava para ele de maneira tão desastrosa. Inconsolável desde o desaparecimento da filha, castigado por remorsos, capitulou.

Um pequeno anúncio apareceu no *Écho de France*, comentado por todo mundo, apresentando sua submissão pura e simples, sem segundas intenções.

Era a vitória, a guerra terminada em quatro vezes vinte e quatro horas.

Dois dias depois, o sr. Gerbois atravessou a esplanada do Crédito Imobiliário. Levado ao presidente, passou-lhe o número 514 — série 23. O homem pulou.

— Ah! Tem o bilhete? Devolveram-lhe?

— Tinha se extraviado; ei-lo aí — respondeu Gerbois.

— No entanto pretendia... era questão de...

— Tudo isso não passou de boatos e mentiras.

— Precisaríamos, de qualquer forma, de algum documento em apoio.

— Não basta a carta do comandante?

— Por certo.

— Está aqui.

— Perfeito. Vai ter a bondade de nos deixar essas peças em depósito. Concedem-nos 15 dias para verificação. Avisarei quando o senhor puder se apresentar no caixa. Daqui até lá, senhor, acredito ser do seu interesse não fazer declarações e encerrar este assunto com toda a discrição.

— É a minha intenção.

O sr. Gerbois não falou, nem o presidente. Mas há segredos que se desvelam sem que nenhuma indiscrição seja cometida, e se soube de repente que Arsène Lupin tivera a audácia de devolver ao sr. Gerbois o número 514 — série 23! A notícia foi recebida com uma admiração estupefata. Sem dúvida, era um bom jogador quem atirava na mesa um trunfo da importância do precioso bilhete! Certamente dele não se desfizera sem plena consciência e por algum outro trunfo que restabelecesse o equilíbrio. Mas se a moça fugisse? Se tivessem êxito em retomar a refém que ele detinha?

A polícia sentiu o ponto fraco do inimigo e redobrou os esforços. Arsène Lupin desarmado, espoliado por si mesmo, preso na engrenagem de suas conspirações, não ficando com nenhum traidor centavo do cobiçado milhão... Na hora, os que gostam de rir passaram para o outro lado.

Mas era preciso achar Suzanne. E não a achavam, e muito menos ela fugia.

Ora, dizia-se, saiu-se bem. Arsène Lupin ganha o primeiro trunfo. Mas o mais difícil está por fazer. A srta. Gerbois está com ele, estamos de acordo, e não a devolverá senão contra quinhentos mil francos. Mas onde e como se fará a troca? Para que isso aconteça, deve haver um encontro, e então o que impede o sr. Gerbois de advertir a polícia e, assim, retomar a filha guardando o dinheiro?

Entrevistaram o professor. Muito abatido, sequioso de silêncio, permaneceu impenetrável.

— Nada tenho a dizer; espero.

— E a srta. Gerbois?

— As buscas continuam.

— Mas Arsène Lupin lhe escreveu?

— Não.

— Garante?

— Não.

— Então escreveu. Quais foram suas instruções?

— Nada tenho a dizer.

Sitiaram o advogado Detinan. Idêntica discrição.

— O sr. Lupin é meu cliente — respondeu fingindo gravidade —, entendem que sou forçado à mais completa reserva.

Esses mistérios irritavam a opinião pública. Os planos, evidentemente, eram tramados à sombra. Arsène Lupin punha suas redes e apertava-lhes as malhas, enquanto a polícia organizava em torno do sr. Gerbois uma vigilância de dia e noite. E o público encarava os três únicos desfechos possíveis: a prisão, o triunfo ou o fracasso ridículo e lastimável.

Aconteceu que a curiosidade popular não foi satisfeita senão parcialmente, e é nestas páginas que, pela primeira vez, a exata verdade será revelada.

Na terça, 12 de março, o sr. Gerbois recebeu, num envelope de aspecto comum, um aviso do Crédito Imobiliário.

Na quinta, a uma hora, tomava o trem para Paris. Às duas, as mil notas de mil francos lhe foram entregues.

Enquanto as repassava uma a uma, trêmulo — não significava este dinheiro o resgate de Suzanne? —, dois homens conversavam num carro parado a alguma distância do grande portal. Um deles tinha cabelos começando a embranquecer e um rosto enérgico que contrastava com sua roupa e maneiras de pequeno funcionário. Era o inspetor Ganimard, o velho Ganimard, o inimigo implacável de Lupin. E Ganimard dizia ao cabo de esquadra Folenfant:

— Não vai tardar... antes de cinco minutos, vamos rever o nosso velhote. Está tudo pronto?

— Prontíssimo.

— Quantos somos?

— Oito, dois de bicicleta.

— E eu, que conto por três. É suficiente, mas não demais. Que o Gerbois não nos escape a nenhum preço... senão adeus: encontra Lupin no lugar que devem ter combinado, troca a moça pelo meio milhão e o golpe está dado.

— Mas por que diabo o velho não vem junto conosco? Seria tão simples. Pondo-nos na sua jogada, guardaria o milhão inteiro.

— Sim, mas tem medo. Se tentar meter o outro nas grades, não terá a filha.

— Que outro?

— *Ele*.

Ganimard pronunciou a palavra numa gravidade um tanto receosa, como se falasse de um ser sobrenatural do qual já tinha sentido as garras.

— É engraçado — observou judiciosamente o cabo Folenfant — estarmos reduzidos a proteger este senhor contra si mesmo.

— Com Lupin, o mundo vira de pernas para o ar — Ganimard suspirou. Passou um minuto.

— Atenção — fez ele.

O sr. Gerbois saía. No fim da rua dos Capucines, passou às avenidas do lado esquerdo. Prosseguia lentamente ao longo das lojas, a olhar as vitrines.

— Tranquilo demais, o cara — dizia Ganimard. — Um sujeito que leva no bolso um milhão não anda com esta calma.

— Que é que ele pode fazer?

— Oh! Nada, claro... Não importa, fico desconfiado. Lupin é Lupin.

Neste momento, Gerbois se dirigiu a um quiosque, escolheu jornais, contou o troco, abriu uma das folhas e, com os braços estendidos, continuando em passos curtos, pôs-se a ler. Súbito, num pulo, meteu-se num automóvel parado à beira da calçada. O motor estava ligado, pois partiu rapidamente, dobrou na igreja Madeleine e desapareceu.

— Demônios! — exclamou Ganimard. — Ainda outro golpe à *sua* moda!

Saiu correndo, e outros homens também, ao mesmo tempo, dando a volta na Madeleine.

Mas caiu na risada. Na entrada da avenida da Malesherbes, o automóvel estava parado por um defeito no motor e o sr. Gerbois dele descia.

— Ligeiro, Folenfant... o motorista... é talvez o tal Ernest.

Folenfant ocupou-se dele. Chamava-se Gaston e era empregado na sociedade de automóveis de aluguel; dez minutos antes, um senhor tomara seu carro e lhe dissera para esperar de “motor ligado”, perto do quiosque, até que outro senhor viesse.

— E o segundo cliente — perguntou Folenfant —, que direção lhe deu?

— Nenhuma... “Avenida Malesherbes... com a de Messine... Gorjeta dupla”... Foi tudo.

Enquanto isso, sem perder um minuto, o sr. Gerbois tinha pegado o primeiro carro que passava.

— Cocheiro, ao metrô da Concorde.

O professor saiu do metrô na praça do Palais-Royal, correu a um outro carro e se fez conduzir à Praça da Bolsa. Segunda viagem de metrô, depois avenida de Villiers e terceiro carro.

— Cocheiro, rua Clapeyron, 25.

O prédio do número 25 da rua Clapeyron é separado da avenida Batignolles por uma casa de esquina. Subiu ao primeiro andar e bateu. Um senhor lhe abriu.

— É aqui que mora o advogado Detinan?

- Sou eu mesmo. O sr. Gerbois, sem dúvida.
- Isso.
- Estava esperando o senhor. Faça o obséquio de entrar.

Quando Gerbois entrou no gabinete do doutor, a pêndula marcava três horas; imediatamente ele disse:

- É a hora que ele marcou comigo. Não está aí?
- Ainda não.

Gerbois sentou-se, enxugou a testa, olhou seu relógio como se ignorasse a hora, e retomou ansioso:

- Ele virá?

O doutor respondeu:

— Pergunta-me sobre a coisa pela qual estou mais curioso de saber neste mundo. Nunca tive essa impaciência. De qualquer forma, se vier, vai correr um grande risco, pois esta casa há uns 15 dias vem sendo muito vigiada. Desconfiam de mim.

— De mim ainda mais. Nem posso afirmar se os agentes que me seguiam foram despistados.

- Mas então...

— A culpa não será minha — gritou com vivacidade o professor —, e não podem me censurar. Prometi obedecer às suas ordens e, bem, obedeci a elas cegamente, peguei o dinheiro na hora marcada por *ele* e vim à sua casa da maneira que *ele* prescreveu. Responsável pela infelicidade da minha filha, cumpri minhas promessas com toda lealdade. Cabe a ele manter as suas.

E acrescentou, com a mesma voz aflita:

- Ele trará a minha filha, não é?
- Espero.
- No entanto... o senhor o viu?

— Eu? Mas não! Simplesmente me pediu por carta que recebesse os dois, despachasse os criados antes das três horas e não admitisse ninguém em meu apartamento entre a sua chegada e a sua saída. Se discordasse disso, pediu-me que o prevenisse por duas linhas no *Écho de France*. Mas estou feliz em servir Arsène Lupin e consinto em tudo.

Gerbois gemeu:

— Ai, como vai acabar tudo isso?

Tirou do bolso as notas, abriu-as na mesa e com elas fez dois montes de igual tamanho. Calaram-se. De tempo em tempo, o sr. Gerbois afinava o ouvido: teriam chamado?

Sua angústia aumentava com o passar dos minutos, e o próprio Detinan experimentava uma sensação quase dolorosa.

A certa altura, o advogado perdeu o sangue-frio. Ergueu-se bruscamente e disse:

— Não aparecerá... Como pode querer isso? Da parte dele, seria uma loucura. Que tenha confiança em nós. Ora, somos gente honesta. Incapaz de traí-lo. Mas o perigo não está apenas aqui.

E Gerbois, devastado, com as duas mãos em cima das notas, balbuciou:

— Que apareça, meu Deus, que apareça! Darei tudo isso para recuperar Suzanne.

A porta se abriu.

— Basta a metade, sr. Gerbois.

Alguém surgiu no umbral, um jovem elegantemente vestido, no qual o sr. Gerbois reconheceu na hora o indivíduo que o abordara perto da loja de segunda mão, em Versalhes. Correu a ele.

— E Suzanne? Onde está a minha filha?

Arsène Lupin fechou a porta com cuidado e, tirando as luvas com toda a tranquilidade, disse ao advogado:

— Querido doutor, não poderia lhe agradecer o suficiente a boa vontade com que concordou em defender os meus direitos. Não a esquecerei.

Detinan murmurou:

— Mas não bateu... não ouvi a porta...

— Campainhas e portas são coisas que devem funcionar sem que ninguém ouça. Enfim, estou aqui e é o essencial.

— Minha filha! Suzanne! Que fez dela? — repetia o professor.

— Meu Deus — falou Lupin —, como é apressado! Ande, se acalme, num instante a sua filha estará consigo.

Andou uns passos e articulou no tom de um superior que distribui elogios:

— Sr. Gerbois, felicito-o pela habilidade com que agiu há pouco. Se o automóvel não tivesse tido aquele defeito absurdo, estaríamos simplesmente em Étoile e pouparíamos ao dr. Detinan o embaraço desta visita... Enfim, estava escrito.

Percebeu os dois montes de dinheiro e exclamou:

— Ah! Perfeito! O milhão está aí... Não vamos perder tempo. Permite?

— Mas — objetou Detinan, pondo-se à frente da mesa — a srta. Gerbois não chegou ainda.

— E daí?

— E daí? Sua presença não é indispensável?

— Entendo, entendo! Arsène Lupin inspira apenas uma confiança relativa. Embolsa o meio milhão e não devolve a refém. Ah, meu caro patrono, eu sou um grande desconhecido! Porque o destino me levou a atos de natureza um pouco... especial, se suspeita da minha boa-fé... de mim! De mim, que sou o homem do escrúpulo e da delicadeza! Aliás, meu caro, se tiver algum receio, abra a janela e chame. Há pelo menos uns dez agentes na rua.

— Acha?

Arsène Lupin ergueu a cortina.

— Acho o sr. Gerbois incapaz de despistar Ganimard... que eu dizia? Ali está o bravo amigo!

— Será possível! — bradou o professor. — Eu lhe juro, no entanto...

— Que não me traiu?... Não duvido, mas os rapazes são hábeis. Olhe, Folenfant que estou vendo!... E Gréaume!... E Dieuzy... todos meus bons camaradas, ah!

Detinan o fitava com surpresa. Que tranquilidade! Ele ria um riso feliz, como se se divertisse com um jogo infantil e nenhum perigo o ameaçasse.

Mais ainda que a presença dos agentes, essa falta de cuidado serenou o advogado. Afastou-se da mesa em que estavam as notas.

Arsène Lupin pegou um e outro dos dois montes e aliviou cada um de 25 notas, estendendo a Detinan as cinquenta assim obtidas:

— Os honorários que cabem ao dr. Gerbois, caro doutor, e os que cabem a Arsène Lupin. Bem lhe devemos isso.

— Não me deve nada — replicou Detinan.

— Como? E todo o trabalho que lhe causamos!

— E todo o prazer que tenho em me dar esse trabalho!

— Quer dizer, doutor, que não deseja aceitar nada de Arsène Lupin. Eis no que dá — suspirou — ter má reputação.

Estendeu os cinquenta mil francos ao professor.

— Senhor, como lembrança do nosso bom encontro, permita que lhe entregue isso: será o meu presente de núpcias à srta. Gerbois.

Gerbois pegou com vivacidade as cédulas, mas protestou:

— Minha filha não está para casar.

— Não está, se recusar seu consentimento. Mas deseja muito.

— Que sabe disso?

— Sei que as moças muitas vezes têm sonhos sem a autorização dos papais. Felizmente ainda existem gênios bons que se chamam Arsène Lupin e que no fundo das escrivaninhas descobrem os segredos dessas almas cativantes.

— E não descobriu ali outra coisa? — perguntou o advogado. — Eu me confesso curiosíssimo para saber por que esse móvel o preocupou tanto.

— Motivo histórico, caro doutor. Embora, contra a opinião do sr. Gerbois, não contivesse outro tesouro além do bilhete de loteria — e isso eu ignorava —, fazia questão dele e o buscava há tempos. Esta escrivaninha, em madeira de teixo e acaju, decorada com capitéis de folhas de acanto, foi encontrada na discreta casinha em que morava em Bolonha Maria Walewska, e traz numa das gavetas a inscrição: *Oferecido a Napoleão I, Imperador dos franceses, por seu fiel servidor, Mancion*. E em cima estas palavras gravadas a ponta de faca: “Para ti, Maria.” Posteriormente, Napoleão fez uma cópia do móvel para a imperatriz Joséphine — de maneira que a escrivaninha que se admira em Malmaison não passa de uma imperfeita reprodução da que de ora em diante faz parte de minhas coleções.

O professor gemeu:

— Ai de mim! Se soubesse disso lá na loja, como teria me apressado em cedê-la ao senhor!

Arsène Lupin disse rindo:

— E teria tido, por acréscimo, a considerável vantagem de conservar, só para o senhor, o número 514 — série 23.

— O que não o teria levado a raptar minha filha, que tudo isso deve ter transtornado.

— Tudo isso?

— Este rapto...

— Mas, caro senhor, cai num erro; a srta. Gerbois não foi raptada.

— Minha filha não foi raptada!

— Em absoluto. Quem diz rapto, diz violência. Ora, foi por deliberação própria que serviu de refém.

— Por deliberação própria! — repetiu o sr. Gerbois, confuso.

— E quase a seu pedido! Como! Uma moça inteligente como a srta. Gerbois e, o que é mais, cultivando no íntimo uma paixão inconfessa, iria recusar-se a obter o seu dote! Ah, juro-lhe que foi fácil fazê-la compreender que não havia outro meio de vencer a sua teimosia.

O advogado se divertia muito. Objetou:

— O mais difícil é imaginar você se entendendo com ela. É inadmissível que a srta. Gerbois tenha se deixado abordar.

— Oh, por mim, não. Não tenho mesmo a honra de conhecê-la. Foi uma de minhas amigas que se prontificou a entabular as negociações.

— A dama loura do automóvel, sem dúvida — interrompeu o advogado.

— Justamente. Desde o primeiro encontro diante do liceu, tudo ficou combinado. Desde aí, a srta. Gerbois e sua nova amiga viajaram, visitando a Bélgica e a Holanda, da maneira mais agradável e instrutiva para um moço. De resto, ela mesma lhe explicará.

Bateram à porta do vestíbulo, três golpes seguidos, um isolado e mais um final.

— É ela — disse Lupin. — Caro doutor, se nos faz o obséquio...

O advogado se precipitou.

Duas jovens entraram. Uma lançou-se aos braços do sr. Gerbois. A outra acercou-se de Lupin. Era de elevada estatura, harmonioso busto, o rosto pálido, e os cabelos louros, de um louro cintilante, se dividiam em dois bandôs ondulados e bem frouxos. Vestida de preto, sem mais adorno que um colar de jade de cinco voltas, parecia, porém, de requintada elegância.

Arsène Lupin lhe disse algumas palavras, depois, cumprimentando a srta. Gerbois:

— Peço-lhe perdão, senhorita, por todas essas atribulações, contudo espero que não tenha sido muito infeliz...

— Infeliz! Teria sido antes muito feliz, se não tivesse havido meu pobre pai.

— Então, tudo ocorreu da melhor forma. Beije-o de novo e aproveite a ocasião, que é excelente, para lhe falar do primo.

— O meu primo... que significa?... não entendo...

— Mas, sim, entende... O seu primo Philippe... O jovem de quem guarda preciosamente as cartas...

Suzanne enrubesceu, perdeu o aprumo e, enfim, como lhe aconselhava Lupin, novamente se atirou aos braços do pai.

Lupin observou enternecido os dois.

— Como recompensa fazer o bem! Espetáculo tocante: feliz pai, feliz filha. E dizer que tanta felicidade é obra tua, Lupin! Esses seres mais tarde te abençoarão... Teu nome será piedosamente lembrado a seus netos... Oh, a família... a família!...

Foi até a janela.

— Continuará aí o bom Ganimard?... Ele gostaria tanto de assistir a estas encantadoras efusões!... Mas não, não está mais... Ninguém... Nem ele, nem os outros... Diabo! A situação se torna séria... Não é de surpreender que já estejam na porta do prédio... falando com o porteiro talvez... ou mesmo na escada!

O sr. Gerbois deixou escapar um gesto. Agora que sua filha lhe fora devolvida, o sentimento da realidade lhe voltava. A prisão de seu adversário representava para ele meio milhão. Instintivamente deu um passo... Como por acaso, Lupin se atravessou no seu caminho.

— Onde vai, sr. Gerbois? Defender-me contra eles? Muito amável! Mas não se incomode. Juro-lhe que estão mais embaraçados do que eu.

E prosseguiu refletindo:

— No fundo, o que sabem? Que o senhor está aqui e talvez que a srta. Gerbois também, pois devem tê-la visto chegar com uma dama desconhecida. Mas de mim não desconfiam. Como me teria metido numa casa que revistaram de manhã da adega ao sótão? Não, segundo todas as probabilidades, me esperam para me pegar em flagrante... Pobres anjos!... A menos que adivinhein que a dama desconhecida foi enviada por mim e a suponham

encarregada de realizar a troca... Caso em que se aprestam para prendê-la na saída...

A campainha soou.

Num gesto brusco, Lupin imobilizou o sr. Gerbois e, com a voz seca, imperiosa:

— Alto lá, senhor, pense em sua filha e seja sensato, senão... Quanto ao senhor, doutor, tenho a sua palavra.

Gerbois ficou plantado no lugar e o advogado não se mexeu.

Sem qualquer pressa, Lupin pegou o chapéu. Um pouco de pó o maculava e o limpou com a manga.

— Caro doutor, se alguma vez precisar mim... Meus melhores votos, srta. Suzanne, e mande meus cumprimentos ao sr. Philippe.

Tirou do bolso um pesado relógio com tampa dupla de ouro.

— Sr. Gerbois, são 3h42; às 3h46, eu o autorizo a sair deste salão... Nem um minuto antes das 3h46, ouviu?

— Mas vão entrar pela força — não pôde se impedir de dizer o advogado.

— E a lei que está esquecendo, caro doutor! Ganimard nunca ousaria violar a casa de um cidadão francês. Teríamos tempo de jogar uma partida de brigde. Mas perdoem, parecem os três um tanto emocionados e não queria abusar...

Pôs o relógio sobre a mesa, abriu a porta da sala e, se dirigindo à dama loura:

— Está pronta, querida amiga?

Passou diante dela, fez um último gesto de respeitosa saudação à srta. Gerbois, saiu e fechou a porta.

No vestíbulo, o ouviram dizer em voz alta:

— Bom dia, Ganimard, como vão as coisas? Recomende-me à sra. Ganimard... Um dia desses, vou lhe pedir que almoce lá... Adeus, Ganimard.

Um toque de campainha ainda, brusco, violento, logo outros repetidos e ruídos de vozes no patamar da escada.

— Três horas e quarenta e cinco — balbuciou o sr. Gerbois.

Após uns segundos, resoluto, passou ao vestíbulo. Lupin e a dama loura não estavam mais lá.

— Pai!... Não deve!... espere!... — gritou Suzanne.

— Esperar? Estás louca?... Considerações com este velhaco... E o meio milhão?

Abriu.

Ganimard arremeteu.

— Aquela senhora... onde está? E Lupin?

— Estava aqui... aqui.

Ganimard deu um grito de triunfo:

— Vamos pegá-lo... A casa está cercada!

O advogado Detinan observou:

— E a escada de serviço?

— Vai dar no pátio que só tem uma saída, a porta principal, onde dez homens estão guardando.

— Mas ele não entrou por essa porta... nem irá por ali.

— Então por onde? — ripostou Ganimard. — Pelos ares?

Afastou uma cortina. Surgiu um comprido corredor que levava à cozinha. Ganimard seguiu por ele correndo e verificou que a porta da escada de serviço estava fechada à chave com duas voltas.

Da janela, chamou um de seus agentes:

— Ninguém?

— Ninguém.

— Então — bradou —, estão no apartamento!... Se esconderam num dos quartos!... É impossível que tenham escapado... Ah, meu pequeno Lupin, zombaste de mim, mas desta vez tiro a revanche.

Às sete da noite, o sr. Dudouis, da Sûreté, admirado por não ter notícias, compareceu à rua Clapeyron. Interrogou os agentes que vigiavam o imóvel e, a seguir, subiu à casa do advogado, que o conduziu ao seu quarto. Viu aí um homem, ou antes duas pernas a se agitarem sobre o tapete, enquanto o torso a que pertenciam se metera nas profundezas da chaminé.

— Oi... oi!... — grunhia uma voz sufocada.

E uma voz mais distante que vinha do alto respondia:

— Oi!... oi!...

O sr. Dubouis exclamou rindo:

— E agora, Ganimard, deste para limpador de chaminés?

O inspetor se desenterrou das entranhas da lareira: o rosto enegrecido, as roupas cobertas de fuligem, os olhos febris — irreconhecível.

— Estou à procura *dele* — rosnou.

— Quem?

— Arsène Lupin... Arsène Lupin e sua amiga.

— Ah, isso! Mas como imaginou que tenham se escondido no cano da lareira?

Ganimard ergueu-se, aplicou na manga de seu superior cinco dedos encarvoados e, raivosamente, segredou:

— Onde deseja que estejam, chefe? É evidente que estejam em alguma parte. São seres como o senhor e eu, de carne e osso. Seres que não se evolvam na fumaça.

— Não, mas vão-se embora assim mesmo.

— Por onde? Por onde? A casa está cercada! Há agentes no telhado.

— E a casa vizinha?

— Não há comunicação com ela.

— Os apartamentos dos outros andares?

— Conheço todos os inquilinos: não viram ninguém, não escutaram ninguém.

— Tem certeza de que conhece todos?

— Todos. O porteiro responde por eles. Além disso, para maior precaução, pus um homem em cada um desses apartamentos.

— É preciso, porém, pôr a mão neles.

— É o que eu digo, chefe, o que eu digo. É preciso, e será feito, porque estão aqui os dois... Não podem deixar de estar. Fique tranquilo, chefe, se não for esta noite, amanhã os terei... Dormirei aqui!... Dormirei aqui!...

De fato dormiu, e no dia seguinte também, e no seguinte ao seguinte igualmente. E quando três dias e três noites inteiras se passaram, não apenas não descobrira o incapturável Lupin e sua não menos incapturável companheira, como não tinha sequer dado com o menor indício que lhe permitisse estabelecer uma mínima hipótese.

Por isso não variava sua opinião do primeiro momento.

— Já que não há nenhum traço de fuga, é que estão aqui!

Talvez, no fundo, estivesse menos convencido. Mas não queria se confessar isso. Não, mil vezes não, um homem e uma mulher não se evaporam como os duendes dos contos infantis. E sem perder a coragem, continuava a revistar e investigar como se esperasse descobri-los, escondidos nalgum impenetrável canto, incorporados às pedras da casa.

O DIAMANTE AZUL

Na noite de 27 de março, na avenida Henri-Martin, 134, na pequena mansão que herdara de seu irmão havia seis meses, o velho general barão d'Hautrec, embaixador em Berlim sob o Segundo Império, dormia numa confortável poltrona, enquanto a dama de companhia lia para ele, a irmã Auguste aquecia sua cama e lhe preparava a lamparina.

Às onze horas, a religiosa, que, por exceção, devia voltar aquele dia ao convento de sua irmandade e passar a noite junto com a irmã superior, preveniu a dama de companhia:

— Srta. Antoinette, meu trabalho terminou, vou indo.

— Está bem, irmã.

— Mas não esqueça que a cozinheira teve folga e a senhorita está sozinha em casa com o criado.

— Não receie pelo senhor barão; durmo no quarto ao lado, como se combinou, e deixo a porta aberta.

A religiosa se foi. Pouco depois, Charles, o criado, veio receber as ordens. O barão tinha despertado e ele próprio respondeu.

— Sempre o mesmo, Charles: verificar se a campainha elétrica funciona bem no teu quarto e, ao primeiro chamado, descer e correr em busca do médico.

— O general está sempre preocupado.

— Isso não vai... não vai bem. Srta. Antoinette, onde estávamos na nossa leitura?

— O senhor barão não vai então para a cama?

— Não, não, me deito tarde e além disso não preciso de ninguém.

Vinte minutos depois, o velho cochilava de novo, e Antoinette se afastou na ponta dos pés.

Nesse momento, Charles fechava com cuidado, como de hábito, todos os postigos do térreo.

Na cozinha, correu o ferrolho da porta que dava para o jardim, e na entrada, de um batente a outro da porta, pôs a correia de segurança. Foi para sua mansarda no terceiro andar, deitou-se e adormeceu.

Talvez uma hora havia transcorrido quando, de repente, pulou fora da cama: a campainha soava. E longamente, sete ou oito segundos talvez, de modo firme, ininterrupto.

Bem, pensou Charles, recobrando o ânimo, *um novo capricho do barão*.

Enfiou a roupa, desceu rápido a escada, parou diante da porta e, por costume, bateu. Não houve resposta e entrou.

Ah, pensou, *sem luz... Por que diabo apagaram?*

Em voz baixa, chamou:

— Senhorita?

Nenhuma resposta.

— Está aí, senhorita?... Que é que há? O senhor barão está doente?

O mesmo silêncio em torno de si, um silêncio pesado que acabou por impressioná-lo. Deu dois passos à frente; seu pé bateu numa cadeira e, Tateando-a, sentiu que estava caída. Sua mão logo topou no chão com outros objetos, uma mesa, um biombo. Preocupado, se aproximou da parede e, às apalpadelas, procurou o botão elétrico. Alcançou-o e acendeu.

No meio do quarto, entre a mesa e o armário de vidro, jazia o corpo do patrão, o barão d'Hautrec.

— Quê?... Será possível?... — gaguejou.

Não sabia o que fazer e, sem se mexer, com os olhos arregalados, contemplou a desordem das coisas, as cadeiras derrubadas, um grande lustre de cristal quebrado em mil pedaços, a pêndula tombada no mármore da lareira, tudo a revelar uma luta espantosa e selvagem. O cabo de um estilete de aço cintilava, não longe do corpo. Da lâmina escorria sangue. Do colchão pendia um lenço sujo de marcas vermelhas.

Charles gritou aterrorizado: o corpo tinha se espichado num esforço supremo e depois contraído sobre si mesmo... Duas ou três sacudidas, e foi

tudo.

Inclinou-se. Por um fino talho no pescoço, escorria o sangue, a mosquear o tapete de manchas negras. O rosto conservava uma expressão louca de susto.

— Mataram-no — balbuciou —, mataram.

E estremeceu à ideia de um outro crime provável: a dama de companhia não dormia no quarto ao lado? E o assassino do barão não a teria também matado?

Empurrou a porta: o cômodo estava vazio. Concluiu que Antoinette tinha sido raptada ou então que partira antes do crime.

Voltou ao quarto do barão e, tendo seus olhos deparado com a escrivaninha, notou que o móvel não tinha sido forçado.

Mais ainda, viu em cima da mesa, perto do molho de chaves e da carteira que o barão ali punha todas as noites, um punhado de luíses de ouro. Charles pegou a carteira e abriu suas bolsas. Uma continha cédulas. Contou: 13 notas de cem francos.

E foi mais forte que ele: instintivamente, mecanicamente, sem que seu pensamento sequer participasse do gesto da mão, pegou as 13 notas, escondeu na jaqueta, precipitou-se pela escada, abriu o ferrolho, tirou a correia, voltou a fechar a porta e fugiu pelo jardim.

Charles era um homem honesto. Não tinha fechado o portão quando, refeito pelo ar livre, o rosto esfriado pela chuva, se deteve. O ato cometido lhe surgiu na sua realidade e teve um horror súbito.

Passava um fiacre. Chamou o cocheiro.

— Camarada, corre ao posto policial e traz o comissário... A galope! Um homem foi morto.

O cocheiro chicoteou o cavalo. Mas quando Charles quis entrar, não pôde; tinha fechado o portão, e este não se abria por fora.

Era inútil soar a campainha, já que não havia ninguém na mansão.

Andou ao longo dos jardins que dão à avenida, do lado da Muette, uma ridente moldura de arbustos verdes e bem talhados. E apenas depois de uma hora de espera pôde enfim contar ao comissário os pormenores do crime e lhe entregar as 13 cédulas.

Enquanto isso, foi chamado um serralheiro que, com muito trabalho, conseguiu forçar o portão do jardim e a porta da entrada. O comissário subiu e em seguida, ao primeiro olhar, disse ao criado:

— Veja, você me disse que o quarto estava na maior desordem.

Virou-se. Charles parecia pregado no chão, hipnotizado: todos os móveis tinham retomado o lugar habitual! A mesa se erguia entre as duas janelas, as cadeiras estavam de pé e a pêndula no meio da lareira. Os detritos do candelabro tinham desaparecido.

Articulou, boquiaberto de estupor:

— O cadáver... O barão...

— Com efeito — bradou o comissário —, onde está a vítima?

Avançou para a cama. Sob um grande lençol que afastou, repousava o general barão d'Hautrec, ex-embaixador da França em Berlim. Seu capote de general o cobria, ornado com a cruz de honra.

O rosto estava calmo. Os olhos, fechados.

O criado balbuciou:

— Alguém veio aqui.

— Por onde?

— Não sei, mas alguém veio durante a minha ausência. Tinha ali no chão um punhal muito fino, de aço... E um lenço com sangue... Não há mais nada... Levaram tudo... Arrumaram tudo...

— Quem?

— O assassino!

— Encontramos todas as portas fechadas.

— É que ele ficou na mansão.

— Estaria ainda aqui, já que você não abandonou a calçada.

O doméstico refletiu e pronunciou lento:

— De fato... de fato... e não me afastei do portão... No entanto...

— Qual foi a última pessoa que viu junto ao barão?

— A srta. Antoinette, a dama de companhia.

— Que fim levou ela?

— Segundo creio, como sua cama não foi mexida, deve ter aproveitado a ausência da irmã Auguste para também sair. Não me surpreende, é bonita... jovem...

- Mas como terá saído?
- Pela porta.
- Você tinha posto o ferrolho e a correia!
- Bem mais tarde! Àquela hora, já devia ter deixado a casa.
- E o crime teria ocorrido depois da saída dela?
- Naturalmente.

Buscou-se de alto a baixo no prédio, mas o assassino tinha escapado. Como? Em que instante? Teria sido ele ou um cúmplice que julgara adequado voltar à cena do crime e fazer desaparecer tudo o que poderia comprometê-lo? Tais eram as questões que se punham para a justiça.

Às sete horas veio o médico-legista e às oito, o chefe da Sûreté. A seguir, foi a vez do procurador da República e do juiz de instrução. E havia também, enchendo a casa, agentes, inspetores, jornalistas, o sobrinho do barão d'Hautrec e outros membros da família.

Revistou-se, estudou-se a posição do cadáver segundo a memória de Charles, interrogou-se, desde que chegou, a irmã. Não se fez nenhuma descoberta. Quando muito, a irmã Auguste se admirou com o desaparecimento de Antoinette Bréhat. Tinha empregado a moça 12 dias antes, à vista de excelentes referências, e se recusava a crer que tivesse sido capaz de abandonar o enfermo que lhe confiara para andar, sozinha, de noite.

— Tanto mais que nesse caso — apoiou o juiz de instrução —, ela já teria regressado para casa. Voltamos, pois, ao mesmo ponto: que foi feito dela?

— Para mim — disse Charles —, foi raptada pelo assassino.

A hipótese era plausível e concordava com certas aparências. O chefe da Sûreté considerou:

— Raptada? Palavra, não é inverossímil.

— Não apenas inverossímil — disse uma voz —, mas em absoluta oposição com os fatos, o resultado do inquérito, em suma, com a própria evidência.

A voz era rude, o tom, brusco, e ninguém se surpreendeu quando Ganimard foi reconhecido. Aliás, só a ele era perdoável esse modo um tanto insolente de se exprimir.

— Ah, é você, Ganimard? — exclamou o sr. Dudouis. — Não o tinha visto.

— Estou aqui há duas horas.

— Então já consegue ter algum interesse fora do bilhete 514 — série 23, o caso da rua Clapeyron, a Dama Loura e Arsène Lupin?

— Eh! Eh! — caçoou o velho inspetor. — Não afirmaria que Lupin seja de todo estranho a este caso... Mas deixemos de lado, até nova ordem, o assunto do bilhete de loteria e vejamos do que se trata aqui.

Ganimard não é um desses policiais de envergadura, cujos métodos fazem escola e os anais judiciários conservam o nome.

Faltam-lhe os lampejos de genialidade que iluminam os Dupin, os Lecoq e os Sherlock Holmes. Mas tem excelentes qualidades médias, de observação, sagacidade, perseverança e mesmo intuição. Seu mérito é trabalhar com a mais completa independência. Nada, senão talvez a espécie de fascinação que Arsène Lupin exerce sobre ele, o confunde ou influencia. Não faltou brilho, enfim, ao seu papel naquela manhã, e sua colaboração foi das que um juiz pode agradecer.

— De saída — começou —, pedirei ao sr. Charles que elucide um ponto: todos os objetos que viu da primeira vez derrubados ou fora de lugar estavam, na segunda vez, exatamente no lugar costumeiro?

— Exatamente.

— Então é evidente que não podiam ter sido arrumados senão por quem tinha familiaridade com a disposição desses objetos.

A observação impressionou os assistentes. Ganimard continuou:

— Outra pergunta, sr. Charles... Foi despertado por um toque de campainha... Quem julga que o estava chamando?

— O senhor barão, ora.

— Ora, mas em que momento teria tocado?

— Depois da luta... na hora de morrer.

— Impossível, já que o encontrou a jazer inanimado num ponto a mais de quatro metros do botão da chamada.

— Então, soou durante a luta.

— Impossível, pois a chamada, disse, foi regular, ininterrupta e durou sete ou oito segundos. Acredita que o agressor lhe teria dado tempo de tocar assim?

— Então foi antes, no momento de ser atacado.

— Impossível, nos contou que entre o sinal da campainha e o momento em que entrou no quarto se teriam passado no máximo três minutos. Se o barão tivesse tocado antes, seria preciso que a luta, o assassinato, a agonia e a fuga ocorressem nesse breve período de três minutos. Repito, impossível.

— Porém — disse o juiz de instrução —, alguém chamou. Se não o barão, quem?

— O assassino.

— Com que objetivo?

— Ignoro, mas ao menos o fato de ter chamado nos prova que devia saber que a campainha comunicava com o quarto de um criado. Ora, quem poderia conhecer tal pormenor, senão uma pessoa da própria casa?

O círculo das suposições se restringia. Em algumas frases rápidas, claras, lógicas, Ganimard punha o problema em seus verdadeiros dados; o pensamento do velho inspetor surgia nítido e pareceu natural que o juiz de instrução concluísse:

— Em suma, suspeita de Antoinette Bréhat.

— Não suspeito, acuso.

— De ser cúmplice?

— Acuso-a de ter matado o general barão d'Hautrec.

— Essa não. Qual a prova?

— Este punhado de cabelos que descobri na mão direita da vítima, metido na sua carne, onde a ponta das unhas o afundou.

Mostrou os cabelos; eram de um louro vivo, irradiantes como fios de ouro, e Charles murmurou:

— São mesmo os cabelos da srta. Antoinette. Não há dúvidas. — E acrescentou: — Depois, há outra coisa... Creio que a faca... a que não voltei a ver na segunda vez... lhe pertencia... Servia-se dela para abrir as páginas dos livros.

O silêncio foi demorado e penoso, como se o crime ganhasse em horror por ter sido cometido por uma mulher. O juiz de instrução observou:

— Admitamos, até melhor informação, que o barão foi eliminado por Antoinette Bréhat. Falta explicar ainda que caminho teria ela tomado para sair depois do crime, entrar depois de o sr. Charles deixar o local, e sair novamente antes da chegada do comissário. Tem uma opinião sobre isso, sr. Ganimard?

— Nenhuma.

— E então?

Ganimard pareceu embaraçado. Por fim pronunciou, não sem um visível esforço:

— Tudo o que posso dizer é que encontro aqui um procedimento semelhante ao do caso do bilhete 514 — 23, o mesmo fenômeno que se poderia chamar de faculdade de desapareição. Antoinette Bréhat aparece e desaparece nesta casa tão misteriosamente quanto Arsène Lupin entrou no apartamento do advogado Detinan e dele fugiu em companhia da Dama Loura.

— O que quer dizer?

— O que quer dizer que não posso deixar de pensar nessas coincidências pelo menos extraordinárias: Antoinette Bréhat foi contratada pela irmã Auguste há 12 dias, isto é, no dia seguinte àquele em que a Dama Loura me escorria entre os dedos. Segunda: os cabelos da Dama Loura têm precisamente esta cor violenta, este brilho metálico de reflexos de ouro destes achados aqui.

— De modo que, segundo o senhor, Antoinette Bréhat...

— Não é outra senão a Dama Loura.

— E que Lupin, portanto, maquinou os dois casos?

— É o que penso.

Houve uma risada. Era o chefe da Sûreté que se divertia.

— Lupin! Sempre Lupin! Lupin em tudo, Lupin por toda parte!

— Ele está onde ele está — silabou Ganimard, ofendido.

— Mas é preciso que tenha motivos para estar em alguma parte — observou o sr. Dudouis —, e, nesse caso, os motivos me parecem obscuros. A escrivainha não foi arrombada, nem a carteira roubada. Ficou até ouro em cima da mesa.

— Sim — bradou Ganimard —, mas e o famoso diamante?

— Que diamante?

— O diamante azul! O célebre diamante que fazia parte da coroa real da França e foi dado pelo duque de A... a Léonide L..., e, quando esta morreu, comprado pelo barão d'Hautrec em memória da brilhante atriz que tinha amado apaixonadamente. É uma dessas coisas que um velho parisiense como eu não esquece.

— É claro — disse o juiz de instrução — que, se o diamante azul não for encontrado, tudo se explica... Mas onde procurar?

— No próprio dedo do senhor barão — respondeu Charles. O diamante azul não saía de sua mão esquerda.

— Olhei essa mão — afirmou Ganimard se acercando da vítima —, e como poderão confirmar não há nela mais do que um simples anel de ouro.

— Veja do lado da palma — interveio o criado.

Ganimard abriu os dedos crispados. O engaste tinha sido virado para dentro e no coração dele resplandia o diamante azul.

— Droga! — exclamou Ganimard, absolutamente desapontado. — Não entendo mais nada.

— E desiste, espero, de suspeitar desse infeliz Lupin — brincou o sr. Dubois.

Ganimard se deu um tempo, pensou e respondeu de forma sentenciosa:

— E justamente quando não entendo mais é que suspeito de Arsène Lupin.

Tais foram as primeiras constatações feitas pela justiça no dia seguinte a esse estranho crime. Constatações vagas, incoerentes e às quais a sequência da instrução não trouxe nem coerência nem certeza. As idas e vindas de Antoinette Bréhat permaneceram de todo inexplicáveis, como as da Dama Loura, e nada mais se soube sobre a misteriosa criatura de cabelos de ouro que matara o barão d'Hautrec sem lhe tirar do dedo o fabuloso diamante da coroa real da França.

Mais que tudo, a curiosidade inspirada por ela dava ao crime o relevo de grande maleficência, a exasperar a opinião pública.

Os herdeiros do barão d'Hautrec só podiam se beneficiar com semelhante publicidade. Organizaram na avenida Henri-Martin, na própria mansão, uma mostra dos móveis e objetos que deviam ser vendidos na sala Drouot. Móveis

modernos e de um gosto banal, objetos sem valor artístico... Mas no centro do cômodo, sobre um pedestal coberto de veludo roxo, protegido por um globo de vidro e guardado por dois agentes, cintilava o anel do diamante azul.

Diamante magnífico, enorme, de uma incomparável pureza e desse azul indefinido que a água clara adquire ao refletir o céu, desse azul que se adivinha na brancura do linho. A assistência admirava, se extasiava... e olhava com sobressalto o quarto da vítima, o lugar em que jazera o cadáver, com o soalho despido de seu tapete ensanguentado, e as paredes sobretudo, as paredes infranqueáveis, através das quais tinha passado a criminosa. Verificavam se o mármore da lareira não cedia, se a moldura do espelho não escondia uma mola destinada a fazê-lo girar. Imaginavam buracos abertos, orifícios de túneis, comunicações com os esgotos, as catacumbas...

A venda do diamante azul teve lugar na sala Drouot. A multidão se comprimia e a febre dos lances chegou à loucura.

Estava lá toda a Paris das grandes ocasiões, todos os que comprem e todos os que desejam fazer crer que podem comprar, homens da Bolsa, artistas, damas das mais diversas categorias, dois ministros, um tenor italiano e um rei no exílio que, para consolidar seu prestígio, se deu ao luxo de ir, com muito aprumo e uma voz vibrante, até os cem mil francos. Cem mil francos! Podia oferecê-los sem se ver abalado. O tenor italiano arriscou 150, um membro do Teatro Francês, 175.

Aos duzentos mil francos, porém, os amadores desanimaram. Aos 250 mil, só ficaram dois: Herschmann, o célebre financista, rei das minas de ouro, e a condessa de Crozon, a riquíssima americana, cuja coleção de diamantes e pedras preciosas era notória.

— Duzentos e sessenta mil... 270 mil... 75... oitenta... — proferia o leiloeiro, interrogando sucessivamente com o olhar os dois competidores... — Duzentos e oitenta mil para a senhora... Ninguém diz alguma coisa?...

— Trezentos mil — murmurou Herschmann.

Um silêncio. Observavam a condessa de Crozon. De pé, sorrindo, mas numa palidez que denotava sua perturbação, apoiava-se nas costas da cadeira à sua frente. Na realidade sabia, e todos os assistentes também sabiam, que o fim do duelo não era problemático: lógica e fatalmente devia terminar a favor do

financista, cujos caprichos eram servidos por uma fortuna de mais de meio bilhão. No entanto, ela articulou:

— Trezentos e cinquenta mil.

Outro silêncio. Viraram-se para o rei das minas, na espera do inevitável sobrelanço. Era certo que iria ocorrer, forte, brutal, definitivo.

Não ocorreu. Herschmann permaneceu impassível, com os olhos fitos numa folha de papel que tinha na mão direita, enquanto a esquerda guardava os restos de um envelope rasgado.

— Trezentos e cinquenta mil — repetia o leiloeiro. — Dou-lhe uma?... dou-lhe duas... há ainda tempo... alguém diz alguma coisa?... Repito: dou-lhe uma?... dou-lhe duas?...

Herschmann não se mexeu. Um último silêncio. O martelo bateu.

— Quatrocentos mil — bradou Herschmann, estremecendo, como se o ruído do martelo o tivesse arrancado de seu torpor.

Tarde demais. A venda era irrevogável.

Afluíram à volta dele. Que tinha acontecido? Por que não falara mais cedo? Pôs-se a rir.

— Que aconteceu? Palavra, não sei. Tive um minuto de distração.

— Será possível?

— Mas sim, uma carta que me entregaram.

— E esta carta bastou...

— Para me perturbar, sim, de momento.

Ganimard estava lá. Tinha assistido à venda do anel.

Acercou-se de um dos rapazes da casa.

— Foi você, não, que entregou uma carta ao sr. Herschmann?

— Foi.

— Da parte de quem?

— De uma senhora.

— Onde está ela?

— Onde está?... Veja, senhor, ali... Aquela de véu fechado.

— E que vai indo?

— Sim.

Ganimard correu para a porta e viu que a dama estava descendo já a escada. Tentou se apressar, mas uma onda de gente o deteve na entrada. Ao

chegar lá fora, não a encontrou.

Voltou à sala e abordou Herschmann. Fez-se conhecer e o interrogou sobre a carta. Herschmann passou-a a ele. Continha, escritas a lápis às pressas, numa letra que o financista desconhecia, estas simples palavras:

“O diamante azul traz desgraças. Lembre-se do barão d’Hautrec.”

As atribuições do diamante azul não tinham terminado; já conhecido pelo assassinato do barão d’Hautrec e pelos incidentes da sala Drouot, iria, seis meses mais tarde, alcançar a grande celebridade. No verão seguinte, com efeito, roubaram à condessa de Crozon a preciosa joia que teve tanto trabalho em conquistar.

Resumamos esse curioso caso, cujas peripécias emocionantes e dramáticas nos apaixonaram a todos e sobre o qual me é permitido enfim lançar alguma luz.

Na noite de 10 de agosto, os hóspedes do sr. e da sra. de Crozon estavam reunidos no salão do magnífico castelo que domina a baía do Somme. Fez-se música. A condessa se pôs ao piano e deixou, num pequeno móvel perto do instrumento, suas joias, entre as quais estava o anel do barão d’Hautrec.

Ao fim de uma hora, o conde se retirou, bem como seus dois primos, os d’Andelle, e a sra. de Réal, uma amiga íntima da condessa de Crozon. Esta ficou sozinha com o sr. Bleichen, cônsul austríaco, e sua mulher.

Conversaram; logo a condessa apagou uma grande candeia sobre a mesa do salão, enquanto o sr. Bleichen apagava as duas do piano. Houve um instante de treva, um certo susto, mas o cônsul acendeu uma vela e os três foram para seus quartos. Mas, ao chegar ao seu, a condessa se lembrou das joias e mandou sua criada de quarto ir buscá-las. Esta voltou e as deixou sobre a lareira sem que a patroa as examinasse. No dia seguinte, a sra. de Crozon verificou que faltava um anel, o anel do diamante azul.

Advertiu o marido. Concluíram de imediato que, estando a criada de quarto acima de qualquer suspeita, o culpado só podia ser o sr. Bleichen.

O conde preveniu o comissário de Amiens, que abriu um inquérito e, discretamente, organizou a mais ativa vigilância para que o cônsul austríaco não pudesse nem vender nem despachar o anel.

Dia e noite agentes cercaram o castelo.

Transcorreram duas semanas sem o menor incidente. Anuncia a sua partida o sr. Bleichen e no mesmo dia uma queixa é feita contra ele. O comissário intervém oficialmente e ordena a revista das malas. Num pequeno saco, cuja chave o cônsul mantém sempre consigo, há um vidro de pó de sabão; nesse vidro, o anel!

A sra. Bleichen desmaia. O marido é preso.

Lembramos o sistema de defesa adotado pelo acusado. Não podia se explicar — dizia — a presença do anel senão por uma vingança do sr. de Crozon. “O conde é brutal e torna sua mulher infeliz. Tive uma longa conversa com ela e lhe aconselhei vivamente o divórcio. A par disso, o conde se vingou pegando o anel e, na minha partida, introduzindo-o no meu conjunto de toalete.”

O conde e a condessa mantiveram energicamente sua queixa. Entre a explicação que davam e a do cônsul, ambas igualmente possíveis e até igualmente prováveis, o público podia escolher. Nenhum fato novo veio fazer pender um dos pratos da balança. Um mês de mexericos, conjeturas e investigações não trouxe sequer um elemento de certeza.

Aborrecidos com todo aquele ruído, incapazes de produzir a prova evidente da culpa a justificar-lhes a acusação, o sr. e a sra. de Crozon pediram que lhes enviassem de Paris um agente da Sûreté apto a desembaraçar o fio do novelo. Enviaram Ganimard.

Durante quatro dias, o velho inspetor principal remexeu, mexericou, passeou no parque, teve longas conversas com a criada de servir, o chofer, os jardineiros, os empregados dos postos de correio vizinhos, visitou os apartamentos ocupados pelo casal Bleichen, os primos d’Andelle e a sra. de Réal. Depois, uma manhã, desapareceu sem se despedir de seus hospedeiros.

Mas, uma semana depois, recebiam este telegrama:

PEÇO-LHES VIREM AMANHÃ SEXTA, CINCO HORAS
TARDE, AO CHÁ JAPONÊS, RUA BOISSY-D’ANGLAS.
GANIMARD.

Às cinco exatamente, na sexta, o carro deles estacionou diante do n.º 9 da rua Boissy-d’Anglas. Sem uma palavra de explicação, o velho inspetor que os

aguardava na calçada guiou-os ao primeiro andar do Chá japonês.

Acharam numa das salas duas pessoas, que Ganimard lhes apresentou:

— O sr. Gerbois, professor no liceu de Versalhes, a quem, devem lembrar, Arsène Lupin roubou meio milhão; o sr. Léonce d'Hautrec, sobrinho e herdeiro universal do barão d'Hautrec.

Sentaram. Minutos depois, veio o chefe da Sûreté.

O sr. Dudouis estava de mau humor. Cumprimentou e disse:

— Que é que há, Ganimard? Me deram na Central o seu recado telefônico. É coisa séria?

— É, chefe. Antes de uma hora, as últimas aventuras que venho acompanhando terão seu desfecho aqui. Pareceu-me que sua presença fosse indispensável.

— E a de Dieuzy e Folenfant também, não? Vi-os lá embaixo, perto da porta.

— Sim, chefe.

— E por que indispensável? Trata-se de prender alguém? Que encenação! Vamos, Ganimard, quero escutá-lo.

Ganimard hesitou uns instantes e logo articulou com a visível intenção de impressionar os interlocutores:

— De saída, afirmo que o sr. Bleichen nada teve a ver com o roubo do anel.

— Oh, oh! — fez Dudouis. — Trata-se de uma simples afirmação, e bem grave.

O conde perguntou:

— Apenas... a essa descoberta chegou o seu trabalho?

— Não, senhor. Dois dias após o roubo, os acasos de uma excursão de automóvel levaram três de seus convidados até a vila de Crécy. Enquanto duas dessas pessoas iam visitar o famoso campo de batalha, a terceira foi às pressas ao posto de correio e despachou uma caixinha atada, lacrada segundo os regulamentos, com um valor declarado de cem francos.

O sr. de Crozon interveio:

— Nada de mais natural.

— Talvez lhe pareça menos natural que essa pessoa, em vez de dar o seu verdadeiro nome, tenha feito a expedição sob o de Rousseau, e que o

destinatário, um sr. Beloux, residente em Paris, mudou-se na mesma tarde em que recebeu a caixinha, isto é, o anel.

— Foi, talvez — interrogou o conde —, um de meus primos d'Andelle?

— Não foram esses cavalheiros.

— Então a sra. de Réal?

— Sim.

A condessa irrompeu, estupefata:

— Acusa a minha amiga, a sra. de Réal?

— Uma pergunta simples, senhora — cortou Ganimard. — A sra. de Réal assistiu à venda do diamante azul?

— Sim, mas do lugar dela. Não estávamos juntas.

— Ela lhe aconselhou que comprasse o anel?

A condessa reuniu suas lembranças.

— Sim... de fato... Creio mesmo que foi ela a primeira que me falou do diamante.

— Anoto a sua resposta. Fica estabelecido que foi a sra. de Réal a primeira que lhe falou nesse anel e que a induziu a comprá-lo.

— No entanto... minha amiga é incapaz...

— Perdão, perdão, a sra. de Réal é uma amiga sua ocasional e não íntima como os jornais imprimiram, o que afastou dela as suspeitas. Conheceu-a neste inverno. Ora, me obrigo a lhe demonstrar que tudo o que lhe contou sobre ela mesma, seu passado, suas relações, é inteiramente falso, e que a sra. Blanche de Réal não existia antes de se encontrar com a senhora e não existe mais neste momento.

— E daí?

— E daí? — fez Ganimard.

— Sim, toda essa história é bem curiosa, mas em que se aplica ao nosso caso? Se for certo que a sra. de Réal pegou o anel, o que não está de modo algum provado, por que o teria escondido no pó dentifrício do sr. Bleichen? Que diabo! Quando alguém se desse ao trabalho de furtar o diamante azul, seria para conservá-lo. Que tem a responder a isso?

— Eu, nada, mas a sra. de Réal há de responder.

— Existe então?

— Existe... sem existir. É isto, em poucas palavras. Há três dias, lendo o jornal como faço diariamente, vi no alto da lista dos itinerantes em Trouville: “Hotel Beaurivage: Sra. de Réal etc.” Compreendem que à tarde estava em Trouville interrogando o diretor do Beaurivage. Pela descrição e alguns indícios que obtive, essa sra. de Réal era bem a pessoa que eu procurava, mas tinha partido, deixando seu endereço em Paris: rua do Coliseu, 3. Anteontem me apresentei nesse endereço e soube que não havia sra. de Réal, mas apenas uma tal Réal, que morava no segundo andar e comerciava em diamantes, ausentando-se seguidamente. Ainda na véspera, tinha chegado de viagem. Ontem bati à sua porta e ofereci a ela, sob um falso nome, meus serviços como intermediário junto a pessoas em situação de comprar pedras de valor. Hoje nos encontraremos aqui para um primeiro negócio.

— Como! Está esperando-a?

— Às cinco e meia.

— E está certo de?...

— De ser a sra. de Réal do castelo de Crozon? Tenho provas irrefutáveis. Mas... ouçam... o sinal de Folenfant...

Soara o trilo de um apito. Ganimard se ergueu.

— Não há tempo a perder. Sr. e sra. de Crozon, tenham a bondade de passar à sala ao lado. O senhor também, sr. d’Hautrec... e o senhor também, sr. Gerbois... A porta ficará aberta e, ao primeiro sinal, pedirei que intervenham. Fique, chefe, por favor.

— E se chegam outras pessoas? — observou o sr. Dudouis.

— Não. Este estabelecimento é novo, e o patrão, um de meus amigos, não deixará subir ninguém, fora a Dama Loura.

— A Dama Loura? Que está dizendo?

— Ela mesma, chefe, a cúmplice e amiga de Arsène Lupin, a misteriosa Dama Loura, contra quem tenho provas confiáveis, mas contra quem quero além disso, e diante do senhor, reunir os testemunhos de todos os que ela espoliou.

Debruçou-se na janela.

— Aí vem... Está entrando... Já não tem meio de escapar: Folenfant e Dieuzy guardam a porta... A Dama Loura é nossa, chefe!

Quase imediatamente, uma mulher parou no umbral, alta, magra, com o rosto muito pálido e os cabelos de um louro violento.

Tal emoção sufocava Ganimard, que ficou mudo, incapaz de articular uma palavra. Ali estava ela, à frente dele, à sua disposição! Que vitória sobre Arsène Lupin! E que revanche! Ao mesmo tempo essa vitória lhe parecia alcançada com tanta facilidade que se perguntava se a Dama Loura não ia lhe escapar das mãos, graças a um desses milagres habituais de Arsène Lupin.

Ela esperava, porém, surpreendida com aquele silêncio, e olhava em torno sem esconder sua preocupação.

Vai partir! Vai desaparecer!, pensou Ganimard assustado.

Bruscamente, se interpôs entre ela e a porta. Ela se virou e quis sair.

— Não, não — fez ele. — Por que ir embora?

— Mas, enfim, senhor, não estou entendendo esse comportamento. Deixe-me...

— Não há nenhuma razão para que se vá, senhora, e muitas ao contrário para que fique.

— No entanto...

— É inútil. Não sairá...

Muito pálida, ela se deixou cair numa cadeira e balbuciou:

— O que deseja?...

Ganimard triunfava. Pegara a Dama Loura. Senhor de si, pronunciou:

— Apresento-lhe o amigo de que lhe falei e que apreciaria comprar joias... sobretudo diamantes. Conseguiu o que tinha me prometido?

— Não... não... não sei... não me lembro...

— Mas sim... Tente... Uma pessoa do seu conhecimento deveria nos enviar um diamante matizado... “algo como ‘o diamante azul’, eu disse rindo, e a senhora me respondeu: ‘Precisamente, farei talvez o seu negócio.’” Lembra-se?

Ela ficou em silêncio. Um saquinho que levava na mão caiu. Apanhou-o com rapidez, apertando contra si. Seus dedos tremiam um pouco.

— Vamos — disse Ganimard. — Vejo que não tem confiança em nós, sra. de Réal. Vou lhe dar o bom exemplo e lhe mostrar o que possuo.

Tirou da carteira um papel que desdobrou, mostrando uma mecha de cabelos.

— Em primeiro lugar, eis alguns cabelos de Antoinette Bréhat, arrancados pelo barão e recolhidos na mão do morto. Estive com a srta. Gerbois, que reconheceu positivamente a cor dos cabelos da Dama Loura... da mesma cor dos seus, aliás... exatamente da mesma cor.

A sra. Réal o contemplou com um ar atontado, como se realmente não pegasse o sentido de suas palavras. Ele prosseguiu:

— E agora eis dois frascos de cheiro, sem etiqueta, é verdade, e vazios, mas ainda bem impregnados de odor para que a srta. Gerbois tenha podido, ainda esta manhã, neles distinguir o perfume da Dama Loura que foi sua companheira de viagem durante duas semanas. Ora, um desses frascos vem do quarto que a sra. de Réal ocupou no castelo de Crozon; o outro, do quarto que você usou no hotel Beaurivage.

— Que está dizendo!... A Dama Loura... O castelo de Crozon.

Sem responder, o inspetor alinhou sobre a mesa quatro folhas.

— Enfim — disse —, eis, nestas quatro folhas, uma mostra da letra de Antoinette Bréhat, uma outra da mulher que escreveu ao barão Herschmann quando da venda do diamante azul, uma outra da sra. de Réal, em sua estada em Crozon, e a quarta... de você mesma, sra... é o seu nome e endereço dados pessoalmente ao porteiro do hotel Beaurivage em Trouville. Ora, compare as quatro letras. São idênticas.

— Mas está louco, senhor! Está louco! Que significa tudo isso?

— Significa, senhora — bradou Ganimard num grande gesto —, que a Dama Loura, a amiga e cúmplice de Arsène Lupin, não é outra senão você.

Empurrou a porta da sala vizinha, precipitou-se sobre o sr. Gerbois e, pegando-o pelo ombro, trouxe à frente da sra. de Réal:

— Sr. Gerbois, reconhece a pessoa que raptou sua filha e que viu em casa do advogado Detinan?

— Não.

Houve como que uma comoção de que cada um recebeu o choque. Ganimard vacilou.

— Não?... Será possível?... Vamos, pense...

— Está pensado. Esta senhora é loura como a Dama Loura... pálida como ela... mas não se parece com ela de forma alguma.

— Não posso crer... Um erro semelhante é inadmissível... Sr. d'Hautrec, reconhece Antoinette Bréhat?

— Vi Antoinette Bréhat em casa do meu tio... Não é ela.

— E esta senhora não é tampouco a sra. de Réal — afirmou o conde de Crozon.

Era o tiro de misericórdia. Ganimard ficou atordado e não mais se moveu, com a cabeça baixa, os olhos fugidios. De todas as suas combinações, não restava nada. O edifício desmoronava.

O sr. Dudouis se levantou.

— Vai nos desculpar, senhora, houve uma lastimável confusão, que lhe peço o obséquio de esquecer. Mas o que não entendi bem foi a sua perturbação... sua atitude estranha desde que chegou.

— Meu Deus, senhor, tive medo... Há mais de cem mil francos de joias neste saco, e a atitude de seu amigo não era nada tranquilizadora.

— Mas suas ausências contínuas?...

— Não é minha profissão que exige?

O sr. Dudouis nada tinha a contestar. Virou-se para o seu subordinado.

— Colheu suas informações com uma leviandade deplorável, Ganimard, e há instantes se conduziu em relação à senhora do modo mais desajeitado. Vai se explicar em meu gabinete.

A entrevista tinha terminado, e o chefe da Sûreté se dispunha a ir embora quando ocorreu um fato realmente desconcertante. A sra. de Réal se acercou do inspetor e lhe disse:

— Ouvi que se chama sr. Ganimard... Eu me enganei?

— Não.

— Nesse caso, esta carta deve ser para o senhor. Recebi-a de manhã com o endereço que pode ler: “Sr. Justin Ganimard, aos cuidados da sra. de Réal.” Pensei que se tratasse de uma brincadeira, pois não o conhecia sob esse nome, mas sem dúvida este correspondente desconhecido sabia do nosso encontro marcado.

Justin Ganimard, por uma singular intuição, esteve prestes a pegar a carta e destruí-la. Diante de seu superior, não ousou e rasgou o envelope. A carta continha estas palavras, que leu em voz apenas audível:

Havia uma vez uma Dama Loura, um Lupin e um Ganimard. Ora, o malvado Ganimard queria fazer mal à bonita Dama Loura, mas o bom Lupin não queria que ele fizesse. Assim, o bom Lupin, desejando que a Dama Loura entrasse na intimidade da condessa de Crozon, fez que usasse o nome de sra. de Réal, que é o mesmo, ou quase, de uma honesta comerciante cujos cabelos são dourados e o rosto pálido. E o bom Lupin se dizia: “Se alguma vez o malvado Ganimard seguir a pista da Dama Loura, quão útil poderia me ser desviá-lo para a da honesta comerciante!” Prudente precaução e que dá seus frutos. Uma notinha enviada ao jornal do malvado Ganimard, um frasco de cheiro voluntariamente esquecido pela verdadeira Dama Loura no hotel Beaurivage, o nome e o endereço da sra. de Réal escritos por essa verdadeira Dama Loura nos registros do hotel, e a peça está pregada. Que diz disso, Ganimard? Quis lhe contar a aventura em pormenor por saber que, com o seu espírito, será o primeiro a rir. De fato, ela é picante e confesso que, de minha parte, me diverti muitíssimo.

Obrigado, portanto, a você, caro amigo, e as melhores lembranças ao excelente sr. Dudouis.

Arsène Lupin.

— Mas ele sabe tudo! — gemeu Ganimard, que nem sequer sonhava em rir. — Sabe coisas que eu não disse a ninguém! Como poderia saber que lhe pediria que viesse, chefe? Como saberia da minha descoberta do primeiro frasco?... Como pôde saber?...

Batia os pés no chão, arrancava os cabelos, presa de trágica exasperação.

O sr. Dudouis teve piedade dele.

— Vamos, Ganimard, resigne-se, buscaremos agir melhor na próxima vez.

E o chefe da Sûreté saiu, acompanhado pela sra. de Réal.

Transcorreram dez minutos. Ganimard lia e relia a carta de Lupin. Num canto, o sr. e a sra. Crozon, d’Hautrec e Gerbois palestravam animados. Enfim o conde avançou para o inspetor e lhe disse:

— De tudo isso redundo, caro senhor, que não estamos mais adiantados do que antes.

— Perdão. Minha pesquisa estabeleceu que a Dama Loura é a indiscutível heroína dessas aventuras e que Lupin a orienta. É um grande passo.

— E que de nada serve. O problema se fez talvez até mais obscuro. A Dama Loura mata para furtar o diamante azul e não o furta. Rouba-o, para se desembaraçar dele em proveito de outrem.

— Que é que eu posso fazer?

— Nada, mas alguém talvez pudesse...

— Que quer dizer?

O conde hesitou, mas a condessa tomou a palavra e foi clara:

— Existe um homem, um único depois do senhor, segundo creio, que seria capaz de combater Lupin e de fazê-lo pedir misericórdia. Sr. Ganimard, lhe seria desagradável que solicitássemos a ajuda de Herlock Sholmes?

Ele ficou desconcertado.

— Mas não... apenas... não entendo bem...

— Isto: estes mistérios todos me irritam. Quero ver claro. O sr. Gerbois e o sr. d'Hautrec têm o mesmo desejo e nos pusemos de acordo em nos dirigir ao célebre detetive inglês.

— Tem razão, senhora — disse o inspetor com uma lealdade que não era sem mérito. — Tem razão, o velho Ganimard não está à altura de enfrentar Arsène Lupin. Herlock Sholmes terá êxito? É o que desejo, pois tenho por ele a maior admiração... No entanto... é pouco provável...

— Que tenha êxito?

— É o que penso. Acho que um duelo entre Herlock Sholmes e Arsène Lupin é algo decidido de antemão. O inglês vai ser abatido.

— Em todo caso, poderá ele contar consigo?

— Inteiramente, senhora. Ele pode contar comigo sem reservas.

— Sabe o seu endereço?

— Sim, Parker Street, 219.

Na mesma tarde, o sr. e a sra. de Crozon desistiam de sua queixa contra o cônsul Bleichen e uma carta coletiva era dirigida a Herlock Sholmes.

HERLOCK SHOLMES ABRE AS HOSTILIDADES

-Que desejam os senhores?

— O que você deseja — respondeu Arsène Lupin, como homem a quem os detalhes da alimentação interessam pouco. — O que deseja, mas nem carne nem álcool.

O garçom se afastou com desdém.

Exclamei:

— Como? Ainda vegetariano?

— Cada vez mais — afirmou Lupin.

— Por gosto, crença ou hábito?

— Por higiene.

— E nunca uma infração?

— Oh, sim... quando vou a festas... para não me excetuar.

Jantávamos os dois perto da estação do Norte, no fundo de um pequeno restaurante a que Arsène Lupin me chamara. Diverte-se assim, de vez em quando, em marcar comigo de manhã, pelo telefone, um encontro em algum canto de Paris. Mostra-se então sempre de uma verve inesgotável, feliz em viver, simples e bom menino; e sempre surge alguma inesperada anedota, alguma lembrança, a narrativa de uma aventura que eu desconhecia.

Nessa noite me pareceu mais exuberante ainda que o normal. Ria e conversava com ímpeto incomum e com a ironia fina que lhe é característica, ironia sem amargura, leve e espontânea. Era um prazer vê-lo assim, e não pude deixar de lhe exprimir a minha satisfação.

— Ah, sim — exclamou —, tenho destes dias em que tudo me parece delicioso, em que a vida está em mim como um tesouro infinito que nunca

conseguiria esgotar. E Deus sabe que vivo sem fazer economias.

— Talvez demais.

— Mas se lhe digo que o tesouro é infinito! Posso gastar e desperdiçar, posso atirar forças e juventude aos quatro ventos, que dou lugar a forças mais vivas e mais jovens... Enfim, minha vida, em verdade, é tão bela!... Basta querer, não é?, para me tornar de hoje para amanhã, que sei!, orador, dirigente de fábrica, homem político... Pois bem, lhe juro, a ideia nunca me viria! Arsène Lupin sou, Arsène Lupin permaneço. E busco em vão na história um destino comparável ao meu, mais rico, mais intenso... Napoleão? Sim, talvez... Mas o Napoleão do fim da carreira imperial, durante a campanha da França, quando a Europa o esmagava e ele se perguntava a cada batalha se não seria a última que comandaria.

Falava sério ou brincava? O tom de sua voz se aqueceu e ele continuou.

— Tudo, veja, está no perigo, a ininterrupta impressão do perigo! Respirá-lo como o ar, vê-lo em torno de si a soprar, rugir, espreitar, acercar-se... E no meio da tempestade, conservar-se calmo... não recuar!... Senão se estaria perdido... Só há uma sensação comparável a essa, a de quem guia numa corrida de automóvel. Mas essas corridas duram uma manhã, e a minha dura a vida inteira!

— Que lirismo! — clamei. — E vai querer que eu acredite que não tem um motivo especial para essa exaltação...

Sorriu.

— Vá, tem sofisticação psicológica. Há de fato outra coisa.

Encheu de água fresca um copo grande, bebeu e me disse:

— Leu *Le Temps* de hoje?

— Ah, não.

— Herlock Sholmes deve ter atravessado esta tarde o canal da Mancha e chegado pelas seis horas.

— Diabo! E por quê?

— Uma viagemzinha que lhe oferecem os Crozon, o sobrinho do d'Hautrec e o Gerbois. Encontraram-se na estação do Norte e dali foram se encontrar com Ganimard. Neste instante os seis conferenciam.

Apesar da grande curiosidade que me inspira, nunca me permito interrogar Arsène Lupin sobre os atos de sua vida privada antes que ele próprio me fale

deles. Da minha parte, há aí um ponto de reserva sobre o qual não transijo. A esta altura, aliás, o seu nome não tinha ainda sido pronunciado, pelo menos oficialmente, a propósito do diamante azul. Tive, pois, paciência. Ele prosseguiu:

— *Le Temps* publica também uma entrevista do excelente Ganimard, pela qual uma certa dama loura, que seria minha amiga, teria assassinado o barão d'Hautrec e tentado subtrair à sra. de Crozon seu famoso anel. E, claro, ele me acusa de ser o instigador desses crimes.

Tive um leve tremor. Seria verdade? Deveria eu crer que o hábito do roubo, seu modo de viver, e a lógica mesma dos acontecimentos tinham conduzido este homem até o crime? Observava-o. Parecia tão calmo, seus olhos tinham tal franqueza!

Examinei-lhe as mãos: possuíam um contorno tão delicado, eram de fato inofensivas, mãos de artista...

— Ganimard é um alucinado — murmurei.

Protestou:

— Não, não, tem requinte... às vezes até intelecto.

— Intelecto!

— Sim, sim. Essa entrevista, por exemplo, é um golpe magistral. Primeiro, Ganimard anuncia a chegada do seu rival inglês para me pôr de sobreaviso e lhe tornar a tarefa mais difícil. Segundo, ele precisa até que ponto levou o assunto, para que Sholmes não se beneficie mais que das próprias descobertas. Luta leal.

— Seja como for, ei-lo com dois adversários à frente, e que adversários!

— Oh! Um não conta.

— E o outro?

— Sholmes? Oh, esse é de respeito. Mas é justamente o que me fascina e o motivo por que me vê de tão bom humor. De saída, é uma questão de amor-próprio: julgam não ser exagero recorrer ao célebre inglês para me derrotar. Em seguida, pense no prazer reservado a um lutador da minha espécie à ideia de um duelo com Herlock Sholmes. Enfim, vou ser obrigado a me empenhar de verdade! Pois conheço o moço: não recuará um centímetro.

— Ele é forte.

— Muito. Como policial, não creio que tenha existido ou venha a existir outro parecido. Tenho apenas uma vantagem sobre ele: o fato de ele atacar e eu me defender. Meu papel é mais fácil. Além disso... Sorriu imperceptivelmente antes de concluir: — Além disso, conheço seu modo de lutar e ele ignora o meu. E lhe guardo em segredo algumas estocadas que o farão meditar...

Batia na mesa com os dedos e largava suas frases curtas com ar maravilhado.

— Arsène Lupin contra Herlock Sholmes... A França contra a Inglaterra... Enfim Trafalgar será vingado!... O pobre!... não desconfia que estou preparado... e um Lupin preparado...

Interrompeu-se de repente, sacudido por um acesso de tosse, e escondeu o rosto no guardanapo como alguém que se engasga.

— Miolo de pão? — perguntei. — Beba um pouco d'água.

— Não, não é isso — disse em voz sufocada.

— Que é então?

— Falta de ar.

— Quer que abram a janela?

— Não, vou sair, rápido, me dê meu sobretudo e o chapéu, vou embora...

— Que significa isso?...

— Estes dois caras que acabam de entrar... repare no maior... Quando sairmos, ande à minha esquerda de modo que ele não possa me ver.

— O que sentou atrás de você?

— Este... Por motivos pessoais, prefiro... Lá fora eu lhe explico.

— Mas quem é?

— Herlock Sholmes.

Fez um grande esforço sobre si mesmo, como se tivesse vergonha de sua agitação, largou o guardanapo, bebeu um copo d'água, e me disse sorrindo, refeito:

— Engraçado, hein? Não me comovo fácil, mas esse imprevisto aparecimento...

— O que receia, já que ninguém pode reconhecê-lo através de todas as suas transformações? Eu mesmo, cada vez que o encontro, parece que estou diante de um novo indivíduo...

— *Ele* me reconhecerá — disse Arsène Lupin. — Só me viu uma vez,¹ mas senti que me via para o resto da vida, e enxergava, não a minha aparência sempre mutável, mas o ser mesmo que eu sou... E depois... depois não esperava por isso... que encontro extraordinário! Neste pequeno restaurante.

— Bem, vamos sair?

— Não... não...

— Que vai fazer?

— O melhor será agir francamente... Me dirigir a ele.

— Nem pense nisso.

— Mas, sim, penso. Além de que teria vantagem em interrogá-lo, em conhecer o que sabe... Ah, veja, tenho a impressão de que seus olhos fitam a minha nuca, meus ombros... que procura... se lembra...

Ele refletia. Percebi-lhe um sorriso de malícia no canto dos lábios. Logo, obedecendo, creio, a uma fantasia de sua natureza improvisadora mais que às necessidades da situação, ergueu-se de súbito, fez meia-volta e, inclinando-se alegremente:

— Que acaso! E realmente sorte... Permita que lhe apresente um de meus amigos...

Um segundo ou dois, o inglês se perturbou, tendo a seguir um movimento instintivo, pronto a se lançar sobre Arsène Lupin. Este sacudiu a cabeça:

— Seria um erro... Sem contar que o gesto não seria elegante... e tão inútil!...

O inglês se virou de um lado a outro, como se buscasse socorro.

— Isso também não — disse Lupin. — E tem certeza de estar qualificado para me prender? Vamos, mostre-se bom jogador.

Ser bom jogador no momento não era muito atraente. É provável, porém, que essa tenha sido a opção que pareceu melhor para o inglês, pois ele se semiergueu e fez as apresentações friamente:

— O sr. Wilson, meu amigo e colaborador. O sr. Arsène Lupin.

O estupor de Wilson provocou hilaridade. Seus olhos encarquilhados e a boca toda aberta riscavam com dois traços o seu rosto cheio, brilhante e liso como uma maçã, em torno do qual o cabelo à escovinha e uma barba curta cresciam como ervas espessas e vigorosas.

— Wilson não disfarça muito bem o seu pasmo diante dos acontecimentos mais naturais do mundo — zombou Herlock Sholmes com algum sarcasmo.

Wilson balbuciou:

— Por que não o prende?

— Não reparou, Wilson, que este cavalheiro está colocado entre mim e a porta, a dois passos dela. Antes que eu levantasse um dedo, ele já estaria lá fora.

— Não seja por isso — disse Lupin.

Fez a volta à mesa e se sentou de modo a que o inglês ficasse entre a porta e ele. Era se pôr à disposição do outro.

Wilson fitou Sholmes para saber se tinha o direito de admirar esse golpe de audácia. O inglês permaneceu impenetrável. Por fim, chamou:

— Garçom!

Esse veio e Sholmes ordenou:

— Sodas, cerveja e uísque.

A paz fora assinada... até nova ordem. Em pouco, os quatro sentados à mesma mesa, conversávamos tranquilamente.

Herlock Sholmes é um homem que não se vê todos os dias. Com uns cinquenta anos, parece-se a um bom burguês que tivesse passado a vida a uma escrivaninha, atualizando livros de contabilidade. Nada o distingue de um honesto cidadão de Londres, nem as suíças arruivadas, nem o queixo raspado, nem o aspecto um tanto pesado — nada, a não ser os olhos terrivelmente agudos, vivos, penetrantes.

Logo, é Herlock Sholmes, isto é, um fenômeno de intuição, observação, clarividência, engenhosidade. Dir-se-ia que a natureza se divertiu em pegar os dois tipos de policial mais extraordinários produzidos pela imaginação, o Dupin de Edgar Poe e o Lecoq de Gaboriau, para com eles fazer um novo, mais extraordinário ainda e mais irreal. E quando se ouve a narração dessas façanhas que o tornaram célebre no mundo inteiro, a gente se pergunta se ele mesmo, este Herlock Sholmes, não é um personagem lendário, um herói saído vivo do cérebro de um grande romancista, de um Conan Doyle, por exemplo.

Quando Arsène Lupin o inquiriu sobre a duração de sua estada, ele pôs a conversa em seu eixo real.

— Minha estada depende do senhor.

— Oh! — Lupin riu. — Se dependesse de mim, lhe pediria o favor de voltar a tomar o barco esta noite mesmo.

— Esta noite é um pouco cedo, mas espero que dentro de oito ou dez dias...

— Tem tanta pressa assim?

— Estou com tanta coisa em andamento, o roubo do Banco Anglo-Chinês, o rapto de lady Eccleston... Vejamos, sr. Lupin, crê que uma semana bastará?

— Com folga, se se limitar ao duplo caso do diamante azul. E, de resto, o período de tempo que preciso para tomar minhas precauções, se a solução desse duplo assunto lhe trazer sobre mim vantagens perigosas para minha segurança.

— O certo — acrescentou o inglês — é que conto tomar essas vantagens no espaço de oito ou dez dias.

— E me fazer prender no décimo primeiro, talvez?

— No décimo, como último limite.

Lupin pensou e moveu a cabeça:

— Difícil... difícil...

— Difícil, sim, mas possível, portanto certo...

— Absolutamente certo — afirmou Wilson, como se distinguisse claramente a longa série de operações que ia conduzir o seu colaborador ao resultado anunciado.

Herlock Sholmes sorriu:

— Wilson, que sabe do que fala, está aí para confirmar. — E continuou: — É evidente que não tenho todos os trunfos na mão, por se tratar de casos de já vários meses. Faltam-me elementos, os indícios em que costumo fundamentar minhas pesquisas.

— Como manchas de lodo e cinzas de cigarro — articulou Wilson com importância.

— Mas além das notáveis conclusões do sr. Ganimard, tenho todas as notícias dadas a propósito, todas as observações recolhidas, e, em consequência de tudo isso, algumas ideias pessoais sobre o tema.

— Alguns pontos de vista que nos foram sugeridos tanto pela análise como pela hipótese — acrescentou Wilson sentencioso.

— Seria indiscreto — ousou Lupin no tom deferente que usava para falar a Sholmes — lhe perguntar a opinião geral que chegou a se formar?

Era de fato apaixonante ver estes dois homens na presença um do outro, de cotovelos na mesa, a discutir com grave tranquilidade, como se tivessem de resolver um árduo problema ou entrar em acordo sobre um ponto controvertido. Era também de uma superior ironia, da qual ambos usufruíam totalmente, como diletantes e artistas. Wilson, então, vibrava de contente.

Herlock Sholmes encheu devagar o cachimbo, acendeu-o e falou:

— Considero este caso infinitamente menos complexo do que parece à primeira vista.

— Muito menos, de fato — juntou Wilson, eco fiel.

— Digo caso, no singular, porque para mim só há um. A morte do barão d'Hautrec, a história do anel e, não esqueçamos, o mistério do número 514 — série 23 não passam de aspectos diversos do que se poderia chamar o caso da Dama Loura. Ora, a meu ver, se trata simplesmente de descobrir o elo que une esses três episódios da mesma história, o fato que mostre a unidade dos três processos. Ganimard, cujo julgamento é um pouco superficial, vê essa unidade no poder de desaparecimento, ou de ir e vir permanecendo invisível. Tal ingerência do milagre não me satisfaz.

— E então?

— Então, segundo creio — enunciou Sholmes com clareza —, a característica dessas três aventuras é o seu desígnio manifesto, embora até aqui não percebido, de levar o assunto a um terreno previamente escolhido por você. De sua parte, haveria nisso mais que um plano, uma necessidade, uma condição *sine qua non* de êxito.

— Poderá entrar em alguns detalhes?

— Fácil. Assim, desde o início do seu conflito com o senhor Gerbois, não era evidente que o apartamento do advogado Detinan era o lugar escolhido por você, o lugar inevitável em que cumpria que as pessoas se reunissem? Não haveria outro que lhe parecesse mais seguro, ao ponto de marcar ali, pode-se dizer publicamente, o encontro com a Dama Loura e a srta. Gerbois.

— A filha do professor — precisou Wilson.

— Agora falemos do diamante azul. Procurou apropriar-se dele desde que ele passou a ser do barão d'Hautrec? Não. Toma o barão a casa do irmão: seis meses depois, surto de Antoinette Bréhat e a primeira tentativa. O diamante lhe escapa e a venda se organiza com grande ressonância na sala Drouot. Será livre essa venda? O colecionador mais rico pode estar certo de adquirir a joia? Em absoluto. Na hora em que o banqueiro Herschmann vai levá-la, uma dama lhe faz passar uma carta de ameaça e é a condessa de Crozon, preparada, influenciada por essa mesma dama, que compra o diamante. Ele desaparecerá em seguida? Não: faltam meios a você. Há um intervalo. Mas a condessa se instala em seu castelo. É o que estava esperando. O anel desaparece.

— Para reaparecer no pó dentifrício do cônsul Bleichen, estranha anomalia — objetou Lupin.

— Ora, vamos — bradou Herlock, batendo com o punho na mesa —, não será a mim que contem tais balelas. Que tolos por elas se deixem levar, vá, não a velha raposa que eu sou.

— O que quer dizer?

— Quer dizer...

Sholmes deu-se um tempo, como a preparar seu efeito. Enfim disse:

— O diamante azul achado no pó dentifrício é falso. O verdadeiro, você guardou.

Arsène Lupin ficou um instante em silêncio e disse a seguir com simplicidade, de olhos fitos no inglês:

— Você é um temível homem.

— Temível, não é? — sublinhou Wilson, boquiaberto de admiração.

— Sim — afirmou Lupin —, tudo se esclarece, tudo toma seu verdadeiro sentido. Nem um só dos juízes de instrução, nem um dos jornalistas especializados que se dedicaram a esses casos foram tão longe na direção da verdade. É uma intuição e uma lógica milagrosa.

— Bah! — fez o inglês, lisonjeado com a homenagem de um tal perito. — Bastava pensar.

— Bastava *saber* pensar, e poucos sabem! Mas agora que o campo das suposições se restringiu e o terreno foi limpo...

— Bem, agora tenho apenas de descobrir que as três aventuras se desenrolaram na rua Clapeyron, 25, na avenida Henri-Martin, 134, e entre as

paredes do castelo de Crozon. Todo o caso está aí. O resto são ninharias e charada pueril. Não pensa assim?

— Penso.

— Nesse caso, sr. Lupin, erro em repetir que dentro de dez dias a minha tarefa estará acabada?

— Em dez dias, sim, saberá toda a verdade.

— E você será preso.

— Não.

— Não?

— Para que eu fosse preso teria de se dar um concurso tão inverossímil de circunstâncias, uma série tão estupefaciente de azares, que não chego a admitir essa eventualidade.

— O que não podem nem as circunstâncias nem os azares, a vontade e a obstinação de um homem poderão, sr. Lupin.

— Se a vontade e a obstinação de outro homem não opuserem a esse desígnio um obstáculo invencível, sr. Sholmes.

— Não há obstáculo invencível, sr. Lupin.

O olhar que trocaram foi profundo, sem provocação nem de um nem de outro, mas calmo e audaz. Como a batida de duas espadas antes do duelo, soava claro e franco.

— Enfim! — bradou Lupin. — Eis alguém! Um adversário, que pássaro raro, e tinha de ser Herlock Sholmes! Vamos nos divertir.

— Não tem medo? — perguntou Wilson.

— Quase, sr. Wilson, e a prova — disse Lupin se levantando — é que vou apressar minhas ordens de retirada... sem o que me arriscaria a ser pego em casa. Digamos então dez dias, sr. Sholmes?

— Dez dias. Hoje é domingo. Quarta, às oito, tudo estará terminado.

— E eu, detrás das grades?

— Sem a menor dúvida.

— Ih, logo eu, que gozava da minha vida pacífica. Sem problemas, uma boazinha de negócios, a polícia extraviada, e a reconfortante impressão da simpatia universal que me cerca... E vai ser preciso alterar tudo isso! Enfim, é o outro lado da medalha... Depois do bom tempo, a chuva... Já não se trata de rir. Adeus.

— Ande — disse Wilson, muito solícito com um indivíduo a quem Sholmes inspirava tanta consideração —, não perca um minuto.

— Nem um minuto, sr. Wilson; apenas o tempo de lhes dizer quanto me alegrou este encontro e quanto invejo o mestre por ter um colaborador precioso como o senhor.

Saudaram-se cortesmente, como dois adversários a que não separa qualquer ódio, mas que o destino obriga a se baterem sem mercê. E Lupin, me pegando pelo braço, me levou para fora.

— Que achou, meu caro? Eis uma ceia cujos incidentes farão bom efeito nas memórias que prepara sobre mim.

Fechou a porta do restaurante e, parando uns passos à frente:

— Fuma?

— Não, mas você também não, me parece.

— Eu também não.

Acendeu um cigarro com a ajuda de um fósforo-vela que sacudiu várias vezes para apagar. Mas em seguida jogou fora o cigarro, atravessou veloz a rua e se reuniu a dois homens que surgiram da sombra como chamados por um sinal. Falou uns minutos com eles na calçada oposta e voltou a mim.

— Peço-lhe perdão, este endemoninhado Sholmes vai me causar dificuldades. Mas lhe garanto que não acabou com Lupin... Ah, o danado, vai ver de que estofa sou feito... Até logo... O infável Wilson tem razão, não posso perder um minuto.

Afastou-se rapidamente.

Terminou assim a estranha noite, ou ao menos a parte dela a que estive presente. Pois ocorreram durante as horas seguintes muitos outros acontecimentos, que as confidências dos convivas daquela ceia felizmente me permitiram reconstituir em pormenor.

No próprio instante em que Lupin me deixou, Herlock Sholmes tirou o relógio e se levantou.

— Vinte para as nove. Às nove, devo encontrar o conde e a condessa na estação.

— Em marcha! — exclamou Wilson, engolindo em duas goladas duas porções de uísque.

Saíram.

— Wilson, não se vire... Talvez estejam nos seguindo; nesse caso, nos comportemos como se isso não nos importasse... Diga, Wilson, me dê sua opinião: por que estava Lupin neste restaurante?

Wilson não hesitou.

— Para comer.

— Wilson, quanto mais trabalhamos juntos, mais percebo a continuidade de seus progressos. Acredite, você surpreende.

Na sombra, Wilson enrubesceu de prazer e Sholmes continuou:

— Para comer, ora, e em seguida, provavelmente, para se certificar de que vou a Crozon como anunciou Ganimard na sua entrevista. Vou, portanto, a fim de não contrariá-lo. Mas como se trata de ganhar tempo em relação a ele, não vou.

— Ah! — fez Wilson estupefato.

— Você, amigo, siga por esta rua, tome um carro, dois, três carros. Mais tarde volte para buscar as malas que deixamos no depósito e, correndo, vá até o Palácio do Elysée.

— E ali?

— Peça um quarto, onde se deitará e dormirá profundamente, aguardando minhas instruções.

Wilson, orgulhoso do importante papel que lhe era atribuído, foi embora. Herlock Sholmes pegou sua passagem e dirigiu-se ao expresso de Amiens, em que o conde e a condessa de Crozon já estavam instalados.

Contentou-se em cumprimentá-los, acendeu um segundo cachimbo e fumou calmamente, de pé no corredor.

O trem partiu. No fim de dez minutos, veio sentar-se ao lado da condessa e lhe disse:

— Tem aí o seu anel, senhora?

— Sim.

— Tenha a bondade de me emprestar.

Pegou-o e o examinou.

— É bem o que pensava, diamante reconstituído.

— Diamante reconstituído?

— Um novo processo, que consiste em submeter poeira de diamante a uma temperatura enorme, de modo a obter a fusão e reconstituí-la numa só pedra.

— Como! Mas o meu diamante é verdadeiro.

— O seu, sim, mas este não é o seu.

— Onde está o meu?

— Nas mãos de Arsène Lupin.

— E este aqui?

— Este foi substituído pelo seu e metido no frasco do sr. Bleichen, onde o acharam.

— Então é falso?

— Perfeitamente falso.

Atônita, transtornada, a condessa se calou, enquanto o marido, incrédulo, girava e regirava o anel em todos os sentidos. Ela acabou balbuciando:

— Será possível! Mas por que não o roubaram simplesmente? E como o pegaram?

— É justamente o que vou procurar esclarecer.

— No castelo de Crozon?

— Não, desço em Creil e volto a Paris. É ali que se dará a partida entre Arsène Lupin e mim. Os golpes vão valer para um lugar e outro, mas é preferível que Lupin me julgue em viagem.

— Mas...

— Que lhe importa, senhora? O essencial é o seu diamante, não é?

— É.

— Pois bem, esteja tranquila. Tomei há pouco um compromisso bem mais difícil de cumprir. Palavra de Herlock Sholmes, lhe devolverei o verdadeiro diamante.

O trem diminuía a marcha. Pôs o falso diamante no bolso e abriu a porta. O conde gritou:

— Está descendo do lado errado!

— Desse modo, se Lupin mandou me vigiar, vão perder o meu rastro. Adeus.

Um empregado protestou em vão. O inglês dirigiu-se ao escritório da estação e, cinquenta minutos depois, saltava de um trem que o trouxera de

volta a Paris.

Faltava um pouco para a meia-noite. Atravessou rápido a estação, entrou no refeitório, saiu por outra porta e pegou às pressas um carro.

— Cocheiro, rua Clapeyron.

Tendo obtido a certeza de não ser seguido, fez parar o veículo no começo da rua e se entregou a um minucioso exame da casa do advogado Detinan e dos dois prédios vizinhos. Com passos regulares, mediu algumas distâncias, inscrevendo notas e cifras na sua caderneta.

— Cocheiro, avenida Henri-Martin.

Na esquina da avenida com a rua Pompe, pagou o homem e seguiu pela calçada até o 134, recomeçando as mesmas operações diante da mansão do barão d'Hautrec e dos dois imóveis de aluguel que o cercam, medindo a largura das respectivas frentes e calculando a profundidade dos jardinzinhos que precedem a linha das fachadas.

A avenida estava deserta e muito escura com suas quatro filas de árvores, entre as quais, de longe em longe, um bico de gás parecia lutar em vão contra a densidade das trevas. Um deles projetava uma pálida luz sobre uma parte da casa e Sholmes viu o cartaz “aluga-se” preso ao portão, as duas aleias descuidadas em torno do pequeno gramado e as amplas janelas vazias da mansão inabitada.

É fato, pensou, depois que o barão morreu, não houve inquilinos... Ah, se eu pudesse entrar e fazer uma primeira visita!

Bastou a ideia lhe aflorar para que quisesse pô-la em execução. Mas como? A altura do portão impossibilitava uma tentativa de escalá-lo. Tirou do bolso uma lanterna elétrica e uma chave universal que tinha sempre consigo. Para sua surpresa, viu que um dos batentes estava entreaberto. Deslizou para o jardim, tendo o cuidado de não fechá-lo. Não deu três passos, se deteve. Por uma das janelas do segundo andar passara um clarão.

E voltou a passar por uma segunda e uma terceira janela, sem que pudesse ver mais que a sombra de um vulto nas paredes dos quartos. Do segundo andar a luz desceu ao primeiro e, por bom tempo, andou de cômodo em cômodo.

— Quem diabo pode estar andando a uma da manhã na casa em que o barão d'Hautrec foi morto? — indagou-se Herlock, interessadíssimo.

Não havia outro meio de saber senão entrando. Não hesitou. Mas no momento em que, para chegar à escada da entrada, passou pela faixa de claridade lançada pelo bico de gás, o homem decerto o notou, pois o clarão se extinguiu de repente e Herlock Sholmes não tornou a vê-lo.

Suavemente, empurrou a porta da entrada. Estava também aberta. Não ouvindo qualquer ruído, arriscou-se no escuro, deu com o corrimão da escada e subiu um andar. E sempre o mesmo silêncio, a mesma escuridão.

Do patamar da escada penetrou num cômodo e se acercou da janela, branqueada um pouco pela luz da noite. Percebeu lá fora o homem que, tendo sem dúvida descido por outra escada e saído por outra porta, se esgueirava à esquerda, ao longo dos arbustos do muro de separação entre os dois jardins.

Arre, pensou, vai escapar!

Precipitou-se pela escada e saiu para lhe cortar a fuga. Mas não viu mais ninguém e precisou de alguns segundos para discernir entre os arbustos uma massa mais sombria não inteiramente imóvel.

Refletiu. Por que o sujeito não tinha tentado fugir quando lhe era tão fácil? Tinha ficado ali para vigiar, por sua vez, o intruso que viera perturbar sua misteriosa tarefa?

De qualquer modo, pensou, não é Lupin. Lupin seria mais destro. É alguém do bando.

Longos minutos transcorreram. Herlock não se mexia, de olhar fixo no adversário que o espionava. Como este também não se mexia, e o inglês não era homem de mofar na inação, verificou se o tambor de seu revólver funcionava, tirou seu punhal da bainha e caminhou direto ao inimigo com essa audácia fria e esse desprezo ao perigo que o tornam tão temível.

Um ruído seco: o sujeito engatilhava o revólver. Herlock se atirou bruscamente na espessura verde. O outro não teve tempo de se desviar, já o inglês estava sobre ele. Houve uma violenta, desesperada luta, durante a qual Herlock adivinhava o esforço do homem para tirar a sua própria faca. Mas Sholmes, vibrando com a ideia de sua próxima vitória, no louco desejo de se apoderar na primeira hora desse cúmplice de Arsène Lupin, sentia em si forças irresistíveis. Derrubou o adversário e largou todo seu peso em cima. Imobilizando-o com os cinco dedos plantados na garganta do infeliz como os

dentes de uma serra, com a mão livre pegou a lanterna elétrica, apertou o botão e projetou a luz no rosto do cativo.

— Wilson! — bradou, aterrorizado.

— Herlock Sholmes! — balbuciou uma voz estrangulada, cavernosa.

Ficaram muito tempo um diante do outro sem falar, ambos extenuados, de mente vazia. A buzina de um carro rasgou o ar. Uma brisa agitou as folhas. E Sholmes não se movia, com os cinco dedos cravados na garganta de Wilson que exalava um estertor cada vez mais débil.

Súbito, Herlock, tomado de cólera, largou o amigo, mas para pegá-lo pelos ombros e sacudir com exasperação.

— Que está fazendo aí? Responda. O quê? Será que eu lhe disse que se metesse entre as folhagens para me espionar?

— Espionar você — gemeu Wilson. — Mas não sabia que era você.

— Então o quê? Que está fazendo aqui? Devia ir se deitar.

— Deitei.

— Dormisse!

— Dormi.

— Não acordasse!

— A sua carta...

— Minha carta?...

— Sim, a que um mensageiro me levou ao hotel de sua parte.

— De minha parte? Está louco?

— Juro.

— Onde está essa carta?

O amigo lhe estendeu uma folha de papel. À luz de sua lanterna, leu com estupor:

Wilson, fora da cama, e corra à avenida Henri-Martin. A casa está vazia. Entre, inspecione, desenhe uma planta exata e volte a se deitar. — Herlock Sholmes.

— Estava medindo os aposentos — disse Wilson — quando percebi uma sombra no jardim. Só tive uma ideia...

— Apoderar-se da sombra... A ideia era excelente. Apenas, veja — disse Herlock, ajudando o companheiro a se erguer e andar —, de outra vez, Wilson, ao receber uma carta minha, certifique-se primeiro de que a minha letra não foi imitada.

— Mas então — Wilson começou a entrever a verdade — a carta não era sua?

— Ai, não.

— De quem era?

— De Arsène Lupin.

— Mas com que fim a escreveu?

— Ah, isso não sei e é justamente o que me preocupa. Por que teria se dado ao trabalho de incomodá-lo? Ainda se fosse a mim era compreensível, mas você... Eu me pergunto que interesse...

— Tenho pressa de voltar para o hotel.

— Eu também, Wilson.

Chegavam ao portão. Wilson, que ia à frente, pegou uma grade e puxou.

— Oh — disse —, você fechou?

— Em absoluto, deixei o batente bem aberto.

— No entanto...

Herlock puxou por sua vez e, assustado, lançou-se sobre a fechadura. Uma praga lhe escapou.

— Com todos os demônios, está fechada! Fechada à chave!

Sacudiu o portão com toda a força. Entendendo a inabilidade de seus esforços, deixou cair os braços, desanimado, e pronunciou em voz áspera:

— Agora tudo se esclarece, é ele! Previu que eu desceria em Creil e me armou aqui uma bonita ratoeirinha para o caso de eu vir começar minha pesquisa por cá esta noite. Teve, além disso, a gentileza de me enviar um companheiro de prisão. Tudo isso para me fazer perder um dia e também, sem dúvida, me provar que seria melhor se eu tratasse só dos meus assuntos...

— Quer dizer que somos seus prisioneiros.

— Disse a palavra. Herlock Sholmes e Wilson são os prisioneiros de Arsène Lupin. A aventura começa esplendidamente... Mas não, não, não é admissível...

Uma mão caiu no seu ombro, a de Wilson.

— Lá em cima, olhe lá em cima... uma luz...

De fato, uma das janelas do primeiro andar estava iluminada.

Ambos correram, cada um por sua escada, e se acharam ao mesmo tempo na entrada do quarto com luz. No meio do cômodo ardia um coto de vela. Ao lado havia um cesto, de que emergiam o gargalo de uma garrafa, as coxas de um frango assado e a metade de um pão.

Sholmes deu uma risada.

— Que maravilha, nos dão a ceia. É o palácio dos encantos, um espetáculo mágico! Vamos, Wilson, não faça esta cara de enterro. Tudo isso é muito engraçado.

— Tem certeza de que é muito engraçado? — gemeu Wilson, lúgubre.

— Se tenho! — exclamou Sholmes, com uma alegria excessiva para ser natural. — Nunca vi nada de mais engraçado. Da melhor comédia. Que mestre da ironia este Arsène Lupin!... Passa-nos para trás, mas com tanta graça!... Não daria meu lugar neste festim por todo o ouro do mundo... Wilson, velho amigo, você me preocupa. Eu me enganei e você não tem essa nobreza de caráter que ajuda a suportar o infortúnio? De que se lamenta?... Neste momento poderia estar com o punhal na garganta... ou eu com o seu na minha... pois era o que tentava, meu amigo.

À força de humor e sarcasmos, conseguiu reanimar o pobre Wilson e fazê-lo engolir uma coxa de frango e um copo de vinho. Mas quando a vela terminou e tiveram, para dormir, de se estender no soalho e tomar a parede como travesseiro, o aspecto penoso e ridículo da situação se evidenciou e foi um sono triste.

De manhã Wilson despertou cansado e transido de frio. Um leve ruído atraiu sua atenção: Herlock Sholmes, de joelhos, curvado em dois, observava com a lente os grãos de pó e acentuava marcas de giz branco, quase apagadas, a formar cifras — cifras que anotava na caderneta.

Secundado por Wilson, a quem esse trabalho interessava de modo especial, examinou cômodo e em dois outros constatou os mesmos sinais a giz. Anotou ainda dois círculos em almofadas de madeira, uma flecha num lambri e quatro cifras em quatro degraus da escada.

No fim de uma hora, Wilson lhe disse:

— As cifras são exatas, não é?

— Não tenho ideia — respondeu Herlock, a quem essas descobertas tinham devolvido o bom humor. — De qualquer forma, significam alguma coisa.

— Alguma coisa bem clara — disse Wilson —, representam o número de tábuas de soalho.

— Ah!

— Sim. Quanto aos dois círculos, indicam que as almofadas são ocas, como pode se certificar, e a flecha está dirigida no sentido da subida do elevador de pratos.

Herlock Sholmes fitou-o maravilhado.

— Meu bom amigo, como sabe tudo isso? Sua clarividência me deixa quase com vergonha.

— Oh, é simples — disse Wilson, inflado de satisfação. — Fui eu que fiz estas marcas ontem de noite, seguindo suas instruções... ou antes seguindo as de Lupin, já que a carta que você me mandou é dele.

Talvez neste instante Wilson tenha corrido um perigo maior do que durante a luta nos arbustos com Sholmes. Teve este um desejo feroz de estrangulá-lo. Dominando-se, esboçou uma careta que queria ser um sorriso e falou:

— Perfeito, perfeito, eis uma excelente tarefa e que muito nos adianta. Seu admirável espírito de análise e observação aplicou-se a outros pontos? Quero aproveitar os resultados obtidos.

— Não deu, fiquei nisso aí.

— Que pena! O início prometia. Mas, já que é assim, não temos mais do que ir embora.

— Ir embora! Como?

— Pelo modo habitual das pessoas que se vão: pela porta.

— Está fechada.

— Vão abri-la.

— Quem?

— Chame aqueles dois guardas que passam pela avenida.

— Mas...

— Mas o quê?

— É humilhante... O que vão dizer quando souberem que Herlock Sholmes e eu, Wilson, fomos prisioneiros de Arsène Lupin?

— Que quer, meu caro? Vão rir sem parar — respondeu Herlock com a voz seca e o rosto contraído. — Mas não podemos fixar domicílio nesta casa.

— Não vai tentar nada?

— Nada.

— No entanto o homem que nos trouxe o cesto de provisões não atravessou o jardim nem ao chegar nem ao partir. Existe, portanto, outra saída. Vamos procurá-la e não teremos necessidade de recorrer aos guardas.

— Bem pensado. Apenas esquece que essa saída toda a polícia de Paris procurou durante seis meses e que eu próprio, enquanto você dormia, percorri a mansão de alto a baixo. Ah, meu bom Wilson, Arsène Lupin é uma presa a que não estamos acostumados. Esse não deixa nada atrás de si...

Às onze horas, Herlock Sholmes e Wilson foram liberados... e conduzidos ao posto policial mais perto, onde o comissário, depois de interrogá-los severamente, os soltou com um exasperado fingimento de consideração.

— Estou mortificado, senhores, pelo que lhes aconteceu. Vão ter uma triste opinião da hospitalidade francesa. Meu Deus, que noite devem ter passado! Ah! Este Lupin devia ter mais respeito.

Um carro os levou ao Palácio do Elysée. Na portaria, Wilson pediu a chave do quarto.

Após algumas buscas, o empregado respondeu, muito surpreso:

— Mas, senhor, já entregou este quarto.

— Eu! E como?

— Por sua carta desta manhã, que o seu amigo veio trazer.

— Que amigo?

— O que nos trouxe a sua carta... Olhe, seu cartão de visita veio junto. Veja.

Wilson pegou os papéis. Era de fato um de seus cartões de visita e, na carta, lá estava a sua letra.

— Magnânimo Senhor! — murmurou. — Outro golpe baixo.

E continuou, ansioso:

— E as bagagens?

— Mas o seu amigo as levou.

— Ah!... E deu a ele?

— Claro, sua carta autorizava.

— Realmente... realmente...

Partiram os dois sem rumo pela Champs-Élysées, silenciosos e lentos. Um belo sol de outono clareava a avenida. O ar era doce e leve.

Na praça circular em que vão dar várias ruas, Herlock acendeu o cachimbo e voltou a caminhar. Wilson clamou:

— Não o entendo, Sholmes, é de uma calma! Zombam de você, brincam com você como um gato com um rato... E não diz nada!

Sholmes se deteve.

— Estou pensando, Wilson, no seu cartão de visita.

— E daí?

— Daí termos um homem que, prevendo uma possível luta conosco, conseguiu mostras de sua letra e da minha e possui, prontinho na carteira, um de seus cartões. Pense no que isso representa de precaução, vontade perspicaz, organização, método.

— Quer dizer?...

— Quer dizer, Wilson, que para combater um inimigo tão armado, tão maravilhosamente preparado, e para vencê-lo, é preciso ser... é preciso ser eu. E ainda assim, como vê, Wilson — acrescentou, rindo —, não se tem êxito na primeira tentativa.

Às seis horas, o *Écho de France*, na edição vespertina, publicava esta nota:

Esta manhã, o sr. Thénard, comissário de polícia do 16.º Distrito, liberou os srs. Herlock Sholmes e Wilson, encerrados por solicitude de Arsène Lupin na mansão do falecido barão d'Hautrec, onde passaram uma noite excelente.

Aliviados, além disso, de suas malas, ingressaram com uma queixa contra Arsène Lupin.

Arsène Lupin que, desta vez, se contentou em lhes infligir uma pequena lição, suplica a ambos que não o forcem a medidas mais graves.

— Bah! — fez Herlock Sholmes, amarrotando o jornal. — Puerilidades! É a única censura que tenho a fazer a ele... excessiva criancice. O público conta demais para Lupin... Há algo de menino neste homem!

— De modo, Herlock, que continua com a mesma calma?

— Sempre a mesma calma — replicou Sholmes num tom em que fervia a maior cólera. — De que serve me irritar? ESTOU TÃO CERTO DE QUE TEREI A ÚLTIMA PALAVRA!

NOTA

1 *Arsène Lupin: Ladrão de casaca*, capítulo IX: “Herlock Sholmes chega tarde demais”. (N. do T.)

IV

ALGUNS CLARÕES NO ESCURO

Por firme que seja o caráter de um homem — e Sholmes era dos que a adversidade não desencoraja —, existem, porém, circunstâncias em que o mais intrépido experimenta a necessidade de reunir forças antes de afrontar outra vez os azares de uma luta.

— Hoje tiro uma folga — disse.

— E eu?

— Você, Wilson, comprará ternos e roupa-branca para refazer o nosso guarda-roupa. Durante esse tempo eu descanso.

— Descanse, Sholmes, que eu sigo vigilante.

Wilson disse isso com a importância de uma sentinela de vanguarda exposta aos maiores perigos. Encheu o peito e retesou os músculos. Com olhar agudo, perscrutou o espaço do quatinho de hotel onde tinham fixado domicílio.

— Vá vigiando, Wilson, que aproveitarei para preparar um plano de campanha mais adequado ao adversário que temos pela frente. Pois veja, nos enganamos sobre Lupin. E preciso retomar as coisas desde o início.

— Antes mesmo, se possível. Temos tempo?

— Nove dias, camarada! São cinco de sobra.

O inglês passou a tarde a fumar e a dormir. Só no dia seguinte começou suas operações.

— Wilson, estou pronto, agora iremos para a frente.

— Iremos — ecoou Wilson, cheio de ardor marcial. — Por mim, confesso que sinto as pernas já formigar.

Sholmes teve três longas entrevistas. Primeiro, com o advogado Detinan, cujo apartamento estudou nos menores detalhes. Depois, com Suzanne Gerbois, a quem por telegrama pediu que viesse vê-lo e interrogou sobre a Dama Loura. Enfim com a irmã Auguste, em retiro num convento da Visitação desde o assassinato do barão d'Hautrec.

Nas visitas, Wilson esperava fora e cada vez perguntava:

— Satisfeito?

— Muito satisfeito.

— Contava com isso, estamos no bom caminho. Marcheinos.

Marcharam bastante. Foram aos dois imóveis que ladeiam a mansão da avenida Henri-Martin, depois seguiram para a rua Clapeyron, e, ao examinar a fachada do número 25, Sholmes observou:

— É evidente que existem passagens secretas entre todas essas casas... O que não entendo...

Pela primeira vez, Wilson no íntimo duvidou da onipotência do seu genial colaborador. Por que falaria tanto e agiria tão pouco?

— Por quê? — respondeu Sholmes à dúvida visível do amigo. — Porque com este demônio do Lupin trabalha-se no vazio, às apalpadelas, e em vez de extrair a verdade de fatos precisos, tem-se de tirá-la do próprio cérebro, para a seguir verificar se se adapta aos acontecimentos.

— E as passagens secretas?

— Daí? Mesmo que as conhecesse, e conhecesse quem permitiu a Lupin entrar em casa de seu advogado ou por onde passou a Dama Loura depois do assassinato do barão, estaria mais adiantado? Isso me daria mais armas para atacá-lo?

— Ataquemos sempre — bradou Wilson.

Não tinha acabado de falar e recuou, com um grito. Algo acabara de cair a seus pés, um saco cheio de areia pela metade e que teria podido feri-los seriamente.

Sholmes ergueu a cabeça. Acima deles, operários trabalhavam num andaime preso à sacada do quinto andar.

— Bom, tivemos sorte — disse. — Um passo a mais e receberíamos na cabeça o saco de um desses incapazes. Em verdade se diria...

Interrompeu-se, correu ao prédio, subiu os cinco andares, bateu na porta, irrompeu no apartamento e, com grande susto do criado, foi à sacada. Não havia ninguém.

— Os operários que estavam aqui?... — dirigiu-se ao criado.

— Acabam de ir embora.

— Por onde?

— Pela escada de serviço.

Sholmes se inclinou e viu dois homens que saíam do prédio e pegavam suas bicicletas. Montaram nelas e desapareceram.

— Há muito que vinham trabalhando neste andaime?

— Esses, desde esta manhã. Eram novos.

Sholmes foi ao encontro de Wilson e voltaram melancólicos para o hotel.

O segundo dia terminou em morno mutismo.

No dia seguinte, o programa foi o mesmo. Sentaram no banco costumeiro da avenida Henri-Martin e, para o desespero de Wilson que não se divertia nada, houve uma interminável contemplação dos três imóveis.

— Que aguarda, Sholmes? Que Lupin saia de uma dessas casas?

— Não.

— Que a Dama Loura apareça?

— Não.

— Então?

— Aguardo que um fato se produza, qualquer pequeno fato que me sirva de ponto de partida.

— E se não se produz?

— Nesse caso, há de se produzir algo em mim, uma faísca que ateie fogo ao madeirame.

Apenas um incidente quebrou a monotonia desta manhã, mas de modo antes desagradável.

O cavalo de um senhor, que ia pela aleia entre os dois pavimentos da avenida, desembestou e veio bater no banco em que estavam sentados, aflorando com os quartos o ombro de Sholmes.

— Eh, eh! — defendeu-se este. — Um pouco mais e me quebra o ombro!

O senhor se debatia com o cavalo. O inglês puxou o revólver e mirou. Mas Wilson lhe pegou o braço com viveza.

— Está louco, Herlock! O que é isso?!... Vai matar este cavalheiro?

— Largue-me, Wilson... Largue!

Houve um desforço, durante o qual o senhor dominou o animal e tomou distância.

— Atire agora — exclamou Wilson triunfante, quando o cavaleiro já estava longe.

— Mas não entende, imbecil, que era um cúmplice de Arsène Lupin?

Sholmes tremia de cólera. Wilson, lastimável, balbuciou:

— Que está dizendo? Este cavalheiro?...

— Cúmplice de Lupin, como os operários que nos atiraram o saco na cabeça.

— Será crível?

— Crível ou não, havia um meio de obter uma prova.

— Matando o cavalheiro?

— Apenas abatendo o cavalo. Sem você, tinha pegado um dos cúmplices de Lupin. Compreende a idiotice que fez?

A tarde se arrastou. Não se dirigiam a palavra. Às cinco, como vagueassem pela rua Clapeyron, com o cuidado de se manterem afastados das casas, três jovens operários, que vinham de braços dados cantando, chocaram-se com eles e quiseram seguir caminho sem se separar. Sholmes, que estava de mau humor, se opôs. Houve um pega rápido. Sholmes meteu-se na postura de um boxeador, deu um soco num peito, outro num rosto e demoliu dois dos três jovens que, sem insistir mais, se afastaram junto com o terceiro.

— Ah, isso me fez bem... Estava com os nervos tensos... Excelente ação...

Notou Wilson se apoiando na parede:

— Que é que há, camarada? Está pálido.

O camarada mostrou o braço a pender inerte e murmurou:

— Não sei o que tenho... uma dor no braço.

— Uma dor no braço? Forte?

— Sim... sim... no braço direito...

Apesar dos esforços, não conseguia movê-lo. Herlock o apalpou, com delicadeza no início, logo com mais energia “para ver — disse — o grau exato da dor”. O grau exato da dor foi tão alto que, preocupado, entrou numa farmácia perto, onde Wilson se viu na necessidade de desmaiar.

O farmacêutico e seus auxiliares se apressaram. Verificou-se que o braço estava quebrado e se falou em médico, cirurgia, casa de saúde. Enquanto isso, despiram o paciente que, batido pelo sofrimento, dava uivos.

— Bom... bom... assim — dizia Sholmes que se encarregara de manter o braço na melhor posição. — Um pouco de paciência, camarada... Em cinco ou seis semanas, não há de se notar nada... Mas hão de me pagar, os velhacos! Está ouvindo? Ele especialmente, pois foi ainda este desgraçado Lupin que arranjou a coisa... Ah! Eu lhe juro que se alguma vez...

Interrompeu-se de repente, largou o braço, o que causou a Wilson uma tal pontada de dor que o infeliz desmaiou de novo, e batendo na testa falou:

— Wilson, tenho uma ideia... será que por acaso?

Não se mexia, de olhos fitos, mastigando pedaços de frases.

— Mas, sim, é isto... Tudo se explicaria... Procura-se longe o que está junto da gente... Oh, que diabo, eu sabia que bastava pensar... Ah, meu bom Wilson, creio que vá ficar contente!

E deixando sem mais o velho amigo, saiu à rua e correu até o número 25.

Acima e à direita da porta, estava inscrito numa das pedras: *Destange, arquiteto, 1875*.

No 25, a mesma inscrição.

Natural até aí. Mas lá, na avenida Henri-Martin, o que leria?

Passava um carro.

— Cocheiro, avenida Henri-Martin, n.º 134, e a galope.

De pé no carro, incitava o cavalo, oferecia gorjetas ao cocheiro. Mais depressa!... Ainda mais depressa!

Que ânsia sentiu na esquina da rua Pompe! Seria um pouco da verdade o que entrevira?

Numa das pedras da mansão, estavam gravadas estas palavras: *Destange, arquiteto, 1874*.

Nos dois imóveis vizinhos, a mesma inscrição: *Destange, arquiteto, 1874*.

O contragolpe dessas emoções foi de tal ordem que se deixou cair no banco do carro, tremendo de alegria. Enfim, uma luzinha vacilava em meio às trevas! Na grande floresta escura em que mil caminhos se cruzavam, eis que recolhia o primeiro sinal de uma pista seguida pelo inimigo.

Numa agência postal, pediu uma comunicação telefônica com o castelo de Crozon. A própria condessa atendeu.

— Alô! Ah, é a senhora?

— O sr. Sholmes, não é? Tudo vai bem?

— Vai, mas, depressa, tenha a bondade de me dizer... alô?... uma palavra apenas...

— Estou ouvindo.

— O castelo de Crozon foi construído em que época?

— Foi sinistrado há trinta anos e reconstruído.

— Por quem? Em que ano?

— Uma inscrição sobre a escada de entrada diz: *Lucien Destange, arquiteto, 1877.*

— Obrigado, senhora, meus cumprimentos.

Saiu murmurando:

— Destange... Lucien Destange... esse nome não me é desconhecido.

Notando um gabinete de leitura, consultou um dicionário biográfico moderno e copiou o verbete consagrado a “Lucien Destange, nascido em 1840, Grande Prêmio de Roma, oficial da Legião de Honra, autor de obras muito apreciadas sobre arquitetura... etc.”.

Voltou à farmácia e daí foi à casa de saúde para onde tinham transportado Wilson. Em seu leito de tortura, com o braço preso numa armação, tiritando de febre, o velho camarada divagava.

— Vitória! Vitória! — clamou Sholmes. — Peguei uma ponta do fio.

— De que fio?

— Do que nos levará ao objetivo! Vou andar num terreno sólido, onde haverá pegadas, indícios...

— Cinza de cigarros? — perguntou Wilson, que o interesse da situação reanimava.

— E muitas outras coisas! Pense, Wilson, destaquei o elo misterioso que unia as diferentes aventuras da Dama Loura. Por que os três imóveis em que transcorreram as três aventuras foram escolhidos por Lupin?

— Sim, por quê?

— Porque os três, Wilson, foram construídos pelo mesmo arquiteto. Era fácil deduzir, dirá. Sem dúvida... De modo que ninguém pensou nisso.

— Ninguém, fora você.

— Sim. Por isso sei agora que o mesmo arquiteto, combinando projetos semelhantes, tornou possível a realização de três atos, na aparência milagrosos, na realidade simples e fáceis.

— Que alegria!

— E não era sem tempo, velho camarada, começava a me impacientar... E que já estamos no quarto dia.

— De dez.

— Oh! No entanto...

Não parava no lugar, exuberante e jovial contra seu hábito.

— Não, mas quando penso que há pouco na rua esses safados teriam podido quebrar meu braço como quebraram o seu... Que me diria disso, Wilson?

Wilson se contentou com um arrepio de susto a esta horrível suposição.

Sholmes continuou:

— Que essa lição nos aproveite. Veja, Wilson, nosso grande erro foi o de combater Lupin de rosto descoberto, complacentemente nos oferecendo a seus golpes. Se bem que só houve um prejuízo pela metade, pois só conseguiu atingir você...

— E mesmo assim só me quebrou um braço — gemeu Wilson.

— Quando podiam ter sido os dois. Mas chega de fanfarrices. De dia e vigiado, sou vencido. Na sombra, com os movimentos livres, levo vantagem, sejam quais forem as forças do inimigo.

— Ganimard poderia lhe ajudar.

— Nunca! No dia em que puder dizer: Arsène Lupin está ali, seu retiro é este e este o modo de pegá-lo, é que chamarei Ganimard num dos dois endereços que me deu, na sua casa na rua Pergolèse ou na taverna suíça da praça do Châtelet. Daqui até lá, ajo sozinho.

Acercou-se da cama, pôs a mão no ombro de Wilson — no ombro enfermo, naturalmente — e lhe disse com grande afeição:

— Cuide-se, meu velho camarada. Seu papel de ora em diante consiste em ocupar dois ou três homens de Lupin, que para encontrar o meu rastro vão aguardar inutilmente que eu venha saber notícias suas. É um papel de confiança.

— Um papel de confiança que lhe agradeço — replicou Wilson, cheio de gratidão. — Tomarei todo o cuidado para desincumbir-me conscienciosamente. Mas, pelo que vejo, não vai voltar mais?

— Para quê? — perguntou friamente Sholmes.

— Certo... certo... Vou indo tão bem quanto é possível. Só um último obséquio, Herlock: não poderia me arranjar algo para beber?

— Beber?

— Sim, morro de sede, e com a minha febre...

— Mas como não! Em seguida...

Juntou umas garrafas, mas notou um maço de fumo, acendeu o cachimbo e, súbito, como se não tivesse sequer ouvido o pedido do amigo, foi-se embora, enquanto o velho camarada implorava com o olhar um inacessível copo d'água.

— Sr. Destange!

O criado mediu o indivíduo a que acabara de abrir a porta da magnífica mansão da esquina da praça Malesherbes e rua Montchanin e, à vista do homenzinho de cabelos cinzentos, mal barbeado e cuja longa sobrecasaca preta, de duvidosa limpeza, se conformava às estranhices de um corpo que a natureza tinha especialmente descuidado, respondeu com o desdém que convinha:

— O sr. Destange está ou não está, depende. O senhor tem o seu cartão?

O senhor não tinha, mas entregou uma carta de apresentação, e o criado teve de levá-la ao sr. Destange, o qual deu ordem a que conduzissem até ele o recém-chegado.

Fizeram-no entrar numa imensa sala circular, que ocupa uma das partes da mansão e cujas paredes estavam cobertas de livros, e o arquiteto lhe disse:

— É o sr. Stickmann?

— Sim, senhor.

— Meu secretário avisa que está doente e o envia para continuar o catálogo geral dos livros que começou sob a minha direção, e mais especialmente o catálogo dos livros alemães. Tem prática dessa espécie de trabalho?

— Sim, senhor, longa prática — respondeu Stickmann com forte sotaque germânico.

Nessas condições, houve imediata concordância e o sr. Destange, sem tardar, passou ao trabalho com o novo secretário.

Herlock Sholmes estava onde queria.

Para escapar à vigilância de Lupin e entrar na mansão em que Lucien Destange morava com a filha Clotilde, o ilustre detetive teve de dar um mergulho no ignoto, acumular estratégias, atrair para si, sob os mais diversos nomes, as boas graças e as confidências de uma série de personagens, em suma, viver, durante 48 horas, a vida mais complicada.

Como informação, sabia que o sr. Destange, de saúde precária e querendo descanso, se retirara dos negócios e vivia entre as coleções de livros que reunira sobre arquitetura. Nem um prazer mais o interessava além do espetáculo e manuseio de velhos tomos poeirentos.

Quanto à filha Clotilde, passava por excêntrica, sempre encerrada com o pai, mas noutra parte da mansão, não saía nunca.

Tudo isso, pensava, inscrevendo num registro títulos de livros que o sr. Destange lhe ditava, tudo isso não é ainda decisivo, mas que passo à frente! É impossível que eu não descubra a seleção de algum destes problemas importantes: o sr. Destange estará associado a Arsène Lupin? Continua a vê-lo? Existem papéis relativos à construção dos três imóveis? Esses papéis não me darão o endereço de outros imóveis, igualmente preparados, e que Lupin teria reservado para si e seu bando?

O sr. Destange, cúmplice de Arsène Lupin! Este homem venerável, oficial da Legião de Honra, trabalhando junto com um ladrão, era uma hipótese inaceitável. Aliás, admitindo essa cumplicidade, como o sr. Destange teria podido prever, trinta anos antes, as evasões de Arsène Lupin, então ainda de fraldas?

Não importa! O inglês se obstinava. Com seu faro prodigioso, com o instinto que lhe era característico, sentia um mistério girando à sua volta. Isso se adivinhava por pequenas coisas que não podia precisar, mas de que sofria a impressão desde que entrou na casa.

Na manhã do segundo dia, não tinha ainda feito qualquer descoberta interessante. Às duas horas, viu pela primeira vez Clotilde Destange, que vinha

buscar um livro na biblioteca. Era uma mulher de trinta anos, morena, de gestos lentos e silenciosos e cujo rosto mantinha a expressão indiferente dos que vivem muito ensimesmados. Trocou algumas palavras com o sr. Destange e saiu sem mesmo ter olhado para Sholmes.

A tarde se arrastava, monótona. Às cinco, o sr. Destange avisou que sairia. Sholmes ficou sozinho na galeria circular fixada à meia altura do recinto. A luz decrescia. Dispunha-se também a ir embora, quando ouviu um estalido e teve a sensação de que havia alguém no cômodo. Longos minutos se somaram uns aos outros. Súbito arrepiou-se: uma sombra emergia da semiobscuridade, perto dele, na galeria. Era de crer? Há quanto tempo este personagem invisível fazia-lhe companhia? E de onde vinha?

E o homem desceu os degraus e se dirigiu a um grande armário de madeira. Escondendo-se atrás das fazendas que pendiam do corrimão da galeria, de joelhos, Sholmes observou e viu o homem a mexer nos papéis que enchiam o armário. Que buscaria?

Eis que súbito a porta se abriu e a srta. Destange entrou rapidamente, dizendo a alguém que a seguia:

— Resolveu então não sair, pai?... Nesse caso, acendo a luz... Um instante... Não se incomode...

O homem fechou as portas do armário e se escondeu no vão de uma larga janela, puxando as cortinas sobre si. Como não o viu a srta. Destange, nem o ouviu?! Calmamente, acionou o botão da eletricidade e deu passagem a seu pai. Sentaram-se um ao lado do outro. Ela pegou um volume que tinha trazido e começou a ler.

— Seu secretário não está mais aí? — disse depois de um momento.

— Não... está vendo...

— Continua satisfeito? — prosseguiu, como se ignorasse a doença do verdadeiro secretário e sua substituição por Stickmann.

— Continuo, sim.

A cabeça do sr. Destange oscilava para um lado e outro. Adormeceu.

Passou um momento. A moça lia. Mas uma das cortinas da janela foi afastada e o homem deslizou ao longo da parede para a porta, movimento que

o fazia passar por trás do sr. Destange, mas diante de Clotilde, e de tal modo que Sholmes pôde vê-lo distintamente. Era Arsène Lupin.

O inglês tremeu de alegria. Seus cálculos estavam certos, tinha penetrado no coração do misterioso caso e Lupin se achava no lugar previsto.

Clotilde, porém, não se moveu, embora fosse inadmissível que lhe escapasse qualquer gesto desse homem. Lupin chegava à porta e estendia o braço para o trinco, quando caiu um objeto de uma mesa, deslocado por sua roupa. O sr. Destange despertou num susto. Arsène Lupin já estava à sua frente, de chapéu na mão, sorrindo.

— Maxime Bermond — disse Destange com alegria —, querido Maxime! Que bons ares o trazem?

— A vontade de vê-lo e também à srta. Destange.

— Então voltou da viagem?

— Ontem.

— E janta conosco?

— Não, vou a um restaurante com amigos.

— Amanhã, então? Clotilde insiste para que venha amanhã. Ah, o meu caro Maxime... Andei pensando em você ultimamente.

— Verdade?

— Sim, estava arrumando meus papéis antigos neste armário e encontrei nossa última conta.

— Que conta?

— A da avenida Henri-Martin.

— Como! Guarda esses papéis inúteis... Para quê?

Instalaram-se os três num salãozinho ligado à galeria por uma ampla vidraça.

Será Lupin?, pensou Sholmes, tomado por súbita dúvida.

Sim, evidentemente, era ele, mas era também um outro, parecido em certos aspectos com Lupin, mas conservando sua própria individualidade, seus traços pessoais, seu olhar, sua cor de cabelos...

De casaca, gravata branca, a fina camisa a modelar-lhe o torso, falava alegremente, contando histórias que faziam o sr. Destange morrer de rir e levavam um sorriso aos lábios de Clotilde. E cada um desses sorrisos parecia um prêmio que Arsène Lupin buscava e se rejubilava em conquistar. Crescia

em espírito e alegria e, insensivelmente, ao som desta voz feliz e clara, o rosto de Clotilde se animava e perdia a expressão de frieza que o tornava menos simpático.

Amam-se, pensou Sholmes, mas que diabo poderá haver de comum entre Clotilde Destange e Maxime Hermond? Saberá que Maxime é Arsène Lupin?

Até as sete, escutou ansiosamente, buscando tirar proveito das menores frases. Depois, com muita precaução, desceu e foi para o lado do cômodo em que não corria o risco de ser visto do salão.

Lá fora, Sholmes constatou que não havia nem um automóvel nem um fiacre estacionado e se afastou manquejando pela avenida Malesherbes. Numa rua adjacente, porém, pôs nos ombros o sobretudo que trazia no braço, abriu o chapéu, se endireitou, e, assim metamorfoseado, voltou à praça, onde aguardou, fitando a porta da mansão Destange.

Arsène Lupin saiu quase em seguida, dirigindo-se, pelas ruas de Constantinopla e Londres, ao centro de Paris. Com passos atrás dele, ia Herlock.

Minutos deliciosos para o inglês! Inspirava ávido o ar, como um bom cão que sente a pista fresca. Parecia-lhe algo infinitamente doce seguir o adversário. Não era mais ele o seguido, mas Arsène, o invisível Arsène Lupin. Tinha-o por assim dizer na ponta do olhar, como preso por um anzol impossível de extrair. E se aprazia em fitar, entre os que passavam, a presa que lhe pertencia.

Um estranho fenômeno veio perturbá-lo: em meio à distância que o separava de Arsène Lupin, outros indivíduos seguiam na mesma direção, especialmente dois fortões de chapéu, na calçada esquerda, e dois outros, na direita, de boné e cigarro nos lábios.

Talvez fosse apenas um acaso. Mas a suspeita de Sholmes aumentou quando Lupin entrou numa tabacaria e os quatro homens se detiveram; e tornou a aumentar quando continuaram o caminho ao mesmo tempo que Lupin, mas separados, cada um por seu lado da Chaussée d'Antin.

Maldição, pensou Sholmes, o pegaram!

A ideia de que outros estavam no rastro de Arsène Lupin, que outros lhe arrebatariam não a glória, que o preocupava pouco, mas o imenso prazer, a

volúpia ardente de dominar sozinho o mais temível inimigo que já encontrara, essa ideia o exasperava. Mas o erro não era possível: os homens tinham este ar distante, este ar demasiado natural dos que, regulando sua marcha pela de outro, não querem ser notados.

— Ganimard saberia mais do que disse saber? — murmurou Sholmes. — Teria brincado comigo?

Teve vontade de emparelhar com um dos quatro indivíduos e combinar algo com ele. Mas, perto da avenida, a multidão se tornou mais densa; receou perder Lupin e apressou o passo. Ao chegar nela, Lupin subia os degraus da entrada do restaurante húngaro, na esquina da rua Helder. A porta estava aberta de tal modo que Sholmes, num banco da avenida, do outro lado do pavimento, viu-o ocupar uma mesa luxuosamente servida, com flores, e onde estavam já três senhores de casaca e duas senhoras de alta elegância, que o acolheram com demonstrações de simpatia.

Herlock procurou com o olhar os quatro sujeitos e os viu espalhados pelos grupos que escutavam a orquestra cigana de um café próximo. Coisa curiosa, não pareciam se ocupar com Arsène Lupin, mas muito mais com as pessoas à volta.

De repente um deles pegou do bolso um cigarro e abordou um senhor de sobrecasaca e cartola. Esse estendeu o charuto e Sholmes teve a impressão de que conversavam, e muito mais tempo do que o necessário para acender um cigarro. Enfim, o senhor galgou os degraus da entrada e deu uma olhada na sala do restaurante. Percebendo Lupin, adiantou-se, falou uns instantes com ele, escolheu a seguir uma mesa próxima, e Sholmes constatou que esse senhor não era outro senão o cavaleiro da avenida Henri-Martin.

Entendeu então. Não apenas Arsène Lupin estava sendo seguido, mas esses homens faziam parte do seu bando! Vigiam por sua segurança, eram sua guarda pessoal, seus satélites, sua atenta escolta. Onde o patrão corresse um risco, ali estavam os cúmplices, prontos a adverti-lo ou defendê-lo. Cúmplices os quatro sujeitos, cúmplice o senhor de sobrecasaca!

Um arrepio o percorreu. Conseguiria um dia colocar as mãos sobre esse ser inacessível? Que poder ilimitado devia representar uma associação assim, dirigida por tal chefe!

Rasgou uma folha da caderneta, escreveu a lápis umas linhas, pôs num envelope e disse a um rapazinho de 15 anos que tinha se deitado no banco:

— Toma, meu filho, pega um carro e leva esta carta à caixa da taverna suíça, na praça do Châtelet, rapidamente.

Deu-lhe uma moeda de cinco francos e o rapaz desapareceu.

Passou uma hora e meia. O movimento aumentava e Sholmes só de tempos em tempos distinguia os ajudantes de Lupin. Alguém o roçou e uma voz lhe disse ao ouvido:

— Bem, que é que há, sr. Sholmes?

— Ah, sr. Ganimard?

— Sim, recebi o bilhete na taverna. O que há?

— Ele está ali.

— Que está dizendo?

— Ali, ao fundo do restaurante, se incline para a direita.

— Viu-o?

— Não.

— Serve champanhe à senhora a seu lado.

— Mas não é ele.

— É ele.

— Eu lhe garanto que... Ah! Talvez... poderia ser... Ah! O malandro, como se parece com ele mesmo! — murmurou Ganimard ingenuamente... — E os outros, são cúmplices?

— Não, sua vizinha é lady Cliveden, a outra é a duquesa de Cleath e à sua frente está o embaixador da Espanha em Londres.

Ganimard deu um passo. Herlock o reteve.

— Que imprudência! Está sozinho.

— Ele também.

— Não, há homens na avenida montando guarda... Sem falar nesse senhor, dentro do restaurante...

— Mas, quando puser a mão no colarinho de Arsène Lupin gritando o seu nome, terei toda a sala por mim, todos os garçons...

— Preferiria alguns agentes.

— Mas os amigos de Arsène notariam logo... Veja, senhor Sholmes, não temos escolha.

Tinha razão, Sholmes sentiu. Mais valia tentar o golpe, servindo-se das circunstâncias incomuns. Recomendou apenas a Ganimard:

— Busque ser reconhecido o mais tarde possível...

E ele próprio foi para trás do quiosque de jornais, sem perder de vista Arsène Lupin que, lá dentro, inclinando-se para a sua vizinha, sorria.

O inspetor atravessou a rua com as mãos nos bolsos, como quem vai direto à frente. No que chegou à calçada oposta, desviou-se e subiu num pulo os degraus do restaurante.

O trilo estridente de um apito... Ganimard foi de encontro ao *maître*, num instante plantado na frente da porta, que o empurrou com indignação, como a um intruso cuja aparência equívoca teria desprestigiado o luxo da casa. Ganimard quase caiu. Ao mesmo tempo, saía o senhor de sobrecasaca. Tomou partido pelo inspetor e os dois, ele e o *maître*, discutiram violentamente, ambos aliás agarrando Ganimard, um retendo, o outro empurrando, e de tal modo que, apesar de seus esforços e furiosos protestos, o infeliz foi expulso até o sopé da escada.

Houve de imediato um amontoamento. Dois agentes da polícia, atraídos pelo barulho, tentaram fender o aglomerado, mas uma incompreensível resistência os imobilizou, sem que conseguissem se livrar dos ombros que os premiam, das costas que lhes barravam o caminho...

De repente, como por encanto, a passagem fica livre... O *maître*, admitindo seu erro, se confunde em desculpas, o senhor de sobrecasaca desiste de defender o inspetor, a multidão se dispersa, os agentes passam, e Ganimard se precipita para a mesa de seis convidados... Havia só cinco! Olha em torno de si... nenhuma outra saída além da porta.

— A pessoa que estava neste lugar? — grita aos cinco convivas estupefatos.
— Sim, eram seis... Onde está o sexto?

— O sr. Destro?

— Mas não, Arsène Lupin!

Um garçom se aproximou:

— Esse senhor acaba de subir ao andar de cima.

Ganimard corre. O andar é constituído de salas particulares e tem uma saída própria para a avenida!

— Procurá-lo agora! — gemeu Ganimard. — Está longe.

... Não muito longe, a duzentos metros no máximo, no ônibus Madelèine-Bastille que, a rodar calmamente no trote de seus três cavalos, atravessava a praça da ópera e seguia pela avenida Capucines. Na plataforma, dois aguerridos rapazes de chapéu conversavam. Na parte de cima, ao alto da escadinha, cochilava um velhinho inofensivo: Herlock Sholmes.

Com a cabeça a balançar, embalada pelo movimento do veículo, o inglês monologava:

— Se meu caro Wilson me visse, como ficaria orgulhoso do seu colaborador!... Ora, era fácil prever que, quando apitaram, a partida estava perdida e o melhor a fazer era vigiar as cercanias do restaurante. Mas, em verdade, não falta interesse à vida com o diabo deste homem!

No fim da linha, Herlock, inclinando-se, viu Arsène passar diante de sua guarda pessoal e ouviu murmurar: “À Étoile.”

— Na Étoile, perfeito, nos encontramos lá. Não faltarei. Deixemos que vá neste automóvel de aluguel e sigamos de carro os dois companheiros.

Esses dois prosseguiram a pé até a Étoile e bateram à porta de uma estreita casa, o n.º 40 da rua Chalgrin. Num ponto dessa pequena rua pouco frequentada, Sholmes pôde se esconder na sombra de uma reentrância.

Uma das duas janelas do térreo se abriu e um dos rapazes de chapéu fechou os batentes. Acima deles, a cornija se iluminou.

No fim de dez minutos, um senhor veio bater à mesma porta e, em seguida, um outro. Enfim, um carro estacionou e Sholmes viu descer duas pessoas: Arsène Lupin e uma dama envolta num casacão e com um véu fechado.

A Dama Loura, sem dúvida, pensou Sholmes, enquanto o automóvel se afastava.

Deixou passar um instante, se acercou da casa, subiu ao bordo da janela e na ponta dos pés pôde, pela cornija, dar uma olhada no cômodo.

Arsène Lupin, apoiado à lareira, falava com animação. De pé em volta dele, os outros escutavam atentos. Entre eles, Sholmes reconheceu o da sobrecasaca e julgou identificar também o *maître*. Quanto à Dama Loura, dava-lhe as costas, sentada numa poltrona.

Fazem um conselho, pensou. *Os acontecimentos desta noite os deixaram preocupados e têm a necessidade de deliberar. Ah! Prender a todos ao mesmo tempo,*

numa batida só!...

Tendo um dos cúmplices se deslocado, desceu ao chão e se afundou na sombra. O senhor de sobrecasaca e o *maître* saíram da casa. Em seguida o primeiro andar se iluminou e alguém puxou os batentes das janelas. Fez-se escuro em cima como embaixo.

Ela e ele ficaram no térreo, pensou Herlock. *Os dois cúmplices moram no primeiro andar.*

Aguardou uma parte da noite sem arredar pé, temendo que Arsène Lupin fosse embora durante sua ausência. Às quatro, vendo dois agentes da polícia no fim da rua, foi a eles, explicou-lhe a situação e lhes confiou a vigilância da casa.

Foi até Ganimard na rua Pergolèse e o fez despertar.

— Ainda o tenho.

— Arsène Lupin?

— Sim.

— Se o tem como há pouco, o melhor era eu voltar para a cama. Enfim, vamos ao comissariado.

Foram à rua Mesnil e daí à casa do comissário, sr. Decointre. Logo, acompanhados por meia dúzia de homens, voltaram à rua Chalgrin.

— Alguma novidade? — perguntou Sholmes aos dois agentes de sentinela.

— Nenhuma.

A madrugada começava a aclarar o céu quando, dispostas as coisas, o comissário bateu e se dirigiu ao balcão da porteira. Assustada pela invasão, trêmula, a mulher respondeu que não havia inquilinos no térreo.

— Como não há inquilinos! — protestou Ganimard.

— Mas, não, são os do primeiro andar, os srs. Leroux... Mobiliaram embaixo para os parentes do interior...

— Um senhor e uma senhora?

— Sim.

— Que vieram com eles ontem à noite?

— É possível... Eu estava dormindo... Mas não creio porque a chave está aqui... Não pediram.

Com essa chave o comissário abriu a porta que se achava do outro lado da entrada. O térreo só continha dois cômodos: estavam vazios.

— Impossível — proferiu Sholmes —, eu os vi, ela e ele.

O comissário caçoou:

— Não duvido, mas não estão mais aqui.

— Subamos ao primeiro andar. Devem estar ali.

— O primeiro andar é ocupado pelos irmãos Leroux.

Subiram todos a escada e o comissário bateu. Na segunda vez, um indivíduo, um dos da guarda pessoal, surgiu de mangas arregaçadas e ar furioso.

— Que barulho é este!... Acordar as pessoas assim...

Mas se deteve, confuso:

— Deus me perdoe... Será que estou sonhando? É o sr. Decointre!... E o senhor também, sr. Ganimard? Que é que há aqui para terem vindo?

Uma grande risada explodiu. Ganimard gargalhava, numa crise de hilaridade que o curvava em dois e lhe congestionava o rosto.

— Mas é você, Leroux — gaguejou. — Oh, que engraçado!... Leroux, cúmplice de Arsène Lupin... Ah, esta me mata... E seu irmão, Leroux, está aí?

— Edmond, estás aí? É o sr. Ganimard que nos visita.

Adiantou-se o outro capanga, duplicando a alegria de Ganimard.

— Será possível! Disso não se tinha ideia! Ah, meus amigos, estão em maus lençóis... Quem iria pensar! Felizmente o velho Ganimard está vigilante e tem sobretudo amigos para ajudá-lo... Amigos que vêm de longe!

E, virando-se para Sholmes, apresentou:

— Victor Leroux, inspetor da Sûreté, um dos bons entre os melhores da esquadra de choque... Edmond Leroux, principal encarregado do serviço antropométrico...

V

UM RAPTO

Herlock Sholmes não se abalou. Protestar? Acusar os dois homens? Inútil; sem as provas que não tinha e não queria perder tempo procurando, ninguém acreditaria nele.

Crispado, de punhos cerrados, só pensava em não demonstrar, diante de Ganimard vitorioso, sua raiva e decepção. Cumprimentou respeitosamente os irmãos Leroux, sustentáculos da sociedade, e se retirou.

Na entrada, deu uma voltinha perto de uma porta baixa que levava à adega e apanhou uma pequena pedra de cor vermelha: era uma granada.

Fora, tendo se voltado, leu, perto do n.º 40 da casa, esta inscrição: *Lucien Destange, arquiteto, 1877.*

Havia a mesma inscrição no n.º 42.

Sempre a saída dupla, pensou. O 40 e o 42 se comunicam. Como não pensei nisso! Devia ter ficado junto com os dois agentes esta noite.

Disse a eles:

— Duas pessoas saíram por esta porta durante minha ausência, não é? — E indicava a porta da casa vizinha.

— Sim, um senhor e uma senhora.

Pegou o braço do inspetor principal e o chamou à porta:

— Sr. Ganimard, riu em excesso por me querer mal pelo pequeno incômodo que lhe causei...

— Oh, não lhe quero mal de modo algum.

— Não é? Mas as melhores brincadeiras têm sua hora e na minha opinião é preciso terminar.

— Concorde.

— Estamos no sétimo dia. Dentro de três é indispensável que eu esteja em Londres.

— Oh! Oh!

— Lá estarei e lhe peço se mantenha de sobreaviso na noite de terça para quarta-feira.

— Para uma expedição do mesmo gênero? — Ganimard gracejou.

— Sim, senhor, do mesmo gênero.

— E que vai terminar?

— Com a captura de Lupin.

— Pensa assim?

— Eu lhe dou a minha palavra, senhor.

Sholmes se despediu e foi descansar um pouco no hotel mais perto; depois, revigorado, confiante em si, voltou à rua Chalgrin, pôs dois luíses na mão da porteira, se certificou de que os irmãos Leroux tinham saído, soube que a casa pertencia a um sr. Hermingeat e, com uma vela, desceu à adega pela portinha perto da qual apanhara a granada.

Ao pé da escada, descobriu outra pedra igual.

Não me enganava, pensou, é por aqui a comunicação... Vamos ver se a minha chave geral abre a adeguinha reservada ao inquilino do térreo? Sim. Ótimo... Examinemos estas estantes de vinho... Ah, eis os lugares em que a poeira foi levantada... e no chão marcas de passos...

Um leve ruído o pôs atento. Rápido, encostou a porta, apagou a vela e se escondeu atrás de uma pilha de caixas vazias. Após uns segundos, notou que uma das estantes de ferro girava suavemente, levando junto todo o trecho da parede a que estava pregada. O clarão de uma lanterna se projetou. Um braço apareceu. Entrou um homem.

Curvou-se como alguém que procura algo no chão. Com a ponta dos dedos remexia a poeira e às vezes se erguia, atirando alguma coisa numa caixa de papelão que segurava com a mão esquerda. Em seguida, apagou a marca de seus passos, tanto quanto as deixadas por Lupin e a Dama Loura, e se acercou da estante.

Deu um grito rouco e caiu. Sholmes tinha saltado sobre ele. Foi questão de um minuto, e da maneira mais simples do mundo, o homem se achar estendido no chão, de tornozelos e punhos atados.

O inglês se debruçou sobre ele:

— Quanto queres para falar, dizer tudo o que sabes?

O homem respondeu com um sorriso tão irônico que Sholmes compreendeu a inutilidade da sua pergunta.

Satisfez-se em explorar os bolsos do cativo, mas não lhe valeram mais que um molho de chaves e um lenço, e a caixinha de que o indivíduo se servira, a qual continha uma dúzia de granadas semelhantes às que Sholmes recolhera. Magro saque.

Além disso, que ia fazer deste homem? Esperar que seus amigos viessem socorrê-lo e entregá-los todos à polícia? De que serviria, que vantagem podia tirar disso contra Lupin?

Hesitou, mas o exame da caixa o decidiu. Trazia este endereço: “Léonard, joalheiro, rua da Paix.”

Resolveu simplesmente abandonar o homem. Reencostou a estante, fechou a adega e saiu da casa. De um posto do correio, avisou o sr. Destange, por carta pneumática, que só poderia ir no dia seguinte. Logo foi ao joalheiro, a quem entregou as granadas.

— A senhora me mandou por estas pedras. Soltaram de uma joia que comprou aqui.

Sholmes acertou. O comerciante respondeu:

— De fato... A senhora telefonou. Passará depois por aqui.

Mas só às cinco horas, Sholmes, postado na calçada, viu uma dama envolta em espesso véu e cujo aspecto lhe pareceu suspeito. Pela vidraça, pôde reparar que punha no balcão uma joia antiga ornada de granadas.

Em seguida saiu, fez várias voltas a pé, subiu para o lado de Clichy e voltou por ruas que o inglês desconhecia. Ao cair da noite, entrou atrás dela, e sem que a porteira o visse, numa casa de cinco andares, construída em dois blocos, portanto com inumeráveis inquilinos. No segundo andar, ela se deteve e entrou. Mais dois minutos e o inglês tentava a sorte, experimentando uma após outra as chaves do molho que tinha pegado. A quarta fez a fechadura girar.

Apesar do escuro que já fazia, viu cômodos inteiramente vazios como os de um apartamento desocupado, e com todas as portas abertas. Mas, no fim de

um corredor, discerniu o halo de uma lamparina e, se acercando na ponta dos pés, viu, pelo espelho sem estanho que separava o salão de um quarto contíguo, a dama de véu a tirar o casacão e o chapéu, deixando-os na única cadeira do quarto e enfiando um chambre de veludo.

Também a viu avançar para a lareira e apertar o botão de uma campainha elétrica. E a metade da superfície à direita da lareira tremeu, deslizou pelo próprio nível da parede e entrou na espessura da superfície vizinha.

Quando a abertura foi suficiente, a dama passou... e desapareceu, levando a candeia.

O sistema era simples, Sholmes usou-o.

Caminhou no escuro, tateando, mas em seguida seu rosto bateu em coisas moles. Com a chama de um fósforo, verificou achar-se num pequeno reduto cheio de vestidos e roupas em cabides. Abriu uma passagem e parou ante o vão de uma porta fechada por uma tapeçaria, ou ao menos o avesso de uma tapeçaria. O fósforo apagou e viu a luz que passava pelo trançado frouxo e gasto do velho tapete.

Olhou.

A Dama Loura estava ali, sob seus olhos, ao alcance de sua mão.

Ela apagou a candeia e acendeu a luz elétrica. Pela primeira vez Sholmes pôde ver o seu rosto em plena claridade. Estremeceu.

A mulher que terminara alcançando depois de tantos desvios e manobras era Clotilde Destange.

Clotilde Destange, a assassina do barão d'Hautrec e a ladra do diamante azul! Clotilde Destange, a misteriosa amiga de Arsène Lupin, a Dama Loura enfim!

Sim, com os diabos, pensou, sou uma besta completa. Porque a amiga de Lupin é loura e Clotilde morena, não aproximei as duas uma da outra! Como se a Dama Loura fosse permanecer loura depois da morte do barão e o roubo do diamante!

Sholmes via uma parte do aposento, elegante quarto feminino, ornado de tapeçarias claras e bibelôs preciosos. Uma cadeira de descanso em acaju estendia-se sobre um degrau baixo. Clotilde aí estava sentada e permanecia imóvel com a cabeça entre as mãos. Ao fim de um tempo, notou que ela chorava. Grandes lágrimas corriam por suas faces pálidas, deslizando para a

boca e caindo gota a gota no veludo do seu corpete. E outras lágrimas as seguiam indefinidamente, como a vir de uma fonte inesgotável. E era o mais triste espetáculo esse desespero suave e resignado a se exprimir pela lenta queda das lágrimas.

Atrás dela, uma porta se abriu. Arsène Lupin entrou.

Fitaram-se muito tempo sem dizer nada; logo ele se ajoelhou ao pé dela, apoiou a cabeça contra o seu peito e a envolveu com os braços; havia no gesto com que enlaçou a moça uma ternura profunda e bastante piedade. Não se moviam. Um doce silêncio os uniu e as lágrimas se tornaram menos abundantes.

— Gostaria tanto de fazê-la feliz! — murmurou.

— Eu sou feliz.

— Não, já que chora... Suas lágrimas me devastam, Clotilde.

Apesar de tudo, ela se deixava levar por aquela voz acariciante e escutava ávida de esperança e felicidade. Um sorriso lhe enterneceu o rosto, mas um sorriso ainda tão triste! Ele lhe implorou:

— Não fique triste, Clotilde, não deve. Não tem o direito de ficar.

Ela lhe mostrou as mãos brancas, finas, delicadas, e disse grave:

— Enquanto estas mãos forem minhas, hei de ser triste, Maxime.

— Mas por quê?

— Elas mataram.

Maxime reagiu:

— Cale-se! não pense nisso... O passado morreu, o passado não conta.

E beijava as longas mãos pálidas, e ela o olhava com um sorriso mais claro, como se cada beijo apagasse um pouco da horrível lembrança.

— É preciso que me ame, Maxime, é preciso porque nenhuma mulher o amará como eu. Para lhe agradar, agi e ainda ajo nem mesmo segundo suas ordens, mas segundo seus desejos secretos. Fiz coisas contra as quais todos os meus instintos e toda minha consciência se revoltam, mas não posso resistir... Tudo o que faço, faço maquinalmente, para lhe ser útil e porque você quer... e estou pronta a recomeçar amanhã... e sempre.

Ele disse com amargura:

— Ah, Clotilde, por que fui associá-la à minha vida aventureira? Devia ter permanecido o Maxime Bermond que amou há cinco anos e não lhe ter feito

conhecer... o outro homem que sou.

Ela falou baixinho:

— Amo também esse outro homem, e não me arrependo de nada.

— Sim, tem saudade de sua vida passada, da vida às claras.

— Não tenho saudade de nada quando você está presente — respondeu com paixão. — Não existe mais erro nem crime quando meus olhos o veem. Não importa que longe de você eu seja infeliz, nem que sofra, nem que chore e tenha horror do que fiz: seu amor apaga tudo... aceito tudo... Mas precisa me amar...

— Não a amo por ser preciso, Clotilde, mas pela simples razão de que a amo.

— Tem certeza? — disse ela confiante.

— Tenho certeza de mim como de você. Apenas minha existência é violenta e febril e nem sempre posso lhe dedicar o tempo que queria.

Ela se preocupou de imediato.

— Que é que há? Um novo perigo? Fale, rápido.

— Oh, nada de grave ainda. Porém...

— Porém?

— Bem, ele está no nosso rastro.

— Sholmes?

— Sim. Foi ele que lançou Ganimard lá no restaurante húngaro. Foi ele quem deixou de sentinela esta noite os dois agentes da rua Chalgrin. Tenho a prova. Ganimard revistou a casa esta manhã e Sholmes estava com ele. Além disso...

— Além disso?

— Bem, há outra coisa: um de nossos homens está faltando, Jeanniot.

— O porteiro?

— Sim.

— Mas fui eu que o mandei de manhã à rua Chalgrin, para recolher as granadas que tinham caído do meu bolso.

— Então não há dúvida; Sholmes lhe armou uma cilada e o prendeu.

— Que nada! As granadas foram levadas ao joalheiro da rua da Paix.

— E o que foi feito dele depois?

— Oh, Maxime, tenho medo.

— Não há o que recear. Mas confesso que a situação é grave. Que sabe e onde se esconde ele? Sua força reside no seu isolamento. Nada pode traí-lo.

— Que devemos fazer?

— Ter a maior prudência, Clotilde. Há tempos estou decidido a mudar minha instalação, transportando-a para aquele inviolável retiro que você sabe. A intervenção de Sholmes apressa as coisas. Quando um homem como ele segue uma pista, deve-se imaginar que fatalmente chegará ao fim dela. Assim preparei tudo e depois de amanhã, quarta, se fará a mudança. Ao meio-dia estará terminada. Às duas, eu mesmo poderei abandonar o lugar, depois de retirar os últimos vestígios da nossa instalação, o que não é tarefa fácil. Daqui até lá...

— Até lá?

— Não devemos nos ver e ninguém deve vê-la, Clotilde. Não saia. Nada receio por mim, mas receio tudo quando se trata de você.

— É impossível que este inglês chegue até a mim.

— Com ele tudo é possível e tenho as minhas desconfianças. Ontem, quando quase fui surpreendido pelo seu pai, tinha ido revisar o armário que contém os velhos papéis do sr. Destange; havia um perigo aí. Há perigo em toda parte. Adivinho o inimigo a andar na sombra e a acercar-se cada vez mais. Sinto que nos vigia... que estende suas redes em nossa volta. É uma dessas intuições que nunca me enganam.

— Nesse caso, vá embora, Maxime, e não pense mais nas minhas lágrimas. Serei forte e esperarei que o perigo seja afastado. Adeus, Maxime.

Beijou-o longamente e foi ela quem o empurrou para fora. Sholmes ouviu o som a afastar-se das vozes dos dois.

Audazmente, excitado pela necessidade de agir a despeito e contra tudo que desde a véspera o estimulava, foi para um vestíbulo que tinha no fim uma escada. No momento em que ia descer, o ruído de uma conversa veio do andar inferior e julgou preferível seguir por um corredor circular que o conduziu a outra escada. Ao pé dela, surpreendeu-se em ver móveis de que conhecia a forma e a posição. Uma porta estava entreaberta e penetrou numa grande sala redonda. Era a biblioteca do sr. Destange.

— Perfeito, admirável — murmurou —, entendo tudo. O quarto de Clotilde, isto é, da Dama Loura, se comunica com um dos apartamentos do

prédio vizinho, prédio que tem saída não à praça Malesherbes, mas numa rua adjacente, a rua Montchanin, tanto quanto me lembro... Maravilha. Entendo como Clotilde Destange vai se juntar ao amado conservando a reputação de alguém que não sai nunca. Entendo também como Arsène Lupin surgiu perto de mim, ontem de noite, na galeria: deve haver uma outra comunicação entre o apartamento vizinho e esta biblioteca...

E concluiu:

— Ainda uma casa preparada. Outra vez, sem dúvida, Destange arquiteto! Agora é aproveitar a minha passagem por aqui para olhar o conteúdo do armário... e me documentar sobre as outras casas preparadas.

Sholmes subiu à galeria e se escondeu atrás das fazendas do corrimão. Ali ficou até tarde da noite, quando um criado veio apagar as lâmpadas elétricas. Uma hora depois, fez funcionar o botão de sua lanterna e se dirigiu ao armário.

Como sabia, ali estavam papéis do arquiteto, projetos, orçamentos, livros de contabilidade. Em segundo plano, havia uma série de registros, classificados por ordem de antiguidade.

Pegou alternadamente os dos últimos anos, examinando a página de recapitulação, especialmente a letra H. Enfim, tendo achado o nome Harmingeat, seguido do número 63, foi à página 63 e leu:

“Harmingeat, rua Chalgrin, 40.”

Seguia-se a pormenorização dos trabalhos executados para esse cliente, a fim de instalar uma lareira em seu imóvel. Na margem, esta nota: “Ver o dossiê M. B.”

— Já sei — murmurou —, o dossiê M. B. é o que me falta. Por ele saberei o atual domicílio do sr. Lupin.

Mas só de manhã, na segunda metade de um registro, descobriu o difícil dossiê.

Tinha 15 páginas. Uma reproduzia a dedicada ao sr. Harmingeat da rua Chalgrin. Outra enumerava os trabalhos feitos pelo sr. Vatinel, proprietário, à rua Clapeyron, 25. Outra estava reservada ao barão d’Hautrec, à avenida Henri-Martin, 134, outra ao castelo de Crozon, e as 11 seguintes a diferentes proprietários de Paris.

Sholmes copiou essa lista de 11 nomes e endereços, repôs tudo no lugar, abriu uma janela e pulou para a praça deserta, tendo o cuidado de encostar os batentes.

No seu quarto no hotel, acendeu o cachimbo com a seriedade costumeira e, envolto em nuvens de fumaça, estudou o que se podia concluir do dossiê M. B., ou, para dizer melhor, do dossiê Maxime Bermond, ou seja, Arsène Lupin.

Às oito horas, enviou a Ganimard esta carta pneumática:

Vou passar sem dúvida de manhã na rua Pergolèse e lhe entregar uma pessoa cuja captura é da maior importância. De qualquer modo, esteja em casa esta noite e amanhã, quarta-feira, até o meio-dia, e tome providências para ter uns trinta homens à sua disposição...

A seguir, escolheu na avenida um carro de aluguel, cujo motorista lhe agradou pela boa cara feliz e pouco inteligente, e foi para a praça Malesherbes, parando a uns cinquenta metros da mansão Destange.

— Meu filho, feche o carro — disse ao homem —, levante a gola da japona, que o vento está frio, e espere com paciência. Dentro de hora e meia, ponha o motor em marcha. Quando eu voltar, siga para a rua Pergolèse.

No instante de entrar na casa, teve uma última hesitação. Não seria um erro ocupar-se com a Dama Loura enquanto Lupin findava seus preparativos para ir embora? Não seria melhor procurar primeiro, com a ajuda da lista dos imóveis, a residência do seu adversário?

Ora, pensou, com a Dama Loura minha prisioneira, serei senhor da situação.
E bateu.

O sr. Destange já estava na biblioteca. Trabalharam um momento e Sholmes procurava um pretexto para subir até o quarto de Clotilde, quando a moça entrou, disse bom-dia ao pai, sentou-se no salãozinho e começou a escrever.

Do seu lugar, Sholmes a via, curvada sobre a mesa e a meditar de tempos em tempos, com a pena no ar e o rosto pensativo.

Esperou; logo, agarrando um volume, disse ao sr. Destange:

— Está aqui o livro que a srta. Destange me pediu que lhe levasse quando desse com ele.

Foi para o salãozinho e se postou diante de Clotilde para que o pai não pudesse vê-la, e falou:

— Sou o sr. Stickmann, o novo secretário do sr. Destange.

— Ah — fez ela sem se preocupar. — Meu pai então mudou de secretário?

— Sim, senhorita, e desejaria lhe falar.

— Queira sentar-se, senhor, já terminei.

Acrescentou algumas palavras à carta, assinou, lacrou o envelope, afastou seus papéis, pegou o telefone e obteve comunicação com sua costureira, solicitando que terminasse logo um casacão de viagem de que tinha urgente necessidade, e enfim se virou para Sholmes:

— Às suas ordens, senhor. Mas nossa conversa não pode ter lugar diante de meu pai?

— Não, senhorita, peço-lhe mesmo que não altere a voz. É preferível que o sr. Destange não nos ouça.

— Para quem é preferível?

— Para você.

— Não admito uma conversa que meu pai não possa ouvir.

— Esta precisa admitir.

Ergueram-se um e outro, cruzando olhares.

Ela disse:

— Fale, senhor.

Sempre de pé, ele começou:

— A senhorita me perdoará se me enganar sobre alguns pontos secundários. O que asseguro é a exatidão em conjunto dos incidentes que exporei.

— Nada de frases, eu lhe peço. Fatos.

Pela brusca interrupção, sentiu que a moça estava na defensiva.

Continuou:

— Vá, irei direto ao objetivo. Há cinco anos, o senhor seu pai teve a oportunidade de encontrar um sr. Maxime Bermond, que se apresentou a ele como empresário... ou arquiteto, não saberia precisar. Aconteceu que o sr. Destange se encheu de afeto por esse jovem e, como seu estado de saúde não lhe permitia mais tomar conta de seus negócios, confiou ao sr. Bermond a

execução de algumas encomendas que aceitara da parte de velhos clientes e que pareciam na medida das aptidões do seu colaborador.

Herlock parou. Julgou que a palidez da moça se acentuara. Foi, porém, com a maior calma que ela pronunciou:

— Não conheço os fatos de que trata, senhor, e especialmente não vejo em que poderiam me interessar.

— Nisto, senhorita: o verdadeiro nome de Maxime Bermond, sabe tanto quanto eu, é Arsène Lupin.

Ela caiu na risada.

— Não é possível! Arsène Lupin? O sr. Maxime Bermond se chama Arsène Lupin?

— Como tenho a honra de lhe dizer, senhorita, e já que se recusa a me entender por meias palavras, acrescento que Arsène Lupin achou aqui, para realizar seus planos, uma amiga, mais que uma amiga, uma cúmplice cega e... apaixonadamente dedicada.

Ela se levantou e, sem emoção, pelo menos com tão pouca que Sholmes se impressionou com o seu autodomínio, declarou:

— Ignoro o fim desta sua conduta, senhor, e desejo ignorar. Peço-lhe assim que não diga mais uma palavra e saia daqui.

— Nunca tive a intenção de lhe impor a minha presença indefinidamente — respondeu Sholmes, tão calmo quanto ela. — Somente decidi não sair sozinho desta casa.

— E quem o acompanhará, senhor?

— Você.

— Eu?

— Sim, senhorita, sairemos juntos da mansão e me seguirá sem um protesto, uma palavra.

O que havia de estranho nessa cena era a calma absoluta dos dois adversários. Mais que um duelo implacável entre duas vontades poderosas, se diria, pela atitude dos dois e o tom de suas vozes, o cortês debate de duas pessoas não da mesma opinião.

Na galeria, pela vidraça bem aberta, via-se o sr. Destange a manusear seus livros com gestos comedidos.

Clotilde voltou a se sentar, erguendo um pouco os ombros. Herlock puxou o relógio.

— São dez e meia. Em cinco minutos, sairemos.

— Senão?

— Senão vou ao sr. Destange e lhe conto...

— O quê?

— A verdade. A vida mentirosa de Maxime Bermond e a vida dupla de sua cúmplice.

— Cúmplice?

— Sim, da que chamam a Dama Loura, da que foi loura.

— E que provas dará a ele?

— Levo-o à rua Chalgrin e lhe mostro a passagem que Arsène Lupin, abusando de obras de que tinha a direção, fez realizar por seus homens entre o 40 e o 42, a passagem que vocês dois usaram anteontem à noite.

— Depois?

— Depois, levo o sr. Destange à casa do advogado Detinan e vamos descer a escada de serviço que você e Lupin desceram para escapar a Ganimard. E ambos procuraremos uma ligação semelhante que sem dúvida existe com a casa vizinha, cuja saída dá para a avenida Batignolles e não para a rua Clapeyron.

— Depois?

— Conduzo o sr. Destange ao castelo de Crozon, e lhe será fácil, a ele que sabe a espécie de trabalhos feitos por Arsène Lupin quando da restauração deste castelo, descobrir as passagens secretas que Lupin fez seus operários executarem. Verá que tais passagens permitiram à Dama Loura entrar de noite no quarto da condessa e pegar aí sobre a lareira o diamante azul; logo, duas semanas mais tarde, entrar no quarto do conselheiro Bleichen e esconder esse diamante azul no fundo de um frasco; ato bem estranho, admito; talvez uma pequena vingança de mulher, não sei, mas isso não importa.

— Depois?

— Depois — a voz de Herlock se fez mais grave —, levo o sr. Destange à avenida Henri-Martin, 134, e veremos como o barão d'Hautrec...

— Cale, cale — balbuciou a jovem com repentino susto. — Proíbo-o!... Então ousa dizer que fui eu... O senhor me acusa?

— Acuso-a de ter matado o barão d'Hautrec.

— Não, não, é uma infâmia.

— Você o matou, senhorita. Foi servi-lo sob o nome de Antoinette Bréhat com o fim de lhe furtar o diamante azul, e o matou.

De novo ela murmurou, vencida, reduzida à súplica:

— Cale, senhor, lhe peço. Já que sabe tantas coisas, deveria saber que não assassinei o barão.

— Não disse que o assassinou, senhorita. O barão d'Hautrec era sujeito a acessos de loucura, que apenas a irmã Auguste podia dominar; ela própria me informou. Na ausência dela, ele deve ter se lançado sobre você e, durante a luta, para defender sua vida, o abateu. Espantada com tal ato, tocou a campainha do criado e fugiu sem sequer tirar do dedo da sua vítima o diamante azul que tinha vindo pegar. Pouco depois, trouxe um dos cúmplices de Lupin, criado na casa vizinha; puseram o barão na cama e deixaram o quarto em ordem... mas sempre sem que ousasse agarrar o diamante azul. Eis o que se passou. Repito, não assassinou o barão. No entanto foram as suas mãos que o feriram.

Tinha cruzado na testa as longas mãos finas e pálidas, e assim as conservou por muito tempo, imóveis. Enfim, abrindo os dedos, mostrou o rosto doído e pronunciou:

— E é tudo isso que tem a intenção de dizer a meu pai?

— Sim, e lhe direi que tenho como testemunhas a srta. Gerbois, que reconhecerá a Dama Loura, a irmã Auguste, que reconhecerá Antoinette Bréhat, e a condessa de Crozon, que fará o mesmo com a sra. de Réal. É isso o que lhe direi.

— Não ousará — disse, recuperando o sangue-frio ante a ameaça de um perigo imediato.

Ele se ergueu e deu um passo para a biblioteca. Clotilde o deteve:

— Um instante, senhor.

Refletiu, já senhora de si mesma, e muito calma, lhe perguntou:

— É Herlock Sholmes, não é?

— Sim.

— Que deseja de mim?

— O que desejo? Iniciei contra Arsène Lupin um duelo de que tenho de sair vencedor. Na espera de um desfecho que não deve tardar, considero que

uma refém tão preciosa como você me dará sobre o adversário uma apreciável vantagem. Assim, irá comigo, senhorita, e a entregarei a um de meus amigos. No que atingir meu objetivo, estará livre.

— É tudo?

— Tudo. Não faço parte da polícia do seu país e, em consequência, não me atribuo qualquer direito de justiceiro.

Ela parecia decidida. Exigiu, porém, ainda um momento de trégua. Fechou os olhos enquanto Sholmes a fitava — tão tranquila, quase indiferente aos riscos que a cercavam!

Será até, pensou o inglês, que imagina esses riscos? Nem isso, já que Lupin a protege. Com ele, nada pode lhe acontecer. É todo-poderoso, é infalível.

— Senhorita — disse —, falei em cinco minutos, passaram mais de trinta.

— Deixe-me subir ao quarto para pegar as minhas coisas.

— Se quiser, vou esperá-la na rua Montchanin. Sou um bom amigo do porteiro Jeanniot.

— Já sabe... — teve um susto visível.

— Sei muitas coisas.

— Está bem. Chamo a criada.

Trouxeram-lhe o chapéu e o casaco. Sholmes lhe disse:

— Tem de dar ao sr. Destange um motivo que justifique a nossa saída e, se necessário, sua ausência durante uns dias.

— Inútil. Logo estarei de volta.

De novo se desafiaram com o olhar, ambos irônicos e sorridentes.

— Como confia nele! — disse Sholmes.

— Cegamente.

— Tudo o que ele faz está bem, não é? Tudo o que quer se realiza. E aprova tudo e está pronta para tudo por ele.

— Amo-o — disse ela, vibrando de paixão.

— Julga que ele a salvará?

Ela deu de ombros, foi até o pai e o preveniu:

— Roubo-te o sr. Stickmann. Vamos à Biblioteca Nacional.

— Voltas para jantar?

— Talvez... ou antes não... mas não te preocupes.

E declarou com firmeza vindo a Sholmes:

— Sigo-o, senhor.

— Sem segundas intenções?

— De olhos fechados.

— Se tentar fugir, chamo, grito, vão detê-la e será a prisão. Não esqueça que a Dama Loura tem mandado de captura.

— Dou-lhe a palavra de que não farei nada para fugir.

— Acredito. Andemos.

Juntos, como ele tinha previsto, os dois deixaram a mansão.

Na praça, estava o automóvel, mas virado em sentido contrário. Viam-se as costas do motorista e seu boné, cujas abas quase cobriam a gola do casacão. Aproximando-se, Sholmes ouviu o ronco do motor. Abriu a porta, pediu a Clotilde que subisse e sentou a seu lado.

O carro partiu em seguida e ganhou as avenidas exteriores, a Hoche, a da Grande-Armée.

Herlock, pensativo, fazia planos.

Ganimard está em casa... Deixo a moça com ele. Digo-lhe quem é? Não, punha-a em prisão preventiva, o que estragaria tudo. Uma vez sozinho, consulto a lista do dossiê M. B. e me ponho à caça. E esta noite ou, o mais tardar, amanhã, busco Ganimard, como está combinado, para lhe entregar Arsène Lupin e seu bando...

Esfregava as mãos, contente de ver a meta ao seu alcance e que nenhum obstáculo sério dela o separava. Cedendo a uma necessidade de expansão que contrastava com a sua natureza, irrompeu:

— Desculpe, senhorita, se me mostro contente. A luta foi penosa e o êxito me é especialmente agradável.

— Um êxito legítimo, senhor, que tem o direito de gozar.

— Eu lhe agradeço. Mas que caminho é este? Será que o chofer não entendeu?

Neste momento, saíam de Paris pela porta de Neuilly. Que diabo! A rua Pergolèse não ficava além das defesas da cidade.

Sholmes baixou o vidro divisório.

— Que é que há, rapaz? Está enganado... Rua Pergolèse!

O homem não respondeu. Ele repetiu mais alto:

— Eu lhe disse para ir à rua Pergolèse.

O outro continuou não respondendo.

— Ah, é surdo! Ou de má-fé?... Nada temos a fazer por aqui... Rua Pergolèse!... Eu lhe ordeno que volte, e rápido.

Sempre o mesmo silêncio. O inglês fremiu de irritação. Olhou Clotilde: um sorriso indefinível franzira os lábios da moça.

— Por que está rindo? — resmungou ele. — Este incidente não tem relação... não muda nada de nada.

— Absolutamente nada — ela disse.

De repente uma ideia o assaltou. Semierguendo-se, examinou com mais atenção o homem que dirigia. Os ombros eram menores, a atitude mais ágil... Veio-lhe um suor frio, suas mãos se crisparam, ao passo que a mais assustadora certeza se impunha ao seu espírito: este homem era Arsène Lupin.

— Bem, sr. Sholmes, que nos diz deste passeiozinho?

— Uma delícia, meu caro, uma verdadeira delícia — replicou Sholmes.

Nunca talvez tenha tido de fazer sobre si um tal esforço como para articular essas palavras sem um frêmito na voz, sem nada que pudesse indicar a devastação do seu ser. Em seguida, por uma espécie de reação descomunal, uma onda de raiva e ódio quebrou os diques, arrebatou-lhe a vontade e, tirando o revólver num gesto brusco, apontou-o à srta. Destange.

— Pare neste segundo, Lupin, ou atiro na senhorita!

— Recomendo que mire na face, se quiser atingir a têmpora — respondeu Lupin sem virar a cabeça.

Clotilde falou:

— Maxime, não vá tão depressa, a estrada está escorregadia e sou muito medrosa.

Ela seguia sorrindo, com os olhos fitos na estrada que se descortinava diante do carro.

— Que ele pare! Pare de uma vez! — disse-lhe Sholmes louco de indignação. — Está vendo que sou capaz de tudo! — O cano do revólver tocou nas ondas do cabelo.

Ela murmurou:

— Este Maxime é tão imprudente! Nesta velocidade é certo que vamos derrapar.

Sholmes guardou a arma no bolso e pegou o trinco da porta, pronto a se atirar, apesar do absurdo de um tal ato.

Clotilde lhe disse:

— Cuidado, senhor, há um carro atrás de nós.

Virou-se. Um carro de fato os seguia, enorme, de aspecto feroz com sua frente pontuda, cor de sangue, e os quatro homens com peles de animal em cima dele.

Que seja, pensou, me montam guarda, há que ter paciência.

Cruzou os braços no peito, com a orgulhosa submissão dos que cedem e esperam quando o destino se volta contra eles. E enquanto atravessavam o Sena e passavam por Suresnes, Rueil, Chatou, imóvel, resignado, controlando sua cólera e sem amargura, só pensava em descobrir por que milagre Arsène Lupin tinha trocado de lugar com o chofer. Que o bravo rapaz que escolhera de manhã na avenida pudesse ser um cúmplice ali colocado de antemão, não admitia. Mas era preciso que Arsène Lupin tivesse sido prevenido e não podia ter sido senão depois do momento em que ele, Sholmes, ameaçara Clotilde, já que ninguém antes suspeitava do seu plano. Ora, desde aquele momento ele e Clotilde não tinham se separado.

Uma lembrança lhe veio: a ligação telefônica pedida pela moça, sua conversa com a costureira. Súbito entendeu. Antes mesmo que falasse, ao simples anúncio da entrevista que solicitava como novo secretário do sr. Destange, ela farejara o perigo, adivinhando o nome e o objetivo do interlocutor e com fria naturalidade, como se de fato realizasse o ato que parecia realizar, chamou Lupin em seu socorro, sob o disfarce de insistir numa encomenda e se servindo de fórmulas combinadas entre os dois.

Como Arsène Lupin veio, como o carro parado de motor ligado lhe pareceu suspeito, como subornou o motorista, tudo isso importava pouco. O que apaixonava Sholmes, ao ponto de acalmar seu furor, era aquele instante em que uma simples mulher, apaixonada é certo, domando os nervos, calcando o instinto, paralisando os traços do rosto, subjugando a expressão dos olhos, tinha dado o troco ao velho Herlock Sholmes.

Que fazer contra um homem servido por auxiliares desse porte e que, apenas pela força de sua autoridade, insuflava a uma mulher tais provisões de audácia e energia?

Passado o Sena, subiram a costa de Saint-Germain, mas, a quinhentos metros depois dessa cidade, o automóvel diminuiu a marcha. O outro carro veio até ele e os dois pararam. Não havia ninguém nas imediações.

— Sr. Sholmes — disse Lupin —, tenha a bondade de mudar de veículo. O nosso é muito lento...

— Como isso! — clamou Sholmes, tanto mais empenhado quanto não tinha escolha.

— Deixe-me também lhe emprestar este casacão — iremos bastante depressa — e lhe oferecer estes dois sanduíches... Sim, sim, aceite, quem sabe a que horas jantará!

Os quatro homens tinham descido. Um deles se acercou e, como tinha tirado os óculos que o mascaravam, Sholmes reconheceu o senhor de sobrecasaca do restaurante húngaro. Lupin lhe disse:

— Devolva este automóvel ao motorista a quem o aluguei. Ele está esperando na primeira loja de vinhos, à direita, da rua Legendre. Você lhe fará a segunda entrega de mil francos combinada. Ah, esquecia, queira dar os seus óculos ao sr. Sholmes.

Falou umas palavras com a srta. Destange, se instalou na direção e arrancou, com Sholmes ao lado deles, tendo atrás de si um dos homens.

Lupin não tinha exagerado ao dizer que iriam “bastante depressa”. Desde a saída foi uma marcha vertiginosa. O horizonte vinha ao encontro deles, como atraído por uma força misteriosa, e logo desaparecia como absorvido por um abismo para o qual outras coisas em seguida, árvores, casas, prados e florestas se precipitavam com a pressa tumultuosa de uma torrente que sente a aproximação da voragem.

Sholmes e Lupin não trocaram uma palavra. Acima da cabeça deles, as folhas dos olmos faziam um grande ruído de vagas, bem ritmado pela distância regular das árvores. E as cidades se evolavam: Mantes, Vernon, Gaillon. De uma colina a outra, de Bon-Secours a Canteleu e Rouen; com seus arredores, seu porto, seus quilômetros de cais, Rouen não parecia mais que a rua de uma vila. E passaram Duclair, Caudebec, a região de Caux de que roçaram as ondulações no seu voo célere, e Lillebonne, e Quillebeuf. E eis que de súbito se acharam à margem do Sena, na ponta de um pequeno cais, em que estava um

iate sóbrio e robusto de linhas com a chaminé a lançar espirais de fumaça negra.

O carro parou. Em duas horas, tinham percorrido mais de quarenta léguas.

Um homem se adiantou com jaqueta de marinheiro e um quepe com galões dourados, cumprimentando.

— Perfeito, capitão! — bradou Lupin. — Recebeu o telegrama.

— Recebi.

— *L'Hirondelle* está pronta?

— Está.

— Nesse caso, sr. Sholmes...

O inglês olhou em volta de si; viu um grupo de pessoas na esplanada de um café, um outro mais perto, hesitou um instante; logo, compreendendo que antes de qualquer tentativa seria agarrado, embarcado e expedido para o porão, atravessou a passarela e seguiu Lupin à cabine do comandante.

Era ampla, de uma limpeza meticulosa e iluminada pelo verniz de seus lambris e o fulgurar de seus cobres.

Lupin fechou a porta e sem preâmbulo, quase brutalmente, disse a Sholmes:

— Que sabe exatamente?

— Tudo.

— Tudo? Seja preciso.

Não havia mais na expressão de sua voz a polidez, um pouco irônica, que adotava em relação ao inglês. Era o tom imperioso do senhor que tem o hábito de mandar e de ver todo mundo dobrar-se diante dele, ainda que fosse um Herlock Sholmes.

Mediram-se com o olhar, inimigos agora, inimigos declarados e vibrantes. Algo enervado, Lupin continuou:

— Já diversas vezes topo com o senhor no meu caminho. Todas foram em demasia e estou farto de perder meu tempo em desarmar as armadilhas que me coloca. Previno-o, pois, que a atitude que eu tomar em relação ao senhor dependerá de sua resposta: que sabe exatamente?

— Tudo, repito.

Arsène Lupin se conteve e, num tom áspero:

— Eu lhe direi o que sabe. Sabe que, sob o nome de Maxime Bermond, retoquei 15 casas construídas pelo sr. Destange.

— Sim.

— Dessas 15, conhece quatro.

— Sim.

— E tem a lista das outras 11.

— Sim.

— Pegou essa lista na casa do sr. Destange, sem dúvida esta noite.

— Sim.

— E como supõe que, entre esses 11 imóveis, há fatalmente um que conservei para mim, para o que eu e meus amigos necessitamos, confiou a Ganimard o cuidado de se pôr em campo e descobrir meu asilo.

— Não.

— O que significa?

— O que significa que ajo sozinho e ia me pôr em campo sozinho.

— Então nada tenho a temer, já que está em minhas mãos.

— Nada tem a temer *enquanto* eu estiver em suas mãos.

— Quer dizer que não pretende continuar?

— Não.

Arsène Lupin se aproximou mais do inglês e lhe pôs suavemente a mão no ombro:

— Escute, não estou disposto a discutir e o senhor não está, infelizmente para si, em condições de me pôr em xeque. Acabemos, portanto.

— Acabemos.

— Vai me dar a sua palavra de honra de não tentar fugir deste barco antes de estar em águas inglesas.

— Dou-lhe a minha palavra de buscar fugir por todos os meios — respondeu Sholmes, indomável.

— Raios! Sabe, no entanto, que me bastaria dizer uma palavra para reduzi-lo à impotência. Todos estes homens me obedecem cegamente. A um sinal meu, lhe poriam uma corrente no pescoço...

— As correntes se fendem...

— ... e o jogariam n'água a dez milhas da costa.

— Sei nadar.

— Bem respondido — bradou Lupin, rindo. — Deus me perdoe, estava irado. Desculpe, mestre... e terminemos. Admite que eu tome as medidas necessárias à minha segurança e à de meus amigos?

— Todas as medidas. Mas são inúteis.

— De acordo. Mas não vai me querer mal por tomá-las.

— É o seu dever.

— Vamos.

Lupin abriu a porta e chamou o capitão e dois marinheiros. Esses pegaram o inglês e, depois de revistá-lo, lhe ataram as pernas e o prenderam à pequena cama do capitão.

— Basta — ordenou Lupin. — Em verdade foi preciso a sua teimosia e a gravidade excepcional das circunstâncias para que eu ousasse me permitir...

Os marinheiros se retiraram. Lupin dirigiu-se ao capitão:

— Comandante, um homem da tripulação ficará aqui ao dispor do sr. Sholmes, e o senhor mesmo lhe fará companhia tanto quanto possível. Que tenham por ele toda a consideração. Não é um prisioneiro, mas um hóspede. Que horas tem no seu relógio, capitão?

— Duas e cinco.

Lupin consultou o próprio relógio e logo uma pêndula pregada no tabique da cabine.

— Duas e cinco?... Estamos regulando. Quanto tempo precisa para chegar a Southampton?

— Nove horas, sem apressar.

— Faça por onze. Não deve tocar terra antes da partida do barco que deixa Southampton à meia-noite e que chega ao Havre às seis da manhã. Entende, não é, capitão? Repito: como seria muito perigoso para todos nós que esse senhor tornasse à França por esse barco, cumpre que não chegue em Southampton antes da uma da manhã.

— Entendido.

— Cumprimentos, mestre. Até o próximo ano, neste mundo ou no outro.

— Até amanhã.

Minutos depois, Sholmes escutou o automóvel que partia e em seguida, nas entranhas de *L'Hirondelle*, o vapor resfolegou com mais violência. O barco se fazia ao largo.

Pelas três horas, tinham ultrapassado o estuário do Sena e entravam no mar. Neste instante, estendido no beliche em que estava atado, Herlock Sholmes dormia profundamente.

Na manhã do dia seguinte, o décimo e último da guerra instaurada entre os dois grandes rivais, o *Écho de France* publicava este delicioso anúncio:

Ontem um decreto de expulsão foi promulgado por Arsène Lupin contra Herlock Sholmes, detetive inglês. Comunicado ao meio-dia, o decreto foi executado à tarde. A uma da manhã Sholmes foi desembarcado em Southampton.

V1

A SEGUNDA PRISÃO DE ARSÈNE LUPIN

Desde as oito, 12 viaturas de mudança entupiam a rua Crevaux, entre a avenida do Bois-de-Boulogne e a avenida Bugeaud. O sr. Félix Davey estava deixando o apartamento que ocupava no quarto andar do n.º 8. E o sr. Dubreuil, um perito em decorações, que tinha reunido num só apartamento o quinto andar da mesma casa e o quinto andar de duas casas contíguas, despachava no mesmo dia — simples coincidência, pois esses senhores não se conheciam — as coleções de móveis pelas quais tantos estrangeiros o visitavam diariamente.

Foi observado no bairro, mas só falaram disso mais tarde, que nenhum dos 12 veículos trazia o nome e o endereço do transportador, e que nenhum dos homens da mudança entrou nos botequins próximos. Trabalharam tão bem que às onze horas tudo tinha terminado. Não restava mais que esses montes de papel e trapo que as pessoas deixam atrás, nos cantos dos quartos vazios.

O sr. Félix Davey, jovem elegante, vestido pela moda mais requintada, mas que levava à mão uma bengala de ginástica cujo peso indicava no dono um bíceps pouco comum, saiu tranquilamente e se sentou no banco da aleia transversal que corta a avenida do Bois em frente à rua Pergolèse. Perto dele, uma mulher, vestida à burguesa pobre, lia seu jornal, enquanto uma criança brincava de cavar com sua pá um monte de areia.

Um tempo e Félix Davey disse à mulher, sem virar a cabeça:

— Ganimard?

— Saiu, desde as nove da manhã.

— Onde?

— Para a Central de Polícia.

— Sozinho?

— Sozinho.

— Nenhum telegrama esta noite?

— Nenhum.

— Continuam na casa tendo confiança em você?

— Continuam. Realizo uns servicinhos para a sra. Ganimard e ela me conta tudo o que o marido faz... Passamos a manhã juntas.

— Está bem. Até nova ordem, siga vindo aqui todos os dias, às onze.

Ele se levantou e foi para o Pavilhão Chinês, perto da porta Dauphine. Fez uma refeição frugal, dois ovos, legumes, frutas. Voltou depois à rua Grevaux e disse à porteira:

— Vou dar uma olhada lá em cima e lhe devolver as chaves.

Terminou sua inspeção pelo aposento que lhe serviu de gabinete de trabalho. Ali, pegou na ponta de um tubo de gás, cuja dobra era articulada e pendia ao longo da lareira, tirou a tampa de cobre que o fechava, adaptou um pequeno aparelho em forma de corneta acústica, e soprou.

— Ninguém, Dubreuil?

— Ninguém.

— Posso subir?

— Sim.

Repôs o tubo no lugar, dizendo-se:

— Até onde vai o progresso... Nosso século pulula de invençõezinhas que tornam realmente a vida cativante e pitoresca. E tão divertida!... Especialmente quando se sabe jogar com a vida como eu.

Fez girar uma das formas de mármore da lareira. A própria placa de mármore se mexeu e o espelho que a encimava deslizou sobre invisíveis encaixes, escancarando uma abertura em que descansavam os primeiros degraus de uma escada construída no próprio corpo da lareira; tudo isso bem limpo, em ferro cuidadosamente polido e azulejos de porcelana branca.

Subiu. No quinto andar, o mesmo orifício acima da lareira.

O sr. Dubreuil esperava:

— Terminou, lá embaixo?

— Terminou.

— Tudo desocupado?

— Tudo.

— E o pessoal?

— Não ficaram mais que os três homens de guarda.

— Então vamos.

Um após o outro subiram pelo mesmo caminho até o andar dos criados, saindo numa mansarda em que se achavam três indivíduos, um deles a olhar pela janela.

— Nada de novo?

— Nada, patrão.

— A rua está calma?

— Completamente.

— Mais dez minutos e vou embora para não voltar. Vocês irão também. Até lá, se houver o menor movimento suspeito na rua, me avisem.

— Estou com o dedo em cima da campainha de alarme, patrão.

— Dubreuil, recomendou aos carregadores não tocarem nos fios dessa campainha?

— Por certo, está funcionando muito bem.

— Isso me deixa tranquilo.

Os dois senhores tornaram a descer até o apartamento de Félix Davey. E este, depois de ter reajustado a moldura de mármore, exclamou alegre:

— Dubreuil, bem que eu gostaria de ver a cara dos que vão descobrir toda esta aparelhagem, campainhas de aviso, rede de fios elétricos e tubos acústicos, passagens secretas, tábuas de soalho que deslizam, escadas escondidas... Uma verdadeira maquinaria para um espetáculo de mágica!

— Que publicidade para Arsène Lupin!

— Uma publicidade que bem se podia dispensar. É uma pena abandonar uma instalação dessas. Temos de recomeçar tudo, Dubreuil... e sobre planos novos, claro, pois é preciso não se repetir nunca. Esta peste do Sholmes!

— Ele ainda não voltou?

— E como? De Southampton, só um barco, o da meia-noite. Do Havre, só um trem, o das oito da manhã que chega às 11h11. Se não tomou o barco da meia-noite — e não tomou, porque as instruções dadas ao capitão eram formais —, só poderá estar na França à noite, via Newhaven e Dieppe.

— E se ele voltar?

— Sholmes não desiste nunca. Voltará, mas tarde demais. Estaremos longe.

— E a srta. Destange?

— Devo me encontrar com ela dentro de uma hora.

— Na casa dela?

— Oh, não; só retornará à casa dentro de uns dias, depois da tormenta... e quando eu não tenha mais do que me ocupar que com ela. Mas, você, Dubreuil, tem de apressar-se. O embarque de todas as nossas bagagens vai ser demorado e sua presença é necessária no porto.

— Tem certeza de que não estamos sendo vigiados?

— Por quem? Só receava a Sholmes.

Dubreuil se retirou. Félix Davey deu uma última volta; apanhou duas ou três cartas rasgadas e, notando um pedaço de giz, desenhou um retângulo no papel escuro da sala de jantar, onde inscreveu, como se faz numa placa comemorativa:

AQUI MOROU, DURANTE CINCO ANOS, NO COMEÇO
DO SÉCULO XX, ARSÈNE LUPIN, LADRÃO CAVALHEIRO.

Essa pequena brincadeira causou-lhe aparentemente viva satisfação. Contemplou-a a assobiar uma canção alegre e discursou:

— Agora que estou em ordem com os historiadores das futuras gerações, escapemos. Despache-se, mestre Herlock Sholmes, que antes de três minutos terei deixado a minha cova e a sua derrota será total. Ainda dois minutos! O senhor me faz esperar!... Ainda um minuto! Não chega? Nesse caso, proclamo a sua decadência e a minha apoteose. E sobre isso, desapareço. Adeus, reino de Arsène Lupin! Não o verei mais. Adeus, meu pequeno quarto, meu austero quarto!

Uma campainha cortou rente seu acesso de lirismo, num toque agudo, rápido, estridente, que se interrompeu duas vezes, duas vezes prosseguiu e parou. Era o alarme.

Que teria havido, que perigo imprevisto? Ganimard? Mas não...

Estava à beira de correr para o escritório e fugir. Mas antes foi até a janela. Ninguém na rua. Já estaria o inimigo dentro de casa? Prestou atenção e julgou

ouvir rumores confusos. Sem hesitar mais, correu para o gabinete e, ao entrar nele, distinguiu o ruído de uma chave que procuravam meter na porta da entrada.

— Diabo — murmurou —, há o tempo justo. A casa está decerto cercada... a escada de serviço, impossível! Felizmente a lareira!...

Empurrou com força a moldura: não se mexeu. Fez um esforço maior e continuou não se mexendo.

Teve ao mesmo tempo a impressão de que a porta estava sendo aberta e que passos ressoavam.

— Deus do inferno — praguejou —, estou perdido se este ridículo mecanismo...

Seus dedos se crispavam na moldura, pôs todo o seu peso, e nada. Nada! Por uma incrível falta de sorte, uma maldade realmente espantosa do destino, o mecanismo, que há apenas um instante funcionava, não funcionava mais!

Enfureceu-se e o bloco de mármore permanecia inerte, imutável. Maldição! Era admissível que esse estúpido obstáculo lhe barrasse o caminho? Bateu no mármore com os punhos enraivecidos, martelou-o, injuriou...

— Bem, sr. Lupin, algo não anda como gostaria?

Lupin se virou, sacudido de espanto. Herlock Sholmes estava à sua frente.

Herlock Sholmes! Fitou-o piscando os olhos, como perturbado por uma visão cruel. Herlock Sholmes em Paris! Herlock Sholmes, que tinha despachado na véspera para a Inglaterra como uma encomenda perigosa, ali diante dele, vitorioso e livre! Ah, para que esse impossível milagre se realizasse, a despeito da vontade de Arsène Lupin, era preciso uma reviravolta das leis naturais, o triunfo do ilógico e do anormal! Herlock Sholmes diante dele!

E o inglês pronunciou, por sua vez, irônico e com aquela desdenhosa polidez com que seu adversário tantas vezes o castigara:

— Sr. Lupin, eu lhe avisei que, a partir da noite passada, nunca mais pensaria no que me fez passar na mansão do barão d'Hautrec, nem nas desventuras do meu amigo Wilson, nem no meu rapto de automóvel, nem nessa viagem que acabo de fazer, atado por ordem sua num beliche desconfortável. Este minuto apaga tudo. Não me lembro mais de nada. Estou recompensado. Regiamente recompensado.

Lupin manteve silêncio. O inglês continuou:

— Não pensa também assim?

Parecia insistir em reclamar uma aquiescência, uma espécie de quitação em relação ao passado.

Depois de refletir um instante, no qual o inglês se sentiu invadido, perscrutado até o fundo da alma, Lupin declarou:

— Suponho, senhor, que este seu comportamento tem uma justificativa séria.

— Seriíssima.

— O fato de ter escapado a meu capitão e marinheiros não passa de um incidente secundário na nossa luta. Mas o fato de estar aqui, diante de mim, sozinho — ouviu? —, *sozinho* diante de Arsène Lupin, me faz crer que sua vingança é tão completa quanto seria possível.

— De fato.

— Esta casa?

— Cercada.

— Os dois prédios contíguos?

— Cercados.

— O apartamento acima deste?

— Os *três* apartamentos do quinto andar que o sr. Dubreuil ocupava, cercados.

— De modo que...

— De modo que foi pego, sr. Lupin, irremediavelmente.

Os mesmos sentimentos que agitaram Sholmes durante aquela corrida de carro, Lupin os experimentou, um furor concentrado e uma revolta semelhantes, mas também, no fim das contas, análoga lealdade o dobrou à força das coisas. Ambos igualmente poderosos, deviam aceitar a derrota de modo parecido, como um mal provisório a que tinham de se resignar.

— Estamos quites, senhor — disse Lupin claramente.

Essa confissão pareceu maravilhar o inglês. Calaram-se. Já senhor de si e sorridente, Lupin prosseguiu:

— Nem zangado estou! Já me entediava ganhar todas as vezes. Só tinha de estender o braço para atingi-lo em pleno peito. Desta vez sou eu o atingido.

Touché, mestre!

Ria com prazer.

— Enfim vão se divertir! Lupin na ratoeira. Como sairá dela? Na ratoeira!... Que aventura!... Ah, mestre, devo-lhe uma forte emoção. É isso a vida!

Apertou as têmporas com os punhos fechados, como para comprimir a alegria desordenada que fervia em si, e fazia também gestos pueris de quem está se divertindo além de suas forças.

Acercou-se, enfim, do inglês.

— E agora, o que espera?

— O que espero?

— Sim, Ganimard está aí com seus homens. Por que não entra?

— Pedi que não entrasse.

— E consentiu?

— Só usei seus serviços sob a condição formal de que se deixaria guiar por mim. Aliás ele pensa que o sr. Félix Davey não passa de um cúmplice de Arsène Lupin.

— Então repito minha pergunta de outra forma. Por que entrou sozinho?

— Quis primeiro lhe falar.

— Ah, tinha o que falar comigo!

Essa ideia teria agradado muito a Lupin. Há circunstâncias em que se preferem de longe as palavras aos atos.

— Sr. Sholmes, lamento não ter uma poltrona para lhe oferecer. Esta caixa velha meio quebrada lhe serve? Ou o bordo desta janela? Tenho certeza de que um copo de cerveja seria bem recebido... Branca ou preta?.. Mas sente-se, peço...

— Não é preciso. Falemos.

— Estou ouvindo.

— Serei breve. O objetivo de minha estada na França não era a sua prisão. Se fui levado a persegui-lo, foi por não se apresentar nenhum outro meio para atingir minha meta.

— Que era?

— Achar o diamante azul!

— O diamante azul!

— Sem dúvida, porque o descoberto no frasco do cônsul Bleichen não era o verdadeiro.

— Com efeito. O verdadeiro foi expedido pela Dama Loura; fiz que o copiassem exatamente e, como tinha planos sobre as outras joias da condessa e o cônsul Bleichen já era suspeito, a Dama Loura, para não ficar sob suspeita, pôs o diamante falso entre as coisas do cônsul.

— Enquanto você guardava o verdadeiro.

— É evidente.

— Preciso desse diamante.

— Lamento muito, mas não pode ser.

— Prometi-o à condessa de Crozon. Vou obtê-lo.

— Como, já que está em minha posse?

— Vou obtê-lo justamente por estar consigo.

— Irei lhe devolver?

— Sim.

— Voluntariamente?

— Eu compro.

Lupin riu.

— É bem do seu país. Trata isso como um negócio.

— É um negócio.

— E o que me oferece?

— A liberdade da srta. Destange.

— Sua liberdade? Não sabia que estava presa.

— Darei ao sr. Ganimard as necessárias indicações. Privada de sua proteção, será agarrada, ela também.

Lupin riu de novo.

— Caro senhor, me oferece o que não tem. A srta. Destange está em segurança e não teme nada. Peço outra coisa.

O inglês vacilou, embaraçado, enrubescendo um pouco as faces. Súbito, pôs a mão no ombro do seu adversário:

— E se lhe propusesse...

— A minha liberdade?

— Não... mas enfim posso sair deste apartamento, combinar com o sr. Ganimard...

— E me deixar refletir?

— Sim.

— Ah, meu Deus, de que me serviria! Este endiabrado mecanismo não funciona mais — disse Lupin empurrando irritado a moldura da lareira.

Abafou um grito de surpresa: desta vez, capricho das coisas, inesperado retorno da sorte, o bloco de mármore cedeu a seus dedos!

Era a salvação, a fuga possível. Nesse caso, para que se submeter às condições de Sholmes?

Caminhou a um lado e outro, como a meditar sua resposta.

Logo, pôs também a mão no ombro do inglês.

— Ponderando tudo, sr. Sholmes, prefiro fazer meus negocinhos só.

— Porém...

— Não, não preciso de ninguém.

— Quando Ganimard o pegar, será o fim. Não o largarão.

— Quem sabe!

— Vamos, é loucura. Todas as saídas estão ocupadas.

— Menos uma.

— Qual?

— *A que escolherei.*

— Palavras! Sua prisão pode ser vista como consumada.

— Não está.

— E então?

— Então conservo o diamante azul.

Sholmes puxou o relógio.

— São dez para as três. Às três, chamo Ganimard.

— Temos portanto dez minutos pela frente para conversar. Aproveitemos, sr. Sholmes, e, para satisfazer uma curiosidade que me aflige, diga como achou meu endereço e meu nome de Félix Davey?

Vigiando atento Lupin, cujo bom humor o preocupava, Sholmes se prestou de boa vontade a essa pequena explicação que falava ao seu amor-próprio.

— O endereço? Obtive com a Dama Loura.

— Clotilde?

— Ela. Lembra-se? Ontem de manhã, quando pretendi levá-la de automóvel, ela tinha telefonado à costureira.

— Realmente.

— Bem, compreendi depois que a costureira era você. E esta noite no barco, num esforço de memória, talvez uma das coisas de que possa me orgulhar, consegui reconstituir os dois últimos números do seu aparelho: 73. Desse modo, com a lista de suas casas “retocadas”, me foi fácil, ao chegar em Paris agora às onze horas, procurar e descobrir no catálogo telefônico o nome e o endereço do sr. Félix Davey. A par desse nome e endereço, pedi o auxílio do sr. Ganimard.

— Admirável, de primeira ordem! Tenho de lhe tirar o chapéu. Mas não entendo é que tenha tomado o trem do Havre. Como fez para escapar de *L’Hirondelle*?

— Não escapei.

— Mas...

— Deu ordem ao capitão para só chegar em Southampton à uma da manhã. Me desembarcaram à meia-noite e pude assim pegar o barco para o Havre.

— O capitão me traiu? Inadmissível.

— Não traiu.

— Então?

— Foi o relógio dele.

— O relógio?

— Sim, adiantei em uma hora o seu relógio.

— Como?

— Como se adianta um relógio, girando a corda. Conversávamos, sentados juntos, lhe contava histórias que o interessavam... Palavra, não notou nada.

— Bravos, bravos, bonito estratagema, estou anotando. Mas a pêndula, presa na divisão de sua cabine?

— Ah, a pêndula foi mais difícil, pois tinha as pernas atadas, mas o marinheiro que me vigiava durante as ausências do capitão prontificou-se a dar um toque de dedo nos ponteiros.

— Vamos! Prontificou-se?...

— Oh, ignorava a importância do ato. Disse-lhe precisar tomar a qualquer preço o primeiro trem para Londres, e se deixou convencer.

— Mediante...

— Mediante um presentinho... que o bom homem, aliás, tem a intenção de lhe passar lealmente.

— Que presente?

— Quase nada.

— Ainda assim?

— O diamante azul.

— O diamante azul!

— Sim, o falso, o que trocou pelo diamante da condessa e que ela me entregou...

Foi um acesso de riso, súbito e tumultuoso. Lupin ficou com os olhos cheios d'água.

— Deus, como é engraçado! Meu diamante falso devolvido ao marinheiro! E o relógio do capitão! E os ponteiros da pêndula!...

Nunca Sholmes sentira tão violenta a luta entre Lupin e ele. Com seu prodigioso instinto, adivinhava, sob essa alegria excessiva, uma formidável concentração de pensamento, uma mobilização de todas as faculdades.

Pouco a pouco, Lupin tinha se acercado. O inglês recuou e, distraidamente, enfiou os dedos no bolso do colete.

— São três horas, sr. Lupin.

— Já três? Que pena!... Nós nos divertíamos tanto!

— Espero a sua resposta.

— A minha? Meu Deus, como é exigente! Jogamos o fim da partida, não é? E como prêmio, minha liberdade!

— Ou o diamante azul.

— Vá... Jogue primeiro. Que está fazendo?

— Xeque ao rei — disse Sholmes, dando um tiro de revólver.

— E eu marco o ponto — replicou Arsène, esmurrando o inglês.

Sholmes atirara para cima a fim de chamar Ganimard, cuja presença lhe soava urgente. O punho de Arsène Lupin foi direito ao estômago de Sholmes, que empalideceu e cambaleou. Num pulo Lupin saltou à lareira e já a placa de mármore se movia... Tarde demais! A porta era aberta.

— Renda-se, Lupin, senão...

Ganimard, postado sem dúvida mais perto do que Lupin tinha julgado, estava lá, e dez, vinte homens se empurravam, rapazes sólidos e sem escrúpulos, que o abateriam como a um cão ao menor sinal de resistência.

Fez um gesto, bem calmo.

— Baixem as mãos, eu me rendo.

E cruzou os braços no peito.

Houve como um estupor. No cômodo desguarnecido de seus móveis e tapeçarias, as palavras de Arsène Lupin se prolongavam que nem um eco. “Eu me rendo.” Palavras inacreditáveis. Aguardavam que ele se desvanecesse de repente por um alçapão, ou que uma parede desmoronasse e o subtraísse ainda uma vez a seus perseguidores. E ele se rendia!

Ganimard avançou e, emocionado, com toda a gravidade que um tal ato comportava, estendeu devagar a mão sobre o adversário e teve o infinito prazer de pronunciar:

— Está preso, Arsène Lupin.

— Brr — se arrepiou Lupin. — Você me impressiona, meu caro Ganimard. Que aspecto lúgubre! Dir-se-ia que está falando ante a cova de um amigo. Vamos, não fique com esta cara de enterro.

— Está preso.

— E isso o admira? Em nome da lei, de que é fiel executor, Ganimard, inspetor principal, prende o malvado Lupin. Minuto histórico, de que medem toda a importância... E é a segunda vez que se dá semelhante fato. Bravo, Ganimard, há de fazer uma bela carreira!

E ofereceu os punhos às algemas.

Toda a coisa ocorreu de modo bem solene. Os agentes, apesar da desenvoltura vulgar e do rancor contra Lupin, agiam com reserva, surpresos por lhes ser permitido chegar a este ser intangível.

— Meu pobre Lupin — suspirou o próprio —, que diriam teus amigos do bairro nobre se te vissem humilhado deste modo!

Afastou os punhos num esforço crescente e contínuo dos músculos. Saltaram-lhe veias na testa. O aço dos elos lhe penetrou na pele.

— Vamos — disse.

Rompida, a algema caiu.

— Uma outra, amigo, que esta não vale nada.

Puseram-lhe duas delas. Aprovou:

— Bem pensado! Nenhuma cautela é demais.

Contou os agentes:

— Quantos são, amigos? Vinte e cinco? Trinta? É muito... Nada a fazer.

Ah, se fossem apenas 15!

Tinha aprumo, o aprumo de um grande ator que interpreta seu papel na base do instinto e da energia, com leveza e impertinência. Sholmes o contemplava como a um belo espetáculo de que sabia apreciar todos os valores e nuances. E teve de fato a estranha impressão de que era uma luta igual a dos trinta homens de um lado, apoiados pelo formidável mecanismo da justiça, e de outro, aquele ser solitário, sem armas e algemado. As duas partes se valiam.

— Bem, mestre — disse Lupin —, esta é a sua obra. Graças a você, Lupin vai apodrecer na enxerga úmida dos calabouços. Confesse que sua consciência não está de modo algum tranquila e o remorso o corrói.

Involuntariamente o inglês deu de ombros, como a dizer: “Dependia só de você...”

— Nunca, nunca! — clamou Lupin. — Entregar-lhe o diamante azul, ah, não. Já me custou muito trabalho, estou decidido a conservá-lo. Na primeira visita que terei a honra de lhe fazer em Londres, sem dúvida no mês que vem, lhe direi os motivos... Mas vai estar em Londres no outro mês, ou prefere Viena, São Petersburgo?

Estremeceu. Veio do teto um toque de campainha. Não era mais o alarme, mas o telefone, cujos fios iam até o seu escritório, entre duas janelas, e cujo aparelho não fora tirado.

O telefone! Ah, quem ia cair na cilada feita por um abominável acaso? Arsène Lupin teve um movimento de raiva para o aparelho, como se tivesse querido quebrá-lo, reduzi-lo a cacos, e assim silenciar a voz misteriosa que desejava lhe falar. Mas Ganimard agarrou o fone.

— Alô, alô... 648.73... Sim, é aqui.

Com energia e autoridade, Sholmes o afastou, pegou o fone e pôs o lenço na frente para tornar mais indistinto o som da sua voz.

Nesse instante ergueu os olhos a Lupin. E o olhar que trocaram lhes provou que o mesmo pensamento acudira aos dois e estavam prevendo até as últimas consequências da hipótese possível, provável, quase certa: era a Dama Loura que telefonava.

Ela julgava estar ligando a Félix Davey, ou antes a Maxime Bermond, e era a Sholmes que ia falar!

O inglês silabou:

— Alô... Alô...

Um silêncio, e Sholmes:

— Sim, sou eu, Maxime.

De imediato o drama se desenhou numa precisão trágica. Lupin, o indomável e divertido Lupin, nem sequer pensou em esconder sua ansiedade e, com o rosto pálido de angústia, esforçou-se por ouvir, adivinhar.

Sholmes continuou, em resposta à voz misteriosa:

— Alô... alô... Mas sim, tudo terminou e me aprontava justamente para encontrá-la como combinamos. Onde? Mas no lugar em que você se acha. Não julgue que é ainda ali...

Hesitava, buscando as palavras, logo se deteve. Era claro que procurava interrogar a moça sem se expor demais e que ignorava inteiramente onde ela estava. Além disso, a presença de Ganimard parecia perturbá-lo. Ah, se algum milagre tivesse podido cortar o fio desse diabólico diálogo! Lupin o pedia com todas as forças, com todos os nervos contraídos.

Sholmes prosseguia:

— Alô... alô!... Não está ouvindo?... Nem eu... muito mal... mal consigo distinguir... Ouve agora?... Bem, veja... pensando... é preferível que vá para casa. Que perigo? Nenhum... Mas está na Inglaterra! Recebi um telegrama de Southampton confirmando a sua chegada.

A ironia dessas palavras! E Sholmes as disse com uma inefável satisfação. Enfim, ajuntou:

— De modo que não perca tempo, querida, vou ter consigo.

E desligou.

— Sr. Ganimard, peço três dos seus homens.

— Para a Dama Loura, não é?

— Sim.

— Sabe quem é e onde está?

— Sim.

— Puxa! Bela captura. Com Lupin... o dia está completo. Folenfant, traga dois homens e acompanhe o senhor.

O inglês se afastou, seguido pelos três agentes.

Era o fim. A Dama Loura, ela também, ia cair em poder de Sholmes. Graças à sua admirável obstinação e à cumplicidade de felizes ocorrências, a batalha terminava em triunfo para ele e num desastre irreparável para Lupin.

— Sr. Sholmes!

O inglês parou.

— Sr. Lupin?

Lupin parecia completamente abalado por esse último golpe. Rugas lhe sulcavam a testa. Estava cansado e sombrio. Aprumou-se no entanto num ímpeto de energia. E apesar de tudo, alegre, desprendido, falou:

— Há de convir que a sorte se encarniça contra mim. Há pouco me impede de sumir por esta lareira e me entrega a você. Agora se serve do telefone para lhe presentear a Dama Loura. Curvo-me às ironias dela.

— O que quer dizer?

— Que estou pronto a reabrir as negociações. Sholmes tomou o inspetor à parte e lhe solicitou, num tom aliás que não admitia réplica, a autorização para trocar algumas palavras com Lupin. Logo retornou a este. Supremo colóquio! Iniciado num tom seco e nervoso.

— Que deseja?

— A liberdade da srta. Destange.

— Sabe o preço.

— Sim.

— E aceita?

— Aceito todas as suas condições.

— Ah! — fez o inglês, surpreso. — Mas... tinha recusado... para você...

— Tratava-se de mim, sr. Sholmes. Agora se trata de uma mulher... e uma mulher que amo. Na França, veja, temos ideias bem singulares sobre essas coisas. E não há de ser porque a gente se chama Lupin que vai agir diversamente... Ao contrário!

Disse isso com muita calma. Sholmes teve uma imperceptível aquiescência de cabeça e murmurou:

— Então o diamante azul.

— Pegue a minha bengala ali, no canto da lareira. Com uma mão aperte o castão e com a outra gire a argola de ferro na ponta oposta.

Sholmes pegou a bengala, girou a argola e foi vendo que o castão se desaparafusava. Dentro dele, havia uma bola de goma e nela um diamante.

Examinou-o. Era o diamante azul.

— A srta. Destange está livre, sr. Lupin.

— Livre no futuro como no presente? Não tem nada a recear de você?

— Nem de ninguém.

— Aconteça o que acontecer?

— O que acontecer. Não sei mais seu nome nem seu endereço.

— Obrigado. E até logo. Porque nos tornaremos a ver, não é, sr. Sholmes?

— Não duvido.

Houve entre o inglês e Ganimard uma explicação tumultuada, que Sholmes cortou de forma um tanto abrupta.

— Lamento muito, sr. Ganimard, não ser da sua opinião. Mas não tenho tempo de persuadi-lo. Parto para a Inglaterra dentro de uma hora.

— No entanto... a Dama Loura?...

— Não conheço essa pessoa.

— Há um instante ainda...

— É pegar ou largar... Já lhe entreguei Lupin. Eis o diamante azul... que terá o prazer de devolver o senhor mesmo à condessa de Crozon. Me parece que não tem do que se queixar.

— Mas e a Dama Loura?

— Ache-a.

Pôs o chapéu na cabeça e se foi rápido, como um senhor que não tem o costume de se demorar quando seus negócios terminaram.

— Boa viagem, mestre — gritou Lupin. — E acredite que não esquecerei as relações cordiais que tivemos. Mande lembranças ao sr. Wilson.

Não obteve qualquer resposta e caçoou:

— É o que se chama sair à inglesa. Ah, esse digno habitante da Ilha não possui o verniz de cortesia que nos caracteriza. Pense um pouco, Ganimard, na

saída que um francês faria em tais circunstâncias. Sob que requintes de polidez disfarçaria seu triunfo?... Mas, Deus me perdoe, Ganimard, o que está fazendo, uma batida? Mas não há mais nada, meu pobre amigo, nem um papel. Meus arquivos estão em lugar seguro.

— Quem sabe! Quem sabe!

Lupin se resignou. Mantido por dois inspetores e cercado pelos outros, assistiu pacientemente às diversas operações. Ao fim de vinte minutos, suspirou:

— Mais rápido, Ganimard, assim não termina.

— Tem pressa?

— Se tenho! Um encontro urgente.

— No Comissariado?

— Não, na cidade.

— Oh, e a que horas?

— Às duas.

— São mais de três.

— Justamente: chegarei atrasado, e não há nada que deteste tanto como me atrasar.

— Me dá cinco minutos?

— Nem um a mais.

— Que amável... procurarei...

— Não fale tanto... Este armário outra vez?... Mas está vazio!

— Eis umas cartas aqui.

— Contas velhas!

— Não, um maço atado com uma fita de seda.

— Uma fita rosa? Oh, Ganimard, não abra isso pelo amor de Deus!

— É de uma mulher?

— Sim.

— Uma mulher da sociedade?

— Da melhor.

— Seu nome?

— Sra. Ganimard.

— Engraçado, muito engraçado! — rebateu o inspetor meio ofendido.

Neste instante, os homens mandados aos demais aposentos anunciaram que as buscas não tinham chegado a qualquer resultado.

Lupin se pôs a rir.

— Puxa! Será que esperava achar a lista dos meus amigos ou a prova das minhas relações com o imperador da Alemanha? O que devia procurar, Ganimard, são os pequenos mistérios deste apartamento. Veja, este tubo de gás é um tubo acústico. Esta parede é oca. E a confusão das campainhas! Olhe, Ganimard, aperte este botão...

Ganimard obedeceu.

— Não ouve nada? — interrogou Lupin.

— Não.

— Nem eu. No entanto, avisou o comandante do meu parque aéreo para preparar o balão dirigível que logo nos levará pelos ares.

— Vamos — disse Ganimard, que tinha terminado a inspeção —, chega de tolices e a caminho!

Deu uns passos, os homens o seguiram.

Lupin não arredou pé.

Seus guardiões o empurraram. Em vão.

— Bem — disse Ganimard —, recusa-se a andar?

— De modo algum.

— Nesse caso...

— Mas depende.

— De quê?

— Do lugar aonde me levará.

— Ao Comissariado, ora!

— Então não caminho. Não tenho nada a fazer lá.

— Está louco?

— Já não tive a honra de lhe avisar que tenho um encontro urgente?

— Lupin!

— Como, Ganimard, a Dama Loura aguarda a minha visita e me julga grosseiro ao ponto de deixá-la preocupada? Seria indigno de um homem galante.

— Escute, Lupin — disse o inspetor, a quem o motejo começava a irritar —, tive até aqui por você uma excessiva consideração. Mas há limites. Me siga.

— Impossível. Tenho um encontro e estarei lá.

— Pela última vez...

— Im-pos-sí-vel.

Ganimard fez um sinal e os dois homens suspenderam Lupin pelos braços. Mas o largaram em seguida com um gemido de dor; com cada uma das mãos Lupin meteu compridas agulhas na carne dos dois.

Loucos de raiva, os outros se precipitaram, com o ódio enfim liberado, ardendo por vingar os colegas e se vingar eles próprios de tantas afrontas, e bateram e bateram à vontade. Um soco mais forte lhe atingiu a têmpora. Caiu.

— Se o arruinarem — rosnou Ganimard, furioso —, vão se ver comigo.

Curvou-se, pronto a cuidar dele. Mas, vendo que respirava normalmente, ordenou que o pegassem pelos pés e pela cabeça, enquanto ele o susteria pelos rins.

— Devagar, hein! Nada de sacudidas... Ah, os selvagens, iam me matar o rapaz. Eh, Lupin, como vai isso?

Lupin abriu os olhos e balbuciou:

— Nada bonito, Ganimard... Deixou que me demolissem.

— A culpa foi sua, inferno... Com a sua teimosia! — respondeu Ganimard, aflito. — Está doendo muito?

Chegaram ao patamar. Lupin gemeu:

— Ganimard... o elevador... Vão me quebrar os ossos...

— Boa ideia, excelente ideia — aprovou Ganimard. — E a escada é tão estreita que não haveria meio...

Fez subir o elevador. Instalaram Lupin na cadeira com toda espécie de precauções. Ganimard ficou a seu lado e disse a seus homens:

— Desçam ao mesmo tempo que nós, e me esperem diante do balcão da entrada. Combinado?

Puxou a porta. Mas ela não tinha se fechado e gritos prorromperam. De um salto, o elevador subiu como um balão de que cortaram o cabo. Uma risada ressoou, sardônica.

— Poxa — berrou Ganimard, buscando freneticamente no escuro o botão da descida.

Como nada encontrasse, gritou:

— Ao quinto! Guardem a porta do quinto.

Quatro a quatro, os agentes voaram pela escada, mas ocorreu um fato estranho: o elevador parecia furar o teto do último andar, sumiu aos olhos dos agentes, ressurgiu de repente no andar superior, o dos criados, e parou. Três homens na espreita abriram a porta. Dois deles dominaram Ganimard, que, coibido em seus movimentos, entontecido, quase não se defendeu. O terceiro levou Lupin.

— Tinha lhe prevenido, Ganimard... a fuga em balão... e graças a você! Outra vez seja menos compadecido. Sobretudo lembre que Arsène Lupin não se deixa bater e estropiar sem sérias razões. Adeus...

A cabine estava já fechada e o elevador, com Ganimard dentro, foi despachado para os andares inferiores. E tudo isso foi feito tão ligeiro que o velho policial chegou junto com os agentes ao balcão da zeladora.

Sem sequer se falarem, atravessaram o pátio correndo e subiram pela escada de serviço, único meio de chegar ao andar dos criados por onde a evasão ocorrera.

Um longo corredor, com diversos ângulos e margeado por pequenos quartos numerados, levava a uma porta que tinham simplesmente encostado. Do outro lado dessa porta, portanto em outro prédio, começava um novo corredor, igualmente quebrado em ângulos e com quartos semelhantes. No fim, uma escada de serviço. Ganimard a desceu, atravessou um pátio, uma entrada e saiu a uma rua, a rua Picot. Entendeu: os dois prédios, construídos em profundidade, se tocavam e suas frentes davam para duas ruas, não perpendiculares mas paralelas, distantes uma da outra mais de sessenta metros.

Entrou na cabine da zeladora, mostrando sua credencial.

— Quatro homens passaram por aqui?

— Sim, os dois criados do quarto e do quinto, e dois amigos.

— Quem é que mora no quarto e no quinto?

— Os srs. Fauvel e seus primos Provost... Hoje se mudaram.

Só ficaram estes dois criados que acabam de ir embora.

Ah, pensou Ganimard, abatendo-se num canapé, que belo golpe podíamos ter dado! Todo o bando ocupava este conjunto de casas.

Quarenta minutos depois, dois senhores chegavam de carro à estação do Norte e se apressavam para pegar o rápido de Calais, seguidos de um carregador

levando as malas.

Um tinha o braço numa tipoia e seu rosto pálido não demonstrava boa saúde. O outro ia jubiloso.

— Rápido, Wilson, nada de perder o trem... Ah, Wilson, nunca esquecerei esses dez dias.

— Nem eu.

— Que belas escaramuças!

— Magníficas.

— Apenas, aqui e ali, alguns incômodos...

— Poucos.

— Por fim, o triunfo em toda linha. Lupin preso! O diamante azul reconquistado!

— Meu braço quebrado!

— Quando existem tais satisfações, que importa um braço quebrado!

— Sobretudo o meu.

— Claro! Lembre, Wilson, foi exatamente no momento em que estava na farmácia, a sofrer como um herói, que descobri o fio que ia me conduzir no escuro.

— Que sorte!

Fechavam as portas do trem.

— Subam, por favor. Apressem-se, senhores.

O carregador dispôs as malas na rede de um compartimento vazio, enquanto Sholmes içava o infortunado Wilson.

— Mas o que é que você tem, Wilson. Não acaba com isso? Coragem, camarada.

— Não é coragem o que me falta.

— Que é?

— Só tenho uma das mãos disponível.

— E daí?! — exclamou alegremente Sholmes. — Que história é essa? Parece que só você está nesse estado! E os mancos? Os verdadeiros mancos? Vamos, seu braço está aí, não teve prejuízo.

Deu ao carregador uma moeda de cinquenta centimos.

— Bem, amigo. Para você.

— Obrigado, sr. Sholmes.

O inglês ergueu os olhos: Arsène Lupin.

— Você!... você! — balbuciou ele, pasmado.

E Wilson gaguejou, fazendo com a única mão gestos de alguém que demonstra um fato:

— Você, você! Mas está preso! Sholmes me contou. Quando o deixou, Ganimard e seus trinta agentes o cercavam...

Lupin cruzou os braços, com ar de indignação:

— Então supuseram que os deixaria partir sem vir dizer adeus? Depois das grandes relações de amizade que tivemos o tempo todo uns com os outros! Mas seria a última incorreção. Por quem me tomam?

O trem apitava.

— Enfim, lhes perdoo... Mas têm tudo o que precisam? Fumo, fósforos... Sim... E os jornais da tarde? Vão achar neles pormenores sobre a minha prisão, sua última façanha, mestre. E agora, até a vista, e encantado por conhecê-los... verdadeiramente encantado!... E se precisarem de mim, ficaria contentíssimo... Saltou à plataforma e fechou a porta.

— Adeus — disse ainda, sacudindo o lenço. — Adeus... Vou escrever... Vocês também, não é? E o seu braço quebrado, sr. Wilson? Fico aguardando notícias dos dois... Um cartão-postal de quando em quando... O endereço é Lupin, Paris... Basta... Não é preciso nem selar... Adeus... Até já...

SEGUNDO EPISÓDIO
A lâmpada judaica

Herlock Sholmes e Wilson estavam sentados à direita e à esquerda da grande lareira, com os pés na direção de um confortável fogo de coque.

O cachimbo de Sholmes, um toco curto com argola de prata, se apagou. Tirou as cinzas, encheu-o de novo, acendeu, puxou sobre os joelhos as abas do chambre e deu grandes aspiradas no cachimbo, buscando lançar ao teto pequenos anéis de fumaça.

Wilson o fitava. Fitava-o como o cão enrodilhado no tapete da lareira olha o dono, com olhos redondos, sem pestanejar, olhos que têm apenas a esperança de refletir o gesto separado. Ia o mestre quebrar o silêncio? Ia lhe revelar o segredo de sua cisma momentânea e admiti-lo ao reino da meditação, cuja entrada parecia a Wilson lhe ser proibida?

Sholmes calava.

Wilson se arriscou:

— Os tempos andam parados. Nem um caso para mastigarmos.

Sholmes calava cada vez mais intensamente, mas seus anéis de fumaça iam melhorando, e qualquer um, que não Wilson, teria observado que ele daí extraía a funda satisfação que nos dão esses miúdos sucessos do amor-próprio, nas horas em que o cérebro está de todo vazio de pensamentos.

Wilson, desanimado, se ergueu e acercou da janela.

A triste rua se estendia entre as frentes mornas das casas, sob um céu negro de que caía uma chuva raivosa e sem piedade. Um *cab* passou, logo outro. Wilson registrou os números na sua caderneta. Nunca se sabe...

— Olhe — gritou —, o carteiro!

O homem entrou, conduzido pelo criado.

— Duas cartas registradas, senhor. Quer assinar?

Sholmes assinou, levou o homem até a porta e veio tirando o lacre de uma das cartas.

— Está com o ar tão contente — observou Wilson no fim de um tempo.

— Esta carta contém uma proposta interessante. Reclamava um caso e está aqui um. Leia...

Wilson leu:

Senhor,

Venho pedir o socorro de sua experiência. Fui vítima de um roubo de vulto e as buscas, até agora feitas, não parecem ter êxito.

Mando-lhe por este correio um certo número de jornais que o informarão sobre esse caso, e, se concordar em acompanhá-lo, ponho minha casa à sua disposição e lhe peço que grafe sobre o cheque anexo, assinado por mim, a quantia que lhe agrada fixar por suas despesas de viagem.

Faça-me a gentileza de telegrafar sua resposta e creia, senhor, na firmeza de meus sentimentos de alta consideração.

Barão Victor d'Imblevalle

Rua Murillo, 18.

— Eh, eh! — fez Sholmes. — Isso se anuncia de modo esplêndido... Uma viagensinha a Paris, palavra, por que não? Desde meu famoso duelo com Arsène Lupin, não tive ocasião de ali regressar. Não hei de me aborrecer em ver a capital do mundo em circunstâncias um pouco mais tranquilas.

Rasgou o cheque em quatro pedaços e, enquanto Wilson, cujo braço não tinha recuperado sua antiga destreza, pronunciava contra Paris palavras amargas, ele abriu o segundo envelope.

Um movimento de irritação lhe escapou de saída; uma ruga riscou-lhe a testa durante toda a leitura e, amarrotando o papel, fez uma bola que atirou com violência ao chão.

— Quê? Que havia aí? — fez Wilson assustado.

Pegou a bola, desdobrou e leu com crescente pasmo:

Meu caro Mestre,

Sabe a admiração que tenho pelo senhor e o interesse que tomo em sua reputação. Pois bem, me acredite, não se ocupe do caso a que solicitaram seu concurso. Sua intervenção causará muito mal, todos os seus esforços não levarão mais que a um lamentável resultado e será obrigado a fazer publicamente a confissão do seu malogro.

Desejando profundamente lhe poupar uma tal humilhação, lhe aconselho, em nome da amizade que nos une, a ficar quietinho ao canto da sua lareira.

As melhores lembranças minhas ao sr. Wilson e para o senhor, caro Mestre, a respeitosa homenagem do seu dedicado.

Arsène Lupin.

— Arsène Lupin! — repetiu Wilson, perplexo.

Sholmes começou a bater com os punhos na mesa.

— Ah, este animal já está me exasperando! Brinca comigo como se eu fosse uma criança! A confissão pública do meu malogro! Não o obriguei a devolver o diamante azul?

— Ele está com medo — insinuou Wilson.

— Não diga bobagens. Arsène Lupin nunca tem medo e a prova é que me desafia.

— Mas como teve conhecimento da carta do barão d’Imblevalle?

— Como é que eu vou saber? Faz perguntas burras, meu caro!

— Eu pensei... imaginei...

— O quê? Que sou um adivinho?

— Não, mas já o vi fazer tais prodígios!

— Ninguém faz prodígios... Eu não mais que outro qualquer. Reflito, deduzo, concluo, mas não adivinho. Só os imbecis se metem a adivinhar.

Wilson ficou com o jeito modesto de um cão batido e se esforçou, a fim de não ser um imbecil, em não adivinhar por que Sholmes andava pelo cômodo com grandes passos irritados. Mas tendo Sholmes chamado o criado e ordenado que lhe preparasse a mala, Wilson se achou no direito, já que aí havia um fato material, de refletir, deduzir e concluir que o mestre ia viajar.

Novas operações mentais semelhantes lhe permitiram afirmar como quem não teme o erro:

— Herlock, você vai a Paris.

— Pode ser.

— E vai mais ainda para responder ao desafio de Lupin do que para ser gentil com o barão d’Imblevalle.

— Pode ser.

— Herlock, eu vou junto.

— Ah, querido amigo — bradou Sholmes, interrompendo o caminhar —, não tem medo que seu braço esquerdo partilhe a sorte do direito?

— Que pode me acontecer? Você estará lá.

— Em boa hora, é um homem decidido! Vamos mostrar a este cavalheiro que errou talvez nos atirando a luva com tal audácia. Rápido, Wilson, pegamos o primeiro trem.

— Sem aguardar os jornais remetidos pelo barão?

— Para quê?

— Mando um telegrama?

— Inútil, Arsène Lupin saberá da minha chegada. Não importa. Desta vez, Wilson, vamos jogar firme.

Depois do almoço, os dois amigos embarcavam em Douvres. A travessia foi ótima. No rápido de Calais a Paris, Sholmes se concedeu três horas de sono mais profundo, enquanto Wilson montava guarda à porta do compartimento e meditava, de olhar vago. Sholmes despertou feliz e disposto. A perspectiva de um novo duelo com Arsène Lupin o arrebatava e esfregava as mãos com o ar satisfeito de um homem que se prepara para saborear muitas alegrias.

— Enfim — falou Wilson —, vamos nos desentorpecer!

E esfregou as mãos com o mesmo ar satisfeito.

Na estação, Sholmes pegou os mantôs de viagem e, seguido por Wilson que levava as malas — cada um com a sua parte —, entregou os bilhetes e saiu alegremente.

— Bom tempo, Wilson... Sol!... Paris está em festa para nos receber.

— Quanta gente!

— Tanto melhor, Wilson, diminui o risco de sermos notados. Ninguém há de nos reconhecer no meio desta multidão.

— Sr. Sholmes, não é?

Ele se deteve, um tanto embaraçado. Que diabo podia assim lhe chamar pelo nome?

Uma mulher estava a seu lado, uma moça, cuja roupa simples acentuava a figura distinta, tendo, porém, no bonito rosto uma expressão preocupada e dorida.

Ela insistiu:

— É o sr. Sholmes, não?

Como ele calasse, tanto por confusão como pelo hábito da prudência, ela repetiu pela terceira vez:

— É o sr. Sholmes a quem tenho a honra de falar?

— Que quer de mim? — disse ele com aspereza, julgando o encontro suspeito.

Ela se pôs à sua frente.

— Ouça-me, senhor, é grave, sei que vai à rua Murillo.

— Que está dizendo?

— Sei, sei... Rua Murillo... número 18. Pois bem, não convém... não deve ir... Garanto que vai se arrepender. Se lhe digo isso, não julgue que tenho algum interesse. É pela razão, é de toda consciência.

Procurou afastá-la; ela insistiu:

— Oh, eu lhe peço, não se obstine... Ah, se soubesse como persuadi-lo! Olhe em meu íntimo, veja os meus olhos... são sinceros... dizem a verdade.

Ofertava os olhos com ardor e eram desses olhos graves e límpidos em que parece se refletir a própria alma. Wilson oscilou a cabeça:

— A senhorita tem um ar de sinceridade.

— Mas sim — ela suplicou —, precisam ter confiança...

— Eu tenho, senhorita — replicou Wilson.

— Oh, como me deixa contente! E o seu amigo também, não é? Eu sinto... posso afirmar! Que sorte! Tudo vai dar certo!... Que boa ideia eu tive!... Há, senhor, há um trem para Calais dentro de vinte minutos... Vai tomá-lo... Rápido, venha comigo... O caminho é por este lado e tem justo o tempo...

Procurava arrastá-lo. Sholmes lhe pegou no braço e com uma voz que buscou fazer tão doce quanto podia:

— Desculpe, senhorita, não poder aceder a seu desejo, mas não desisto nunca de uma tarefa empreendida.

— Eu lhe peço... eu lhe peço! Ah, se pudesse compreender!

Ele seguiu adiante com rapidez.

Wilson disse à moça:

— Tenha esperança... Ele irá até o fim do caso... Não há exemplo de derrota sua...

E teve de correr para juntar-se a Sholmes.

HERLOCK SHOLMES X ARSÈNE LUPIN

Estas palavras, a se destacarem em grandes letras negras, os chocaram aos primeiros passos. Chegaram perto; avançava uma linha de homens-sanduíche, uns atrás dos outros, a baterem nas calçadas com cadência com grossas bengalas ferradas e levando nas costas enormes cartazes em que se podia ler:

A PELEJA HERLOCK SHOLMES X ARSÈNE LUPIN.
CHEGADA DO CAMPEÃO INGLÊS. O GRANDE DETETIVE
PESQUISA O MISTÉRIO DA RUA MURILLO. LER OS
DETALHES NO *ÉCHO DE FRANCE*.

Wilson abanou a cabeça:

— E agora, Herlock, logo conosco que nos gabamos de trabalhar incógnitos! Não me surpreenderá se a guarda republicana estiver nos esperando na rua Murillo e haja uma recepção oficial, com brindes e champanhe.

— Quando se mete a ter espírito, Wilson, você vale por dois — rosnou Sholmes.

Avançou para um dos homens com a clara intenção de o tomar nas mãos potentes e reduzir a migalhas, o homem e seu cartaz. Os passantes, porém, se aglomeravam em volta dos anúncios, brincando e rindo.

Reprimindo um forte acesso de raiva, disse ao homem:

— Quando os contrataram?

— Esta manhã.

— Principiaram a andar?

— Há uma hora.

— Mas os anúncios estavam prontos?

— Oh, claro, sim... Quando fomos de manhã na agência, já estavam lá.

Assim, Arsène Lupin tinha previsto que ele, Sholmes, aceitaria o desafio. Mais: a carta escrita por Lupin demonstrava que queria a luta e entrava nos seus planos medir-se outra vez com seu rival. Por quê? Que motivo o levava a recomençar a luta?

Herlock teve um segundo de hesitação. Era preciso que Lupin estivesse muito certo da vitória para mostrar tanta insolência, e não seria cair numa cilada acorrer assim ao primeiro apelo?

— Vamos, Wilson! Cocheiro, rua Murillo, 18 — gritou num despertar de energia.

E com as veias túrgidas, os punhos cerrados como se fosse tomar parte numa luta de boxe, pulou para o carro.

A rua Murillo possui luxuosas mansões particulares cuja parte posterior tem vista para o parque Monceau. O número 18 é um dos mais belos desses prédios, e o barão d’Imblevalle, que aí mora com a mulher e as filhas, mobiliou-o do modo mais suntuoso, como artista e como milionário. À frente da casa há o jardim principal, e outros à direita e à esquerda. Atrás, o jardim mistura os ramos de suas árvores com os das árvores do parque.

Tendo soado o sino do portão, os dois ingleses atravessaram o pátio e foram recebidos por um criado de companhia, que os levou a um pequeno salão na parte de trás.

Sentaram e deram uma olhada nos preciosos objetos que enchiam o cômodo.

— Bonitas coisas — murmurou Wilson —, de gosto e imaginação... Pode-se deduzir que quem teve tempo de achar tais objetos são pessoas de certa idade... Cinquenta anos talvez...

Não acabou. A porta se abriu e o sr. d’Imblevalle entrou, junto com a mulher.

Contrariando as deduções de Wilson, os dois eram jovens, elegantes e muito vivos de modos e palavras. Ambos se desmancharam em agradecimentos.

— Foi muito gentil da sua parte! um incômodo tão grande... Quase estamos contentes com o aborrecimento que tivemos, já que nos propiciou o prazer...

Que encantadores estes franceses!, pensou Wilson, que não temia fazer uma observação profunda.

— Mas o tempo é dinheiro — disse o barão. — Seu tempo especialmente, sr. Sholmes. Assim, vamos ao objetivo. Que acha do caso? Espera resolvê-lo?

— Para resolver, preciso antes conhecê-lo.

— Não conhece?

— Não, e lhe peço que me explique as coisas com detalhes e sem omitir nada. De que se trata?

— De um roubo.

— Em que dia teve lugar?

— Sábado último — respondeu o barão —, na noite de sábado para domingo.

— Há seis dias então. Vá contando.

— Cumpre dizer de saída, senhor, que minha mulher e eu, nos conformando ao tipo de vida que exige nossa situação, saímos pouco. A educação de nossas filhas, algumas recepções e o embelezamento do interior de nossa casa são a nossa vida, e praticamente todas as nossas noites se passam aqui, neste aposento, que é de minha mulher e onde reunimos alguns objetos de arte. No sábado passado, pelas onze horas, apaguei a luz elétrica e minha mulher e eu fomos, como de costume, para o nosso quarto.

— Que está...?

— Ao lado, nesta porta que está vendo. No dia seguinte, o domingo, me levantei cedo. Como Suzanne, minha mulher, ainda dormia, passei por aqui com todo cuidado para não acordá-la. Me surpreendi ao ver que esta janela estava aberta, quando a tínhamos deixado fechada na noite anterior.

— Um criado...

— Ninguém entra aqui de manhã antes de nós chamarmos. De resto, tomo sempre a precaução de empurrar o ferrolho desta segunda porta, que leva ao vestíbulo. De modo que a janela tinha sido aberta por fora. Tive aliás a prova disso: o segundo vidro da vidraça da direita — perto do fecho da janela — fora cortado.

— E esta janela?

— Como pode notar, dá para um pequeno terraço cercado por um muro de pedra. Estamos no primeiro andar e pode ver o jardim que se estende atrás

da casa e o portão de ferro que o separa do parque Monceau. Há, portanto, certeza de que o homem veio do parque, pulou o portão com ajuda de uma escada e subiu até o terraço.

— Certeza, disse?

— Acharam-se de cada lado da grade, na terra mole dos canteiros, buracos feitos por duas vigas de escada, e havia os dois mesmos buracos ao pé do terraço. O muro mostra enfim duas pequenas arranhaduras, evidentemente causadas pelo contato das vigas.

— O parque Monceau não é fechado de noite?

— Não, mas de qualquer forma há no número 14 uma casa em construção e seria fácil entrar por ali.

Herlock Sholmes pensou uns momentos e prosseguiu:

— E o roubo, teria sido feito no cômodo em que estamos?

— Sim. Havia, entre esta Virgem do século XII e este tabernáculo de prata cinzelada, uma pequena lâmpada judaica. Desapareceu.

— E foi tudo?

— Foi.

— Ah!... E o que é que chama uma lâmpada judaica?

— São dessas lâmpadas de cobre que se usavam antigamente, com uma haste e um recipiente em que se põe óleo. Do recipiente saem dois ou mais bicos destinados às mechas.

— Em suma, objetos sem maior valor.

— Realmente. Mas este continha um esconderijo em que costumávamos colocar uma esplêndida joia antiga, uma borboleta de ouro, encastoadada de rubis e esmeraldas, que era de alto preço.

— Por que tal costume?

— Palavra, não saberia precisar. Talvez pelo mero divertimento de utilizar um esconderijo desse tipo.

— Ninguém sabia dele?

— Ninguém.

— Salvo, claro, o ladrão da borboleta — objetou Sholmes —; senão, não teria se dado ao trabalho de surrupiar a lâmpada judaica.

— Sem dúvida. Mas como ele poderia estar a par disso, se foi por acaso que descobrimos o mecanismo secreto da lâmpada?

— O mesmo acaso o poderia revelar a qualquer um... um criado... um frequentador da casa... Mas continuemos: a justiça foi chamada?

— Naturalmente. O juiz de instrução fez o inquérito. Os cronistas da polícia dos grandes jornais fizeram os seus. Mas, como lhe escrevi, parece que o problema não tem qualquer chance de ser resolvido.

Sholmes se ergueu, dirigiu-se à janela, examinou a vidraça, o terraço, o muro, serviu-se de sua lupa para estudar os dois arranhões na pedra, e pediu ao sr. d'Imblevalle que o levasse ao jardim.

Lá fora, Sholmes se sentou simplesmente numa poltrona de vime e fitou o teto da casa com olhar cismador. De repente foi às duas caixinhas de madeira com que tinham coberto, a fim de conservar as marcas originais, os buracos deixados ao pé do terraço pelas vigas da escada. Levantou as caixinhas, se pôs de joelhos no chão e, com as costas curvas e o nariz a vinte centímetros do solo, perscrutou e tomou medidas. Fez o mesmo ao longo do portão, mas mais depressa.

Estava terminado.

Retornaram os dois ao aposento em que os aguardava a sra. d'Imblevalle.

Por uns minutos ainda, Sholmes permaneceu calado, para enfim pronunciar estas palavras:

— Desde o início da sua narrativa, barão, me impressionou o aspecto demasiado simples do delito. Usar uma escada, cortar um vidro, escolher um objeto e ir embora. Não, as coisas não se passam assim tão facilmente. Tudo isso é claro e nítido em excesso.

— De modo que...

— De modo que o roubo da lâmpada judaica foi cometido sob a direção de Arsène Lupin...

— Arsène Lupin! — exclamou o barão.

— Mas foi cometido não por ele, e sem que ninguém entrasse nesta casa... Um criado talvez descesse de sua mansarda ao terraço, por uma calha que reparei do jardim.

— Mas em que se apoia?

— Arsène Lupin não sairia deste lugar com as mãos vazias.

— Vazias! E a lâmpada?

— Pegá-la não o teria impedido de pegar também esta tabaqueira cravejada de diamantes, ou este colar de opalas antigas. Bastavam-lhe dois gestos a mais. Se não os fez, é porque não viu estas coisas.

— Mas as marcas deixadas?

— Encenação para desviar as suspeitas.

— Os arranhões na balaustrada?

— Mentira. Foram produzidos com papel de vidro. Veja: uns pedacinhos desse papel que recolhi.

— Os buracos deixados pelas vigas da escada?

— Pilhéria. Examine os dois buracos retangulares ao pé do terraço e os dois perto do portão. A forma deles é semelhante, mas, paralelos aqui, lá embaixo deixam de ser. Meça a distância que separa cada buraco do outro: muda conforme o lugar. No terraço é de 23 centímetros, no portão, de 28.

— Conclui disso?

— Concluo, já que a forma deles é idêntica, que os quatro buracos foram feitos com a ajuda de um só pedaço de madeira adequadamente talhado.

— Se se achasse esse pedaço de madeira, não haveria melhor argumento.

— É esse aqui — disse Sholmes —, o apanhei no jardim, debaixo da caixa de um loureiro.

O barão cedeu. Há quarenta minutos o inglês entrara naquela casa e não restava mais nada de tudo o que se acreditara até aqui, sobre o próprio testemunho de fatos aparentes. A realidade, uma outra realidade, principiava, fundada em algo bem mais sólido, o raciocínio de Herlock Sholmes.

— A suspeita que lança sobre o nosso pessoal é grave, senhor — disse a baronesa. — Nossos domésticos são velhos servidores da casa e nenhum deles seria capaz de nos trair.

— Se um não os traísse, como explicar que esta carta tenha podido chegar a mim no mesmo dia e pelo mesmo correio que a que me escreveram?

Mostrou à baronesa a carta que Arsène Lupin lhe dirigira.

A sra. d’Imblevalle ficou pasma.

— Arsène Lupin... Como soube ele?

— Não contaram a ninguém sobre a carta?

— A ninguém — disse o barão —; foi uma ideia que nos veio uma noite à mesa.

— Diante dos criados?

— Só de nossas duas filhas; e não, nem isso. Sophie e Henriette não estavam na mesa, não é, Suzanne?

A sra. d’Imblevalle refletiu e afirmou:

— De fato, tinham voltado para junto da senhorita.

— A senhorita? — perguntou Sholmes.

— A governanta, srta. Alice Demun.

— Essa pessoa não faz as refeições com os senhores?

— Não, é servida à parte, em seu quarto.

Wilson teve uma ideia.

— A carta escrita a meu amigo Herlock Sholmes foi posta no correio.

— Naturalmente.

— Quem a levou?

— Dominique, meu criado particular há vinte anos — respondeu o barão.

— Toda busca por esse lado seria tempo perdido.

— Nunca se perde tempo quando se busca — disse Wilson sentenciosamente.

O primeiro inquérito acabara. Sholmes pediu licença para se recolher.

Uma hora depois, no jantar, viu Sophie e Henriette, as filhas dos d’Imblevalle, duas bonitas garotas de oito e seis anos. Conversou-se pouco. Sholmes respondeu às amabilidades do barão e da mulher de modo tão áspero que optaram pelo silêncio. Serviram o café. Sholmes engoliu o conteúdo da xícara e se levantou.

Neste momento entrou um criado, trazendo-lhe uma mensagem telefônica. Ele abriu e leu:

Testemunho-lhe minha entusiasta admiração. Os resultados obtidos por você em tão pouco tempo são atordoantes. Estou confuso.

Arsène Lupin.

Teve um gesto irritado e mostrou a folha ao barão:

— Começa a acreditar, senhor, que suas paredes têm olhos e ouvidos?

— Não entendo isso — murmurou o sr. d’Imblevalle perplexo.

— Nem eu. Mas o que entendo é que nem um movimento é feito aqui que não seja notado por *ele*. Não se pronuncia uma palavra que ele não ouça.

Esta noite, Wilson se deitou com a consciência leve de um homem que cumpriu o dever e não tem outra coisa a fazer senão dormir. Assim adormeceu logo e teve belos sonhos em que perseguia sozinho Lupin e ia prendê-lo pessoalmente, mas a sensação dessa cena foi tão nítida que despertou.

Alguém mexia na sua cama. Pegou o revólver.

— Mais um gesto, Lupin, e eu atiro.

— Diabo! Como se deixa entusiasmar, meu velho camarada!

— Como? É você, Sholmes! Precisa de mim?

— Preciso dos seus olhos. Levante-se.

Levou-o até a janela.

— Olhe... do outro lado do portão...

— No parque?

— Sim. Não vê nada?

— Nada.

— Sim, vê algo.

— Ah, de fato, uma sombra... duas mesmo.

— Não é? Contra a grade... Veja, se movem. Não percamos tempo.

Tateando, agarrando-se ao corrimão, desceram a escada e chegaram a um cômodo que dava para o jardim. Através dos vidros da porta, viram os dois vultos no mesmo lugar.

— Curioso — disse Sholmes —, me parece ouvir ruído na casa.

— Na casa? Impossível. Todo mundo está dormindo.

— Mas ouça...

Neste instante um leve apito chegou do portão e perceberam uma vaga luz que parecia vir do interior.

— Os d’Imblevalle devem ter acendido a luz — murmurou Sholmes. — É o quarto deles que fica aqui em cima.

— Foram eles sem dúvida que escutamos — fez Wilson. — Talvez estejam vigiando o portão.

Um segundo apito, mais discreto ainda.

— Não compreendo, não compreendo — irritou-se Sholmes.

— Nem eu — confessou Wilson.

Sholmes girou a chave da porta, puxou o ferrolho e a empurrou suavemente.

Um terceiro apito, um pouco mais forte e modulado de outro modo. E acima deles o ruído aumentou, se acelerou.

— Antes se pensaria que é no terraço daquele aposento — soprou Sholmes.

Meteu a cabeça pela porta entreaberta, mas em seguida recuou sufocando uma praga. Por sua vez, Wilson olhou. Perto deles, uma escada fora posta na parede, apoiada no muro do terraço.

— Demônios — fez Sholmes —, há alguém no cômodo! Era isso que se ouvia. Depressa, tiremos a escada.

No mesmo instante, uma forma deslizou lá de cima até embaixo, a escada foi tirada e o homem que a carregava correu a toda para o portão, no lugar em que o esperavam seus cúmplices. Sholmes e Wilson se aproximaram. Chegaram ao homem quando punha a escada contra o portão. Do outro lado, detonaram dois tiros.

— Ferido? — gritou Sholmes.

— Não — respondeu Wilson.

Este pegou o homem pelo corpo e tentou imobilizá-lo. Mas o outro se virou, o esmurrou com uma das mãos e com a outra lhe mergulhou a faca em pleno peito. Wilson exalou um suspiro, cambaleou e caiu.

— Maldição! — uivou Sholmes. — Se o mataram, eu mato.

Deitou Wilson na grama e se precipitou para a escada.

Tarde demais. O homem a tinha galgado e, recebido pelos cúmplices, fugiam encobertos por arbustos e ramos.

— Wilson, Wilson, não foi grave, hein? Um simples arranhão.

As portas da mansão de repente se abriram. Surgiu primeiro o sr. d'Imblevalle e logo criados com velas.

— Que é que aconteceu? — bradou o barão. — O sr. Wilson está ferido?

— Nada, um simples arranhão — repetiu Sholmes, procurando se iludir.

O sangue corria com abundância e o rosto estava lívido.

O doutor, vinte minutos depois, verificou que a ponta da faca havia chegado a quatro milímetros do coração.

— Quatro milímetros do coração? Este Wilson sempre teve sorte — concluiu Sholmes num tom de inveja.

— Sorte... sorte... — resmungou o doutor.

— Ora, com sua robusta constituição, se recuperará...

— Com seis semanas de cama e dois meses de convalescença.

— Não mais?

— A não ser que ocorram complicações.

— Por que diabo quer que ele tenha complicações?

Plenamente satisfeito, Sholmes foi ao encontro do barão no aposento feminino. Desta vez o misterioso visitante não tinha sido tão discreto. Sem pudor, tinha passado a mão na tabaqueira de diamantes, no colar de opalas e, de um modo geral, em tudo o que podia achar lugar nos bolsos de um honesto ladrão.

A janela ainda estava aberta, um dos vidros tinha sido limpamente cortado e, de manhãzinha, uma busca sumária, fixando que a escada provinha do prédio em construção, indicou o caminho que tinha sido seguido.

— Em suma — disse o sr. d’Imblevalle com certa ironia —, é a exata repetição do roubo da lâmpada judaica.

— Sim, se se aceitar a primeira versão adotada pela justiça.

— Ainda não a adota? Este segundo roubo não abala a sua opinião sobre o primeiro?

— Confirma-a, senhor.

— Será possível! Tem a prova irrefutável que o assalto desta noite foi realizado por alguém de fora, e persiste em sustentar que a lâmpada judaica foi subtraída por alguém do nosso círculo?

— Por alguém que mora nesta casa.

— Mas como explica isso?

— Não explico nada, senhor, constato dois fatos que não têm um com o outro senão relações de aparência, julgo-os isoladamente e procuro o laço que os une.

Sua convicção parecia tão profunda, sua maneira de agir fundada em motivos tão poderosos, que o barão recuou:

— Seja. Vamos avisar o comissário.
— De nenhum modo! — protestou o inglês. — De nenhum modo! Só pretendo me dirigir a essa gente quando tiver necessidade dela.
— No entanto, os tiros?...
— Não importa!
— Seu amigo?...
— Meu amigo está apenas ferido... Consiga que o doutor se cale. Do lado da justiça, eu respondo por tudo.

Transcorreram dois dias, vazios de incidentes, mas em que Sholmes continuou sua tarefa com um cuidado minucioso e um amor-próprio incentivado pela lembrança do audacioso assalto, executado sob seus olhos, a despeito de sua presença e sem que pudesse lhe impedir o êxito. Infatigável, revistou a casa e o jardim, palestrou com os criados e esteve longos períodos na cozinha e cavalariças. E embora não conseguisse qualquer indício que o esclarecesse, não perdeu o ânimo.

Acharei, pensava, e é aqui que acharei. Não se trata, como no caso da Dama Loura, de avançar a esmo e atingir, por caminhos que ignorava, uma meta que não conhecia. Desta vez estou no terreno mesmo da luta. O inimigo não é mais apenas o impegável e invisível Lupin, é o cúmplice de carne e osso que vive e se move nos limites desta mansão. O menor detalhezinho e fico sabendo.

Esse detalhe, de que tiraria tantas consequências, e com tão prodigiosa habilidade que se pode julgar o caso da lâmpada judaica como um dos em que mais brilha seu gênio de detetive, esse detalhe foi o acaso que lhe forneceu.

No início da tarde do terceiro dia, como entrasse num cômodo situado em cima do assaltado e que servia de sala de estudo para as crianças, deparou-se com Henriette, a menor das irmãs. Ela procurava a sua tesoura.

— Sabes — disse a Sholmes —, eu também faço papéis como o que tu recebeste uma noite.

— Uma noite?

— Sim, no fim do jantar. Recebeste um papel com palavras coladas em cima... Sabes, um telegrama... Bem, eu também faço.

Saiu. Para qualquer outro, essas palavras não teriam mais sentido do que a insignificante reflexão de uma criança, e o próprio Sholmes as escutou sem

atentar muito, continuando sua inspeção. Mas logo correu atrás da menina, cuja última frase o impressionara. Pegou-a no alto da escada e lhe disse:

— Então, tu também sabes colar palavras no papel?

Henriette, orgulhosa, declarou:

— Pois sim, recorto as palavras e colo.

— E quem te ensinou a fazer isso?

— A senhorita... minha governanta... eu vi ela fazer. Pega palavras nos jornais e cola...

— E que faz com isso?

— Telegramas, cartas que manda.

Herlock voltou à sala de estudo intrigado com essa confidência e se esforçando por extrair dela as deduções que comportava.

Havia um monte de jornais na lareira. Desdobrou-os e viu com efeito que faltavam grupos de palavras ou de linhas, regular e corretamente recortados. Mas lhe bastou ler as palavras que vinham antes e depois, para constatar que as que faltavam tinham sido subtraídas a esmo, evidentemente por Henriette. Talvez, no bolo de jornais, houvesse um tesourado pela própria senhorita. Mas como ter certeza?

Maquinalmente, Herlock folheou os livros de aula empilhados na mesa e logo outros nas estantes de um armário. Súbito teve uma exclamação de alegria. Num canto deste armário, sob um monte de velhos cadernos, tinha achado um álbum para crianças, um abecedário com ilustrações, e numa de suas páginas havia um vazio.

Tratava-se de nomenclatura dos dias da semana. Segunda, terça, quarta, etc. Faltava a palavra sábado. Ora, o roubo da lâmpada tinha ocorrido na noite de um sábado.

Herlock sentiu o pequeno aperto do coração que sempre lhe anunciava, da maneira mais nítida, que tinha tocado no nó mesmo de uma intriga. Esse aperto da verdade, essa emoção da certeza, não o enganava nunca.

Febril e confiante, apressou-se a folhear o álbum. Mais adiante, outra surpresa o esperava.

Era uma página composta de letras maiúsculas, seguidas por uma linha de números.

Nove dessas letras e três desses números tinham sido subtraídos cuidadosamente.

Sholmes os escreveu em sua caderneta na ordem que ocupavam na página e obteve o seguinte resultado:

CDEHNOPRZ — 237

— Puxa — murmurou —, à primeira vista isso não significa grande coisa.

Misturando as letras e empregando-as todas, se poderiam formar uma, duas ou três palavras completas?

Sholmes tentou em vão.

Uma só solução se impôs a ele, que sem cessar voltava à ponta do lápis e que, com o tempo, lhe pareceu a verdadeira, tanto por corresponder à lógica dos fatos, como por concordar com as circunstâncias gerais.

Dado que a página do álbum só trazia uma vez cada uma das letras do alfabeto, era provável, era certo que estávamos diante de palavras incompletas e que foram completadas com letras tiradas de outras páginas. Nessas condições, salvo erro, a charada ficava assim:

REPOND.Z — CH

A primeira palavra era clara: *répondez* [responda] faltando um E porque essa letra, já empregada, não era mais disponível.

Quanto à segunda palavra inacabada, formava sem dúvida, com o número 237, o endereço dado pelo remetente ao destinatário da carta. Propunha-se primeiro fixar o dia no sábado e se pedia uma resposta para o endereço CH. 237.

Ou então CH. 237 era uma fórmula de posta-restante, ou então as letras C e H faziam parte de uma palavra incompleta. Sholmes percorreu o álbum; nenhum outro recorte tinha sido feito nas páginas seguintes. Cumpria assim, até nova ordem, se apegar à explicação encontrada.

— É divertido, não é?

Henriette tinha voltado. Ele respondeu:

— Se é divertido! Apenas, não tens outros papéis?... ou palavras já recortadas que eu pudesse colar?

— Papéis?... não... E a senhorita não ia gostar.

— A senhorita?

— Sim, ela já ralhou comigo.

— Por quê?

— Porque eu lhe conto coisas... e ela disse que a gente não deve contar nunca as coisas das pessoas que a gente gosta.

— Tens razão.

Henriette pareceu maravilhada com a aprovação, tanto que tirou de um saquinho de fazenda preso a seu vestido uns trapos, três botões, dois tablets de açúcar e, enfim, um pedacinho de papel que entregou a Sholmes.

— Toma, eu dou para ti assim mesmo.

Era um número de fiacre, o 8279.

— De onde veio esse número?

— Caiu do seu porta-moedas.

— Quando?

— Domingo, na missa, quando ela foi pegar umas moedas para a coleta.

— Muito bem. E agora vou te dizer um jeito de não ser ralhada. Não diz para a senhorita que falaste comigo.

Sholmes foi ao encontro do sr. d’Imbleville e o interrogou sem reservas sobre a senhorita.

O barão reagiu.

— Alice Demun! Será que pensa?... É impossível.

— Há quanto tempo está a seu serviço?

— Um ano apenas, mas não conheço pessoa mais tranquila e em quem tenha mais confiança.

— Como se deu que ainda não a tenha visto?

— Ausentou-se dois dias.

— E hoje?

— Desde que voltou, quis se instalar à cabeceira do seu amigo. Tem todas as qualidades para cuidar de um enfermo... doce... previdente... O sr. Wilson parece encantado com ela.

— Ah! — fez Sholmes, que tinha negligenciado inteiramente de se informar sobre o estado do velho camarada.

Refletiu e indagou:

— E no domingo de manhã ela saiu?

— Sim.

— No dia seguinte ao roubo?

O barão chamou a mulher e lhe fez a pergunta. Ela replicou:

— A senhorita saiu como de costume para ir à missa das onze com as crianças.

— E antes?

— Antes? Não... Ah, mas eu estava tão transtornada pelo roubo... Contudo lembro que ela tinha me pedido na véspera permissão para sair domingo de manhã... para ver uma prima que passava por Paris, julgo. Mas não acredito que suspeite dela.

— Certamente não. No entanto, gostaria de vê-la.

Subiu ao quarto de Wilson. Uma mulher, vestida como as enfermeiras com um vestido comprido de fazenda cinza, curvava-se sobre o doente e o fazia beber. Quando se virou, Sholmes reconheceu a moça que o abordou diante da estação do Norte.

Não houve entre eles a menor explicação. Alice Demun sorriu doce, com os olhos cativantes e claros, sem qualquer embaraço. O inglês quis falar, esboçou umas sílabas e se calou. Ela voltou à sua tarefa, andando calmamente sob o olhar surpreso de Sholmes, arrumou os frascos, desenrolou e enrolou ataduras de gaze e de novo lhe dirigiu seu diáfano sorriso.

Ele girou sobre os calcanhares, voltou a descer, viu no pátio o automóvel do sr. d'Imblevalle, meteu-se nele e se fez conduzir a Levallois, na agência de carros cujo endereço estava no bilhete de fiacre entregue pela criança. O cocheiro Duprêt, que guiava o 8279 na manhã do domingo, não estava. Sholmes mandou o veículo de volta e aguardou até a hora da muda.

O cocheiro Duprêt contou que de fato tinha pegado uma dama nas imediações do parque Monceau, uma jovem de preto que usava um veuzinho grosso e parecia agitadíssima.

— Ela levava um pacote?

— Sim, bem comprido.

— E onde a levou?

— Na avenida Temes, na esquina da praça Saint-Ferdinand. Ela ficou ali uns dez minutos e depois voltamos ao parque Monceau.

— Reconheceria a casa da avenida Temes?

— Certamente! Posso conduzi-lo, agora?

— Me leve primeiro ao cais dos Orfèvres, 36.

Na central de polícia, teve a sorte de dar logo com o inspetor principal, Ganimard.

— Sr. Ganimard, está livre?

— Se se tratar de Lupin, não.

— Trata-se de Lupin.

— Então não me mexo.

— Como! Renuncia...

— Renuncio ao impossível! Estou cansado de uma luta desigual, em que nós estamos certos de ficar por baixo. É covarde, é absurdo, tudo o que quiser... Não estou me importando. Lupin é mais forte do que nós. Portanto, só temos de nos dobrar.

— Eu não me dobro.

— Ele o dobrará, ao senhor como aos outros.

— Será um espetáculo que não deixará de lhe dar prazer! — Ah, isso é verdade — disse Ganimard ingenuamente.

— E já que ainda não recebeu a sua dose de bordoadas, vamos lá.

Subiram os dois ao fiacre. E ordenaram ao cocheiro que os deixasse um pouco antes do prédio que indicara, mas do outro lado da avenida, num pequeno café, em cuja esplanada se sentaram, entre loureiros e evônimos. A luz começava a declinar.

— Garçom — fez Sholmes —, dê-me com que escrever.

Escreveu e, voltando a chamar o garçom:

— Leve esta carta ao porteiro do prédio aí em frente. É naturalmente aquele homem de boné que está fumando na entrada.

Veio o porteiro e, Ganimard tendo declinado sua função de inspetor principal, Sholmes perguntou se no domingo de manhã tinha vindo uma jovem dama de preto.

— De preto? Sim, pelas nove horas, a que vai ao segundo andar.

— Vê-a seguido?

— Não, mas de uns tempos para cá bastante mais... Na última quinzena, quase todos os dias.

— E desde domingo?

— Apenas uma vez... sem contar hoje.

— Como? Veio hoje?

— Ela está ali.

— Está ali!

— Faz mais de dez minutos. Seu carro espera na praça Saint-Ferdinand, como de costume. Cruzou por mim na porta.

— E quem é o inquilino do segundo?

— São dois, uma modista, a srta. Langeais, e um senhor que alugou dois quartos mobiliados há um mês, sob o nome de Bresson.

— Por que diz “sob o nome”?

— Uma ideia minha que é um nome emprestado. Minha mulher arruma os seus quartos; pois bem, não tem duas camisas com as mesmas iniciais.

— Como vive ele?

— Oh, sempre fora. Há três dias não volta em casa.

— Estava em casa na noite de sábado para domingo?

— Na noite de sábado para domingo? Esperem um pouco que eu me lembro... Sim, sábado de noite voltou pra casa e não saiu.

— E que espécie de homem é?

— Palavra que não saberia dizer. Muda tanto! É grande, é pequeno, é gordo, é delgado... moreno e louro. Nem sempre o reconheço.

Ganimard e Sholmes se olharam.

— É ele — murmurou o inspetor —, certo que é ele.

Houve mesmo no velho policial um momento de perturbação, a traduzir-se num bocejo e numa crispação dos dois punhos.

Sholmes também, embora muito mais senhor de si, sentiu um aperto no coração.

— Atenção — disse o porteiro —, aí vem a moça.

A senhorita com efeito surgiu no umbral da porta e atravessou a praça.

— E aí está o sr. Bresson.

— O sr. Bresson? Qual?

— O que leva um pacote debaixo do braço.

— Mas não dá atenção à moça. Volta sozinha para o seu carro.

— Ah, isso, eu nunca vi os dois juntos.

Os dois policiais tinham-se erguido rapidamente. À luz da rua, reconheceram o vulto de Lupin, a afastar-se em direção oposta à praça.

— Quem prefere seguir? — perguntou Ganimard.

— Ele, puxa! É a presa gorda.

— Então vou atrás da senhorita — propôs Ganimard.

— Não, não — disse rápido o inglês, que não desejava revelar nada do caso a Ganimard. — A senhorita eu sei onde encontrar. Fique comigo.

A distância, e utilizando o abrigo momentâneo de passantes e quiosques, puseram-se no rastro de Lupin. Uma perseguição fácil, pois ele não se virava e caminhava ligeiro, puxando levemente da perna direita, tão levemente que era preciso o olhar de um observador experiente para notar. Ganimard comentou:

— Ele finge coxear.

E prosseguiu:

— Ah, se pudéssemos reunir dois ou três agentes e saltar sobre ele! Estamos correndo o risco de perdê-lo.

Mas nenhum agente apareceu antes da porta Ternes e, passadas as defesas da cidade, não podiam mais esperar o menor socorro.

— Nos separemos — disse Sholmes. — O lugar é deserto.

Era a avenida Victor Hugo. Cada um pegou uma calçada e avançou pela linha das árvores.

Foram assim uns vinte minutos até o instante em que Lupin tomou a esquerda e costeou o Sena. Viram-no descer à beira do rio. Ficou ali uns segundos sem que fosse possível lhe discernir os gestos. Logo voltou a subir a escarpa e regressou pelo mesmo caminho. Eles se colaram aos pilares de um portão. Lupin passou diante dos dois. Não tinha mais o pacote.

E como se distanciasse, um outro indivíduo se destacou de um canto de casa e deslizou entre as árvores.

Sholmes disse em voz baixa:

— Parece que este aí também o está seguindo.

— Sim, me parece que já o tinha visto quando íamos.

Recomeçou a caça, complicada pela presença desse outro. Lupin refez o mesmo caminho, passou de novo pela porta Ternes e retornou à casa da praça Saint-Ferdinand.

O porteiro estava fechando o prédio quando Ganimard se apresentou.

— Viu-o, não é?

— Sim, estava apagando as luzes da escada e fechou o ferrolho da sua porta.

— Não há ninguém com ele?

— Ninguém, nenhum criado... Não come aqui.

— Não existe escada de serviço?

— Não.

Ganimard disse a Sholmes:

— O mais simples é eu ficar na porta de Lupin, enquanto você traz o comissário de polícia da rua Demours. Vou lhe dar um bilhete.

Sholmes objetou:

— E se ele escapar durante esse período?

— Mas se fico eu!...

— Um contra um, a luta com ele é desigual.

— Não posso, porém, forçar seu domicílio, não tenho o direito, sobretudo de noite.

Sholmes deu de ombros.

— Quando tiver prendido Lupin, não vão inquiri-lo sobre as circunstâncias da prisão. Que é que há? Trata-se no máximo de bater na porta. Veremos então o que vai se passar.

Subiram. Uma porta de dois batentes se oferecia à esquerda do patamar da escada. Ganimard bateu.

Nenhum ruído. Bateu de novo. Ninguém.

— Entremos — murmurou Sholmes.

— Sim, vamos.

Permaneceram, porém, imóveis, irresolutos. Como quem hesita no instante de realizar um ato decisivo, receavam agir, e lhes parecia de repente impossível que Arsène Lupin estivesse ali, tão perto deles, atrás daquela frágil divisão que um murro podia abater. Um e outro conheciam demais o diabólico

personagem para admitir que se deixaria pegar tão tolamente. Não, mil vezes não, ele não estava mais lá. Pelas casas do lado, pelo teto, por uma saída previamente maquinada, devia ter-se evadido, e uma vez mais era apenas a sombra de Lupin que se ia agarrar.

Estremeceram: um ruído mal perceptível, vindo do outro lado da porta, tinha como que roçado o silêncio. Tiveram a impressão, a certeza de que, apesar de tudo, ele estava ali, separado deles pela fina divisão de madeira, e que o escutavam, percebiam.

Que fazer? A situação era trágica. A despeito do sangue-frio dos dois escolados policiais, a emoção os transtornava ao ponto de imaginarem ouvir as batidas do próprio coração.

Pelo canto do olho, Ganimard consultou Sholmes e logo, violentamente, com o punho, abalou o batente da porta.

Houve então um ruído de passos, um ruído que não procurava mais se esconder...

Ganimard sacudiu a porta. Num ímpeto irresistível, Sholmes com o ombro à frente a escancarou e ambos correram ao assalto.

Pararam de repente. Ressoara um tiro no cômodo vizinho. Logo outro e o barulho de um corpo que caía...

Ao entrarem, viram o homem estendido, o rosto contra o mármore da lareira. Teve uma convulsão e o revólver lhe escorregou dos dedos.

Ganimard se agachou e virou a cabeça do morto. O sangue a tapava, espumando dos dois ferimentos, um na face e outro na têmpora.

— Está irreconhecível — sussurrou.

— Diabo! — disse Sholmes. — Não é *ele*.

— Como sabe? Nem sequer o examinou.

O inglês zombou:

— Então pensa que Arsène Lupin é homem de se matar?

— Mas lá fora acreditamos reconhecê-lo...

— Acreditamos por *querer* acreditar. Esse homem nos obceca.

— Então é um dos seus cúmplices.

— Os cúmplices de Arsène Lupin não se matam.

— Então quem é?

Revistaram o cadáver. Num bolso, Herlock Sholmes achou uma carteira de papéis vazia; Ganimard, em outro, alguns luíses. Nenhuma inicial na roupa interior nem na externa.

Nas malas, uma grande e duas pequenas, só coisas de uso. Na lareira, um maço de jornais. Ganimard folheou-os. Todos falavam do roubo da lâmpada judaica.

Uma hora depois, quando Ganimard e Sholmes se retiraram, não sabiam mais sobre a estranha figura que a intervenção dos dois tinha levado ao suicídio.

Quem seria? Por que se matou? De que modo se ligava ao caso da lâmpada? Quem o perseguira durante sua caminhada? Tantas questões, igualmente complicadas, tantos mistérios...

Herlock Sholmes se deitou de mau humor. Ao despertar, recebeu uma pneumática nestes termos:

Arsène Lupin tem a honra de lhe participar sua trágica morte na pessoa do sr. Bresson, e lhe pede que assista às suas cerimônias fúnebres e enterro, que terão lugar, por conta do Estado, quinta-feira, 25 de junho.

-Vejá, meu velho camarada — dizia Sholmes a Wilson, lhe brandindo a pneumática de Arsène Lupin —, o que me irrita nesta aventura é sentir continuamente postos em mim os olhos deste satânico cavalheiro. Procedo como um ator que tem todos os gestos regulados por uma direção rigorosa, que vai até um ponto e diz isso ou aquilo porque assim desejou uma vontade superior. Compreende, Wilson?

Wilson teria certamente compreendido, se não estivesse dormindo o sono profundo de um homem cuja temperatura varia entre quarenta e 41 graus. Mas que ouvisse ou não, não tinha qualquer importância para Sholmes, que prosseguiu:

— Preciso reunir toda minha energia e empregar todos os meus recursos para não desanimar. Felizmente comigo estas pequenas implicâncias são outras tantas alfinetadas que me estimulam. Apagada a brasa da picada, fechada a ferida do amor-próprio, chego sempre a dizer: “Vai-te divertindo, meu rapaz. Uma hora ou outra tu mesmo te trairás.” Pois enfim, Wilson, não foi o próprio Lupin quem, pela primeira mensagem e pela reflexão que sugeriu à pequena Henriette, não foi ele que me revelou o segredo de sua correspondência com Alice Demun? Você esquece esse detalhe, velho camarada.

Andava pelo quarto com sonoros passos, com o risco de acordar o velho camarada.

— Enfim, a coisa não vai tão mal e se os caminhos que sigo são um tanto escuros, começo neles a me orientar. De saída, vou me fixar no sr. Bresson. Ganimard e eu temos um encontro à beira do Sena, no lugar em que Bresson jogou o pacote, e o papel do homem há de ser conhecido. Quanto ao resto, é um jogo entre mim e Alice Demun. O adversário é de pouca envergadura, hein, Wilson? E não acha que dentro em pouco saberei a frase do álbum, e o

que significam aquelas duas letras isoladas, o C e o H? Pois tudo está aí, Wilson.

A senhorita entrou a esta altura e, notando Sholmes a gesticular, lhe disse gentilmente:

— Sr. Sholmes, vou ralhar consigo se acordar o meu doente. Não deve perturbá-lo. O doutor exige uma tranquilidade absoluta.

Ele a contemplou sem uma palavra, surpreso, como no primeiro dia, de sua calma inexplicável.

— Por que fica me olhando, sr. Sholmes?... Nada? Mas sim... Parece sempre com uma segunda intenção... Qual é? Responda, eu lhe peço.

Interrogava-o com todo o claro rosto, os olhos ingênuos, a boca que sorria, e com toda a atitude também das mãos juntas e do busto levemente curvado para a frente. E havia tanta candura nela que o inglês se encolerizou. Acercou-se e lhe disse em voz baixa:

— Bresson se matou ontem à noite.

Ela repetiu, sem parecer entender:

— Bresson se matou...

Nenhuma contração em verdade lhe alterou o rosto, nada que revelasse o esforço da mentira.

— Está prevenida — lhe disse ele com irritação. — Se não, teria ao menos estremecido... Ah, é mais forte do que julguei... Mas por que dissimular?

Pegou o álbum ilustrado, que deixara há um instante numa mesa próxima, e abriu na página recortada:

— Poderá me dizer em que ordem se devem dispor as letras que faltam aqui, para saber o texto certo do bilhete que enviou a Bresson quatro dias antes do roubo da lâmpada?

— Em que ordem?... Bresson... O roubo da lâmpada?...

Redizia essas palavras lentamente, como para tirar delas um sentido.

Ele insistiu.

— Sim. Estão aqui as letras utilizadas... neste pedaço de papel. Que dizia a Bresson?

— As letras utilizadas... O que eu dizia...

Súbito rompeu a rir:

— Isso, peguei! Sou a cúmplice do roubo! Existe um sr. Bresson que furtou a lâmpada e se matou. E eu sou amiga desse senhor. Oh, como é divertido!

— Quem então foi ver ontem de noitezinha, no segundo andar de uma casa da avenida Temes?

— Quem? Mas a minha costureira, a srta. Langeais. Será que ela e o meu amigo sr. Bresson eram uma só e mesma pessoa?

Apesar de tudo, Sholmes duvidou. Pode-se fingir a surpresa, o terror, a alegria, a preocupação, todos os sentimentos ativos, mas não a indiferença, não o riso contente e descuidado.

No entanto, ainda lhe disse:

— Uma última palavra: por que àquela noite, na estação do Norte, veio a mim? E por que me pediu para voltar imediatamente sem tratar desse roubo?

— Ah, o senhor é muito curioso, sr. Sholmes — respondeu, rindo sempre do modo mais natural. — Para seu castigo, não saberá nada e, além disso, ficará com o enfermo enquanto dou um pulo à farmácia... Uma determinação urgente... Vou indo.

Saiu.

— Fui enrolado — murmurou Sholmes. — Não só não tirei nada dela, mas fui eu que me descobri.

E se lembrou do caso do diamante azul e do interrogatório a que submeteu Clotilde Destange. Não era a mesma serenidade que a Dama Loura lhe opusera e não estaria de novo diante de um desses seres que, protegidos por Arsène Lupin, sob a ação direta da sua influência, conservavam na angústia mesma do perigo a calma mais estupefacente?

— Sholmes... Sholmes...

Chegou-se a Wilson, que o chamava, e curvou-se para ele.

— Que é que há, velho camarada? Está doendo?

Wilson agitou os lábios sem poder falar. Por fim, após grandes esforços, gaguejou:

— Não... Sholmes... Não é ela... É impossível que seja ela...

— Que é que me está dizendo? Eu afirmo que é ela, eu! Só diante de uma criatura de Lupin, educada e preparada por ele, poderia eu perder a cabeça e agir tão tolamente... Agora ela sabe toda a história do álbum... Eu aposto que

em uma hora Lupin será avisado. Uma hora, que estou dizendo? Imediatamente! A farmácia, o remédio urgente... histórias!

Saiu rapidamente, desceu a avenida Messine e viu a senhorita a entrar numa farmácia. Dez minutos depois, ela ressurgia com frascos e uma garrafa enrolados em papel branco. Mas enquanto voltava a subir a avenida, foi abordada por um homem que a seguia, de boné na mão e atitude obsequiosa, como se pedisse esmola.

Ela se deteve e lhe deu algo, retomando seu caminho.

Ele lhe falou, pensou o inglês.

Mais que uma certeza, foi uma intuição, bem forte, porém, para que mudasse de tática. Abandonando a moça, lançou-se na pista do falso mendigo.

Chegaram assim, um atrás do outro, à praça Saint-Ferdinand, e o homem vagueou tempos em volta da casa de Bresson, às vezes erguendo os olhos às janelas do segundo andar e espreitando as pessoas que entravam no prédio.

Ao fim de uma hora, subiu a um bonde que ia para Neuilly.

Sholmes subiu também e se sentou atrás do indivíduo, um tanto afastado, e ao lado de um senhor que se escondia com as páginas abertas do seu jornal. Na altura das fortificações, o jornal se abaixou e Sholmes fitou Ganimard, que lhe disse ao ouvido, indicando o indivíduo:

— É o nosso homem de ontem à noite, o que seguia Bresson. Há uma hora que passeia pela praça.

— Nada de novo sobre Bresson? — perguntou Sholmes.

— Sim, uma carta que veio esta manhã para o seu endereço.

— Esta manhã? Então foi postada ontem, antes que o remetente soubesse da morte dele.

— Exatamente. Está nas mãos do juiz de instrução, mas gravei os termos: “Ele não aceita nenhuma transação. Quer tudo, a primeira coisa tanto quanto as do segundo negócio. Senão, agirá.” E sem assinatura — acrescentou Ganimard. — Como vê, essas linhas pouco nos adiantam.

— Não sou do mesmo parecer, sr. Ganimard, essas linhas me soam ao contrário muito interessantes.

— Por quê, meu Deus?

— Por motivos que me são particulares — replicou Sholmes com a falta de cerimônia que usava com o colega.

O bonde parou na rua Château, fim da linha. O indivíduo desceu e foi embora calmamente.

Sholmes o escoltava de tão perto que Ganimard se assustou:

— Se se virar, estamos mal parados.

— Agora não vai se virar.

— Como sabe?

— É um cúmplice de Arsène Lupin, e o fato de um cúmplice dele andar assim, de mãos nos bolsos, prova primeiro que sabe estar sendo seguido e, em segundo lugar, que não teme nada.

— Mas estamos tão perto dele.

— Não é suficiente para que não possa escorregar de nossos dedos antes de um minuto. Está demasiado seguro de si mesmo.

— Vamos, vamos, me inspira uma jogada. Ali, na porta do café, há dois agentes de bicicleta. Se decidir convocá-los e abordar o homem, me pergunto como nos escorrerá das mãos.

— O personagem não parece se comover muito com essa eventualidade. É ele mesmo que os chama!

— O danado! — proferiu Ganimard. — Tem peito!

O sujeito de fato se dirigiu aos dois agentes no instante em que se dispunham a subir nas bicicletas. Disse-lhes umas palavras e, de repente, pegou uma terceira bicicleta, que estava apoiada na parede do café, e se afastou ligeiro com os dois homens.

O inglês caiu na risada.

— Hein? Não tinha dito? Um, dois, três, raptado! E por quem? Por dois de seus colegas, sr. Ganimard. Ah, Arsène Lupin sabe se preparar! Guardas ciclistas a soldo! Quando eu lhe dizia que o nosso sujeito estava calmo demais!...

— O que se devia ter feito então? — reagiu Ganimard, contrariado. — Rir é fácil!

— Vamos, não se zangue. Ainda nos vingaremos. No momento, precisamos de reforços.

— Folenfant me espera no fim da avenida de Neuilly.

— Bem, pegue-o de passagem e venha se unir a mim.

Ganimard se foi, enquanto Sholmes seguiu o rastro das bicicletas, ainda mais visível no pó da estrada por estarem as máquinas munidas de pneus estriados. Logo notou que o levava à beira do Sena, e que os três homens tinham se desviado na mesma direção de Bresson na noite anterior. Chegou assim ao portão em que havia se ocultado com Ganimard e, um pouco além, constatou uma mistura de linhas estriadas a mostrar que os ciclistas tinham parado naquele lugar. Bem à frente havia uma pequena língua de terra a entrar no rio e, na sua ponta, um velho bote estava amarrado.

Foi ali que Bresson devia ter jogado o pacote, ou o deixado tombar. Sholmes desceu a rampa e reparou que, sendo ela muito suave e estando baixa a água do rio, lhe seria fácil encontrar o pacote... a menos que os três homens já o tivessem pegado.

Não, não, pensou, não tiveram tempo... No máximo um quarto de hora... Contudo, por que teriam passado por ali?

Um pescador estava sentado no barco. Sholmes lhe indagou:

— Não viu três homens de bicicleta?

O pescador fez sinal de que não.

Ele insistiu:

— Mas sim... Três homens... Pararam a dois passos de você...

O pescador pôs o caniço debaixo do braço, tirou um caderninho do bolso, escreveu numa das páginas, arrancou-a e estendeu a Sholmes.

Um arrepio passou pelo inglês. Num golpe de vista percebeu, em meio à página que tinha na mão, a série de letras recortadas do álbum.

CDEHNOPRZEO — 237

O sol pesava sobre o rio. O homem retomara a sua tarefa, protegido por um vasto chapéu de palha, com o casaco e o colete dobrados ao lado. Pescava com atenção; a rolha de sua linha flutuava à tona d'água.

Passou-se um bom minuto, de solene e terrível silêncio.

Será ele?, pensou Sholmes com uma ansiedade quase dolorosa.

A verdade o esclareceu:

— É ele! É ele! Só ele seria capaz de permanecer numa situação dessas sem um frêmito de inquietude, sem nada temer do que vai se passar... E que outro

saberia essa história do álbum? Alice o preveniu por seu mensageiro.

De repente o inglês sentiu que sua mão, sua própria mão, tinha agarrado a coronha do revólver, e que seus olhos se fixavam nas costas do indivíduo, um pouco acima da nuca. Um gesto e todo o drama se desenlaçaria, terminava-se a vida do estranho aventureiro miseravelmente.

O pescador não se movia.

Sholmes apertou nervoso sua arma com o desejo feroz de atirar e acabar com aquilo e, ao mesmo tempo, o horror de um ato que lhe contrariava a natureza. A morte era certa. E encerraria tudo.

Ah!, pensou. Que se levante, se defenda... senão pior para ele... Mais um segundo... e detono...

Um barulho de passos lhe fez virar a cabeça e viu Ganimard chegando com os inspetores.

Então, mudando de ideia, tomou impulso, saltou de um pulo no barco, cuja amarra se partiu pelo puxão muito forte, caiu em cima do homem e o apertou pelo meio do corpo. Os dois rolaram no chão do barco.

— E daí? — gritou Lupin, se debatendo. — Que é que isso prova? Quando um de nós reduzir o outro à impotência, estará bem arranjado! Não saberia o que fazer de mim, nem eu de você. Ficaríamos aí como dois imbecis...

Os dois remos caíram na água. A embarcação se foi à deriva.

Exclamações se entrecruzaram na margem, e Lupin continuou:

— Quantas histórias, meu Deus! Você perdeu a noção das coisas?... Tolices dessas na sua idade! E um rapaz crescido como você! Chi, que feio!...

Conseguiu se livrar.

Exasperado, decidido a tudo, Herlock Sholmes meteu a mão no bolso. Soltou uma praga: Lupin tinha lhe tirado o revólver.

Pôs-se de joelhos e procurou agarrar um dos remos a fim de ganhar a margem, ao passo que Lupin buscava o outro para fazer-se ao largo.

— Pegará... não pegará... — dizia Lupin. — Mas isso não tem importância. Se tiver um remo, não deixo que se sirva dele... E você não deixará a mim. Veja como na vida a gente se esforça por agir sem razão, já que é sempre a sorte que decide... Está vendo? A sorte... Bem, decidiu-se por seu velho amigo Lupin... Vitória! A corrente está a meu favor!

A embarcação de fato tendia a se afastar.

— Cuidado! — gritou Lupin. — Se proteja.

Alguém, na margem, apontava um revólver. Abaixou a cabeça, ressoou um disparo, um pouco d'água os borrifou. Lupin começou a rir.

— Deus me perdoe, é o amigo Ganimard!... Mas é muito errado o que está fazendo, Ganimard. Não tem o direito de atirar, a não ser em caso de legítima defesa... Este pobre Arsène o tornará selvagem ao ponto de esquecer todos os seus deveres?... Ora, vai começar outra vez!... Mas, desgraçado, é o meu querido mestre quem acaba ferindo!

Fez com o corpo uma defesa para Sholmes e, de pé, no barco, enfrentou Ganimard:

— Bem, agora estou tranquilo... Aponte, Ganimard, no coração!... Mais pra cima... agora à esquerda... Errou... que desajeitado... Um tiro ainda?... Mas você está tremendo, Ganimard... Siga o comando, hein? E sangue-frio... Um, dois, três, fogo!... Errou! Que diabo, o governo dá a vocês pistolas de brinquedo?

Exibiu um comprido revólver, maciço e chato e, sem mirar, atirou.

O inspetor levou a mão ao chapéu: uma bala o furara.

— Que acha disso, Ganimard? Ah, mas este vem de uma boa fábrica. Respeitem, senhores, é o revólver de meu nobre amigo, mestre Herlock Sholmes!

E, girando o braço, atirou a arma aos pés de Ganimard.

Sholmes não podia se impedir de sorrir e admirar. Que exuberância de vida! Que júbilo jovem e espontâneo! E como ele parecia se divertir! Dir-se-ia que a sensação do perigo lhe causava uma alegria física, e que a existência não tinha outra finalidade para este homem incomum fora da busca de perigos, que em seguida se divertia em conjurar.

Enquanto isso, de cada lado do rio, gente se juntava, e Ganimard e seus homens seguiam a embarcação que balouçava ao largo, docemente arrastado pela corrente. Era a captura inevitável, matemática.

— Confesse, mestre — bradou Lupin virando-se para o inglês —, que não daria o seu lugar por todo o ouro do Transvaal! É que está na primeira fila da plateia! Mas, em primeiro lugar e antes de tudo, o prólogo... depois do que pularemos ao quinto ato, a captura ou a fuga de Arsène Lupin. Portanto, caro

mestre, tenho uma questão a lhe colocar, e lhe peço, para não haver equívocos, que resolva por um sim ou por um não. Renuncie a tratar deste caso. Ainda é tempo e posso reparar o mal que fez. Mais tarde, já não poderia. Está combinado?

— Não.

A face de Lupin se contraiu. Essa obstinação visivelmente o irritava. Continuou:

— Insisto. Por você, ainda mais do que por mim, insisto, seguro de que seria o primeiro a lamentar sua intervenção. Pela última vez, sim ou não?

— Não.

Lupin se agachou, deslocou uma das tábuas do chão e, durante uns minutos, executou um trabalho de que Sholmes não pôde discernir a natureza. Logo se ergueu, sentou perto do inglês e lhe falou:

— Acredito, mestre, que viemos à margem deste rio por idênticos motivos: repescar o objeto de que Bresson se viu livre. De minha parte, tinha marcado encontro com alguns camaradas e me dispunha — minha roupa sumária o demonstra — a fazer uma pequena exploração nas profundezas do Sena, quando meus amigos me anunciaram que você vinha vindo. Eu lhe confesso que não me surpreendo, já que vinha sendo avisado hora a hora dos progressos do seu inquérito. É tão fácil! No que se passa na rua Murillo, a menor coisa suscetível de me interessar, depressa, um telefonema, e sou advertido! Compreende que, nestas condições...

Deteve-se. A tábua que afastara se erguia agora e por toda a parte filtrava água em pequenos jatos.

— Demônios! Ignoro o que fiz, mas sou obrigado a pensar que há um veio d'água no fundo deste velho bote. Não tem medo, mestre?

Sholmes deu de ombros. Lupin continuou:

— Vê portanto que, nestas condições, e sabendo de antemão que buscava o combate tanto mais ardentemente quanto eu me esforçava para evitá-lo, me seria antes agradável jogar com você uma partida cujo resultado era certo, já que eu tinha todos os trunfos na mão. E quis dar ao nosso encontro o maior brilho possível, a fim de que sua derrota fosse universalmente conhecida, e que uma outra condessa de Crozon ou um outro barão d'Imblevalle não fossem

tentados a solicitar a sua ajuda contra mim. Não veja aí, aliás, meu caro mestre...

Interrompeu-se de novo e, servindo-se das mãos como lunetas, observou as margens.

— Puxa! Fretaram uma soberba chalupa, um verdadeiro navio de guerra, e vão remar firme. Antes de cinco minutos, nos abordam e estarei perdido. Sr. Sholmes, um conselho: joga-se em cima de mim, me ata e entrega à justiça de meu país... Esse programa lhe agrada?... A menos que até lá não naufraguemos, caso em que não nos restaria mais que preparar nosso testamento. Que pensa disso?

Seus olhares se cruzaram. Sholmes compreendia a manobra de Lupin: tinha furado o fundo do barco. E a água subia.

Ganhou a sola de suas botinas. Cobriu-lhes os pés: não fizeram um movimento.

Ultrapassou-lhes os tornozelos: o inglês pegou sua bolsinha de fumo, enrolou um cigarro e o acendeu.

Lupin continuou:

— Não veja nisso, caro mestre, mais que a humilde demonstração de minha impotência em relação a você. É me dobrar a você aceitar as únicas batalhas em que a vitória já seja minha, para evitar aquelas em que eu não teria escolhido o terreno. É reconhecer que Sholmes é o único inimigo que receio e proclamar minha preocupação enquanto Sholmes não for afastado do meu caminho. Isso, caro mestre, faço questão de lhe dizer, já que o destino me concede a honra de uma palestra com você. Só lamento uma coisa: que essa palestra tenha lugar enquanto tomamos um banho de pés... Pouco austera situação, confesso... E o que digo! Um banho de pés? Antes um banho de assento!

A água de fato chegava ao banco em que estavam sentados, e o barco afundava cada vez mais.

Sholmes, imperturbável, de cigarro na boca, parecia absorvido na contemplação do céu. Por nada no mundo, diante deste homem cercado de perigos, sitiado pela multidão, encurralado pela matilha dos agentes, e que no entanto conservava o bom humor, por nada no mundo consentiria em demonstrar, ele, o menor sinal de agitação.

Quê! Tinham ambos o ar de pensar, vai a gente se comover com tais futilidades? Não ocorre cada dia que pessoas se afoguem num rio? Será essa uma ocorrência das que merecem que se preste atenção? E um palavra e outro cismava, ambos escondendo sob uma semelhante máscara de indiferença o formidável choque de seus dois orgulhos. Mais um minuto e iam soçobrar.

— O essencial — formulou Lupin — é saber se afundaremos antes ou depois da chegada dos campeões da justiça. Tudo está aí, pois a questão do naufrágio nem mesmo se coloca mais. Mestre, chegou a hora solene do testamento. Lego toda a minha fortuna a Herlock Sholmes, cidadão inglês, encarregando-o... Mas, Deus, como avançam depressa os campeões da justiça! Ah, os bravos rapazes! Dão prazer em ver. Que precisão nas remadas! Ah, mas é você, cabo de esquadra Folenfant! A ideia do navio de guerra foi ótima. Parabéns! Vou recomendá-lo a seus superiores, cabo Folenfant... É a medalha que quer? Certo... considere concedida. E o seu colega Dieuzy, onde está? Na margem esquerda, não é? Em meio a uma centena de gente da vizinhança... De modo que, se escapar do naufrágio, sou recolhido à esquerda por Dieuzy e sua turma, ou então à direita por Ganimard e o povo de Neuilly. Aborrecido dilema...

Houve um remoinho. O barco virou sobre si mesmo e Sholmes teve de se agarrar ao anel dos remos.

— Mestre — disse Lupin —, peço que tire o casaco. Estará mais à vontade para nadar. Não? Recusa? Então ponho de novo o meu.

Pôs o casaco, abotoou-o todo como o de Sholmes e suspirou:

— Que homem forte você é! E que pena que teime tanto num caso... em que sem dúvida deu a medida da sua capacidade, mas tão inutilmente! Em verdade desperdiça o seu gênio...

— Sr. Lupin — pronunciou Sholmes, saindo enfim de seu mutismo —, fala demasiado e não raro peca por excesso de confiança e leviandade.

— A censura é forte.

— Foi assim que, sem saber, me forneceu há um instante a informação que procurava.

— Como? Buscava uma informação e não me disse isso!

— Não preciso de ninguém. Dentro de três horas darei a resposta da charada ao sr. e à sra. d’Imblevalle. Eis a única réplica...

Não acabou a frase. O barco tinha afundado de golpe, arrastando os dois. Em seguida emergiu, virado, o casco para o ar. Houve grandes gritos nas duas margens; logo um silêncio ansioso e de repente novas exclamações: um dos náufragos havia reaparecido.

Era Herlock Sholmes.

Excelente nadador, dirigiu-se em largas braçadas para a chalupa de Folenfant.

— Ânimo, sr. Sholmes — berrou o cabo. — Estamos aqui... não fraqueje... trataremos depois dele... vamos pegá-lo na certa... mais um esforcinho, sr. Sholmes... agarre a corda...

O inglês pegou uma corda que lhe atiraram. Mas, ao içar-se para bordo, uma voz atrás de si o interpelou:

— A resposta da charada, caro mestre, vai obter por certo. Até me surpreende que ainda não a tenha... E então, de que lhe servirá? Será justamente aí que a batalha estará perdida para você...

Montado no casco, ao qual tinha subido discursando ainda, confortavelmente instalado agora, Arsène Lupin continuava sua fala com gestos solenes e como se esperasse convencer o seu interlocutor.

— Entenda bem, caro mestre, não há nada a fazer, absolutamente nada... Acha-se na deplorável situação de um senhor...

Folenfant lhe apontou a arma:

— Renda-se, Lupin.

— Mas que diabo, cabo Folenfant, a gente só se rende se está em perigo. Ora, não tem a pretensão de acreditar que eu corra o menor perigo!

— Pela última vez, Lupin, eu lhe intimo a se render.

— Cabo Folenfant, não tem de modo algum a intenção de me matar, no máximo de me ferir, tal o medo que tem de que eu fuja. Mas se por acaso o ferimento for mortal? Não, pense em seus remorsos, infeliz! Na sua velhice envenenada!...

O tiro partiu.

Lupin cambaleou, se agarrou um instante na madeira, logo a largou e desapareceu.

Eram exatamente três horas quando esses acontecimentos tiveram lugar. Às seis em ponto, tal como tinha anunciado, Herlock Sholmes, vestido com uma calça muito curta e um jaquetão demasiado estreito, que tinha tomado emprestados ao dono de um albergue de Neuilly, com um boné e uma camisa de flanela com cordão de seda, entrou na famosa sala da rua Murillo, depois de mandar avisar ao sr. e à sra. d’Imblevalle que lhes pedia uma conferência.

Quando entraram, ele andava de um lado para outro, e o acharam tão cômico com aquela roupa estranha que tiveram de dominar um forte desejo de rir. Com ar pensativo, as costas curvas, andava como um autômato, da janela à porta, e da porta à janela, dando cada vez o mesmo número de passadas e cada vez girando no mesmo sentido.

Deteve-se, pegou um objeto, examinou-o maquinalmente, e continuou a andar.

Enfim, pondo-se à frente deles, indagou:

— A senhorita está aí?

— Sim, no jardim, com as crianças.

— Senhor barão, sendo definitiva a palestra que teremos, desejaria que a srta. Demun participasse.

— Será que insiste...?

— Tenha um pouco de paciência. A verdade sairá clara dos fatos que vou lhes expor com a maior precisão possível.

— Está bem. Suzanne, por favor?...

A sra. d’Imblevalle se ergueu e retornou quase em seguida, acompanhada de Alice Demun. A senhorita, um pouco mais pálida que de costume, ficou de pé, apoiada a uma mesa e sem mesmo perguntar o motivo por que a tinham chamado.

Sholmes não pareceu vê-la e, virando-se bruscamente para o sr. d’Imblevalle, articulou num tom que não admitia réplica:

— Depois de vários dias de pesquisa, senhor, e embora certos acontecimentos tenham mudado por um instante a minha maneira de ver, repito o que lhe disse desde a primeira hora: a lâmpada judaica foi roubada por alguém que mora nesta mansão.

— O nome do culpado?

— Eu sei.

— As provas?
— As que tenho bastarão para confundi-lo.
— Não basta que fique confundido. Precisa ainda nos restituir...
— A lâmpada judaica? Está comigo.
— O colar de opalas? A tabaqueira?...
— O colar de opalas, a tabaqueira, em suma, tudo o que lhe foi subtraído da segunda vez está comigo.

Sholmes gostava desses golpes de teatro e dessa maneira um tanto seca de anunciar seus triunfos.

Realmente, o barão e a mulher pareciam estupefatos e o fitavam com uma curiosidade silenciosa que era o melhor dos elogios.

Ele continuou, a seguir, em detalhe, a narrativa do que tinha feito durante esses três dias. Contou a descoberta do álbum, escreveu numa folha de papel a frase formada pelas letras recortadas, logo narrou a expedição de Bresson à margem do Sena e o suicídio do aventureiro; e enfim a luta que acabara de sustentar contra Lupin, o naufrágio do barco e a desapareição de Lupin.

Ao terminar, o barão disse em voz baixa:

— Não lhe resta mais do que nos dizer o nome do culpado. A quem acusa?
— Acuso a pessoa que recortou as letras deste abecedário e se comunicou por meio dessas letras com Arsène Lupin.
— Como sabe que o correspondente dessa pessoa era Arsène Lupin?
— Por ele mesmo.

Mostrou um pedaço de papel molhado e amarrotado. Era a página que Lupin arrancara de sua caderneta, no barco, e em que grafou a frase.

— E observe — notou Sholmes, com satisfação — que nada o obrigava a me dar esta folha e, em consequência, se fazer reconhecer. Uma mera meninice de sua parte, e que me esclareceu.

— Que o esclareceu... — disse o barão. — Por mim não vejo nada...
Sholmes copiou a lápis as letras e as cifras:

CDEHNOPRZEO — 237

— E daí? — fez o sr. d’Imblevalle. — É a fórmula que o senhor mesmo nos tinha mostrado.

— Não. Se estudar essa fórmula em todos os sentidos, verá à primeira vista, como eu vi, que não é igual à primeira.

— E em que difere?

— Tem duas letras a mais, um E e um O.

— De fato, não tinha observado...

— Aproxime essas letras do C e do H que nos sobravam além da palavra “répondez” e verificará que o único termo possível é ECHO.

— O que significa?

— O que significa *Écho de France*, o jornal de Lupin, seu órgão oficial, a que reserva seus “comunicados”. *Répondez* ao *Écho*, na seção de pequenas correspondências número 237. Era a solução da charada que tanto procurei e que Lupin me ofereceu tão gratuitamente. Estou voltando dos escritórios do *Écho de France*.

— E encontrou?

— A história detalhada das relações de Arsène Lupin e de... sua cúmplice.

E Sholmes desdobrou sete jornais abertos na quarta página, de que destacou as sete linhas seguintes:

1.^a ARS. LUP. Dama pede proteç. 540

2.^a 540. Aguardo explicações. A. L.

3.^a A. L. Sob domín. inimigo. Perdida.

4.^a 540. Mande endereço. Farei pesquisa.

5.^a A. L. Murillo.

6.^a 540. Parque três horas. Videta.

7.^a 237 Combinado sáb. Estarei dom. manhã parque.

— E chama a isso uma história detalhada! — reagiu o sr. d’Imblevalle.

— Santo Deus, sim, e se prestar um pouco de atenção nisso concordará comigo. De início, uma dama que se assina 540 pede a proteção de Arsène Lupin, ao que este replica solicitando explicações. A dama responde que está sob o domínio de um inimigo, de Bresson sem qualquer dúvida, e que estará perdida se não vierem em seu auxílio. Lupin, que desconfia, que não ousa se pôr em contato com essa desconhecida, exige o endereço e se propõe a fazer uma pesquisa. A dama hesita durante quatro dias — consultem as datas —, enfim, apressada pelos acontecimentos, sob as ameaças de Bresson, dá o nome de sua rua, Murillo. No dia seguinte, Arsène Lupin anuncia que estará no

parque Monceau às três horas, e pede à desconhecida que traga um ramo de violetas como um sinal de senha. Há aí um intervalo de oito dias na correspondência. Arsène Lupin e a dama não necessitam se escrever por meio do jornal; se veem ou escrevem diretamente. O plano está urdido: para satisfazer as exigências de Bresson, a dama furtará a lâmpada judaica. Falta fixar o dia. A dama que, por cautela, se corresponde com a ajuda de palavras recortadas e coladas decide-se pelo sábado e acrescenta: *Répondez Echo 237*. Lupin responde que está combinado e que estará domingo de manhã no parque. No domingo de manhã, o roubo tinha acontecido.

— Com efeito, tudo se encadeia — aprovou o barão —, e a história está completa.

Sholmes prosseguiu:

— O roubo tinha ocorrido. A dama sai domingo de manhã, dá conta a Lupin do que fez e leva a Bresson a lâmpada judaica. As coisas então se passam como Lupin previra. A justiça, enganada por uma janela aberta, quatro buracos na terra e dois arranhões num muro, admite em seguida a hipótese do roubo por arrombamento. A dama está tranquila.

— Está bem — disse o barão —, admito essa explicação tão lógica. Mas o segundo roubo...

— O segundo foi provocado pelo primeiro. Tendo os jornais narrado como a lâmpada tinha desaparecido, alguém teve a ideia de repetir a façanha e se apoderar do que não tinha sido levado. E desta vez não foi um roubo simulado, mas um roubo real, com verdadeiro arrombamento, assalto etc.

— Lupin, naturalmente...

— Não, Lupin nunca age assim brutalmente. Lupin não fere as pessoas por um sim ou um não.

— Então quem?

— Bresson, sem qualquer dúvida, e a despeito da dama que ele tinha obrigado a ser indiscreta. Foi Bresson que entrou aqui, ele que eu persegui, ele que feriu meu pobre Wilson.

— Tem certeza?

— Absoluta. Um dos cúmplices de Bresson lhe escreveu ontem, antes do seu suicídio, uma carta que prova que negociações foram feitas entre esse cúmplice e Lupin para a restituição de todos os objetos subtraídos da sua casa.

Lupin exigia tudo, “*a primeira coisa* (isto é, a lâmpada) *tanto quanto as do segundo negócio*”. Além disso, ele vigiava Bresson. Quando este foi ontem à noite até a beira do Sena, um dos companheiros de Lupin o seguia ao mesmo tempo que nós.

— Que ia fazer Bresson à margem do Sena?

— Avisado dos progressos da minha pesquisa...

— Avisado por quem?

— Pela mesma dama, que receava com razão que a descoberta da lâmpada judaica levasse à descoberta de sua aventura... Assim Bresson, avisado, juntou num só pacote tudo o que poderia comprometê-lo e foi jogar num lugar em que poderia recuperar o pacote, uma vez passado o perigo. Foi na volta que, encurralado por Ganimard e por mim, tendo sem dúvida outros delitos na consciência, perdeu a cabeça e se matou.

— Que continha o pacote?

— A lâmpada judaica e seus outros objetos.

— Não estão, então, em sua posse?

— Logo depois do desaparecimento de Lupin, me aproveitei do banho que ele tinha me forçado a tomar, para ir ao lugar escolhido por Bresson e encontrei, envolto em roupa branca e oleado, o que lhe tinha sido tirado. Está aqui nesta mesa.

Sem uma palavra, o barão cortou os cordões, abriu o oleado e as roupas úmidas, tirou a lâmpada, girou uma porca sob o pé, apertou com as duas mãos o recipiente, o desaparafusou, abrindo em duas partes iguais, e achou a borboleta de ouro, engastada de rubis e esmeraldas.

Estava intata.

Havia em toda essa cena, na aparência tão natural, e que consistia numa simples exposição de fatos, algo que a tornava temivelmente trágica: a acusação, formal, direta, irrefutável, que Sholmes lançava a cada palavra contra a senhorita, e também o silêncio impressionante de Alice Demun.

Durante esse longo, esse cruel acúmulo de pequenas provas acrescentadas umas às outras, nenhum músculo do rosto dela se contraía, nem um reflexo de revolta ou de temor turbara a serenidade de seu límpido olhar. Que estava pensando? E sobretudo o que ia dizer no minuto solene em que tinha de

responder, defender-se e romper o círculo de ferro em que Herlock Sholmes a aprisionara tão habilmente?

Esse minuto soara e a moça calava.

— Fale! Diga algo! — bradou o sr. d’Imblevalle.

Não falou.

Ele insistiu:

— Uma palavra a justificará... Uma palavra de revolta e acreditarei em você.

Essa palavra ela não disse.

O barão atravessou com vivacidade o cômodo, regressou, andou de novo; por fim se dirigiu a Sholmes:

— Pois bem, não, senhor! Não posso admitir que isso seja verdade! Há crimes impossíveis, e este se opõe a tudo o que sei, a tudo o que vejo há um ano.

Pousou a mão no ombro do inglês.

— Mas o senhor mesmo está absolutamente seguro de não se enganar?

Sholmes hesitou, como um homem pego de surpresa e cuja resposta não é pronta. No entanto, sorriu e disse:

— Só a pessoa que eu acuso poderia, pela posição que ocupa em sua casa, saber que a lâmpada judaica continha esta magnífica joia.

— Não quero crer — murmurou o barão.

— Pergunte-lhe.

Era, com efeito, a única coisa que não tentaria, dentro da confiança cega que a moça lhe inspirava. Porém não era mais possível se subtrair à evidência.

Acercou-se dela e, com os olhos nos olhos:

— Foi você, senhorita? Foi você que pegou a joia? você que se correspondeu com Arsène Lupin e simulou o roubo?

Ela respondeu:

— Fui eu, senhor.

Não baixou a cabeça. Seu rosto não exprimia nem vergonha nem mal-estar...

— Será possível! — murmurou o sr. d’Imblevalle. — Não teria acreditado nunca... É a última pessoa de quem suspeitaria... Como fez isso, infeliz?

Ela disse:

— Como o sr. Sholmes contou. Na noite de sábado para domingo, desci a este aposento, peguei a lâmpada e, de manhã, levei-a... a esse homem.

— Mas não — objetou o barão —, o que afirma é inadmissível.

— Inadmissível por quê?

— Porque de manhã encontrei aferrolhada a porta deste aposento.

Ela enrubesceu, perdeu aprumo e olhou Sholmes, como a lhe pedir conselho.

Mais ainda do que pela objeção do barão, Sholmes pareceu impressionado pelo embaraço de Alice Demun. Não tinha ela então nada a responder? As confissões que autorizavam a explicação que ele, Sholmes, tinha dado sobre o roubo da lâmpada judaica mascarariam uma mentira capaz de destruir de imediato o exame dos fatos?

O barão continuou:

— Esta porta estava fechada. Afirmando que encontrei o ferrolho como o deixara na véspera à noite. Se tivesse passado por esta porta, como pretende, seria preciso que alguém lhe abrisse do interior, isto é, deste aposento ou do nosso quarto. Ora, não tinha ninguém dentro desses dois cômodos... Ninguém, a não ser minha mulher e eu.

Sholmes se curvou e cobriu o rosto com as duas mãos a fim de disfarçar seu rubor. Algo como uma luz muito viva o chocou, e permanecia deslumbrado, incômodo. Tudo se desvelava para ele, tal uma paisagem escura subitamente abandonada pela noite.

Alice Demun era inocente.

Alice Demun era inocente. Havia nisso uma verdade certa ofuscante, e era ao mesmo tempo a explicação do mal-estar que sentira desde a primeira hora em dirigir contra a moça a terrível acusação. Agora via claro. Sabia. Um gesto, e de imediato a prova irrefutável ia se oferecer a ele.

Ergueu a cabeça e, depois de uns segundos, tão naturalmente quanto pôde, virou os olhos para a sra. d’Imblevalle.

Estava pálida, dessa palidez inabitual que nos invade nas horas implacáveis da vida. Suas mãos, que procurava esconder, tremiam imperceptivelmente.

Mais um segundo, pensou Sholmes, e ela se trai.

Colocou-se entre ela e o marido com o imperioso desejo de afastar o espantoso risco que, *por sua culpa*, ameaçava este homem e esta mulher. Mas,

observando o barão, estremeceu no fundo de seu ser. A mesma súbita revelação que o tinha ofuscado de claridade iluminava agora o sr. d'Imblevalle. O mesmo trabalho se fazia no cérebro do marido. Ele compreendia por sua vez, ele via.

Desesperadamente, Alice Demun se opunha à inexorável realidade.

— Tem razão, senhor, me enganei... De fato não passei por aqui. Passei pelo vestíbulo e o jardim, e com o auxílio de uma escada...

Supremo esforço de dedicação... mas esforço inútil. As palavras soavam falsas. A voz estava insegura e a doce criatura não tinha mais os olhos límpidos e o grande ar de sinceridade. Baixou a cabeça, vencida.

O silêncio foi atroz. A sra. d'Imblevalle aguardava, lívida, enrijecida pela angústia e o espanto. O barão parecia ainda se debater, como se não quisesse acreditar no desmoronamento de sua felicidade.

Enfim, balbuciou:

— Fala! Explica!...

— Nada tenho a te dizer — fez ela baixo e com o rosto retorcido de dor.

— Então... a senhorita...

— A senhorita me eximiu... por devotamento... afeição... e acusou a si própria...

— Eximiu de quê? De quem?

— Desse homem.

— Bresson?

— Sim, era a mim que mantinha sob ameaças... Conheci-o em casa de uma amiga... e fiz a loucura de escutá-lo... Oh, nada que não possas perdoar... No entanto escrevi duas cartas... cartas que te mostrarei. Resgatei-as... sabes como... Oh, tem piedade de mim... tenho chorado tanto!

— Tu! Tu! Suzanne!

Ergueu para ela os punhos cerrados, prestes a lhe bater, a matá-la. Mas seus braços voltaram a cair, e de novo murmurou:

— Tu, Suzanne!... Tu!... Será possível!...

Em pequenas frases cortadas, ela narrou a pungente e banal aventura, seu despertar assustado ante a infâmia do homem, seus remorsos, seu suplício, e também o comportamento admirável de Alice, adivinhando o desespero da

patroa, arrancando-lhe a confissão, escrevendo a Lupin e organizando a história do roubo para salvá-la das garras de Bresson.

— Tu, Suzanne, tu — repetia o sr. d’Imblevalle, curvado, derribado. — Como pudeste...?

Na noite do mesmo dia, o vapor *Ville-de-Londres*, que faz o transporte entre Calais e Douvres, deslizava lentamente na água imóvel. O céu estava escuro e calmo. Suaves nuvens se adivinhavam acima do navio e, a seu redor, leves véus de bruma o separavam do espaço infinito onde devia se irradiar a brancura da lua e das estrelas.

A maioria dos passageiros fora para as cabines e os salões. Alguns, porém, mais intrépidos, passeavam na ponte ou cochilavam em grandes cadeiras preguiçosas debaixo de espessas cobertas.

Viam-se aqui e ali brasas de charutos e se ouvia, misturado ao suave sopro da brisa, o sussurro de vozes que não ousavam se alhear no grande silêncio solene.

Um dos passageiros, que andava com passo regular ao longo da pavesada, deteve-se junto a uma pessoa estendida num banco, observou-a e, como a pessoa se mexesse um pouco, lhe disse:

— Pensei que estava dormindo, srta. Alice.

— Não, não, sr. Sholmes, não tenho vontade de dormir. Estava pensando.

— Em quê? Será indiscreto lhe perguntar?

— Pensava na sra. d’Imblevalle. Deve estar tão triste! Sua vida foi arruinada.

— Mas não, não — reagiu ele. — Sua falta não é das que não se perdoem. O sr. d’Imblevalle vai esquecer essa fraqueza. Já quando partimos a olhava menos duramente.

— Talvez... mas o esquecimento será demorado... e ela está sofrendo.

— Gosta muito dela?

— Muito. Foi isso que me deu tanta força para sorrir quando tremia de medo, para olhá-lo de frente quando teria querido escapar a seus olhos.

— E está infeliz por deixá-la?

— Bastante. Não tenho parentes nem amigos... Só tinha a ela.

— Há de fazer amigos — disse o inglês, que o pesar da moça transtornava —, eu lhe prometo... tenho relações... muita influência... lhe asseguro que não terá saudade da situação que deixou.

— Talvez, mas a sra. d'Imblevalle não estará presente...

Não trocaram mais palavras. Herlock Sholmes deu ainda duas ou três voltas na ponte e voltou a se instalar junto à sua companheira de viagem.

A cortina de bruma se dissipava e as nuvens pareciam se apartar no céu. Estrelas cintilavam.

Sholmes tirou o cachimbo do fundo de sua jaqueta, encheu e riscou sucessivamente quatro fósforos sem conseguir acendê-los. Como não tinha mais, ergueu-se e disse a um senhor que se achava sentado a alguns passos:

— Tem fogo, por favor?

O senhor abriu uma caixa de fósforos e riscou. A chama saltou logo. Na sua luz, Sholmes viu Arsène Lupin.

Se não tivesse havido da parte do inglês um pequeno gesto, um imperceptível recuo, Lupin poderia supor que sua presença a bordo era conhecida por Sholmes, tanto este se conservou senhor de si e tão natural foi a satisfação com que estendeu a mão a seu adversário.

— Sempre de boa saúde, sr. Lupin?

— Bravo! — exclamou Lupin, a quem um tal autodomínio arrancou um grito de admiração.

— Bravo?... Por quê?

— Como por quê? Me vê reaparecer diante de si como um fantasma, depois de ter assistido ao meu mergulho no Sena — e por orgulho, por um milagre de orgulho que qualificarei de muito britânico, não tem um movimento de estupor, uma palavra de surpresa! Palavra, repito bravo é admirável!

— Nem tanto. Na sua maneira de cair do barco, vi bem que o fazia voluntariamente e que não tinha sido atingido pela bala do cabo.

— E foi embora sem saber o que ia ocorrer comigo?

— O que ia ocorrer? Eu sabia. Quinhentas pessoas dominavam as duas margens no espaço de um quilômetro. No momento em que escapasse à

morte, sua captura era certa.

— No entanto, estou aqui.

— Sr. Lupin, há dois homens no mundo de quem nada me pode surpreender: eu primeiro e logo você.

A paz estava feita.

Se Sholmes não tinha tido êxito em suas empresas contra Arsène Lupin, se Lupin continuava o inimigo excepcional que cumpria em definitivo renunciar a prender, se durante as peripécias conservava sempre a superioridade, o inglês nem por isso deixara, pela formidável tenacidade, de recuperar a lâmpada judaica como recuperara o diamante azul. Talvez agora o resultado tivesse sido menos brilhante, especialmente do ponto de vista do público, já que Sholmes estava forçado a silenciar sobre as circunstâncias em que a lâmpada fora descoberta e a proclamar que ignorava o nome do culpado. Mas de homem a homem, de Lupin a Sholmes, de policial a ladrão, não houvera, com plena equidade, nem vencedor nem vencido. Cada um dos dois poderia se gloriar de triunfos equivalentes.

Conversaram assim como adversários corteses que, depostas as armas, se estimam em seus justos valores.

A pedido de Sholmes, Lupin contou sua evasão.

— Se é que se pode — disse — chamar a isso uma evasão. Foi tão simples! Meus amigos estavam à espreita, já que tínhamos marcado encontro para reaver a lâmpada. Assim, depois de ficar uma boa meia hora debaixo do casco virado do bote, aproveitei um momento em que Folenfant e seus homens procuravam meu cadáver ao longo das margens, e pus a cabeça de fora. Meus amigos só tiveram de me recolher de passagem em sua lancha a motor, e sumir sob o olhar espantado dos quinhentos curiosos, de Ganimard e de Folenfant.

— Bonito! — vibrou Sholmes. — Uma saída perfeita!... E agora tem o que fazer na Inglaterra?

— Sim, acertar umas contas... Mas eu estava esquecendo... O sr. d'Imblevalle?

— Sabe tudo.

— Ah, caro mestre, o que eu lhe tinha dito? Agora o mal é irreparável. Não teria sido melhor ter deixado que eu agisse à vontade? Ainda um dia ou dois, e

retomaria de Bresson a lâmpada e os outros objetos, remeteria aos d'Imblevalle, e essas duas boas pessoas acabariam por viver tranquilamente um com o outro. Em vez disso...

— Em vez disso — zombou Sholmes —, misturei as cartas e levei a discórdia ao seio de uma família que você protegia.

— Meu Deus, sim, que protegia! Será indispensável sempre roubar, enganar, fazer o mal?

— Então, você faz o bem também?

— Quando tenho tempo. Isso afinal me diverte. Acho graça que, na aventura que nos ocupou, eu tenha sido o gênio bom que socorre e salva, e você o mau que traz o desespero e as lágrimas.

— As lágrimas! As lágrimas! — protestou o inglês.

— Por certo! O lar dos d'Imblevalle está destruído e Alice Demun chora.

— Ela não podia mais ficar... Ganimard ia acabar descobrindo-a... e por ela chegaria até à sra. d'Imblevalle.

— Concordo consigo, mestre, mas de quem era a culpa?

Dois homens passaram por eles. Sholmes disse a Lupin, numa voz cujo timbre parecia levemente alterado:

— Sabe quem são estes cavalheiros?

— Julguei reconhecer o comandante do barco.

— E o outro?

— Não conheço.

— É o sr. Austin Gillet. E Gillet ocupa na Inglaterra uma posição que corresponde à do sr. Dudouis, o chefe da Sûreté de vocês.

— Ah, que sorte! Teria a amabilidade de me apresentar? O sr. Dudouis é um de meus bons amigos e ficaria contente se pudesse dizer o mesmo do sr. Austin Gillet.

Os dois senhores reapareceram.

— E se o pegasse pela palavra, Lupin? — disse Sholmes se levantando.

Tinha agarrado o punho de Arsène Lupin e o apertava com mão de ferro.

— Por que apertar tanto, mestre? Estou pronto a segui-lo.

Deixou-se de fato arrastar sem a menor resistência. Os cavalheiros se afastavam.

Sholmes apertou o passo. Suas unhas penetravam na própria carne de Lupin.

— Vamos, vamos... — proferia surdamente numa espécie de pressa febril de arranjar as coisas o mais rápido possível. — Vamos, mais ligeiro que isso.

Mas parou de repente: Alice Demun os seguira.

— Que está fazendo, senhorita? É inútil... Não venha!

Foi Lupin quem respondeu:

— Peço que observe, mestre, que a senhorita não está vindo deliberadamente. Aperto-lhe o pulso com uma energia semelhante à que emprega em relação a mim.

— E por quê?

— Como! Mas faço questão de apresentá-la também. Seu papel na história da lâmpada judaica foi ainda mais importante que o meu. Cúmplice de Arsène Lupin, cúmplice de Bresson, deverá ainda contar a aventura da baronesa d'Imblevalle — o que interessará muitíssimo à justiça... E você levará desse modo a sua benfeitoria intervenção até os últimos limites, generoso Sholmes.

O inglês tinha largado o pulso de seu prisioneiro. Lupin liberou a senhorita.

Ficaram uns segundos parados, uns ante os outros. Logo Sholmes voltou a seu banco e sentou. Lupin e a moça retomaram seus lugares.

Um demorado silêncio os separou. E Lupin disse:

— Veja, mestre, seja o que for que façamos, nunca estaremos do mesmo lado. Está de um lado do muro, eu do outro. Podemos nos cumprimentar, apertar a mão, conversar um instante, mas o muro segue ali. Será sempre Herlock Sholmes, detetive, e eu, Arsène Lupin, ladrão. E sempre Herlock Sholmes obedecerá, mais ou menos espontaneamente, com maior ou menor propriedade, a seu instinto de detetive, que é encarniçar-se atrás do ladrão e metê-lo nas grades se possível. E sempre Arsène Lupin será coerente com a sua alma de ladrão, evitando o pulso do detetive e dele zombando se encontrar ocasião. E desta vez, a ocasião chegou! Ah! Ah! Ah!

Rompeu a rir, um riso astuto, cruel e detestável...

Súbito, sério, inclinou-se para a moça:

— Esteja certa, senhorita, que, mesmo reduzido à última extremidade, não a teria traído. Arsène Lupin não trai nunca, especialmente a quem admira. E

me permitirá que lhe diga que admiro a valente e doce criatura que você é.

Tirou de sua carteira uma cartão de visitas, rasgou em dois, estendeu uma metade à moça e, com a mesma voz emocionada e respeitosa:

— Se o sr. Sholmes não tiver êxito em suas providências, senhorita, apresente-se em casa de lady Strongborough (achará facilmente seu endereço atual) e lhe entregue esta metade de cartão, dizendo-lhe estas duas palavras “lembrança fiel”. Lady Strongborough lhe será dedicada como uma irmã.

— Obrigada — disse a moça. — Irei amanhã à casa dessa senhora.

— E agora, mestre — clamou Lupin com o tom satisfeito de quem cumpriu o seu dever —, lhe desejo uma boa noite. Ainda temos uma hora de travessia. Vou aproveitar.

Estendeu-se ao comprido e cruzou as mãos atrás da cabeça.

O céu estava aberto para a lua. Em volta das estrelas e à tona do mar, sua radiosa claridade se expandia. Ela flutuava na água e a imensidade, onde se dissolviam as últimas nuvens, parecia lhe pertencer.

A linha da costa se destacou do horizonte escuro. Passageiros subiam. A ponte se encheu. O sr. Austin Gillet passou em companhia de dois indivíduos que Sholmes reconheceu como agentes da polícia inglesa.

Em seu banco, Lupin dormia...

Artes y Ciencias

Maurice
Leblanc

*Arsène
Lupin*

e as oito
pancadas
do relógio

TRADUÇÃO

Paulo Hecker Filho

4ª edição



EDITORA
• NOVA
FRONTEIRA

Lupin

1

NO ALTO DA TORRE

Hortense Daniel entreabriu sua janela enquanto sussurrou:

— Está aí, Rossigny?

— Estou — fez uma voz que subia da espessa vegetação junto ao castelo.

Inclinando-se um pouco, viu um homem bastante gordo que erguia para ela um rosto grande, vermelho, emoldurado num colar de barba muito loura.

— E aí? — disse ele.

— Aí, ontem de noite, grande discussão com meu tio e minha tia. Recusam com firmeza assinar a transação, de que o meu notário lhes enviou a minuta, e me entregar o dote que meu marido dilapidou antes da sua internação.

— Seu tio, que quis esse casamento, é no entanto responsável, de acordo com os termos do contrato.

— Não importa. Estou lhe dizendo que recusa.

— Então?

— Então, continua decidido a me raptar? — perguntou ela rindo.

— Mais do que nunca.

— Com intenções honestas, não esqueça!

— Tudo o que quiser. Sabe bem que estou louco por você.

— Acontece que, infelizmente, não estou louca por você.

— Não peço que esteja, mas simplesmente que me ame um pouco.

— Um pouco? Você é exigente demais.

— Nesse caso, por que me escolheu?

— Por acaso. Andava chateada, faltava aventura à minha vida. Resolvi me arriscar. Olhe, estão aqui minhas bagagens.

Fez descer enormes sacos de couro que Rossigny recebeu nos braços.

— O passo está dado — murmurou. — Me espere com seu automóvel no cruzamento do If. Irei a cavalo.

— Oh! Mas não vou poder raptar o seu cavalo.

— Ele volta sozinho.

— Perfeito!... Ah! A propósito...

— Quê?

— Quem é esse príncipe Rénine que está aí há três dias e que ninguém conhece?

— Não sei. Meu tio o conheceu numa caçada em casa de amigos e o convidou.

— Ele gosta muito de você. Ontem deu um grande passeio com ele. É um homem que não me desce.

— Dentro de duas horas, terei deixado o castelo em sua companhia. Um escândalo que provavelmente esfriará Serge Rénine. E chega de conversa. Não temos tempo a perder.

Por uns minutos, olhou o gordo Rossigny, que, curvado ao peso dos sacos, se afastava cauteloso por uma aleia deserta, e voltou a fechar a janela.

Fora, no parque ao longe, um toque de trompa marcava o despertar. A matilha irrompeu em latidos furiosos. Nesta manhã começava a temporada da caça no castelo de La Marèze, onde todos os anos, no início de setembro, o conde d'Aigleroché, grande caçador que era, reunia alguns amigos e os castelões das redondezas.

Hortense acabou de se arrumar lentamente. Vestiu seu traje de montar, que desenhava seu flexível porte, pôs o boné de feltro, cuja aba comprida emoldurava o belo rosto de cabelos ruivos, e se sentou na secretária para escrever ao tio, o sr. d'Aigleroché, uma carta de adeus que deveria ser enviada à noite. Carta difícil, da qual fez vários começos e finalmente desistiu.

Mais tarde eu lhe escrevo, pensou, quando sua cólera tiver passado.

E foi para a sala de refeições.

Grandes achas flamejavam no cavado do átrio. Panóplias de fuzis e carabinas ornavam as paredes. Os convidados chegavam de todas as partes e vinham apertar a mão do conde d'Aigleroché, um desses tipos de cavalheiros do campo, pesados de aspecto, dando impressão de força, e que vivem apenas

para a caça. De pé diante da lareira, com um grande copo de bom champanhe na mão, batia-o no dos outros, bebendo.

Hortense beijou-o distraidamente.

— Como! O senhor que é em geral tão sóbrio, meu tio...

— Ora — disse ele —, uma vez por ano... bem que a gente pode fazer algum excesso...

— A tia vai repreendê-lo.

— Tua tia está com a sua dor de cabeça e não vai descer. Mas isto — acrescentou em tom mal-humorado — não tem nada a ver com ela... e contigo menos, pequena.

O príncipe Rénine se acercou de Hortense. Era um jovem de grande elegância, o rosto fino e um pouco pálido, cujos olhos tinham alternadamente a expressão mais doce e a mais dura, a mais amável e a mais irônica.

Inclinou-se diante da moça, beijou-lhe a mão e lhe disse:

— Recordo-lhe de sua boa promessa, cara senhora?

— Minha promessa?

— Sim, combinamos continuar o belo passeio de ontem e que tentaríamos visitar aquela casa tão defendida e cujo aspecto nos intrigou... a que chamam, me parece, o domínio de Halingre.

Ela replicou com certa secura:

— Peço mil desculpas, senhor, mas a excursão seria longa e estou um pouco cansada. Dou uma volta no parque e volto para casa.

Houve um silêncio entre os dois, e Serge Rénine pronunciou sorrindo, fitando-a nos olhos e de modo que só ela ouvisse:

— Estou certo de que manterá a palavra e me aceitará como companheiro. É preferível.

— Para quem? Para você, não é?

— Para você também, eu lhe afirmo.

Ela enrubescou levemente e contestou:

— Não entendo, senhor.

— Não lhe proponho, no entanto, nenhuma adivinhação. A estrada é encantadora, o domínio de Halingre, interessante. Nenhum outro passeio lhe daria o mesmo prazer.

— Fatuidade não lhe falta.

— Nem teimosia, senhora.

Teve ela um gesto irritado, mas desdenhou responder. Virando-lhe as costas, deu apertos de mão à sua volta e saiu do aposento.

Ao pé do patamar, um criado menino segurava seu cavalo pela rédea. Pôs-se na sela e seguiu para o bosque logo após o parque.

O tempo estava fresco e calmo. Entre as folhas, que apenas tremiam, surgia um céu de cristal azul. Hortense seguia a passo por sinuosas aleias que a levaram, ao fim de uma meia hora, a uma região de barrancos e escarpados atravessada pela estrada principal.

Parou. Nenhum ruído. Rossigny deveria ter desligado o motor e escondido o carro entre os arvoredos que cercam a encruzilhada do If.

No máximo quinhentos metros a separavam desse cruzamento. Após instantes de hesitação, apeou, amarrou negligentemente o cavalo, a fim de que ao menor esforço pudesse se livrar e voltar ao castelo, envolveu o rosto num comprido véu marrom que flutuava sobre seus ombros e avançou.

Não se enganara. Na primeira volta, notou Rossigny. Ele correu para ela e a levou ao arvoredo.

— Depressa, depressa. Ah! Receava tanto um atraso... ou mesmo uma mudança de decisão... E está aí! Será possível?

Ela sorria.

— Como fica feliz fazendo uma asneira!

— Se sou feliz! E você será também, juro!

— Talvez, mas eu não farei uma asneira.

— Fará o que quiser, Hortense. Sua vida será um conto de fadas.

— E você, o príncipe encantado!

— Terá todo o luxo, todas as riquezas...

— Não quero nem luxo nem riquezas.

— O quê, então?

— A felicidade.

— Respondo por sua felicidade.

Ela brincou:

— Duvido um pouco do tipo de felicidade que terei por seu intermédio.

— Vai ver... Vai ver...

Tinham chegado junto ao automóvel. Rossigny, gaguejando palavras de júbilo, pôs em movimento o motor. Hortense entrou e se cobriu com um casacão. O carro seguiu no campo a estreita senda que levava ao cruzamento, e Rossigny acelerou quando devia frear.

Um tiro fora detonado no bosque próximo, e o carro ia para um lado e para o outro.

— Estourou um pneu da frente — disse Rossigny, parando e descendo.

— Que nada! — exclamou Hortense. — Deram um tiro.

— Impossível, minha amiga. O que está dizendo!

No mesmo instante houve dois leves choques e duas outras detonações ressoaram, uma em cima da outra, longe, ainda no bosque.

Rossigny rangeu os dentes:

— Os pneus de trás... rebentados... Diabo de azar! Mas quem será o bandido?... Ah, se o pegasse!

Escalou a elevação que marginava a estrada. Ninguém. Mas a ramagem das árvores impedia a visão.

— Raios te partam! — berrou. — Você tinha razão, atiravam no automóvel! Essa é demais! Estamos bloqueados por horas! Três pneus para consertar!... Mas o que está fazendo, minha amiga?

A jovem descia do carro e corria para ele, agitada.

— Vou-me embora.

— Mas por quê?

— Quero saber. Atiraram. Quem? Quero saber...

— Não nos separemos, lhe peço.

— Está pensando que vou lhe esperar durante horas?

— Mas e a nossa partida?... Nossos planos...

— Amanhã se fala nisso. Volte ao castelo... Traga a bagagem.

— Suplico, suplico... Não foi culpa minha. Parece que está me odiando.

— Não estou. Mas, por favor, quando se rapta uma mulher, não se estouram os pneus, meu caro. Até loguinho.

Afastou-se às pressas, teve a sorte de achar o cavalo e partiu a galope na direção oposta a La Marèze.

Para ela não havia a menor dúvida: os três tiros tinham sido dados pelo príncipe Rénine.

— Foi ele — murmurou com cólera —, foi ele. Só ele seria capaz de agir assim.

De resto, não a tinha prevenido, com uma sorridente autoridade?

— Você virá, estou certo... Espero-a.

Ela chorava de raiva e humilhação. Se neste momento estivesse diante do príncipe, o chicotearia.

À sua frente se estendia a áspera e pitoresca região que coroa, ao norte, o município da Sarthe, cognominada a pequena Suíça. Íngremes elevações a obrigavam não raro a andar devagar, tanto mais que lhe faltava percorrer uma dezena de quilômetros para atingir o objetivo a que se propunha. Mas se seu ímpeto diminuía e o esforço físico se acalmava aos poucos, persistia na revolta contra o príncipe Rénine. Detestava-o, não só pelo ato inqualificável que cometera, mas também por sua conduta em relação a ela há três dias, suas solitudes, sua segurança, seu ar de gentileza excessiva.

Aproximava-se. No fundo de um vale, um velho muro periférico, cheio de fendas, enfeitado de musgo e verdes disparatados, deixava ver o pequeno campanário de um castelo e algumas janelas fechadas com batentes. Era o domínio de Halingre.

Seguiu o muro e virou. Ao centro da meia-lua que se arredondava diante da porta da entrada, Serge Rénine esperava, de pé, junto a seu cavalo.

Ela desmontou e, como ele se adiantasse de chapéu na mão, lhe agradecendo por ter vindo, bradou:

— Antes de tudo, senhor, me diga uma coisa. Agora mesmo ocorreu um fato inexplicável. Atiraram três vezes num automóvel em que eu estava. Esses tiros foram dados pelo senhor?

— Sim.

Ela ficou atônita.

— Confessa?

— Me faz uma pergunta, senhora, respondo.

— Mas como teve o atrevimento? Com que direito?

— Não exerci um direito, senhora, obedeci a um dever.

— Realmente! E que dever?

— O dever de protegê-la contra um homem que procura explorar a aflição da sua vida.

— Proíbo-o de falar assim. Sou responsável por meus atos e foi em plena liberdade que tomei uma decisão.

— Senhora, ouvi esta manhã a conversa que teve da sua janela com o sr. Rossigny, e não me pareceu que o seguia com alegria de coração. Reconheço a brutalidade e o mau gosto da minha intervenção e me desculpo humildemente, mas quis, com o risco de passar por ordinário, lhe conceder algumas horas de reflexão.

— Está tudo resolvido, senhor. Quando decido uma coisa, não mudo de opinião.

— Sim, senhora, às vezes, já que está aqui em vez de estar lá.

A moça teve um momento contrafeito. Sua cólera tinha passado. Olhava Rénine com o pasmo que se tem diante de certos seres diferentes dos outros, mais capazes de atos fora do comum, mais generosos e desinteressados. Percebia perfeitamente que ele agira sem segunda intenção ou cálculo, apenas, como dizia, por dever de homem galante ante uma mulher que se engana de caminho.

Com doçura, ele lhe disse:

— Sei muito pouca coisa sobre a senhora, o bastante, no entanto, para que tenha o desejo de lhe ser útil. Tem 26 anos e é órfã. Há sete anos, casou-se com o sobrinho afim do conde d'Aigleroché, sobrinho de espírito esquisito, meio louco, que teve de ser internado. Daí sua impossibilidade de se divorciar e a obrigação, já que seu dote foi dissipado, de viver às custas do seu tio e com ele. O ambiente é triste, pois o conde e a condessa não se acertam. Há tempos, foi o conde deixado pela primeira mulher, que fugiu com o primeiro marido da condessa. Os dois cônjuges abandonados uniram, por despeito, seus destinos, mas só acharam nesse matrimônio decepções e rancores. Você sofre o contragolpe. Existência monótona, mesquinha, solitária durante mais de onze meses em doze. Um dia encontrou o sr. Rossigny, que se apaixonou por você e lhe propôs a fuga. Não o ama, mas o tédio, sua juventude a se perder, a necessidade de imprevisibilidades, o desejo de aventura... e aceita, mas com a intenção bem clara de se desembaraçar do seu apaixonado e a esperança, um tanto ingênua, de que o escândalo forçasse seu tio a acertar as contas com você, de modo a assegurar-se uma existência independente. Eis onde está. No

momento, é preciso escolher: ou meter-se nas mãos do sr. Rossigny, ou se confiar a mim.

Ergueu os olhos para ele. Que queria dizer? Que significava aquela oferta feita a sério, como por um amigo que só deseja se mostrar solícito?

Uma pausa e ele pegou os dois cavalos pelas rédeas e as amarrou. Depois examinou a pesada porta, em que cada lado estava reforçado por duas tábuas pregadas em forma de cruz. Um cartaz eleitoral, com data de vinte anos atrás, mostrava que ninguém desde essa época atravessara o umbral do domínio.

Rénine arrancou um dos barrotes de ferro que sustinha a grade em torno da meia-lua e o usou como alavanca. As tábuas, apodrecidas, cederam. Uma delas descobriu a fechadura, que acometeu com uma faca grossa, munida de numerosas lâminas e ferramentas. Um minuto e a porta se abria sobre um campo de plantas a se estender até um alto prédio em ruínas, encimado, entre quatro campanariozinhos de canto, por uma espécie de belvedere construído sobre uma torrinha.

O príncipe se virou para Hortense.

— Nada a apresse — disse. — Esta noite tomará sua decisão e, se o sr. Rossigny conseguir convencê-la pela segunda vez, dou-lhe a palavra de que não me atravessarei de novo em seu caminho. Até lá, me conceda a sua presença. Tínhamos decidido ontem visitar o castelo; visitemos, sim? É uma forma de passar o tempo e acredito que será interessante.

Possuía uma maneira de falar que obrigava à obediência. Parecia ordenar e implorar ao mesmo tempo. A moça não tentou mesmo sacudir o entorpecimento em que sua vontade aos poucos caía. Seguiu-o a um patamar semidemolido, que tinha ao alto uma porta igualmente reforçada por tábuas em cruz.

Rénine agiu do mesmo modo, e entraram num amplo vestíbulo, lajeado de preto e branco, mobiliado com aparadores antigos e cadeiras de coro de igreja, e ornado com um brasão de armas em madeira, em que se viam traços de pinturas armoriais representando uma águia empoleirada num bloco de pedra, tudo isso sob um enramado de teias de aranha a pender de uma porta.

— A porta do salão, claro — afirmou Rénine.

Abri-la foi mais difícil e só sacudindo-a com arremessos de ombro pôde empurrar um de seus lados.

Hortense não dizia nada. Assistia, não sem assombro, a essa série de arrombamentos executados com verdadeira técnica. Ele adivinhou sua ideia e, virando-se, disse-lhe em tom sério:

— É brincadeira de criança para mim. Fui serralheiro.

Ela lhe pegou no braço murmurando:

— Ouça.

— O quê?

Ela cerrou mais a mão, exigindo silêncio. Quase na hora, ele assentiu baixinho:

— De fato, é estranho.

— Ouça... ouça... — repetiu Hortense estupefata. — Oh, será possível?

Ouviam, não longe, um ruído seco, de um pequeno choque voltando a intervalos regulares, e lhes bastou escutar com atenção para reconhecer o tique-taque de um relógio. Realmente, era isso o que compassava o grande silêncio do salão escuro, era bem o tique-taque lento, ritmado como a batida de um metrônomo, produzido por um pesado balancim de cobre. Isso. E nada podia lhes parecer mais impressionante que a pulsação medida desse pequeno mecanismo, que continuara a viver na morte do castelo... Por que milagre? Por que inexplicável fenômeno?

— No entanto — balbuciou Hortense, que não ousava erguer a voz —, ninguém entrou, não é?

— Ninguém.

— É inadmissível que esse relógio tenha podido andar durante vinte anos sem lhe darem corda, não é?

— Inadmissível.

— Então?

Serge Rénine abriu as três janelas e forçou os batentes pregados.

Estavam enfim no salão e esse não oferecia o menor traço de desordem. As cadeiras estavam no lugar e não faltava um móvel sequer. As pessoas que residiam no castelo e dessa fizeram sua sala mais íntima tinham ido embora sem levar nada, nem os livros que liam, nem os objetos colocados sobre mesas e consolos.

Rénine examinou o velho relógio de campo, fechado em sua alta caixa esculpida e que deixava ver, por um vidro oval, o disco do balancim. Abriu: os

pesos, nas cordas, estavam no fim do percurso.

Neste momento houve um clique e o relógio bateu oito vezes, num tom grave que a moça não esqueceria nunca.

— Que prodígio! — murmurou.

— Um prodígio, de fato — ele confirmou —, pois o mecanismo, muito simples, só permite o movimento por uma semana.

— E não observa nada de diferente?

— Não, nada... ou pelo menos...

Abaixou-se e, do fundo da caixa, tirou um tubo de metal que os pesos escondiam e o pôs contra a luz.

— Um óculo de alcance — disse pensativo. — Por que o esconderiam aí? E o deixaram aberto em todo o comprimento. Estranho. Que significará?

Pela segunda vez, como é costume, o relógio voltou a bater. Oito pancadas ao todo ressoaram. Rénine fechou a caixa e, sem largar a longamira, prosseguiu em sua inspeção. Uma ampla abertura comunicava o salão com um cômodo menor, com jeito de reservado aos fumantes e também mobiliado, onde, porém, havia uma vidraça para fuzis cujos cabides estavam vazios. Preso num lugar perto da parede, um calendário ostentava uma data, 5 de setembro.

— Ah! — bradou Hortense confusa. — A mesma data de hoje! Foram tirando as folhas do calendário até 5 de setembro, e estamos num aniversário desse dia. Que coincidência nunca vista!

— Nunca vista — pronunciou ele. — É o aniversário da partida deles, faz hoje vinte anos...

— Reconheça que tudo isso é incompreensível.

— Sim, claro... mas assim mesmo...

— Tem alguma ideia?

Ele respondeu ao fim de uns segundos:

— O que me deixa curioso é esta longamira escondida... jogada ali, no último momento. Para que servia? Das janelas da parte térrea, veem-se apenas as árvores do jardim... e sem dúvida ocorre o mesmo de todas as janelas. Estamos num vale, sem o mínimo horizonte. Para se servir desse instrumento, tinha-se de ir lá em cima. Vamos subir?

Ela não hesitou. O mistério que nascia da aventura toda incitava tão vivamente sua curiosidade que desejava apenas seguir Rénine e o secundar em

suas buscas.

Subiram a escada principal e chegaram ao segundo andar, a uma plataforma que ia dar à escada em espiral do belvedere.

O terraço era ao ar livre, mas cercado por um parapeito que se erguia a mais de dois metros.

— Isto devia ter antes seteiras, que depois taparam — observou o príncipe. — Olhe, são essas. Foram fechadas.

— De qualquer modo, aqui também o óculo de alcance seria inútil, e só nos resta descer de novo.

— Não sou do seu parecer — disse ele. — Logicamente devia haver aqui um mirador para a campanha e logicamente era aqui que o óculo era empregado.

À força dos braços, alçou-se ao cimo do parapeito e pôde ver que dali se descortinava todo o vale, o parque, onde as árvores grandes limitavam o horizonte, e, longe, no extremo de um corte no mato de uma colina, uma outra torre em ruínas, bem baixa, cingida de heras, e que estava talvez a setecentos ou oitocentos metros de distância.

Rénine seguia no exame, parecendo que para ele todo o problema se resumia no uso da luneta, e que o problema estaria resolvido se pudesse descobrir o modo como era empregada.

Estudou uma a uma as seteiras. Uma delas, ou antes, sua localização, atraíu sua atenção. Existia, em meio à camada de reboco que servira para tapá-la, um vazio cheio de terra e onde plantas cresciam.

Arrancou-as e tirou a terra, o que desimpediu um orifício de vinte centímetros de diâmetro, que atravessava a parede de lado a lado. Olhando por ele, Rénine constatou que dirigia fatalmente a visão, por cima do amontoado de árvores e seguindo o corte da colina, até a torre de hera.

No fundo desse conduto, numa espécie de ranhura que corria como um rego, a luneta achou seu lugar, e tão exatamente que seria impossível mexê-la, por pouco que fosse, para a direita ou a esquerda...

Rénine, que limpara a parte exterior das lentes, tomando cuidado para não alterar de uma fração o ponto de mira, pôs o olho na ponta fina do instrumento.

Ficou trinta ou quarenta segundos atento e silencioso. Depois se ergueu e pronunciou com voz turbada:

— É espantoso... espantoso...

— Que é que há? — perguntou ela ansiosa.

— Olhe.

Curvou-se, mas, para ela, a imagem não estando nítida, foi preciso adequar o instrumento à sua vista. Quase imediatamente disse com um arrepio:

— São dois espantalhos, não é? Os dois encarapitados lá em cima... Por quê?

— Olhe — ele repetiu —, olhe com mais atenção. Sob os chapéus... os rostos.

— Oh! — fez ela, desfalecendo. — Que horror!

O campo da luneta oferecia, recortado em círculo como uma projeção luminosa, este espetáculo: a plataforma de uma torre truncada, cuja parede, mais alta na parte mais afastada, formava como uma tela de fundo de onde partiam vagas de hera. Adiante, em meio a um amontoado de arbustos, dois seres, um homem e uma mulher, apoiados, jogados contra um desabamento de pedras.

Mas se podia chamar homem e mulher a essas duas formas, esses dois manequins sinistros, com bastante roupa ainda e restos de chapéus, mas que não tinham mais olhos, faces, queixo, mais uma parcela de carne, e eram estrita e realmente dois esqueletos?

— Dois esqueletos — balbuciou Hortense —, dois esqueletos vestidos... Quem os levou para ali?

— Ninguém.

— Mas...

— Esse homem e essa mulher devem ter morrido no alto daquela torre, há anos e anos. E, sob as roupas, as carnes apodreceram, os corvos os devoraram.

— Mas é horrível, horrível! — Hortense estava pálida, e seu rosto se crispava de desgosto.

Meia hora mais tarde, Hortense Daniel e Serge Rénine deixavam o castelo de Halingre. Antes de regressar, tinham ido até a torre de hera, resto de um torreão fortificado, três quartos demolidos. O interior estava vazio. Para subir,

em data relativamente recente, se devia usar escadas de madeira, cujos destroços jaziam no solo. A torre se arrimava ao muro que marcava o fim do parque.

Coisa estranha, e que surpreendeu Hortense, o príncipe Rénine desistira de fazer uma investigação mais minuciosa, como se o assunto tivesse perdido para ele todo interesse. Não falou mais a respeito, e na hospedaria da aldeia mais próxima, em que comeram alguma coisa, foi ela quem perguntou ao estalajadeiro sobre o castelo abandonado. Inutilmente por sinal, pois o homem, novo na região, não pôde fornecer nenhuma indicação. Ignorava mesmo o nome do proprietário.

Retomaram a estrada de La Marèze. Várias vezes Hortense recordou a ignóbil visão contemplada. Mas Rénine, muito alegre, cheio de gentilezas para sua companheira, parecia de todo indiferente a essas questões.

— Enfim, é impossível ficarmos só nisso! Uma solução se impõe.

— Realmente — disse ele —, é preciso uma solução. O sr. Rossigny tem de ficar sabendo com o que contar, e você tem de tomar uma decisão a seu respeito.

Ela deu de ombros.

— Ora, se trata por hoje...

— Por hoje?

— Trata-se de saber o que são aqueles dois cadáveres.

— No entanto, Rossigny...

— Rossigny esperará. Mas eu não posso esperar.

— Vá. Ainda mais que talvez ele ainda não tenha acabado de reparar os pneus. Mas o que vai lhe dizer? Isso é o essencial.

— O essencial é o que nós vimos. Você me colocou diante de um mistério fora do qual nada mais conta. Vamos, quais são suas intenções?

— Minhas intenções?

— Sim, são dois cadáveres... Vai avisar a polícia, não é?

— Bondade celeste! — disse ele rindo. — Para quê?

— Mas há aí um enigma que se deve resolver a qualquer preço... um drama assustador...

— Não temos necessidade de ninguém para isso.

— Como? Que está dizendo? Entende algo do caso?

— Meu Deus, quase tão claramente como se tivesse lido num livro uma história longamente narrada com ilustrações de apoio. Tudo é de uma tal simplicidade!

Examinou-o com o canto do olho, a se perguntar se brincava com ela. Mas ele tinha ar sério.

— E então? — disse ela a fremir.

A luz começava a baixar. Tinham andado rápido e, quando se aproximavam de La Marèze, os caçadores regressavam.

— Então — começou ele —, vamos completar nossas informações junto a pessoas que residam na região. Conhece alguém qualificado?

— Meu tio. Nunca saiu daqui.

— Bom. Interrogaremos o sr. d'Aigleroché e verá com que rigorosa lógica todos esses fatos se ligam uns aos outros. Quando se dá o primeiro passo, se é obrigado, queira-se ou não, a dar o último. Não conheço nada de mais divertido.

No castelo, se separaram. Hortense encontrou as bagagens e uma carta furiosa de Rossigny, em que se despedia e anunciava sua partida.

Bendito seja, pensou Hortense, *esta ridícula figura descobriu a melhor solução.*

Seu namoro com ele, a escapada, os planos, tinha esquecido tudo. Rossigny lhe parecia muito mais alheio à sua vida que esse desconcertante Rénine, que poucas horas antes lhe inspirava tão pouca simpatia.

Rénine vem bater à sua porta.

— Seu tio está na biblioteca. Quer vir junto? Já avisei que ia vê-lo.

Ela o seguiu.

Ele acrescentou:

— Uma palavra ainda. Esta manhã, contrariando seus planos e lhe suplicando que confiasse em mim, assumi assim, a seu respeito, um compromisso que não quero demorar em cumprir; vai ter a prova formal.

— Não assumiu senão um compromisso — disse ela rindo —, o de satisfazer minha curiosidade.

— Será satisfeita — afirmou sério —, e bem além de tudo o que possa calcular, se o sr. d'Aigleroché confirmar meus raciocínios.

O castelão estava sozinho, como fora pedido. Fumava seu cachimbo e bebia *sherry*. Ofereceu um cálice a Rénine, que recusou.

— E tu, Hortense? — falou com voz meio pastosa. — Sabes que aqui a gente só se diverte um pouco é nestes dias de setembro. Aproveite. Fizeste um bom passeio com Rénine?

— É precisamente sobre esse assunto que queria lhe falar, caro senhor — interrompeu o príncipe.

— Vai me desculpar, mas dentro de dez minutos tenho de ir à estação buscar uma amiga de minha mulher.

— Oh! Dez minutos me bastam com sobra.

— Só o tempo de fumar um cigarro, sim?

— Nada mais.

Pegou um cigarro na caixa que lhe ofereceu o sr. d'Aigleroché, acendeu e disse:

— Imagine que neste passeio nos deparamos, por acaso, com um velho domínio que sem dúvida conhece, o de Halingre.

— Sem dúvida, mas está fechado, barricado, desde um quarto de século, creio. Pôde entrar?

— Sim.

— Ah! Uma visita interessante?

— Muito. Descobrimos as coisas mais estranhas.

— Que coisas? — perguntou o conde, que olhava seu relógio de bolso.

Rénine contou:

— Peças entrincheiradas, um salão que deixaram na ordem da vida quotidiana, uma pêndula que, por milagre, soou à nossa chegada...

— Pequenos detalhes — murmurou o sr. d'Aigleroché.

— Mas há mais. Subimos no alto do belvedere e daí pudemos ver, numa torre, bem longe do castelo, dois cadáveres, antes dois esqueletos... um homem e uma mulher ainda com as roupas que vestiam quando foram assassinados...

— Oh! Oh! Assassinados! Simples suposição.

— Certeza; e é a esse respeito que viemos importuná-lo. Esse drama, que justamente deve se reportar a uma vintena de anos, não chegou a ser conhecido na época?

— Palavra, não — declarou o conde d'Aigleroché. — Nunca ouvi falar de nenhum crime, de nenhum desaparecimento.

— Ah! — fez Rénine, que parecia um pouco perturbado. — Esperava ter algumas informações...

— Lamento.

— Nesse caso, me desculpe.

Consultou Hortense com o olhar e andou para a porta, mas reconsiderando:

— Não poderia ao menos, caro senhor, pôr-me em contato com pessoas de seu meio, de sua família... que provavelmente estariam a par?

— De minha família? Por quê?

— Porque o domínio de Halingre pertencia, sem dúvida pertence ainda, aos d'Aigleroché. Os escudos mostram uma águia num bloco de pedra... numa rocha.¹ Fiz a associação na hora.

Dessa vez o conde pareceu surpreendido. Afastou a garrafa e o cálice:

— Que está me dizendo? Ignorava essa correlação.

Rénine sacudiu a cabeça sorrindo.

— Estaria antes disposto a crer, senhor, que não se apressa muito em admitir um grau de parentesco qualquer entre sua pessoa... e esse proprietário desconhecido — disse ele.

— É então alguém menos recomendável?

— É alguém que matou, simplesmente.

— Como?

O conde se levantara. Hortense, comovida, articulou:

— Tem certeza de que houve crime e que esse crime foi cometido por alguém do castelo?

— Absoluta.

— Mas em que se baseia?

— É que sei quem foram as duas vítimas e a causa do homicídio.

O príncipe Rénine não fazia mais que afirmações, mas se julgaria, ao ouvi-lo, que se apoiava em provas mais sólidas.

O conde ia e vinha no aposento, com as mãos nas costas. Terminou por dizer:

— Sempre tive a ideia de que havia ocorrido algo, mas não procurei saber... Com efeito, há vinte anos, um de meus parentes, um primo afastado, residia no domínio de Halingre. Esperava, por causa do nome que levo, que essa história, de que não tive conhecimento, repito, mas suspeitei, ficasse na sombra para sempre.

— Assim, pois, esse primo matou?...

— Sim, foi obrigado a matar.

Rénine oscilou a cabeça.

— Sou forçado a retificar essa frase. A verdade é contrária, seu primo matou fria, covardemente. Não conheço crime que tenha sido concebido com tanto sangue-frio e astúcia.

— Que vai saber!

Tinha chegado o instante de Rénine se explicar, instante grave, angustioso, de que Hortense entendia a solenidade, embora nada ainda tivesse adivinhado do drama em que o príncipe se metia passo a passo.

— A aventura é bem simples — disse. — Tudo levava a crer que esse sr. d'Aigleroché era casado e que, perto do domínio de Halingre, morava um outro casal com que os dois castelões tinham relações de amizade. Que se passa um dia? Qual dessas quatro pessoas foi a primeira a perturbar as relações dos dois lares? Não poderia dizer. Mas há uma versão que se apresenta imediatamente ao espírito: que a mulher de seu primo, a sra. d'Aigleroché, se encontrava com o outro marido na torre de hera, que tinha uma saída direta para o campo. A par da intriga, seu primo d'Aigleroché decidiu se vingar, mas de tal modo que não houvesse escândalo e que ninguém soubesse nunca que os culpados tinham sido mortos. Ora, tinha verificado, o que eu também fiz hoje, que havia um lugar do castelo, o belvedere, de que se podia ver, por cima das árvores e valados do parque, a torre que se achava a oitocentos metros dali, e que só desse ponto se dominava o topo da torre. Fez um buraco através do parapeito, no local de uma antiga seteira tapada, e daí, por meio de um óculo de alcance que descansava exatamente no fundo do buraco aberto, assistia aos encontros dos dois culpados. E foi por aí igualmente que, tendo tomado todas as medidas, tendo calculado as distâncias, foi por aí que num domingo, a 5 de setembro, estando o castelo vazio, matou os amantes com dois tiros de fuzil.

A verdade se ostentava. A luz do dia lutava contra as trevas. O conde murmurou:

— Sim... é bem isso o que deve ter-se passado... Foi assim que o meu primo d'Aigleroché...

— O assassino — continuou Rénine — entupiu com cuidado a seteira com terra. Quem descobriria que dois cadáveres apodreciam no alto dessa torre, onde ninguém ia nunca e de que teve a cautela de destruir as escadas de madeira? Restava-lhe apenas explicar o desaparecimento de sua mulher e do amigo. Mas era fácil. Acusou-os de terem fugido juntos.

Hortense estremeceu. De golpe, como se essa última frase constituísse uma revelação completa e, para ela, absolutamente inesperada, compreendeu aonde Rénine queria chegar.

— Que está dizendo?

— Digo que o sr. d'Aigleroché acusou a mulher e o amigo de terem fugido juntos.

— Não, não — bradou ela —, não posso admitir... Trata-se de um primo do meu tio... Por que misturar as duas histórias?...

— Por que juntar essa a uma outra história muito discutida na época? — replicou o príncipe. — Mas não junto, senhora, não existe senão uma história, e a conto tal como se deu.

Hortense se virou para o tio. Ele estava calado, com os braços cruzados, e sua cabeça permanecia na penumbra formada pelo abajur da lâmpada. Por que não protestava?

Rénine continuou com firmeza:

— Só há uma história. Na noite mesma de 5 de setembro, às oito horas, o sr. d'Aigleroché, pretextando sem dúvida ir em busca dos fugitivos, deixou o seu castelo, depois de o ter barricado. Foi embora, deixando os aposentos tal como estavam, levando apenas seus fuzis. No último minuto, teve o pressentimento, hoje justificado, de que a descoberta do óculo de alcance, que tinha representado tão grande papel na preparação de seu crime, poderia servir de ponto de partida a uma investigação, e o jogou na caixa do relógio, onde o azar quis que interrompesse o andamento do balancim. Esse ato maquinal, como todos os criminosos cometem inevitavelmente, devia traí-lo vinte anos mais tarde. Há pouco, os empurrões que dei sacudindo a porta do salão

livraram o balancim. O relógio voltou a funcionar e as oito horas bateram e... peguei o fio de Ariadne que devia me conduzir pelo labirinto.

Hortense balbuciou:

— Provas!... Provas!...

— Provas? — replicou Rénine com energia. — Mas abundam, e as conhece como eu. Quem teria podido matar nessa distância de oitocentos metros, a não ser um hábil atirador, um entusiasta da caça, não é, sr. d'Aigleroché? Provas? Por que nada foi levado do castelo, a não ser os fuzis, esses fuzis de que um caçador não pode prescindir, não é, sr. d'Aigleroché? Esses fuzis que encontramos aqui, dispostos em panóplia. Provas? E essa data de 5 de setembro que foi a do crime e deixou na alma do assassino uma tal lembrança de horror que, cada ano, nessa época, apenas nessa época, se enche de distrações e, cada ano, a 5 de setembro, esquece seus hábitos de temperança? Ora, estamos a 5 de setembro, hoje. Provas? Mesmo que não houvesse outras, esta não lhe bastaria?

E Rénine estendeu o braço apontando o conde que, diante da evocação aterradora do passado, tinha se afundado numa poltrona e escondia a cabeça com as mãos.

Hortense não opôs qualquer objeção. Nunca tinha gostado do tio, ou antes, do tio de seu marido. Admitiu imediatamente a acusação contra ele.

Transcorreu um minuto.

O sr. d'Aigleroché não parava de se servir de *sherry*, e duas vezes esvaziou seu cálice. Enfim, se ergueu e acercou de Rénine.

— Seja ou não verídica a história, senhor, não se pode chamar de criminoso o marido que vinga sua honra e suprime a esposa infiel.

— Não — replicou Rénine —, mas dei apenas a primeira versão da história. Há uma outra incomparavelmente mais grave... e mais verossímil, a que uma investigação mais minuciosa certamente levará.

— Que quer dizer?

— Isto. Não se trata talvez de um marido justiceiro, como supus caridosamente. Trata-se talvez de um homem falido que cobiça a fortuna e a mulher de seu amigo e que, para isso, para se desembaraçar do marido dela e da própria mulher, os atrai a uma armadilha, aconselhando que visitem a torre abandonada, e de longe, bem ao abrigo, os mata a tiros de fuzil.

— Não, não — protestou o conde —, não, tudo isso é falso.

— Não afirmo apenas. Apoio minha acusação em provas, mas também em intuições e raciocínios que, até aqui, têm se mostrado exatos. De qualquer forma, se concebo que essa segunda versão não seja real, por que os remorsos? Não se tem remorsos quando se castigam culpados.

— Tem-se quando se mata. É um peso esmagador a levar.

— Terá sido para se dar mais força que o sr. d'Aigleroché casou depois com a viúva de sua vítima? Pois tudo está aí, senhor. Por que esse casamento? O sr. d'Aigleroché estava falido? Era rica a que esposou em segundas núpcias? Ou então, ainda, os dois se amavam e foi de acordo com ela que o sr. d'Aigleroché matou sua primeira mulher e o marido da segunda? São questões que desconheço e não têm de momento interesse, mas que a justiça, com todos os meios de que dispõe, não terá dificuldade em esclarecer.

O sr. d'Aigleroché titubeou. Teve de se apoiar nas costas de uma cadeira e gaguejou, lívido:

— Vai avisar a polícia?

— Não, não — declarou Rénine. — A punição deve estar prescrita e, após vinte anos de remorsos e susto, uma lembrança que perseguirá o culpado até sua última hora, a discórdia sem dúvida em seu lar, o ódio, o inferno de cada dia... e, para acabar, a obrigação de voltar lá e apagar os traços do duplo crime, o espantoso castigo de subir àquela torre, tocar nos esqueletos, despi-los, enterrá-los... é suficiente. Não peçamos demais, nem lancemos tudo isso na boca do público, para um escândalo que repercutirá na sobrinha do sr. d'Aigleroché. Não. Deixemos todas essas ignomínias.

O conde retomou sua postura diante da mesa, com as mãos crispadas na testa. Murmurou:

— Então por quê?...

— Por que intervém? Se falei, é para atingir uma meta qualquer, não é? Com efeito. Por mínima que seja, é preciso uma sanção, além de um sentido prático à nossa conversa. Mas não tenha nenhum receio. O sr. d'Aigleroché ficará quieto por um preço ínfimo.

A luta terminara. O conde sentiu que havia apenas uma pequena formalidade a cumprir, um sacrifício a recitar e, retomando alguma segurança, disse com certa ironia:

— Quanto?

Rénine riu.

— Perfeito. Compreende a situação. Apenas se engana me metendo no assunto. Eu trabalho pela glória.

— Nesse caso?...

— Trata-se quando muito de uma restituição.

— Uma restituição?

Rénine se inclinou sobre a escrivaninha e disse:

— Há, numa gaveta dessas, um ato que foi submetido à sua assinatura. É a minuta de uma transação entre o senhor e sua sobrinha, Hortense Daniel, relativamente à sua fortuna, que foi dissipada por responsabilidade sua. Assine esse papel.

O sr. d'Aigleroché teve uma críspação.

— Sabe qual é a soma?...

— Não quero saber.

— E se recusar?

— Peço uma conferência com a condessa d'Aigleroché.

Sem hesitar mais, o conde abriu a gaveta, tirou um documento em papel timbrado e assinou num impulso.

— Está aqui — disse —, espero...

— Espera, como eu, que não haja mais nada de comum entre nós dois? Estou convencido de que sim. Vou embora esta noite, e sua sobrinha, amanhã, sem dúvida. Adeus, senhor.

No salão, a que nenhum dos convidados descera ainda, Rénine entregou o ato a Hortense. Ela parecia estupefata com tudo o que ouvira, e algo a confundia mais ainda que a luz implacável projetada sobre o passado do seu tio: a clarividência prodigiosa e a extraordinária lucidez do homem que, há algumas horas, dirigia os acontecimentos e fazia surgir a seus olhos as cenas mesmas do drama a que ninguém tinha assistido.

— Está satisfeita comigo? — perguntou ele.

Ela lhe estendeu as duas mãos.

— Me salvou de Rossigny, me deu a liberdade e a independência. Eu lhe agradeço do fundo do coração.

— Oh! Não é o que lhe peço. O que quis, de início, foi distraí-la. Sua vida era monótona e previsível. Hoje também foi assim?

— Como pode me perguntar isso? Vivi os minutos mais fortes e mais estranhos.

— Pois isto é a vida, quando se sabe olhar e procurar. A aventura está em toda parte, no fundo da mais pobre choupana, atrás da máscara do homem mais prudente. Em toda parte, se se deseja, há motivos para nos comovermos, fazer o bem, salvar uma vítima, pôr fim a uma injustiça.

Tocada pelo que havia nele de poder e autoridade, perguntou:

— Quem, afinal, é você?

— Um aventureiro, não outra coisa. Um amante de aventuras. A vida só merece ser vivida nas horas de aventura, alheia ou pessoal. A de hoje a transtornou por tocar no mais profundo de seu ser. Mas as aventuras dos outros não são menos apaixonantes. Quer fazer a prova?

— Como?

— Seja minha companheira de aventura. Se alguém me pedir socorro, socorra-o comigo. Se o acaso ou meu instinto me puser na pista de um crime, ou no rastro de uma dor, sigamos os dois juntos. Quer?

— Sim — disse. — Mas...

Hesitou. Procurava o objetivo oculto de Rénine.

— Mas — terminou ele sorrindo — desconfia um pouco: “Aonde este amante de aventuras pretende me levar? É claro que lhe agrado como mulher e que um dia ou outro não deixará de pôr a mão em seus honorários.” Tem razão. Convém haver entre nós um trato preciso.

— Bem preciso — disse Hortense, que preferia levar a conversa num tom de brincadeira. — Faça a sua proposta.

Ele pensou um instante e continuou:

— Bem, vá. Hoje, dia da primeira aventura, o relógio de Halingre deu oito pancadas. Quer que aceitemos o desafio que nos fez, e sete vezes ainda, num prazo de três meses, por exemplo, continuemos juntos em belas empresas? E quer na oitava vez me conceder?...

— O quê?

Ele demorou a responder.

— Note que terá sempre a liberdade de me abandonar no meio do caminho, se eu não conseguir lhe interessar. Mas se me seguir até o fim, se me permitir começar e acabar com você a oitava empresa, dentro de três meses, a 5 de dezembro, no mesmo instante em que a oitava batida daquele relógio soar — e soar, esteja certa, porque o velho balancim de cobre não deterá mais o seu curso —, há de me conceder...

— O quê? — repetiu ela, já nervosa pela expectativa.

Ele calou, fitando os bonitos lábios que queria pedir como recompensa, mas estava tão certo de que a jovem entendera, que julgou inútil falar de modo mais claro.

— Só a alegria de vê-la me bastará... Não cabe a mim, mas a você estabelecer condições. Quais são? O que exige?

Ela lhe foi grata pelo respeito e respondeu rindo:

— O que exijo?

— Sim.

— Posso exigir seja o que for de difícil?

— Tudo é fácil a quem deseja conquistá-la.

— E se meu pedido for impossível?

— Só o impossível me interessa...

Então ela disse:

— Exijo que me devolva uma presilha de corpete antiga, com uma cornalina num engaste de filigrana. Veio de minha mãe, que a recebeu da sua, e todo mundo sabia que tinha dado sorte a ela e dava a mim. Desde que sumiu do cofre em que estava fechada, sou infeliz. Me traga ela de volta, gênio bom.

— Quando lhe foi roubada essa presilha?

Ela teve um acesso de alegria:

— Há sete anos... ou oito... ou nove, não sei mais... Não sei mais onde... Não sei como... Não sei nada...

— Hei de achá-la — afirmou Rénine — e será feliz.

NOTA

1 “Un *aigle*... sur une *roche*.” (N. do T.)

A GARRAFA D'ÁGUA

Quatro dias depois de se instalar em Paris, Hortense Daniel aceitou um encontro, no Bois, com o príncipe Rénine. Numa radiosa manhã, sentaram-se na esplanada do restaurante Imperial, num lugar apartado.

Ela estava feliz por viver, jovial, cheia de graça e sedução. Com receio de espantá-la, Rénine se reteve de aludir ao pacto que lhe propusera. Ela contou sua saída de La Marèze e afirmou que não tinha ouvido mais falar de Rossigny.

— Eu — disse Rénine — ouvi falar dele.

— Ah!

— Sim, me enviou suas testemunhas. O duelo foi hoje de manhã cedo. Picada no ombro de Rossigny. Assunto encerrado.

— Falemos de outra coisa.

Não se tratou mais de Rossigny. Rénine, a seguir, expôs a Hortense o plano de duas expedições que tinha em vista e nas quais lhe ofereceu, sem entusiasmo, participação.

— A melhor aventura — disse — é a que não se prevê. Surge de improviso, sem que nada a anuncie e sem que ninguém, fora os experimentados, note essa oportunidade de agir e se dar que passa ao alcance da mão. Convém aproveitá-la de imediato. Um segundo de hesitação e é tarde demais. Um sentido especial nos adverte, um faro de cão de caça que seleciona o cheiro certo entre todos os que se entrecruzam.

Em volta deles, a parte ao ar livre do restaurante começava a se encher. Na mesa ao lado, um jovem, de que notaram o perfil insignificante e o longo bigode escuro, lia um jornal. De trás, por uma das janelas do restaurante,

vinha um longínquo rumor de orquestra; num dos salões, algumas pessoas dançavam.

Hortense observava cada indivíduo, como se esperasse descobrir num deles o pequeno sinal revelador do drama íntimo, do destino infeliz ou da vocação criminosa.

Quando Rénine ia pagar a conta, o jovem de bigode longo abafou um grito e chamou um dos garçons com voz estrangulada.

— Quanto lhe devo?... Não tem troco? Ah, meu Deus. Ande depressa!...

Sem hesitar, Rénine pegou o jornal dele, deu uma olhada rápida e leu a meia-voz:

— O advogado Dourdens, defensor de Jacques Aubrieux, foi recebido no Palácio do Elysée.² Acreditamos saber que o presidente da República recusou o indulto ao condenado e a execução acontecerá amanhã de manhã.

Tendo o jovem atravessado a esplanada, se achou, sob o pórtico do jardim, ante um senhor e uma dama que lhe interrompiam a passagem, tendo o senhor lhe dito:

— Desculpe-me, mas surpreendi sua emoção. Trata-se de Jacques Aubrieux, não é?

— Sim... sim... Jacques Aubrieux — balbuciou o rapaz. — Jacques, o meu amigo de infância. Corro à casa de sua mulher. Deve estar louca de pesar.

— Posso lhe oferecer minha ajuda? Sou o príncipe Rénine. A senhora e eu ficaríamos contentes em ver a sra. Aubrieux e nos colocar à sua disposição.

O rapaz, transtornado pela notícia que lera, parecia não entender. Sem jeito, se apresentou:

— Dutreuil... Gaston Dutreuil...

Rénine fez um sinal a Clément, seu chofer, que esperava a alguma distância, e levou Gaston Dutreuil ao automóvel, perguntando:

— O endereço? O endereço da sra. Aubrieux?

— É avenida do Roule, 23 *bis*...

Tendo Hortense entrado, repetiu o endereço ao chofer e, a caminho, quis interrogar Gaston Dutreuil.

— Mal conheço o caso. Explique-o em poucas palavras. Jacques Aubrieux matou um parente próximo, não é?

— É inocente, senhor — contestou o jovem, que parecia incapaz de dar a menor explicação. — Inocente, juro. Há vinte anos que sou amigo de Jacques. É inocente... e seria monstruoso...

Não se pôde tirar nada dele. Aliás o trajeto foi rápido. Entraram em Neuilly pela porta dos Sablons e, dois minutos depois, paravam diante de uma estreita e longa aleia, marginada por muros e que os conduziu a um pequeno pavilhão de um só andar.

Gaston Dutreuil bateu.

— A senhora está no salão com a mãe — declarou a criada que abriu.

— Vou conversar com elas — disse, levando Rénine e Hortense.

Era um salão grande e belamente decorado que, em tempos normais, devia servir de gabinete de trabalho. As duas mulheres estavam chorando, e a mais idosa, de cabelos grisalhos, veio ao encontro de Gaston Dutreuil. Este explicou a presença do príncipe Rénine e, em seguida, ela exclamou soluçando:

— O marido de minha filha é inocente, Jacques é o melhor dos homens... um grande coração. Ele, assassinar seu primo!... Mas adorava o primo! Juro-lhe que é inocente, senhor! E vão cometer a infâmia de matá-lo? Ah! É a morte da minha filha.

Rénine compreendeu que estas pessoas viviam, havia meses, na obsessão dessa inocência, e na certeza de que um inocente não podia ser executado. A notícia da execução, agora inevitável, os enlouquecia.

Foi até a pobre e curvada criatura cujo rosto jovem, contornado por belos cabelos louros, estava crispado de desespero. Já Hortense se sentara a seu lado e docemente a atraíra contra si. Rénine lhe disse:

— Senhora, ainda não sei o que possa fazer, mas lhe afirmo sob palavra que, se há alguém no mundo que pode lhe ser útil, sou eu. Peço-lhe, pois, que me responda como se a clareza e a nitidez de suas respostas pudessem mudar a face das coisas, e como se quisesse me fazer partilhar sua opinião sobre Jacques Aubrieux. Porque ele é inocente, não?

— Oh, senhor! — fez ela, num impulso de todo o ser.

— Pois bem, essa certeza, que não pôde comunicar à justiça, cumpre que a imponha a mim. Não lhe peço que entre em detalhes e reviva o seu calvário, mas simplesmente que responda a algumas perguntas. Fará isso?

— Fale, senhor.

Estava dominada. Com algumas frases, conseguira submetê-la e lhe insuflar a vontade de obedecer. E, mais uma vez, Hortense observou tudo o que havia em Rénine de força, autoridade e persuasão.

— Que fazia o seu marido? — perguntou ele, depois de ter solicitado à mãe e a Gaston que se mantivessem em completo silêncio.

— Corretor de seguros.

— Bem de negócios?

— Até o ano passado, sim.

— Portanto, há alguns meses, dificuldades de dinheiro?

— Sim.

— E o crime foi cometido?

— Em março último, um domingo.

— A vítima?

— Um primo afastado, Guillaume, que morava em Suresnes.

— O montante do roubo?

— Sessenta notas de mil francos que esse primo tinha recebido na véspera, em pagamento de uma velha dívida.

— Seu marido sabia?

— Sim. Domingo, o primo lhe tinha dito durante uma conversa telefônica, e Jacques insistiu para que ele não conservasse em casa uma tal soma e a depositasse no dia seguinte num banco.

— Era de manhã?

— A uma da tarde. Jacques deveria justamente ir à casa do sr. Guillaume em sua motocicleta. Mas, muito cansado, lhe avisou que não sairia. E ficou todo o dia aqui.

— Sozinho?

— Sim, só. As duas empregadas estavam de folga. Eu fui a um cinema de Ternes com mamãe e nosso amigo Dutreuil. À noite, soubemos do assassinato do sr. Guillaume. No dia seguinte de manhã, prenderam Jacques.

— Com que acusações?

A infeliz hesitou. As acusações deveriam ser esmagadoras. Logo, a um gesto de Rénine, respondeu num fôlego:

— O assassino foi a Saint-Cloud numa motocicleta, e as marcas deixadas são as da motocicleta de meu marido. Encontrou-se um lenço com as iniciais

de meu marido, e o revólver utilizado lhe pertencia. Enfim, um de nossos vizinhos afirma que às três horas viu meu marido sair de moto, e um outro o viu voltar às quatro e meia. Ora, o crime se deu às quatro.

— E como se defende Jacques Aubrieux?

— Afirma que dormiu toda a tarde. Durante esse tempo, veio alguém, conseguiu abrir a casinha onde estava a moto e foi nela até Suresnes. Quanto ao lenço e ao revólver, estavam na sacola da moto e não admira que o assassino os usasse.

— Essa explicação é plausível.

— Sim, mas a justiça faz duas objeções. Primeiro, ninguém, absolutamente ninguém, sabia que meu marido ia ficar em casa todo o dia, já que, ao contrário, saía de moto todos os domingos à tarde.

— Depois?

A jovem enrubescou e murmurou:

— No escritório do sr. Guillaume, o assassino bebeu a metade de uma garrafa de vinho. Nessa garrafa, estavam as impressões digitais de meu marido.

Parecia ter dado todo o esforço e, ao mesmo tempo, que a esperança inconsciente que suscitara nela a intervenção de Rénine se anulava ante a acumulação das provas. Recaiu sobre si mesma, absorta numa espécie de cisma silenciosa, de que as afetuosas atenções de Hortense não a distraíram.

A mãe balbuciou:

— É inocente, não é, senhor? E não se pune um inocente, não há direito. Não há direito de matarem minha filha. Oh! Meu Deus, meu Deus! Que fizemos para que nos persigam assim? Minha pobre pequena Madeleine...

— Ela vai se matar — dizia Dutreuil com uma voz espantada. — Não suportará a ideia de Jacques guilhotinado. Logo... esta noite... ela vai se matar.

Rénine ia e vinha na sala.

— Não pode fazer nada por ela, não é? — indagou Hortense.

— São onze e meia — replicou com um ar preocupado —, e é amanhã de manhã.

— Julga-o culpado?

— Não sei... não sei... A convicção da infeliz impressiona e não deve ser desdenhada. Quando dois seres viveram lado a lado durante anos, não podem se enganar um sobre o outro a tal ponto. E, no entanto!...

Estendeu-se num canapé e acendeu um cigarro. Fumou três a seguir sem que ninguém interrompesse sua meditação. Às vezes, olhava o relógio. Os minutos tinham tanta importância!

Enfim voltou a Madeleine Aubrieux, segurou-lhe as mãos e lhe disse docemente:

— Não se mate. Até o último minuto nada está perdido e lhe prometo que, de minha parte, até esse último minuto não desanimarei. Mas preciso da sua calma e da sua confiança.

— Estarei calma — afirmou, com um ar lastimoso.

— E terá confiança?

— Terei confiança.

— Bem, me espere. Dentro de duas horas estarei de volta. Vem conosco, sr. Dutreuil?

No momento de entrar no carro, perguntou ao rapaz:

— Conhece um pequeno restaurante, pouco frequentado, não muito longe?

— A cervejaria Lutetia, no térreo da casa em que moro, na praça de Ternes.

— Ótimo, nos será cômodo.

A caminho, quase não falaram. Rénine, porém, indagou de Dutreuil:

— Pelo que me lembro, tem os números das notas, não é?

— Sim, o primo Guillaume tinha registrado os sessenta números num caderninho.

Rénine murmurou, ao fim de um instante:

— Todo o problema está aí. Onde estão essas notas? Quem puser a mão nelas está marcado.

Na cervejaria Lutetia o telefone estava numa sala privativa; Rénine pediu que servissem ali o almoço. Só com Hortense e Dutreuil, pegou o fone num gesto decidido.

— Alô... A polícia, por favor, senhorita. Alô... alô... alô... é da polícia? Queria falar com o serviço da Sûreté. Um assunto da maior importância. É da parte do príncipe Rénine.

Com o fone na mão, virou-se para Gaston Dutreuil.

— Posso chamar alguém aqui, não é? Estaremos inteiramente tranquilos?

— Por certo.

Escutou de novo.

— O secretário do chefe da Sûreté? Ah! Bem, senhor secretário, tive oportunidade de falar com o sr. Dudouis e lhe fornecer sobre diversos assuntos informações que lhe foram úteis. Não há dúvida de que ele há de se lembrar do príncipe Rénine. Hoje poderia lhe indicar o lugar em que estão as sessenta notas de mil francos roubadas pelo assassino Aubrieux ao seu primo. Se minha proposta lhe interessa, que tenha a bondade de me mandar um inspetor na cervejaria Lutetia, na praça de Ternes. Estarei lá com uma senhora e com o sr. Dutreuil, amigo de Aubrieux. Até logo, senhor secretário.

Ao desligar o aparelho, viu diante de si o rosto estupefato de Hortense e de Dutreuil.

Ela falou:

— Você sabe? Então descobriu?

— Ainda nada — respondeu rindo.

— Mas como?

— Vou agir como se soubesse. É um meio como outro qualquer. Almoçemos... o que querem?

A pêndula marcava meio-dia e três quartos.

— No máximo em vinte minutos — disse Rénine —, o inspetor deve estar aqui.

— E se não vier ninguém? — opôs Hortense.

— Vou me admirar. Se fosse dizer ao sr. Dudouis: “Aubrieux é inocente”, não conseguiria nada. Na véspera de uma execução, vá convencer esses senhores da polícia ou da justiça que um condenado à morte seja inocente! Não. Jacques Aubrieux pertence desde já ao carrasco. Mas a perspectiva de sessenta mil é um negócio que justifica o incômodo. Pensem ainda que esse é o ponto fraco da acusação, as notas que não foram achadas.

— Mas se você não sabe nada...

— Querida amiga... permite que a chame assim?... Quando não se pode explicar um fenômeno físico, adota-se uma hipótese qualquer em que todas as manifestações desse fenômeno achem sua explicação e diz-se que tudo se passa como se fosse assim. É o que faço.

— Quer dizer que tem uma hipótese?

Rénine não redarguiu. Só muito depois, no fim da refeição, continuou:

— Claro que alguma coisa eu suponho. Se tivesse vários dias pela frente, me daria ao trabalho de verificar antes essa hipótese, que se apoia tanto em minha intuição quanto na observação de alguns fatos esparsos. Mas tenho apenas duas horas e entro na estrada desconhecida como se estivesse certo de que me levará à verdade.

— E se se engana?

— Não tenho escolha. E já é tarde demais, estão batendo. Ah! Um aviso ainda. Sejam quais forem minhas palavras, não me desminta. Nem você, Dutreuil.

Abriu a porta. Um homem magro, de barba ruiva, entrou.

— O príncipe Rénine?

— Eu, senhor. Da parte do sr. Dudouis, sem dúvida?

— Sim.

E o recém-chegado se apresentou:

— Inspetor principal Morisseau.

— Agradeço sua diligência, inspetor principal — disse o príncipe —, e me contenta mais que o sr. Dudouis o tenha enviado, por conhecer sua folha de serviço e ter seguido com admiração algumas de suas campanhas.

O inspetor se curvou, lisonjeado.

— O sr. Dudouis me pôs à sua inteira disposição, assim como dois inspetores que deixei aí na praça, tendo os dois se ocupado do assunto comigo desde o início.

— Não há de demorar — declarou Rénine —, nem peço que se sente. Convém que isso seja resolvido em alguns minutos. Sabe do que se trata?

— Das sessenta notas de mil francos roubadas ao sr. Guillaume, cujos números estão aqui.

Rénine examinou a lista e afirmou:

— Isso mesmo. Estamos de acordo.

O inspetor Morisseau pareceu comovido.

— O chefe atribui à sua descoberta a maior importância. Assim, poderá me indicar?...

Rénine silenciou um instante e declarou:

— Senhor inspetor, minha busca pessoal, rigorosa, de que o perei a par em seguida, me revelou que, ao voltar de Suresnes, o assassino, depois de levar a moto à sua casinha na avenida do Roule, veio correndo até Ternes e entrou neste prédio.

— Neste prédio?

— Sim.

— Mas que vinha fazer?

Esconder aqui o produto do roubo, as sessenta notas de mil.

— Como? Aqui?

— Num apartamento de que tinha a chave, no quinto andar.

Gaston Dutreuil bradou, assombrado:

— Mas no quinto andar só há um apartamento, e sou eu que moro nele.

— Isso, e como estava no cinema com a sra. Aubrieux e a mãe, se aproveitaram de sua ausência...

— Impossível, só eu tenho a chave.

— Também se entra sem chave.

— Mas não notei nenhum sinal.

Morisseau se interpôs:

— Vamos, nos expliquemos. Diz que as cédulas teriam sido escondidas em casa do sr. Dutreuil?

— Sim.

— E como Jacques Aubrieux foi preso no dia seguinte de manhã, elas ainda ali estariam?

— É o que penso.

Gaston Dutreuil não pôde deixar de rir.

— Mas é absurdo, eu as teria descoberto.

— Procurou?

— Não. Mas passaria por elas a cada instante. O apartamento tem o tamanho da minha mão. Querem ver?

— Por pequeno que seja, há de bastar para conter sessenta pedacinhos de papel.

— Claro. Evidentemente tudo é possível. No entanto, devo lhe repetir que ninguém, a meu ver, entrou em minha casa, que eu mesmo arrumo, e que não entendo muito bem...

Nem Hortense entendia. Com os olhos fitos nos do príncipe Rénine, tentava penetrar ao fundo de seu pensamento. Que jogo ele estaria fazendo? Devia apoiá-lo em suas afirmações? Terminou por dizer:

— Inspetor principal, já que o príncipe Rénine acha que as cédulas foram postas lá em cima, o mais simples não é procurar? O sr. Dutreuil nos conduzirá, não é?

— Em seguida — disse o jovem —, é com efeito o que há de mais simples.

Os quatro escalaram os cinco andares e, tendo Dutreuil aberto o imóvel, penetraram num exíguo apartamento, com dois quartos e dois gabinetes, tudo arrumado com meticulosa ordem. Adivinhava-se que cada uma das poltronas e cada uma das cadeiras do cômodo que servia de sala ocupavam um lugar definitivo. Os cachimbos tinham seu pequeno aparador, os fósforos, o seu. Penduradas em três pregos, se alinhavam em fila, pelo comprimento, três bengalas. Num velador à frente da janela, uma caixa com papel de seda esperava o chapéu que Dutreuil aí colocou com cuidado... Ao lado, sobre a tampa, estendeu suas luvas. Agia pausada e maquinalmente, como quem gosta de ver as coisas na posição que escolheu para elas. Assim, quando Rénine deslocou um objeto, ele esboçou um gesto de protesto; pegou o chapéu, pôs na cabeça e, dando as costas, se debruçou no parapeito, como se fosse incapaz de suportar o espetáculo de semelhantes sacrilégios.

— Afirma, não é? — perguntou o inspetor a Rénine.

— Sim, sim, afirmo que depois do crime as sessenta notas foram trazidas para aqui.

— Procuremos.

Era fácil e foi rapidamente feito. No fim de meia hora, não restava um canto que não tivesse sido explorado, um objeto sem examinar.

— Nada — disse o inspetor Morisseau. — Devemos continuar?

— Não — replicou Rénine. — As notas não estão mais aqui.

— Que quer dizer?

— Que as levaram.

— Quem? Torne precisa sua acusação.

Rénine não respondeu. Mas Gaston Dutreuil deu meia-volta. Sufocava.

— Senhor inspetor, quer que precise, eu, a acusação, tal como se manifesta nas opiniões deste senhor? Tudo isso quer dizer que há um desonesto aqui, que

as notas escondidas pelo assassino foram descobertas, roubadas por esse desonesto e levadas a lugar mais seguro. É essa bem a sua ideia, não é, senhor? E sou eu que acusa desse roubo, não é?

Adiantou-se batendo no peito com força.

— Eu! Eu! Teria achado as notas e guardado para mim! Ousa presumir...

Rénine seguia não respondendo. Dutreuil se arrebatava e, tomando o inspetor Morisseau à parte, bradou:

— Inspetor, protesto energicamente contra toda esta comédia, e contra o papel que interpreta nela sem saber. Antes de sua chegada, o príncipe Rénine nos disse, à senhora e a mim, que não sabia nada, que se metia no assunto ao acaso e seguiria a primeira pista, confiando na sorte. Não é verdade, senhor?

Rénine não se alterou.

— Mas fale! Explique-se, pois alega, sem dar qualquer prova, os fatos mais inverossímeis. É bem fácil dizer que roubei as notas. Mas falta saber se estavam aqui, quem as trouxe, por que o assassino teria escolhido meu apartamento para escondê-las. Tudo isso é absurdo, ilógico e estúpido... Provas, senhor, uma só que seja...

O inspetor Morisseau parecia perplexo e interrogava Rénine com o olhar.

Esse pronunciou, impassível:

— Já que quer precisões, é a própria sra. Aubrieux que as dará. Ela tem telefone, vamos descer e num minuto assentaremos a coisa.

Dutreuil deu de ombros.

— Como queira, mas quanto tempo perdido!

Parecia muito irritado. Sua demora à janela, a um sol ardente, o deixara suando. Foi a seu quarto e voltou com uma garrafa d'água, de que bebeu uns sorvos e pôs na borda da janela.

— Vamos — disse.

O príncipe riu:

— Dir-se-ia que tem pressa de deixar este apartamento.

— Tenho pressa de o desmascarar — contestou Dutreuil, batendo a porta.

Desceram e foram à sala privativa em que estava o telefone. Não tinha ninguém; Rénine pediu o número dos Aubrieux a Gaston Dutreuil e fez a ligação.

Foi a empregada que veio atender. Informou que a sra. Aubrieux, depois de uma crise de desespero, desmaiara e agora estava dormindo.

— Chame a mãe dela. Fala aqui o príncipe Rénine. É urgente.

Passou o fone a Morisseau. Mas as vozes eram tão claras que Dutreuil e Hortense podiam ouvir todas as palavras ditas.

— É a senhora?

— Sim. O príncipe Rénine, não é? Ah, que tem a nos dizer, há alguma esperança? — implorou a dama.

— As buscas prosseguem de modo satisfatório e estão no direito de esperar. De momento, quero que me dê uma informação importante. No dia do crime, Gaston Dutreuil foi aí?

— Sim, depois do almoço, veio nos buscar, minha filha e eu.

— Soube, então, que o primo Guillaume tinha sessenta mil francos em casa?

— Sim, eu lhe disse.

— E que Jacques Aubrieux, um pouco adoentado, não faria o costumeiro passeio de moto e ia ficar dormindo?

— Sim.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— E foram juntos ao cinema os três?

— Sim.

— E viram o filme sentados juntos?

— Não, não havia lugar para os três, e ele foi se sentar mais longe.

— Numa cadeira em que o podiam ver?

— Não, só voltamos a vê-lo na saída.

— Nenhuma dúvida a esse respeito?

— Nenhuma.

— Está bem; dentro de uma hora, a informo sobre os meus esforços. Mas não me acorde a sra. Aubrieux.

— E se ela acordar sozinha?

— Busque tranquilizá-la e lhe dar confiança. Tudo vai cada vez melhor, bem melhor do que esperava.

Largou o fone e se virou para Dutreuil rindo:

— Eh! Eh! Meu jovem, isso começa a tomar porte. Que tem a dizer a propósito?

Qual o sentido dessas palavras e que conclusões Rénine tirara do telefonema? O silêncio pesou penosamente.

— Inspetor, tem gente na praça, não é?

— Dois guardas.

— Há interesse em que estejam aqui. Queira também pedir ao dono do restaurante que não nos estorvem sob nenhum pretexto.

Quando Morisseau voltou, Rénine fechou a porta, pôs-se à frente de Dutreuil e escandiu num tom de bom humor:

— Em suma, jovem, das três às cinco horas daquele domingo as senhoras não o viram. É um fato bastante curioso.

— Um fato bem natural — ripostou Dutreuil — e que, afinal, não prova nada.

— Prova sim, que teve à sua disposição duas boas horas.

— Claro, duas horas em que estive no cinema.

— Ou em outra parte.

Dutreuil o observou.

— Em outra parte?

— Sim, já que estava livre, tinha tempo de ir passear à vontade... Em Suresnes, por exemplo.

— Oh! Oh! — brincou o rapaz por sua vez. — Suresnes é longe.

— Perto! Não tinha a moto do seu amigo Jacques Aubrieux?

Um novo silêncio se seguiu a essas palavras. Dutreuil franziu as sobranceiras como se tentasse entender.

Por fim, cochichou:

— Eis aonde ele queria chegar... Ah! O miserável...

A mão de Rénine caiu sobre seu ombro.

— Nada de conversas, fatos! Gaston Dutreuil, você era a única pessoa que estava a par naquele dia de duas coisas essenciais: primeiro, que o primo Guillaume tinha sessenta mil francos em casa; segundo, que Jacques Aubrieux não devia sair. Imediatamente lhe ocorreu dar o golpe. A moto estava à sua disposição. Esquivou-se durante a sessão do cinema e foi até Suresnes. Matou o

primo Guillaume, pegou os sessenta mil, levou para casa, e às cinco horas reencontrou as damas.

Dutreuil tinha escutado com um ar ao mesmo tempo assustado e folgazão, olhando às vezes para o inspetor Morisseau como para tomá-lo por testemunha e significar:

— É um louco, não adianta lhe querer mal.

Quando Rénine terminou, riu.

— Engraçado... uma boa farsa... Então fui eu que os vizinhos viram ir e voltar de moto?

— Foi você, disfarçado com roupas do seu amigo.

— E foram as marcas dos meus dedos que constataram na garrafa do escritório do primo Guillaume?

— Essa garrafa foi destampada por Jacques Aubrieux, no almoço em sua casa, e foi você que a levou até lá como elemento de prova.

— Cada vez mais engraçado — bradou Dutreuil, que dava a impressão de se divertir francamente. Então arranjei tudo para que Jacques Aubrieux fosse acusado do crime?

— Era o meio mais certo de você não ser acusado.

— Sim, mas Jacques é meu amigo de infância.

— Você gosta da mulher dele.

O rapaz saltou, subitamente furioso.

— Tem a audácia!... Quê! Uma tal infâmia!

— Tenho a prova disso.

— Mentira, sempre tive pela sra. Aubrieux um respeito, uma veneração...

— Na aparência. Mas gosta dela e a deseja. Não diga que não, que tenho todas as provas.

— Mentira! Me conheceu agora.

— Vamos, há dias que o observo na sombra e espero o momento de lhe saltar em cima.

Agarrou o rapaz pelos ombros e o sacudiu com violência.

— Vamos, Dutreuil, confesse. Tenho todas as provas. Tenho testemunhas que veremos em seguida diante do chefe da Sûreté. Confesse! Apesar de tudo, está atormentado por remorsos. Recorde o seu espanto no restaurante quando leu o jornal. Hein! Jacques Aubrieux condenado à morte!... Não queria tanto.

A cadeia para ele bastava a você. Mas o cadafalso... Jacques Aubrieux executado amanhã, ele que é inocente! Confesse para salvar a sua cabeça. Confesse!

Curvado sobre ele, com todas as forças, tentava lhe arrancar a confissão. Mas o outro se empertigou e, friamente, com uma espécie de desdém, disse:

— Você está louco. Nenhuma palavra do que disse tem senso comum. Todas as suas acusações são falsas. E as cédulas, por acaso as achou no meu apartamento, como afirmava?

Exasperado, Rénine lhe mostrou o punho.

— Ah! Canalha, vou te tirar a pele!

Puxou a si o inspetor:

— Bem, o que acha? Um safado consumado, não é?

O inspetor moveu a cabeça.

— Talvez... Mas, enfim, até aqui, nenhuma acusação real...

— Aguarde, sr. Morisseau, aguarde nossa entrevista com o sr. Dudouis. Pois o encontraremos na repartição, não é?

— Sim, lá estará às três horas.

— Bem, há de ficar satisfeito, inspetor principal! Antecipo que ficará satisfeito.

Rénine sorriu como alguém seguro dos acontecimentos. Hortense, que estava perto dele e podia lhe falar sem ser ouvida pelos outros, disse em voz baixa:

— Agarrou-o, não é?

Aquiesceu com a cabeça.

— Se agarrei! Isto é, não estou mais adiantado que no primeiro minuto.

— Que horror! E as suas provas?

— Nem sombra de uma prova... Esperava desmontá-lo, mas o safado se refez.

— E tem certeza de que foi ele?

— Só podia ser ele. Tive a intuição de saída, e desde aí o mantenho à vista. Vi aumentar sua preocupação, na medida em que minhas buscas giravam em volta dele e apertavam o cerco. Agora, eu sei.

— E ama mesmo a sra. Aubrieux?

— Logicamente, sim. Mas tudo isso são suposições teóricas, ou antes, certezas que me são pessoais. Não com isso se deterá o cutelo da guilhotina. Ah,

se achássemos as cédulas, o sr. Dudouis iria por nós. Caso contrário, nos rirá na cara.

— E aí? — murmurou Hortense, com o coração confrangido.

Ele não contestou. Andava pelo aposento, ostentando contentamento e esfregando as mãos. Tudo ia às maravilhas. Era agradável tratar de assuntos que, por assim dizer, se resolviam sozinhos.

— E se fôssemos para a polícia, sr. Morisseau? O chefe já deve estar lá e, no ponto em que estamos, o certo é acabar logo. O sr. Dutreuil quer nos acompanhar?

— Por que não? — disse este com arrogância.

Mas no momento em que Rénine abria a porta, houve um barulho no corredor e o dono do restaurante correu gesticulando.

— O sr. Dutreuil ainda está aí? Fogo no seu apartamento, senhor! Um passante nos avisou... viu da praça.

Os olhos do rapaz fulguraram. Por meio segundo talvez, sua boca careteou um sorriso que Rénine percebeu.

— Ah, bandido — bradou —, te traíste! Foste tu que puseste fogo lá em cima e agora as notas estão queimando.

Barrou-lhe a passagem.

— Me deixe — berrava Dutreuil. — Há um incêndio e ninguém pode entrar, ninguém tem a chave. Olhe, é esta aqui... Me deixe passar, inferno!

Rénine lhe arrancou a chave da mão e o segurou pela gola:

— Não te movas, menino. Agora a partida está ganha. Ah! Tratante... sr. Morisseau, quer dar ordem ao seu auxiliar de não o perder de vista e lhe estourar os miolos se tentar fugir? Contamos com o senhor, senhor policial. Uma bala na cabeça...

Subiu correndo a escada, seguido por Hortense e o inspetor principal, que, mal-humorado, protestava:

— Ora, não foi ele que pôs o fogo, não saiu de perto de nós.

— Ele o preparou de antemão.

— Como, insisto, como?

— Vou eu saber! Mas um incêndio não acontece por acontecer, sem razão, bem no momento em que se precisa queimar papéis comprometedores.

Ouviu-se barulho lá em cima. Eram os garçons da cervejaria que tentavam arrombar a porta. Um cheiro acre enchia o patamar da escada.

Rénine chegou ao último andar.

— Um momento, amigos, tenho a chave!

Meteu-a na fechadura e abriu.

Uma onda de fumaça lhe veio ao encontro com tal violência que se acreditaria que o andar inteiro estava queimando. Mas Rénine reparou em seguida que o incêndio se extinguiu por si, na falta de comburente, e que não havia mais chamas.

— Sr. Morisseau, que ninguém entre conosco, combinado? O menor importuno poderia estragar tudo. Feche a porta com o ferrolho, será melhor.

Passou à sala da frente, onde era visível que o incêndio tivera o foco principal. Mas móveis, paredes e forro, embora enegrecidos pelo fumo, não tinham sido atingidos. Na realidade, tudo se reduzia a uma chamarada de papéis que ainda se consumiam em meio ao cômodo, ante a janela.

Rénine bateu na testa.

— Triplo imbecil! Como fui bobo!

— Quê? — fez o inspetor.

— A caixa de chapéu em cima da mesinha. Foi ali que escondeu as notas. E ali estavam ainda há pouco, durante a nossa busca.

— Impossível!

— Oh, se esquece sempre o esconderijo mais em vista, ao alcance da mão! Como imaginar que um ladrão deixe sessenta mil francos numa caixa de chapéu aberta, onde ponha o chapéu ao entrar, num gesto automático. Nem se olha para ela... Belo truque, sr. Dutreuil!

O inspetor, que permanecia incrédulo, repetiu:

— Não, não, impossível. Estávamos com ele e não poderia atear o fogo.

— Tudo estava arrumado previamente na hipótese de um alarme. A caixa... os papéis de seda, as cédulas deviam estar impregnadas com alguma substância inflamável. No momento de sair, jogou um fósforo ou um produto químico, não sei.

— Mas teríamos visto, diabo. E é admissível que um homem que matou para roubar sessenta mil francos as destruísse desse modo? Se o esconderijo era tão bom — e era, já que não descobrimos —, por que essa destruição inútil?

— Teve medo, sr. Morisseau. Não esqueçamos de que está em jogo a sua cabeça. Tudo menos a guilhotina, e isso, as notas, era a única prova que se podia ter contra ele. Não a iria conservar.

Morisseau ficou perplexo.

— Como, a única prova?...

— É evidente!

— Mas suas testemunhas, suas acusações? Tudo o que devia contar ao chefe?

— Blefe.

— Puxa! O senhor tem peito!

— Teriam vocês se mexido sem isso?

— Não.

— Então, por que se queixa?

Rénine se abaixou para remexer as cinzas. Mas não sobrava nem mesmo esses restos de papel enrijecidos que ainda guardam a forma original.

— Nada. Mas não deixa de ser engraçado. Como diabo fez para acender o fogo?

Ergueu-se e refletiu, com os olhos atentos. Hortense teve a impressão de que fazia um supremo esforço e que, depois desse último combate no escuro, teria seu plano de vitória ou se reconheceria vencido.

Desanimada, inquireu ansiosa:

— Tudo está perdido, não é?

— Não... não... — disse, pensativo — nem tudo. Há uns segundos, sim. Mas um clarão que surge me dá esperança.

— Oh! Meu Deus, se isso pudesse ser verdade!

— Mais devagar — disse. — É apenas uma tentativa... uma bela tentativa... e que pode ter êxito.

Calou-se um momento, teve um sorriso divertido e disse, com um estalo de língua:

— Dureza, o Dutreuil! Esse modo de queimar as notas... que invenção!... E que sangue-frio! O animal está me dando um osso duro de roer. É um mestre.

Procurou uma vassoura e varreu parte das cinzas para o cômodo ao lado. Daí trouxe também uma caixa de chapéu do mesmo tamanho e aparência da

que fora queimada e pôs no velador, depois de ter revolido e queimado os papéis de seda que a enchiam, com um fósforo.

As chamas assomaram, e ele as extinguiu quando tinham consumido a metade da caixa e quase todos os papéis. De um bolso interno do colete, tirou um maço de cédulas, pegou seis que queimou quase inteiramente, arrumou os restos e escondeu no fundo da caixa, entre as cinzas e os papéis enegrecidos.

— Sr. Morisseau — disse enfim —, peço pela última vez a sua ajuda. Vá buscar Dutreuil. Diga-lhe simplesmente estas palavras: “Está desmascarado, as notas não pegaram fogo. Me siga”, e o traga aqui.

Apesar de suas hesitações e do receio de ultrapassar a missão que lhe havia conferido o chefe da Sûreté, o inspetor principal não pôde se furtar à ascendência que Rénine ganhara sobre ele. Saiu.

Rénine se virou para a moça.

— Entende meu plano de luta?

— Sim, mas a prova é arriscada. Julga que Dutreuil cairá no laço?

— Tudo depende do estado de seus nervos e até que ponto está desmoralizado; um ataque brusco pode perfeitamente destruí-lo.

— E se reconhecer, por algum sinal, a troca da caixa?

Ah, por certo nem todas as possibilidades estão contra ele. O malandro é bem mais sabido do que eu pensava e muito capaz de se safar. De outro lado, como deve estar preocupado! Como o sangue deve lhe zumbir nos ouvidos e lhe embaçar os olhos! Não, não acredito que aguarde o golpe. Vai desabar.

Não falaram mais. Rénine não se movia. Hortense estava bastante perturbada. Tratava-se da vida de um homem inocente. Um erro de tática, uma falta de sorte, e doze horas mais tarde Jacques Aubrieux seria executado. E ao mesmo tempo que uma horrível angústia, sentia, apesar de tudo, uma curiosidade ardente. Que ia fazer o príncipe? Que resultaria da experiência tentada? Como resistiria Gaston Dutreuil? Vivia um desses momentos de tensão sobre-humana, em que a vida se intensifica e ganha todo o valor.

Perceberam-se passos na escada. Passos de homens com pressa. O ruído se aproximava. Chegavam ao último andar.

Hortense fitou o companheiro. Tinha levantado. Escutava, com o rosto já transformado pela ação. No corredor, passos soaram. Súbito, ele se distendeu como uma mola, correu para a porta e gritou:

— Rápido!... Terminemos!

Os inspetores e dois rapazes da cervejaria entraram. No grupo dos inspetores, agarrou Dutreuil e o puxou pelo braço, dizendo com alegria:

— Bravo, meu velho! O truque do velador e da garrafa, admirável! Uma obra-prima! Acontece que acabou falhando.

— Que é que houve? — resmungou o jovem, cambaleando.

— Por Deus, sim, o fogo não consumiu senão a metade dos papéis de seda e da caixa, e, se houve cédulas queimadas junto com os papéis, as outras estão ali no fundo... Ouviste? As famosas cédulas... a grande prova do crime... estão ali, onde as tinhas escondido. Por acaso não queimaram. Anda, olha... eis os números... podes conferir... Ah! Estás perdido, sabidão.

O rapaz se contraiu. Seus olhos piscavam. Não olhava, como lhe sugerira Rénine, não examinava nem a caixa nem as notas. Num primeiro impulso, sem se dar tempo de pensar e sem que seu instinto o advertisse, acreditou e, brutalmente, caiu numa cadeira chorando.

O ataque brusco, segundo a expressão de Rénine, tivera êxito. Vendo seus planos desmascarados e o inimigo senhor dos seus segredos, o miserável não teve mais a força nem a lucidez necessárias para se defender. Desistiu da partida.

Rénine não o deixou respirar.

— Em boa hora! Salva tua cabeça, simplesmente, menino. Escreve tua confissão para te livrares do pior. Olha, uma caneta... Ah, te falta o ânimo, vá. Foi, no entanto, bem bolado o teu truque do último momento. Não é? Possui umas cédulas que incomodam e que quer destruir. Nada mais fácil. Coloca na borda da janela uma garrafa bojuda. O cristal servirá de lente, concentrando os raios do sol sobre a caixa e as tiras de seda convenientemente arrumadas. Dez minutos depois, isso arde. Invenção maravilhosa! E tal como todas as grandes descobertas, essa também surgiu por acaso, não é? A maçã de Newton?... Um dia, o sol, ao passar pela água dessa garrafa, terá feito arder algum trapinho fino ou a cabeça de um fósforo e, como tinhas há pouco o sol a teu dispor, disseste contigo “vamos em frente” e colocaste a garrafa no lugar certo. Parabéns, Gaston. Olha, uma folha de papel. Escreve: “Sou eu o assassino do sr. Guillaume.” Escreve, arre!

Curvado sobre o rapaz, com toda sua implacável vontade, constrangeu-o a escrever, guiando-lhe a mão e lhe ditando a frase. Sem energia, esgotado, Dutreuil escreveu.

— Senhor inspetor principal, está aqui a confissão — disse Rénine. — Leve-a, por favor, ao sr. Dudouis. Estes senhores, estou certo — dirigiu-se aos garçons da cervejaria —, consentirão em servir de testemunhas.

Como Dutreuil, acabrunhado, não se mexesse, o empurrou.

— Ô camarada, acorda. Já que foste bastante tolo para confessar, vai ao fim da tua obrigação, idiota.

O outro o observou, de pé diante dele.

— Claro — continuou Rénine. — Não passas de um crédulo. A caixa ficou inteiramente queimada, e as notas também. Esta caixa aí é uma outra, meu velho, e estas notas são minhas. Queimei mesmo seis para te fazer engolir melhor a coisa. E não desconfiaste de nada. Estavas apatetado. No último momento me deu uma prova, quando eu não tinha nenhuma! E que prova! Tua confissão escrita! E escrita diante de testemunhas! Escuta, menino, se te cortarem a cabeça, como de fato espero, estará bem merecido. Adeus, Dutreuil.

Na rua, o príncipe Rénine pediu a Hortense Daniel que tomasse o automóvel e fosse à casa de Madeleine Aubrieux pô-la ao corrente.

— E você? — perguntou Hortense.

— Tenho muito que fazer... Encontros urgentes.

— Como, nega-se à alegria de anunciar a notícia?...

— É uma alegria que acaba cansando. A única alegria que se renova sempre é a do combate. Depois, o resto perde interesse.

Ela lhe pegou a mão e a reteve nas suas um instante. Teria querido exprimir toda a sua admiração por este homem estranho que parecia praticar o bem como um esporte, e o fazia com uma espécie de gênio. Mas não pôde falar. Aqueles acontecimentos todos a transtornavam. A emoção lhe apertava a garganta e molhava os olhos.

Ele se inclinou, afirmando:

— Obrigado. Está me dando a recompensa.

NOTA

2 Prédio famoso, construído em 1718 e, desde 1873, residência dos presidentes da República. (N. do T.)

THÉRÈSE E GERMAINE

O fim da temporada estava tão ameno que, a 2 de outubro, de manhã, várias famílias, que retardaram a volta de suas casas de veraneio em Étretat, tinham descido à praia. Entre as falésias e nuvens do horizonte, o mar se diria um lago de montanha dormindo no côncavo de rochas que o retém, não houvesse no ar aquela leveza e no céu as cores pálidas, ternas, indefinidas que dão a certos dias da região um encanto tão particular.

— Que delícia! — murmurou Hortense.

E acrescentou, após um momento:

— Mas, de qualquer modo, não viemos gozar os espetáculos da natureza, ou para questionar se esta enorme agulha de pedra, erguida à nossa esquerda, foi de fato a residência de Arsène Lupin.

— Não — declarou o príncipe Rénine —, e devo reconhecer, com efeito, que é tempo de satisfazer a sua legítima curiosidade... ao menos em parte, pois dois dias de observações e buscas ainda nada me adiantaram no que esperava achar aqui.

— Estou ouvindo.

— Não demorará, mas é preciso uma palavra de preâmbulo. Admitirá, cara amiga, que, se me esforço por ser útil a meus semelhantes, sou obrigado a ter, de um lado e outro, amigos que me assinalem oportunidades para agir. Não raro os avisos que me dão me parecem fúteis ou pouco interessantes, e eu passo. Mas, na semana passada, recebi a informação de um telefonema surpreendido por um de meus correspondentes e cuja importância não há de lhe escapar. Do seu apartamento em Paris, uma dama falava com um senhor em trânsito num hotel de uma grande cidade próxima. O nome da cidade, o

do senhor, o da dama — mistérios. Os dois falavam em espanhol, mas usando essa gíria que se chama de javanês, e suprimindo mesmo muitas sílabas. Apesar das dificuldades acumuladas por eles, se toda sua conversa não foi anotada, se conseguiu, porém, pegar o essencial das coisas bem graves que se diziam e punham tanto zelo em dissimular. E o essencial pode ser resumido em três pontos: primeiro, esse senhor e essa senhora, que são irmãos, aguardavam um encontro com uma terceira pessoa, casada, e *desejosa de recuperar a qualquer preço sua liberdade*; segundo, esse encontro, destinado a acertar os relógios e em princípio marcado para 2 de outubro, devia ser confirmado por um anúncio discreto num jornal; terceiro, a entrevista de 2 de outubro seria seguida, no fim do dia, de um passeio nos rochedos, ao qual a terceira pessoa levaria aquele ou aquela de que procurava se desembaraçar. Eis as bases do caso. É dispensável que lhe diga com que atenção vigiei e fiz vigiar os pequenos anúncios da imprensa parisiense. Ora, anteontem de manhã, li num deles esta linha:

“Ectro, 2 out. m-dia, 3-Mathildes.”

“Como se falava em rochedos, deduzi que o crime seria cometido numa praia, e como conheço em Étretat um lugar chamado de Três Mathildes, um nome incomum, partimos no mesmo dia para obstar o projeto desses torpes personagens.”

— Que projeto? — indagou Hortense. — Fala em crime. Simples hipótese, sem dúvida?

— De modo algum. A conversa ouvida aludia a um casamento, do irmão ou da irmã com a mulher ou o marido da terceira pessoa, o que implica a possibilidade de um crime, isto é, no caso, que a vítima referida, mulher ou marido da terceira pessoa, será atirada de um precipício nesta tarde de 2 de outubro. Tudo isso é perfeitamente lógico e não deixa nenhum espaço para dúvidas.

Estavam sentados na varanda do cassino, diante da escada que desce para a praia. Dominavam assim algumas cabines particulares instaladas no chão de seixos, e diante das quais quatro senhores jogavam bridge, enquanto um grupo de senhoras conversava fazendo bordados.

Mais distante e mais à frente, havia outra cabine, isolada e fechada.

Uma meia dúzia de crianças, de pernas nuas, brincava na água.

— Bem — disse Hortense —, toda esta doçura e encanto outonal não me prendem. Atribuo, de qualquer forma, tal crédito a todas as suas hipóteses que não posso me afastar do temível problema.

— Temível, minha amiga, a palavra é adequada, e creia que desde anteontem o estudo sob todas as facetas. Infelizmente, em vão!

— Em vão — ela repetiu. — Então, que sucederá?

E quase para si mesma, continuou:

— Entre estes aí, quem está ameaçado? A morte já escolheu sua vítima. Qual? Esta jovem loura que se embala rindo? O respeitável senhor que está fumando? E quais são os que escondem no íntimo a ideia do crime? Estas pessoas estão tranquilas e se divertem. Porém a morte evolui em volta delas.

— Graças a Deus — disse Rénine —, se apaixonou, você também. Não lhe tinha dito? Tudo é aventura e só aventura conta. Ao sopro do que pode acontecer, já está fremindo. Participa em todos os dramas que palpitam a seu redor, e o sentido do mistério desperta no fundo do seu ser. Repare, com que olhar agudo observa este casal que chega! Nunca se sabe. Talvez seja este o homem que quer suprimir a esposa... Ou esta mulher que sonha em terminar com o marido...

— Os d'Imbreval? Nunca na vida. Um casal excelente. Ontem, no hotel, conversei bastante com a mulher e você mesmo...

— Ah, eu joguei golfe com Jacques d'Imbreval, que banca um pouco o atleta, e brinquei de boneca com suas duas filhinhas que são encantadoras.

Os d'Imbreval se acercaram, foram trocadas umas palavras. A mulher contou que as duas filhas tinham regressado a Paris de manhã, com a governanta. Seu marido, tipo grande e saudável de barba loura, que levava no braço o casaco de flanela e enchia o peito sob uma camisa de malha aberta, se queixou do calor.

— Thérèse, tens a chave da cabine? — perguntou à mulher, ao deixarem Rénine e Hortense e parando no topo da escada, a uns dez passos.

— Está aqui — disse a mulher. — Vais ler os jornais?

— Sim. A menos que se dê um passeio juntos.

— De tarde, queres? Nesta manhã, tenho dez cartas a escrever.

— Combinado. Subiremos aos rochedos.

Hortense e Rénine se fitaram com surpresa. O anúncio desse passeio seria ocasional, ou estavam, contrariando a expectativa, na presença do próprio par que procuravam?

Hortense tentou rir.

— Meu coração bate com força — sussurrou. — No entanto, me recuso a crer numa coisa tão inverossímil. “Meu marido e eu nunca tivemos uma única discussão”, ela me disse. Não, está claro que são pessoas que se entendem às maravilhas.

— Veremos daqui a pouco, em Três Mathildes, se um dos dois vai se encontrar com o irmão ou a irmã.

O sr. d’Imbreval desceu a escada, enquanto a mulher permanecia apoiada na balaustrada do patamar. Tinha uma bonita silhueta, fina e ágil. Seu perfil se destacava com nitidez, acentuado por um queixo que avançava um pouco demais. Tranquilo, sem um sorriso, o rosto dava uma impressão de tristeza e sofrimento.

— Jacques, perdeste alguma coisa? — gritou a seu marido, que tinha se abaixado nos seixos.

— Sim, a chave — disse ele — me escapou da mão.

Ela foi lá procurar também. Durante dois ou três minutos, desviando-se para direita e ficando contra o declive, eles sumiram aos olhos de Hortense e Rénine. O barulho de uma disputa que irrompera mais longe, entre os jogadores de bridge, cobria a voz dos dois.

Levantaram-se quase ao mesmo tempo. A sra. d’Imbreval subiu lentamente alguns degraus da escada e parou, virada para o lado do mar. Ele levava o casaco no ombro e ia para a cabine isolada. No caminho, os jogadores de bridge o tomaram como testemunha, mostrando-lhe as cartas abertas na mesa. Com um gesto, recusou dar seu parecer e se afastou; transpôs os quarenta passos que o afastavam de sua cabine, abriu e entrou.

Thérèse d’Imbreval voltou ao patamar e ficou durante dez minutos sentada num banco. A seguir, saiu do cassino. Inclinando-se, Hortense a viu penetrar num dos chalés que formam o anexo do hotel Hauville e voltou a vê-la um instante depois na varanda do chalé.

— Onze horas — notou Rénine. — Que seja ela ou ele, ou um dos jogadores, ou uma das companheiras dos jogadores, seja quem for, não passará

mais muito tempo antes de que se dirija ao encontro.

Passaram assim mesmo vinte minutos, logo 25 e ninguém se mexia.

— A sra. d'Imbreval talvez tenha ido para lá — insinuou Hortense, que já estava se enervando. — Não está mais na varanda.

— Se estiver no Três Mathildes — disse Rénine —, vamos surpreendê-la ali.

Levantou-se, enquanto nova briga agitava os jogadores e um deles exclamava:

— Consultemos d'Imbreval.

— Que seja — disse um outro —, aceito, se ele quiser servir de juiz. Não estava muito disposto há pouco.

Chamaram:

— D'Imbreval! D'Imbreval!

Notaram então que d'Imbreval devia ter fechado a porta, o que o manteria em semiobscuridade, pois essas cabines não têm janela.

— Dorme — bradaram. — Vamos acordá-lo.

— D'Imbreval! D'Imbreval!

Os quatro foram até lá, insistiram nos chamados e, não tendo resposta, bateram na porta.

— Que é que há, d'Imbreval, está dormindo?

Hortense se admirou. Ele disse num sussurro:

— Contanto que não seja tarde demais!

Hortense ia interrogá-lo, mas ele se precipitou pela escada e correu até a cabine. Os jogadores tentavam arrombar a porta.

— Alto! — ordenou. — As coisas devem ser feitas de forma correta. — Que coisas? — indagaram-lhe.

Examinou as persianas acima de cada lado da porta e, reparando que uma das tabuinhas de cima estava quebrada pelo meio, se suspendeu por ali como pôde ao teto da cabine e deu uma olhadela no interior.

Vivamente lhe inquiriam:

— Que houve? Pode ver?

Virou-se e disse aos quatro senhores:

— Bem achei que, se o sr. d'Imbreval não respondia, era porque algo grave o impedia.

— Algo grave?

— Sim, há todo motivo para pensar que está ferido... ou morto.

— Como, morto? — bradaram. — Acaba de nos deixar.

Rénine puxou a faca, fez a fechadura trabalhar e abriu os dois lados da porta.

Houve gritos de terror. O sr. d'Imbreval jazia no soalho, de barriga para baixo, com as mãos crispadas agarrando o casaco e o jornal. Sangue corria de suas costas e avermelhava a camisa.

— Ah! — alguém disse. — Se matou.

— Como se matou? — indagou Rénine. — O ferimento é no meio das costas, num lugar em que a mão não alcança. E ademais não há armas na cabine.

Os jogadores protestaram.

— Um crime, então? Mas é impossível. Ninguém veio aqui. Teríamos visto. Ninguém podia passar sem que nós víssemos...

Outros senhores, as damas e as crianças que brincavam à beira d'água tinham ocorrido. Rénine proibiu a aproximação à cabine. Havia ali um doutor; só ele entrou. Mas pôde apenas constatar a morte do sr. d'Imbreval, provocada por uma punhalada.

Neste momento, o prefeito e o guarda campestre chegavam com pessoas do local. As verificações de praxe foram feitas e transportaram o cadáver.

Algumas pessoas tinham ido prevenir Thérèse d'Imbreval, que se via de novo em sua varanda.

Assim, o drama se consumara sem que nenhuma indicação permitisse compreender como um homem, encerrado numa cabine, protegido por uma porta fechada, com a fechadura intacta, pôde ter sido assassinado em alguns minutos e diante de vinte testemunhas, o que é dizer vinte espectadores. Ninguém tinha entrado na cabine. Ou saído. O punhal, que lhe espetaram entre os ombros, não chegou a ser encontrado. E tudo isso traria a ideia de um passo feito por um hábil mágico, não se tratasse de um horrível crime, realizado nas condições mais misteriosas.

Hortense não pôde seguir, como Rénine teria desejado, o grupinho de gente que foi encontrar a sra. d'Imbreval. A emoção a paralisava. Era a primeira vez que suas aventuras com Rénine a levavam ao coração dos

acontecimentos e que, em vez de lidar com as consequências de um crime ou participar da busca dos culpados, se achava ante o próprio crime.

Persistia arrepiada e balbuciou:

— Que horror!... O pobre!... Ah, Rénine, este não pôde salvar. E é isso o que acima de tudo me perturba, que teríamos podido... podido salvá-lo, já que sabíamos do conluio...

Rénine a fez respirar um vidrinho de sais, e quando ela recuperou seu sangue-frio, ele lhe disse, observando-a com atenção:

— Julga então que há relação entre este assassinato e o conluio que queríamos impedir?

— Certamente — assentiu, surpreendida com a pergunta.

— Logo, como a trama era urdida por um marido contra a mulher ou por uma mulher contra o marido, e como foi o marido que foi morto, admite que a sra. d’Imbreval?...

— Oh, não, impossível — objetou. — Para começar, a sra. d’Imbreval não deixou seu alojamento. E logo não posso crer que esta bonita mulher seja capaz... Não, não, é evidente que há outra coisa.

— Que outra coisa?

— Não sei. Talvez tenham entendido mal o que foi dito entre o irmão e a irmã. Vê bem que o crime foi cometido em condições diferentes... em outra hora e outro lugar.

— E, em consequência — terminou Rénine —, os dois casos não têm qualquer relação?

— Ah, não se pode entender nada! Tudo soa tão estranho!

Rénine soltou uma tirada irônica.

— Minha aprendiz não está me fazendo honra hoje.

— Em quê?

— Ora! Eis uma história bem simples, que se consumou a nossos olhos, que viu se desenrolar como a cena de um filme, e tudo isso permanece para você tão obscuro como se ouvisse falar de um caso passado num subterrâneo a trinta léguas daqui!

Hortense ficou consternada.

— Que está dizendo? Como! Entendeu? Na base de que indicações?

Ele fitou o relógio.

— Não entendi *tudo* — disse. — O crime em si, na sua brutalidade, sim, mas para o essencial, a psicologia do crime, não há qualquer indicação. Mas é meio-dia. O irmão e a irmã, vendo que ninguém vem ao encontro de Três Mathildes, descerão até a praia. Não julga que então seremos informados sobre o cúmplice que os acuso de ter, e sobre a relação que há entre os dois casos?

Chegaram à esplanada que margina os chalés Houville, e onde os pescadores puxam seus barcos com a ajuda de cabrestantes. Havia muitos curiosos na porta de um dos chalés. Dois funcionários de guarda proibiam a entrada.

O prefeito atravessou o grupo com energia. Voltava do correio, onde fora telefonar ao Havre. No ministério público, responderam que o procurador da República e um juiz de instrução iriam a Étretat de tarde.

— Isso nos dá o tempo de almoçar — comentou Rénine. — A tragédia não se encenará antes das duas ou três horas. E tenho ideia de que será longa.

Andaram, porém, depressa. Hortense, superexcitada pelo cansaço e o desejo de saber, não parava de fazer perguntas a Rénine, que respondia evasivamente, com os olhos postos na esplanada que se via pelas vidraças da sala de refeições.

— São eles que está espreitando?

— Sim, o irmão e a irmã.

— Tem certeza de que eles vão se arriscar?...

— Atenção! Chegaram.

Ele se retirou com rapidez.

No fim da rua principal, um senhor e uma senhora avançavam com indecisão, como se não conhecessem o lugar. O irmão era um homenzinho descarnado, de tez morena, com um boné de automobilista. A irmã, também pequena, forte, com um longo casacão, lhes pareceu uma mulher já madura, mas bonita ainda, sob o veuzinho que lhe cobria o rosto.

Notando os grupos que se aproximavam e detinham, o andar de ambos traía uma vacilação preocupada.

A irmã abordou um marinheiro. Desde as primeiras palavras, sem dúvida ao lhe anunciarem a morte de d'Imbreval, soltou um grito e procurou abrir passagem. O irmão, por sua vez, informado, afastava as pessoas com os cotovelos e bradou aos funcionários:

— Sou um amigo de d’Imbreval!... Meu cartão, Frédéric Astaing... Minha irmã, Germaine Astaing, é íntima da sra. d’Imbreval!... Nos esperavam... Tínhamos um encontro!...

Deixaram os dois passar. Sem dizer nada, Rénine, que ficara atrás deles, os seguiu, junto com Hortense.

No segundo andar, os d’Imbreval ocupavam quatro quartos e um salão. A irmã correu a um dos quartos e se ajoelhou diante do leito em que tinham estendido o cadáver. Thérèse d’Imbreval estava no salão e soluçava no meio de algumas pessoas silenciosas. O irmão se sentou perto dela, lhe agarrou as mãos ardentemente e pronunciou numa voz que tremia:

— Minha pobre amiga... minha pobre amiga...

Rénine e Hortense examinaram demoradamente o par que formavam, e Hortense cochichou:

— Por este indivíduo ela teria matado? Impossível.

— Porém — notou Rénine —, se conhecem e sabemos que Frédéric Astaing e sua irmã conhecem uma terceira pessoa, com eles acumpliciada. De modo que...

— Impossível — repetiu Hortense.

Apesar das presunções, sentia pela moça uma tal simpatia que, quando Frédéric Astaing se ergueu, foi se sentar junto à sra. d’Imbreval e a consolou com voz doce. As lágrimas da infeliz a comoviam profundamente.

Quanto a Rénine, se concentrou desde a saída à espreita do irmão e da irmã, como se isso tivesse importância, e não perdia de vista Frédéric Astaing que, com ar indiferente, fazia uma minuciosa inspeção do apartamento, visitou o salão, entrou em todos os quartos, misturou-se aos grupos e fez perguntas sobre o modo como o crime tinha sido cometido. Por duas vezes sua irmã veio lhe falar. Logo ele voltou à sra. d’Imbreval e sentou de novo a seu lado, cheio de compaixão e solicitude. Enfim teve com a irmã, no vestíbulo, um demorado acerto, separando-se em seguida, como quem se pôs de acordo sobre todos os pontos. Frédéric foi embora. A manobra durara bem, de trinta a quarenta minutos.

Nesse momento surgiu diante dos chalés o automóvel que trazia o juiz de instrução e o procurador. Rénine, que esperava essa chegada para mais tarde, falou a Hortense:

— Temos de nos mexer. Não se afaste a nenhum preço da sra. d’Imbreval.

Preveniram as pessoas, cujo depoimento podia ter alguma utilidade, que fossem se reunir na praia, onde o juiz de instrução começava um inquérito preliminar. Devia, a seguir, falar com a sra. d’Imbreval. Assim, todas as pessoas presentes saíram. Só ficaram os dois guardas e Germaine Astaing.

Esta se ajoelhou uma última vez ao pé do morto e, curvada diante dele, com a cabeça nas mãos, rezou longamente. Em seguida se levantou e abriu a porta da escada, quando Rénine se antecipou.

— Tenho umas palavras a lhe dizer, senhora.

Pareceu surpreendida e replicou:

— Diga. Estou ouvindo.

— Não aqui.

— Onde?

— Ao lado, no salão.

— Não — recusou vivazmente.

— Por quê? Embora não tenha sequer lhe apertado a mão, suponho que a sra. d’Imbreval seja sua amiga?

Não lhe deu tempo para pensar e a levou ao outro aposento, fechando a porta, e correndo de imediato à sra. d’Imbreval, que queria sair para seu quarto, disse:

— Não, senhora, ouça, lhe peço. A presença da sra. Astaing não deve afastá-la. Temos de falar sobre coisas muito graves e sem a perda de um minuto.

Diante uma da outra, as duas mulheres se fitaram com recíproca expressão de ódio implacável, adivinhando-se em ambas um fundo transtorno e uma raiva contida semelhantes. Hortense, que as julgava amigas, que até certo ponto podia considerá-las cúmplices, receou o choque que previa e fatalmente ia se produzir. Forçou Thérèse d’Imbreval a sentar de novo, enquanto Rénine se punha no meio da sala e articulava com firmeza:

— O acaso, pondo-me a par da verdade, me permitirá salvar as duas, se quiserem me ajudar por uma explicação franca, que me dará os dados de que necessito. O perigo cada uma conhece, pois no fundo cada uma sabe o mal de que é responsável. Mas o ódio as enfurece e incumbe a mim ver claramente e

agir. Em meia hora, o juiz de instrução estará aqui. Até lá é preciso que o acordo esteja feito.

As duas estremeceram, como chocadas pela palavra.

— Sim, o acordo — repetiu mais imperiosamente. — Voluntário ou não, será feito. Não estão em causa sozinhas. Existem suas duas filhinhas, sra. d’Imbreval. Já que as circunstâncias me puseram no caminho delas, é por sua defesa e salvação que intervenho. Um erro, uma palavra demais e estão perdidas. Isso não ocorrerá.

À lembrança das filhas, a sra. d’Imbreval se descompôs, soluçando. Germaine Astaing deu de ombros e se moveu para a porta, ao que Rénine de novo se opôs.

— Aonde vai?

— Fui chamada pelo juiz de instrução.

— Não.

— Sim, junto com todos os que devem depor.

— Você não estava lá. Nada sabe do que se passou.

— Ninguém sabe nada desse crime.

— Eu sei quem o cometeu.

— Impossível!

— Thérèse d’Imbreval.

A acusação foi lançada num fulgor de cólera e com um gesto furioso de ameaça.

— Miserável! — bradou a sra. d’Imbreval, atirando-se a ele. — Vai-te embora! Vai! Ah! Que mulher miserável!

Hortense tentou contê-la, mas Rénine lhe disse baixo:

— Deixe-as, foi o que quis. Jogar uma contra a outra e assim provocar a luz plena.

Ante o insulto, a sra. Astaing fizera, para rir, um esforço que lhe crispou os lábios:

— Miserável por quê? Por que te acuso?

— Por tudo! Por tudo! És uma miserável, ouves, Germaine, uma miserável!

Thérèse d’Imbreval repetiu a ofensa, como se se aliviasse com ela. Sua cólera se acalmava. Talvez não tivesse bastante força para sustentar a luta, e foi

a sra. Astaing que retomou o ataque, de punhos estendidos e o rosto desfigurado e envelhecido de vinte anos.

— Tu! Tu ousas me ofender, tu! Depois do teu crime! Ousas levantar a cabeça quando o homem que mataste está aí, no seu leito de morte! Ah, se uma de nós é uma miserável, sabes que és tu, Thérèse! Mataste o teu marido! Mataste o teu marido!

Saltou, inflamada pelas palavras horríveis que dizia, e suas unhas quase tocaram o rosto da amiga.

— Ah, não digas que não mataste — bradou. — Não digas que não, te proíbo. Não digas! O punhal está aí na tua bolsa. Meu irmão tocou nele quando te falava, e sua mão saiu com sinais de sangue. O sangue do teu marido, Thérèse. E mesmo que eu não tivesse descoberto nada, julgas que não adivinhei desde o primeiro instante? Soube imediatamente a verdade. Quando um marinheiro me respondeu na praia: “O sr. d’Imbreval? Foi assassinado.” Eu me disse na hora: “Foi ela, foi Thérèse, ela o matou.”

Thérèse não respondia. Não tinha mais um impulso de protesto. Hortense, que a observava com angústia, julgou ver nela o acabrunhamento dos que se sabem perdidos. As faces se escavavam e o rosto tinha tal expressão de desespero que Hortense, apiedada, a instou a defender-se.

— Explique-se, lhe peço. Durante o crime, estava aqui na varanda... Este punhal, como pôde... como explicar?...

— Explicações! — escarneceu Germaine Astaing. — Será possível dar? Pouco importam as aparências do crime, o que foi visto e o que não foi. O essencial é a prova. O fato de que o punhal está aí, na tua bolsa, Thérèse. Sim, sim, foste tu! Mataste! Acabaste matando-o! Ah, quantas vezes disse ao meu irmão: “Ela o matará!” Frédéric procurava te defender, sempre teve um fraco por ti. Mas, no fundo, ele sabia o que ia ocorrer. E agora a coisa atroz foi feita! Uma punhalada nas costas. Covarde! Covarde!... E eu não diria nada? Não hesitei nem por um segundo! Nem Frédéric! De imediato buscamos provas. E é com toda a minha razão e toda a minha vontade que vou te denunciar. Acabou, Thérèse. Estás perdida. Nada mais pode te salvar. O punhal está nesta bolsa que tua mão aperta. O juiz virá e vai achá-lo manchado com o sangue do teu marido. E vai achar também a carteira dele aí. Estão aí. Hão de ser encontrados...

Uma tal raiva a exasperava que não pôde continuar e ficou com o braço estendido e o queixo agitado por contrações nervosas.

Rénine pegou gentilmente a bolsa de Thérèse d'Imbreval. A moça a prendeu, mas ele insistiu e lhe disse:

— Deixe-me agir, senhora. Sua amiga Germaine tem razão. O juiz de instrução vai vir, e o fato de o punhal estar em suas mãos provocará sua prisão imediata. Não precisa ser assim. Deixe-me agir.

Sua voz insinuante amoleceu a resistência de Thérèse. Seus dedos foram se abrindo. Pegou a bolsa e tirou dela um pequeno punhal com cabo de ébano e uma carteira em marroquim cinza e pôs tranquilamente os dois objetos no bolso de dentro do seu casaco.

Germaine Astaing o olhava com estupor.

— Você está louco! Com que direito!...

— São coisas que não se devem deixar por aí. Assim, fico em paz. O juiz não vai procurar no meu bolso.

— Mas eu o denunciarei, senhor! — afirmou, indignada. — Vou avisar a justiça.

— Mas não, não — sorriu ele —, não dirá nada. A justiça não tem nada que ver com isso. O conflito que as separa deve ser resolvido entre as duas. Que ideia de meter a justiça em qualquer ocorrência da vida!

A sra. Astaing sufocava.

— Mas não tem nenhum título para falar assim! Quem é o senhor? Um amigo desta mulher?

— Desde que a ataca, sim.

— Mas se ataco, é por ser culpada. Pois não pode negar... matou o marido.

— Não nego — declarou Rénine, com ar calmo. — Estamos todos de acordo nesse ponto. Jacques d'Imbreval foi morto por sua mulher. Mas, repito, a justiça não deve saber a verdade.

— Saberá por mim, senhor, lhe juro. Esta mulher tem de ser punida. Matou.

Rénine se acercou dela e, tocando-lhe o ombro:

— Me perguntou há pouco a que título intervenho. E a senhora?

— Era amiga de Jacques d'Imbreval.

— Amiga apenas.

Ela perdeu um pouco o prumo, mas se refez logo:

— Era sua amiga e meu dever é vingá-lo.

— Guardará silêncio, no entanto, como ele guardou.

— Ele não soube, antes de morrer.

— É onde se engana. Teria podido acusar a mulher, teve tempo de acusá-la, e não disse nada.

— Por quê?

— Pelas filhas.

A sra. Astaing não se acalmava, e sua atitude mostrava a mesma vontade de vingança e a mesma execração. Mas, apesar de tudo, sofria a influência de Rénine. Na pequena sala fechada em que tanto ódio se entrecrocava, ele se tornava pouco a pouco senhor, e Germaine Astaing compreendia que a sra. d'Imbreval sentia todo o reconforto desse apoio inesperado que se oferecia à beira do abismo.

— Obrigada, senhor — falou Thérèse. — Já que vê tudo isso com clareza, sabe também que foi por minhas filhas que não me entreguei à justiça. Sem isso, estou tão cansada!...

Assim a cena mudava, e as coisas tomavam outro aspecto. Graças a algumas palavras lançadas na discussão, ele conseguia que a culpada erguesse a cabeça e se animasse, ao passo que a acusadora hesitava e parecia inquieta. E aconteceu que esta não ousou mais falar e que a outra chegava a esse instante em que se tem necessidade de sair do silêncio para pronunciar, com naturalidade, as palavras de confissão que aliviam.

— Agora — disse-lhe Rénine com a mesma gentileza —, creio que pode e deve se explicar.

— Sim... sim... Também acho. Devo responder a esta mulher... A simples verdade, não é?

Chorava de novo, prostrada numa poltrona, mostrando também ela um rosto envelhecido e devastado pela dor, e, baixo, sem cólera, em pequenas frases cortadas, falou:

— Há quatro anos ela era sua amante... O que eu sofri... Foi ela mesma que me contou o caso... por maldade. Me detestava ainda mais do que amava Jacques... e cada dia eram novas estocadas... telefonemas em que me falava de seus encontros... Esperava que eu me matasse, à força de me fazer sofrer. Pensei

nisso algumas vezes, mas reagiu, pelas crianças. Jacques no entanto fraquejava. Ela exigia dele o divórcio e ele se deixava ir pouco a pouco... dominado por ela e por seu irmão, que é mais dissimulado que ela, mas igualmente perigoso. Sentia tudo isso... Jacques se tornava duro comigo... Não tinha coragem de ir embora, mas era eu o obstáculo e me queria mal... Meu Deus, que tortura!

— Devia lhe ter dado a liberdade — bradou Germaine Astaing. — Não se mata um homem porque quer se divorciar.

Thérèse sacudiu a cabeça e respondeu:

— Não matei porque queria se divorciar. Se realmente quisesse, teria ido embora e que poderia eu fazer? Mas teus planos tinham mudado, Germaine, o divórcio não te bastava, e era outra coisa que tinhas obtido dele, outra coisa bem mais grave que tu e teu irmão exigiam... e a que ele tinha consentido... por covardia... a contragosto...

— Que queres dizer? — balbuciou Germaine. — Que outra coisa?

— Minha morte.

— Mentos! — bradou a sra. Astaing.

Thérèse não alçou a voz, nem fez qualquer gesto de ódio ou indignação; simplesmente repetiu:

— Minha morte, Germaine. Li tuas últimas cartas, seis cartas tuas que teve a loucura de esquecer na carteira, seis cartas em que a palavra terrível não está escrita, mas em que cada linha a deixa entrever. Tremia ao ler isso. Jacques chegar àquele ponto! Mas não me veio nenhuma intenção de feri-lo. Uma mulher como eu, Germaine, não mata voluntariamente. Se perdi a cabeça... foi mais tarde... por culpa tua...

Virou-se para Rénine, como a lhe perguntar se não havia perigo em que falasse a verdade.

— Não tenha medo — disse —, respondo por tudo.

Ela passou a mão na testa. A horrível cena revivia nela e a torturava. Germaine Astaing não se mexia, com os braços cruzados, os olhos turvos, enquanto Hortense Daniel esperava apaixonadamente a confissão do crime, e a explicação do impenetrável mistério.

— Foi mais tarde — continuou —, e por tua culpa, Germaine. Tinha posto a carteira na gaveta, onde estava escondida, e esta manhã nada disse a Jacques. Não queria lhe dizer que sabia. Era horrível demais! Mas era preciso

apressar-se... tuas cartas anunciavam que chegarias em segredo hoje. Pensei primeiro em fugir, correr ao trem... Maquinalmente, tinha pegado este punhal para me defender. Mas quando Jacques e eu fomos à praia, tinha me resignado. Sim, aceitava morrer. Que eu morra, pensava, e todo esse pesadelo acabe! Somente, por causa das crianças, desejava que a minha morte parecesse acidental e que Jacques não fosse acusado dela. Por isso o teu plano de um passeio pelos rochedos me convinha... Uma queda do alto de uma rocha parece natural. Jacques se afastou para ir à cabine, de onde devia depois se unir a ti em Três Mathildes. A caminho, abaixo do patamar, deixou cair a chave da cabine; desci e procurei com ele. E foi aí... por tua culpa... sim, Germaine, por tua culpa. A carteira de Jacques caíra do bolso do seu casaco sem que ele notasse, e junto com ela uma fotografia deste ano em que estou eu e as duas crianças. Apanhei-a e vi... sabes bem o que vi, Germaine. Em vez de mim, no retrato, estavas tu. Tinhas substituído a minha imagem pela tua, Germaine! Era o teu rosto! Um de teus braços enlaçava minha filha mais velha pelos ombros e o outro descansava em teus joelhos... Eras tu, Germaine, a mulher do meu marido... tu, a futura mãe de minhas filhas... tu que ias criá-las... tu... tu!... Perdi a cabeça. Tinha o punhal... Jacques estava agachado... Finquei...

Não havia uma palavra de sua confissão que não fosse rigorosamente verdadeira. Os que a escutavam tiveram disso uma impressão profunda, e para Hortense e Rénine, nada era mais pungente e trágico.

Tinha tornado a sentar, no fim das forças. No entanto, continuava a pronunciar palavras ininteligíveis e só pouco a pouco, inclinando-se para ela, se pôde ouvir:

— Julguei que gritariam em volta de nós e seria presa. Nada. Aquilo ocorrera de tal modo e em tal condição que ninguém tinha visto. Mais: Jacques se erguera ao mesmo tempo que eu, e não caía! Não, não caía! Ele, que eu tinha ferido, permanecia de pé! Do patamar, a que subi, o observei. Punha o casaco nos ombros, evidentemente para esconder o ferimento, e se afastava sem vacilar... ou tão pouco que só eu podia me dar conta. Falou até com amigos que jogavam cartas, se dirigiu para a cabine e desapareceu. Eu, no fim de algum tempo, voltei para o chalé. Estava certa de que tudo não passara de um sonho mau... que não tinha matado... ou pelo menos que o ferimento era leve. Jacques ia sair, tinha a certeza. Espreitava de minha varanda... Se por um

momento acreditasse que tinha necessidade de assistência, teria corrido até lá. Mas de fato não soube, não adivinhei... Fala-se de pressentimento... é falso. Estava perfeitamente calma, como depois de um pesadelo cuja lembrança vai se apagando. Não, lhe juro, nada soube... até o instante...

Interrompeu-se. Os soluços a afogavam.

Rénine acabou:

— Até o instante em que vieram lhe avisar, não foi?

Thérèse balbuciou:

— Sim... Só então tive consciência do meu ato... e senti que enlouquecia e ia gritar a todos: “Mas fui eu! Não procurem. Está aqui o punhal... Fui eu a culpada.” Sim, ia gritar isso, quando de repente o vi, meu pobre Jacques... Vinha trazido... o rosto muito calmo, muito doce... E diante dele, compreendi meu dever... como ele compreendeu o seu... Pelas crianças, tinha se calado. Eu me calaria também. Culpados ambos de homicídio, tendo a vítima sido ele, um e outro devíamos tudo fazer para que o crime não recaísse sobre os inocentes... Em sua agonia, ele teve a clara visão disso... tivera a coragem inaudita de caminhar, de responder aos que o interrogaram e se encerrar para morrer. Tinha feito isso, apagando de um golpe todos os seus erros e ao mesmo tempo me dando o seu perdão, já que não me denunciou... e ordenando que me calasse... me defendesse... contra todos, sobretudo contra ti, Germaine.

Pronunciou essas últimas palavras com mais firmeza. Transtornada de início pelo ato inconsciente que cometera matando o marido, achava forças pensando no que ele tinha feito, ele, e armando a si mesma de semelhante energia. Diante da intrigante, cujo ódio conduziu os dois ao crime e à morte, cerrava os punhos, pronta para a luta, a fremir de vontade.

Germaine Astaing não cedia. Escutara sem dizer uma palavra, com um rosto implacável, cuja expressão ficava mais dura à medida que as confissões de Thérèse se tornavam mais precisas. Nenhuma emoção parecia enternece-la, nenhum remorso penetrá-la. No máximo, ao final, seus lábios finos tiveram um sorriso, como se a alegrasse o modo com que os acontecimentos se desenvolveram. Mantinha sua presa.

Devagar, levantando os olhos a um espelho, ajustou o chapéu e pôs pó de arroz. Em seguida andou para a porta. Thérèse correu.

— Aonde vais?

— Onde me agradar.
— Ver o juiz de instrução?
— Provavelmente.
— Não passas por esta porta!
— Que seja, o espero aqui.
— E lhe dirás?...
— Ora... tudo o que me disseste, tudo o que tiveste a ingenuidade de me dizer. Não poderá ter dúvidas. Me deste todas as explicações.

Thérèse a pegou pelos ombros.

— Sim, mas eu lhe darei ao mesmo tempo outras, Germaine, e que dizem respeito a ti. Se estou perdida, também estás.

— Nada podes contra mim.

— Posso te denunciar, mostrar as cartas.

— Que cartas?

— Essas em que decidem a minha morte.

— Mentiras! Thérèse. Sabes bem que essa famosa trama contra ti só existe em tua imaginação. Nem Jacques nem eu queríamos a tua morte.

— Tu querias, tu. Tuas cartas te condenam.

— Mentiras! Eram cartas de uma amiga a um amigo.

— Cartas de amante e cúmplice.

— Prova.

— Estão aí, na carteira de Jacques.

— Não.

— Que estás dizendo?

— Digo que essas cartas me pertenciam. Retomei-as... Ou antes meu irmão retomou-as.

— Roubaste, miserável! Mas vai devolver — bradou Thérèse, empurrando-a. — Há de me entregar.

— Foi embora.

— Será encontrado.

— Ele certamente, não as cartas. Cartas como essas se rasgam. Thérèse cambaleou e estendeu em desespero as mãos a Rénine.

Este pronunciou:

— O que ela diz é verdade. Segui a manobra do irmão mexendo na sua bolsa. Ele pegou a carteira também, examinou com a irmã, pôs de volta no lugar e foi embora com as cartas.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Pelo menos com cinco das cartas.

A frase foi dita sem ênfase, mas todos entenderam sua importância. As duas mulheres se acercaram dele. Que queria dizer? Se Frédéric Astaing só levara cinco cartas, onde estava a sexta?

— Creio — disse Rénine — que quando a carteira caiu nos seixos, essa carta caiu junto com a foto que a sra. d’Imbreval agarrou.

— Que sabe você? Que sabe? — inquiriu a sra. Astaing num tom sôfrego.

— Achei-a no bolso do casaco de flanela que deixaram junto à cama. Ei-la. Está assinada por Germaine Astaing, e basta plenamente para mostrar as intenções de quem a escreveu e os conselhos de homicídio que dava a seu amante. Estou até admirado que uma tal imprudência pudesse ser cometida por uma mulher tão hábil.

Germaine estava lívida e tão fora de si que nem tratava de se defender. Rénine continuou, se dirigindo a ela:

— Para mim, a senhora é responsável por tudo o que se passou. Arruinada, já quase sem recursos, quis se aproveitar da paixão que inspirava ao sr. d’Imbreval para casar com ele, apesar de todos os obstáculos, e dispor de sua fortuna. Dessa cobiça, desses cálculos abomináveis, tenho a prova e poderei fornecê-la. Minutos depois de mim, remexeu no bolso do casaco de flanela. Eu tinha tirado a sexta carta, mas deixei ali um pedacinho de papel que você buscava ardentemente e que também devia ter caído da carteira. Era um cheque ao portador de cem mil francos, assinado pelo sr. d’Imbreval para o seu irmão... Um presentinho de núpcias... uma gratificação, como se diz. Segundo suas instruções, seu irmão correu de automóvel para o Havre e, sem nenhuma dúvida, se apresentou antes das quatro horas no banco em que essa soma estava depositada. Devo, de passagem, adverti-la de que não a receberá, pois fiz telefonarem a esse banco anunciando o assassinato do sr. d’Imbreval, o que suspende qualquer pagamento. De tudo isso se conclui que a justiça terá em mãos, se persistir em seus planos de vingança, todas as provas necessárias contra você e seu irmão. Poderia acrescentar, como edificante testemunho, a narrativa

da conversa telefônica entre você e seu irmão surpreendida na semana passada, conversa em que falavam em espanhol misturado com javanês. Mas estou certo de que não me obrigará a essas medidas extremas e estamos de acordo, não é?

Rénine se exprimia com uma calma impressionante e a desenvoltura de quem sabe que ninguém fará a menor objeção às suas palavras. Parecia de fato não poder se enganar. Lembrava os acontecimentos como tinham se dado e tirava as conclusões que em boa lógica comportavam. Conclusões inevitáveis, a que era forçoso submeter-se.

A sra. Astaing entendeu isso. Naturezas como a sua, violentas, escarnecidas enquanto a luta é possível e resta alguma esperança, deixam-se facilmente dominar na derrota. Ela era inteligente demais para não sentir que a mínima tentativa de revolta seria posta abaixo por um tal adversário. Estava em suas mãos. Em casos assim, há que se dobrar.

Não interpretou, pois, nenhuma cena, nem se entregou a demonstrações, ameaças, explosões de raiva, crises de nervos... Dobrou-se.

— Estamos de acordo — disse. — Que exige?

— Vá embora.

— Se me chamarem para depor?

— Não chamarão.

— No entanto...

— Responda que não sabe nada.

Foi embora. Na porta, hesitou e disse entre dentes:

— E o cheque?

Rénine olhou para a sra. d'Imbreval, que declarou:

— Que fique com ele. Não quero este dinheiro.

Rénine deu instruções precisas a Thérèse d'Imbreval sobre o modo como devia se comportar e responder às perguntas que lhe fariam e deixou o chalé, em companhia de Hortense Daniel.

Lá fora, na praia, o juiz e o procurador continuavam o inquérito, tomavam medidas, interrogavam testemunhas e deliberavam entre si.

— Quando penso — disse Hortense — e que tem consigo o punhal e a carteira do sr. d'Imbreval!

— Isso lhe parece muito perigoso — disse ele, rindo. — Pois a mim parece muito cômico.

— Não tem medo?

— De quê?

— Que desconfiem de alguma coisa?

— Por Deus, não desconfiarão de nada! Contaremos a essas bravas pessoas o que vimos, um testemunho que só aumentará o enleio deles, pois nada vimos do conjunto. Por cautela, ficaremos aqui um ou dois dias velando pelo que acontece. Mas o assunto está concluído e nunca o entenderão.

— Mas você adivinhou, e desde o primeiro instante. Por quê?

— Porque, em vez de tornar as coisas mais complicadas do que já são, como em geral se faz, sempre me coloco a questão como deve ser colocada, e a solução vem naturalmente. Um senhor entra em sua cabine e aí se encerra. Meia hora depois é encontrado morto. Ninguém entrou. Que se teria passado? Para mim, a resposta é imediata, não há sequer necessidade de pensar. Se o crime não foi cometido na cabine, é que foi antes, e o senhor, ao entrar nela, já estava ferido de morte. Imediatamente a verdade do caso me surgiu. A sra. d'Imbreval, que devia ser morta à tarde, se adiantou e, enquanto o seu marido se agachava, num segundo de extravio, matou-o. Não havia mais que procurar os motivos de seu ato. Ao conhecê-los, fiz o possível por ela. Eis a história toda.

A noite começava a cair. O azul do céu se fazia mais sombrio, o mar, ainda mais calmo.

— Em que está pensando? — indagou Rénine ao fim de um momento.

— Penso que, se vier a ser alvo de uma maquinação, mantereí minha confiança em você, aconteça o que acontecer, a despeito de tudo e contra todos. Sei, como sei que existo, que me salvaria, fossem quais fossem os obstáculos. Não há limite para a sua vontade.

Ele disse, baixo:

— Não há limite é ao meu desejo de comprazê-la.

IV

O FILME REVELADOR

-Observe o ator que faz o mordomo — disse Serge Rénine.

— Que é que tem de especial? — perguntou Hortense.

Estavam na matinê de um cinema das principais avenidas, a que a jovem arrastara Rénine para ver uma atriz que a tocava de perto. Rose-Andrée, que os cartazes punham em destaque, era sua meia-irmã — o pai casara duas vezes. Tinham brigado e há anos nem mesmo se escreviam. Bela criatura, de gestos brandos e rosto sorridente, Rose-Andrée, depois de ter feito teatro sem maior sucesso, acabava de se revelar no cinema como intérprete de grande futuro. Esta tarde animava com sua vibração e cálida beleza um filme em si bem medíocre, *A Princesa Feliz*.

Num intervalo da sessão, Rénine continuou, sem responder diretamente:

— Eu me consolo com os filmes ruins observando os personagens secundários. Como esses pobres-diabos, obrigados a repetir dez ou vinte vezes certas cenas, não pensariam, na tomada definitiva, por vezes em coisa diversa da que interpretam? Essas pequenas distrações, que mostram um pouco da alma ou do instinto deles, são divertidas de notar. Por exemplo, este mordomo...

A tela mostrava agora uma mesa luxuosamente servida, a que a Princesa Feliz presidia cercada por todos os seus pretendentes. Uma meia dúzia de criados ia e vinha, dirigida pelo mordomo, um tipo decidido, grosseiro, de cara comum, mas com umas sobrelhas enormes, unidas numa só linha.

— A cabeça de um bronco — disse Hortense. — Que está vendo nele?

— Repare no modo com que olha a sua irmã, e se não a fita mais vezes do que devia...

— Palavra, até aqui não me pareceu.

— Mas sim — afirmou Rénine —, é evidente que tem na vida por Rose-Andrée sentimentos pessoais, sem qualquer relação com seu papel de criado anônimo. Talvez na realidade ninguém desconfie, mas na tela, quando não se cuida, ou julga que seus colegas de cena não podem vê-lo, seu segredo lhe escapa. Repare...

O homem não se movia. Era o filme da refeição. A princesa bebia uma taça de champanhe e ele a contemplava com dois olhos brilhantes, meio velados por suas pesadas pálpebras.

Duas vezes ainda, nele surpreenderam expressões desse tipo, a que Rénine atribuía um sentido de paixão que Hortense punha em dúvida.

— É o seu modo característico de olhar — dizia ela.

Finda a primeira sequência muda, veio a segunda. O programa anunciava “que tinha decorrido um ano e a Princesa Feliz vivia numa bonita cabana da Normandia, engrinaldada de trepadeiras, com o músico pobre que escolhera como esposo”.

Sempre feliz, aliás, tal como se podia ver na tela, a princesa seguia também sempre sedutora e cercada pelos pretendentes mais diversos. Burgueses e nobres, financistas e camponeses, todos os homens caíam em delíquio diante dela e, mais que todos, um rústico solitário, um lenhador cabeludo e meio selvagem que ela encontrava em todos os passeios. Armado com o seu machado, temível e sorrateiro, circulava em torno da cabana e se sentia com receio que um perigo ameaçava a Princesa Feliz.

— Veja, veja — cochichou Rénine —, sabe quem é o homem do mato?

— Não.

— O mordomo, simplesmente. Pegaram o mesmo ator para os dois papéis.

Realmente, apesar da deformação da figura, sob o olhar pesado e os ombros curvados do lenhador, estavam as atitudes e os gestos do mordomo, tanto quanto sob a barba descuidada e os longos cabelos espessos, se reconhecia a cara há pouco barbeada, o focinho de animal e a linha grossa das sobranceiras.

Ao longe, a princesa saía da cabana. O homem se escondeu atrás de umas árvores. De tempos em tempos, surgia na tela, em desmedida proporção, seus olhos ferozes ou as mãos de assassino de enormes polegares.

— Ele me dá medo — disse Hortense —; é de uma realidade arrepiante.

— Porque interpreta a si mesmo — ponderou Rénine. — Entenda que, no prazo de três ou quatro meses que deve ter havido entre a execução dos dois filmes, seu amor progrediu e, para ele, não é a princesa que surge, mas Rose-Andrée.

O homem se agachou. A vítima se acercava, alegre e sem desconfianças. Passou, ouviu ruído, deteve-se e olhou de modo a princípio sorridente e logo atento, inquieto e cada vez mais ansioso. O lenhador afastava os galhos e atravessava o arvoredo.

Estavam um diante do outro. Ele abriu os braços como para agarrá-la. Ela quis gritar, chamar por socorro, mas sufocava e os braços se cerraram em torno dela sem que pudesse opor a menor resistência. Ele a pôs nos ombros e saiu a trote.

— Está convencida? — murmurou Rénine. — Julga que este ator de vigésima categoria teria tido essa força e essa energia se fosse outra mulher que não Rose-Andrée?

O lenhador chegava à beira de um largo rio, junto a um velho barco metido na lama. Nele deitou o corpo inerte de Rose-Andrée, desfez a amarra e foi subindo o rio perto da margem.

Depois, aportou, transpôs a orla de uma floresta e se internou por entre as grandes árvores e montes de pedra. Tendo largado a princesa no solo, desentulhou a entrada de uma caverna, onde a luz entrava por uma fenda oblíqua.

Uma série de cenas mostrou o enlouquecimento do marido, as buscas, a descoberta de raminhos quebrados pela Princesa Feliz e que indicava o caminho seguido.

Depois foi o desenlace, a luta horrível entre o homem e a mulher, e, no momento em que essa, vencida, exausta, era derrubada, a brusca irrupção do marido e o tiro que abate o animal selvagem...

Eram quatro horas quando saíram do cinema. Rénine, que tinha o carro à espera, fez sinal ao chofer para segui-los. Andaram os dois pelas avenidas e a rua da Paix, e Rénine, após um longo silêncio, que preocupava a jovem mesmo ela não querendo, perguntou-lhe:

— Gosta da tua irmã?

— Sim, muito.

— Mas brigaram?

— Foi no tempo do meu marido. Rose era uma mulher muito coquete com os homens. Fiquei com ciúmes, e na verdade sem motivo. Mas por que essa pergunta?

— Não sei... o filme me persegue, a expressão do homem era tão estranha! Ela lhe pegou o braço e foi vivaz:

— Fale, que é que há? Que imagina?

— O que imagino? Tudo e nada. Mas não posso me impedir de crer que sua irmã esteja em perigo.

— Mera hipótese.

— Sim, mas fundada em fatos que me impressionam. A meu ver, a cena do rapto representa, não a agressão do homem do mato contra a Princesa Feliz, mas um ataque violento e arrebatado do ator contra a mulher que cobiça. Sem dúvida, isso ocorre nos limites impostos pelo papel, e ninguém entendeu nada, ninguém, fora talvez de Rose-Andrée. Mas surpreendi fulgores de paixão que não deixam qualquer dúvida, olhares onde havia desejo e mesmo vontade de homicídio, mãos contraídas prontas a estrangular, vinte detalhes enfim que me provam que naquele período o instinto desse homem o impelia a matar essa mulher que não podia lhe pertencer.

— Sim, talvez na época. Mas a ameaça foi conjurada já que meses passaram.

— Claro... claro... mas assim mesmo, quero me informar.

— Com quem?

— Com a Sociedade Mundial que rodou o filme. Olhe, são aqui os escritórios da Sociedade. Quer entrar no veículo e esperar uns minutos?

Chamou Clément, o chofer, e afastou-se.

No fundo. Hortense continuava cética. Aquelas manifestações de amor, de que não negava nem o ardor nem a selvageria, pareceram-lhe a composição racional de um bom intérprete. Nada tinha pegado do temível drama que Rénine pretendia adivinhar, e se indagava se ele não estaria pecando por excesso de imaginação.

— Bem — disse-lhe, não sem ironia, quando ele voltou —, que conseguiu apurar? Mistério? Golpes de teatro?

— Bastante — respondeu, preocupado.

Ela de imediato se perturbou:

— Que está dizendo?

Ele narrou, num fôlego:

— O homem se chama Dalbrèque. É um ser bem estranho, fechado, taciturno, e que se mantinha sempre afastado dos colegas. Nunca ninguém notou que fosse especialmente solícito em relação à sua irmã. Sua interpretação, porém, no fim do segundo episódio, pareceu tão notável que o contrataram para um novo filme. Esteve assim filmando, ultimamente, nos arredores de Paris. Estavam contentes com ele, quando houve de súbito uma ocorrência inesperada. Sexta de manhã, 18 de setembro, forçou a porta da garagem da Sociedade Mundial e sumiu numa soberba limusine, depois de furtar a soma de 25 mil francos. Fizeram a queixa, e a limusine foi achada domingo, perto de Dreux.

Hortense, que escutava, um pouco pálida, insinuou:

— Até aqui nenhuma relação...

— Sim. Perguntei o que acontecera a Rose-Andrée. Sua irmã viajou este verão, depois ficou uma quinzena na circunscrição do Eure, onde possui uma propriedade, justamente a cabana onde rodaram *A Princesa Feliz*. Chamada à América por um compromisso, voltou a Paris, depositou as bagagens na estação Saint-Lazare e partiu na *sexta-feira, 18 de setembro*, com a intenção de dormir no Havre e de pegar o navio de sábado.

— Sexta, dia 18... — balbuciou Hortense — no mesmo dia em que esse homem... Será que a raptou?

— Vamos saber. Clément, à Companhia Transatlântica.

Desta vez Hortense entrou com ele, e ela própria se informou na direção.

A busca foi logo resolvida.

Rose-Andrée tinha reservado um camarote no paquete *La Provence*. Mas o navio partira sem que a passageira tivesse se apresentado. Só no dia seguinte, receberam no Havre um telegrama, assinado por Rose-Andrée, anunciando um atraso e pedindo que guardassem as bagagens no depósito. O telegrama vinha de Dreux.

Hortense saiu titubeando. Não era possível explicar todas essas coincidências sem ser por um atentado. Os acontecimentos se ordenavam segundo a íntima intuição de Rénine.

Prostrada no carro, o ouviu dar como endereço a central de polícia. Atravessaram o centro de Paris e depois ela ficou sozinha uns instantes.

— Vem — disse ele, abrindo-lhe a porta.

— De novo? Receberam você? — inquiriu ansiosa.

— Não procurei ser recebido. Queria apenas me pôr em contato com o inspetor Morisseau, o que me mandaram outro dia, no caso Dutreuil. Se descobrirem alguma coisa, ficaremos sabendo por ele.

— E então?

— Neste momento ele está no café que vê ali na praça.

Entraram e sentaram a uma mesa isolada, onde o inspetor principal lia o jornal. Imediatamente os reconheceu. Rénine lhe apertou a mão e, sem preâmbulo:

— Trago-lhe um caso interessante, inspetor, e que pode pô-lo em destaque. Talvez já esteja a par...

— Que caso?

— Dalbrèque.

Morisseau pareceu surpreso. Hesitou e usou um tom prudente:.

— Sim, sei... os jornais falaram disso... roubo de carro... 25 mil francos surrupiados... Amanhã os jornais também devem falar de uma descoberta que acabamos de fazer na Sûreté: Dalbrèque seria o autor de um assassinato que fez muito barulho no ano passado, o do ourives Bourguet.

— Trata-se de outra coisa — afirmou Rénine.

— De quê, então?

— De um rapto cometido por ele, no sábado, 19 de setembro.

— Ah, sabe?

— Sei.

— Nesse caso — o inspetor se decidiu —, vamos lá. Nesse sábado, com efeito, em plena rua, em pleno dia, uma dama que fazia compras foi raptada por três bandidos, cujo automóvel fugiu a toda velocidade. Os jornais relataram o incidente, mas sem dar o nome da vítima nem dos agressores, e por este bom motivo, não se sabia. Somente ontem, enviado ao Havre com

alguns homens, consegui identificar um dos bandidos. O roubo dos 25 mil, o do veículo, o rapto da jovem tinham a mesma origem. Um único culpado, Dalbrèque. Quanto à jovem, nenhuma informação. Todas as nossas buscas foram vãs.

Hortense não tinha interrompido a narrativa do inspetor. Estava atordoada. Quando ele terminou, deu um suspiro:

— É espantoso... a infeliz está perdida... não há esperança...

Rénine explicou ao inspetor:

— A vítima é a irmã, ou mais exatamente, a meia-irmã da senhora. Uma atriz de cinema muito conhecida, Rose-Andrée.

E contou em poucas palavras as suspeitas que tivera vendo o filme *A Princesa Feliz* e a pesquisa que pessoalmente fizera.

Houve um demorado silêncio em torno da mesinha. O inspetor principal, desta vez também, impressionado com o engenho de Rénine, aguardava uma palavra sua. Hortense lhe suplicava com os olhos, como se pudesse ir à primeira vista ao fundo do enigma.

Ele indagou de Morisseau:

— Eram mesmo três homens que estavam no carro?

— Sim.

— Três também em Dreux?

— Não, em Dreux só obtivemos a pista de dois.

— Um deles Dalbrèque.

— Não creio. Nenhuma das características corresponde às suas.

Rénine refletiu ainda alguns instantes e logo desdobrou na mesa um grande mapa rodoviário. Novo silêncio, e disse ao inspetor:

— Deixou seus colegas no Havre?

— Sim, dois inspetores.

— Pode lhes telefonar esta noite?

— Sim.

— E pedir dois outros inspetores à Sûreté?

— Sim.

— Bem, nos encontramos amanhã ao meio-dia.

— Onde?

— Aqui — e com o dedo apontou um ponto do mapa, com a indicação *Carvalho do Tonel*, em plena floresta de Brotonne, na circunscrição do Eure.
— Aqui. Foi aqui que na noite do rapto Dalbrèque procurou um refúgio. Até amanhã, sr. Morisseau, seja pontual no encontro. Cinco homens não é demais para capturar um animal desse porte.

O inspetor não recuou. O demônio deste sujeito o deixava perplexo. Pagou sua despesa, ergueu-se, fez maquinalmente uma continência e saiu murmurando:

— Lá estaremos, senhor.

No outro dia, às oito horas, Hortense e Rénine deixavam Paris numa vasta limusine guiada por Clément. A viagem foi silenciosa. Apesar de sua fé no extraordinário poder do amigo, Hortense tinha passado mal a noite e pensava com angústia no desfecho da aventura.

Perto de chegar, ela lhe disse:

— Que prova tem de que ele a levou para esta floresta?

Rénine desdobrou de novo o mapa nos joelhos e fez ver a Hortense que, se tirasse uma linha do Havre, ou antes de Quillebeuf (onde se atravessa o Sena) até Dreux (onde o automóvel foi encontrado), essa linha passaria pela orla ocidental da floresta de Brotonne.

— Ora — acrescentou —, foi na floresta de Brotonne, segundo me disseram na Sociedade Mundial, que rodaram *A Princesa Feliz*. E a questão que se coloca é esta: senhor de Rose-Andrée, Dalbrèque, passando no sábado perto da floresta, não teria a ideia de esconder aí sua presa, enquanto os dois cúmplices seguiam para Dreux e voltavam a Paris? A gruta estava ali, próxima; como não ir? Não era correndo para a gruta, meses atrás, que tinha nos braços, contra seu corpo, ao alcance dos lábios, a mulher que amava e de que se apoderara? Para ele, lógica, fatalmente, se reiniciaria a aventura. Mas desta vez em plena realidade. Rose-Andrée cativa e sem possível ajuda. A floresta imensa e deserta. Naquela noite, ou numa das noites seguintes, ela iria ceder...

Hortense se arrepiou.

— Ou morrer. Ah! Rénine, vamos chegar tarde!

— Por quê?

— Pense, faz três semanas... Não pode crer que ele a mantenha aí encerrada há tanto tempo.

— Certamente não, o lugar que me indicaram se acha num cruzamento de estradas e o refúgio não é seguro. Mas nele sem dúvida descobriremos algum indício.

Almoçaram na estrada pouco antes do meio-dia e penetraram pelas altas árvores de Brotonne, antiga e vasta floresta cheia de lembranças romanas e vestígios da Idade Média. Rénine, que não raro a percorrera, dirigiu o automóvel para um conhecido carvalho a dez léguas de distância, cujos ramos, se abrindo, formavam um vasto tonel. O carro parou na volta mais próxima e foram a pé até a árvore. Morisseau os esperava junto com quatro sólidos tipos.

— Venham — disse Rénine —, a caverna é ao lado, entre as brenhas.

Facilmente a acharam. Enormes pedras pendiam sobre uma entrada baixa, por onde se passa por uma estreita senda entre densas vegetações.

Ele entrou e examinou com a lanterna elétrica os recantos da pequena caverna com as paredes cheias de assinaturas e desenhos.

— No interior nada — informou a Hortense e a Morisseau. — Mas eis a prova que eu buscava. Se a lembrança do filme realmente levou Dalbrèque à gruta da Princesa Feliz, devíamos pensar na mesma lembrança em Rose-Andrée. Ora, no filme, a Princesa Feliz ia quebrando pedacinhos de galho durante todo o trajeto. E vejam justamente, à direita deste buraco, galhos recentemente quebrados.

— Ora — disse Hortense —, concordo que haja uma possível prova da passagem deles, mas data de três semanas, e desde aí...

— Desde aí sua irmã está encerrada em algum buraco mais isolado.

— Ou então morta e enterrada sob um monte de folhas...

— Não, não — afirmou ele, batendo com o pé —, não é crível que este homem tenha feito tudo o que fez para chegar a um homicídio estúpido. Há de ter tido paciência, tentando se apossar da vítima por ameaças, pela fome...

— Então?

— Procuremos.

— Como?

— Para sair deste labirinto, temos um fio condutor que é o próprio enredo de *A Princesa Feliz*. Vamos segui-lo, parte a parte, até o início. No drama, o homem dos bosques, para trazer a princesa aqui, atravessou a floresta depois de

ter remado ao longo do rio. O Sena está a um quilômetro de distância. Desçamos até ele.

Tornou a caminhar. Ia sem hesitações, de olhar vigilante, como um bom cão de caça guiado com segurança pelo faro. Seguidos de longe pelo carro, atingiram um grupo de casas à beira d'água. Rénine foi direto à casa do barqueiro e o interrogou.

Diálogo rápido. Três semanas antes, numa segunda de manhã, esse homem tinha dado falta de um de seus barcos. Encontrou-o mais tarde, na lama, uma meia légua abaixo.

— Não longe de uma cabana onde fizeram um filme este verão? — inquiriu Rénine.

— Sim.

— E é aqui onde estamos que tinham desembarcado uma mulher raptada?

— Sim, a Princesa Feliz ou antes a sra. Rose-Andrée, a quem pertence a casa que se chama de Clos-Joli.³

— A casa está aberta atualmente?

— Não. A dama partiu há um mês, depois de fechar tudo.

— Tem guardião?

— Ninguém.

Rénine se virou para Hortense:

— Não há dúvida. É a prisão que ele escolheu.

A caça recomeçou. Seguiram pelo caminho de reboque, ao longo do Sena. Andavam sem ruído na grama do plano baixo. O caminho passava pela estrada principal; havia ali um arvoredo cuidado, saindo do qual notaram, do cimo de um outeiro, o Clos-Joli, todo envolvido em heras. Hortense e Rénine reconheceram a cabana da Princesa Feliz. As janelas estavam protegidas com batentes e os caminhos já atapetados de capim.

Ali ficaram mais de uma hora, ocultando-se atrás de árvores. O inspetor se impacientava e a jovem perdia confiança; não acreditava que o Clos-Joli pudesse servir de cárcere à irmã. Rénine, porém, teimava.

— Ela está aí, lhes digo. É matemático. Impossível que Dalbrèque não tenha escolhido este lugar para conservá-la cativa. Espera torná-la mais dócil num meio que ela conhece.

Enfim, à frente deles, do outro lado do Clos, ouviu-se um andar lento e abafado. Um vulto saiu pela estrada. Àquela distância não se podia ver o rosto. Mas o caminhar pesado e o porte eram bem os do homem que Rénine e Hortense tinham visto no filme.

Assim, em 24 horas, sobre as vagas indicações que pode dar a atitude de um ator, Serge Rénine chegara, por uma simples dedução psicológica, ao coração do drama. O que o filme sugeria, o filme tinha imposto a Dalbrèque. Agira na vida real como na imaginária do cinema, e Rénine, remontando passo a passo o caminho que o próprio Dalbrèque fizera sob a influência do filme, chegava ao lugar em que o homem dos bosques tinha aprisionado a Princesa Feliz.

Dalbrèque parecia vestido como um mendigo, com roupas remendadas e farrapos. Levava uma sacola de cuja boca saíam o gargalo de uma garrafa e a ponta de um pão. No ombro, um machado de lenhador.

Achando aberto o cadeado da barreira, entrou no jardim e foi escondido por uma linha de arbustos que o conduziu ao outro lado da fachada da casa.

Rénine prendeu o braço de Morisseau, que queria arremeter.

— Mas por quê? — indagou Hortense. — Não se deve deixar esse bandido entrar. De outro modo...

— E se tem cúmplices e dá o alarme?

— Tanto pior. Antes de tudo, salvemos minha irmã.

— E se chegarmos tarde para defendê-la? Na raiva, pode matá-la com uma machadada.

Aguardaram. Transcorreu ainda uma hora. A inação os irritava. Hortense às vezes chorava. Mas Rénine foi firme e ninguém ousou lhe desobedecer.

A luz diminuía. Já as primeiras sombras do crepúsculo se estendiam pelas árvores, quando a porta da fachada que observavam foi aberta e clamores de espanto e triunfo soaram; saltou um par, enlaçado, vendo-se as pernas do homem e o corpo da mulher que levava nos braços, contra o peito.

— Ele! Ele e Rose!... — falou baixo Hortense fora de si. — Ah, Rénine, salve-a!

Dalbrèque se pôs a correr entre as árvores, como um louco, rindo e gritando. Apesar do peso que levava, dava enormes pulos, parecendo um animal fantástico, ébrio de alegria e carnificina. Uma de suas mãos, liberada,

brandiu o machado, cuja lâmina cintilou. Rose uivava de terror. Ele atravessou o jardim em todos os sentidos, galopou ao longo da sebe, parou de repente diante de um poço, estendendo os braços com o tronco inclinado como se fosse jogá-la no abismo.

O minuto foi horrível. Ia decidir-se a realizar o espantoso ato? Mas isso sem dúvida não passava de uma ameaça, cujo terror devia induzir a moça à obediência, pois súbito voltou em linha reta para a porta principal e foi tragado pelo vestíbulo. Um ruído de ferrolho e a porta estava fechada.

Coisa inexplicável, Rénine não tinha se mexido. Com os braços abertos, impedia que os inspetores avançassem, enquanto Hortense, agarrada às suas roupas, lhe suplicava:

— Salve-a... É um louco... Vai matá-la... Por favor!

Mas nesse momento, houve nova ofensiva do homem contra sua vítima. Surgiu numa claraboia aberta na parede entre as asas de colmo do teto grande e recomeçou sua manobra atroz, suspendendo Rose-Andrée no vazio e balançando-a como uma presa que se vai lançar no espaço.

Não se decidia, ou era apenas de fato uma ameaça? Julgou Rose suficientemente domada? Voltou para dentro.

Desta vez Hortense teve ganho de causa. Suas mãos geladas apertavam a de Rénine, e ele a sentiu tremer desesperadamente.

— Oh! Por favor... lhe peço... que espera?

Ele cedeu:

— Sim — disse —, vamos. Mas sem pressa. É preciso refletir.

— Refletir! Mas Rose... Rose que ele vai matar! ... Viu o machado?... É um louco... Vai matar.

— Temos tempo — disse ele —, respondo por tudo.

Hortense teve de se apoiar nele, pois não tinha força de caminhar. Desceram assim do outeiro e, procurando passar por onde a ramagem das árvores os ocultasse, ajudou a jovem a transpor a sebe. A escuridão nascente, aliás, não teria permitido que fossem vistos.

Sem uma palavra, ele fez a volta do jardim e chegaram assim atrás da casa. Por ali Dalbrèque entrara pela primeira vez. Viram uma portinha de serviço que devia ser a cozinha.

— Um golpe de ombros — disse aos inspetores — e poderão entrar quando o momento for oportuno.

— O momento é oportuno — resmungou Morisseau, que deplorava todos esses atrasos.

— Ainda não. Quero primeiro saber o que se passa do outro lado. Quando apitar, arrebentem esta porta de imediato e em cima do homem, de revólver na mão. Não antes, está bem? Senão vamos correr um grande risco...

— E se se defende? É um animal furioso.

— Atirem nas pernas. Temos de agarrá-lo vivo. Vocês são cinco, que diabo! Levou consigo Hortense, que reanimou com algumas palavras:

— Ligeiro!... Há justo o tempo de agir. Tenha plena confiança em mim.

Ela suspirou:

— Não entendo... não entendo.

— Nem eu — disse Rénine. — Há em tudo isso algo que me embaraça. Mas entendo bastante para recear o irreparável.

— O irreparável — disse ela — é a morte de Rose.

— Não, é a ação da justiça. E por isso quero tomar a dianteira.

Contornaram a casa, unidos à massa de arbustos. Rénine se deteve ante uma das janelas do térreo:

— Ouça, falam. Vem deste aposento.

O ruído de vozes fazia supor que devia haver ali alguma luz para iluminar aquele ou aqueles que falavam.

Procurou saber, afastou as plantas que cobriam os batentes fechados, e viu que uma claridade passava entre dois deles que estavam mal unidos.

Pôde passar a lâmina de sua faca, suavemente, e com ela ergueu uma tranqueta interna. Os batentes se abriram. Pesadas cortinas de fazenda pendiam junto à janela, mas se afastando no alto.

— Vai subir no parapeito? — cochichou Hortense.

— Sim, e cortar um vidro. Se houver urgência, aponto meu revólver sobre o sujeito e você apita para que o ataque venha lá debaixo. Tome este apito.

Subiu com muita cautela e se empertigou aos poucos contra a janela até o ponto em que as cortinas estavam afastadas. Com uma das mãos, meteu o revólver no decote do seu colete, com a outra, segurava uma ponta de diamante.

— Está vendo-a? — sussurrou Hortense.

Ele colou a testa no vidro e imediatamente lhe escapou uma exclamação abafada.

— Ah, será possível?

— Atire! Atire! — exigiu Hortense.

— Mas não...

— Devo apitar?

— Não... não... ao contrário.

A tremer, pôs um joelho no parapeito. Rénine a içou contra si e deu espaço para que ela também pudesse ver.

— Olhe.

Ela acercou o rosto.

— Ah! — fez com estupor.

— Hein! Que acha? Suspeitava de alguma coisa, mas não disso!

Duas lâmpadas sem abajur e cerca de vinte velas iluminavam um salão luxuoso, circundado de divãs e com tapetes orientais. Num desses divãs, Rose-Andrée estava semideitada, num vestido em tecido de metal que usara no filme *A Princesa Feliz*, com as bonitas espáduas nuas, a cabeleira trançada de joias e de pérolas.

Dalbrèque estava a seus pés, de joelhos sobre um coxim. Vestido com um culote e uma malha, contemplava-a com êxtase. Rose sorria, feliz, e acariciava os cabelos do homem. Duas vezes se inclinou sobre ele e o beijou, primeiro na testa, depois longamente na boca, e os olhos dela, ardentes de volúpia, palpitavam.

Cena apaixonada! Unidos pelo olhar, pelos lábios, pelas mãos férvidas, pelo mútuo desejo jovem, estes dois seres se queriam evidentemente com um amor exclusivo e violento. Sentia-se que, no isolamento e na paz desta cabana, nada contava para eles além de seus beijos e carícias.

Hortense não podia tirar os olhos deste espetáculo inesperado. Estavam ali aquele homem e aquela mulher que, minutos antes, ele a carregando, dançavam uma espécie de baile macabro que parecia girar em torno da morte? Era de fato sua irmã? Não a reconhecia. Via uma outra mulher, animada por uma beleza nova e transfigurada por um sentimento de que Hortense adivinhava, a fremir, toda a força e todo o ardor.

— Meu Deus — murmurou —, como ela o ama! E um tal indivíduo, será possível?

— Temos de preveni-la — disse Rénine — e combinar com ela...

— Sim, sim — fez Hortense —, a nenhum preço deve ser metida no escândalo, na prisão... Que se vá! Que nada se saiba disso tudo...

Infelizmente, Hortense estava em tal estado de excitação que agiu de modo precipitado. Em vez de bater levemente no vidro, sacudiu a janela dando punhadas na madeira. Assustados, os dois amantes se ergueram, de olhos fixos e ouvidos à espreita. Imediatamente Rénine quis cortar um vidro para lhes lançar algumas palavras de explicação. Não teve tempo. Rose-Andrée, que sem dúvida sabia o amante em perigo e procurado pela polícia, o empurrou para a porta num esforço desesperado.

Dalbrèque obedeceu. A intenção de Rose era certamente o obrigar a fugir usando a saída da cozinha. Desapareceram.

Rénine viu claro o que ia se passar. O fugitivo cairia na emboscada que ele mesmo, Rénine, tinha preparado. Haveria luta, talvez morte...

Pulou no chão e fez correndo a volta da casa. Mas o percurso era longo, cheio de estorvos e estava escuro. Do outro lado os acontecimentos correram mais ligeiro do que supunha. Quando chegou à outra fachada, um tiro soou, seguido do grito de dor.

No umbral da cozinha, à luz de duas lanternas de bolso, Rénine foi encontrar Dalbrèque estendido, agarrado por três policiais e gemendo. Tinha a perna quebrada.

No cômodo, Rose-Andrée, titubeando, com as mãos para a frente e o rosto convulso, gaguejava palavras que não se entendiam. Hortense a atraiu contra si e lhe disse ao ouvido:

— Sou eu... tua irmã... Queria te salvar... me reconheces?

Rose não parecia compreender. Seus olhos estavam desvairados.

Andou trôpega em direção aos policiais:

— Que infâmia... O homem que está aí não fez nada que...

Rénine não vacilou. Tratando-a como uma enferma que perdesse a razão, pegou-a no colo e, seguido de Hortense, que fechava as portas, a levou ao salão.

Ela se debatia furiosamente e protestava ofegante:

— É um crime... Não se tem o direito... Por que prendê-lo? Sim, li... o assassinato do joalheiro Bourguet... li isso esta manhã nos jornais, mas é uma mentira. Ele pode provar.

Rénine a pôs num divã e com firmeza:

— Por favor, calma. Nada diga que possa comprometê-la... Que quer? Este homem de qualquer forma roubou... o automóvel... e 25 mil francos...

— Sabendo que eu pretendia ir para a América, enlouqueceu. Mas o veículo foi encontrado... O dinheiro será devolvido... não tocou nele. Não, não, não têm o direito... Eu estava aqui de plena vontade. Amo-o... mais do que a tudo... como não se ama senão uma vez na vida... Amo-o... Amo.

A infeliz não tinha mais força. Falava como num sonho, afirmava seu amor numa voz que se extinguia. Por fim, esgotada, teve um brusco sobressalto e tombou, num desmaio.

Uma hora mais tarde, no leito de um quarto, Dalbrèque, com os punhos solidamente atados, revolvía uns olhos ferozes. Um médico das cercanias, trazido pelo automóvel de Rénine, tinha feito um curativo na perna e prescrito o mais completo repouso até o dia seguinte. Morisseau e seus homens montavam guarda.

Quanto a Rénine, ia e vinha pela sala com as mãos nas costas. Tinha um ar alegre e, de tempos em tempos, fitava as duas irmãs sorrindo, como se achasse encantador o quadro que ofereciam a seus olhos de artista.

— Que é que há? — perguntou-lhe Hortense, quando notou sua insólita alegria e pôde em parte se virar para ele.

Ele esfregou as mãos e pronunciou:

— É engraçado.

— Que é que lhe parece engraçado? — recriminou Hortense.

— Ó, meu Deus, a situação. Rose-Andrée livre, vivendo o perfeito amor, e com quem, Senhor? Com o homem do mato, domesticado, ora, arrumado, modelado por uma malha, e que ela beija na boca desejada, enquanto a procuramos no fundo de uma gruta ou de um sepulcro.

“Ah, sem dúvida conheceu os horrores de cair cativa, e afirmo que, na primeira noite, foi jogada meio morta na caverna. Apenas, veja, no dia seguinte, vivia! Só uma noite bastou para que se tornasse sociável, a marota, e

para que Dalbrèque lhe parecesse tão belo quanto o Príncipe Encantado. Uma só noite!... e que deu aos dois a impressão nítida de terem sido feitos um para o outro, que decidam não se deixar mais e, de comum acordo, procurem um refúgio ao abrigo do mundo. Onde? Aqui, claro! Quem iria buscar Rose-Andrée no Clos-Joli? Mas não é bastante. Os dois amantes querem mais. Uma lua de mel de algumas semanas? Ora! E toda a vida deles que consagrarão um ao outro. Como? Seguindo a estrada cativante e pitoresca que já tinham tomado, isto é, rodando novas criações! Dalbrèque não tinha tido êxito em *A Princesa Feliz*, além de toda expectativa! O futuro estava aí! Los Angeles! Os Estados Unidos, fortuna e liberdade... Nem um minuto a perder. Vamos ao trabalho! E foi assim que nós, espectadores assombrados, os surpreendemos há pouco em pleno ensaio, interpretando um drama de loucura e assassinato. Para ser franco, lhe confesso que naquele momento desconfiei da verdade. Cena de cinema, concluí. Mas quanto a adivinhar a história de amor do Clos-Joli, ah!, disso estava a cem léguas. Que quer? Na tela, como no teatro, as princesas felizes resistem ou se matam. Como imaginar que esta tinha preferido o impudor em vez da morte?”

A aventura por certo divertia Rénine. Continuou:

— Não, não, diabo, não desse modo as coisas se passam nos filmes. E foi isso o que me desencaminhou. Desde o início, projetava o filme *A Princesa Feliz* e andava pondo os pés nas pegadas por ele deixadas. A Princesa se comportara desse modo; o homem do mato, desse outro... Assim, como tudo recomeça, sigamos por aí. Pois bem, nada disso. Contra toda regra, Rose-Andrée toma o mau caminho e, em algumas horas, a vítima se transforma na mais amorosa das princesas! Ah, danado Dalbrèque! Nos passaste para trás. Pois enfim, quando nos mostram no cinema um bruto, um selvagem peludo e com cara de gorila, tendemos a imaginar que na vida é também um bruto assustador. Epa! Era um dom-juan. Que farsante!

Rénine esfregou as mãos de novo, mas não continuou, pois viu que Hortense não o escutava. Rose saía de seu torpor. A moça a envolveu com os braços:

— Rose... Rose... sou eu. Não temas nada.

Começou a lhe falar baixinho e embalar afetuosamente contra si. Mas Rose aos poucos, ouvindo a irmã, voltava à sua expressão de sofrimento e

permanecia imóvel e distante, sentada no divã, com o tronco rígido e os lábios apertados.

Rénine teve a impressão de que não convinha contrariar essa dor e que nenhum raciocínio prevaleceria contra a pensada decisão de Rose-Andrée.

Acercou-se e lhe disse suave:

— Aprovo-a, senhora. Seu dever, venha o que vier, é defender a quem ama e demonstrar sua inocência. Mas não há pressa de nada e julgo que, no seu interesse, seria melhor adiar essa defesa por umas horas, deixando crer por ora que fosse sua vítima. Amanhã de manhã, se não mudar de parecer, eu mesmo lhe direi como agir. Até lá, suba a seu quarto com sua irmã, prepare-se para ir embora e arrume seus papéis para que o inquérito nada possa revelar contra você. Acredite em mim. Tenha confiança.

Rénine insistiu ainda durante algum tempo e conseguiu convencer a mulher. Prometeu esperar.

Instalaram-se para passar a noite no Clos-Joli. Havia provisões suficientes. Um dos inspetores preparou o jantar.

À noite, Hortense ficou no quarto de Rose. Rénine, Morisseau e dois inspetores dormiram nos divãs do salão, enquanto dois outros policiais vigiavam o ferido.

A noite passou sem incidente.

De manhã, a guarda local, avisada na véspera por Clément, chegou cedo. Decidiu-se que Dalbrèque seria transferido para a enfermaria da prisão distrital. Rénine ofereceu o seu carro, que Clément estacionou diante da cabana.

As duas irmãs, tendo notado as idas e vindas, desceram. Rose-Andrée tinha a expressão dura dos dispostos a agir. Hortense a fitava ansiosa e observava o ar plácido de Rénine.

Tudo estava pronto; só faltava despertar Dalbrèque e seus vigias.

O próprio Morisseau foi lá. Para ver os dois homens profundamente adormecidos e ninguém no leito.

Dalbrèque tinha fugido.

O golpe de teatro não causou, no momento, maior perturbação entre os policiais e os guardas, tão seguros estavam de que o fugitivo, com a perna

quebrada, seria logo agarrado de novo. O enigma dessa fuga, realizada sem que os vigias ouvissem o menor ruído, não intrigou ninguém. Dalbrèque inevitavelmente estaria escondido no jardim.

A batida se organizou de imediato. E o resultado inspirava tão poucas dúvidas que Rose-Andrée, transtornada outra vez, se dirigiu ao inspetor principal.

— Cale-se — murmurou Serge Rénine, que a espreitava.

Ela balbuciou:

— Vão achá-lo... aniquilá-lo a tiros.

— Não vão achá-lo — afirmou Rénine.

— Como sabe?

— Fui eu, com a ajuda do meu chofer, que o fiz fugir esta noite. Um pouco de pó no café dos inspetores e não ouviram nada.

Ela ficou perplexa e objetou:

— Mas está ferido, agonizando em algum canto.

— Não.

Hortense escutava, sem compreender melhor, mas tranquilizada e confiante em Rénine.

Ele prosseguiu baixinho:

— Jure que, dentro de dois meses, quando ele estiver curado e a senhora tiver esclarecido à justiça em seu lugar, jure que partirá com ele para a América.

— Juro.

— E que casará com ele?

— Juro.

— Então venha e nem uma palavra ou um gesto de surpresa. Um segundo de negligência e pode perder tudo.

Chamou Morisseau, que começava a se desesperar, e lhe disse:

— Senhor inspetor, devemos levar a senhora para Paris e providenciar para que receba os cuidados necessários. De qualquer modo, seja qual for o resultado de suas buscas — e não duvido que tenham êxito —, esteja certo de não se aborrecer por causa deste assunto. Esta noite mesmo irei à sua repartição, onde tenho boas relações.

Ofereceu o braço a Rose-Andrée e a levou para o carro. Caminhando, sentiu que ela tropeçava e se agarrava a ele:

— Ah, meu Deus! Ele está salvo... Já o vi — murmurou.

No assento da frente, em vez de Clément, tinha reconhecido o seu amante, muito compenetrado em seu uniforme de chofer, com a viseira descida e os olhos escondidos pelos óculos grossos.

— Entre — disse Rénine.

Sentou ao lado de Dalbrèque; Rénine e Hortense ficaram atrás. O inspetor principal, de chapéu na mão, se despedia solícito ao lado do automóvel.

Partiram. Mas dois quilômetros depois, em plena floresta, tiveram de parar. Dalbrèque, que, num esforço sobre-humano, vinha arrostando com a dor, teve um desmaio. Foi estendido atrás no carro, e Rénine pegou a direção, com Hortense a seu lado. Nova parada antes de Louviers para recolher de passagem o chofer Clément, que esperava no estrada vestido com as roupas de Dalbrèque.

Houve depois horas de silêncio. O veículo ia rápido. Hortense nada dizia, nem mesmo tinha a ideia de indagar Rénine sobre o que ocorrera na noite anterior. Que importavam os detalhes e o modo exato com que procedera para livrar Dalbrèque! Isso não a punha curiosa, pois só pensava em sua irmã e estava comovida por tanto amor e tanto fervor passionai.

Rénine disse simplesmente, ao se acercarem de Paris:

— Falei esta noite com Dalbrèque. Não resta dúvida de que é inocente do assassinato do joalheiro. É corajoso e razoável, bem diferente do que parece; um sujeito terno, dedicado e disposto a fazer a tudo por Rose-Andrée.

E acrescentou:

— Tem razão. Deve-se fazer tudo por aquela que se ama. Sacrificar-se por ela, oferecer-lhe o que há de belo no mundo, alegria, felicidade e, se se aborrece, belas aventuras que a distraiam, comovam, façam sorrir... ou mesmo chorar.

Hortense fremiu, de olhos úmidos. Pela primeira vez, aludia à aventura sentimental que os prendia por um elo, até aqui frágil, mas que a cada uma das tarefas que empreendiam juntos, na angústia e na febre, dava mais força e mais resistência. Ao lado deste homem extraordinário, que submetia os acontecimentos à sua vontade e parecia jogar com o destino dos que combatia ou protegia, se sentia fraca e inquieta. Ao mesmo tempo, ele a atemorizava e atraía. Pensava nele como num senhor que tivesse às vezes um inimigo de que

devia se defender, mas muito mais vezes um amigo perturbador, cheio de encanto e sedução...

NOTA

³ *Quintal-Bonito*. (N. do T.)

V

O CASO DE JEAN-LOUIS

Aquilo se passou como a mais banal das ocorrências e com tal rapidez que confundiu Hortense. Passeando, atravessavam o Sena, quando um vulto de mulher pulou sobre a amurada da ponte e se precipitou no vazio. Houve gritos e clamores de vários lados, e Hortense agarrou bruscamente o braço de Rénine:

— Quê? Não vai se atirar!... Eu lhe proíbo.

O casaco do companheiro lhe ficou nas mãos. Rénine saltou num pulo e logo... logo ela não viu mais nada. Três minutos depois, arrastada na onda de pessoas que corriam, se achava à beira do rio. Rénine subia os degraus da escada, carregando uma jovem cujos cabelos pretos se colavam no rosto lívido.

— Não está morta — afirmou. — Rápido, à farmácia... trações da língua... nenhum perigo a temer...

Entregou a moça a dois guardas, afastou os basbaques e os que se davam por jornalistas e lhe perguntavam o nome, e empurrou Hortense, sacudida de emoção, para um táxi.

— Ufa — bradou no fim de um instante —, ainda outro banho! Que quer, minha amiga, é mais forte do que eu. Quando vejo um dos meus semelhantes mergulhar, tenho de mergulhar também. Devo ter entre meus ancestrais um terra-nova.

Voltou à casa e trocou de roupa. Hortense o esperou no carro. Retornando, ordenou ao chofer:

— Rua de Tilsitt.

— Aonde vamos? — perguntou Hortense.

— Saber notícias da moça.

— Tem o seu endereço?

— Sim, tive tempo de ler no seu bracelete, junto com o nome. Geneviève Aymard. Assim, vou lá. Oh, não para receber a recompensa devida ao terranova! Não. Simples curiosidade. Salvei uma dúzia de jovens afogadas. Sempre o mesmo motivo: tristezas de amor, e do amor mais vulgar. Vai ver isso, minha amiga.

Ao chegarem à casa da rua de Tilsitt, o médico ia saindo do apartamento em que a srta. Aymard morava com o pai. A moça, lhes disse o criado, passava o melhor possível e estava dormindo. Rénine se apresentou como aquele que a tinha salvado e fez entregar seu cartão ao pai. Este acorreu de mãos estendidas e lágrimas nos olhos.

Era um homem idoso, débil de aspecto, e que, em seguida, sem esperar que o interrogassem, começou a falar num tom de irresistível angústia:

— É a segunda vez, senhor! Na semana passada, quis se envenenar, a infeliz menina! Eu daria o sangue por ela! “Não quero viver! Não quero viver!” É tudo o que acha como resposta. Ah, tenho muito medo de que tente de novo. Que horror! Matar-se, ela, a minha pobre Geneviève! E por que, meu Deus!...

— Sim, por quê? — insinuou Rénine. — Um casamento desfeito, sem dúvida.

— Sim, isso... É uma criança tão sensível...

Rénine o interrompeu. Já que o homem entrava no caminho das confidências, convinha não perder tempo a escutar palavras inúteis. E claramente, com toda sua autoridade, exigiu:

— Vamos com método, senhor, quer? A sra. Geneviève estava noiva?

O sr. Aymard não se furtou e respondeu:

— Sim.

— Desde quando?

— Desde a primavera. Conhecemos Jean-Louis d’Ormival em Nice, onde passamos os feriados da Páscoa.

Ao voltarmos para Paris, o jovem, que normalmente mora no campo com a mãe e uma tia, veio se instalar em nosso quarteirão, e os dois noivos se viam todos os dias. Quanto a mim, confesso que não achava Jean-Louis Vaubois muito simpático.

— Perdão — observou Rénine —, há um instante o chamou de Jean-Louis d’Ormival.

— É igualmente o seu nome.

— Então tem dois?

— Não sei. Há um problema aí.

— Sob que nome se apresentou ao senhor?

— Jean-Louis d’Ormival.

— E Jean-Louis Vaubois?

— Assim um senhor que o conhecia o apresentou à minha filha. Vaubois ou d’Ormival, aliás, não importa. Minha filha o adorou, e ele parecia gostar muito dela. Este verão, na praia, não a largou. Agora no mês passado, quando Jean-Louis regressou à sua casa para se entender com a mãe e a tia, minha filha recebeu esta carta:

Geneviève, obstáculos demais se opõem à nossa felicidade.

Renuncio a ela num desespero louco. Amo-te mais do que nunca.

Adeus! Perdoa-me.

Dias mais tarde, minha filha tentava pela primeira vez se suicidar.

— E por que esse rompimento? Um outro amor? Uma ligação antiga?

— Não, senhor, não creio. Mas há na vida de Jean-Louis, é a convicção profunda de Geneviève, um mistério, ou antes uma série de mistérios que o entravam e perseguem. Nunca vi rosto tão atormentado como o seu e, desde a primeira hora, senti nele um pesar e uma tristeza que persistiram sempre, mesmo nos momentos em que se abandonava a seu amor com mais confiança.

— Sua impressão, no entanto, foi confirmada por pequenos detalhes, coisas que precisamente pela anomalia o chocaram? Tal como esse nome duplo... Não o interrogou a propósito?

— Sim, duas vezes. Na primeira me respondeu que era a sua tia que se chamava Vaubouis e a mãe d’Ormival.

— E na segunda?

— O inverso: falou de sua mãe Vaubouis e da tia d’Ormival. Observei isso a ele. Enrubesceu e não insisti.

— Mora longe de Paris?

— No fundo da Bretanha... O solar de Elseven, a oito quilômetros de Carhaix.

Rénine meditou uns minutos. Depois, se decidindo, disse ao velho:

— Não quero incomodar a srta. Geneviève, mas lhe repita isto exatamente: “Geneviève, o senhor que te salvou se compromete sob palavra a trazer de volta o teu noivo dentro de três dias. Escreve um bilhete a Jean-Louis que esse senhor entregará.”

O velho parecia estupefato. Balbuciou:

— O senhor poderia?... Minha pobre filha vai escapar da morte?... Será feliz?...

E cresceu com voz apenas audível e uma atitude em que havia como que vergonha:

— O senhor, ande depressa, pois o comportamento de minha filha me faz supor que esqueceu todos os seus deveres, e não quer sobreviver a uma desonra, que em breve se tornará pública.

— Silêncio, senhor — ordenou Rénine. — Há frases que não se devem pronunciar.

Na mesma noite, Rénine tomava com Hortense o trem da Bretanha.

Às dez da manhã, chegaram a Carhaix e, à meia hora depois do meio-dia, tendo almoçado, entraram num carro emprestado por alguém de relevo local.

— Está um pouco pálida, minha amiga — disse Rénine rindo, ao descerem diante do jardim de Elseven.

— Confesso que esta história me comove muito. Uma jovem que afronta duas vezes a morte... Que coragem é preciso! Tenho medo...

— De quê?

— De que não obtenha sucesso. Não está preocupado?

— Querida amiga, vou surpreendê-la: sinto antes uma certa alegria.

— E por quê?

— Não sei. A história que, com justiça, a comove, parece a mim conter um certo fundo cômico. D’Ormival... Vaubois... isso cheira a extrato velho e um tanto mofado... Acredite em mim, amiga, e recupere a calma. Vem junto?

Passou pela barreira central. Era ladeada por dois portilhões marcados, um com o nome de sra. d’Ormival, o outro com o da sra. Vaubois. Cada um

desses portilhões abria sobre caminhos que, entre maciços de folhagens e buxos, prosseguiam à direita e à esquerda da avenida principal.

Esta conduzia a um velho solar comprido e baixo, pitoresco, mas com duas alas sem graça, pesadas, diversas uma da outra, indo os dois caminhos laterais dar ao lado de cada uma delas. À esquerda, residia evidentemente a sra. d'Ormival, à direita a sra. Vaubois.

Um ruído de vozes deteve Hortense e Rénine. Escutaram. Eram vozes agudas e precipitadas que discutiam, vindo os sons de uma das janelas do térreo, que era sem escada, e tapado em toda a extensão por vinha vermelha e rosas brancas.

— Não podemos seguir adiante — disse Hortense. — É indiscreto.

— Um motivo a mais — murmurou Rénine. — A indiscrição, nesse caso, é um dever, já que viemos para nos informar. Olhe, indo reto à frente, os que discutem não nos verão.

De fato, o barulho da briga não decresceu e, ao chegarem junto à janela aberta, que vizinhava com a porta de entrada, lhes bastou olhar e escutar para ver e ouvir, através das rosas e das folhas, duas velhas que berravam e se ameaçavam com os punhos.

Estavam no primeiro plano de uma ampla sala de jantar, com a mesa ainda posta e, atrás dessa mesa, um jovem, certamente Jean-Louis, fumava cachimbo e lia um jornal sem se preocupar com as duas megeras.

Uma, magra e alta, estava vestida de seda roxa e carregava uma cabeleira com cachos demasiado louros para o rosto murcho, em torno do qual eles turbilhonavam. A outra, mais magra ainda, mas baixinha, saracoteava num chambre de percal e ostentava uma cara ruiva e pintada, inflamada pela cólera.

— Você é uma sarna — cuspiu. — Malvada como não conheço outra, e ladra ainda por cima.

— Eu, ladra! — uivava a outra.

— E o golpe dos patos a dez francos cada, não é roubo isso?

— Cala a boca, tratante! A nota de cinquenta na minha cômoda, quem surrupiou? Ah! Senhor Deus, viver com uma sujeira dessas!

A outra saltou sobre o insulto e apostrofou o moço:

— Tu aí, Jean, deixas que ela me ofenda, esta égua da d'Ormival?

E a maior tornou a arremeter, furiosa:

— Égua! Estás ouvindo, Louis? Eis a tua Vaubois com seus ares de velha marafona! Faz com que cale a boca!

Bruscamente Jean-Louis deu um murro na mesa que fez saltar os talheres e proferiu:

— As duas, me deixem em paz, velhas loucas!

Na hora, se viraram contra ele e o cobriram de nomes:

— Covarde!... Hipócrita!... Mentiroso!... Mau filho!... Filho da mãe e grande safado...

Os insultos choviam sobre ele. Tapou as orelhas e se agitou diante da mesa como um homem já sem paciência e que se contém para não cair de pau sobre o inimigo.

Rénine falou baixo:

— Que é que lhe dizia? Em Paris, o drama. Aqui, a comédia. Entremos.

— Em meio a esta gente desenfreada? — protestou a jovem.

— Exatamente.

— Contudo...

— Amiga, não viemos aqui para espionar, mas para agir. Sem subterfúgios, os veremos melhor.

Em passo resolutivo, foi à porta, abriu-a e entrou na sala, seguido de Hortense.

Seu aparecimento provocou estupor. As duas mulheres se interromperam, vermelhas e fremindo de ira. Jean-Louis se ergueu, muito pálido.

Aproveitando o desconcerto geral, Rénine tomou a palavra com vivacidade:

— Permitam que me apresente: o príncipe Rénine... A sra. Daniel... Somos amigos da srta. Geneviève Aymard e viemos em nome dela. Eis uma carta escrita por ela e que está endereçada ao senhor.

Jean-Louis, já meio sem jeito pela irrupção dos recém-chegados, perdeu-o por inteiro ao ouvir o nome de Geneviève. Sem saber muito o que dizia, e para responder ao procedimento cortês de Rénine, quis por sua vez fazer as apresentações e deixou escapar esta frase perturbadora:

— A sra. d'Ormival, minha mãe... A sra. Vaubois, minha mãe...

Houve um silêncio demorado, Rénine cumprimentou. Hortense não sabia a quem estender primeiro a mão, à mãe d'Ormival ou à mãe Vaubois. Mas o

que aconteceu é que tanto uma senhora como a outra, e ao mesmo tempo, tentaram agarrar a carta que Rénine estendia a Jean-Louis, resmungando em conjunto:

— A srta. Aymard! Ela tem peito, hein! Que ousadia!...

Então Jean-Louis, recuperando algum sangue-frio, empunhou a mãe d'Ormival e a fez sair pela esquerda, depois a outra, que fez sair pela direita. E retornando aos dois visitantes, abriu o envelope e leu a meia-voz:

Jean-Louis, peço-lhe que receba o portador desta carta. Tenha confiança nele. Te amo. Geneviève.

Era um homem um pouco pesado de aspecto, cujo rosto muito moreno, magro e ossudo tinha mesmo a expressão de melancolia e de angústia que o pai de Geneviève indicara. De fato, o sofrimento era visível em cada um de seus atormentados traços, como nos olhos doridos e inquietos.

Repetiu várias vezes o nome de Geneviève, olhando à volta, distraidamente. Parecia buscar uma linha de conduta. Parecia à beira de dar explicações. Mas não achou nada. Esta intervenção o deixara desamparado, feito um ataque imprevisto a que não sabia como responder.

Rénine sentiu que o adversário capitularia à primeira intimativa. Vinha lutando tanto há uns meses, e tanto sofrera na retirada e no silêncio obstinado em que se refugiara, que não pensava em se defender. Aliás, poderia agora que tinham penetrado na intimidade de sua horrível existência?

Rénine o atacou de repente.

— Senhor, duas vezes já, desde o rompimento, Geneviève Aymard quis se matar. Venho lhe perguntar se sua morte inevitável e próxima deve ser o desfecho de seu amor.

Jean-Louis desabou numa cadeira e escondeu o rosto entre as mãos.

— Oh, ela quis se matar... Será possível!...

Rénine não lhe deu descanso. Bateu-lhe no ombro e, se curvando:

— Esteja certo de que tem interesse em confiar em nós. Somos amigos de Geneviève Aymard. Prometemos a ela nossa assistência. Não hesite, por favor...

O jovem ergueu a cabeça.

— Posso hesitar — disse com lassidão — depois do que me revelou? Depois do que acaba de ouvir aqui? Minha existência, o senhor adivinha. Que devo ainda lhe dizer para que a conheça toda e leve o seu segredo a Geneviève?... Este segredo ridículo e temível que lhe fará entender por que não voltei para ela... e por que não tenho o direito de voltar.

Rénine lançou um rápido olhar a Hortense. Vinte e quatro horas após as confidências do pai de Geneviève, obtinha, pelos mesmos processos, as de Jean-Louis. A aventura inteira se manifestava, confessada pelos dois homens.

Jean-Louis avançou uma poltrona para Hortense. Rénine e ele se sentaram, e contou, sem que houvesse necessidade de seguir lhe pedindo e como se sentisse até alívio em se confessar:

— Não se admire muito, senhor, se lhe narro a minha história com certa ironia, pois, em verdade, é uma história francamente cômica e que não pode deixar de fazer rir. O destino às vezes se diverte com estas brincadeiras imbecis, estas farsas enormes que se diriam imaginadas por um cérebro de louco ou bêbado. Julgue por si.

“Há 27 anos, no solar de Elseven, que na época só tinha o prédio principal, residia um velho médico que, para reforçar seus poucos recursos, recebia às vezes um ou dois pensionistas. Foi assim que um ano a sra. d’Ormival passou aqui o verão, e no ano seguinte a sra. Vaubois. Ora, essas duas damas, que aliás não se conheciam, sendo uma casada com um capitão de longo curso da Bretanha e a outra com um caixeiro-viajante da Vendaia, perderam os maridos ao mesmo tempo, isso num período em que ambas estavam grávidas. Como moravam no campo, em lugares afastados da cidade, escreveram ao doutor que viriam ter a criança aqui.

“Aceitou. Elas chegaram quase ao mesmo tempo, no outono. Dois quatinhos, que ficam atrás desta sala, esperavam por elas. O doutor contratou uma acompanhante que dormia aqui mesmo. Tudo ia bem. As mulheres terminavam os enxovais dos bebês e se entendiam perfeitamente. Resolvidas a só ter filho homem, tinham escolhido estes nomes: Jean e Louis.

“Ora, uma noite, o doutor, chamado para atender um paciente, foi em seu cabriolé com o criado, avisando que só poderia voltar no dia seguinte. Com o patrão ausente, uma mocinha que servia de doméstica saiu atrás do seu namorado. E o destino se aproveitou desses acasos com diabólica maldade. Pela

meia-noite, a sra. d'Ormival sentiu as primeiras dores. A acompanhante, srta. Boussignol, que era um pouco parteira, não perdeu a cabeça. Mas uma hora depois foi a vez da sra. Vaubois, e o drama, digamos antes a tragicomédia, se desenrolou entre os gritos e gemidos das duas pacientes, a agitação assustada da acompanhante, que corria de uma para a outra, se queixava, abria a janela para chamar o doutor, ou se ajoelhava para implorar à Providência.

“A primeira, sra. Vaubois, pôs no mundo um menino que a srta. Boussignol trouxe depressa a esta sala, cuidou, lavou e deixou no berço que lhe estava reservado.

“Mas a sra. d'Ormival dava uivos de dor, e a acompanhante teve de correr até ela, enquanto o recém-nascido dava urros de animalzinho degolado, e a mãe, aterrada, presa ao leito do quarto, desmaiava.

“Junte a isso todas as misérias da desordem e da escuridão — no único lampião a essência acaba, as velas se apagam, o vento ruge, as corujas piam — e entenderá como a srta. Boussignol ficou louca de susto. Enfim, às cinco horas, depois de trágicos incidentes, trouxe para aqui o pequeno d'Ormival, outro menino, o cuidou, lavou, estendeu no berço e correu a atender a sra. Vaubois que, voltando a si, vociferava, e em seguida a sra. d'Ormival que, por sua vez, perdia a consciência.

“E quando a srta. Boussignol se livrou das duas mães, morta de cansaço e com a cabeça fervendo, voltou aos recém-nascidos, viu com horror que tinha posto neles roupas iguais, sapatinhos de lã idênticos e deitado os dois, lado a lado, no mesmo berço! De modo que não se podia saber quem era Louis d'Ormival e quem era Jean Vaubois.

“Além disso, quando soergueu um deles, notou que tinha as mãos geladas e não respirava mais. Tinha morrido. Este, como se chamava? E como se chamava o que estava vivo?

“Três horas depois, o doutor veio encontrar as duas mulheres consternadas e delirantes, com a acompanhante vagando diante de suas camas a pedir perdão. Alternadamente me oferecia ao afago das duas, a mim, o sobrevivente. E elas me beijavam e repeliam, pois, enfim, quem era eu, o filho da viúva d'Ormival e do falecido capitão de alto-mar? Ou o filho da sra. Vaubois e do falecido caixeiro-viajante? Nenhum indício permitia a definição.

“O doutor suplicou a cada uma das mães que sacrificasse seus direitos, pelo menos do ponto de vista legal, a fim de que eu pudesse me chamar Louis d’Ormival, ou então Jean Vaubois. Recusaram energicamente.

“— Por que Jean Vaubois, se é um d’Ormival? — protestou uma.

“— Por que Louis d’Ormival, se é Jean Vaubois? — ripostou a outra.

“Fui registrado com o nome de Jean-Louis, filho de pai e mãe desconhecidos.”

O príncipe Rénine tinha escutado silenciosamente. Mas Hortense, à medida que o desenlace se acercava, se deixou vencer por uma hilaridade que penosamente continha e que o jovem tinha de perceber.

— Me desculpe — gaguejou, com lágrimas nos olhos —, me desculpe, são nervos.

Ele respondeu suave, sem amargura:

— Não precisa se desculpar; lhe avisei que a minha história é das que fazem rir, e conheço melhor que ninguém sua tolice e seu absurdo. Sim, tudo isso é burlesco. Mas me creia se lhe disser que, na realidade, não foi engraçado. Na aparência é uma situação cômica, que, pela força das coisas, persiste cômica, mas também é uma situação horrível. Vê isso daqui de dentro, não é? As duas mães, nenhuma tendo certeza de ser a mãe, mas também não tendo a de não ser, se agarrando no Jean-Louis. E talvez um estranho, mas talvez o filho de sua carne e seu sangue. Gostaram dele em excesso e o disputaram com raiva. Sobretudo chegaram as duas ao ponto de se detestarem com ódio mortal. Diferentes no caráter e na educação, obrigadas a viver juntas, já que nenhuma queria renunciar ao benefício de sua possível maternidade, viveram como inimigas que nada consegue acalmar.

“Em meio a esse ódio, me criei e foi ele o que uma e outra me ensinaram. Se meu coração de criança ávida por ternura me levasse a uma delas, a outra me insinuava desprezo e execração. Neste solar que compraram quando morreu o velho médico, construindo os dois pavilhões laterais, fui o carrasco involuntário de ambas e sua vítima de cada dia. Infância torturada, adolescência terrível, não acredito que alguém tenha sofrido mais que eu.

— Tinha de deixá-las! — exclamou Hortense, que não ria mais.

— Não se abandona a mãe — disse —, e uma delas é minha mãe. Nem se abandona um filho, e cada uma pode crer que sou seu filho. Estamos presos os

três uns aos outros, como forçados, presos pela dor, a compaixão, a dúvida e também pela esperança de que a verdade surja talvez um dia. E seguimos aí, os três, a nos insultar e recriar nossa vida perdida. Ah, que inferno! Como fugir? Várias vezes tentei, inutilmente. Os laços rompidos se reatam. Ainda este verão, no ímpeto de meu amor por Geneviève, quis me livrar e procurei convencer as duas mulheres que chamo de mamãe. E então... me defrontei com suas queixas... com seu ódio imediato à futura esposa, à estranha que lhes impunha. Cedi... Que teria feito Geneviève se viesse para cá, entre a sra. d'Ormival e a sra. Vaubois? Tinha o direito de sacrificá-la?

Jean-Louis, que tinha se animado aos poucos, pronunciou as últimas palavras em voz firme, como se quisesse que atribuíssem sua conduta a razões de consciência e ao sentimento de seus deveres. Na realidade — e Rénine e Hortense não se enganavam — era um fraco, incapaz de reagir contra uma situação absurda, de que havia sofrido desde a infância e que se impusera a ele como irremediável e definitiva. Suportava-a como a uma pesada cruz que não se pode rejeitar e tinha, ao mesmo tempo, vergonha dela. Diante de Geneviève, calara por receio ao ridículo e, de volta à... sua prisão, aí permanecia por hábito e fraqueza.

Sentou-se a uma escrivaninha e rapidamente escreveu uma carta, que deu a Rénine.

— Quer me fazer o favor de entregar estas palavras à srta. Aymard — disse —, pedindo-lhe ainda uma vez que me perdoe?

Rénine não se moveu e, como o outro insistisse, pegou a carta e rasgou.

— Que significa?... — inquiriu o jovem.

— Que não vou entregar nenhuma carta.

— Por que não?

— Porque você vai vir conosco.

— Eu?

— E estará amanhã com a srta. Aymard para a pedir em casamento.

Jean-Louis fitou Rénine com um ar em que havia certo desdém, como se pensasse: “Eis alguém que não entendeu nada dos acontecimentos que lhe expus.”

Hortense se acercou de Rénine:

— Diga-lhe que Geneviève quis se matar, que fatalmente se matará...

— Não precisa. As coisas ocorrerão como eu disse. Dentro de uma hora ou duas, partiremos os três. O pedido de casamento ocorrerá amanhã.

O jovem deu de ombros e riu:

— Fala com uma segurança!...

— Tenho motivos para falar assim. Lança-se mão de um deles.

— Qual?

— Direi apenas um, um único, mas que bastará, se quiser me ajudar em minhas buscas.

— Buscas... Com que objetivo? — questionou Jean-Louis.

— Com o de estabelecer que a sua história não é de todo exata.

Jean-Louis se encrespou:

— Peço-lhe que creia, senhor, que não disse uma palavra que não seja a exata verdade.

— Me expresso mal — continuou Rénine, com muita gentileza. — Por certo não disse uma palavra que não esteja conforme com o que julga ser a verdade. Mas essa verdade não é, não pode ser o que julga.

O moço cruzou os braços.

— Há probabilidades, em todo caso, de que a conheça melhor que o senhor.

— Por que melhor? O que aconteceu durante aquela noite trágica só pôde forçosamente conhecer de segunda mão. Não tem nenhuma prova. E tampouco as duas damas.

— Nenhuma prova de quê? — impacientou-se Jean.

— Nenhuma prova da confusão que teria havido.

— Como? Mas é uma certeza absoluta! As duas crianças foram postas no mesmo berço, sem que nenhum sinal as distinguisse uma da outra. A acompanhante não pôde saber...

— A versão que ela dá é o de menos.

— Que está dizendo? A versão que dá? Mas é acusar essa mulher.

— Não estou acusando.

— Mas, sim, de que mentiu. Mentir por quê? Não tinha nenhum interesse, e suas lágrimas, seu desespero... tantas testemunhas que confirmam sua boa-fé? Pois enfim as duas mães estavam ali; viram essa mulher chorar, a interrogaram. E, repito, que interesse ela podia ter?

Jean-Louis estava muito exaltado. Junto a ele, a sra. d'Ormival e a sra. Vaubois, que sem dúvida escutavam atrás da porta e que tinham entrado sorrateiramente, balbuciavam, perplexas:

— Não... não... é impossível... Desde então lhe perguntamos cem vezes. Por que iria mentir?

— Fale, senhor, fale — ordenou Jean-Louis —, explique-se. Diga as razões por que tenta pôr em dúvida a verdade certa.

— Por essa verdade não ser admissível — declarou Rénine, que alçou a voz e, por sua vez, se animou a ponto de sublinhar suas frases com batidas na mesa. — Não, as coisas não acontecem assim. Não, o destino não tem refinamentos de crueldade, e os acasos não se somam uns aos outros com tanta extravagância. Já seria um acaso inaudito que, na mesma noite em que o doutor, seu criado e a empregada tivessem deixado a casa, as duas damas sentissem justamente na mesma hora as dores do parto e dessem à luz ao mesmo tempo dois meninos. Não acrescentemos a isso um fato ainda mais excepcional! Chega de malefícios. Chega de lampiões que se apagam e velas que não ardem. Não, mil vezes não, não se admite que uma parteira se atrapalhe no que é essencial à sua tarefa. Por enlouquecida que estivesse com o imprevisto das circunstâncias, haveria nela um resto de instinto desperto e que lhe obrigaria a dar a cada uma das crianças seu lugar marcado e distinto do outro. Mesmo que os tivesse deitado lado a lado, um estaria à direita, outro à esquerda. Mesmo que lhe tivesse posto roupas parecidas, haveria um detalhezinho a diferir, algo que a memória arquivaria e fatalmente reconhecível sem necessidade de pensar. Nego que tenha havido confusão. A impossibilidade de saber? Mentira. No terreno da ficção sim, se podem imaginar todas as fantasias e acumular as contradições. Na realidade, no centro da realidade, há sempre um ponto fixo, um nó sólido em torno do qual os fatos vêm se agrupar por si, seguindo uma ordem lógica. Afirmo, pois, da maneira mais formal, que a acompanhante Boussignol não podia confundir as duas crianças.

Dizia isso com tal nitidez como se tivesse assistido às ocorrências daquela noite. Seu poder de persuasão era tal que, de saída, abalou a certeza daqueles que por um quarto de século nunca tinham duvidado.

As duas mulheres e o filho o instavam com ofegante angústia:

— Nesse caso, lhe parece que ela saberia... poderia revelar?

Retificou:

— Não tomo posição sobre isso. Digo apenas que houve em sua conduta, durante aquelas horas, algo que não está de acordo nem com as suas palavras nem com a realidade. Todo o enorme e intolerável mistério que pesou sobre vocês três provém não de um minuto de desatenção, mas desse algo que ignoramos, mas ela não. É o que defendo.

Jean-Louis teve um estremecimento de revolta. Queria escapar ao aperto deste homem.

— Sim, o que defende — disse.

— Bem, o que ocorreu! — acentuou Rénine com energia. — Não há necessidade de assistir a um espetáculo para vê-lo, nem de escutar palavras para ouvi-las. A razão e a intuição nos dão provas tão rigorosas quanto os próprios fatos. A acompanhante Boussignol detém, no segredo de sua consciência, um elemento de verdade que nos é negado.

Com uma voz surda, Jean-Louis articulou:

— Ela está viva!... Mora em Carhaix. Podemos trazê-la aqui!

Imediatamente uma das mães bradou:

— Vou lá e a busco.

— Não — disse Rénine. — A senhora não, nenhum de vocês três.

Hortense propôs:

— Quer que eu vá? Pego o automóvel e faço essa mulher me acompanhar. Onde ela mora?

— No centro de Carhaix — informou Jean-Louis, — uma pequena mercearia. O chofer lhe indicará... A srta. Boussignol... todo mundo conhece.

— Sobretudo, cara amiga — acrescentou Rénine, — não a previna de nada. Se se preocupar, melhor. Mas que não saiba o que se deseja dela; é uma cautela indispensável, se quisermos ter êxito.

Trinta minutos transcorreram no silêncio mais profundo. Rénine passeava pela sala, onde bonitos móveis antigos, lindas tapeçarias, encadernações e graciosos objetos mostravam em Jean-Louis um interesse por arte e estilo. Este cômodo era realmente o seu. Ao lado, pelas portas entreabertas para os alojamentos contíguos, se podia constatar o mau gosto das duas mães. Rénine se acercou do jovem e perguntou:

— Elas são ricas?

— Sim.

— E você?

— Desejaram que este solar com todas as terras à volta me pertença, o que assegura amplamente minha independência.

— Elas têm família?

— Irmãs, uma e outra.

— Poderiam ir morar com elas?

— Sim, e às vezes pensam nisso. Mas... não está em causa, e temo muito que sua intervenção não chegue a nada. Ainda uma vez, lhe afirmo...

Chegou o automóvel e as duas mulheres se ergueram rápido, já prontas para falar.

— Deixem a coisa comigo — disse Rénine — e não se admirem da minha maneira de proceder. Não se trata de interrogá-la, mas de lhe fazer medo, atordoar. Em desconcerto, falará.

O veículo contornou o gramado e parou diante das janelas. Hortense desceu e estendeu a mão a uma velha, com um barrete branco em canudo, um corpete de veludo negro e uma pesada saia pregueada.

Ela entrou meio assustada. Tinha um rosto de doninha, pontudo, a terminar numa queixada armada de dentinhos para a frente:

— Que é que há, sra. d'Ormival? — disse, ao penetrar receosa no ambiente de que o doutor a expulsara antes. — Muito bom dia, sra. Vaubois.

As senhoras não responderam. Rénine avançou e disse em tom severo:

— O que há, srta. Boussignol? Vou lhe comunicar. E insisto vivamente para que pese bem cada uma de minhas palavras.

Tinha o ar de um juiz de instrução para quem a culpa do interrogado não fosse contestável.

— Srta. Boussignol, fui enviado pela polícia de Paris para esclarecer um drama que ocorreu aqui há 27 anos. Ora, nesse drama, em que teve um papel considerável, acabo de obter a prova de que alterou a verdade, e por causa de suas falsas declarações o estado civil de um dos meninos nascidos durante aquela noite não é exato. Em matéria de estado civil, declarações falsas

constituem crimes punidos pela lei. Sou assim forçado a levá-la a Paris para submetê-la, na presença do seu advogado, ao interrogatório de praxe.

— Paris?... Meu advogado?... — gemeu a mulher.

— Vai ser preciso, senhorita, já que está na iminência de receber um mandado de prisão. A menos que... — insinuou Rénine — a menos que esteja disposta, desde agora, a fazer todas as confissões suscetíveis de reparar as consequências da sua falta.

Todos os membros da solteirona tremiam, seus dentes batiam. Estava evidente que era incapaz de opor a Rénine a menor resistência.

— Está resolvida a confessar tudo? — indagou ele.

Ela arriscou:

— Nada tenho a confessar, porque nada fiz.

— Então, vamos embora.

— Não, não — ela implorou. — Ah, meu bom senhor, eu lhe suplico...

— Está decidida?

— Sim — fez num sopro.

— Imediatamente, não é? O horário do trem não nos dá tempo. Este assunto tem de ficar resolvido agora mesmo. À menor hesitação de sua parte, levo-a comigo. Estamos combinados?

— Sim.

— Vamos direto ao ponto. Nada de subterfúgios nem escapatórias.

Ele apontou para Jean-Louis.

— De quem este homem é filho? Da sra. d'Ormival?

— Não.

— Da sra. Vaubois então?

— Não.

Um silêncio de estupor acolheu esta dupla resposta.

— Explique-se — ordenou Rénine, olhando seu relógio.

A srta. Boussignol caiu de joelhos e contou, num tom tão baixo e numa voz tão alterada que tiveram de se inclinar sobre ela para compreenderem mais ou menos o sentido do seu tartamudear:

— Alguém veio de noite... um senhor que trazia em cobertores um recém-nascido que queria confiar ao doutor... Como o doutor não estava, ficou toda a noite a esperá-lo, e foi ele que fez tudo.

— Quê? Que é que ele fez? — exigiu Rénine. — O que aconteceu?

Tinha agarrado a velha pelas duas mãos e a mantinha sob seu olhar imperativo. Jean-Louis e as duas mães curvavam-se sobre ela, ofegantes e ansiosos. A vida deles dependia das palavras que iam ser pronunciadas.

Ela as articulou juntando as mãos como se faz na confissão de um crime.

— Bem, se passou que não foi um menino que morreu, mas os dois, o da sra. d’Ormival e o da sra. Vaubois, os dois com convulsões. Então o senhor, vendo aquilo, me disse... Eu me lembro de todas as suas frases, do som da sua voz, tudo... O senhor me disse: “As circunstâncias me indicam meu dever. Devo aproveitar esta ocasião para que o meu filho seja feliz e bem cuidado. Ponha-o no lugar dos que morreram.” Me ofereceu uma grande quantia, dizendo que isso o livraria de uma série de gastos a fazer todos os meses com o seu garoto, e aceitei. Mas em lugar de qual pôr o dele? O menino devia se chamar Louis d’Ormival ou Jean Vaubois? Ele pensou um instante e respondeu: “Nem um nem outro.” E então me explicou como devia fazer e o que devia contar quando ele tivesse ido embora. E enquanto vestia o menino dele com roupa branca e lãs iguais a um dos pequenos mortos, ele enrolou o outro com os cobertores que trouxera e partiu na noite.

A srta. Boussignol baixou a cabeça e chorou. Após um instante Rénine lhe disse numa entonação mais simpática:

— Não lhe oculto que o seu depoimento concorda com a investigação que eu estava fazendo. Isso será levado em conta a seu favor.

— Não vou ter de ir a Paris?

— Não.

— Não vai me levar? Posso ir embora?

— Pode. De momento, é só isso.

— E não vão falar de tudo isso por aí?

— Não. Ah, ainda uma palavra. Sabe o nome daquele homem?

— Ele não me disse.

— Voltou a encontrá-lo?

— Nunca.

— Não tem uma outra coisa a declarar?

— Nada.

— Está pronta a assinar o texto escrito da sua confissão?

— Sim.

— Está bem. Dentro de uma semana ou duas vai ser chamada. Até lá, nenhuma palavra a ninguém.

Ela se levantou e fez um sinal da cruz. Mas suas forças a traíram e teve de se apoiar em Rénine. Levou-a até a saída e fechou a porta atrás dela.

Quando voltou, Jean-Louis estava entre as duas velhas e os três se davam as mãos. O elo de ódio e de sofrimento que os unia foi de repente partido, e isso pôs imediatamente entre eles, sem que tivessem necessidade de refletir, uma doçura e uma paz de que não tinham consciência, mas que os fazia graves e recolhidos.

— Forcemos as coisas — disse Rénine a Hortense. — É o momento decisivo da batalha. Temos de fazer Jean-Louis embarcar.

Hortense parecia distraída. Murmurou:

— Por que deixou essa mulher ir embora? Ficou satisfeito com a sua história?

— Não fiquei satisfeito. Ela disse o que se passou. Que queria mais?

— Nada... Não sei.

— Voltaremos a falar nisso, cara amiga. De momento, repito, temos de embarcar Jean-Louis. E em seguidinha. Senão...

Dirigindo-se ao jovem, disse:

— Julga como eu, não é? Que os acontecimentos lhe impõem, tanto quanto à sra. Vaubois e à sra. d'Ormival, uma separação que permitirá aos três verem claro e se decidirem em plena liberdade de espírito. Venha conosco, senhor. O que há de mais urgente é salvar Geneviève Aymard, sua noiva.

Jean-Louis ficou perplexo. Rénine se virou para as duas mulheres:

— É o que julgam, não tenho dúvidas, não é, senhoras?

Assentiram com a cabeça.

— Está vendo? — disse a Jean-Louis. — Estamos todos de acordo. Nas grandes crises, é preciso o recuo da separação. Oh, não muito tempo, talvez; alguns dias de pausa, depois da qual poderá abandonar Geneviève e retomar sua existência. Mas esses dias são indispensáveis. Depressa, senhor.

E sem lhe deixar tempo para refletir, atordoando-o com palavras, persuasivo e obstinado, o impeliu a seu apartamento.

Meia hora depois, Jean-Louis deixava o solar.

— E não há de regressar senão casado — disse Rénine a Hortense, enquanto atravessavam a estação de Guingamp a que o automóvel os levara e Jean-Louis se ocupava de sua mala. — Tudo deu certo. Está contente?

— Sim, a pobre Geneviève ficará feliz — respondeu distraidamente.

No trem, instalaram-se, e foram os dois ao vagão-restaurante. Ao fim do jantar, Rénine, que fizera a Hortense várias perguntas a que ela replicou apenas por monossílabos, protestou:

— Mas o que é que há, cara amiga? Está preocupada?

— Eu? Não.

— Sim, sim, conheço você. Vamos, nada de reticências.

Ela sorriu.

— Já que quer tanto saber se estou contente, digo-lhe que... evidentemente... estou por Geneviève Aymard... mas que, em outra perspectiva... a da própria aventura vivida desta vez... conservo uma certa insatisfação...

— Para falar franco, não a “impressionei” desta vez?

— Não muito.

— Meu papel lhe parece secundário? Enfim, em que consistiu? Viemos. Escutamos as dolências de Jean-Louis. Fez-se comparecer uma velha parteira e fim.

— Justamente, me pergunto se é o fim e não tenho certeza. Na verdade nossas outras aventuras me deixaram uma impressão mais... como explicar? Mais franca, mais clara.

— E esta lhe parece obscura?

— Obscura, sim, inacabada.

— Mas em quê?

— Não sei. Talvez em relação às confissões dessa mulher... Sim, provavelmente. Foi tão imprevisto e tão breve!

— Claro! — disse Rénine, rindo. — Acerta se pensa que as interrompi. Não queria explicações demais.

— Como?

— Sim, se desse explicações muito detalhadas, se acabaria desconfiando do que contasse.

— Desconfiando?

— Puxa, a história era super-rebuscada. Esse senhor que chega de noite, com um filho nos braços, e que vai embora com um cadáver, isso não fica de pé. Que quer, cara amiga, não tive tempo de assoprar o papel a essa infeliz.

Hortense o fitou, aturdida.

— Que quer dizer?

— Sim, não é? Estas mulheres do campo têm a cabeça dura. Estávamos apressados, ela e eu. Então construímos correndo o nosso ato... que ela não recitou demasiado mal aliás. O tom ela pegou bem... susto... falsetes... lágrimas...

— Será possível? Será possível? Tinha a visto antes?

— Era necessário.

— Mas quando?

— De manhã, quando chegamos. Enquanto você refazia a maquilagem no hotel de Carhaix, corri a me informar. Calcula como seja conhecido o drama d'Ormival-Vaubois na região. Em seguida me indicaram a velha parteira. Com a srta. Boussignol não demorou. Três minutos para estabelecer a nova versão do que se passou e dez mil francos para que consentisse em repetir diante do pessoal do solar tal versão... mais ou menos inverossímil.

— Completamente inverossímil!

— Não tanto, minha amiga, já que acreditou nela e os outros também. Era o essencial. Cumpria demolir num tapa uma verdade de 27 anos, uma verdade tanto mais sólida quanto construída pelos próprios fatos. Por isso os solapei com todas as forças e ataquei a golpes de eloquência. A impossibilidade de identificar os dois meninos? Nego. A confusão? Mentira. São os três vítimas de algo que ignoro, mas que devem esclarecer. “Fácil”, brada Jean-Louis, de imediato abalado, “façamos vir a srta. Boussignol.” “Façam ela vir.” A senhorita chega e recita em surdina o discursinho que lhe ensinei. Golpe de teatro. Estupor. Aproveito para raptar o jovem.

Hortense sacudiu a cabeça:

— Mas voltarão a si os três! Refletirão.

— Nunca na vida! Que tenham dúvidas talvez. Mas nunca consentirão em ter certeza. Nunca aceitarão refletir. Como? Pessoas que tiro do inferno em que se debatem há um quarto de século desejariam voltar a ele? São desses que, por debilidade, por um falso sentimento do dever, não tinham a coragem de

escapar, e não se agarrariam na liberdade que lhes dou? Vamos! Teriam engolido patranhas ainda mais intragáveis do que as que servi a eles por meio da srta. Boussignol. Afinal a minha versão não é mais idiota que a verdadeira. Ao contrário, e a engoliram inteira! Olhe, antes de nossa partida, ouvi a sra. d'Ormival e a sra. Vaubois falando em se mudar imediatamente. Estavam já cheias de mútuo afeto com a ideia de não se verem mais.

— Mas Jean-Louis?

— Jean-Louis! Tinha aguentado o que não podia com suas duas mães! Por Deus, não se tem duas mães na vida! É demais para um filho só. Quando surge a chance de poder escolher entre possuir duas mães ou nenhuma, puxa, não se hesita. Ademais Jean-Louis ama Geneviève, e o suficiente, quero crer, para não lhe infligir duas sogras! Ora, pode estar tranquila. A felicidade dessa moça está garantida, e não era isso o que desejava? O importante é o fim que se atinge e não a natureza mais ou menos estranha dos meios que se empregam. E se há aventuras que se desenojam e mistérios que se elucidem, graças à busca e à descoberta de pontas de cigarro, de garrafas incendiárias e caixas de chapéu que se inflamam, há outras que exigem psicologia e cuja solução é puramente psicológica.

Hortense calou e prosseguiu depois:

— Então, de fato, você está convencido de que Jean-Louis...

Rénine pareceu surpreendido.

— Como, ainda pensa nessa velha história? Mas tudo isso terminou! Bem, lhe confesso que não me interessa mais em nada pelo homem de dupla mãe.

E isso foi dito de modo tão engraçado, com tão divertida sinceridade, que Hortense caiu na risada.

— Enfim! Ria, cara amiga. Veem-se as coisas bem mais claramente por meio do riso que através das lágrimas. Depois, há outro motivo para que seu dever seja rir cada vez que se apresente uma oportunidade.

— Qual?

— Tem belos dentes.

V1

A MULHER DO MACHADO

Um dos acontecimentos mais incompreensíveis do período antes da guerra foi o que se chamou o caso da Mulher do Machado. A solução não foi conhecida, nem seria nunca se as circunstâncias não tivessem obrigado da maneira mais cruel o príncipe Rénine — ou devemos dizer Arsène Lupin? — a se ocupar dele, e se não pudéssemos dar hoje do caso, segundo suas confidências, a narrativa autêntica.

Lembremos os fatos. No espaço de dezoito meses, cinco mulheres desapareceram, cinco mulheres de condições diversas, com vinte a trinta anos, morando em Paris ou perto.

Eis seus nomes: *sra. Ladoue*, esposa de um médico; *srtá. Ardant*, filha de um banqueiro; *srtá. Covereau*, lavadeira em Courbevoie; *srtá. Honorine Vernisset*, costureira, e *sra. Grollinger*, pintora. Essas cinco mulheres sumiram sem que fosse possível obter um só detalhe que explicasse por que saíram de casa, por que não voltaram, quem as atraiu à rua e como foram retidas.

Oito dias após desaparecerem, foram encontradas num lugar qualquer do subúrbio oeste de Paris, e cada vez foi um cadáver que se achou, ferido na cabeça com uma machadada. E cada vez, perto da mulher solidamente atada, com o rosto inundado de sangue, o corpo emagrecido pela falta de alimento, marcas de rodas provavam que o cadáver fora ali levado por um carro.

A semelhança dos cinco crimes era tal que houve apenas uma investigação, englobando as cinco ocorrências, sem chegar aliás a nenhum resultado. Desaparecimento de uma mulher, achado de seu cadáver exatamente oito dias depois. Eis tudo.

O modo de atar era o mesmo, e também as marcas deixadas pelas rodas do carro. Iguais eram as machadadas, desferidas verticalmente no alto da testa e meio da cabeça.

O motivo? As cinco mulheres tinham sido inteiramente despojadas de suas joias, carteiras e objetos de valor. Mas se podia também atribuir o roubo a gatunos e passantes, já que os cadáveres jaziam em lugares ermos. Devia se imaginar a execução de um plano de vingança, ou de um plano para destruir uma série de indivíduos ligados uns aos outros, por exemplo beneficiários de uma futura herança? Ainda aí, a mesma obscuridade. Construía-se hipóteses que o exame dos fatos desmentia na prática. Seguiam-se pistas logo abandonadas por inúteis.

Houve um súbito golpe teatral. Uma varredora de ruas juntou numa calçada uma cadernetinha que levou ao comissariado mais perto.

Todas as folhas da cadernetinha estavam em branco, fora uma, na qual havia a lista das mulheres assassinadas, feita pela ordem cronológica e cujos nomes eram seguidos de três números. *Ladoue*, 132; *Vernisset*, 118 etc. Não se teria por certo dado importância a essas linhas, que qualquer um poderia ter escrito, pois todo mundo conhecia a lista fúnebre, se, em lugar de cinco nomes, nela não constassem seis! Sim, abaixo da palavra *Grollinger*, 128, lia-se: *Williamson*, 114. Estava-se diante do sexto assassinato?

A proveniência evidentemente inglesa do nome restringia o campo das pesquisas que, de fato, foram rápidas. Estabeleceu-se que, quinze dias antes, uma srta. Herbertte Williamson, ama-seca numa família de Auteuil, deixara o emprego para regressar à Inglaterra, e que, desde aí, suas irmãs, embora avisadas por carta de sua chegada, não ouviram falar dela.

Novas buscas. Um agente do correio encontrou o cadáver nos bosques de Meudon. Miss Williamson tinha o crânio rachado ao meio.

Dispensável recordar a emoção do público nesse momento e que arrepio de horror o sacudiu ao ler essa lista, sem dúvida escrita pela própria mão do assassino. Nada de mais assombroso que essa contabilidade mantida em dia, como o livro de um comerciante. Nesta data matei esta, nesta outra, aquela... E como resultado da soma — seis cadáveres.

Contra toda expectativa, os peritos e grafólogos não tiveram dificuldade em ficar de acordo e unanimemente declararam que a escrita era de uma

mulher “cultivada, com gosto artístico, imaginação e extrema sensibilidade”. A Mulher do Machado, como os jornais a chamaram, certamente não era uma qualquer, e centenas de artigos estudaram seu caso, expuseram sua psicologia e se perderam em explicações rebuscadas.

Foi, porém, o autor de um desses artigos, um jovem jornalista posto em relevo por seu achado, que trouxe o único elemento de verdade e lançou nas trevas o único clarão capaz de atravessá-las. Procurando um sentido às cifras colocadas à direita dos seis nomes, foi levado a se perguntar se não representavam simplesmente o número de dias que separavam os crimes uns dos outros. Bastava verificar as datas. Imediatamente comprovou a exatidão de sua hipótese. O rapto da srta. Vernisset tinha ocorrido 132 dias depois do da sra. Ladoue; o de Hermine Covereau, 118 dias depois do da srta. Vernisset etc.

Assim, não houve possibilidade de hesitar, e a justiça aceitou uma solução que se adaptava tão precisamente às circunstâncias: as cifras correspondiam aos intervalos. A contabilidade da Mulher do Machado não tinha lapsos.

Então se impôs uma observação. Miss Williamson, a última vítima, tendo sido sequestrada em 26 de junho passado e estando seu nome acompanhado do número 114, não se devia admitir que uma outra agressão se produziria 114 dias depois, isto é, a 18 de outubro? Não era para crer que o horrível fato se repetiria segundo a vontade secreta do assassino? Não se tinha de ir até o fim no argumento que atribuía às cifras, a todas elas, às últimas como às primeiras, um valor de datas dos delitos?

Ora, essa polêmica se acirrou nos dias anteriores àquele 18 de outubro, em que a lógica queria que se desse um novo ato do drama abominável. Por isso era natural que, na manhã desse dia, o príncipe Rénine e Hortense, marcando por telefone um encontro para a noite, fizessem alusão às notícias que ambos acabavam de ler.

— Cuidado! — disse Rénine rindo. — Se encontrar a Mulher do Machado, mude de calçada.

— E se essa senhora me sequestrar, que é que eu devo fazer?

— Semeie o caminho de pedrinhas brancas, e repita até o instante de luzir o relâmpago do machado: “Nada tenho a temer, *ele* me livrará.” *Ele* sou eu... e lhe beijo as mãos. Até à noite, amiga.

Nas primeiras horas da tarde, Rénine tratou de seus negócios e, das quatro às sete, comprou as diversas edições dos jornais. Nenhuma falava de rapto.

Às nove, foi para o Gymnase onde reservara uma frisa.

Às nove e meia, não tendo Hortense chegado, ligou para sua casa, sem maior preocupação. A empregada respondeu que a patroa ainda não tinha voltado.

Preso de um súbito susto, Rénine correu ao apartamento que Hortense ocupava provisoriamente perto do parque Monceau e interrogou a servente, que ele próprio escolhera e lhe era dedicadíssima. A mulher contou que a senhora saíra às duas horas, com uma carta lacrada nas mãos, dizendo que ia ao correio e voltaria para se vestir. Depois, nenhuma novidade.

— Esta carta estava dirigida a quem?

— Ao senhor. Vi o sobrescrito: Príncipe Rénine.

Ele esperou até a meia-noite. Em vão. Hortense não voltou, nem no dia seguinte.

— Nenhuma palavra sobre isso — ordenou Rénine à empregada. — Dirá que a patroa está no campo e que vai encontrá-la.

Por ele, não duvidava. O desaparecimento de Hortense se explicava pela própria data de 18 de outubro. Hortense era a sétima vítima da Mulher do Machado.

O sequestro, pensou Rénine, precede a machadada em oito dias. Disponho nesse momento de sete dias inteiros à minha frente. Digamos seis, para evitar qualquer surpresa. Estamos hoje num sábado; sexta-feira que vem, ao meio-dia, Hortense deve estar livre e para isso tenho de saber onde está, o mais tardar na quinta às nove horas.

Grafou em letras grandes QUINTA ÀS NOVE HORAS num cartaz que pregou em cima da lareira do seu gabinete de trabalho. Depois, ao meio-dia deste sábado, dia seguinte ao do desaparecimento, fechou-se nesse aposento, ordenando ao criado que só o perturbasse nas horas de refeições e do correio.

Lá ficou quatro dias, quase sem se mexer. De saída, mandara vir uma coleção de todos os jornais importantes que noticiaram com detalhes os seis primeiros crimes. Tendo-os lido e relido, fechou janelas e cortinas e, sem luz, com a porta aferrolhada, deitado no divã, refletiu.

Terça à noite, não estava mais adiantado que na primeira hora. As trevas seguiam igualmente densas. Não tinha dado com o menor fio capaz de conduzi-lo, nem entrevisto a menor razão de esperança.

Às vezes, apesar de seu imenso poder de autodomínio e de sua ilimitada confiança nos recursos de que dispunha, estremecia de angústia. Chegaria a tempo? Faltava um motivo para que nos últimos dias visse mais claro que durante os transcorridos. E seria o assassinato inevitável da moça.

Essa ideia o torturava. Estava ligado a Hortense por um sentimento muito mais forte e profundo que a aparência de suas relações deixava supor. A curiosidade e o desejo do início, a incumbência de proteger a jovem, distraí-la e lhe dar o gosto da existência tinham se transformado simplesmente em amor. Nem um nem outro se apercebiam disso, por pouco se verem fora das horas de crise, em que a aventura dos outros e não a sua os preocupava. Mas, ao primeiro impacto do perigo, Rénine viu o lugar que Hortense tomara em sua vida, desesperando por sabê-la cativa e martirizada e não poder salvá-la.

Passou uma noite agitada e férvida, examinando o caso em todos os aspetos. A manhã de quarta-feira foi igualmente terrível para ele. Perdia o pé. Desistindo de se encerrar, tinha aberto as janelas, ia e vinha em seu apartamento, saía à avenida e voltava como se tivesse à frente a ideia que o obcecava!

Hortense sofre... Está no fundo do abismo... Está vendo o machado... Me chama... suplica... e não posso nada...

Foi às cinco da tarde, ao reexaminar a lista dos seis nomes que teve o pequeno choque íntimo que é como o sinal da verdade que se busca. Fez-se uma claridade em sua mente. Não por certo a grande claridade em que todos os aspetos se manifestam, mas bastava para saber que diretriz tomar.

Em seguida estabeleceu seu plano de campanha. Por seu chofer Clément, enviou aos principais jornais uma notinha que devia sair em letra grande nos anúncios do dia seguinte. Além disso, Clément também devia ir à lavanderia de Courbevoie, onde esteve empregada a srta. Covereau, a segunda das seis vítimas.

Na quinta, Rénine não se mexeu. À tarde, várias cartas provocadas por seu anúncio lhe chegaram. Recebeu depois dois telegramas. Mas não parecia que essas cartas e telegramas respondessem ao que aguardava. Enfim, às três horas,

chegou, carimbada do Trocadéro, uma cartinha pneumática que pareceu satisfazê-lo. Virou-a e revirou, estudou a letra, folheou sua coleção de jornais e concluiu a meia-voz.

— Acho que se pode andar nessa direção.

Consultou um guia e anotou este endereço: sr. Lourtier-Vaneau, ex-governador colonial, avenida Kléber, 47 *bis*, e correu para o seu automóvel.

— Clément, avenida Kléber, 47 *bis*.

Foi introduzido num grande gabinete de trabalho, guarnecido por magníficas estantes com velhos livros de encadernações requintadas. O sr. Lourtier-Vaneau era um homem ainda jovem, de barba, um pouco grisalha, e que, por suas maneiras afáveis, sua distinção verdadeira, sua sorridente gravidade, inspirava confiança e simpatia.

— Governador — disse-lhe Rénine —, vim lhe falar porque li num dos jornais do ano passado que conheceu uma das vítimas da Mulher do Machado, Honorine Vernisset.

— Se a conhecemos! — exclamou Lourtier. — Minha mulher a empregava como costureira por dia. Pobre mulher!

— Senhor governador, uma senhora amiga minha acaba de desaparecer, como as seis outras vítimas.

— Como? — Teve um brusco recuo. — Mas acompanhei atentamente os jornais. Não houve nada a 18 de outubro.

Houve, uma jovem que amo, sra. Daniel, foi raptada nesse dia.

— E hoje é dia 24!...

— De fato, e é depois de amanhã que o crime deve ser cometido.

— É horrível! Cumpre impedir a qualquer custo...

— Talvez eu consiga com o seu auxílio, governador.

— Mas deu queixa?

— Não, nos achamos diante de segredos por assim dizer absolutos, compactos, que não oferecem brechas pelas quais se esgueire o olhar mais agudo, sendo inútil esperar alguma revelação pelos meios comuns, estudo dos locais, inquéritos, impressões digitais etc. Se nenhum desses processos adiantou nos casos anteriores, seria perder tempo empregá-los num sétimo caso semelhante. Um inimigo que mostra tanta destreza e finura não deixa atrás de

si nenhum desses rastros grosseiros em que se prende o primeiro esforço de um detetive profissional.

— Que fez então?

— Antes de agir, pensei durante quatro dias.

Lourtier-Vaneau observou o interlocutor e disse com uma margem de ironia:

— O resultado desse pensamento?...

— Primeiro — contestou Rénine sem se desarmar —, tirei de todos os casos uma visão de conjunto que ninguém tinha tido até aqui, o que me permitiu lhes descobrir o sentido geral, afastando a palha das hipóteses turvas. Já que é impossível concluir sobre os móveis de toda essa história, tive de atribuí-la à única espécie de indivíduos capaz de levá-la a efeito.

— Ou seja?

— A categoria dos loucos, governador.

Lourtier-Vaneau estremeceu.

— Dos loucos? Que ideia!

— Governador, a pessoa chamada Mulher do Machado é uma louca.

— Mas estaria internada!

— Sabemos se não está? Sabemos se não se conta no número desses semiloucos, na aparência inofensivos e tão pouco vigiados que têm plena franquia para se abandonar às suas pequenas manias e instintos de animais ferozes? Nada de mais falso que essas criaturas, nada de mais sorrateiro, mais paciente, mais obstinado, mais perigoso, de mais absurdo e ao mesmo tempo de mais lógico, de mais desordenado e mais metódico. Todos esses epítetos, governador, podem se aplicar à obra da Mulher do Machado. A obsessão de uma ideia e a repetição de um ato são a característica do louco. Não conheço ainda a ideia que obceca a Mulher do Machado, mas conheço o ato que dela resulta e é sempre o mesmo. A vítima é atada por cordas idênticas; morta depois de um mesmo número de dias; abatida pelo mesmo golpe, com o mesmo instrumento, no mesmo lugar, no meio da testa, e com um ferimento exatamente perpendicular. Um assassino de outra espécie variaria. Sua mão, que treme, se desvia e equivoca. A Mulher do Machado não treme. Deve tomar medidas para que o gume de sua arma não se desloque nem por um centímetro. Preciso lhe dar outras provas e examinar com o senhor todos os

demais fatos? Não, não é? Conhece agora a palavra da charada e há de pensar como eu que só um louco agiria desse modo, estúpida, selvagem, mecanicamente, feito um relógio que bate ou um cutelo que cai.

Lourtier-Vaneau sacudiu a cabeça:

— Com efeito... sim, todo o caso pode ser visto desse ângulo... e começo a crer que deve ser visto assim. Mas se admitimos nessa louca uma lógica matemática, não percebo nenhuma correlação entre as vítimas. Atacou ao acaso. Por que esta e não aquela?

— Ah, governador — bradou Rénine —, me faz a pergunta que me fiz desde o primeiro minuto, que resume todo o problema e tive tanta dificuldade em resolver! Por que Hortense Daniel em vez de uma outra? Entre dois milhões de mulheres possíveis, por que Hortense? Por que a jovem Vernisset? Por que miss Williamson? Se o caso é como o imaginei em seu conjunto, isto é, baseado na lógica cega e irregular de uma louca, fatalmente haveria uma escolha. Ora, em que consistiria essa escolha? Qual seria a qualidade, ou o defeito, ou o sinal necessário para que a Mulher do Machado arremettesse? Em suma, se escolhe, e não poderia deixar de escolher o que nortearia sua escolha?

— E descobriu?

Rénine fez uma pausa e foi avante:

— Sim, governador, descobri, e poderia ter descoberto desde o primeiro minuto, já que bastava examinar com atenção a lista das vítimas. Mas esses relâmpagos de verdade só se acendem num cérebro superaquecido pelo esforço e a reflexão. Vinte vezes olhei a lista sem que esse pormenor tomasse forma a meus olhos.

— Não entendo — disse Lourtier-Vaneau.

— Governador, é de se observar que, se várias pessoas são reunidas num caso, crime, escândalo público etc., o modo de designá-las fica praticamente imutável.

Nesse caso, os jornais nunca se referiram à sra. Ladoue e às srtas. Ardant e Covereau senão com seus nomes de família. Ao contrário, a srta. Vernisset e miss Williamson, além desses sobrenomes, eram sempre designadas pelos nome, Honorine e Herbette. Se tivesse ocorrido o mesmo com as seis vítimas, nem haveria o problema.

— Por quê?

— Porque à primeira vista se saberia da correlação existente entre as seis infelizes, como soube na hora ao aproximar os últimos dois nomes ao de Hortense Daniel. Agora entende, não é? Tem, como eu, diante dos olhos três nomes...

Lourtier-Vaneau pareceu perturbado. Um pouco pálido, pronunciou:

— Que está dizendo?... Que está dizendo?

— Digo — continuou Rénine com voz clara, destacando as sílabas — que tem diante dos olhos três nomes que começam com a mesma inicial e estão compostos, coincidência a notar, pelo mesmo número de letras, como pode fazer a comprovação. De outro lado, se for se informar na lavandaria de Courbevoie, onde estive trabalhando a srta. Covereau, saberá que se chamava Hilairie. Ainda aí a mesma inicial e o mesmo número de letras. Inútil procurar mais. Estamos certos, não é? De que os nomes de todas as vítimas apresentam as mesmas particularidades. E essa verificação nos dá de maneira inteiramente segura a solução do problema que nos colocávamos. A escolha da louca se explica. Conhecemos o elo que ligava as infelizes. Não há erro possível. É isso e não outra coisa. E que confirmação de minha ideia esse modo de escolher! Que prova de loucura! Por que matar estas mulheres e não outras? Porque seus nomes começam com um H e têm oito letras! Está me ouvindo, governador? O número de letras é oito. A inicial é a oitava letra do alfabeto, e *huit* [oito] começa por um H. E é um *hache* [agá ou machado] o instrumento da morte. Diga-me se a Mulher do *Hache* [Machado] não é uma louca.

Rénine se deteve e aproximou do sr. Lourtier-Vaneau.

— Que está sentindo, governador? Parece doente.

— Não, não — fez o outro, de cuja testa escorria suor. — Não... mas toda essa história é tão tocante! Pense que conheci uma das vítimas... E então...

Rénine foi buscar sobre um velador uma garrafa e um copo que encheu d'água e estendeu a Lourtier. Este bebeu uns sorvos e, se aprumando, prosseguiu numa voz que tentava firmar:

— Está bem, admitamos a sua hipótese. Falta ainda chegar a resultados palpáveis. O que é que fez?

— Publiquei esta manhã em todos os jornais um anúncio assim redigido: “Excelente cozinheira solicita emprego. Escrever antes das cinco horas a Herminie, avenida Haussmann...” etc. Segue entendendo, não é, governador?

Os nomes de oito letras começando por um H são raros e fora de moda. Herminie, Hilairie, Herbette... Ora, esses nomes, por motivos que ignoro, são indispensáveis à louca. Não passa sem eles. Para achar mulheres desses nomes, e apenas para isso, junta o que lhe resta de razão, discernimento, reflexão, inteligência. Busca, interroga, fica à espreita. Lê os jornais que mal entende, mas onde seus olhos se prendem a detalhes, a certas maiúsculas. De modo que não duvidei um segundo de que o nome de Herminie, impresso em letra grande, lhe atrairia a atenção e cairia hoje na armadilha do meu anúncio...

— Ela escreveu? — perguntou o outro, ansioso.

— Para dar suas condições à suposta Herminie — continuou Rénine —, muitas senhoras escreveram as cartas costumeiras num caso desses. Mas recebi uma pneumática que me pareceu de certo interesse.

— De quem?

— Leia, governador.

Lourtier-Vaneau arrancou o papel das mãos de Rénine e deu uma olhada na assinatura. Teve de início um gesto de surpresa, como se esperasse outra coisa. A seguir deu uma comprida risada, onde havia júbilo e liberação.

— Por que está rindo, governador? Parece contente.

— Contento, não. Mas esta carta está assinada por minha mulher.

— E receava outra coisa?

— Oh, não, mas já que é a minha mulher...

Não acabou a frase e disse a Rénine:

— O senhor me desculpe, mas me falou que recebeu várias respostas. Por que, entre todas elas, pensou que precisamente esta poderia lhe fornecer algum indício?

— Por ser assinada pela sra. Lourtier-Vaneau, a mesma que empregara como costureira uma das vítimas, Honorine Vernisset.

— Quem lhe disse isso?

— Os jornais da época.

— E sua escolha não foi determinada por nenhuma outra coisa?

— Nenhuma. Mas tenho a impressão, desde que estou aqui, governador, que não me enganei de caminho.

— Por que essa impressão?

— Não sei muito. Certos sinais, detalhes... Posso ver a sra. Lourtier?

— Ia lhe propor isso. Tenha a bondade de vir comigo.

Levou-o por um corredor a um pequeno salão, onde uma dama de cabelos louros e bonito rosto, feliz e doce, estava sentada entre três crianças, que fazia estudar.

Ela se ergueu, o dono da casa fez as apresentações e disse à sua mulher:

— Suzanne, é tua essa pneumática?

— Endereçada à srta. Herminie, avenida Haussmann? — disse.

— Sim, é minha. Sabes que nossa criada de dentro vai embora e trato de achar alguém.

Rénine a interrompeu:

— Desculpe, senhora, só uma coisa. Como soube o endereço dessa mulher?

Ela enrubesceu. O marido insistiu:

— Responde, Suzanne. Quem te deu esse endereço?

— Alguém me telefonou.

— Quem?

Após hesitar, pronunciou:

— Tua velha ama de leite...

— Félicienne?...

— Sim.

Lourtier cortou a conversa e, sem permitir a Rénine fazer novas perguntas, o trouxe de volta a seu escritório.

— Como vê, esta pneumática tem uma origem bem natural. Félicienne, minha velha ama, a quem dou uma pensão e que mora nos arredores de Paris, leu o seu anúncio e foi ela quem avisou à sra. Lourtier. Pois, enfim — acrescentou, esforçando-se por rir —, não creio que desconfie que a minha esposa seja a Mulher do Machado.

— Não.

— De modo que o incidente está encerrado... ao menos do meu lado. Fiz o que podia... Acompanhei seus raciocínios e lamento muito não poder lhe ser útil...

Tinha pressa em se livrar do visitante indiscreto. Fez o gesto de lhe mostrar a porta, mas teve uma espécie de atordoamento, bebeu um segundo copo d'água e se sentou. Seu rosto estava desfeito.

Rénine o fitou alguns segundos, como se fita um adversário desfalecente que só falta terminar, e, sentando-se a seu lado, o agarrou de repente pelo braço.

— Governador, se não falar, Hortense Daniel será a sétima vítima.

— Não tenho nada a dizer. Que quer que eu saiba?

— A verdade. Minhas explicações fizeram com que a descobrisse. Sua angústia, seu espanto são para mim provas certas. Vim buscando um colaborador e, por uma sorte imprevista, é um guia que encontro. Não percamos tempo.

— Mas, enfim, senhor, se eu soubesse, por que me calaria?

— Por medo do escândalo. Há em sua vida, tenho a intuição, algo que está constrangido a esconder. A verdade que lhe surgiu de súbito sobre o drama monstruoso, se se tornar conhecida, seria para o senhor a desonra, a vergonha, e recua ante o seu dever.

Ele não respondia mais. Rénine, de pertinho, com os olhos nos seus, murmurou:

— Não haverá escândalo. Apenas eu no mundo saberei o que ocorreu. Tenho tanto interesse quanto o senhor em não chamar a atenção, já que amo Hortense Daniel e não quero seu nome metido nessa horrível história.

Ficaram um ou dois minutos um diante do outro. Rénine endureceu o rosto, e o outro sentiu que nada o dobraria antes de as palavras serem pronunciadas, mas não podia falar.

— O senhor se engana... Julgou ver coisas que não existem.

Rénine teve a certeza imediata e aterradora de que se esse homem se fechasse estupidamente em seu silêncio, era o fim de Hortense Daniel, e sua raiva foi tanta em pensar que a solução estava ali, como um objeto ao alcance da mão, que agarrou Lourtier pela garganta e o derrubou.

— Basta de mentiras! A vida de uma mulher está em jogo! Fale, e fale de uma vez... senão...

Lourtier estava exausto. Qualquer resistência era impossível. Não que a agressão de Rénine o atemorizasse e cedesse a esse ato de violência, mas se sentia esmagado por essa vontade indomável que parecia não admitir nenhum obstáculo, e balbuciou:

— Tem razão. Meu dever é dizer tudo, aconteça o que acontecer.

— Não acontecerá nada, assumo o compromisso, mas com a condição de que salve Hortense Daniel. Um segundo de hesitação pode pôr tudo a perder. Fale. Não aparência, fatos.

Com os cotovelos apoiados na sua escrivaninha, as mãos na testa, Lourtier pronunciou no tom de uma confiança que buscasse fazer o mais curta possível:

— A sra. Lourtier não é minha mulher. A única que tem o direito de usar meu nome espousei quando era jovem funcionário nas colônias. Era uma mulher estranha, de cérebro algo fraco, submissa até o inverossímil a suas manias e impulsos. Tivemos duas crianças, dois gêmeos que ela adorou e em cuja convivência sem dúvida teria achado o equilíbrio e a saúde mental, quando, por um acidente estúpido, um carro que passava, foram esmagados à sua vista. A infeliz enlouqueceu... com essa loucura silenciosa e discreta que o senhor lembrou. Tempos depois, nomeado para uma cidade da Argélia, a trouxe para a França e confiei à excelente criatura que me criou. Dois anos mais tarde, conheci a que faz a alegria da minha vida. Viu-a há pouco. É a mãe de meus filhos e passa por minha mulher. Devo sacrificá-la? Toda nossa existência deve se abismar no horror e nosso nome ser associado a esse drama de loucura e sangue?

Rénine refletiu e perguntou:

— Como se chama a outra?

— Hermance.

— Hermance... Sempre a inicial, as oito letras...

— Foi isso o que me esclareceu há pouco — disse Lourtier. — Quando ligou os nomes uns aos outros, em seguida pensei que a infeliz se chamava Hermance, que era louca... e todas as provas me vieram ao espírito.

— Mas se entendemos a escolha das vítimas, como explicar o assassinato? Em que consiste a sua loucura? Sofre muito?

— Não muito atualmente. Mas sofreu da pior dor que existe: desde o momento em que os filhos foram esmagados diante dela, a terrível imagem dessa morte permaneceu consigo noite e dia, sem interrupção, pois não dormia um segundo. Pense neste suplício: ver os filhos morrer durante todas as horas dos longos dias e todas as horas das noites intermináveis.

Rénine contrapôs:

— Mas não há de ser para expulsar essa imagem que mata?

— Sim... talvez... — articulou Lourtier, pensativo — para expulsá-la pelo sono.

— Não compreendo.

— Não compreende por se tratar de uma louca. O que se passa nesse cérebro desconjuntado é certamente incoerente e anormal.

— Claro... mas, de qualquer forma, sua suposição se prende a fatos que a justifiquem?

— Sim... fatos que não tinha notado por assim dizer, mas que hoje encaro sob nova luz. O primeiro deles remonta a alguns anos, uma manhã em que minha velha ama encontrou, pela primeira vez, Hermance adormecida. Tinha suas mãos crispadas no pescoço de um cão que estrangulava. E a cena se repetiu depois mais três vezes.

— E dormia.

— Sim, dormia, um sono que, cada vez, durava várias noites.

— E o que concluiu daí?

— Que a distensão nervosa provocada pelo assassinato a esgotava e predispunha ao sono.

Rénine se impressionou.

— É isso! Não há dúvida! Matar, o esforço de matar a faz dormir. O que deu resultado com animais, repetiu com mulheres. Toda sua loucura se concentrou em volta deste ponto: mata-as para se apoderar do sono delas! O sono lhe falta: rouba o das outras! É bem isso, não é? Ela dorme há dois anos?

— Há dois anos — balbuciou Lourtier.

Rénine lhe apertou o ombro.

— E não pensou que sua loucura podia aumentar e que nada a deteria na conquista do benefício do sono? Temos de nos apurar, tudo isso é terrível!

Os dois se dirigiam para a porta quando Lourtier vacilou. O telefone tocava.

— É de lá — disse.

— De lá?

— Cada dia, a esta hora, minha velha ama me dá notícias.

Pegou os fones e estendeu um a Rénine, que lhe assoprava as perguntas que devia fazer.

— És tu, Félicienne? Como vai ela?

— Vai indo, senhor.

— Dorme bem?

— Não muito bem há alguns dias. Na noite passada, até, não fechou os olhos. Anda muito triste.

— Neste momento o que está fazendo?

— Está no quarto.

— Vai lá, Félicienne. Não a deixes só.

— Não posso; trancou-se à chave.

— É preciso, Félicienne. Arromba a porta. Já vou para aí... Alô... Alô. Ah, droga, cortaram a ligação!

Sem falar, os dois saíram do apartamento e correram para a avenida. Rénine levou Lourtier ao automóvel.

— O endereço?

— Ville-d'Avray.

— Puxa, no centro de suas operações... como a aranha no meio da sua teia. A infâmia!

Estava alterado. Toda a aventura lhe aparecia, enfim, em sua realidade monstruosa.

— Sim, as mata para ficar com o sono delas, como fazia com os animais. É a mesma ideia obsessiva, mas que se complicou com toda uma série de práticas e superstições incompreensíveis. Por certo lhe parece que a analogia dos nomes com o seu é indispensável, e que não dormiria se sua vítima não fosse uma Hortense ou uma Honorine. Raciocínio de louca, cuja lógica nos escapa e cuja origem ignoramos, mas ao qual lhe é impossível subtrair-se. Tem de procurar e achar. E acha, e leva a sua presa, a vigia e observa durante um número de dias fatídico, até o momento em que, estupidamente, pelo buraco que abre com uma machadada na cabeça, absorve o sono que a entorpece e lhe dá o esquecimento durante um período determinado. Ainda aí, absurdo e loucura. Por que fixa esse período em tantos dias? Por que uma vítima deve lhe assegurar 120 dias de sono e outra 125? Demência. Cálculo misterioso e certamente imbecil. Sempre ao fim de 120 ou 125 dias uma nova vítima é sacrificada; já houve seis e a sétima espera a sua vez. Ah, senhor, que responsabilidade a sua! Um monstro semelhante não se perde de vista!

Lourtier-Vaneau não protestou. Seu acabrunhamento, sua palidez, as mãos que tremiam, tudo demonstrava seus remorsos e seu desespero.

— Ela me enganou... — disse baixo. — Estava tão calma aparentemente, tão dócil! Além disso, vive numa casa de saúde.

— Então como pode?

— Essa casa — explicou — é composta de pavilhões disseminados em meio a um grande jardim. O pavilhão em que Hermance mora é bem isolado. Tem primeiro um cômodo ocupado por Félicienne, depois o quarto de Hermance, e dois aposentos separados, o último com janelas para o campo. Suponho que é aí que encerra suas vítimas.

— E o carro em que leva os cadáveres?

— As cavaliças da casa de saúde estão perto do pavilhão. Há um cavalo e um carro para as saídas.

Hermance se levanta sem dúvida de noite, atrela o carro e faz passar a morta pela janela.

— E a ama que cuida dela?

— Félicienne é um pouco surda, muito velha.

— Mas de dia vê a patroa ir e vir, agir. Não seria o caso de admitir alguma cumplicidade?

— Ah, nunca! Félicienne também foi enganada pela hipocrisia de Hermance.

— No entanto, foi ela que telefonou há pouco à sra. Lourtier sobre o anúncio...

— Com toda candidez. Hermance, que fala com propósito, raciocina, lê os jornais, que não compreende, como o senhor dizia, mas que percorre atenta, deve ter visto o anúncio e, tendo ouvido dizer que eu procurava empregada, pediu a Félicienne que telefonasse.

— Sim... sim, é o que eu estava pressentindo — disse devagar Rénine —, ela prepara vítimas para si... Morta Hortense e esgotada sua quantidade de sono, saberia onde achar uma oitava vítima... Mas como atrairá essas mulheres? Por que processo conseguiu pegar Hortense Daniel?

O veículo corria, mas não rápido o bastante para Rénine, que censurava o chofer.

— Anda, anda, Clément... parecemos recuar, amigo.

O medo de chegar tarde demais de repente o supliciava. A lógica dos loucos depende de uma mudança de humor, de uma ideia perigosa e esquisita que lhes atravessasse a mente. A louca podia se enganar de dia e antecipar o desenlace, como um relógio desregulado que bate uma hora mais cedo.

E seu sono estando de novo difícil, não estaria tentada a agir sem esperar o momento fixado? Não era por essa razão que permanecia fechada em seu quarto? Meu Deus, por que agonia devia estar passando a prisioneira! Que arrepios de terror ao menor gesto do algoz!

— Mais rápido, Clément, ou pego a direção! Mais rápido, que diabo!

Chegaram enfim a Ville-d'Avray. Uma estrada íngreme à direita, muros, um amplo portão de ferro...

— Dá a volta na propriedade, Clément. Não vamos alertar ninguém, não é, governador? Onde fica o pavilhão?

— Bem atrás — declarou Lourtier.

Desceram um pouco mais longe.

Rénine saiu correndo pela encosta, à beira de um caminho vazio e mal conservado. Era quase noite. Lourtier apontou:

— Ali... aquele prédio afastado... Olhe, aquela janela, no térreo, é um dos dois quartos separados... e ela sai evidentemente por ali.

— Mas daqui se diria que tem grades.

— Sim, tem, e por isso ninguém desconfiava, mas deve ter aberto uma passagem.

O térreo era construído acima de caves altas. Rénine trepou ligeiro e pôs o pé numa saliência de pedra.

Uma das grades faltava.

Juntou a cabeça ao vidro e olhou.

O interior do aposento estava escuro. Pôde, no entanto, distinguir, ao fundo, uma mulher sentada ao lado de outra estendida num colchão. A primeira sustinha a cabeça nas mãos e observava a outra deitada.

— É ela — cochichou Lourtier, que escalara também a parede. — A outra está amarrada.

Rénine tirou do bolso um diamante de vidraceiro e cortou um dos vidros, sem que o ruído despertasse a atenção da doida.

Deslizou em seguida a mão direita até o fecho e o virou suavemente, enquanto com a esquerda assestava um revólver.

— Não vai atirar! — suplicou Lourtier.

— Se for preciso, sim.

A janela foi empurrada devagarinho, mas surgiu um obstáculo que Rénine não notara — uma cadeira que oscilou e caiu.

Num pulo, saltou para o interior e largou a arma para agarrar a doida. Mas ela não o esperou. Prontamente abriu a porta e fugiu, dando um grito rouco.

Lourtier queria ir atrás.

— Para quê? — disse Rénine, ajoelhando-se. — Salvemos a vítima primeiro.

Acalmou-se de imediato: Hortense vivia.

Seu cuidado inicial foi cortar as cordas e tirar a mordaça que a sufocava. Atraída pelo barulho, a ama acorrera com um lampião, que Rénine pegou para iluminar Hortense.

Ficou perplexo: lívida, extenuada, com o rosto emagrecido e os olhos a brilhar de febre, Hortense Daniel procurou, no entanto, sorrir.

— Eu o aguardava — murmurou. — Não desesperei um minuto... tinha confiança em você...

E desmaiou.

Uma hora mais tarde, depois de inúteis procuras em volta do pavilhão, foram encontrar a doida fechada num grande armário do celeiro. Tinha se enforcado.

Hortense não quis descansar ali mais uma hora. Era aliás preferível que o pavilhão estivesse vazio quando a ama fosse comunicar o suicídio da louca. Rénine explicou com minúcia a Félicienne a conduta que devia ter; logo, ajudado pelo chofer e por Lourtier, transportou a jovem ao automóvel e a levou para a casa dela.

A convalescença foi rápida. Dois dias depois Rénine interrogava Hortense com muita cautela, querendo saber como conhecera a louca.

— Simplesmente — disse. — Meu marido, que sofre um pouco das faculdades, como lhe contei, é tratado em Ville-d'Avray e às vezes vou visitá-lo, sem que ninguém saiba, confesso. Foi assim que falei com essa infeliz e que naquele dia me fez sinal para ir vê-la. Estávamos sozinhas. Entrei no pavilhão.

Ela se jogou sobre mim e me reduziu à impotência sem que eu pudesse mesmo gritar por socorro. Julguei que fosse uma brincadeira... E de fato era, não é?... Uma brincadeira de demente. Foi muito doce comigo, mas assim mesmo ia me deixando morrer de fome.

— E não tinha medo?

— De morrer de fome? Não, aliás ela me dava de comer de tempos em tempos, quando lhe palpitava. E afinal estava tão certa de você!

— Sim, mas havia outra coisa... outra ameaça...

— Ameaça, qual? — disse ingenuamente.

Rénine estremeceu. Via de repente que Hortense — coisa estranha à primeira vista, mas bem natural — não tinha nunca desconfiado, nem desconfiava ainda, do espantoso perigo que correra. Nunca aproximara no espírito os crimes da Mulher do Machado e sua própria aventura.

Ele julgou que sempre haveria tempo para esclarecê-la. De resto, dias depois, Hortense, a quem o médico recomendara um pouco de repouso e isolamento, partiu para a casa de uns parentes perto da vila de Bassicourt, no centro da França.

VII

PASSOS NA NEVE

La Roncière, por Bassicourt,
14 de novembro.
Príncipe Rénine
Avenida Haussmann, Paris.

Meu caro amigo,

Deve me achar uma ingrata. Há três semanas que estou aqui e nem uma carta minha! Nem um obrigada! E, no entanto, terminei entendendo de que morte horrível você me arrancou e o segredo daquela história tétrica! Mas, que quer? Saí de tudo isso num tal estado de abatimento! Tinha tanta necessidade de repouso e solidão! Ficar em Paris? Continuar em nossas andanças? Não, mil vezes não. Chega de aventuras. As do próximo são muito interessantes. Mas aquelas de que somos vítimas, com o risco de morrer... Ah, caro amigo, que horror! Como jamais esquecer isso?...

Ao passo que aqui, em La Roncière, é a grande calma. Minha velha prima Ermelin me cuida e mima como uma enferma. Ganho cores e tudo vai bem dessa maneira. Tudo vai tão bem que não penso mais em absoluto em me interessar pelos negócios alheios, de modo algum. Assim, imagine — lhe conto isso por ser você incorrigível, curioso como uma zeladora e sempre disposto a se ocupar do que não lhe concerne — imagine que ontem assisti a um encontro bem estranho. Antoinette me tinha levado à hospedaria de Bassicourt, onde tomávamos chá na sala grande, entre

campônios, pois era dia de feira, quando a chegada de três pessoas, dois homens e uma mulher, pôs de repente fim às conversas.

Um dos homens era um fazendeiro gordo com um blusão comprido, uma cara rubicunda e alegre, enquadrada por suíças brancas. O outro, mais jovem, com roupa de veludo cotelê, tinha um rosto amarelo, seco e rabugento. Os dois levavam em bandoleira um fuzil de caça. Entre eles, uma jovem delgada, pequena, envolta num manto escuro e com um gorro de pele, o rosto um pouco magro e excessivamente pálido, surpreendia por sua distinção e sua delicadeza.

— O pai, o filho e a nora — murmurou minha prima Ermelin.

— Como? Esta encantadora criatura é a mulher deste labrego?

— É a nora do barão de Gorne.

— Barão, este velhote aí?

— Descendente de uma família muito nobre que residia outrora no castelo. Viveu sempre como um camponês; grande caçador, grande bebedor, grande chicanista, sempre com um processo em andamento, mais ou menos arruinado. O filho, Mathias, mais ambicioso e menos agarrado à terra, cursou Direito, foi para a América e, de volta à vila, por falta de dinheiro, se apaixonou por uma moça da vila próxima. A infeliz, não se sabe bem por quê, consentiu no casamento. E há cinco anos que vive como uma reclusa, ou antes, como uma prisioneira, num pequeno sítio pertinho daqui, o Solar do Poço.

— Entre o pai e o filho? — perguntei.

— Não, o pai mora no fim da vila, numa granja isolada.

— E o sr. Mathias é ciumento?

— Um tigre.

— Sem motivo?

— Sem, pois não por culpa de Natalie de Gorne, que é a mulher mais honesta, um bonito cavaleiro vagueia, há uns meses, em torno do solar. Porém, os de Gorne não deixam de estar furiosos.

— Como, o pai também?

— O bonito cavaleiro é o último descendente dos que outrora compraram o castelo. Daí o ódio do velho de Gorne. Jérôme Vignal, que conheço e de quem gosto muito, é bonito, muito rico e jurou — é o velho

que conta isso quando fica alto — raptar Natalie de Gorne. Olhe, fique escutando...

Em meio a um grupo que se divertia em fazê-lo beber e enchia de perguntas, o velhote, já meio alegre, bradava com um tom de indignação e um sorriso malandro, num contraste que ficava cômico.

— Ele vai pagar, lhes digo, o boa-pinta! Que venha furtar pro nosso lado e cobiçar a pequena... Peixe no anzol! No que se aproxime demais, um tiro de fuzil, não é, Mathias?

Agarrou a mão da nora.

— E a pequena também sabe se defender — riu. — Hein, Natalie? Nada de galãs, não é?

Perturbada por se dirigirem assim a ela, a moça enrubesceu, enquanto seu marido rezingava:

— É melhor que prenda a língua, meu pai. Há coisas que não se falam alto.

— Coisas que dizem respeito à honra se resolvem em público — ripostou o velho. — Para mim, a honra dos de Gorne está antes de tudo, e não será este namorador, com seus ares de parisiense...

Parou em seco. Diante dele, alguém que acabava de entrar parecia esperar o fim da frase. Era um rapaz grande e sólido, com roupa de montaria e chicote na mão, a fisionomia enérgica, um pouco dura, animada por belos olhos que sorriam ironicamente.

— Jérôme Vignal — sussurrou minha prima.

O jovem não parecia de forma alguma embaraçado. Notando Natalie, cumprimentou-a gravemente e, como Mathias de Gorne desse um passo em sua direção, o encarou como a dizer: “E daí?”

A atitude era tão insolente que os de Gorne pegaram os fuzis, ficando com eles nas mãos como caçadores à espreita. O filho tinha um olhar feroz.

Jérôme ficou impassível sob a ameaça. Ao fim de uns segundos, falou ao hospedeiro:

— Me diga, vim ver o sr. Vasseur. Mas sua barraca está fechada. Vai me fazer o favor de lhe entregar a bainha do meu revólver que descoseu, não é?

Entregou a bainha ao homem e acrescentou rindo:

— Fico com o revólver para o caso de precisar. Nunca se sabe...

Sempre impassível, tirou um cigarro de uma cigarreira de prata, acendeu com seu isqueiro e saiu. Pela janela, se viu ele montar e seguir em trote curto.

— Pelo sangue de Deus! — blasfemou o velho de Gorne, engolindo um copo de conhaque.

Seu filho lhe pôs a mão sobre a boca e o obrigou a sentar. Junto deles, Natalie de Gorne chorava...

Eis, caro amigo, a minha história. Como vê, não é palpitante e não merece a sua atenção. Nada de enigmático nela. Nenhum papel a ser desempenhado por você. E insisto especialmente em que não busque aí o pretexto para uma intervenção, que seria inteiramente inoportuna. Claro, teria prazer em que essa infeliz mulher — que, parece, é uma mártir — fosse protegida. Mas, lhe repito, deixemos os outros se safarem e fiquemos com nossas passadas experiências...

Rénine acabou a carta, releu-a e concluiu:

— Vamos, tudo está pronto para o melhor. Não se deseja mais continuar nossas pequenas experiências porque estamos na sétima e se receia a oitava que, de acordo com nosso pacto, tem um significado todo especial. Não se quer mais... querendo... sem dar a impressão de querer.

Esfregou as mãos. A carta lhe trazia um testemunho precioso da influência que, aos poucos, doce e pacientemente, adquirira sobre a moça. O sentimento dela era complexo, havia admiração, uma confiança sem limites, preocupação às vezes, receio e quase espanto, mas amor também, tinha a certeza. Companheira de aventuras em que tomava parte com uma camaradagem que excluía todo embaraço entre os dois, tinha agora um medo súbito, e uma espécie de pudor misturado com coquetismo a levava a subtrair-se.

Era um domingo, e na mesma noite Rénine tomou o trem.

De manhãzinha, após ter percorrido, em diligência, por um caminho branco de neve, as duas léguas que separavam a vilazinha de Pompignat, onde desceu, da vila de Bassicourt, soube que sua viagem poderia ter alguma utilidade: de noite, tinham-se ouvido três tiros para os lados do Solar do Poço.

O deus do amor e da sorte me favorece, pensou. Se houve conflito entre o marido e o amor, chego a tempo.

— Três tiros, chefe da guarda, escutei como estou lhe vendo — declarou um camponês que os guardas interrogavam na sala da hospedaria, em que Rénine entrara.

— Eu também — disse o garçom da casa. — Três tiros... Era talvez meia-noite. A neve, que caía desde as nove, tinha parado; e aquilo ressoou na planície um depois do outro... pá, pá, pá.

Cinco outros camponeses ainda testemunharam. O cabo da guarda e seus homens não tinham ouvido nada; seu posto ficava de costas para a planície. Mas chegaram um peão e uma mulher dizendo-se empregados de Mathias de Gorne e que, de folga desde a antevéspera, por causa do domingo, vinham do Solar por não terem podido entrar.

— A porta do muro está fechada, *seu* Cabo — disse um dos dois —, pela primeira vez. Todas as manhãs, *seu* Mathias vai abrir ele mesmo quando batem seis horas, no inverno como no verão. E já são mais de oito horas. Chamei, chamei! Ninguém. Então viemos falar com o senhor.

— Podiam se informar com o pai de Gorne — disse o cabo. — Mora no caminho.

— Ah, palavra que sim, mas não pensamos nisso.

— Vamos lá — decidiu o guarda.

Dois de seus homens o acompanharam, além de camponeses e um serralheiro que foi chamado. Rénine se juntou ao grupo.

Em seguida, no fim da vila, se passou diante do pátio do velho de Gorne, e Rénine o reconheceu pela descrição que Hortense tinha feito.

O velhote atrelava seu carro. Posto a par do assunto, caiu na risada.

— Três tiros? Pá, pá, pá? Mas, meu caro cabo, o fuzil de Mathias só tem dois cartuchos.

— E esta porta fechada?

— O rebento está dormindo, é tudo. Ontem de noite veio esvaziar uma garrafa comigo, duas talvez... ou mesmo três... e esta manhã dorme até tarde com a Natalie.

Subiu ao banco de sua velha carreta, com o toldo de gado todo remendado, e estalou o chicote.

— Até já, turma. Não vão ser os três tiros de vocês que me impedirão de ir à feira de Pompignat, como segunda-feira. Tenho dois bezerros sob o toldo que não podem mais esperar a faca. Bom dia, camaradas.

Voltaram à estrada.

Rénine se acercou do cabo e disse seu nome.

— Sou um amigo da srta. Ermelin, do sítio de La Ronnière, e, como é cedo demais para me apresentar em sua casa, peço licença para dar com você esta volta pelo Solar. A srta. Ermelin se dá com a sra. de Gorne, e ficarei satisfeito em tranquilizá-la, pois espero que nada tenha acontecido no Solar, não é?

— Se houve qualquer coisa — respondeu o cabo —, vamos lê-la como sobre um mapa, em vista da neve.

Era um homem jovem, simpático, que parecia inteligente e furão. Desde o início, tinha registrado com clarividência as marcas dos passos que Mathias deixara na noite anterior, ao voltar para casa, marcas que logo se misturaram às formadas nos dois sentidos pelo criado e a criada da fazenda. Chegaram assim ante os muros do sítio e o serralheiro abriu facilmente a porta.

Dela em diante, só uma pista se oferecia na neve imaculada, a de Mathias, e foi fácil notar que o filho devia ter participado amplamente nas libações do pai; a linha dos passos apresentava curvas bruscas que a faziam desviar até as árvores da avenida.

Duzentos metros à frente, as construções gretadas e deterioradas do Solar do Poço. A porta principal estava aberta.

— Entremos — disse o cabo.

E mal atravessaram o umbral, murmurou:

— Oh! Oh! O velho de Gorne se enganou não vindo. Andaram lutando aqui.

A sala grande estava em desordem. Duas cadeiras quebradas, a mesa derrubada, cacos de porcelana e vidro mostravam a violência da briga. O grande relógio que jazia no chão marcava onze e meia.

Guiados pela empregada, subiram depressa ao primeiro andar. Nem Mathias nem sua mulher estavam ali. Mas a porta do quarto deles tinha sido arrombada com um martelo que foi encontrado em cima da cama.

Rénine e o cabo tornaram a descer. A sala se comunicava por um corredor com a cozinha atrás, que possuía uma saída direta para um patiozinho cercado, tomado ao jardim. No fim desse pátio, havia o poço, perto do qual era forçoso passar.

Ora, da porta da cozinha ao poço, a neve, que não era muito espessa, tinha sido varrida de modo irregular, como se tivessem arrastado um corpo. E em volta do poço, marcas de pés se confundiam, mostrando que a luta devia ter recommençado neste lugar. O cabo encontrou as pegadas de Mathias e outras, novas, mais elegantes e finas.

Essas continuavam sozinhas em direção ao jardim. E trinta metros adiante, perto delas, se recolheu um revólver, que um dos camponeses reconheceu como semelhante ao que, na antevéspera, Jérôme Vignal tinha mostrado na hospedaria.

O cabo examinou o pente de balas: três das sete tinham sido disparadas.

Assim o drama era reconstituído aos poucos em suas grandes linhas, e o cabo, que ordenara que se mantivessem afastados e respeitassem a localização de todas as coisas, regressou ao poço, se inclinou, fez algumas perguntas à criada e murmurou se aproximando de Rénine:

— Isso me parece bem claro.

Rénine lhe tomou o braço.

— Falemos francamente, cabo. Conheço bastante o assunto, me dando, como lhe disse, com a srta. Ermelin, que é amiga de Jérôme Vignal e conhece também a sra. de Gorne. Será que supõe?...

— Não quero supor nada. Verifico apenas que alguém esteve aqui ontem à noite...

— Por onde entrou? As únicas marcas de uma pessoa vindo para o Solar são as do sr. de Gorne.

— É que a outra pessoa, cujas pegadas mostram botinas mais elegantes, chegou antes de cair a neve, isto é, antes das nove horas.

— Teria então se escondido num canto da sala, espreitando a volta do sr. de Gorne, que chegou depois da neve?

— Precisamente. Logo que Mathias entrou, o indivíduo saltou sobre ele. Houve luta. Mathias escapou pela cozinha. O indivíduo o perseguiu até o poço e deu três tiros.

— E o cadáver?

— No poço.

Rénine protestou.

— Oh! Oh! Como vai depressa!

— Ora, senhor, aí está a neve a nos contar a história. E nos diz claramente: depois da briga e dos três tiros, um único homem se afastou e abandonou a fazenda, um único, e os traços de seus passos não são os de Mathias de Gorne. Então onde pode estar Mathias de Gorne?

— Mas este poço... Não se pode dar uma busca?

— Não, é um poço sem fundo acessível. É conhecido na região, tanto que deu o nome ao Solar.

— Assim julga realmente?...

— Repito. Depois de cair a neve, uma chegada só, Mathias. Uma partida, o estranho.

— E a sra. de Gorne? Morta também e jogada no poço como o marido?

— Não, raptada.

— Raptada?

— Recorde a porta do seu quarto, arrombada a marteladas...

— Vamos, vamos, cabo, acaba de afirmar que houve apenas uma partida, a do estranho.

— Incline-se. Examine os passos desse homem. Olhe como se afundam na neve, a ponto de chegar ao solo. São passos de um homem levando um fardo pesado. O estranho levava a sra. de Gorne nos ombros.

— Há então uma saída nessa direção?

— Sim, uma portinha cuja chave Mathias de Gorne não largava. Ele deve lhe ter tirado essa chave.

— É uma saída para o campo?

— Sim, um caminho que a mil e duzentos metros leva à estrada municipal... E sabe aonde?

— Não.

— Ao lado do castelo.

— O castelo de Jérôme Vignal!

Rénine disse entre dentes:

— Ah, isso está ficando sério. Se a pista continuar até o castelo, estamos feitos...

A pista continuava até o castelo. Puderam se dar conta depois de ter seguido pelos campos, onde a neve aqui e ali se amontoava. As cercanias do grande portão de ferro estavam varridas, mas observaram que outra pista, formada pelas duas rodas de um carro, seguia, num sentido oposto, para a vila.

O cabo bateu. O porteiro, que tinha igualmente desentulhado a aleia principal, veio com uma vassoura na mão. Interrogado, respondeu que Jérôme Vignal tinha partido de manhã antes que alguém se levantasse e tendo atrelado ele mesmo o seu carro.

— Nesse caso — disse Rénine quando se afastaram —, só temos de seguir a marca das rodas.

— Inútil — declarou o cabo. — Pegaram o trem.

— Na estação de Pompignat, de onde vim? Mas então teriam passado pela vila...

— Claro, escolheram o outro caminho, porque leva à capital do distrito onde param os rápidos. É aí que estão os responsáveis pela justiça. Vou telefonar e, como nenhum trem deixa a capital antes das onze horas, só vão ter de vigiar a estação.

— Creio que está na estrada certa, cabo — disse Rénine —, e o felicito pela maneira com que conduziu sua investigação.

Separaram-se.

Rénine esteve quase indo se encontrar com Hortense Daniel no sítio La Roncière, mas, pensando bem, preferiu deixar para vê-la depois que as coisas tomassem um aspecto mais favorável e, voltando à hospedaria, mandou entregar a ela estas linhas:

Muito querida amiga,

Acreditei entender ao ler a sua carta que, sempre tocada pelas coisas do coração, desejava proteger os amores de Jérôme e de Natalie. Ora, tudo faz supor que esse senhor e essa dama, sem pedir conselho à sua protetora, fugiram depois de ter jogado Mathias de Gorne no fundo de um poço.

Desculpe por não visitá-la. Esse caso é endiabradamente obscuro e a seu lado não teria a liberdade de espírito necessária para nele pensar...

Eram dez e meia. Rénine foi passear no campo, com as mãos nas costas, e sem olhar o belo espetáculo das campinas brancas. Voltou para almoçar, sempre pensativo, indiferente à parolice dos clientes da casa, que à sua volta comentavam os acontecimentos..

Subiu em seguida a seu quarto e estava dormindo há um bom tempo quando batidas na porta o despertaram. Abriu.

— Você!... Você... — murmurou.

Hortense e ele se fitaram uns segundos silenciosamente, dando as mãos, como se nada, nenhum pensamento diverso e nenhuma palavra pudessem se mesclar à alegria de se encontrarem. Por fim, ele falou:

— Tive razão em vir?

— Sim — disse ela com doçura —, sim, eu o esperava...

— Talvez tivesse sido preferível que me fizesse vir mais cedo, em lugar de esperar... Os acontecimentos não esperaram e não sei muito o que aguarda Jérôme Vignal e Natalie de Gorne.

— Como? Não está a par? — disse com vivacidade.

— A par de quê?

— Foram presos. Iam tomar o rápido.

Rénine objetou:

— Presos... não. Não se prende assim. Têm de interrogá-los primeiro.

— É o que estão fazendo nesse momento. A justiça investiga.

— Onde?

— No castelo. E como são inocentes... Porque são, não é? Não admite mais que eu que sejam culpados?

Ele respondeu:

— Não admito nada e não quero admitir nada, cara amiga. No entanto, devo lhe dizer que tudo está contra eles... Salvo um ponto, é que tudo está demasiado contra eles. Não é normal que tantas provas sejam acumuladas e que quem mate conte sua história com essa candidez. Fora disso, nada mais que trevas e contradições.

— Então?

— Estou meio tolhido.

— Mas tem um plano?

— Nenhum, até o momento. Ah, se eu pudesse ver Jérôme Vignal... ver Natalie de Gorne, ouvi-los e saber o que dizem em sua defesa! Mas compreende bem que não me permitirão lhes fazer perguntas nem assistir ao interrogatório oficial. Ademais, deve ter terminado.

— No castelo sim, mas vai continuar no Solar.

— Vão levá-los ao Solar? — fez ele vivaz.

— Sim... ao menos pelo que disse um dos motoristas dos automóveis dos funcionários.

— Oh! Nesse caso tudo se arruma! O Solar! Mas aí estaremos na primeira frisa. Veremos e ouviremos tudo, e como me basta uma palavra, uma entonação, um piscar de olhos para descobrir o pequeno indício que me falta, podemos ter alguma esperança. Venha, cara amiga.

Levou-a pela estrada direta que tinha seguido de manhã e que ia dar na porta que o serralheiro abrira. Os guardas, deixados de vigilância no Solar, tinham feito uma passagem na neve, ao longo da linha das pegadas e em volta da casa. A sorte permitiu que Hortense e Rénine se aproximassem sem ser vistos, e entraram, por uma janela lateral, num corredor onde havia uma escada de serviço. No fim dos degraus, havia uma saleta que só tinha luz através de uma espécie de claraboia sobre a sala grande do térreo. De manhã, Rénine tinha notado esta claraboia, coberta com um pano pelo lado de cima. Ele afastou o tecido e cortou um dos vidros.

Minutos depois, um barulho de vozes veio do outro lado da casa, à beira do poço, sem dúvida. O ruído se tornou mais nítido e várias pessoas entraram no prédio. Umas subiram ao primeiro andar, ao passo que o cabo vinha para a sala com um jovem de que só viam a alta estatura.

— Jérôme Vignal! — fez Hortense.

— Sim — disse Rénine. — Interrogam primeiro a sra. de Gorne lá em cima, em seu quarto.

Um quarto de hora passou. As pessoas do primeiro andar tornaram a descer e entraram. Eram o substituto do procurador, seu escrivão, um comissário de polícia e dois agentes.

A sra. de Gorne foi introduzida e o substituto solicitou a Jérôme Vignal que se adiantasse.

O rosto de Jérôme era bem o do homem enérgico que Hortense pintara em sua carta. Não demonstrava nenhuma inquietude, mas antes decisão e uma vontade firme. Natalie, baixa e miudinha de aparência, com olhos febris, dava, no entanto, uma mesma impressão de calma e segurança.

O substituto, que examinava os móveis em desordem e os vestígios do combate, a fez sentar-se e disse a Jérôme:

— Senhor, até aqui lhe fiz poucas perguntas, desejando antes de tudo, no curso da sindicância sumária que fiz em sua presença e que será retomada pelo juiz de instrução, lhe mostrar as razões graves por que lhe solicitei que interrompesse sua viagem e voltasse aqui com a sra. de Gorne. Está agora em condições de refutar os agravos de fato perturbadores que pesam sobre o senhor. Peço-lhe, pois, que me diga a exata verdade.

— O que se abate sobre mim mal me comove — respondeu Jérôme. — A verdade que pede há de ser mais forte que todas as mentiras somadas contra mim pela má sorte.

— Estamos aqui para chegar à verdade — afirmou o substituto.

— É esta.

Recolheu-se um instante e narrou, com voz clara e franca:

— Amo profundamente a sra. de Gorne. Desde a primeira hora em que a encontrei, tive por ela verdadeiro amor, mas, por grande e violento que fosse, sempre se viu dominado pelo cuidado com sua honra. Amo-a, mas a respeito ainda mais. Ela deve ter-lhe dito, mas torno a lhe dizer: a sra. de Gorne e eu nos falamos pela primeira vez esta noite.

Prosseguiu com voz surda:

— Respeito-a tanto mais quanto não é feliz. Como todo mundo vê e sabe, sua vida é um suplício de cada minuto. Seu marido a perseguia com um ódio feroz e um ciúme exasperado. Perguntem aos criados. Eles lhes dirão o calvário de Natalie de Gorne, as sevícias que recebia e as ofensas que devia suportar. Foi a esse calvário que desejei pôr termo usando do direito de socorro que qualquer um possui quando há um excesso de desgraça e injustiça. Três vezes adverti o velho de Gorne, pedindo que interviesse, mas encontrei nele, em relação à nora, um ódio quase idêntico ao do filho, o ódio que muitos seres sentem pelo que é belo e nobre. Foi então que resolvi agir diretamente e tentei ontem à noite, com Mathias de Gorne, uma saída um pouco insólita, mas que

podia, devia ter êxito, tendo em vista o tipo que era. Juro-lhe, senhor substituto, que tinha apenas a intenção de falar com Mathias de Gorne. Sabendo de detalhes de sua vida que me permitiam agir sobre ele eficazmente, quis aproveitar essa vantagem para atingir meu objetivo. Se as coisas se desenvolveram de outro modo, não sou inteiramente responsável. Vim, pois, um pouco antes das nove. Os criados, sabia, estavam ausentes. Ele próprio me abriu a porta, estava sozinho.

— O senhor afirma — interrompeu o substituto —, como a sra. de Gorne aliás o fez há pouco, uma coisa que é manifestamente contrária à verdade. Mathias de Gorne não voltou ontem para casa senão às onze horas. Há duas provas precisas disso: o testemunho de seu pai e a marca de seus passos na neve, que caiu das nove e quinze às onze.

— Senhor substituto — declarou Jérôme Vignal, sem reparar no mau efeito produzido por sua obstinação —, conto as coisas tais como aconteceram e não como podem ser interpretadas. Prossigo. Este relógio marcava dez minutos para as nove, exatamente, quando entrei nesta sala. Pensando num ataque, o sr. de Gorne tinha pegado seu fuzil. Pus meu revólver em cima da mesa, fora do meu alcance, e me sentei.

“— Quero lhe falar, senhor — disse-lhe. — Tenha a bondade de me escutar.

“Não se mexeu nem articulou uma sílaba. Falei. E cruamente, sem nenhuma dessas explicações prévias que teriam podido atenuar a brutalidade de minha proposta, pronunciei estas frases que preparara:

“— Há vários meses, senhor, fiz uma sindicância minuciosa sobre a sua situação financeira. Todas as suas terras estão hipotecadas. Assinou papéis cujo vencimento se aproxima e que é materialmente impossível que honre. Do lado de seu pai, nada a esperar, pois ele próprio está bem mal. De modo que está perdido. Venho salvá-lo.

“Observou-me, sempre taciturno; sentou, o que significava — não é? — que minha ação não o desagradava muito. Então tirei do bolso um maço de cédulas que depus diante dele e prossegui:

“— Eis sessenta mil francos. Compro-lhe o Solar do Poço e as terras adjuntas, ficando as hipotecas a meu cargo. É exatamente o dobro do que isso vale.

“Vi seus olhos brilharem.

“Murmurou:

“— As condições?

“— Uma só, sua partida para a América.

“Senhor substituto, discutimos durante duas horas. Não que minha oferta o indignasse; não me teria arriscado, se não conhecesse meu adversário; mas queria mais e discutia asperamente, evitando pronunciar o nome da sra. de Gorne, a quem eu próprio não fiz uma única alusão. Dávamos a impressão de dois indivíduos que, a propósito de um litígio qualquer, procuram um meio-termo, um ponto em que se entendam, enquanto de fato se tratava do destino e da felicidade de uma mulher. Enfim, cansado do debate, aceitei um compromisso, e chegamos a um acordo, que quis tornar definitivo imediatamente. Duas cartas foram trocadas entre nós, uma em que me cedia o Solar do Poço contra a quantia entregue, outra, que guardou imediatamente no bolso, pela qual lhe devia enviar para a América uma quantia igual no dia em que o divórcio fosse homologado.

“O assunto estava assim concluído. Estou certo de que neste momento ele aceitava de boa-fé. Considerava-me menos um inimigo e um rival que alguém que lhe prestasse um serviço. Foi mesmo ao ponto, para que eu pudesse voltar para casa diretamente, de me dar a chave que abre a portinha para o campo. Infelizmente, enquanto eu punha o boné e o sobretudo, cometi o erro de deixar em cima da mesa a carta de venda assinada por ele. Num segundo, Mathias de Gorne viu o partido que poderia tirar de meu desleixo. Conservar sua propriedade, sua mulher... e o dinheiro. Com presteza, escondeu a folha, me assentou na cabeça uma coronhada, largou o fuzil e me apertou a garganta com as mãos. Cálculo errado... Mais forte que ele, depois de uma luta viva, mas que durou pouco, o dominei e atei com uma corda caída a um canto.

“Senhor substituto, se a decisão de meu adversário tinha sido brusca, a minha não foi menos rápida. Já que, afinal, ele tinha aceitado a transação, eu o obrigaria a manter seus compromissos, ao menos na medida em que estava interessado. Numas passadas, subi ao primeiro andar.

“A sra. de Gorne devia estar lá e decerto teria ouvido o ruído de nossas discussões. À luz de uma lanterna de bolso, entrei em três quartos. O último estava fechado à chave. Bati. Nenhuma resposta. Mas me achava num desses

momentos em que nenhum obstáculo detém a gente. Num dos quartos, tinha visto um martelo. Fui buscá-lo e arrombei a porta.

“Natalie de Gorne lá estava, realmente, caída no chão, desmaiada. Tomei-a nos braços, desci e passei pela cozinha. Fora, vendo a neve, pensei que minhas pegadas seriam fáceis de seguir, mas que importava? Devia despistar Mathias de Gorne? Em absoluto. Com os sessenta mil francos, com o papel em que me comprometia a lhe mandar uma soma igual no dia do divórcio, com o seu sítio, devia ir-se embora, me deixando Natalie. Nada havia mudado entre nós, fora uma coisa: em vez de esperar por sua vontade, tinha me apoderado de repente da prenda preciosa que almejava. Não era, pois, um retorno ofensivo de Mathias de Gorne que eu temia, mas antes a censura e a indignação de Natalie de Gorne. Que diria, ao se ver levada?

“As razões por que não fui censurado, creio que a sra. de Gorne teve a franqueza de lhe dizer. O amor chama o amor. Em minha casa, esta noite, quebrada pela emoção, me confessou seus sentimentos. Amava-me como eu a amava. Nossos destinos se confundiam. E os dois partimos esta manhã às cinco horas, sem prever por um instante que a justiça pudesse nos pedir contas.”

A narrativa de Jérôme Vignal acabara. Tinha dito tudo de uma vez, como um texto aprendido de cor e em que nada pode ser mudado.

Houve um instante de pausa.

No reduto em que se ocultavam, Hortense e Rénine não tinham perdido uma só das palavras ditas. A jovem murmurou:

— Tudo isso é bem possível e, em todo caso, muito lógico.

— Mas há as objeções — disse Rénine. — Escute-as, são temíveis. Há sobretudo uma...

Esta, o substituto do procurador formulou de saída:

— E o sr. de Gorne em tudo isso?...

— Mathias de Gorne? — perguntou Jérôme.

— Sim. Contou, com forte cunho de sinceridade, uma sequência de fatos que estou disposto a admitir. Infelizmente, esquece um ponto de importância capital: que aconteceu com Mathias de Gorne? Deixou-o atado nesta sala. Ora, esta manhã não estava aqui.

— Naturalmente, aceitando afinal o negócio, deve ter ido embora. Por onde?

— Sem dúvida pelo caminho que conduz à casa de seu pai.

— Onde estão as marcas de seus passos? Este lençol de neve que nos envolve é uma testemunha imparcial. Depois de sua luta com ele, se vê, na neve, o senhor se afastar. Mas a ele não, por quê? Veio para cá e não regressou; onde se acha? Nenhum vestígio. Ou antes...

O substituto baixou a voz:

— Ou antes, sim, alguns vestígios no caminho e em volta do poço... vestígios que mostram que a maior luta ocorreu ali... E depois, nada... mais nada...

Jérôme deu de ombros.

— Já me falou nisso, e isso é uma acusação de assassinato contra mim. Não respondo por ela.

— Me responderá sobre o fato de terem apanhado o seu revólver a vinte metros do poço?

— Tampouco.

— E sobre a estranha coincidência desses três tiros ouvidos na noite e dessas três balas que faltam no seu revólver?

— Não, senhor. Não houve, como julga, luta suprema junto ao poço, já que deixei o sr. de Gorne atado nesta sala, onde também deixei o meu revólver. E, de outro lado, se ouviram tiros, não foram dados por mim.

— Fortuitas coincidências então?

— Cabe à justiça explicá-las. Meu único dever é dizer a verdade e não tem o direito de me pedir mais que isso.

— Mas se essa verdade contraria os fatos observados?

— É que os fatos estão errados, senhor.

— Seja. Mas até o dia em que a justiça os possa pôr de acordo com as suas afirmativas, compreende a obrigação em que estou de o manter à disposição dos juízes.

— E a sra. de Gorne? — inquiriu Jérôme ansioso.

O substituto não respondeu. Falou com o comissário e depois com um dos agentes a quem ordenou que fizesse vir um dos dois automóveis. A seguir, se virou para Natalie.

— Senhora, ouviu o depoimento do sr. Vignal. Coincide absolutamente com o seu. O sr. Vignal afirma que estava desmaiada quando a transportou.

Mas esse desmaio persistiu durante o trajeto?

Dir-se-ia que o sangue-frio de Jérôme tinha reafirmado a segurança da moça. Replicou:

— Não despertei senão no castelo, senhor.

— É extraordinário. Não ouviu as três detonações que quase toda a vila ouviu?

— Não ouvi.

— E não viu nada do que se passou perto do poço?

— Nada se passou ali, já que Jérôme Vignal o afirma.

— Então o que foi feito do seu marido?

— Ignoro.

— Deveria, no entanto, ajudar a justiça e nos comunicar ao menos as suas hipóteses. Julga que houve um acidente e que o sr. de Gorne, que se avistara com o pai, tendo bebido mais que o costume, possa ter falseado o equilíbrio e caído no poço?

— Quando meu marido voltou da casa do pai, não estava de modo algum em estado de embriaguez.

— Mas o pai declarou que beberam duas ou três garrafas de vinho.

— Seu pai se engana.

— Porém a neve não se engana, senhora — irritou-se o substituto. — Ora, os desenhos dos passos são todos sinuosos.

— Meu marido voltou às oito e meia, antes de cair a neve.

Ele deu uma punhada na mesa.

— Mas está falando contra a própria evidência!... Essa camada de neve é imparcial!... Que entre em contradição com o que não pode ser controlado, admito. Mas isso, passos na neve... na neve...

Conteve-se.

O automóvel parou diante das janelas. Tomando uma brusca decisão, disse a Natalie:

— Esteja à disposição da justiça, senhora, e aguarde neste Solar...

E fez sinal ao cabo para levar Jérôme Vignal ao veículo.

A partida estava perdida para os dois amantes. Mal reunidos, deviam se separar e debater, longe um do outro, contra as acusações mais inquietantes.

Jérôme avançou um passo para Natalie. Trocaram um longo e dorido olhar. Inclinou-se diante dela e foi para a porta, seguindo o chefe da guarda.

— Alto! — gritou uma voz. — Meia-volta, cabo! Jérôme Vignal, nem um movimento!

Perplexo, o substituto ergueu a cabeça, como os outros figurantes. A voz vinha do alto da sala. A claraboia tinha sido aberta e Rénine gesticulava por ali:

— Desejo que me ouçam!... Tenho diversas observações a fazer; especialmente uma, a propósito da sinuosidade das pegadas. Tudo está aí! Mathias não tinha bebido. — Virou-se e passou as pernas pela abertura, dizendo a Hortense que, espantada, tratava de retê-lo:

— Não se mexa, amiga. Não há nenhuma razão para que venham nos incomodar.

E, largando as mãos, saltou na sala.

O substituto parecia assombrado:

— Mas enfim, senhor, de onde vem? Quem é?

Rénine limpou o pó da roupa e respondeu:

— Me desculpe, senhor substituto, devia ter vindo pelo caminho de todos, mas estava com pressa. E, além disso, se entrasse pela porta em vez de cair do teto, minhas palavras produziriam menos efeito.

O substituto se acercou, furioso.

— Quem é você?

— O príncipe Rénine. Acompanhei a sindicância da guarda, esta manhã; não é, cabo? Desde então, busco e me informo. E foi assim que, desejando assistir ao interrogatório, me refugiei numa salinha isolada.

— Estava, ali! Teve a audácia!...

— Devem-se ter todas as audácias quando se trata de achar a verdade. Se não tivesse estado ali, não teria recebido precisamente a pequena indicação que me faltava. Não teria sabido que Mathias de Gorne não estava absolutamente bêbado. Ora, essa é a solução da charada. Quando se sabe disso, se sabe a verdade.

O substituto se achava numa situação irrisória. Não tendo tomado as cautelas necessárias para que o sigilo de seu inquérito fosse observado, lhe era difícil agir contra esse intruso. Resmungou:

— Terminemos. O que quer?

— Uns minutos de atenção.

— E por quê?

— Para estabelecer a inocência do sr. Vignal e da sra. de Gorne.

Tinha o ar calmo, a despreocupação que lhe era característica nos momentos de agir quando o desfecho do drama não dependia senão de si.

Hortense estremeceu, cheia de uma fé imediata.

Estão salvos, pensou com emoção. Tinha lhe pedido que protegesse essa jovem e a salvasse da prisão, do desespero.

Jérôme e Natalie deviam experimentar essa mesma impressão de esperança súbita, pois tinham avançado um para o outro, como se este desconhecido, baixado do céu, lhes desse o direito de unir as mãos.

O substituto deu de ombros.

— Essa inocência, a instrução terá todos os meios de estabelecer quando o momento chegar. O senhor será chamado.

— Seria preferível estabelecê-la imediatamente. Uma demora poderá ter consequências incômodas.

— Mas é que tenho pressa...

— Dois ou três minutos bastarão.

— Dois ou três minutos para explicar um caso semelhante!...

— Não mais.

— Conhece-o tanto assim?

— Agora conheço. Tenho pensado muito desde a manhã.

O substituto compreendeu que o homem era dos que não afrouxam e devia se resignar. Em tom algo zombeteiro, lhe disse:

— Seus pensamentos lhe permitiram fixar o lugar em que está o sr. Mathias de Gorne atualmente?

Rénine tirou o relógio e replicou:

— Em Paris, senhor.

— Em Paris? Vivo então?

— Vivo e em excelente saúde.

— Me alegre. Mas então o que significa os passos em torno do poço, a presença do revólver, os três tiros?

— Encenação, simplesmente.

— Ah! Ah! Encenação feita por quem?

— Pelo próprio Mathias de Gorne.

— Estranho! E com que fim?

— Com o fim de passar por morto e arrumar as coisas de tal modo que, fatalmente, o sr. Vignal fosse acusado dessa morte, desse assassinato.

— A hipótese é engenhosa — aprovou o substituto, sempre irônico. — Que acha, sr. Vignal?

Jérôme respondeu:

— É uma hipótese que eu mesmo entrevi, senhor. É bem admissível que, depois de nossa luta e minha partida, Mathias de Gorne tenha feito um novo plano em que seu ódio, desta vez, vencesse. Amava e detestava a sua mulher; me execrava; se veria vingado.

— Vingança que lhe custaria caro, pois, segundo afirmou, devia receber do senhor uma nova soma de sessenta mil francos.

— Essa soma, senhor substituto, a recuperaria por outro lado. No exame da situação financeira da família, fiquei sabendo que o pai e o filho fizeram um seguro de vida mútuo. Morto o filho, ou passando por morto, o pai receberia o seguro e indenizaria o filho.

— De modo que — disse o substituto sorrindo —, em toda essa encenação, o sr. de Gorne pai seria cúmplice do filho.

Foi Rénine quem respondeu:

— Justamente, senhor substituto. Pai e filho estão de acordo.

— Então o filho pode ser achado na casa do pai?

— Esta noite estava lá.

— Que lhe aconteceu?

— Tomou o trem para Pompignat.

— São tudo suposições!

— Certeza.

— Certeza moral, mas sem a menor prova, admita.

O substituto não esperou resposta ao problema levantado. Julgando ter sido de excessiva boa vontade, e que a paciência tem limites, pôs fim ao depoimento.

— Nem a menor prova — repetiu, pegando o chapéu. — E sobretudo... sobretudo não há em suas palavras nada que contrarie, por pouco que seja, as

afirmações desta testemunha implacável, a neve. Para ir à casa do pai, era preciso que Mathias de Gorne saísse daqui. Por onde?

— Meu Deus, o sr. Vignal lhe disse, pelo caminho que vai daqui à casa do pai.

— Não há marcas na neve.

— Há.

— Mas o mostram vindo para cá e não indo.

— É a mesma coisa.

— Como assim?

— Certamente. Há mais de um modo de caminhar. Nem sempre se avança caminhando para a frente.

— De que outro modo se pode avançar?

— *Recuando*, senhor.

Essa palavra, dita simplesmente, mas com uma nitidez que destacava as sílabas umas das outras, provocou um grande silêncio. Cada um compreendeu na hora o sentido profundo dela e, adaptando à realidade, percebeu num relâmpago a verdade antes impenetrável e que parecia de repente a coisa mais natural do mundo.

Rénine insistiu e, andando para trás em direção à janela, dizia:

— Se quero chegar a esta janela, posso evidentemente caminhar direto a ela, mas também posso andar de costas. Nos dois casos, chego ao objetivo.

Em seguida, continuou com força:

— Resumo. Às oito e meia, antes da neve, o sr. de Gorne veio da casa do pai. Nenhuma marca, pois a neve não caíra ainda. Às dez para as nove o sr. Vignal se apresenta, sem deixar o menor vestígio de sua vinda. Os dois homens se explicam e fecham negócio. Lutam. Mathias de Gorne é derrubado. Passaram-se assim três horas. O sr. Vignal pega a sra. de Gorne, e fogem. Mathias de Gorne, pisado, furioso, mas entrevedendo de imediato a mais terrível das vinganças, concebe a engenhosa ideia de explorar contra seu inimigo esta neve de que agora se invoca o testemunho e que cobriu o solo durante um período de três horas. Organiza o seu próprio assassinato, ou antes a aparência de seu assassinato e de sua queda no fundo do poço; afasta-se andando para trás, passo a passo, gravando sobre a página em branco sua chegada no lugar de

sua saída. Me explico com clareza, não é, senhor substituto? *Gravando sobre a página em branco sua chegada no lugar de sua saída.*

O substituto cessara de sorrir. Este importuno, este original, parecia-lhe agora uma figura digna de atenção e de quem não convinha rir.

Perguntou:

— E como saiu da casa do pai?

— De carro, simplesmente.

— Quem o levou?

— O pai.

— Como sabe?

— Esta manhã, o cabo e eu vimos o carro e falamos com o pai quando esse ia, como de costume, à feira. O filho estava deitado sob o toldo e pegou o trem em Pompignat. Está em Paris.

As explicações de Rénine tinham, como prometera, durado poucos minutos. Estavam apoiadas apenas na lógica e na verossimilhança. Porém, nada mais restava do mistério angustiante em que tantos se debatiam. As trevas tinham sido dissolvidas. Surgia a verdade inteira. A sra. de Gorne chorava de alegria. Jérôme Vignal agradecia efusivamente ao gênio bom que, com uma batida de varinha, mudou o curso dos acontecimentos.

— Olhemos juntos essas marcas, quer, senhor substituto? — continuou Rénine. — O erro que cometemos esta manhã, o cabo e eu, foi o de nos ocupar com as marcas deixadas pelo suposto assassino e descuidar das de Mathias de Gorne. Por que haviam de chamar nossa atenção? E justamente o nó do assunto estava aí.

Saíram para o jardim e se aproximaram das pegadas. Não foi preciso um exame demorado para verificar que muitas eram desajeitadas, hesitantes, demasiado afundadas na ponta ou no salto, diversas umas das outras pela abertura dos pés.

— Inevitável inépcia — disse Rénine. — Mathias de Gorne precisaria de um verdadeiro aprendizado para igualar sua marcha à ré com sua marcha para a frente; seu pai e ele devem ter pressentido isso, ao menos no que diz respeito aos zigue-zagues que se podem ver, já que o pai teve o cuidado de avisar ao cabo que o filho tinha bebido demais.

E acrescentou:

— Aliás, foi a revelação dessa mentira que subitamente me esclareceu. Quando a sra. de Gorne assegurou que seu marido não estava bêbado, pensei nas pegadas e adivinhei.

O substituto tomou francamente o partido de Rénine e riu.

— Só resta pôr agentes no encalço do pseudomorto.

— Por que motivo, senhor substituto? — disse Rénine. — Mathias de Gorne não cometeu nenhum delito. Calcar ao redor de um poço, colocar mais longe um revólver que não lhe pertence, dar três tiros, ir de marcha à ré à casa do pai, não tem nada de repreensível. Que se poderia reclamar? Os sessenta mil francos? Acredito que não seja a intenção do sr. Vignal e que ele não fará nenhuma queixa.

— Por certo que não — declarou Jérôme.

— Então e o seguro em benefício do sobrevivente? Mas só existirá o delito, se o pai reclamar o pagamento. E isso muito me admiraria. Olhe, está aí o velho. Sem demora, saberemos.

O pai, com efeito, estava chegando. Seu rosto simplório se contraía querendo exprimir pesar e cólera:

— Meu filho? Parece que ele o matou... Meu pobre Mathias morto! Ah! Este bandido do Vignal!

O substituto lhe disse bruscamente:

— Uma palavra, sr. de Gorne. Tem a intenção de fazer valer seus direitos sobre um certo seguro?

— Puxa — disse o velho —, apesar dele...

— É que o seu filho não está morto. Dizem mesmo que, cúmplice de suas malandragens, o senhor o escondeu sob o seu toldo e o levou à estação.

O velho cuspiu no chão, estendeu a mão como se fosse proferir um sermão solene, ficou um instante imóvel e a seguir, reconsiderando, virando a cara com um cinismo ingênuo, descontraindo-a numa atitude conciliadora, caiu na risada:

— O safado do Mathias! Então queria se fazer passar por morto? Que malandro! E contava comigo talvez para receber o seguro e mandar para ele? Como se eu fosse capaz de uma sujeira dessas!... Não me conheces, meu garoto...

E sem querer saber mais nada, sacudido por uma hilaridade de gozador que uma anedota diverte, afastou-se, tendo, no entanto, o cuidado de colocar suas grossas botas com cravos nas pegadas acusadoras deixadas pelo filho.

Depois, ao retornar Rénine ao Solar para encontrar-se com Hortense, a jovem tinha sumido.

Apresentou-se em casa da prima Ermelin. Hortense mandou lhe responder que pedia desculpas, mas que, um pouco cansada, estava fazendo um necessário repouso.

— Muito bem, tudo perfeito — pensou Rénine. — Foge de mim, portanto me ama. O desfecho se aproxima.

VIII

“AO DEUS MERCÚRIO”

Asra. Daniel,
em La Roncière, por Bassicourt,
30 de novembro.

Amiga querida,

Mais duas semanas sem carta sua. Não espero mais receber uma antes desta importuna data de 5 de dezembro, em que fixamos o termo de nossa associação e tenho pressa em que chegue, já que estará então livre de um trato que não parece mais comprazê-la. Para mim, as sete batalhas que lutamos juntos e ganhamos foram um período de grande alegria e exaltação. Vivía perto de você. Sentia todo o bem que lhe fazia essa existência mais ativa e mais emocionante. Minha felicidade era tal que não ousava dela lhe falar e lhe deixar ver de meus sentimentos íntimos mais que o meu desejo de agradá-la e minha dedicação apaixonada. Hoje, cara amiga, não quer mais saber do seu companheiro de armas. Seja feita a sua vontade!

Mas se me inclino diante dessa sentença, permite que lhe recorde no que sempre pensei ia consistir nossa última aventura, e que objetivo se proporia ao nosso esforço final? Permite que repita as suas palavras, que não se apagaram, uma sequer, de minha memória?

“— Exijo — você falou — que me devolva uma presilha de corpete antiga, com uma cornalina num engaste de filigrana. Veio de minha mãe. E ninguém ignorava que dava sorte a ela e também a mim. Desde que

sumiu do cofre em que estava fechada, sou infeliz. Traga-a de volta, gênio bom.”

E como lhe perguntasse sobre a época em que essa presilha tinha desaparecido, replicou rindo:

“— Há seis ou sete anos, ou oito... não sei mais... não sei como... não sei nada...”

Era antes — não? — um desafio que me lançava e estabelecia essa condição por me ser impossível cumpri-la. Porém, prometi e queria honrar minha promessa. O que tentei para lhe mostrar a vida sob uma luz mais favorável me pareceria inútil, se faltasse à sua segurança esse talismã que valoriza. Não é de rir dessas pequenas superstições, por serem não raro o princípio de nossos melhores atos.

Cara amiga, se tivesse me ajudado, mais uma vez seria a vitória. Sozinho e premido pela aproximação da data, fracasei, não, todavia, sem pôr as coisas num estado em que a empresa, se você quiser continuá-la, tenha grande possibilidade de êxito.

Continuará, não é? Assumimos diante de nós mesmos um compromisso que devemos cumprir. Num prazo determinado, tínhamos de gravar no livro de nossa existência oito belas histórias, onde puséssemos energia, lógica, perseverança, alguma sutileza e às vezes até um pouco de heroísmo. Eis a oitava. A você incumbe agir para que ocorra a 5 de dezembro, antes que soe a oitava hora da tarde no relógio.

Nesse dia, vai se comportar do modo que direi.

De saída — e sobretudo, amiga, não tache minhas instruções de fantasiosas, pois cada uma é condição indispensável ao sucesso —, encontrará no jardim de sua prima, onde vi que havia, três talos de junco bem finos, que trançará ligando nas pontas, de modo a formar um chicote rústico, como os de criança.

Em Paris comprará um colar de bolas de jade facetadas, diminuindo-o de modo a que tenha 75 bolas, mais ou menos iguais.

Sob seu casacão de inverno, usará um vestido de lã azul. Como chapéu, uma garra com um ornato em forma de folhas amarelas. No pescoço, um boá de plumas de gelo, mais ou menos iguais. Nada de luvas nem anéis.

À tarde se fará conduzir, pela margem esquerda, até a igreja Saint-Étienne-du-Mont. Às quatro horas, exatamente, estará, diante da pia de água benta dessa igreja, uma velha vestida de preto desfiando um rosário de prata. Vai lhe oferecer água benta e você dará a ela o colar, de que contará as bolas e lhe devolverá. Depois, seguirá atrás dela, atravessarão um braço do Sena e ela a levará a uma rua deserta da ilha Saint-Louis, até uma casa onde você entrará sozinha.

No térreo dessa casa, topará com um homem ainda jovem, de tez baça, a quem dirá, depois de ter tirado o casacão:

— Venho buscar minha presilha de corpete.

Não se admire de sua confusão nem de seu espanto. Permaneça calma em sua presença. Se a interrogar, se quiser saber por que razão se dirige a ele, o que a leva a fazer tal pedido, não dê nenhuma explicação. Todas as suas respostas devem se resumir nestas fórmulas: “Venho buscar o que me pertence. Não o conheço. Ignoro o seu nome, mas me é impossível deixar de ter essa conduta em relação ao senhor. É preciso que entre na posse de minha presilha de corpete. É preciso.”

Creio sinceramente que, se tiver a firmeza necessária para não se afastar dessa atitude, seja qual for a comédia que esse homem venha a interpretar, há de ter pleno êxito. Mas a luta deve ser breve e o resultado vai depender unicamente da sua confiança em si mesma e de sua certeza do sucesso. É uma espécie de luta de boxe em que deve abater o adversário no primeiro round. Impassível, o levará por diante. Hesitante, inquieta, nada poderá contra ele. Vai lhe escapar, ficar por cima depois de um primeiro instante de ânsia, e a partida estará perdida no espaço de uns minutos. Não há meio-termo: a vitória imediata ou a derrota.

No último caso, precisará, e eu peço desculpas, aceitar de novo a minha colaboração. Ofereço-a desde já, minha amiga, sem qualquer condição, e deixando bem especificado que tudo o que pude fazer por você e tudo o que possa fazer não me dá outro direito que o de lhe agradecer e me dedicar ainda mais à que é toda a minha alegria e toda a minha vida.

Essa carta, Hortense, depois de ter lido, atirou ao fundo de uma gaveta, dizendo resoluta:

— Não irei.

Primeiro, se dera no passado alguma importância a essa joia, que lhe parecia dar sorte, mal se interessava por ela hoje, que o período das provas parecia encerrado. Em seguida, não podia esquecer este oito que era o número de ordem da nova aventura. Lançar-se a ela era retomar a cadeia interrompida, se reaproximar de Rénine e lhe dar um penhor que, com seu insinuante aprumo, ele bem saberia explorar.

Na antevéspera do dia fixado, seguia na mesma disposição. Na véspera de manhã, igualmente. Mas de repente, sem que tivesse nem que lutar contra prévias tergiversações, correu ao jardim, cortou três juncos, que trançou como costumava no tempo de sua infância, e ao meio-dia se fez conduzir ao trem. Uma ardente curiosidade a animava. Não podia resistir ao que a aventura oferecida por Rénine prometia de sensações divertidas e novas. Era de fato tentador. O colar de jade, a gorra com folhas de outono, a velha do rosário de prata... como resistir a esses apelos do mistério e como perder a ocasião de mostrar a Rénine do que era capaz?

— Afinal — se dizia, rindo —, é a Paris que me chama, e a oitava hora só pode ser perigosa para mim a cem léguas de Paris, ao fundo do velho castelo abandonado de Halingre. O único relógio que pode soar a hora ameaçadora está ali, encerrado, cativo!

À noite, desembarcou em Paris. Na manhã de 5 de dezembro, comprou um colar de jade, que reduziu a 75 esferas; vestiu um vestido azul, pôs uma gorra com folhagem parda e, às quatro horas justas, entrava na igreja de Saint-Étienne-du-Mont.

Seu coração batia violentamente. Desta vez estava só, e como sentia agora a força daquele apoio a que, por receio irrefletido antes que raciocínio, tinha renunciado! Procurava em torno de si, chegando quase a vê-lo. Mas não havia ninguém... a não ser uma velha dama de preto, de pé, diante da água benta.

Hortense caminhou para ela. A dama, que acertava entre os dedos um rosário de grãos de prata, lhe ofereceu água benta e depois contou uma a uma as esferas do colar que Hortense lhe estendeu.

Murmurou:

— Setenta e cinco. Está bem. Venha.

Sem mais dizer, apurou-se sob a luz dos faróis, atravessou a ponte das Tournelles, entrou na ilha Saint-Louis, seguindo por uma rua deserta que a levou a um cruzamento, onde parou diante de uma velha casa com varandas de ferro.

— Entre — disse a velha, e foi embora.

Hortense viu então uma loja de bonita aparência, a ocupar quase todo o térreo e cujos vidros faiscantes de luz elétrica deixavam perceber um amontoado em desordem de objetos e de móveis antigos. Ficou ali uns segundos, olhando distraída. A tabuleta trazia estas palavras: “Ao deus Mercúrio”, e o nome do comerciante: “Pancardi”. Mais acima, numa saliência à altura da base do primeiro andar, um pequeno nicho abrigava um Mercúrio em terracota apoiado numa perna, com asas nos pés, o caduceu⁴ na mão, e que, observou Hortense, muito inclinado para a frente, levado por sua corrida, deveria logicamente perder o equilíbrio e dar de cabeça na rua.

— Vamos — disse ela a meia-voz.

Agarrou o trinco e entrou.

Apesar do ruído de sininhos e guizos que a porta fez, ninguém veio ao seu encontro. A loja parecia vazia. Mas, ao fundo, havia uma segunda lojinha, e uma outra a seguir, as duas cheias de quinquilharias e móveis, muitos certamente de grande valor. Hortense seguiu uma passagem estreita que serpenteava entre duas paredes de armários, consolos e cômodas, subiu dois degraus e se achou na última delas.

Um homem estava sentado diante de uma escrivaninha e consultava registros. Sem voltar a cabeça, disse:

— Às suas ordens... A senhora pode ir olhando.

Este último aposento não continha senão objetos de um tipo especial, que a assemelhavam a um laboratório de alquimista da Idade Média, corujas empalhadas, esqueletos, crânios, alambiques de cobre, astrolábios e, em toda parte, pendurados nas paredes, amuletos de todas as origens, em que sobressaíam as figas, em mãos de marfim ou coral com os polegares apontando para conjurar a má sorte.

— Deseja alguma coisa em especial, senhora? — disse enfim o sr. Pancardi, fechando a escrivaninha e se levantando.

Certo que é ele, pensou Hortense.

Tinha, de fato, a tez invulgarmente baça. Uma barbicha grisalha com duas pontas alongava o seu rosto, encimado por uma testa calva e embaciada, sob a qual luziam, à flor da pele, dois olhinhos inquietos e fugidios.

Hortense, que não tinha tirado o veuzinho nem o casacão, respondeu:

— Procuro uma presilha de corpete.

— Este é o mostruário — disse ele, levando-a à loja intermediária.

Depois de dar uma olhada, ela falou:

— Não... não... não está aí o que eu quero. Quero não esta ou aquela presilha, mas uma que desapareceu há tempos de uma caixa de joias, e que venho procurar aqui.

Espantou-se ao ver a alteração no aspecto do homem. Seus olhos ficaram perdidos.

— Aqui? Não creio que tenha qualquer possibilidade... como é ela?

— Com uma cornalina cravada em filigrana de ouro... e da época de 1830...

— Não entendo — balbuciou ele. — Por que me pede isso?

Ela tirou o véu e o casacão.

Ele recuou, como diante de um espetáculo que o assombrasse, e murmurou:

— O vestido azul... a gorra... Ah! Será possível? O colar de jade!...

Mas o chicote de três juncos foi talvez o que lhe deu a mais forte comoção. Estendeu o dedo para ela, pôs-se a vacilar sobre si mesmo e, por fim, batendo o ar com os braços como um nadador que se afoga, caiu sobre uma cadeira, desfalecido.

Hortense não se moveu. “Seja qual for a comédia que ele possa encenar”, tinha escrito Rénine, “tenha a coragem de permanecer impassível.” Embora ele decerto não estivesse interpretando, ela se forçou à calma e à indiferença.

Isso durou um ou dois minutos, após o que Pancardi saiu de seu torpor, enxugou o suor que lhe banhava a testa e, procurando se dominar, prosseguiu em voz trêmula:

— Por que se dirigiu a mim?

— Porque essa presilha está na sua posse.

— Quem lhe disse? — fez ele sem protestar contra a acusação. — Como sabe?

— Sei porque é assim. Ninguém me disse nada. Vim com a certeza de achar minha presilha aqui e a decidida vontade de levá-la.

— Mas me conhece? Sabe o meu nome?

— Não conheço. Ignorava o seu nome antes de vê-lo na sua loja. Para mim, o senhor é simplesmente o que me devolverá o que me pertence.

Ele estava agitado. Ia e vinha num pequeno espaço deixado por um círculo de móveis empilhados, nos quais batia estupidamente com o risco de fazer desabar.

Hortense sentiu que o dominava e, se aproveitando de seu desconcerto, ordenou bruscamente, num tom de ameaça:

— Onde está esse objeto? Precisa me entregar. Exijo.

Pancardi teve um momento de desespero. Juntou as mãos e sussurrou palavras de súplica. A seguir, vencido, resignado, articulou:

— Exige?

— Quero... isso deve estar...

— Sim, sim... deve estar... admito.

— Fale! — ordenou ela, ainda mais duramente.

— Falar não, escrever... Vou escrever o meu segredo... e tudo acabará para mim.

Voltou à escrivaninha e traçou febrilmente algumas linhas numa folha que lacrou.

— Pegue — disse —, eis o meu segredo... Era toda a minha vida.

E ao mesmo tempo levou à têmpora um revólver, que tinha sob o monte de papéis, e atirou.

Com um gesto rápido, Hortense lhe bateu no braço. A bala furou o vidro de uma Psique. Mas Pancardi caiu e começou a gemer como se estivesse ferido.

Hortense fez grande esforço sobre si mesma para não perder o sangue-frio.

Rénine me preveniu, pensou. É um comediante. Tinha reservado o envelope. Tinha reservado o revólver. Não me deixarei fazer de boba.

Porém notava que, se na aparência continuava calma, a tentativa de suicídio e o disparo a tinham desmantelado. Suas forças se desuniam como um feixe de que se corta a laçada, e lhe vinha a penosa impressão de que o homem, que se arrastava a seus pés, na realidade retornava aos poucos a superioridade sobre ela.

Sentou, esgotada. Como Rénine previra, o duelo não durara mais que uns minutos, mas fora ela quem sucumbira, por culpa de seus nervos de mulher, e no próprio instante em que podia crer em seu triunfo.

Pancardi não se enganou e, sem se dar ao trabalho de uma transição, cessou suas jeremiadas, se ergueu num pulo, esboçando mesmo um passo de balé, a mostrar toda sua agilidade, e bradou em tom irônico:

— Para a pequena conversa que devemos ter, creio incômodo ficar à mercê do primeiro cliente que passe, não é?

Correu à porta de entrada e, abrindo-a, baixou a cortina de ferro que protegia a loja. Sempre saltitando, voltou a Hortense.

— Ufa! Cheguei a me crer perdido. Um esforço a mais, senhora, e teria ganhado a partida. Mas também sou um ingênuo, eu! Me pareceu vê-la chegar do fundo do passado, como uma emissária da Providência para me pedir contas, e tolamente ia restituir... Ah! Srta. Hortense — deixe-me lhe chamar assim, sob esse nome a conheci —, srta. Hortense, falta-lhe tutano, como se diz.

Sentou-se a seu lado e com má cara lhe lançou brutalmente:

— Trate agora de ser sincera. Quem maquinou essa história? Não você, hein? Não é o seu gênero. Então, quem? Fui sempre honesto na vida, escrupulosamente honesto... a não ser uma vez... esta presilha. E quando julgava o assunto acabado, enterrado, eis que volta à tona. Como? Quero saber.

Hortense nem tentava mais combater. Ele pesava sobre ela com toda sua força de homem, todo seu rancor, todo seu medo, com toda a ameaça que exprimia pelos gestos furiosos e a fisionomia ao mesmo tempo ridícula e malvada.

— Fale! Quero saber. Se tenho um inimigo secreto, que possa me defender! Quem é esse inimigo? Quem a impeliu? Quem a fez agir? Um rival que minha sorte incomoda e que quer por sua vez lucrar com a presilha? Mas fale, pelos demônios! Ou lhe juro que...

Ela imaginou que ele ia pegar o revólver de novo e recuou, estendendo os braços na esperança de escapar.

Debateram-se assim um contra o outro, e Hortense, que tinha cada vez mais medo, não tanto do ataque provável quanto da cara convulsa de seu

agressor, começou a gritar, quando Pancardi ficou subitamente imóvel, de braços para a frente, dedos abertos e os olhos fitando acima da cabeça de Hortense.

— Quem é que está aí? Como entrou? — fez numa voz sufocada.

Hortense nem teve necessidade de se virar para estar segura de que Rénine vinha em seu auxílio, e que era a aparição inexplicável desse intruso que assustava a tal ponto o antiquário. Com efeito, um vulto delgado deslizou para fora de um monte de poltronas e canapés; Rénine se adiantava calmamente.

— Quem é você? — repetiu Pancardi. — De onde vem?

— Lá de cima — disse, amável, indicando o forro.

— Lá de cima?

— Sim, do primeiro andar. Sou inquilino, há três meses do andar superior. Há pouco ouvi barulho. Chamavam por socorro. Então vim.

— Mas como entrou aqui?

— Pela escada.

— Que escada?

— A escada de ferro no fundo da loja. Seu predecessor alugava também o meu andar e tinha uma comunicação direta por esta escada interna. Você pregou a porta. Eu despreguei.

— Mas com que direito, senhor? É um arrombamento.

— O arrombamento é permitido quando se trata de socorrer um semelhante.

— Ainda uma vez, quem é?

— O príncipe Rénine... um amigo da senhora — contestou, curvando-se para Hortense e lhe beijando a mão.

Pancardi pareceu sufocar e sussurrou:

— Ah! Compreendo... É você o instigador dessa trama... você que mandou a senhora...

— Eu mesmo, sr. Pancardi, eu mesmo.

— E quais são suas intenções?

— Bem puras. Nada de violência. Simplesmente um pequeno diálogo, depois do qual me devolverá o que por minha vez venho buscar.

— O quê?

— A presilha de corpete.

— Isso nunca — declarou o antiquário com veemência.

— Não diga que não. Desde já é certo.

— Não há poder no mundo, senhor, que me obrigue a esse ato.

— Quer que chamemos a sua mulher? A sra. Pancardi se dará conta melhor que você, talvez, da situação.

A ideia de não ficar sozinho na presença deste adversário inesperado pareceu agradar a Pancardi. Havia pertinho dele uma campainha. Apertou três vezes.

— Perfeito! — bradou Rénine. — Está vendo, minha amiga, que o sr. Pancardi é inteiramente amável. Nada mais do demônio desenfreado que a aterrorizava há pouco. Não... basta que esteja diante de um homem para reencontrar suas qualidades de cortesia e gentileza. Um verdadeiro carneiro! O que não quer dizer que as coisas andem sozinhas. Longe disso. Nada de mais cabeçudo que um carneiro...

Na extremidade da loja, entre a escrivaninha do antiquário e a escada giratória, uma tapeçaria foi soerguida, dando passagem a uma mulher que pegava o ferrolho de uma porta. Tinha talvez uns trinta anos. Vestida simplesmente, parecia, com seu avental, antes uma cozinheira que uma patroa. Mas o rosto era simpático e o porte gracioso.

Hortense, que seguira Rénine, ficou admirada em reconhecer nela uma empregada de dentro que tinha estado a seu serviço quando adolescente:

— Como! É você, Lucienne? Você, a sra. Pancardi?

A recém-chegada a fitou, reconheceu também e pareceu embaraçada. Rénine lhe disse:

— Seu marido e eu temos necessidade da senhora para encerrar um assunto bem complicado... um assunto em que a senhora teve um papel importante...

Ela se adiantou, sem falar, visivelmente preocupada, e disse ao marido, cujo olhar não a largava:

— Que é que há? Que querem de mim? Que assunto é esse?

Em voz baixa, Pancardi articulou:

— A presilha... a presilha de corpete...

Não era preciso mais para que a sra. Pancardi entresse a situação em toda a sua gravidade. Assim não buscou fazer boa cara ou opor inúteis protestos.

Deixou-se cair numa cadeira, suspirando:

— Ah! Isso... entendo... A srta. Hortense encontrou a pista... Ah! Estamos perdidos!...

Houve uma pausa. A luta mal começara entre os adversários, e marido e mulher tomavam a atitude de vencidos que não esperam mais que a clemência do vencedor. Imóvel e de olhos fixos, principiou a chorar. Curvado sobre ela, Rénine pronunciou:

— Vamos ao ponto, quer, senhora? Veremos claramente a coisa e estou certo de que nossa entrevista achará sua solução natural. O fato é que, há nove anos, quando trabalhava na província, em casa da srta. Hortense, você conheceu o sr. Pancardi, que logo se fez seu amante. Eram corsos os dois, isto é, de um país em que as superstições são violentas, onde a questão de sorte ou má sorte, a jetatura, o azar influem profundamente sobre a vida de cada um. Ora, era sabido que a presilha de corpete de sua patroa tinha sempre trazido sorte aos que a possuíam. É o motivo por que, num instante de fraqueza, estimulada pelo sr. Pancardi, furtou essa joia. Seis meses depois, abandonou o emprego e se tornou a sra. Pancardi. Eis, resumida em algumas frases, toda a sua aventura, não é? Toda a aventura de duas pessoas que teriam permanecido honestas, se tivessem podido resistir a essa passageira tentação.

“Inútil lhe dizer a que ponto os dois tiveram êxito e como, senhores do talismã, crendo no seu poder e confiantes em vocês mesmos, chegaram ao primeiro plano dos comerciantes de antiguidades. Hoje, ricos, proprietários da loja Ao Deus Mercúrio, atribuem o sucesso de suas empresas a essa presilha de corpete. Perdê-la, para vocês, seria a ruína e a miséria. Toda sua vida está concentrada nela. É o fetiche. É o pequeno deus doméstico que protege e aconselha. Está aí, em alguma parte, oculto na confusão, e ninguém evidentemente teria nada suspeitado — pois repito, salvo esse erro, são excelentes pessoas — se o acaso não me tivesse levado a me ocupar de seus assuntos.”

Rénine deu-se um tempo e prosseguiu:

— Faz dois meses. Dois meses de investigações minuciosas, que me eram fáceis porque, tendo dado com a pista de vocês, aluguei o andar de cima e podia usar essa escada... Contudo, até certo ponto, foram dois meses perdidos, pois ainda não tive êxito. E Deus sabe o que revirei na loja de vocês! Não há

um móvel em que não tenha procurado, uma tábua de soalho que não pesquisei. Sem resultado. Oh, algum, uma descoberta acessória. Numa repartição secreta da sua escrivaninha, Pancardi, desencantei um pequeno diário em que conta seus remorsos, preocupações, medo do castigo, receio da cólera divina.

“Que imprudência, Pancardi! Essas confissões não se escrevem e muito menos se deixam por aí. De qualquer forma, li-as e destaquei esta frase, cuja importância não me escapou e que serviu para preparar meu plano de ataque:

“— Que venha a mim a que furtei, que venha tal como a via no jardim da sua casa, enquanto Lucienne pegava a joia. Que me surja com o vestido azul, com a gorra de folhagem parda, com o colar de jade e o chicote de três varas de junco trançadas que tinha aquele dia na mão! Que me surja assim e me diga: ‘Venho reclamar o que me pertence.’ Então saberei que é Deus que lhe inspira essa atitude e que devo obedecer às ordens da Providência.”

“É o que está escrito no seu diário, Pancardi, e o que explica a atitude da que chama srta. Hortense. Esta, segundo minhas instruções, e de acordo com a cena que você mesmo imaginou, veio ao seu encontro do fundo do passado — a expressão é sua. Um pouco mais de sangue-frio e sabe que ela teria ganhado a partida. Infelizmente, como é um excelente ator, a sua tentativa de suicídio a desorientou, e você viu que não havia ali uma ordem da Providência, mas uma simples ofensiva de sua antiga vítima. Me restava intervir. Aqui estou e, agora, concluamos: cadê a presilha, Pancardi?”

— Não — recusou-se o homem, a quem a ideia de se desfazer do objeto devolvia toda a energia.

— E a sra. Pancardi?

— Não sei onde está — afirmou a mulher.

— Bem, passemos então aos atos. Tem um filho, senhora, de sete anos que ama de todo coração. Hoje, quinta-feira, como todas as quintas, aliás, ele deve voltar sozinho da casa de sua tia. Dois amigos meus estão postados em seu caminho e, a não ser que eu dê contraordem, o raptarão ao passar.

A mulher se acendeu de imediato.

— Meu filho! Oh, lhe suplico... não, isso não... lhe juro que não sei nada. Meu marido nunca quis me dizer.

Rénine continuou:

— Segundo ponto: a partir desta noite, será dada queixa na polícia. Como prova, as confidências do diário. Consequências: ação judicial, buscas etc.

Pancardi calava. Tinha-se a impressão de que todas essas ameaças não o atingiam e que, protegido por seu fetiche, se julgava invulnerável. Mas sua esposa se lançou aos pés de Rénine gaguejando:

— Não... não... lhe imploro, seria a prisão, não quero... E o meu filho... Oh! Eu lhe imploro...

Hortense, apiedada, chamou Rénine à parte.

— A pobre mulher! Intercedo por ela.

— Esteja tranquila — disse ele rindo —, não acontecerá nada a seu filho.

— Mas seus amigos estão à espera...

— Pura invenção.

— E a queixa?

— Mera ameaça.

— Que está tentando?...

— Assustá-los, deixar fora de si, na esperança de que uma palavra lhes escape, uma palavra que me esclareça. Tentamos todos os meios. Só esse nos sobra e, lembre-se de nossas aventuras, dá em geral resultado.

— E se a palavra que espera não for pronunciada?

— Tem de ser — disse Rénine em voz surda. — Precisamos acabar. A hora se aproxima.

Seus olhos fitaram os da jovem, e ela enrubesceu, pensando que a hora a que ele aludia era a oitava e que não havia outro objetivo além de terminar antes que essa oitava hora soasse.

— Eis de um lado o que estão arriscando — disse ele ao casal —, o desaparecimento de seu filho e a prisão; prisão certa, pois há uma confissão escrita. E agora, do outro lado, a minha oferta. Vinte mil francos pela restituição imediata, instantânea da presilha, que não vale sessenta.

Nenhuma resposta. A sra. Pancardi chorava.

Rénine prosseguiu, espaçando as propostas:

— Dobro... triplico... Puxa, é exigente, Pancardi... Então o quê? Uma cifra redonda? Seja. Cem mil.

Estendeu a mão como se não tivesse mais dúvida de que lhe dariam a joia.

Foi a sra. Pancardi que se dobrou primeiro e com uma raiva súbita contra o marido:

— Mas diz, vai!... Fala! Onde a escondeste? Não pretendes ficar aí teimando... vai ser a falência, a miséria... E o nosso filho?! Vamos, fala.

Hortense sussurrou:

— Rénine, isto é loucura, a coisa não tem nenhum valor.

— Nada a temer — disse Rénine —, ele não vai aceitar... Mas, olhe em que estado de agitação está! É justamente o que eu queria... Ah, observe, é apaixonante. Pôr as pessoas fora de si! Tirar-lhes todo o controle sobre o que pensam e o que dizem! E nessa desordem, na tempestade que os sacode, perceber a faisquinha que de algum lado há de saltar... Olhe-o, olhe! Cem mil francos por uma pedra sem valor... ou a cadeia... É de virar a cabeça!...

De fato, o homem estava lívido, seus lábios tremiam e deixavam escorrer um pouco de saliva. Adivinhava-se a ebulição e o tumulto de todo o seu ser, sacudido por sentimentos contraditórios, por medos e cobiças que se chocavam. Estalou de repente, e era fácil ver que suas palavras jorravam ao acaso, sem que tivesse consciência do que dizia:

— Cem mil! Duzentos mil! Quinhentos mil! Um milhão! Estou pouco ligando! Milhões? Para que servem os milhões? Perdem-se, desaparecem, são furtados... Só uma coisa conta, a sorte, que está a seu lado ou contra. E está do meu há nove anos. Nunca me traiu, e deseja que eu a traia? Por quê? Por medo? A cadeia? Meu filho?... Tolices!... Nada de ruim vai me acontecer enquanto obrigar a sorte a trabalhar para mim. E minha criada, minha amiga... A presilha a atrai. Não sei como. Decerto é a cornalina... Há pedras milagrosas que contêm a felicidade, como outras, o fogo, o enxofre, o ouro...

Rénine não o desfitava, atento às menores palavras e entonações. O antiquário ria agora com um riso nervoso, retomando o aprumo do homem que se sente seguro de si, e andava diante de Rénine com movimentos bruscos, em que se sentia uma crescente resolução.

— Milhões? Não os quero, caro senhor. O pedacinho de pedra que possuo vale muito mais que isso. E a prova é todo o trabalho que se dá para reavê-la. Ah! Ah! Meses de buscas como confessou. Meses em que virou tudo pelo avesso, enquanto eu, que de nada desconfiava, nem sequer me defendia! O pequeno objeto se defendia sozinho!... Não quer ser descoberto e não será...

Está bem aqui. Preside a negócios bons e leais que o satisfazem... A sorte de Pancardi? Mas é conhecida pelo bairro inteiro, por todos os antiquários. Anuncio a todos os ventos: “Tenho sorte.” Tive mesmo o topete de tomar como patrono o deus da sorte, Mercúrio! Ele também me protege. Repare, espalhei Mercúrio por toda a loja! Veja lá em cima, naquela tábua, toda uma série de estatuetas como a da fachada, provas assinadas por um grande escultor, que, precisando de dinheiro, me vendeu. Deseja uma, caro senhor? Há de lhe trazer também a felicidade. Escolha! Um presente de Pancardi para compensá-lo pelo seu insucesso! Combinado?

Pôs um banquinho contra a parede, sob a tábua, pegou uma estatueta e veio deixá-la nos braços de Rénine. E rindo à vontade, ainda mais animado porque o inimigo parecia desistir e recuar ante seu feroso ataque, exclamou:

— Bravo! Aceita! E se aceita, é que todo mundo está de acordo! Não fique azeda, sra. Pancardi. Seu filho vai voltar e não haverá prisão! Até logo, srta. Hortense! Até logo, senhor. Quando quiser falar comigo, bata três vezes no soalho. Até logo... leve o seu presente... e que Mercúrio o favoreça! Até logo, querido príncipe... Até logo, srta. Hortense...

Impelia-os para a escada de ferro, pegando ora um, ora outro no braço e os levando à porta baixa que se ocultava no alto daquela escada.

E o mais estranho era que Rénine não protestava. Não teve um gesto de resistência. Deixava-se levar como uma criança que se pune e põe porta fora.

Entre o instante em que fizera sua oferta a Pancardi e aquele em que este, triunfante, o expulsava com uma estatueta nos braços, não tinham decorrido cinco minutos.

A sala de jantar e o salão da sobreloja que Rénine alugara davam para a rua. Na sala, estavam postos os pratos para duas pessoas.

— Vá desculpando estes preparativos — disse Rénine a Hortense, lhe abrindo o salão. — Pensei que, saísse a coisa como saísse, os acontecimentos me permitiriam recebê-la neste fim de dia, e poderíamos jantar juntos. Não me recuse esse obséquio, que será o último de nossa última aventura.

Hortense não recusou; o modo como terminara a luta, tão diverso de tudo o que tinha visto até aqui, a desconcertava. Nem havia risco em aceitar, pois as condições do pacto não tinham sido preenchidas.

Rénine saiu para dar ordens ao criado. Dois minutos depois, voltou a Hortense e a levou para a sala. Eram, no momento, sete horas da noite. Havia flores na mesa e, ao meio, se erguia a estatueta de Mercúrio, presente do sr. Pancardi.

— Que o deus da sorte presida ao nosso jantar! — falou Rénine.

Mostrou-se alegre e disse toda a alegria que tinha em se achar diante dela.

— Ah! Foi por má vontade sua! Me fechava a porta... Não escrevia mais... Realmente, cara amiga, foi cruel e sofri muito. Assim tive de empregar os grandes meios e a atrair com a isca das mais fabulosas empresas. Confesse que a minha carta era hábil! As três varinhas... o vestido azul... Como resistir a tudo isso? Por acréscimo, fiz mais umas complicações que inventei, as setenta e cinco bolas do colar, a velha do rosário de prata... Em suma, o suficiente para tornar a tentação irresistível. Não me queira mal. Queria vê-la, e que fosse hoje. Você veio. Obrigado.

A seguir narrou como encontrara a pista da joia roubada.

— Aguardava — não é? — ao me impor essa condição, que não poderia cumpri-la? Erro, cara amiga. A prova, ao menos de início, era fácil, pois se baseava num dado certo — o cunho de talismã atribuído à presilha. Bastava procurar se, em torno de você, entre os criados, não havia alguém sobre quem tal cunho pudesse exercer alguma atração. Ora, imediatamente, na lista das pessoas que cheguei a estabelecer, notei o nome da srta. Lucienne, vinda da Córsega. Foi o meu ponto de partida. Depois daí, tudo se encadeava.

Hortense o encarava com surpresa. Como era possível que aceitasse sua derrota com um ar tão despreocupado e falasse mesmo como vitorioso quando, na realidade, tinha sido claramente vencido pelo antiquário e até um pouco ridicularizado?

Não pôde se impedir de notar isso a ele, e o tom em que o fez tinha um certo desapontamento, uma certa humilhação.

— Tudo se encadeava, vá. Mas a cadeia se partiu, já que, no fim das contas, se ficou conhecendo o ladrão, não conseguiu pôr a mão no objeto roubado.

A censura era manifesta. Rénine não a acostumara ao insucesso. E ela se irritava mais ainda em ver com que despreocupação ele se resignava a um fracasso que, afinal, trazia a ruína das esperanças que teria tido.

Ele não respondeu. Enchera duas taças de champanhe e bebia de uma lentamente, com os olhos na estatueta do deus Mercúrio. Fê-la girar sobre o pedestal, com o gozo de um turista.

— Que coisa admirável, uma linha harmoniosa! A cor me exalta menos do que a linha, a proporção, a simetria, e tudo o que há de maravilhoso na forma. Assim, cara amiga, gosto muito da cor de seus olhos azuis e da de seus cabelos fulvos; mas o que me emociona é o oval do seu rosto, a curva da sua nuca e de seus ombros. Repare nesta estatueta. Pancardi tem razão: é obra de um grande artista. As pernas são ao mesmo tempo finas e solidamente musculosas, todo o contorno dá a impressão de impulso e rapidez. Está muito bem... Só uma falta porém, tão leve que talvez não tenha notado.

— Sim, sim — afirmou Hortense. — Me chocou desde que vi a insígnia lá fora. Está se referindo a uma espécie de desequilíbrio, não é? O deus está inclinado demais em relação à perna em que se apoia. Dir-se-ia que vai cair para a frente.

— Meus cumprimentos — disse Rénine. — A falta é mínima e é preciso um olhar experiente para percebê-la. Mas, de fato, logicamente o peso do corpo deveria prevalecer e, logicamente, segundo as leis da matéria, o pequeno deus teria de cair de cabeça.

Após um silêncio, continuou:

— Notei este defeito desde o primeiro dia. Como não tirei, então, conclusões? Estava chocado por se ter pecado contra uma lei estética, ao passo que deveria estar por ter-se faltado a uma lei física. Como se a arte e a natureza não se confundissem! E como se as leis da gravidade pudessem ser alteradas, sem que houvesse aí uma razão fundamental...

— Que quer dizer? — indagou Hortense, intrigada por considerações que pareciam tão alheias a seus pensamentos secretos.

— Oh, nada! Eu me admiro apenas de não ter compreendido mais cedo por que Mercúrio não dava uma cambota, como seria seu dever.

— E o motivo?

— Calculo que Pancardi, mexendo na estátua para servir a seus desígnios, lhe alterou o equilíbrio, mas que esse se mantém graças a uma coisa que freie o deusinho para trás, compensando sua posição tão arriscada.

— Uma coisa?

— Sim. A estátua poderia estar colada na base, mas não está, e sei por ter visto Pancardi, no alto de uma escada, a erguer e limpar a cada dois ou três dias. Sobra assim só uma hipótese, o contrapeso.

Hortense estremeceu. Alguma luz agora a esclarecia. Murmurou:

— Um contrapeso!... Acha que seria... no pedestal?...

— Por que não?

— Será possível? Mas, nesse caso, como Pancardi lhe deu esta estátua?

— Não me deu *esta* — declarou Rénine. — Esta fui eu que peguei.

— Mas onde? Quando?

— Há pouquinho, quando estava no salão. Pulei esta janela, que fica em cima da insígnia e ao lado do nicho do pequeno deus. E fiz a troca. Quer dizer, peguei a estátua que estava lá fora e tinha interesse para mim, e pus no lugar a que Pancardi me deu e não tinha nenhum interesse.

— Mas essa estava inclinada para a frente?

— Não, nem as que estão na estante da sua loja. Mas Pancardi não é um artista. Um defeito de prumo não o choca, não notará e seguirá se crendo favorecido pela sorte, o que é o mesmo que dizer que a sorte continuará a favorecê-lo. Entretanto, eis a estatueta, a da insígnia. Devo quebrar o pedestal e tirar a sua presilha da bainha de chumbo soldada atrás dele, e que assegura o equilíbrio do deus Mercúrio?

— Não!... Não!... É inútil... — contestou em voz baixa Hortense com vivacidade.

A intuição, a sutileza de Rénine, a elegância com que levara todo o assunto, tudo isso para ela ficava na sombra naquele minuto. Mas pensou de repente que, terminada a oitava aventura, com as experiências redundando em seu proveito, a última dilação fixada para a experiência final ainda não tinha sido alcançada.

Teve ele, aliás, a crueldade de notar:

— Faltam quinze minutos para as oito — falou.

Um pesado silêncio caiu entre os dois, e ambos lhe sofriam o embaraço, a ponto de hesitar em fazer o menor movimento. Para quebrá-lo, Rénine brincou:

— O valente sr. Pancardi, como foi bom em me informar! Sabia, enfim, que o exasperando terminaria por colher em suas frases a pequena indicação

que me faltava. Tal como se se pusesse um isqueiro nas mãos de alguém, dando ordem a que se servisse dele. No fim, uma faísca se produz. Em mim, o que produziu essa faísca foi a aproximação inconsciente, mas inevitável, que fez entre a presilha de cornalina, princípio da sorte, e o Mercúrio, deus da sorte. Isso bastava. Compreendi que essa associação de ideias provinha de que, na realidade, ele associara as duas sortes, incorporando-as uma à outra; para ser claro, escondendo a joia no próprio bloco da estatueta. Instantaneamente me lembrei do Mercúrio lá fora e do defeito de equilíbrio...

Rénine se interrompeu. Parecia-lhe que suas palavras caíam no vazio. A moça apoiara a mão na testa e, escondendo assim os olhos, permanecia imóvel, distante.

Na verdade, não escutava. O esclarecimento da aventura e a maneira como Rénine tinha nela se comportado não mais a interessavam. Ela pensava era no conjunto de aventuras vividas há três meses e na conduta prodigiosa do homem que lhe oferecera consagrar-se a ela. Enxergava, como num quadro mágico, os atos fabulosos realizados por ele, todo o bem que tinha feito, as existências salvas, as dores pacificadas, os crimes punidos, a ordem restabelecida em toda parte em que se exercera sua vontade de chefe. Nada lhe era impossível. O que almejava, executava. Cada um dos objetivos a que se propunha estava de antemão atingido. E tudo isso sem um esforço excessivo, com a calma de quem conhece o seu poder e sabe que nada lhe resistirá.

Que podia então ela contra ele? Por que e como se defender? Se exigisse que se submetesse, não saberia constrangê-la, e essa suprema aventura seria acaso para ela mais difícil que as outras? Admitindo que ela escapasse, haveria no universo um refúgio em que estivesse ao abrigo da sua perseguição? Desde o instante inicial do primeiro encontro deles, o desenlace era certo, já que Rénine decretara qual seria.

Contudo, ele buscava ainda armas, uma proteção, e se dizia que, se ele preencher as oito condições, e lhe devolvesse a presilha de cornalina antes que a oitava hora soasse, ainda a resguardava o fato de que essa hora devia bater no relógio do castelo de Halingre, não noutra parte. O pacto era formal. Rénine tinha dito naquele dia, fitando os lábios que almejava: “O velho balancim de cobre retomará seu movimento e quando, na data estabelecida, bater de novo oito horas, então...”

Ela ergueu a cabeça. Também ele não se mexia, grave, tranquilo em sua expectativa.

Esteve à beira de lhe dizer, tendo preparado mesmo as frases: “Sabe... nosso trato estipula que seja o relógio de Halingre. Todas as condições estão cumpridas, menos essa. De modo que estou livre, não é? Tenho o direito de não manter uma promessa que, aliás, não fiz; mas, mesmo tácita, teria o direito... E estou livre... imune de qualquer escrúpulo?...”

Não teve o tempo de falar. No instante exato, atrás dela, houve um clique, parecido ao de um relógio que vai bater.

Uma primeira pancada soou, depois uma segunda, depois uma terceira. Hortense soltou um gemido. Tinha reconhecido o timbre do velho relógio de Halingre que, três meses antes, quebrando de modo sobrenatural o silêncio do castelo abandonado, os lançara um e outro no caminho das aventuras.

Foi contando as batidas do relógio.

— Ah! — sussurrou desfalecente e escondendo o rosto entre as mãos. — O relógio... o relógio que está aqui... aquele lá... reconheço o seu som...

Não disse mais. Adivinhava que Rénine tinha os olhos sobre si e esse olhar lhe roubava todas as forças. Teria podido recobrá-las, mas isso não a faria mais valente, e não procurou lhe opor a menor resistência pela simples razão de que não queria resistir. As aventuras tinham terminado, mas restava uma a enfrentar, cuja expectativa apagava a lembrança de todas as outras. Era a do amor, a mais deliciosa, a mais perturbadora, a mais adorável das aventuras. Aceitou a ordem do destino contente com tudo o que pudesse vir, já que o amava. Sorriu, sem querer, pensando que a alegria voltava à sua vida no próprio instante em que seu bem-amado lhe trazia a presilha de cornalina.

Voltou a ouvir o relógio bater. Levantou os olhos para Rénine. Um segundo ainda vacilou. Mas estava, como um pássaro fascinado, incapaz de um gesto de revolta, e, como soasse a oitava batida, abandonou-se contra ele, lhe estendendo os lábios...

NOTA

⁴ A insígnia de Mercúrio, deus da eloquência, do comércio, da sorte e dos ladrões: um bastão com duas serpentes trançadas e asas nas pontas. (N. do T.)

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Laiane Flores

Mariana Oliveira

REVISÃO

Perla Serafim

Thais Entriel

Vanessa Gonçalves Dias

DIAGRAMAÇÃO

Leticia Fernandez Carvalho

CAPA

Thiago Lacaz

PRODUÇÃO DO EBOOK

Ranna Studio